

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-10\_janeiro-opinião2.10\_jan.doc.txt

O valor das palavras

No último Mundial de Futebol ficámos a conhecer a vuvuzela, uma espécie de corneta com um som entre a sirene e o elefante que é capaz de despertar no monge o espírito de um taliban. Em 2010, 'vuvuzela' foi a nossa palavra do ano, e se dúvidas existiam, confirmámos então que é mais fácil recordar o que pior nos faz.

No ano anterior, 2009, graças a Ricardo Araújo Pereira & Cia, é certo, mas, particularmente, às eleições e aos políticos que tínhamos (e ainda temos), ganhou 'esmiuçar', "vocábulo utilizado quando se pretende examinar algo minuciosamente, reduzir a fragmentos, a pó, a esmigalhar ou a esfarelar", segundo o dicionário. Em 25 minutos, na TV, com 'Gato Fedorento esmiuça os sufrágios', este país de poetas passou a saber o valor da palavra referida. Passada a vontade de esmiuçá-los e de esmiuçarmo-nos, e pontapeados pela semântica da economia, elegemos 'austeridade' para 2011. Bateu 'esperança' e até 'troika' e nem a certeza de que já estão a vir 'charters' vingou. Austeridade é "a qualidade de quem é austero"; é "severidade e rigor"; "cuidado escrupuloso em não se deixar dominar pelo que agrada aos sentidos ou deleita a concupiscência". E está tudo dito.

Fernanda Cachão \* Editora de CORREIO DOMINGO

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-10\_janeiro-Entrevista.10jan.doc.txt

Sandra Córias confessa não ser mulher de fazer planos para o futuro. A actriz, que diz preferir fazer séries ou cinema, está a aproveitar o fim das gravações de 'Pai à Força' (RTP 1) para participar em castings

"Ritmo das novelas não me agrada"

– Que projectos tem em mãos neste momento?

– Fui a um casting para televisão mas não posso falar sobre o assunto. Além disso, acabei há pouco tempo de gravar a série 'Pai à Força'.

– Sente saudades de fazer uma novela?

– Sinceramente, gosto mais de séries e cinema. O ritmo alucinante das novelas não é coisa que me agrada, apesar de gostar de uma boa personagem. Prefiro fazer trabalhos mais cuidados e, apesar de não parecer, numa série grava-se menos mas sempre com o cuidado de ver as coisas ficarem perfeitas.

– A Sandra gosta de acompanhar as corridas do seu namorado [o piloto de motos Pedro Bianchi Prata]?

– Sim, gosto mesmo muito de ver. Ele é piloto e eu sei os riscos que existem, mas, por mais que pareça estranho, já aprendi a não ter medo. Acho que tudo na vida depende da nossa capacidade de adaptação.

– Tem algum desejo especial para este ano?

– Não sou pessoa de ter grandes sonhos, mas tenho sempre objectivos e são esses objectivos que me continuam a mover e a fazer levantar da cama todos os dias de manhã.

– Costuma estabelecer objectivos na passagem de ano?

– Depende. A vida nunca nos permite fazer grandes planos. Nem sequer faço planos de uma semana para a outra, porque sei que acontecerá qualquer coisa que vai alterar tudo.

Sofia Martins Santos

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-10\_janeiro-Notícia\_1.10\_de\_janeiro.doc.txt

EDP Antecessor recebeu cerca de 639 mil euros em 2010

Catroga em cargo milionário

Ex-braço direito de Passos Coelho nas negociações com a Troika acumulará salário de 45 mil euros com pensão de 9600 euros

Eduardo Catroga prepara-se para assumir um cargo com um salário milionário na EDP. Caso seja eleito presidente do Conselho Geral e de Supervisão da eléctrica portuguesa na assembleia geral de 20 de Fevereiro, como já foi proposto pelos accionistas, o ex-braço-direito de Pedro Passos Coelho nas negociações com a troika terá uma remuneração anual de quase 639 mil euros, montante ganho pelo seu antecessor (António de Almeida) em 2010, segundo o relatório sobre o governo da sociedade. Por mês, o ex-ministro das Finanças de Cavaco Silva terá um ordenado superior a 45 mil euros, que acumulará com uma pensão de mais de 9600 euros.

O ex-chefe da delegação do PSD nas negociações com a troika, antes de Passos Coelho ter ganho as eleições legislativas de Junho passado, desvalorizou ontem, em declarações ao CM, a acumulação do salário na EDP, caso seja eleito presidente do Conselho Geral, com a reforma: "50% do que eu ganho vai para impostos", afirmou. E rematou: "Quanto mais ganhar, maior é a receita do Estado com o pagamento dos meus impostos, e isso tem um efeito redistributivo para as políticas sociais."

A propósito da sua pensão, atribuída pela Caixa Geral de Aposentações (CGA) em Abril de 2007, Catroga fez questão de frisar que descontou "40 anos para o sector privado e 20 para o sector público." Como o valor da pensão resulta da junção dos descontos para a Segurança Social e para a CGA, o ex-ministro precisou que a sua reforma "tem origem em 10% no sector público e 90% no sector privado."

Eduardo Catroga é um dos três ex-membros do governo de Cavaco Silva propostos para o novo Conselho Gral e de Supervisão da EDP: os restantes são Braga de Macedo, ex-ministro das Finanças, e Paulo Teixeira Pinto, ex-secretário de Estado da Presidência.

Teixeira Pinto foi presidente do BCP entre 2005 e 2007: quando saiu do banco, em Agosto de 2007, recebeu mais de 9,7 milhões de euros em compensações e uma pensão vitalícia superior a 30 mil euros por mês.

Celeste Cardona, ex-ministra da Justiça de Durão Barroso, Ilídio Pinho, patrão de Pedro Passos Coelho no Grupo Fomentinvest, e Rocha Vieira, ex-governador em Macau, foram também propostos para aquele órgão. Os antecessores no cargo ganharam, em 2010, quase 55 mil euros por ano.

António Sérgio Azenha

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-10\_janeiro-Notícia2.10jan.doc.txt

Torres Vedras. Começou a ser julgado por quatro mortes

Rei Ghob filma sexo com vítima

Francisco Leitão assumiu que manteve relações sexuais com Ivo Delgado e Tânia Ramos. No primeiro caso, ficaram gravadas

Francisco Leitão, que ontem se remeteu ao silêncio na primeira sessão do julgamento, no Tribunal de Torres Vedras, assumiu a uma psicóloga do Instituto Nacional de Medicina Legal a sua relação amorosa não só com Ivo Delgado mas também com Tânia Ramos – dois dos três jovens que está acusado de ter morto, entre 2008 e Fevereiro de 2010, além de um sem-abrigo, em 1995.

"Ele [Ivo, desaparecido em Julho de 2008] estava a trabalhar comigo [numa sucata, em Carqueja, Lourinhã]. Éramos muito amigos e ao longo do tempo acabou por acontecer, começámos por ter uma relação íntima" disse o arguido, conhecido por 'Rei Ghob', no âmbito da avaliação mental, a cargo da psicóloga Olindina da Graça, conforme se lê no relatório a que o CM teve acesso.

"Eu e a Tânia [desaparecida 20 dias antes de Ivo] saíamos muito, simplesmente acabámos por nos envolver." Sobre os pormenores sexuais, diz que "foi normal, mas uma vez com o Ivo foi filmado" contou Leitão.

Acusado ainda de ter assassinado António Albuquerque, em 1995, e Joana Correia, jovem de 16 anos, em 2010, Leitão, de 43 anos, recusou ontem depor perante o tribunal de júri. Nunca assumiu os crimes – "é uma história que nem eu estou a conseguir entender" afirmou à psicóloga Olindina Graça.

O móbil dos crimes, diz a acusação, prende-se com ciúmes – de Tânia, por se ter aproximado de Ivo; e de Joana, por namorar um jovem que Leitão cobiçava. Ivo foi morto por desconfiar do desaparecimento de Tânia.

Sobre Joana, com quem marcou encontro antes do desaparecimento, diz que não lhe mandou 182 SMS. "Sei que o meu telemóvel mandou mensagens, só não sei quem foi. Quando estou em casa com alguém, toda a gente mexe no meu telemóvel, por isso não sei." E remata: "Fico triste com o desaparecimento deles. Dizem que estão mortos e culpam-me. Se eles vêem notícias, apareçam para mostrar que eu não lhes fiz nada."

Para a psicóloga, Leitão é imputável: "Não se apuraram pressupostos médico-legais de inimizabilidade." É avaliado como imaturo, pessimista, rígido, ressentido e extremamente ansioso. A próxima sessão do julgamento decorrerá na segunda-feira, dia 16.

Magali Pinto

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-10\_janeiro-crónica.10jan.doc.txt

Regime de part-time

As nomeações para o Conselho de Supervisão da EDP ajudam a perceber (se ainda era necessário) a importância que a política tem para aquilo a que se convencionou chamar 'os melhores de nós' ou mesmo 'senadores'. Serve para dar conselhos, para movimentar influências nos bastidores, para, se necessário, fazer uns estudos que atestem a credibilidade de umas teses.

Não serve para, chegados a esta fase da vida, tais 'senadores' serem ministros ou secretários de Estado. Que chatice essa de dar a cara pelas políticas que vendem aos outros com salários miseráveis... É obviamente muito melhor o exercício de um cargo em part-time. Fica mais tempo e ganha-se seis vezes mais do que um ministro.

Eduardo Dâmaso \* diretor\*adjunto

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-10\_janeiro-Opinião1.10jan.doc.txt

Poder & Associados

As grandes sociedades de advogados adquiriram uma dimensão e um poder tal que se transformaram em autênticos ministérios-sombra.

É dos seus escritórios que saem os políticos mais influentes e é no seu seio que se produz a legislação mais importante e de maior relevância económica.

Estas sociedades têm estado sobre-representadas em todos os governos e parlamentos.

São seus símbolos o ex-ministro barrosista Nuno Morais Sarmiento, do PSD, sócio do mega escritório de José Miguel Júdice, ou a centrista e actual super-ministra Assunção Cristas, da sociedade Morais Leitão e Galvão Teles.

Aos quais se poderiam juntar ministros de governos socialistas como Vera Jardim ou Rui Pena.

Alguns adversários políticos aparentes são até sócios do mesmo escritório. Quando António Vitorino do PS e Paulo Rangel do PSD se confrontam num debate, fazem-no talvez depois de se terem reunido a tratar de negócios no escritório a que ambos pertencem.

Algumas destas poderosas firmas de advogados têm a incumbência de produzir a mais importante legislação nacional. São contratadas pelos diversos governos a troco de honorários milionários. Produzem diplomas que por norma padecem de três defeitos.

São imensas as regras, para que ninguém as perceba, são muitas as excepções para beneficiar amigos; e, finalmente, a legislação confere um ilimitado poder discricionário a quem a aplica, o que constitui fonte de toda a corrupção.

Como as leis são imperceptíveis, as sociedades de juristas que as produzem obtêm aqui também um filão interminável de rendimento.

Emitem pareceres para as mais diversas entidades a explicar os erros que eles próprios introduziram nas leis. E voltam a ganhar milhões. E, finalmente, conhecedoras de todo o processo, ainda podem ir aos grupos privados mais poderosos vender os métodos de ultrapassar a Lei, através dos alçapões que elas próprias introduziram na legislação.

As maiores sociedades de advogados do país, verdadeiras irmandades, constituem hoje o símbolo maior da mega central de negócios em que se transformou a política nacional.

Paulo Morais \* professor universitário

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-10\_janeiro-reportagem.10\_jan.doc.txt

CINEMA. ANTESTREIA DE GALA NA CAPITAL DE INGLATERRA

Spielberg aposta forte no 'Cavalo'

Realizador conta história de um cavalo enviado para a frente de batalha na I Guerra Mundial. Candidato aos Óscares chega a Portugal a 23 de Fevereiro

Steven Spielberg tem razões para sorrir. Não só 'Cavalo de Guerra' promete ser mais um sucesso de bilheteira, e candidato aos Óscares, como ainda se divertiu durante a apresentação do filme em Londres. O realizador desfiou ao lado de um belo equídeo, na antestreia apadrinhada pela fundação Príncipe William e príncipe Harry e que contou com Villiam e a sua esposa, Kate. O filme, que chega a Portugal a 23 de Fevereiro, é mais um pronto direccionado para toda a família, a propósito de Joey, m cavalo enviado para a frente de batalha na I Guerra mundial, separando-se do seu dono (o estreante Jeremy Irvine).

Na conferência de imprensa a que o CM assistiu, o cineasta, pai de sete crianças, admitiu que cede às opiniões dos filhos. Ficámos a saber que Destry, de 15 anos, lhe fez um pedido especial: "Quando soube que a Kathleen [Kennedy, produtora de Spielberg] tinha descoberto esta peça de teatro, disse-me: 'Papá, tens de o fazer para mim.' Até porque ela

faz equitação de competição há uns 11 anos." Já ele é menos dado a esse desporto. "Não me sinto confortável na sela. Mas temos dez cavalos e vivemos com eles há muito tempo", disse.

Quando o CM lhe perguntou se pretende igualar a longevidade criativa de Manoel de Oliveira, Spielberg largou nova gargalhada antes de dizer: "Não tenho planos para me reformar." Pelo menos até que o amigo Clint Eastwood, de 81 anos, anuncie que tomou essa decisão. "Quando isso acontecer, talvez eu equacione também."

Paulo Portugal \* enviado especial a Londres

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-14\_fevereiro-crónica.14\_de\_fevereiro.doc.txt

Inquéritos prévios

O director nacional a ASAE, António Nunes, tem uma estranha concepção do processo penal. Disse há dias que as buscas realizadas na semana passada à ASAE de Lisboa e Évora se inseriam num "inquérito prévio" do Ministério Público. António Nunes dirige uma entidade que é órgão de polícia criminal e, por isso, tem poderes de investigação. Deveria, pois, saber que não existem "inquéritos prévios" no processo penal. Existem averiguações preventivas que não admitem buscas. Estas só são possíveis em inquérito judicial. Se Nunes não sabe o básico de uma lei estruturante e dirige uma instituição com o poder que a ASAE tem, é motivo para termos medo. Muito medo!

Director-adjunto \* Eduardo Dâmaso

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-14\_fevereiro-reportagem.\_14\_de\_fevereiro.doc.txt

ENTRUDO. CIDADES TÊM FORTE TRADIÇÃO CARNAVALESCA

Sátira reina em Ovar e Estarreja

Grupos do distrito de Aveiro trabalham dia e noite para que nada falhe nos cortejos. Crítica social domina Boa-disposição e sátira podem ser as palavras que melhor caracterizam o Carnaval em Ovar e Estarreja. Nas duas cidades do distrito de Aveiro, os festejos ainda fazem lembrar a cultura de cada região.

Em Estarreja, o desfile vai ter uma procissão dos Passos (Coelho, como o primeiro-ministro). O carro, que também caracteriza o Zé Povinho, é da responsabilidade do grupo 'Tas'ku'ela' e começou a ser pensado em Setembro. "Temos 13 anos e a nossa matriz é sempre a mesma: a crítica social", explica Nuno Figueiredo, presidente do grupo, que tem 40 pessoas. O elemento mais novo tem 8 anos e o mais velho 50. O tema 'Procissão dos Passos' retrata a morte do País e tem vários andores: um para a perda dos subsídios de férias e de Natal, outro para a República das Bananas: Buraco da Madeira. O terceiro é dedicado ao casalinho Merkel- Sarkozy.

A poucos dias da saída do cortejo, a azáfama nos pavilhões e sede dos 'Marados', em Ovar, é cada vez mais intensa. São muitos meses de trabalho e planeamento, para que nada falhe na hora H, "Já vencemos por seis vezes na categoria de grupos e as nossas responsabilidades são acrescidas", explica ao CM Paulo Figueiredo, líder do grupo, que tem 66 elementos.

Pouco incomodados com a recusa do Governo em dar tolerância de ponto, os 'Marados' acreditam que até funcionou como um factor de motivação. "Está a despertar muita curiosidade entre o público" diz Paulo Figueiredo.

Ana Sofia Coelho \* Francisco Manuel

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-14\_fevereiro-notícia\_1.\_14\_de\_fevereiro.doc.txt

SPORTING. DOMINGOS SAI E ENTRA RICARDO SÁ PINTO

Despedido por 'namorar' com o FC Porto

Domingos Paciência foi ontem despedido pelo Sporting, devido a um encontro com dirigentes do FC Porto, assegurou ao CM fonte próxima da direcção leonina. Segundo a mesma fonte, Godinho Lopes não gostou de saber que o treinador conversou com um alto dirigente da estrutura dos dragões nos últimos dias. "Já não estava apenas focado no Sporting. A direcção apercebeu-se de que já estava a analisar os próximos passos da sua carreira", observou a fonte contactada.

No dia 8 de Janeiro, em declarações à RTP Informação, António Oliveira disse que Domingos iria "indubitavelmente chegar ao FC Porto".

O CM sabe, no entanto, que ontem de manhã, na Academia em Alcochete, Domingos esteve reunido com o plantel

antes do treino e pediu aos jogadores para darem o máximo nos próximos jogos. Frisou, ainda, que a equipa tem todas as condições para vencer a Académica na final da Taça de Portugal, fazer uma boa campanha na Liga Europa e chegar ao terceiro lugar na Liga, com o conseqüente apuramento para a Liga dos Campeões. Após apalestra, o técnico orientou o treino. Mais tarde, foi surpreendido por Luís Duque, que o informou do despedimento. De acordo com as fontes contactadas, terá ficado arrasado e magoado com a decisão dos dirigentes do Sporting. Alguns jogadores souberam da decisão ainda ontem de manhã.

Às 15h55, a SAD verde-e-branca notificou a CMVM da saída de Domingos, por entender que, quer "a eliminação" da Taça da Liga, quer o actual 5.º lugar no campeonato "não correspondem aos objectivos propostos" para o primeiro ano de mandato da direcção liderada por Godinho Lopes. No mesmo comunicado para a CMVM, a SAD informa que decidiu contratar Ricardo Sá Pinto para substituir Domingos. O ex-treinador dos juniores leoninos, de 39 anos, assinou até Junho de 2013. O CM tentou contactar Domingos (auferia uma verba na ordem dos 800 mil euros/ano em Alvalade e tinha contrato até 2013), mas o técnico não atendeu o telemóvel.

Nuno Simas

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-14\_fevereiro-notícia2.\_14\_de\_fevereiro.doc.txt

Cem mil euros levam professora ao crime

Maria Rosário contraiu dívidas após divórcio. Dedicou-se ao tráfico mas foi apanhada

O salário de professora e os rendimentos do ex-marido, um agente da PSP, garantiam a Maria Rosário Poças uma vida desafogada. O divórcio, há dois anos, trouxe mais despesas e um aglomerado de dívidas – mais de cem mil euros. Desesperada, a professora primária no agrupamento de escolas Dom Francisco Manuel de Melo, na Amadora, lançou-se no mundo do crime. Está presa em Paris, desde segunda-feira, depois de ter sido detida, em flagrante delito, no aeroporto, quando transportava cerca de um quilo de cocaína, vinda da Colômbia.

Um responsável da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas em França garantiu ao CM que Maria do Rosário, 50 anos, assumiu logo às autoridades a droga que trazia na bagagem. "Fomos contactados pela polícia do aeroporto de Orly, que a tinham sob detenção. Quarenta e oito horas depois foi levada a um juiz, que confirmou a prisão", disse. A professora está no estabelecimento prisional de Fleury Mérogis. Os familiares, sobretudo as duas filhas, estão desesperados.

Magali Pinto

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-14\_fevereiro-opinião1.14\_de\_fevereiro.doc.txt

Mal maior

A depressão e o medo apoderaram-se dos portugueses. A causa próxima do desalento generalizado é o crónico agravamento de impostos, a par da redução do valor das reformas e dos salários na função pública.

Os sucessivos aumentos da carga fiscal, ao arrepio de todas as promessas em sentido contrário, vieram desacreditando progressivamente a vida política. Os cidadãos, fartos de promessas eleitorais não cumpridas, estão hoje mais vulneráveis a propostas totalitárias de conseqüências imprevisíveis para o regime democrático.

A nível da actividade económica, os efeitos são também muito negativos. Receosos, os consumidores retraem-se, o comércio e os serviços experimentam uma crise de que não há memória.

Esta diminuição do consumo provoca o efeito contrário ao que o estado pretenderia, perspectivando-se até a redução da colecta de IVA.

Por outro lado, o agravamento dos custos de contexto para a actividade empresarial tem levado muitos negócios à falência.

Com o encerramento de empresas, aumentam as despesas do estado com contribuições sociais.

Acresce que níveis de imposto elevados levam sempre ao crescimento generalizado da fuga ao fisco e à diminuição da receita fiscal.

O aumento de impostos, a partir de um determinado nível, é assim uma medida contraproducente.

Mas os piores efeitos do agravamento fiscal, conjugado com a diminuição dos salários e das pensões, sentem-se em termos sociais e psicológicos.

Estas medidas permitem a propagação da ideia de que se pode esperar do estado português tudo o que é negativo.

Doravante, os cidadãos e as empresas sabem que se movem num quadro fiscal que pode mudar a qualquer momento.

Não há planeamento que resista. A imprevisibilidade assusta e gera desconfiança.

Deste modo, as medidas que vão retirando direitos aos cidadãos, a pretexto de que constituem um mal menor, são afinal a causa de um mal bem maior.

Provocam este ambiente de medo e estagnação, que paralisa as empresas e angustia todo um povo.

Paulo Morais \* professor universitário

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-14\_fevereiro-Opinião2.editorial.14\_de\_fevereiro.doc.txt

Sacrifício grego

O empobrecimento é o recibo que os gregos estão a passar à troika por mais um empréstimo, agora de 130 mil milhões de euros. Com eleições em Abril, a política partidária diverge, encarnçada nas suas convicções – a grega, como qualquer outra – nas respostas àquilo que ninguém pode saber: que vida há depois do sacrifício; que vida poderá haver sem sacrifício? O ministro da Economia alemão, Philipp Rosler, milita nos liberais do FDP, no poder com o partido democrata-cristão de Merkel. Foi Rosler que, em 2011, sugeriu a saída temporária da Grécia da Zona Euro. Agora Rosler veio e disse para o povo alemão tomar nota e toda a Europa ouvir: a salvação dos gregos é mais difícil do que a reunificação alemã [E, no entanto, esta fez-se.] "Podemos e queremos ajudar apenas se houver contrapartidas do lado grego. Outros países – Portugal e Espanha – estão muito mais empenhados do que os colegas na Grécia." Não nos alegremos, nesta Europa aflita é melhor passar despercebido. Para nos preocuparmos, não é preciso que os Rosler europeus tenham lido 'As Farpas' de Eça – "Nós estamos num estado comparável, correlativo à Grécia (...)". A política, apertada pela economia, é mais volátil que o éter.

Fernanda Cachão

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-14\_fevereiro-entrevista.14\_de\_fevereiro.doc.txt

Depois de se reconciliar com Yohann Peres, Flor diz estar mais feliz e positiva do que nunca. Apostada na carreira, a manequim esteve a desfilar em Paris, França, mas admite querer passar mais tempo em Portugal com a filha, Noémi "Amo este novo contexto familiar"

– Reconciliou-se com Yohann Peres. Como está a lidar com esta nova fase da sua vida?

– É uma nova fase e eu estou a encarar de uma forma muito positiva. Acima de tudo estou muito disponível para lutar pelas coisas. Sempre fui positiva e agora ainda estou mais, principalmente por causa da minha filha [Noemi, de um ano].

– A sua filha torna-a mais forte?

– Claro que sim. Ela fez com que as minhas prioridades ficassem bem definidas. Estou a amar este novo contexto familiar.

– O que tem andado a fazer?

– Estive a desfilar em Paris e tenho outras viagens de trabalho agendadas. Mas estou decidida a ficar por Portugal, porque não quero andar a viajar por longos períodos de tempo. Quero estar cá para estar disponível para a minha filha e para os projectos que possam surgir.

– Mas vai continuar a apostar na carreira de manequim?

– Sim, é uma prioridade para mim. De qualquer forma, quero ter mais projectos e desafios. Nunca parei e não quero parar.

– Porque não quer viajar tanto? Quer mais estabilidade?

– Sim, quero conseguir controlar mais o meu tempo para poder estar mais perto da minha filha. Quero ter uma rotina e passar isso à minha filha. Eu quero que ela saiba que sou uma mãe presente.

– Como está a sua filha?

– Está linda e é por ela que eu quero mais estabilidade. Quero poder estar mais perto dela. Acho que faz todo o sentido agora querer saber com o que posso ou não contar.

Sofia Martins Santos

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-17\_janeiro-crónica-17\_de\_janeiro.doc.txt

O ajudante Magalhães

O ex-secretário de Estado José Magalhães nunca foi conhecido pela modéstia. E com razão! O homem era um visionário: sabia muito de direito e de informática. Saiu do PCP a tempo, geriu a sua condição de 'independente' com a habitual sabedoria e lá foi andando em vários lugares de governo. Sempre em lugar de 'ajudante', nunca de ministro. Na despedida, decidiu gastar uns dinheiros públicos em matéria de gosto pessoal e obediências secretas. Coisa 'lowcost', disse, numa notória má avaliação sobre o valor presente de 62 mil euros. Só subsídios de desemprego seriam uns milhares. De resto, se quer homenagear a cultura clássica, que o faça em casa e com o seu dinheiro. É preciso ter lata!

director\*adjunto

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-17\_janeiro-opinião2.17\_de\_janeiro.doc.txt

Problema de decoração

Ficámos todos a saber que José Magalhães nos gastou mais de 62 mil euros em colunas, espelhos, sofás, carpetes, tralhas e obras diversas, na renovação do seu gabinete na secretaria de Estado da Justiça. Na sua página do Facebook, o ex-secretário de Estado do Governo de José Sócrates justifica-se: "O custo foi minúsculo e para os incrédulos sugiro que comparem despesas de remodelação dos gabinetes dos dois secretários de Estado." Magalhães faz lembrar aqueles putos lorpas que, quando apanhados em falta, acusam o lorpa do lado. Do gabinete redecorado ficámos também a saber que "quem tenha algumas luzes culturais percebe [na decoração] a alusão a Ricardo Reis e à herança cultural da antiguidade clássica". Nada justifica o uso de dinheiro público na decoração do local de trabalho, nem que José Magalhães esperasse um dia receber visita da Lídia do citado heterónimo de Fernando Pessoa ["Vem sentar-se comigo Lídia, à beira do rio"]. Enganamo-nos e engana-se a troika. O problema de Portugal é um problema de decoração. Cada governo, sua estética – mudam gabinetes e também leis, administradores, orgânicas, supervisores, muda tudo, só a casa é sempre a mesma.

Fernanda Cachão

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-17\_janeiro-entrevista.17\_de\_janeiro.doc.txt

Rui Porto Nunes confessa estar a viver uma fase feliz a nível profissional. A fazer um papel diferente dos que estava habituado, o actor garante ter provado que pode fazer outras coisas. Acarinhado pelo público, confessa não ter medo de ficar sem trabalho

"As pessoas gostam muito de mim"

– Que balanço faz desta sua participação na novela 'Rosa Fogo' (SIC)?

– Faço um balanço positivo porque, acima de tudo, trata-se de um grande desafio. É um registo diferente de todos os que já tinha feito porque tem uma vertente cômica, o que acaba por me dar muito prazer fazer.

– Como tem sido a reacção do público?

– Sou muito abordado por pessoas de todas as idades. Sinto que as pessoas gostam muito de mim e do meu trabalho.

– Afastou-se da imagem de vampiro ('Lua Vermelha').Tinha medo de que isso não acontecesse?

– Nunca tive medo de estar sempre associado ao papel de Afonso, mas confesso que foi muito bom fazer uma personagem tão diferente e com características tão vincadas.

– A sua personagem em 'Lua Vermelha' agradava sobretudo às adolescentes. Sente que deixou de ser 'o menino bonito'?

– Sim, já não sou o menino bonito, apesar de ter sido uma personagem que marcou muito o meu percurso na representação. De qualquer forma, a novela 'Rosa Fogo' surgiu em boa altura, porque provo que consigo fazer outras coisas.

– Que outros projectos tem em mãos?

– Estou com a novela e apenas com algumas locuções em publicidade.

– Tendo em conta a situação actual do País, preocupa-o o facto de não ter contrato de exclusividade?

– Preocupo-me com o futuro mas não é coisa que me tire o sono. Acredito que vão surgir novos projectos.

Sofia Martins Santos

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-17\_janeiro-notícia\_1.17\_de\_janeiro.doc.txt  
TORRES VEDRAS SEGUNDA SESSÃO DO JULGAMENTO DE FRANCISCO LEITÃO

Mãe de vítima chora

Mãe de Ivo, uma das quatro vítimas do 'Rei Ghob', emocionou-se ao ver fotos do filho. "Fazes-me tanta falta", disse, em lágrimas. Juíza teve de interromper a audiência

Lágrimas nos olhos, Cecília Delgado não suportou a emoção ao ver fotografias do filho, Ivo, ontem de manhã no Tribunal de Torres Vedras: "Fazes-me tanta falta." A juíza Maria Domingas parou a sessão de julgamento do 'Rei Ghob', por instantes, devido ao choro da mulher.

A mãe do jovem de 18 anos, uma das vítimas de Francisco Leitão, acusado de quatro homicídios na zona da Lourinhã, entre 2008 e 2010, diz que o filho já pensava, em Julho de 2008, deixar o 'castelo' de Carqueja, onde vivia com o suspeito, "quando ele o matou". "Ele visitava-me todas as semanas. Nos últimos tempos, até trouxe a roupa para nossa casa porque queria vir para junto de nós. Depois ele ['Rei Ghob'] matou-o e o meu filho nunca mais apareceu", disse. "Uma vez, num dia em que estava muito calor, ele tirou a camisola à minha frente e vi que tinha a marca de uma paulada nas costas. Perguntei-lhe o que era aquilo e ele respondeu que havia coisas que era melhor eu não saber", continuou a mãe de Ivo.

Cecília Delgado diz ter sido enganada mais de dois anos por Francisco Leitão, que lhe garantiu sempre que o filho desaparecido estava a trabalhar em Espanha. "Ele aproveitou-se de nós, demos-lhe dinheiro e comida. Pensávamos que era para o Ivo", disse, desgostosa.

"Ainda por cima, tinha pessoas que o ajudavam a alimentar a mentira, o 'João da Rulote', a mulher e o Tó". Este último, militar da GNR na Lourinhã, disse aos pais ter visto Ivo a passear na zona. "Fiquei tão contente. Pensei que ele estivesse vivo", disse. Foram ainda ouvidos os pais de Joana Correia, a última vítima. O julgamento prossegue hoje.  
Magali Pinto

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-17\_janeiro-notícia\_2.\_17\_de\_janeiro.doc.txt  
IMPOSTOS. DIRECÇÃO DAS FINANÇAS DO PORTO INVESTIGA RUI MOUTINHO

Patrão dos móveis suspeito de fraude

Empresa do Presidente da Associação Portuguesa das Indústrias de Mobiliário e Afins foi denunciada por emitir facturas diferentes das encomendas

Rui Moutinho, presidente da APIMA – Associação Portuguesa das Indústrias de Mobiliário e Afins – está a ser investigado por fraude fiscal. A empresa daquele, a Moutinho & Moutinho, terá apresentado valores monetários diferentes entre as encomendas e a facturação, o que corresponde a fraude no valor de, pelo menos, 300 mil euros. A denúncia à Direcção de Finanças do Porto partiu de vários associados da APIMA, que se sentiram vítimas de concorrência desleal, por parte do próprio presidente. Aquela repartição está agora a analisar os dados da empresa desde 2007 até 2009. Os dois anos seguintes também deverão ser vistoriados.

Em três anos, a Moutinho & Moutinho – empresa de fabrico de mobiliário, com sede em Gondomar – terá utilizado uma forma ilegal de facturação, que lhe permitia fugir aos impostos.

A denúncia dá conta de que, sempre que era recebida uma encomenda, os dados eram registadas no sistema da empresa, para que, posteriormente, fosse efectuado um plano de carga – base para a emissão da factura total ou parcial, correspondente a cada encomenda do cliente.

No entanto, existe uma desconformidade de um milhão e 250 mil euros entre as encomendas e a facturação. A empresa facturava menos produtos do que aqueles que, efectivamente, vendia.

O Fisco averigua uma fraude ao Estado de, pelo menos, 300 mil euros. Nos últimos dois anos estarão em causa mais 200 mil, o que poderá atingir meio milhão de euros.

Contactado pelo Correio da Manhã, Rui Moutinho mostrou-se surpreendido pela investigação e garantiu nada saber sobre o crime pelo qual está a ser investigado. "Desconheço completamente essa situação. Não sei de onde surgiu essa denúncia, e ainda ninguém entrou em contacto comigo", afirmou o presidente da APIMA.

Catarina Gomes de Sousa \* Tânia Laranjo

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-17\_janeiro-Opinião1.17\_de\_janeiro.doc.txt

Cerca eléctrica

A nomeação de alguns elementos do núcleo duro do primeiro-ministro para o conselho geral da EDP não foi certamente uma opção de Passos Coelho. Pelo contrário, estas escolhas são a forma que os grupos económicos dominantes encontraram de o tentar condicionar. Ou cercar.

Só três razões poderiam explicar estas nomeações. A primeira seria a de que o primeiro-ministro pretendia influenciar a gestão da EDP através de pessoas de sua confiança. Não sendo hoje a EDP uma entidade pública, esta constituiria uma forma de dar continuidade à tradição de José Sócrates de intromissão no sector privado, a ponto de indicar nomes tão pouco recomendáveis como Rui Pedro Soares para a PT ou Armando Vara para o BCP. Não quero crer neste cenário.

A segunda hipótese seria a de que Passos Coelho queria proteger os seus amigos e teria metido umas "cunhas" aos accionistas da EDP, e em particular aos chineses. Hipótese também a descartar. Seria mau demais!

Resta então admitir que foram os accionistas que, de moto-próprio, decidiram convidar alguns dos principais apoiantes de Passos Coelho e de Portas para obterem influência num sector completamente regulamentado e dependente do estado. É aliás na capacidade de obtenção de favores do estado que se tem baseado a actividade dos accionistas portugueses de referência na EDP, como a família Mello ou o grupo Espírito Santo. Que contam agora com a cumplicidade dos membros do partido comunista chinês, também eles especialistas em promiscuidade entre estado e negócios.

Influenciar o poder será pois a missão que os chineses destinaram aos amigos de Passos Coelho e Paulo Portas, a troco de uns milhares. A Eduardo Catroga, coordenador do programa económico do PSD, a Paulo Teixeira Pinto, que liderou o projecto de revisão constitucional, passando por Celeste Cardona ou Rui Pena, com enorme ascendente junto de Portas.

Aceitando os convites, esta gente descredibiliza-se ao permitir que os coloquem na posição de traficantes da influência que têm sobre Passos Coelho e Portas. E – pior! – colocam estes na situação de políticos permeáveis à vontade dos accionistas da EDP.

Paulo Morais \* professor universitário

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-17\_janeiro-reportagem.17\_de\_janeiro.doc.txt

NA ÉPOCA PASSADA, A EQUIPA ESTAVA EM 3.º E AGORA É A 4.ª

Leão gasta 28 milhões e está pior na Liga

Godinho Lopes diz que o Sporting ficou "aquém dos objectivos traçados" no final da 1.ª volta do campeonato

O Sporting gastou 28,2 milhões de euros no reforço da equipa para a época 2011/12, verba que teve a participação de investidores (adquiriram percentagens de passes de Rinaudo, Jeffrén, Capel, Carrillo, Wolfswinkel e Rubio), mas que está a dar muito pouco retorno.

O clube de Alvalade tem 28 pontos ao cabo de 15 jornadas na Liga, tal como na época passada, com Paulo Sérgio, que acabou por ser despedido, mas desceram uma posição na tabela: eram terceiros e agora estão em quarto, embora estejam a menos pontos do líder – onze para o Benfica, quando em 2010/2011 estavam a treze do FC Porto.

Porém, apesar da fraca temporada na Liga, o CM sabe que a SAD continua a ter inteira confiança em Domingos Paciência. Fonte oficial do clube de Alvalade disse mesmo ao CM que a questão da saída do técnico "não se põe", apesar da derrota (1-2) em Braga ter deixado a equipa mais longe do título.

Pelo que o CM apurou, a SAD tem o mesmo entendimento de Domingos quanto aos condicionalismos que têm marcado os últimos tempos – Rodriguez, Izmailov, Jeffrén, Rinaudo e Bojinov passaram muito tempo lesionados, aos quais se juntaram recentemente Wolfswinkel. E mesmo Matias Fernandez esteve muito tempo sem poder jogar devido a lesões.

Ontem, contudo, Godinho Lopes, presidente do Sporting, assumiu a insatisfação pela carreira da equipa no campeonato. "Numa época de mudança radical, perspectivou-se um projecto para o triénio, em que as decisões de investimento tiveram em conta essa estratégia. Terminada a primeira volta, ficámos aquém dos objectivos traçados", escreveu no jornal 'Sporting'!

O líder leonino avisou, no entanto, querer resultados na Liga já frente ao Olhanense no dia 23 de Janeiro. "Os objectivos têm de começar a ganhar forma com uma vitória em Olhão", venceu, recordando o jogo da primeira volta (1-1), em que houve um penálti por marcar a favor do Sporting e um golo mal anulado a Postiga: "Seguramente, os problemas que encontrámos com este adversário, no arranque da época, estarão afastados."

Nuno Miguel Simas

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-21\_fevereiro-crónica.21\_de\_fevereiro.doc.txt

E depois do Carnaval...

Provavelmente os homens da troika pouco mais conhecem do Carnaval do que as imagens das máscaras de Veneza, do Mardi Gras de Nova Orleães ou da euforia carioca. Devem estar surpreendidos com a festa e os desfiles de norte a sul de um país a meio gás que faz orelhas moucas ao Governo que impede a Função Pública de gozar a tradicional tolerância de ponto. Amanhã é Quarta-Feira de Cinzas e começa a Quaresma, tempo tradicional de sacrifícios e austeridade. Dura 40 dias e termina na Páscoa. Infelizmente a actual austeridade num país sobreendividado e de economia anémica vai provocar uma dolorosa ressaca que, ao contrário da Quaresma, não se sabe quando acaba, nem se haverá ressurreição.

diretor\*adjunto

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-21\_fevereiro-reportagem.21\_de\_fevereiro.doc.txt

SPORTING. EXPOSIÇÃO A VÍTOR PEREIRA SOBRE O JOGO COM P. FERREIRA É EXTENSA

SAD apresenta 10 erros do juiz

Críticas ao árbitro Jorge Ferreira englobam três penáltis por assinalar

Dez lances. É este o número de razões que o Sporting tem de queixa do árbitro Jorge Ferreira (Braga) e que motivou uma exposição ao Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol, órgão dirigido por Vítor Pereira, apurou o CM.

O principal motivo da indignação leonina foi a não marcação de três penáltis sobre Wolfswinkel, Pereirinha e João Pereira. Além disso, o Sporting alega que Cássio se mexeu antes de Wolfswinkel marcar o penálti e que o lance devia ter sido repetido.

Tal como o CM já tinha noticiado no domingo, a SAD tinha ficado incomodada com a nomeação de um juiz bracarense – a segunda consecutiva – para jogos do Sporting, depois de Cosme Machado ter apitado na derrota com o Marítimo (2-0).

A estrutura do futebol ficou ainda incrédula por o Sporting até ter acabado o jogo com o Paços de Ferreira com mais faltas.

O histórico recente de arbitragens tem desagradado profundamente aos leões, que já no jogo com o Beira-Mar (vitória do Sporting por 2-0) se queixaram, pela voz de Carlos Freitas, (director desportivo) de perseguição a João Pereira. E com o Nacional para a Taça, o Sporting entende que foi mal invalidado um golo a Capel. Na exposição, o Sporting fala ainda do dérbi de juniores com o Benfica (2-3), no qual o árbitro Rui Rodrigues expulsou Betinho (39') com um vermelho directo. O CM apurou que o observador do árbitro não gostou da actuação do juiz no desafio entre águias e leões.

Sá Pinto promete dedicação

"Temos de estar à altura das exigências e eu estarei. Lutei sempre pelo melhor para o Sporting. Assim serei sempre. Tudo farei para ajudar o Sporting" disse Ricardo Sá Pinto, treinador da equipa leonina em declarações ao jornal do clube. O treinador da formação de Alvalade apelou à presença dos adeptos nos jogos de quinta-feira, com o Legia, e de domingo, diante do Rio Ave: "É preciso que todos se envolvam, porque ninguém ganha sozinho. Se todos o fizerem, não tenho dúvidas de que tudo será mais fácil."

Godinho Lopes, presidente do Sporting, elogiou a persistência da equipa leonina na Polónia: "Foi por acreditarmos até ao fim que garantimos um importante empate em Varsóvia. Uma igualdade que nos serve de incentivo extra para o decisivo jogo, desta quinta-feira, em nossa casa, ao Legia", escreveu o dirigente no mesmo jornal.

Nuno Miguel Simas

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-21\_fevereiro-entrevista.21\_de\_fevereiro.doc.txt

"Angola não é país do Norte de África"

Bento Kangamba, general, empresário e membro do comité central do MPLA, garante que sem o presidente Eduardo dos Santos a nação estaria ao deus-dará

Correio da Manhã – Porque lhe chamam o 'empresário da juventude'?

Bento Kangamba – O respeito por mim deve-se à minha maneira de ser, à humildade com que trato toda a gente, em Luanda e nas zonas suburbanas. Sou muito sensível aos jovens que me pedem ajuda para resolver problemas de doença ou relacionados com os estudos. Há pessoas que querem semear confusão e dizem que tenho de expor a proveniência do meu dinheiro. Mas a popularidade de que desfruto vem do desporto. Sempre ganhei dinheiro, e quem beneficia é a minha família e as minhas empresas.

– Como explica as manifestações em Luanda, no ano passado, e as comparações com as revoltas no Norte de África?

– É má-fé fazer essa comparação. Houve melhorias no Norte de África? Desde que acabou a guerra, construíram-se infra-estruturas e Angola é hoje um país de imigrantes, que chegam até de países desenvolvidos.

– E as críticas sobre ditadura e falta de liberdade em Angola?

– Não é quem vive em Portugal desde 1975 que vai julgar a situação em Angola. Alguns oportunistas querem aproveitar-se das redes sociais, na internet, para lançar confusão. Mas só quem vive em Luanda, Huambo, Benguela e outras províncias é que pode julgar o presidente Eduardo dos Santos. É um homem com bom coração. Por exemplo, quando a guerra acabou, militares de outros partidos foram integrados nas Forças Armadas. Que outro presidente em África faria tal coisa? É respeitado pelos generais, pelo seu trabalho e porque também é um combatente como eles. Sem ele, Angola estaria ao deus-dará.

CM – Como viu as críticas do presidente do Parlamento Europeu ao pedido português dê mais investimento angolano?

– Angola tem de ajudar Portugal, e a Europa não pode ter ciúmes de Angola. Todos sabem que Angola, o Brasil e a China são as economias emergentes e a ajuda à Europa para vencer a crise tem de passar por aí. Ninguém vai prejudicar as relações entre Angola e Portugal, países irmãos.

– E que papel pode jogar Angola na resolução dessa crise?

– A Sonangol investiu muito em Portugal, e o mesmo sucedeu com outras empresas. Muitos angolanos tentam investir em Portugal, país onde se sentem bem. Angola pode ajudar Portugal a sair da crise, mas, em minha opinião, é necessária maior agilização dos bancos portugueses nos mecanismos de funcionamento. Há muita burocracia, que entrava as transferências e outras operações bancárias.

António Pereira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-21\_fevereiro-notícia1.21\_de\_fevereiro.doc.txt

ENDIVIDAMENTO. SECTOR PRIVADO COM DÉBITOS DA ORDEM DOS 280% DO PIB

Devemos nove resgates da troika

Banco de Portugal revela que Estado, empresas e famílias têm empréstimos de 715 mil milhões de euros

O Estado, as empresas e os cidadãos portugueses devem 715 mil milhões de euros, de acordo com os dados divulgados ontem pelo Banco de Portugal (BdP), que dedica um capítulo detalhado ao endividamento do País no seu Boletim Estatístico. A dívida nacional, com excepção do sector financeiro, equivale assim a cerca de nove programas de ajuda externa, pois o empréstimo da troika é de 78 mil milhões de euros.

A dívida total do sector não financeiro nacional corresponde a 418 por cento do Produto Interno Bruto (PIB), o que significa que seria preciso reunir toda a riqueza nacional produzida ao longo de mais de quatro anos para pagar todas as dívidas que o País contraiu até 31 de Dezembro de 2011. Só o sector privado é responsável por uma dívida de 479 mil milhões de euros, 280 por cento do PIB.

As empresas privadas aparecem como o sector nacional com maior endividamento, com empréstimos no valor de cerca de 304 mil milhões de euros, de onde se destacam firmas da construção e do imobiliário. Tendo em conta a dimensão, as mais endividadas são as pequenas empresas – um universo total de 321 –, que têm uma dívida de 81,5 mil milhões de euros. Já as cerca de mil grandes empresas nacionais têm uma dívida de 72,2 mil milhões de euros segundo o BdP. O sector público, por seu turno, apresenta um endividamento de 236 mil milhões de euros, 138% do PIB. Segundo os dados divulgados, a Administração Central é responsável por empréstimos da ordem dos 196,6 mil milhões de euros, concentrados em títulos de dívida, mais de metade dos quais detidos por estrangeiros.

No contexto do Estado, destaca-se a evolução do endividamento das empresas públicas, que aumenta 2,8 mil milhões num só ano, chegando ao final de 2011 com uma dívida de 46,1 mil milhões de euros. O agravamento está bem patente quando se recua até 2007, a uma dívida que se fixava em 29,2 mil milhões de euros, revelando-se assim um aumento de 57,5 por cento.

Raquel Oliveira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-21\_fevereiro-notícia2.21\_de\_fevereiro.doc.txt

## 'MONSTRO DE BEJA'. AUTÓPSIA CONFIRMA MORTE POR ENFORCAMENTO

Incesto pode ser despistado

Ministério Público pode pedir testes de paternidade para repor o bom nome da criança

Francisco Esperança, que na última semana ficou conhecido como 'Monstro de Beja', pode não ter conseguido enterrar todos os segredos da família como suicídio, sexta-feira. A paternidade da pequena Maria – assassinada, tal como a mãe e a avó – que se suspeita que seja simultaneamente neta e filha do homicida, pode ainda ser despistada. O Ministério Público (MP) tem uma possibilidade legal de pedir os exames de ADN, de forma a perceber se houve ou não incesto, invocando que está em causa o direito ao bom nome da menina de quatro anos.

O pedido de exames de ADN no caso de Beja, a acontecer, deverá ser inédito em Portugal. Não é conhecida, até ao momento, qualquer situação em que ambos os intervenientes nos testes de paternidade tenham já morrido. A situação está, no entanto, prevista na lei. O MP pode invocar que o direito ao bom nome de Maria foi colocado em causa quando surgiram publicamente as primeiras informações que davam conta das suspeitas de amigos e familiares relativamente à paternidade da criança.

O direito ao bom nome prevê que a verdade deverá ser apurada, de forma a repor a dignidade da pessoa falecida. Durante a manhã de ontem, foi realizada a autópsia ao corpo de Francisco Esperança no Instituto de Medicina Legal de Lisboa, tendo-se confirmado a morte por asfixia – após enforcamento na cela. Foram, no entanto, pedidos exames toxicológicos complementares à autópsia, que constituem um procedimento de rotina nestes casos.

O corpo do homicida não tinha ainda sido reclamado à hora de fecho desta edição. Francisco Esperança não tem familiares directos vivos, pelo que existe a forte probabilidade de as cerimónias terem de ser suportadas pela Santa Casa da Misericórdia. O cadáver terá de ser reclamado, no máximo, 30 dias a contar da data de morte.

Ana I. Fonseca \* Tânia Laranjo

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-21\_fevereiro-opinião1.21\_de\_fevereiro.doc.txt

Privataria

As privatizações vieram na pior altura. Vender em tempo de crise obriga a vender barato. E, quando as vendas são em saldo, as tentações são enormes e é real o risco de corrupção. Impõe-se pois um nível de transparência que elimine toda e qualquer suspeição. E essa transparência não tem sido acautelada.

A primeira destas privatizações foi a venda do BPN, uma história triste. O estado português, tendo nacionalizado um banco falido, assume os seus prejuízos, limpa o passivo, valoriza o seu património e, finalmente, entrega o banco, barato, aos angolanos. Seguiu-se-lhe a recente venda das participações públicas na EDP e na REN ao estado chinês, que assim passou a controlar um monopólio natural e a ser um dos maiores empregadores do nosso país.

Nestes processos, como nos que se seguirão, impunha-se constituir um organismo independente de avaliação e monitorização, que deveria prestar contas ao Parlamento e ser apoiado pelo Conselho de Prevenção da Corrupção. Mas não foi assim que aconteceu. O governo optou por nomear, no caso da EDP, uma comissão de académicos renomados como Daniel Bessa, que não divulgou atempadamente qualquer parecer sobre o processo. Pelo que ninguém soube quais os critérios que levaram à opção pela venda ao estado chinês.

Também não se esperaria que o garante de transparência fosse o Conselho de Prevenção da Corrupção, o mesmo que veio só agora preocupar-se com a privatização da EDP... depois de concluído o processo.

E, por fim, não poderia ser o Parlamento a avaliar a seriedade das escolhas. A comissão parlamentar responsável por estas matérias é constituída por deputados em total conflito de interesses. Só no que diz respeito ao dossiê EDP, o deputado Frasquilho é quadro do BES, entidade financeira que assessorou os chineses; enquanto o centrista Mesquita Nunes é jurista no escritório encarregado do processo de privatização. Já o social-democrata Pedro Pinto é consultor de empresas dependentes da EDP...

Com estes reguladores e fiscalizadores, teme-se que os capitais públicos continuem a ser alienados sem se saber como nem a quem. Estão à mercê da pirataria.

Paulo Morais \* professor universitário

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-21\_fevereiro-opinião2.\_21\_de\_fevereiro.doc.txt

Memória selectiva

'Qual o estadista que mais admira?' À pergunta, Igrejas Caeiro respondeu: "Embora preocupado com a sorte dos pedaços da nossa terra espalhados pela Índia, considero Nehru o maior estadista da nossa geração." Em 2006, já com Alzheimer, o actor, encenador e locutor ainda sabia de cor todas as palavras ditas ao 'Norte Desportivo' em 1954. A doença não tinha ainda podido apagar a frase sincera por causa da qual foi proibido de trabalhar. Comia-lhe, sim, coisas de todos os dias. "São os nomes, até de pessoas íntimas, de abraço, daquelas do 'olá, como estás'. Acontece-me isso, hoje em dia", disse, então, na sua casa de Caxias.

Em 1954, Igrejas – que no domingo morreu aos 94 anos – desejava "atravessar o mapa cor-de-rosa" com o seu 'Companheiros da Alegria'. Em 2006, mesmo que já só alinhavasse memórias, lamentava o esquecimento a que era votado – a espécie de Alzheimer colectivo de que sempre padecemos. Igrejas Caeiro é de um Portugal que já não existe e ainda bem que já não existe. Mais livres e finalmente num estado democrático, capazes de responder o que nos der na real gana, nunca conseguimos fazer do País aquilo que o País merecia. Do que foi que nos esquecemos?  
Fernanda Cachão

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-24\_janeiro-Crónica.\_24\_de\_janeiro.doc.txt

A bomba demográfica

Há uma bomba latente que ameaça o futuro deste País. É o envelhecimento e a quebra da população, motivados pela reduzida taxa de natalidade. É uma ameaça mais grave do que a longa crise económica em que mergulhamos. Obviamente que o empobrecimento agrava os efeitos desse icebergue em direcção ao qual este país caminha inexoravelmente. As estatísticas dão conta da quebra de um milhão de jovens em apenas 30 anos. Os saldos migratórios é que permitiam o crescimento da população. Mas em 2010 esse fenómeno não foi suficiente e Portugal encolheu. Este ano, com o êxodo de milhares de pessoas, a tendência vai agravar-se. Se nada for feito, em poucas décadas Portugal parecerá um lar de idosos falido.

diretor\*adjunto

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-24\_janeiro-opinião2.24\_de\_janeiro.doc.txt

A fraude do truca-truca

Em Portugal desapareceram 111 mil crianças entre 2009 e 2010. Não é um caso de polícia. É um caso de fuga ao Fisco. Para quem tenha andado a fazer contas à economia doméstica do cidadão Aníbal Cavaco Silva e por isso distraído das restantes notícias, passamos a explicar. Em 2011, as Finanças obrigaram a que, mesmo de fraldas, os novos portugueses passassem a ter número de identificação fiscal – décadas antes de se verem confrontados com a necessidade tão incerta de terem de trabucar – mas com isso resolveram um caso que, escrito, seria best-seller para competir num país nórdico com a saga 'Millennium'. Houve quem declarasse filhos a mais para pagar impostos a menos. Lembrámo-nos do tempo em que Natália Correia discordou à letra mas em verso com certo deputado do CDS, o que defendeu que o acto sexual servia unicamente à reprodução. "Já que o coito – diz o Morgado –/ tem como fim cristalino (...) fazer menina ou menino;/ e cada vez que o varão/ sexual petisco manduca/ temos na procriação/ prova que houve truca-truca (...)". Pois D. Natália e Sr. Morgado, o Fisco provou que neste Portugal contemporâneo a questão do truca-truca é inteiramente subjectiva.

Fernanda Cachão \* editora de CORREIO DE DOMINGO

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-24\_janeiro-entrevista.24\_de\_janeiro.doc.txt

Rita Mendes vive dias felizes no amor e no trabalho. A tentar internacionalizar a sua carreira, a DJ está também a criar um programa de música para um canal de televisão por cabo

"O namoro está a correr bem"

– Que projectos tem em mãos?

– Estou agora com a agência LineUp, que está a apostar na internacionalização da minha carreira. Vamos desenvolver uma nova imagem e tratar a marca Rita Mendes de uma outra forma. Também estou a criar uma empresa que tem a

ver com a produção de música, televisão e eventos. Além disso, estou a criar um programa de música, lifestyle e entrevistas, mas ainda me faltam patrocínios.

– Mas já está tudo pronto?

– Sim, está quase tudo pronto, apenas falta conseguir apoio monetário.

– Destina-se a que canal?

– Vai ser exibido num canal por cabo, mas ainda não posso falar sobre isto, até as coisas estarem mesmo estruturadas.

– É para quando?

– Conto ter tudo pronto em Fevereiro ou Março.

– Como está a sua relação com o seu namorado, Hugo?

– Está tudo a correr muito bem, graças a Deus e a nós, hoje em dia ter uma relação que funcione bem tem muito que se lhe diga. Estamos passo a passo a construir uma relação que seja boa para ambos.

– Ele continua a habituar-se bem a ser namorado a uma figura pública?

– Claro que sim, é uma coisa que acontece naturalmente. Além disso, também tem de habituar ao meu filho Afonso.

– Ajudam-se mutuamente?

– Claro que sim, formamos uma ótima equipa. Até porque partilhamos o interesse pela música.

Sofia Martins Santos

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-24\_janeiro-notícia\_1.24\_de\_janeiro.doc.txt

Crise. Sporting leva seis jogos sem ganhar

Descrença

Total fé em Patrício

Guarda-redes leonino evitou a derrota com três espetaculares defesas. Equipa voltou a dar pálida imagem

O Sporting somou o sexto jogo consecutivo no novo ano sem ganhar, em mais uma exibição frouxa da formação orientada por Domingos Paciência.

O resultado até acaba por ser lisonjeiro para o Sporting, que teve em Rui Patrício a grande muralha, impedindo o Olhanense de ganhar o jogo, com três enormes defesas na segunda parte, duas delas a negar golo a Wilson Eduardo, curiosamente um jogador emprestado pelos leões que já tinha marcado no jogo da 1.ª volta – empate a um golo em Alvalade.

Sentiu-se muita descrença na equipa do Sporting, a jogar sobre brasas, com os jogadores a não revelarem grande predisposição para terem a bola nos pés.

Sem Elias castigado e com Schaars a lesionar-se no aquecimento, Domingos apostou por um meio-campo demasiado conservador: Carriço e Renato Neto nunca deram fluidez ao jogo no meio-campo e só Carrillo levava improvisação ao jogo leonino. O peruano foi uma faísca numa equipa de pólvora seca, na qual reinou a anarquia em muitos momentos.

O Olhanense acabou por ser mais perigoso e sobretudo na segunda parte galvanizou-se a ponto de criar as melhores situações de golo, enquanto o Sporting denunciava problemas antigos de falta de mecanização e sem jogo de equipa, nem uma referência na área – Ribas e Rubio começaram o jogo no banco e o segundo só entrou já depois da hora de jogo, quando o jogo já estava a ser dominado pelos algarvios, apesar de Polga e Jeffrén também terem tido oportunidades.

O Sporting foi-se apagando com o tempo, sem encontrar soluções, a não ser em iniciativa de Carrillo e Matias Fernandes, que foram oásis num deserto. O leão está sem fé.

Nuno Miguel Simas

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-24\_janeiro-notícia\_2.\_24\_de\_janeiro.doc.txt

Passes. Reduções terminam no final do corrente ano lectivo

Alunos ficam sem descontos

Preços reduzidos só para famílias com rendimento mensal bruto abaixo dos 1258 euros. Novo título para seniores fora das horas de ponta

Os descontos dos passes sociais para estudantes, 4-18 e sub-30 terminam no final deste ano lectivo, ou seja, a 30 de Junho. Mas a mudança da política tarifária começa a fazer-se sentir já no próximo mês, com a redução do valor do desconto de 50 para 25 por cento, apurou o Correio da Manhã. Na prática, os estudantes e os idosos – que também

perdem acesso directo aos descontos – são os utentes mais penalizados a partir do próximo dia 1 de Fevereiro. O aumento do preço dos transportes entra em vigor no próximo mês, e não em Janeiro, como habitualmente, com a referência de 5 por cento, mas trata-se apenas de uma média indicativa. Na verdade, quer o passe mensal da Carris quer o do Metro vão ter aumentos superiores de, respectivamente, 5,45 por cento e 21,3 por cento. Mas para os estudantes os aumentos vão ser muito mais elevados. Por exemplo, mais oito euros num Passe da Carris e mais 8,75 euros no Andante.

A partir de 1 de junho de 2012, só os estudantes no escalão A da Acção Social Escolar e os seniores que recebam o Rendimento Social de Inserção ou o Complemento Social de Idoso poderão ter um desconto de 50 por cento nos passes. Para além destes, terão acesso aos descontos, através do Passe Social+, os agregados com rendimentos mensais brutos até 1258 euros, que incluam dois sujeitos passivos e dois dependentes (idosos ou jovens). O que significa que todos os agregados familiares com rendimentos acima daquele valor pagarão os preços dos passes por inteiro, sem acesso a títulos de transporte subsidiados pelo Estado.

Ainda assim, tanto as crianças quanto os seniores poderão aderir a um novo passe que os operadores se preparam para criar e que promete um desconto de 25 por cento. No entanto, este novo passe só poderá ser utilizado fora das horas de ponta dos transportes públicos, estando ainda por definir o seu preço.

Raquel Oliveira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-24\_janeiro-reportagem.\_24\_de\_janeiro.doc.txt

EMISSOR DA FOIA DESLIGA SISTEMA ANALÓGICO

Sinal digital deixa aldeias sem emissão

Populações idosas e isoladas no Baixo Alentejo e na encosta norte de Monchique (Algarve) não têm televisão. O tempo estava parado em Alferce, mas ontem andou para trás. "Voltámos ao antigamente", diz Catarina Maria, de 70 anos. Quase metade dos moradores da aldeia do concelho de Monchique ficou sem televisão com a mudança do sinal analógico para o digital, devido ao fecho, cerca das 11h30, do emissor da Fóia, a escassos quilómetros.

A mudança foi adiada 11 dias, para a instalação de um repetidor na Picota. O reforço salvou metade do concelho de Monchique do apagão, mas manteve a pequena aldeia na sombra. No 'povo de baixo' o sinal digital chega muito fraco e a maioria da população, muito idosa, percebe mal a mudança. Poucos compraram descodificadores e alguns viraram as antenas para o retransmissor de Beja, que só muda em Abril. No centro de dia de Alferce jogava-se às cartas em silêncio. Faltava a companhia da TV. "É uma tristeza", lamentava Catarina Maria.

No Alentejo, a situação é idêntica. Em muitos lares o sinal digital não chega aos televisores, sobretudo em São Teotónio, Odemira, onde já se multiplicam as queixas. Nas zonas mais baixas da localidade houve quem tivesse de comprar um satélite para captar o sinal.

"Gastei mais de 130 euros numa box e parabólica, um valor inacessível para a maioria das pessoas", referiu uma moradora de São Teotónio. Nesta vila houve também quem se queixasse da falta de apoio para os desempregados.

"Estou sem trabalho e só o meu marido é que está a receber o subsídio de desemprego. Assim vai ser complicado ter dinheiro para adquirir o descodificador", desabafou a moradora Maria Oflia, de 51 anos.

Mais a norte, em Santiago do Cacém, a maioria dos habitantes recebeu o sinal sem quaisquer dificuldades. "Já tenho o aparelho há muito tempo. A imagem é igual", adiantou Francisco Gonçalves, de 82 anos.

Paulo Marcelino \* Helga Nobre

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-24\_janeiro-Opinião1.24\_de\_janeiro.doc.txt

Isaltino

Isaltino Morais continua à solta. Foi condenado nos tribunais, em todas as instâncias, mas o Estado português não tem meios para o mandar prender. É esta a triste realidade: o cidadão Isaltino tem mais poder do que todo o sistema de Justiça.

Isaltino não é apenas um autarca ou até só um réu. É já um símbolo deste regime decrépito. Representa o que há de pior na promiscuidade entre negócios e política, simboliza a corrupção e a total impunidade.

Toda a sua vida política e empresarial e todo o seu enriquecimento são representativos do quanto este regime se degradou.

As suas sucessivas eleições para a Câmara de Oeiras já nem surpreendem. Os oeirenses sabem que a generalidade dos

políticos não é séria e por isso acreditam que ter como presidente um criminoso com obra é talvez um mal menor. Na senda do slogan desse Isaltino brasileiro que foi Ademar de Barros: "Rouba mas faz."

Isaltino foi acusado dos crimes de participação económica em negócio, corrupção, branqueamento de capitais, abuso de poder e fraude fiscal. Segundo a acusação, Isaltino Morias "recebia dinheiro em envelopes entregues no seu gabinete" para licenciar loteamentos, construções ou permutas de terrenos.

Depois de um longo processo, já com sete anos, veio a consequente condenação. A que se seguiram recursos e mais recursos. Mas, mesmo depois de os recursos terem sido declarados improcedentes, o presidente da Câmara de Oeiras continua à solta. O próprio presidente do Supremo Tribunal de Justiça veio proclamar que a prisão já deveria ter tido lugar e que "não faz sentido que a pena ainda não tenha sido executada". Mas graças ao seu enorme peso político, e dispondo do apoio de advogados que se mexem com perfeição no pântano em que o aparelho de Justiça se transformou, Isaltino é impune.

A não detenção de Isaltino é escandalosa, mesmo em Portugal.

Faz perigar o Estado de direito, pois o mínimo que se exige a um sistema de Justiça é que consiga executar as suas decisões. E esta situação pode até constituir uma sentença de morte para a própria democracia. Pois um Estado que não é de direito não é democrático.

Paulo Morais \* professor universitário

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-28\_fevereiro-crónica.28\_de\_fevereiro.doc.txt

As falsas prioridades

Ao fim de cinco anos, o procurador-geral da República levantou a voz contra a famosa lei das prioridades da investigação criminal. Há cinco anos, a maioria dos magistrados do Ministério Público que têm responsabilidade na investigação criminal desmistificaram esta lei e foram apodados de corporativos para baixo. O Governo do PS reagiu de forma feroz a bater-se por uma lei que, sabia de antemão, não traria nenhuma novidade em matéria de eficácia no combate ao crime. Foi, porém, apoiado pelos mesmos que alimentaram a fraude que foi o PS na Justiça. Entre esses estavam, também, os que proclamaram não precisar de mais meios. E que sabiam ser tempo e conversa perdida.

diretor\*adjunto

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-28\_fevereiro-entrevista.28\_de\_fevereiro.doc.txt

Rita Pereira foi uma das estrelas principais da noite dos Óscares que se realizou no Parque Nascente, em Rio Tinto. Seguidora de cinema, a atriz afirma que é fã de Meryl Streep e garante que gostava de ser distinguida

"Contento-me com prémio português"

- Sentiu-se melhor na noite dos Óscares [anteontem em Rio Tinto] ou na noite em que recebeu um Emmy?
- Senti-me muito mais glamorosa hoje do que no dia em que a novela 'Amor Meu' [TVI] ganhou um Emmy.
- Sonha em ser nomeada para um Óscar?
- Isso é tudo para um actor. Mas eu tenho os pés bem no chão e sei que isso será muito difícil. Já me contentava por ser distinguida com um prémio português.
- Tem alguma preferência dos nomeados deste ano?
- A Meryl Streep. Eu sou maluca por ela. Sou mega fã. Guio-me imenso pelo trabalho e pela postura dela. Ela vive no campo e nunca vai a festas. É super simples e querida. Se bem que eu não a conheço. Ela não vive do mundo das estrelas.
- E já viu o filme, 'A Dama de Ferro'?
- Sim, adorei. Eu ouvi só a primeira fala e percebi logo que ela já tinha ganho o prémio.
- Ela é um exemplo para a sua carreira?
- Adoro-a e gosto de seguir a carreira dela. Gosto de pessoas que não vivem do estrelato. Ela tem tudo a ver comigo. Eu também não vou a festas. Só vou se tiverem a ver comigo.
- Já começou a despedir-se da Helena [personagem da novela da TVI 'Remédio Santo']?
- Dia 30 terminam as gravações. Está a ser mais complicado despedir-me das personagens que têm morrido ao longo da história. Ainda não sei o final, pois o autor não dá os guiões para não haver fugas de informação.

Nelson Rodrigues

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-28\_fevereiro-notícia1.\_28\_de\_fevereiro.doc.txt  
AVEIRO. CRIANÇA SOFREU VÁRIOS TRAUMATISMOS E ESTÁ EM ESTADO GRAVE

Menina de 9 anos vê mãe morrer no carro

Carmen Leite da Silva, 43 anos, e a pequena Leonor chocaram com carrinha na A29

Leonor, de nove anos, seguia no carro coma mãe, a advogada Carmen Lucena de Vale Leite da Silva, na zona de Ovar da A29, que liga Aveiro ao Porto, quando ultrapassaram um ligeiro e se mantiveram na esquerda, ao início da tarde de ontem. Depois não há explicação para o facto de a mulher, 43 anos, ter chocado violentamente com a carrinha da empresa Monsegur, que estava devidamente sinalizada e fazia marcações do pavimento.

A condutora teve morte imediata e a menina, em choque, percebeu que nada havia a fazer. Estava presa na cadeira de retenção, no banco de trás, e foram os bombeiros que a socorreram. "A menina estava consciente, mas em estado de choque e com suspeitas de várias lesões graves", disse ao CM fonte dos bombeiros. "A criança chorava muito e chamava insistentemente pela mãe" segundo uma testemunha.

A preocupação era Leonor. Carmen não tinha sinais vitais. "Quando chegámos tinha falecido. A prioridade foi para a menina e depois desencarcerámos a vítima mortal, para não chocar mais a criança", disse ao CM José Paulo, adjunto do comando dos bombeiros de Ovar. Leonor foi levada para o Hospital de São João, no Porto, em estado grave. O funcionário da empresa Monsegur, 29 anos, sofreu ferimentos ligeiros.

Tragédia deixa família em choque

O acidente ocorreu às 14h14 de ontem, no sentido Sul-Norte, entre o nó de Ovar Sul e a estação de Serviço. Carmen Leite da Silva não evitou a carrinha de caixa aberta, que seguia atrás de uma máquina que procedia à marcação da via na esquerda. Ontem, os familiares da advogada falecida estavam em choque. Em Azurva, os pais de Carmen receberam a notícia ao final da tarde. Quanto ao marido, também advogado, estava recolhido. O escritório onde ambos trabalhavam estava fechado.

Francisco Manuel \* Nelson Rodrigues

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-28\_fevereiro-notícia2.28\_de\_fevereiro.doc.txt

Jovem burla 100 vítimas pela net

Durante dois anos acedeu a contas alheias e usurpou identidades para pedir empréstimos

Tem 22 anos, não trabalha e desde 2009 usava o computador pessoal, em Santiago do Cacém, para enriquecer rápido. Primeiro por 'phishing', enviando e-mails para vítimas, fazendo-se passar pelos bancos, de modo a obter dados das contas e sacar dinheiro. Depois, entrando nos e-mails de pessoas, pedindo em nome delas dinheiro emprestado a amigos. Burlou 100 pessoas, em dois anos, e sacou pelo menos 120 mil euros.

Foi agora apanhado pela PJ de Setúbal e solto pelo tribunal. Tem de se apresentar duas vezes por semana na esquadra. Há meses que os investigadores já tinham identificado o jovem, que, ao perceber a aproximação da PJ, fugiu para França, onde tem familiares. Havia mandados de detenção em seu nome e, na sexta-feira, quando circulava de carro, sem carta, foi localizado.

Criava e-mails aparentemente verdadeiros, fingindo ser de bancos ou instituições de crédito, pedindo a clientes dados pessoais. E falsificava os cartões ou emitia falsas ordens de pagamento, pela net.

O jovem também burlava, pela rede MSN. Fazia-se amigo de vítimas e obtinha informações pessoais. Acedia ao próprio MSN dos visados e contactava amigos próximos. Pedia-lhes dinheiro emprestado, 1000 a 1500 euros, fingindo problemas de saúde.

Tânia Laranjo

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-28\_fevereiro-opinião1.28\_de\_fevereiro.doc.txt

Não sabe, não mexe

O programa de apoio ao emprego jovem anunciado pelo governo português é uma medida inútil. Provavelmente, contraproducente e até injusta. Apesar disso, tem o suporte da Comissão Europeia e Durão Barroso manifestou o seu entusiástico apoio ao projecto.

Os programas publicitados nem sequer existem. E ainda bem. Porque se há coisa que os governantes não sabem

mesmo, é criar empregos.

Essa tarefa deve ser deixada aos empresários, já que só através do surgimento de novas empresas e do crescimento das já existentes se cria emprego. Ao estado competiria criar um contexto favorável ao funcionamento da economia e à subsequente criação de riqueza.

O que não acontece em Portugal. Assim, um estado que não faz bem o que lhe compete, não deve tentar outras aventuras.

E se a criação de emprego não cabe aos governos, muito menos devem os políticos favorecer o emprego dos jovens, ou a qualquer grupo particular.

Ao discriminarem positivamente um determinado segmento da sociedade, estão a discriminar negativamente todos os outros. Por que motivo há-de o governo beneficiar, de forma sectária, o emprego para os jovens? E os desempregados de meia-idade? Admitir-se-ia que se favorecesse o emprego dos homens em detrimento das mulheres?

Este tipo de apoios é aliás perverso, pois muitos padrões serão tentados a substituir funcionários competentes por outros que pertençam a grupos beneficiários de incentivos ou subsídios e, logo, mais baratos.

Os governantes que pensam criar programas de emprego deveriam deixar-se disso. Se não sabem, não mexam! Mas se de facto sabem como criar emprego, demitam-se já do governo e dediquem-se à vida empresarial. Os desempregados agradecem.

Quanto a Durão Barroso, o seu apoio só pode ser entendido à luz da vontade de ficar bem-visto perante o eleitorado jovem, que poderá ajudá-lo numa eleição presidencial de 2016. Ou seja, o único emprego que o programa de apoio ao emprego jovem ainda poderá vir a criar é o de Durão Barroso como Presidente da República. Um único emprego, que nem sequer é jovem.

Paulo Morais \* professor universitário

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-28\_fevereiro-opinião2.28\_de\_fevereiro.doc.txt

Capacidade de percepção

Prédios incendiados, carros destruídos, parlamentos cercados, uma sociedade dividida e um país desmotivado. Esta é a sinopse de Paulo Portas para o apocalipse português. A inspiração do ministro chegou-lhe sem poder avistar a Grécia mas com a Grécia no pensamento. Portas estava nos Açores.

Paulo Portas nunca dá ponto sem nó. A epifania foi coincidente com a avaliação da troika; e chegou em vésperas desta semana de luta da administração pública, que antecipa a greve geral de 22 de Março. A CGTP de Arménio Carlos vê já o apocalipse. Por estes dias, em São João da Madeira, Cavaco Silva foi apanhado desprevenido não por alunos da António Arroio – que nunca chegou a ver – mas pela taxa de 14 por cento de desemprego no último trimestre de 2011 e pelos 35 por cento de jovens sem trabalho. Ontem, em Lisboa, Passos Coelho dizia – mais seguro que o outro, o da Oposição – ver bem que os dados "não apontam para um pessimismo sobre o desempenho" económico deste ano.

Precisaremos todos da Google. O gigante da tecnologia está a desenvolver uns óculos que aumentam a capacidade de percepção. Segundo o 'The New York Times', lá para o final do ano será possível obter respostas de toda a realidade captada.

Fernanda Cachão

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-28\_fevereiro-reportagem.28\_de\_fevereiro.doc.txt

Título europeu na mira de CR7

Capitão da equipa das quinas recebeu o apoio de Beto e Nani. Seleccionador Paulo Bento já definiu que o objectivo é chegar aos quartos-de-final

Cristiano Ronaldo assumiu ontem no Facebook que a meta de Portugal é vencer o Campeonato da Europa de 2012, que se vai realizar na Polónia e na Ucrânia, entre 8 de Junho e 1 de Julho.

"Estas são as cores que vamos defender no Campeonato da Europa. Com um único objectivo: conquistá-lo", escreveu o avançado do Real Madrid na sua página oficial, em que partilha uma imagem dos novos equipamentos da selecção lusa, que, segundo Paulo Bento, tem "os quartos-de-final" do torneio como meta mínima. No Grupo B do Europeu, Portugal defronta a Alemanha (9 de Junho), Dinamarca (13 de Junho) e Holanda (17 de Junho).

Mal foram conhecidas as declarações de Ronaldo, Nani e Beto fizeram questão de apoiar.

"Jogamos sempre para ganhar. Temos condições para lutar com outras grandes selecções. Agora, é pôr tudo o que

temos dentro de campo e ganhar os jogos", disse o extremo do M. United, em Varsóvia, onde Portugal defronta amanhã a Polónia, em jogo particular.

Já o guarda-redes emprestado pelo FC Porto aos romenos do Cluj afirmou: "Eu estou com ele. Estou eu e estamos todos, se essa é a voz do capitão, o grupo está com ele."

Liderada por Fernando Gomes, a selecção nacional deixou ontem Lisboa às 09h30 e chegou a Varsóvia às 13h30. O voo foi calmo e à chegada a um aeroporto com alguns vestígios de neve, a temperatura rondava um grau negativo. No avião da SATA apenas viajaram 14 jogadores: Beto, Eduardo, Rui Patrício, João Pereira, Bruno Alves, Nelson, Rolando, João Moutinho, Nelson Oliveira, Ricardo Costa, Miguel Veloso, Raul Meireles, Ruben Micael e Hélder Postiga.

Os restantes jogadores partiram dos países onde estão a jogar, casos de Cristiano Ronaldo, Pepe e Coentrão, que viajaram desde Madrid.

António Pereira \* enviado especial à Polónia

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-31\_janeiro-crónica.31\_de\_janeiro.doc.txt

O Estado da pensão

O chefe da Casa Civil da Presidência demarcou Cavaco Silva das notícias sobre as críticas ao Governo. De facto, o Estado de bem-estar português que teve um avanço significativo após o 25 de Abril está a ser desmantelado. A crise financeira e os sucessivos cortes estão a reduzir a qualidade dos serviços, desde a educação à saúde, e as mexidas na Segurança Social penalizam especialmente os actuais contribuintes. Mas os alertas dos amigos de Cavaco parecem mais preocupados com o corte nas respectivas reformas milionárias, do que com a exiguidade dos serviços públicos. Tal como Luís XIV disse "O Estado sou eu", alguns cavaquistas consideram que o Estado Social é a "nossa pensão".  
diretor\*adjunto

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-31\_janeiro-opinião2.31\_de\_janeiro.doc.txt

"Vou teimosa"

Dois mil e doze é o Ano Europeu do Envelhecimento Activo e da Solidariedade entre Gerações. Não há céptico que perceba, quando chega a 31 de Dezembro, do que valem estes anos que são sempre de alguma coisa. Há 25 mil portugueses com mais de 65 anos em situação de risco e sem apoio. Veio o governo e disse que "quer agir de forma determinada" e reforçar a ligação com as instituições de solidariedade, empurrado certamente pela realidade de Janeiro. Foram encontrados já cadáveres e em casa quase uma vintena de idosos que viviam sozinhos.

Deu-se o caso de numa pastelaria da Lisboa popular termos ficado ao lado de uma mesa de mulheres com mais de 65 anos; todas com o ar e a disponibilidade que têm as viúvas para se juntarem depois do almoço de sábado para falarem das doenças, a das varizes e as da dieta. A última mulher a chegar foi brindada pelas outras com a mais corriqueira, mas, entre todas as perguntas, a melhor. A resposta, azeda pela velhice, roubou a atenção a todos os artigos de opinião, manchetes, União Europeia, situação económica, desastres vários, concertação social: "Vou teimosa porque ainda cá estou viva!" A melhor pergunta – dizíamos – foi um simples 'Como vais?'

Fernanda Cachão \* editora da revista DOMINGO

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-31\_janeiro-entrevista.31\_de\_janeiro.doc.txt

Elsa Gervásio é mãe de dois adolescentes, Raquel e João, e continua a fazer programas com eles. A ex-modelo, de 45 anos, confessa que tem cuidados com o corpo, para manter a forma. Revela ainda que "tem mania" dos cremes, faz massagens e vai ao ginásio

"Eu e os meus filhos somos fãs do Zoo"

– Os seus filhos são adolescentes [Raquel tem 16 anos e João 14]. Ainda gostam de sair consigo?

– Gostam. A Raquel tem mais dificuldade do que o João, porque gosta mais de estar com os amigos. Quando quero fazer um programa com eles, aviso-a sempre com alguma antecedência, para não marcar nada.

– E que programas faz com eles?

– Adoramos, por exemplo, ir ao Jardim Zoológico. É um programa que fazemos várias vezes e que adoramos. Somos

verdadeiros fãs do Zoo.

– Eles são bons estudantes?

– Eles sempre foram bons alunos. O João está agora naquela fase em que tenho de o mandar estudar, distrai-se mais facilmente, mas felizmente nunca tive problemas com eles em relação à escola. A Raquel gosta muito de estudar, é muito focada, organizada. Ele não precisa muito de estudar, apanha muito nas aulas.

– A L'Agence Portugal, que dirige, está a ressentir-se com a crise?

– Sentimos que há menos trabalho e também os valores pagos baixaram muito. O País está todo em crise, e nós não deixamos de passar por ela, mas acho que com algumas adaptações e alterações que fazemos, em termos de estrutura de trabalho, vamos conseguir ultrapassá-la.

– A Elsa está sempre em forma.

– Tem cuidados especiais consigo?

– Sim, tenho. Ponho sempre cremes, no rosto e no corpo. Aliás, tenho a mania dos cremes. Também gosto muito de fazer massagens de corpo e rosto e de hidratações. Faço ainda ginásio e jogging.

Sabrina Hassanali

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-31\_janeiro-notícia1.31\_de\_janeiro.doc.txt

Lisboa. Casal de assaltantes invade restaurante no bairro da Graça

"Foi terrível sentir a pistola na cabeça"

Adelino Oliveira e funcionária foram ameaçados de morte e trancados na casa de banho

Acabado de chegar ao restaurante Sol da Graça, em pleno bairro da Graça, Lisboa, Adelino Oliveira começou por cumprir o ritual de sempre. Tirou um café antes de preparar o espaço para servir almoços. Mas, nesse momento, a meio da manhã de sábado, acabou interrompido pelo cano de uma pistola colado à cabeça – com um homem a gritar-lhe que era um assalto. Foi ameaçado de morte e trancado na casa de banho.

Em poucos minutos, um casal de assaltantes fugiu com cerca de mil euros, deixando para trás Adelino, 53 anos, e uma funcionária que também foi sequestrada. O ataque violento ocorreu às 11h20, altura em que o proprietário do restaurante se encontrava atrás do balcão. A empregada tinha ido abrir as portas e começara a montar as mesas.

O casal de assaltantes, com cerca de 30 anos, sotaque brasileiro, entrou em silêncio. Rapidamente o homem encostou a pistola à cabeça de Adelino Oliveira, enquanto a mulher apanhou uma faca de serrilha de cortar o pão e encostou-a ao pescoço da empregada, 22 anos.

"Senti uma pistola na cabeça e disseram-me que era um assalto, mas eu pensava que era um amigo meu a brincadeira. Só percebi que era a sério, e foi terrível, quando me apercebi do sotaque. Ele só me dizia para eu não levantar as mãos ou dava-me um tiro – e só perguntava pelo cofre", recorda ao CM o dono do restaurante. "Olhei para a funcionária e ela tinha uma faca no pescoço".

As vítimas foram então levadas para uma pequena despensa do restaurante. "Eles pegaram numa caixa com 100 euros em moedas do tabaco e, quando já se iam embora, a rapariga insistiu em ver ainda uma pasta, onde estavam quase 900 euros".

"Depois fecharam-nos na casa de banho e disseram que disparavam se saíssemos dali. A PJ investiga o roubo armado. João Tavares

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-31\_janeiro-notícia2.31\_de\_janeiro.doc.txt

AROUCA. NETA DA VÍTIMA FOI FUNDAMENTAL PARA O SALVAMENTO DO AVÔ

Albano Rodrigues sofreu despiste de automóvel e caiu em ravina. Sobreviveu ao acidente

Um homem de 60 anos sobreviveu, ontem, a uma queda numa ravina de 120 metros, com uma inclinação de 90 por cento, em Boucegedim, na freguesia de Moldes, em Arouca. Albano Rodrigues despistou-se pelas 07h30, cerca de 200 metros depois de sair de casa, sofrendo apenas algumas escoriações e ferimentos ao nível do tórax. "Foi um milagre. Salvou-se graças à minha neta, porque senão ficava lá em baixo e ninguém o via", disse ao Correio da Manhã a mulher da vítima, Conceição Pereira.

A jovem neta de Albano Rodrigues estava perto do local do acidente e, depois de o avô passar de carro, ouviu um estrondo e deixou de ver o automóvel.

Seguiram-se momentos de aflição, com os familiares e amigos a percorrerem a estrada sem sinais do homem, que

estava no fundo da ravina como automóvel no rio, a gritar por socorro.

"Ouvíamos os gritos, mas não víamos nada, até que descemos e encontrámo-lo", acrescentou ontem a filha da vítima, Lúcia Rodrigues.

"Por sorte, o carro não capotou e parou no rio com pouca água, caso contrário poderia ser uma tragédia", explicou ao CM Floriano Amaral, comandante dos Bombeiros de Arouca. Albano caiu num local de difícil acesso com vegetação muito densa.

Francisco Manuel

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-31\_janeiro-reportagem.31\_de\_janeiro.doc.txt

Rendeiro convoca 100 testemunhas

Ex-presidente do BPP indica inúmeros ex-responsáveis de várias áreas no banco para serem ouvidos no processo de contra-ordenação da CMVM

João Rendeiro arrolou cerca de 100 testemunhas no processo de contra-ordenação de que é alvo por parte da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM). Perante a dimensão deste caso, o ex-presidente do BPP, para não gastar quase 14 mil euros em fotocópias, solicitou a confiança do processo à CMVM, mas esta entidade não só negou o pedido, como não autorizou o seu representante a digitalizar os documentos.

Na sua defesa, a que o CM teve acesso, João Rendeiro, que está acusado da prática de contra-ordenações que poderão implicar coimas no valor global de 2,5 milhões de euros, indica para serem ouvidos inúmeros ex-responsáveis e ex-quadros de várias áreas do BPP. E é o somatório desses múltiplos ex-funcionários que faz com que o número total de testemunhas indicadas possa ascender à centena.

Desde logo, João Rendeiro pediu que identificasse e ordenasse a inquirição "de todos os membros da(s) administração(ões) do BPP que exerceram funções desde Dezembro de 2008, neles se incluindo os membros da Comissão Liquidatária". É também pedida a identificação e inquirição de "todos os private-bankers e operacionais de retorno absoluto que exerceram funções no período de 2002 a 2011."

O ex-líder do BPP pede ainda que o Banco de Portugal indique para serem inquiridos "os colaboradores e/ou membros dos órgãos de direcção que tenham tido conhecimento e/ou intervenção nos factos objecto da acusação".

João Rendeiro alega que a CMVM, ao não lhe dar a confiança no processo, afectou as suas garantias de defesa. Por isso, pede que seja proferida uma nova acusação e concedido novo prazo para fazer a sua defesa.

Processo tem 68 volumes

O processo de contra-ordenação da CMVM contra o BPP é composto por 68 volumes. Ao todo, este caso tem mais de 28 mil folhas.

A investigação da CMVM arrançou na sequência da ruptura financeira do BPP, em Novembro de 2008, após a falência do banco norte-americano Lehman Brothers ter agravado a crise nos mercados financeiros. Ao longo da sua defesa, João Rendeiro recorda várias vezes essa crise.

António Sérgio Azenha \* Miguel Alexandre Ganhão

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-31\_janeiro-opinião1.31\_de\_janeiro.doc.txt

A Mão no Poder

Há grupos económicos portugueses que mantêm intactos os seus privilégios desde os tempos da monarquia. Ao longo de séculos, conseguiram domesticar todos os regimes.

Até hoje, cativam uma parte significativa do orçamento de estado, à custa do qual se habituaram a enriquecer.

Beneficiam de rendas das parcerias público-privadas da saúde, como acontece com o grupo Mello ou Espírito Santo.

Recebem milhões pelo pagamento de juros da dívida pública. Obtêm concessões em monopólio, como acontece com a Brisa, detentora, por autorização governamental, das auto-estradas de Porto a Lisboa.

Os favores que recebem do estado têm revestido as mais diversas formas. No tempo do fascismo, obtinham licenças num regime de condicionamento industrial, em que só os amigos do regime podiam criar empresas. O seu domínio sobre a economia e a política vem dos tempos da monarquia, onde pontificava o conde do Cartaxo, antepassado da família Mello. Já os Espírito Santo descendem do poderoso conde de Rendufe.

Assim, estes grupos conseguiram trazer até ao século XXI, incólume, a lógica feudal, a tradição de atribuição de prebendas aos poderosos. Com uma diferença. Enquanto no tempo do feudalismo o rei atribuía privilégios que

consistiam na doação de benefícios económicos (terras), a par de poder político (títulos), hoje apenas se concedem favores económicos. Assim, estes grupos mantêm o poder sem os incómodos do escrutínio democrático. Sabem que mais importante do que ter o poder na mão é ter a mão no poder. Até porque sempre influenciaram a política. Conseguiram-no no tempo de Salazar, através do fascínio que Ricardo Espírito Santo exercia sobre o ditador. Em democracia, contratam políticos de todas as tendências. Eanistas como Henrique Granadeiro, socialistas como Manuel Pinho ou social-democratas como Catroga.

Neste jogo democrático viciado, os cidadãos são hoje como os servos da gleba de outrora, mas agora sob a forma de contribuintes usurpados. E reféns do sistema vigente, que muitos chamam de neoliberalismo, mas que não é novo nem é liberal. É apenas a manutenção do velho feudalismo.

Paulo Morais \* professor universitário

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-3\_janeiro-crónica.3\_jan.doc.txt

O paraíso dos ricos

Alexandre Soares dos Santos, o segundo homem mais rico de Portugal, com uma fortuna avaliada em 1,9 mil milhões de euros, transferiu as suas acções da Jerónimo Martins, a campeã nacional em Bolsa de 2011, para uma sociedade holandesa detida por si. A manobra destina-se a evitar a pesada tributação. Chama-se a esta operação planeamento fiscal, e o patrão da Jerónimo Martins não é o primeiro a fazê-la. Amorim, o português mais rico, e Belmiro de Azevedo, o terceiro do ranking, já a fizeram. O que é planeamento fiscal para os milionários é fuga ao Fisco na classe média e nos trabalhadores por conta de outrem, que não podem transferir o rendimento, nem heranças, para nenhum paraíso. Vivem no inferno fiscal.

Armando Esteves Pereira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-3\_janeiro-opinião2.3jan.doc.txt

Laços familiares

É extraordinária a importância dos laços na família do autarca de Oeiras. Já sabíamos que Isaltino Morais tem na Suíça um sobrinho taxista chamado Leandro, agora ficámos a saber que tem também uma irmã, de seu nome Floripes, uma companheira chamada Patrícia e que convive bem com os pais desta. A estes últimos e a todos os anteriores, Isaltino muito estima. Em 2003, o emigrante na Suíça teve o nome na imprensa devido à fé que em si depositava o tio.

Certamente convicto da credibilidade que tinha o milagre da multiplicação da tarifa, Isaltino disse que as contas suíças que se dizia serem suas eram do sobrinho taxista. Condenado por fraude fiscal e branqueamento de capitais, o autarca corre, desde então, todas as milhas que a maratona do sistema judicial oferece aos bons atletas. Soubemos agora que as contas da irmã Floripes e dos sogros foram bafejadas com depósitos e que, destas, milhares saíram para as contas de Isaltino e de Patrícia. Tal sorte e solidariedade familiar são dignas de ficção televisiva. À falta doutro melhor, ocorrenos o actor James R. Gandolfini Jr. – instruem-no no esquema português, dêem-lhe influência política e uma câmara para governar e vai aos Emmys.

Fernanda Cachão

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-3\_janeiro-Entrevista.3jan.doc.txt

Entrevista a João Cantiga Esteves Economista comenta a promulgação da transferência do fundo de pensões da Banca "Trata-se de uma ilusão contabilística"

Correio da Manhã – Concorde com a argumentação do PR ao promulgar a transferência do fundo de pensões da Banca?

Cantiga Esteves – No fundo, replica as declarações do ministro das Finanças, mas estranho um pouco a fundamentação do senhor Presidente porque não houve igual preocupação com outras medidas semelhantes tomadas no passado.

– É um aviso ao Governo quando diz que a medida tem de ser de "carácter excepcional e irrepetível"?

– A transferência do fundo de pensões da Banca é uma ilusão contabilística que em nada altera as contas públicas. É um expediente usado para satisfazer os critérios europeus, mas que não tem qualquer efeito nas finanças públicas.

– O PR refere isso mesmo quando diz que a medida "não contribui para a sustentabilidade das finanças públicas"...

– Entra dinheiro, mas entram as responsabilidades e é hilariante quando vejo agentes políticos a dizer que há almofadas e que o dinheiro pode ser canalizado para outros fins. Na verdade, podemos estar a comprometer as gerações futuras na medida em que as responsabilidades destas pensões aparecerão mais tarde, e se o dinheiro for desviado para outros fins terão de se encontrar outros modos de financiamento para as pensões.

– O que pode o Governo fazer no futuro para atingir os objectivos orçamentais, sem recorrer a este expediente?

– De uma vez por todas: que se cumpra o que está no memorandum de entendimento com a troika e no Orçamento do Estado. Não é com ilusões que lá vamos. Se não fosse este expediente, o défice seria de 7%. Temos de inverter o caminho, mudar o paradigma, ter contas rigorosas e cumprir o que está estabelecido.

Luís Figueiredo Silva

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-3\_janeiro-Notícia1.3jan.doc.txt

VILA NOVA DE GAIA

ENCAPUZADOS ROUBAM BANCO À MÃO ARMADA

Entraram na dependência do Banif dos Carvalhos, Vila Nova de Gaia, de cara tapada e de arma em punho. Depois de várias ameaças, a dupla de ladrões conseguiu fugir com o dinheiro a alta velocidade. Tudo aconteceu ontem, ao início da tarde, cerca das 14h10. Logo após o intervalo de almoço, os ladrões resolveram actuar e espalharam o pânico dentro do banco. Em apenas alguns minutos, e ameaçando de morte todos aqueles que não obedecessem, os assaltantes recolheram todo o dinheiro. Ao ver uma pistola prateada pronta a disparar e temendo pela vida, funcionários e clientes viram-se obrigados a dar tudo o que tinham. Já na posse do dinheiro os criminosos conseguiram fugir num Opel Corsa, de cor cinzenta. Segundo alguns moradores das imediações do banco, o roubo foi rápido e não despertou atenções. A GNR dos Carvalhos tomou conta da ocorrência, mas o caso está agora sob a alçada da PJ do Porto. Ontem, ao fecho desta edição, os ladrões ainda não tinham sido identificados pelas autoridades.

Catarina Gomes Sousa

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-3\_janeiro-Notícia\_2.3jan.doc.txt

"Foi uma noite de muita aflição"

Manuel Martinho e 6 familiares, entre eles os três netos, hospitalizados por inalação de gás

Manuel Martinho, 63 anos, era ontem o rosto do sofrimento, após uma noite de pânico na sua casa, no bairro do Car, em Camarate, Loures. "Senti uma falta de ar enorme assim que me deitei. Não conseguia respirar", diz ao CM a vítima – intoxicada por monóxido de carbono, tal como a mulher, a filha, o genro e os três netos, de 8, 10 e 12 anos. Foram assistidos e já estão todos livres de perigo.

Domingo deveria ter sido um dia de festa, mas um fogareiro levado para dentro da casa durante a tarde levou à intoxicação das sete vítimas.

"As crianças eram a nossa maior preocupação. Foi uma grande aflição", recorda. Miguel, Tiago e Joana foram transportados, tal como os restantes familiares, para o Hospital de Santa Maria, mas a meio da madrugada as crianças foram transferidas para o Hospital da Marinha, onde as máquinas de desintoxicação são mais eficazes.

Assim que começaram a sentir falta de ar e tonturas, deram o alerta: "A minha filha ligou para a Linha de Saúde 24, que disse para irmos logo para o hospital, sem esperar mais. O meu genro desmaiou quando chegámos". Os quatro adultos estiveram até de madrugada a receber oxigénio e às primeiras horas da manhã receberam alta.

Magali Pinto \* Joana Domingos Sá

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-3\_janeiro-Opinião\_1.3jan.Sem\_honra\_nem\_glória.doc.txt

Sem honra nem glória

Na maioria das câmaras portuguesas, vive-se um estranho vazio de poder. Os presidentes já pouco ou nada mandam. E isto porque quase dois terços estão de saída, por força da lei que limita os mandatos.

Nos últimos tempos, com a perspectiva do abandono, os poderes clientelares que os autarcas criaram ao longo de anos começam a rebelar-se contra eles. Multiplicam-se já as lutas fratricidas pela sucessão.

São muitos os jogos de sombras e as manobras de bastidores.

Os presidentes cessantes, salvo honrosas e raras exceções, ficaram embriagados por anos de poder e combatem agora ferozmente pela sua sobrevivência política.

Alguns anseiam por um posto na administração pública ou disputam um cargo numa qualquer empresa pública.

Este caminho é uma tentação sobretudo para os social-democratas, que assim aproveitam a boleia das recentes mudanças governativas. Mas os "tachos" são hoje menos e mais pequenos. E ainda bem!

Há ainda quem tente a sua sobrevivência na política autárquica, anunciando a sua eventual candidatura a um concelho vizinho, cujos eleitores se renderiam aos seus encantos.

Tentam desta forma manter o seu grupo de apoiantes coeso e os seus negócios intactos. Mas sabem que não vão poder candidatar-se.

A lei de limitação de mandatos determina que "o presidente de câmara municipal só pode ser eleito para três mandatos consecutivos". E afirma ainda que "um presidente de câmara municipal, depois de concluídos os mandatos referidos, não pode assumir aquelas funções (de presidente "de" câmara) durante o quadriénio imediatamente subsequente ao último mandato consecutivo permitido". Claro como água.

A limitação de mandatos veio pois condenar os caciques, os presidentes plenipotenciários de outrora, a uma angústia sem solução.

Um lugar na administração pública, pouco provável, não lhes confere o poder nem os negócios a que estão habituados. E uma nova candidatura é uma miragem.

Em desespero e agarrados ao poder, arrastam-se agora até ao final do mandato, sem honra nem glória.

Paulo Morais \* professor universitário

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-3\_janeiro-reportagem.doc.txt

Património – Declarações no tribunal constitucional

Isaltino tem 369 mil euros na Suíça

De 2003 para 2005, o autarca de Oeiras aumentou as poupanças depositadas na UBS em quase 1054%

Isaltino Morais tem 369 284 euros depositados na União de Bancos Suíços (UBS). Entre a sua demissão do Governo em Abril de 2003, após a denúncia pública de ter ocultado contas bancárias na Suíça e na Bélgica, e Outubro de 2005, o autarca de Oeiras aumentou as poupanças colocadas naquele banco suíço, através de várias aplicações financeiras, em quase 1054%. E esse dinheiro está, segundo apurou o CM, bloqueado desde que Isaltino Morais foi investigado por ter escondido as contas na Suíça e na Bélgica, processo que conduziu à sua condenação a dois anos de prisão.

As declarações de rendimentos apresentadas por Isaltino Morais no Tribunal Constitucional, enquanto ministro das Cidades e presidente da Câmara de Oeiras, revelam com detalhe as aplicações financeiras depositadas na UBS.

Quando entregou a declaração de rendimentos da cessação de funções de ministro das Cidades em 2003, Isaltino Morais afirmou ter participações num fundo da UBS no valor de 47 869 francos suíços, o equivalente a cerca de 32 mil euros (considerando uma cotação média franco suíço/euro de 0,6579 naquele ano).

É nessa declaração de rendimentos que Isaltino Morais justifica a ocultação ao Tribunal Constitucional da conta bancária na UBS. No final do espaço reservado às aplicações financeiras, diz assim uma nota: "Conta não referida por lapso, na declaração apresentada no início de funções [de ministro das Cidades], em 2002." Passados três anos, quando apresentou a declaração de rendimentos do início de funções de presidente da Câmara de Oeiras em Outubro de 2005, as aplicações financeiras depositadas na UBS dispararam para o valor total de 369 284 euros. E esta verba estava repartida por investimentos em acções, obrigações, fundos imobiliários, mercado monetário. Desde então, segundo as declarações de rendimentos apresentadas no Tribunal Constitucional em 2007,2008 e 2009,0 montante das poupanças depositadas na UBS manteve-se inalterado.

Como a conta nesse banco suíço foi bloqueada pelas autoridades judiciais durante o inquérito à ocultação das contas na Suíça e na Bélgica, o dinheiro só poderá ser movimentado depois de o processo, que tem sido alvo de sucessivos recursos de Isaltino Morais para os tribunais superiores, estar resolvido: ou seja, se o autarca for preso ou se o processo prescrever.

António Sérgio Azenha \* Eduardo Dâmaso

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-7\_fevereiro-opinião2.7\_de\_fevereiro.doc.txt

É lixado ser herdeiro

Consta que António José Seguro desabafou na comissão nacional que quem no PS negociou o programa de ajuda externa não o pode criticar agora que ele – abotoado no sobretudo de líder da oposição – se sente obrigado a cumprir o seu conteúdo. Lembrou ainda que não tinha sido ele a negociar ou a assinar o memorando. É verdade, não foi. Seguro disse também que, embora discordasse de vários pontos, honraria os compromissos. Pedro Passos Coelho concorda com quase tudo. A assinatura do acordo com a troika é a sogra que marido algum quer ter a fama de gostar de convidar para o almoço. Escreveu-se que o desabafo de António José Seguro mais não era que um recado para o partido órfão que o pôs no lugar que ocupa, por morte do pai político. No final da manhã, o homem com sobrenome de respeito – seguro – ainda dizia que não prestava declarações. A sua frase pode até ficar para a história desta esfomeada política portuguesa. "Agora já é tarde, tenho de ir almoçar." Ocorre-nos a frase de Alexandre, o Grande, o rei da Macedónia que fez império dos Balcãs à Índia: "Eu não temo um exército de leões liderado por uma ovelha, e sim um exército de ovelhas liderado por um leão".

Fernanda Cachão

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-7\_fevereiro-entrevista.7\_de\_fevereiro.doc.txt

Catarina Mira está afastada da televisão desde Agosto e tem-se dedicado ao curso de Jornalismo. A jovem está dividida entre a informação e o entretenimento e, enquanto não surgem convites, vai candidatar-se a uma bolsa no estrangeiro

"Em Portugal já não há trabalho"

- Trabalhou recentemente como relações públicas numa festa. Pretende repetir a experiência?
- Não estava à espera de fazer este tipo de trabalhos mas, uma vez que não estou a trabalhar, não me importo nada.
- O que tem feito desde que deixou o 'Disney Kids' (SIC), no Verão passado?
- Agora estou concentrada na faculdade, a terminar o curso de Jornalismo. Quero ter uma boa média, porque vou pedir uma bolsa de valorização artística internacional. Se não conseguir, vou tirar um mestrado em Setembro, também no estrangeiro.
- Em que área gostava de trabalhar?
- Sou multifacetada. Ainda não experienciei o suficiente para saber de que área gosto mais. Não sei se irei ser apresentadora, atriz, escritora ou jornalista.
- Mas o entretenimento e a informação não são áreas compatíveis...
- Pois, para ser jornalista terei de abdicar da televisão. Tirei este curso porque ajuda a criar os meus guiões de entrevista e é um curso de cultura geral.
- Tem saudades da televisão?
- Tenho bastantes. O 'Disney' foi uma experiência muito boa. Passei lá anos muito especiais. Comecei com 16 anos.
- Não surgiram convites depois disso?
- Não tem havido muita agitação na televisão. Os castings foram todos na área da publicidade e para o estrangeiro. Em Portugal já não há trabalho.

Vânia Nunes

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-7\_fevereiro-notícia1.7\_de\_fevereiro.doc.txt

ESCÂNDALO. EX-TREINADOR E AMIGOS FALAM EM DÍVIDAS E "VÍCIO DAS MULHERES"

Rei das montanhas nas malhas do crime

O solitário que assaltou 20 bancos na Grande Lisboa, à mão armada, é Carlos Teixeira, ex-campeão de ciclismo do Boavista FC, que se destacou na Volta a Portugal

As dívidas acumuladas e o "vício das mulheres" dizem os amigos, levaram Carlos Teixeira dos picos das montanhas, onde ganhou o estatuto de rei na Volta a Portugal de 1996, até aos calabouços da Zona Prisional da Judiciária, na última quarta-feira. O solitário que assaltou à mão armada 20 bancos na Grande Lisboa, é, afinal, um famoso ciclista do Boavista FC, que até 2002 'só' caíra, por duas vezes, nas malhas do doping.

"Gastava tudo o que ganhava com ele e com os outros," recorda ao CM o ex-treinador da equipa de ciclismo do Boavista FC, José Santos. E os amigos próximos, entre eles o ex-ciclista Raul Matias, referem que Carlos Teixeira era "muito influenciável. Ele ficou assim desde a morte do irmão [década de 90]. Tornou-se uma pessoa vaga. E quando começou no negócio da electrónica tudo descambou. Ainda me deve dinheiro", diz. Mas apesar dos inúmeros cheques

sem cobertura passados, entre os amigos não lhe eram conhecidos problemas com a Justiça.

Agora, 'Ray-Ban', alcinha que os inspectores da Unidade de Contra-Terrorismo da Polícia Judiciária puseram ao assaltante, de 42 anos, por atacar sempre com os óculos de marca, enfrenta mais do que o Conselho Nacional de Antidopagem: até 15 anos por cada um dos 20 bancos que invadiu de pistola em punho, de 1 de Abril de 20, a 25 de Janeiro deste ano, na Parede (ver mapa). Arrisca pena máxima: 25 anos de cadeia.

O ex-ciclista, que até há uma semana era comercial de uma empresa de telecomunicações e que vivia em Cascais, está agora em prisão preventiva. Confessou que queria dinheiro para abrir o seu próprio negócio e somava várias dívidas. "Eu sabia que ele tinha dificuldades financeiras. E a mulher com quem ele andava contribuiu para a desgraça, mas não esperava isto", diz Matias. Joaquim Gomes, ex-colega de pelotão de Teixeira e o actual director da Volta a Portugal, diz: "Ninguém adivinhava que ele podia fazer uma coisa destas. Como pessoa tinha argumentos para não ter necessidade de o fazer".

Henrique Machado \* Filipe A. Ferreira \* Nelson Rodrigues

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-7\_fevereiro-notícia2.7\_de\_fevereiro.doc.txt

## CRIME EM CANEÇAS, ODIVELAS

Amarrada e assassinada

Henriqueta Rodrigues, de 53 anos, foi ontem pelas 18h30 encontrada morta dentro de casa, em Caneças, Odivelas, pelo próprio marido. A vítima (doméstica) tinha as pernas atadas e um pano na boca preso com fita adesiva. O corpo estava prostrado no chão da sala, de barriga para cima, estando todas as divisões da casa remexidas. "O meu pai saiu de manhã, para ir trabalhar, e quando chegou ao fim da tarde encontrou a minha mãe amarrada, com um pano na boca, e com a cara amassada. Está tudo partido e dá a entender que se tratou de um assalto", disse ao CM Nelson Rodrigues, 29 anos, um dos dois filhos da vítima. A habitação foi assaltada três vezes nos últimos cinco anos. A PSP foi chamada ao local e inspectores da secção de homicídios da PJ recolheram indícios na casa.

João Tavares

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-7\_fevereiro-reportagem.7\_de\_fevereiro.doc.txt

Idosos mais seguros

Serviço de teleassistência em 1000 casas para garantir apoio médico de urgência

Francelina de Jesus, que completa 94 anos na próxima semana, é uma das 1000 idosas referenciadas pela União das Misericórdias Portuguesas a receber gratuitamente um sistema de teleassistência.

À distância de um simples botão, Francelina e a filha, Maria de Jesus Carmo, de 68 anos, têm acesso a uma linha telefónica que lhes garante assistência médica de urgência e o alerta dos familiares. "É um aparelho útil para ela e para mim, que sou diabética, dependente de insulina", afirmou Maria de Jesus Carmo, que vive com a mãe na Amadora, comentando o serviço disponibilizado pela Portugal Telecom, numa parceria com a União das Misericórdias Portuguesas (UMP): "Na semana passada, cheguei a casa das compras e a minha mãe estava caída no chão. Com este serviço, sentimo-nos mais seguras".

O equipamento não é mais do que um telefone, com teclas grandes, para facilitar a marcação, e um botão de SOS. Além disso, existe também um pendente, que deve estar sempre com o idoso, que permite accionar o sistema à distância.

"A tecnologia deve estar ao serviço das pessoas e pode evitar situações como as verificadas nos últimos tempos, de idosos isolados " encontrados mortos em casa, referiu Ana Dias, responsável pela gestão da inovação da PortugalTelecom, dando conta de que o "serviço está disponível a qualquer hora e dia, durante todo o ano".

Após carregar no botão SOS, um assistente estabelece a ligação para a casa do utente e, caso não obtenha resposta, acciona os mecanismos de socorro necessários. "Se existir resposta, a pessoa conversa com o idoso e faz perguntas de forma a perceber qual a melhor resposta a dar", adiantou Ana Dias, elogiando o papel da UMP na identificação dos idosos isolados.

André Pereira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-7\_fevereiro-opinião1.7\_de\_fev..doc.txt

Ambrósio

O sistema de Justiça absolveu Valentim Loureiro no caso da quinta do Ambrósio. Mesmo com provas evidentes, os tribunais não conseguem, mais uma vez, apanhar os poderosos.

Na Câmara de Gondomar, com a participação ou patrocínio de Valentim Loureiro, um terreno agrícola é adquirido por um milhão de euros. A classificação do solo é alterada e em seis dias o terreno é vendido pelos protegidos de Valentim por cerca de quatro milhões. Esta operação de tráfico de terrenos, caucionada pela câmara, gerou uma margem de lucro de 300 por cento.

Mas as vigarices não ficam por aqui. O terreno é adquirido a um preço exorbitante por uma empresa pública, a STCP, cujo presidente de então dependia organicamente de... Valentim Loureiro. Na posse do terreno, a STCP deixou-o ao abandono. Até hoje.

Chegado o caso a tribunal e ao fim de um longo processo com mais de dez anos (!), Valentim é absolvido.

Na leitura da sentença, o juiz veio declarar que a Câmara de Gondomar funciona como uma agência de intermediação imobiliária.

Mas não tira daí qualquer consequência. As razões da absolvição não se percebem. Mas serão uma de três: ou o crime julgado não foi bem identificado ou definido, o que será inadmissível; ou a acusação foi mal conduzida e estamos perante uma enorme incompetência do Ministério Público; ou o julgamento foi condicionado pela política.

Em suma: os amigos de Valentim compraram um terreno que Valentim, na câmara, valorizou; os amigos venderam a uma empresa pública gerida por outros amigos de Valentim e a um preço influenciado por este. Os amigalhões ficaram milionários. "Foi sorte", diz ele. Sorte deles e azar nosso, dos contribuintes que pagamos esta fraude com o dinheiro dos nossos impostos.

Este caso tornou-se emblemático. Incorpora todos os ingredientes: autarcas, familiares destes, advogados ardilosos, fuga ao Fisco, empresas públicas mal geridas, urbanismo nada sério, tribunais incompetentes. Perante esta política nauseabunda, Ambrósio, apetece-me algo. Tomei a liberdade de pensar nisso. Talvez uma revolução.

Paulo Morais \* professor universitário

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Correio-7\_fevereiro-crónica.7\_de\_fevereiro.doc.txt

O Carnaval de Passos

O primeiro-ministro cismou em cortar aos funcionários públicos o tradicional dia de Carnaval e com isso dar o exemplo à iniciativa privada: todos a trabalhar, que os tempos não estão para folestria e o País precisa de produzir. O zelo do chefe do Governo foi acolhido pelos empresários sem grande entusiasmo: uns encolheram os ombros com indiferença; e outros, apesar de reconhecerem que o dia de trabalho não acrescenta um cêntimo à economia, não discordam. Se Portugal fosse um País industrializado e exportador, um dia de trabalho faria toda a diferença. Mas empresas – como a Autoeuropa – estão a produzir em excesso. Mais trabalho só atrapalha. Passos Coelho não conhece o País que governa.

Manuel Catarino \* subdirector

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-10\_janeiro-opinião2.\_10\_de\_janeiro.doc.txt

Crédito malparado e liquidez bancária

O crédito malparado mais do que triplicou desde o início de 2008, revelam os dados de Novembro divulgados ontem pelo Banco de Portugal. Os valores acumulados do incumprimento de famílias e empresas já atinge 12,4 mil milhões de euros, dos quais 3,7 mil milhões só entre Janeiro e Novembro de 2011. No caso das famílias, os maiores aumentos do incumprimento dizem respeito ao crédito ao consumo e ao crédito para outros fins. Mas o malparado no crédito à habitação também está a aumentar, embora a níveis mais modestos, porque essa é a última coisa que as famílias deixam de pagar e só o fazem quando já não lhes resta outra alternativa. Ao mesmo tempo o crédito bancário também tem diminuído fortemente para os particulares, com a quebra do crédito para a compra de casa a atingir 68,4% em Novembro de 2011, quando comparado com o mesmo mês do ano anterior. Tudo porque os bancos têm dificuldade em obter 'funding' para crédito e porque, num momento de escassez, o crédito disponível tem de ser canalizado para as empresas. Ao mesmo tempo, os bancos estão mesmo a tornar-se em grandes proprietários imobiliários com as casas cujos créditos não são pagos por quem as adquiriu e com as outras que os construtores, que também pediram crédito

para as construir, acabaram por não colocar no mercado. Uma situação que justifica a cautela com que os bancos têm de continuar a abordar a concessão de crédito à habitação, aumentando o provisionamento dos créditos de cobrança duvidosa e os 'spreads' para os novos contratos. Existem cerca de um milhão de casas devolutas em Portugal e a grande aposta da banca num período de crise como a actual tem de ser no financiamento das empresas produtoras de bens transaccionáveis e exportáveis.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-10\_janeiro-Entrevista.10\_de\_janeiro.doc.txt

Quatro perguntas a...

Luísa Cerdeira (pró-reitora da Universidade de Lisboa e especialista em financiamento do ensino superior)

"O valor das bolsas terá tendência a baixar este ano"

Apesar de considerar que este novo regulamento traz uma forma de calcular o rendimento 'per capita' "mais favorável", Luísa Cerdeira sublinha o corte de um mês no valor da bolsa máxima, o que faz com que o nível de apoio venha a baixar este ano.

Quais são as regras com mais impacto nos estudantes?

O Governo manteve o valor limite do rendimento elegível das famílias, mas baixou o valor da bolsa máxima, que é portanto do valor da bolsa de referência. De facto, o valor da bolsa máxima era no ano passado 12 vezes o Indexantes Apoio Social e para 2011/2012 passou a ser apenas de 11 vezes. Foi cortado um mês, o que representa menos 8,3%. Desta forma, o valor das bolsas terá tendência a baixar neste ano.

Este regulamento vai incluir mais ou menos candidatos a bolsas de estudo?

O número de estudantes potencialmente elegíveis pode sofrer tensões de sentido contrário. Isto é, pelo facto do rendimento ser considerado na totalidade e não 85% na generalidade dos agregados familiares, o cálculo vai deixar de "fora" mais dos estudantes. Por outro lado, a forma de calcular o rendimento 'per capita' é mais favorável.

O ministro já anunciou que este ano vai exigir 60% de sucesso escolar como condição para a candidatura à bolsa. Esta percentagem é injusta ou exigente demais para os estudantes?

Como regra geral, exigir um bom comportamento em termos de sucesso escolar parece-me bem. Contudo, parece-me que deve haver alguma forma de se considerar momentos com resultados escolares mais negativos, motivados por situações psicológicas de grande impacto (falecimento ou doença grave dos pais, etc). Os SAS devem ter alguma capacidade de intervenção nestas situações e poderem propor, durante períodos restritos, formas de apoio excepcional. Qual é a sua expectativa para o futuro, tendo em conta que em período de crise o Governo mantém também a dotação orçamental de 44 milhões de euros para as bolsas?

A manutenção do valor para o financiamento das bolsas parece-me correcto e mostra um esforço no contexto de crise que estamos passando. Veremos se a aplicação deste novo regulamento não irá de facto redundar no crescimento dos estudantes que terão apenas o valor da propina para pagarem às suas universidades e institutos politécnicos. Por exemplo, um agregado familiar com os pais e um filho estudante no ensino superior, em que os pais ganhem 500 euros por mês cada um deles, equivale a dizer que o filho tem direito a bolsa de estudo, mas apenas receberá o valor da propina e nada mais. Como se percebe, não se pode dizer que um agregado que no conjunto, entre pai e mãe, dispõe de mil euros por mês, que tem um rendimento elevado. Quer dizer que todos os outros custos do estudante (livros, equipamentos, transporte, alimentação etc.) terão de ser totalmente suportados pelos pais.

Ana Petronilho

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-10\_janeiro-Notícia1.\_10\_de\_janeiro.doc.txt

Salários dos banqueiros passados "a pente fino" a partir de hoje

As novas regras do Banco de Portugal foram ontem conhecidas e aplicam-se já às contas de 2011.

Os salários pagos pelos bancos aos seus gestores vão passar a ser escrutinados ao pormenor. Entram hoje em vigor as novas regras sobre a remuneração no sector bancário que vão obrigar a critérios mais rigorosos e a maior transparência na divulgação da política salarial de cada instituição. O aviso do Banco de Portugal, publicado ontem em Diário da República, entra hoje em vigor e, na parte que diz respeito à informação a divulgar sobre a política remuneratória, vai já aplicar-se às contas de 2011, que ainda estão a ser fechadas pelos bancos.

O aviso 10/2011 surge no seguimento das directrizes europeias definidas em 2010 destinadas a travar políticas de remuneração que incentivem os gestores a assumir riscos injustificados que possam, no limite, pôr em causa a própria

instituição. Procura-se assim dar seguimento a algumas das lições tiradas da crise financeira.

Para além da componente da divulgação de informação, o Banco de Portugal define os critérios que os bancos terão obrigatoriamente de ter em conta nas suas políticas salariais. Os detalhes são muitos mas entre as novas exigências está o facto de a política de remuneração dever ser "adequada e proporcional à dimensão, organização interna, natureza, âmbito e complexidade da actividade da instituição".

O aviso obriga à constituição de uma comissão de remunerações todos os bancos ou empresas de investimento que tenham mais de 1.500 colaboradores, custos anuais com salários dos trabalhadores de mais de 15 milhões de euros ou custos com a administração e órgãos de fiscalização de mais de um milhões, entre outros critérios.

Quando a remuneração concedida inclui, na parte variável, a atribuição de 'stock options', os administradores devem, até ao fim dos seus mandatos, "manter as acções da instituição (...) até ao limite mínimo de duas vezes o valor da remuneração total anual".

Um ponto importante neste aviso é o facto de os colaboradores 'visados' em termos de divulgação das suas remunerações não serem apenas os membros dos órgãos de administração e de fiscalização. Também os que, não o sendo, têm funções "com responsabilidade na assunção de riscos por conta da instituição", os que, pelo seu salário total, estão no mesmo escalão remuneratório que a administração ou fiscalização do banco, assim como os que exercem funções de controlo interno estão incluídos.

Maria Ana Barroso

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-10\_janeiro-Notícia2.10\_de\_janeiro.doc.txt

Berlim avisa que próxima tranche para a Grécia está em risco

Merkel acertou ontem pacto orçamental com Sarkozy. Hoje recebe Christine Lagarde para debater a crise grega.

A Grécia corre o risco de ficar sem o financiamento internacional, se não implementar rapidamente as reformas que lhe são exigidas e não conseguir chegar a acordo com os credores privados para um perdão da dívida. O aviso foi feito ontem por Angela Merkel em Berlim, após uma reunião com Nicolas Sarkozy. A chanceler alemã recebe hoje a directora do FMI para debater o futuro de Atenas.

"Temos de ver progressos na reestruturação da dívida grega. De outra forma, chegaremos a um ponto em que não seremos capazes de pagar a próxima tranche de ajuda à Grécia", disse ontem Angela Merkel, acrescentando, porém, que a intenção de Berlim "é que nenhum país tenha de sair do euro".

A chanceler alemã falava depois de um encontro bilateral com o presidente francês, onde acertaram detalhes do pacto orçamental – assinado por 26 Estados-membro da União Europeia na cimeira de Dezembro e que ficará fechado, no máximo, em finais de Março – e discutiram medidas para promover o crescimento e o emprego na Europa.

Para Merkel, a Grécia tem que fechar rapidamente um acordo com os credores privados, para que estes perdoem parte da dívida helénica que têm na sua posse. O acordo é parte crucial do segundo pacote de resgate ao país, que prevê a reestruturação de parte da dívida pública do país.

Os credores já tinham sinalizado que estariam dispostos a aceitar um 'haircut' de 50%, mas Atenas quer elevar o valor para 75%. "Do nosso ponto de vista, o segundo pacote de resgate à Grécia deve ser posto em marcha rapidamente", frisou a chanceler alemã.

A posição de Berlim foi reforçada pouco depois, pela voz do ministro das Finanças, que exigiu rapidez nas reformas gregas, para o financiamento internacional não ser colocado em causa. "A Grécia tem de implementar o que foi acordado", disse Wolfgang Schäuble, pois "os fundos de resgate do mundo todos juntos não serão suficientes se os problemas [que originaram a crise] não forem solucionados de forma credível".

Ontem, o jornal grego "Ta Nea" avançou que a 'troika' exigiu a Atenas que congele os salários do sector privado durante três anos, como condição para receber o segundo pacote de resgate.

A chanceler recebe hoje em Berlim a directora do FMI, Christine Lagarde, para debater o futuro da Grécia. Recorde-se que, no fim-de-semana, o diário alemão "Der Spiegel" noticiou que os técnicos de Washington perderam a fé na capacidade de Atenas consolidar as contas públicas e reduzir o endividamento. O FMI estaria, por isso, disposto a tentar adaptar alguns pontos do resgate internacional à actual conjuntura económica. Ninguém do Fundo desmentiu ainda a notícia.

Luís Reis Pires

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-10\_janeiro-reportagem.10\_de\_janeiro.doc.txt

Lionel Messi é o melhor do Mundo mas Cristiano Ronaldo ainda vale mais

Português obtém vantagem nos rendimentos e atrai mais marcas. Argentino faz História ao igualar Michel Platini com três triunfos seguidos.

"Ficarei muito feliz se me juntar a Michel Platini, o único jogador a conquistar três vezes seguidas o troféu Bola de Ouro ": Lionel Messi disse-o em entrevista à "France Football" a 1 de Novembro do ano passado. Ontem, na gala da FIFA para distinguir o melhor do Mundo, a vontade anunciada concretizou-se e Platini estava no palco com o brasileiro Ronaldo, a quem coube anunciar o nome do argentino. Além de Messi, que venceu com 47,8% dos votos contra 21,6% de Ronaldo e 9,27 de Xavi, a cerimónia consagrou o Barcelona em toda a linha como se esperava – Guardiola sucede a Mourinho como melhor técnico mundial, na equipa do ano a maioria é catalã.

"É um prazer muito grande ganhar este prémio pela terceira vez", referiu Messi. "Agradeço a quem votou em mim e à equipa, sem a qual seria impossível vencer. E tu também o mereces", disse o argentino, dirigindo-se a Xavi. "Partilho este troféu com Ferguson e Mourinho, é uma honra ser companheiro de profissão dos dois", agradeceu Guardiola.

"Para mim é um privilégio fazer parte da história do Barcelona e dedico o prémio aos apaixonados por este desporto que há 100 anos trabalham no clube."

No duelo entre Ronaldo e Messi, a superioridade em campo ainda não é acompanhada pelos rendimentos – neste aspecto, o madeirense continua a valer mais. "Tendo em conta, por exemplo, a lista dos desportistas mais bem pagos de 2010 publicada pela revista Forbes, Ronaldo somou 35,8 milhões de dólares contra 27 milhões de Messi, um na 13.<sup>a</sup> posição, o outro em 27.º lugar. No fundo, a lógica é semelhante ao que divulgámos sobre Mourinho e Guardiola", defende Daniel Sá, líder do IPAM de Porto e Aveiro. "Não creio que Ronaldo seja ultrapassado nesta questão, a não ser que sofra uma lesão grave."

Do ponto de vista da imagem, Messi e Ronaldo emanam valores opostos. "Pode dizer-se que Messi tem boa imprensa porque, no caso dele, só se fala de futebol, o que não acontece no caso do Ronaldo", explica Armando Villas-Boas, especialista do IADE em Cultura Visual no Desporto. Enquanto Messi "é uma figura positiva que pode vir a integrar um grupo de jogadores lendários onde estão, por exemplo, Pele, Maradona ou Figo", Ronaldo "caracteriza-se por um espírito vencedor mas também por uma espécie de narcisismo. Exibe vários deslizes no comportamento e estes acabam por ser graves em termos de imagem. Não consigo encontrar alguém que goste de Ronaldo como pessoa", admite Villas-Boas.

O que preferem as marcas

Sá destaca o que considera ser a estratégia seguida pelas marcas. "Por norma, escolhem veículos que despertem mais a atenção e Ronaldo, nesse aspecto, assume superioridade e tem à sua volta uma dinâmica muito diferente. Por exemplo, até com aquilo que veste o português revela preocupações, definindo um estilo. Messi é muito mais discreto – tem o potencial de astro e de bem comportado que algumas marcas valorizam mais, mas Ronaldo é mais mediático."

Já Villas-Boas acredita que "Ronaldo é mais mediático face a Messi em Portugal, mas o mesmo não acontece em Espanha ou noutros países europeus". No que diz respeito às marcas, o especialista confessa não ter dúvidas de que Ronaldo é mais atraente, mas deixa um aviso: "Cristiano vai ter sempre o mercado dele que se preocupa só com o facto de ser famoso. Mas isso também pode ser uma bomba-relógio caso mantenha o comportamento errático."

O holandês Johan Crujff não hesita em admitir que Messi pode ganhar "cinco, seis ou sete vezes a Bola de Ouro", mesmo considerando injusto que "Xavi não ganhe uma". O médio catalão, companheiro de equipa do número 10, foi o mais eloquente na apreciação: "É difícil ganhar a Bola de Ouro ao melhor jogador da História." Ainda não é assim, mas Messi só tem 24 anos e muitos desafios pela frente.

Paulo Jorge Pereira \* Marta Talhão

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-10\_janeiro-crónica.10\_de\_janeiro.doc.txt

Três desejos para 2012

O ano aproxima-se do fim e este é o momento em que todos formulamos os nossos desejos para o ano seguinte. Para além dos tradicionais saúde, paz e alegria, que é habitual desejarmos aos nossos familiares e amigos, gostaria de terminar o ano 2011 com mais 3 desejos para 2012. São 3 desejos que não serão apenas válidos para o próximo ano, mas sim para a década em que vivemos.

Inspirei-me nas palavras de José Luis Sampedro, renomado economista espanhol, que com a sabedoria dos seus 94 anos, tem sido um dos apoiantes do movimento de "Los indignados", em Espanha.

Chegou a hora de criarmos um futuro melhor. Todos nós sabemos disso. É preciso assumir essa consciência, essa

vontade de mudança, para criarmos um mundo e uma sociedade sustentável. Por isso, o ano de 2012, o nosso futuro, tem de ser ético, ecológico e estético. Começamos pelo primeiro desejo – ético. A organização 'Transparency International' edita todos os anos um estudo sobre o nível de corrupção por país. O mapa mundi deste estudo está colorido de tons avermelhados, numa imagem que nos mostra um claro subdesenvolvimento ético da nossa sociedade. Destacam-se pela positiva os países escandinavos, Singapura e Nova Zelândia, mas a grande maioria das outras nações apresenta elevados níveis de corrupção. A crise que vivemos atualmente não é apenas uma crise financeira. É acima de tudo uma crise ética. Recordemo-nos dos múltiplos escândalos que grassaram no setor financeiro nos últimos anos ou das sucessivas demissões de ministros no Governo da Presidente Dilma. Não há dúvida que para construirmos um mundo melhor precisamos de uma sociedade mais ética e transparente.

Sobre ecológico, escrevi no último artigo de opinião (Insustentabilidade). Os resultados da Conferência do Clima (COP-17) em Durban, parecem claramente insuficientes para abrandar a tendência das mudanças climáticas em marcha. Já se antecipa um aumento da temperatura média do Planeta de 3,5 graus celsius, em vez dos 2,0 graus, que os cientistas recomendaram como limite aceitável do aquecimento global. Acordar que em 2015 assumiremos compromissos de reduções de emissões para entrarem em vigor a partir de 2020, é uma atitude imprudente dos governantes mundiais, perante um problema que afectará inevitavelmente as atuais e futuras gerações. Em 2012, a Conferência Rio+20 será uma nova oportunidade para tratarmos este tema com o respeito e cuidado que ele merece, a tempo de evitarmos uma "falência ecológica". Finalmente, queremos um 2012 mais estético. Acima de tudo referimo-nos à importância da educação e da cultura para uma refundação civilizacional (ética, social e política) e também dos movimentos artísticos, fundamentais para o desenvolvimento ideológico da nossa sociedade. Em períodos de crise há tendência para se considerar a arte como um desperdício. O 'New Deal' de Roosevelt foi um bom exemplo do contrário, que nos pode inspirar para o momento presente. As artes floresceram na América dos anos 30 e reavivaram a nação, ajudando-a a sair da Grande Depressão. Em 2012, celebra-se o ano de Portugal no Brasil e vice-versa. Esta será uma boa oportunidade para reforçarmos relações no espaço da lusofonia, reafirmando a centralidade da língua portuguesa no novo cenário mundial.

Se construirmos um 2012 mais ético, mais ecológico e mais estético, estaremos a construir um futuro mais sustentável. Estaremos a crescer em civilização e humanidade.

Excelente 2012 para todos!

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-10\_janeiro-Opinião1.10\_de\_janeiro.doc.txt

Amigos, amigos, tranches à parte

A chanceler alemã Angela Merkel recebe hoje em Berlim a directora do FMI, Christine Lagarde, para discutir o futuro da Grécia. No último fim-de-semana, o diário 'Der Spiegel' alertava para a perda de fé dos técnicos de Washington em Atenas, dada a sua incapacidade para consolidar as contas públicas e reduzir o endividamento. O que é que é estranho nesta imagem? É o futuro da Grécia que está em cima da mesa e nenhum dos decisores, aparentemente, fala grego ou pára em Atenas. Estão todos em Berlim, Paris, Bruxelas, Washington – mas, aparentemente, todos se estão a ver gregos para encontrar uma solução para o novelo enrodilhado em que a economia grega se tornou.

Como se não bastasse o embaraço de Atenas para tapar o buraco financeiro na sua própria casa, Angela Merkel subiu de novo ao palanque para apontar o dedo: ou há progressos rápidos no plano de reestruturação da dívida grega ou não haverá dinheiro para a próxima tranche de ajuda ao país. Uns dirão que é Angela Merkel a puxar dos galões antes de abrir os cordões à bolsa para garantir que não os abre à toa. Outros dirão que é o descontrolo do governo grego que não consegue travar a queda desamparada do país no abismo. É possível que Atenas tenha mesmo perdido o controlo da gestão e das contas públicas. Mas ao fazer ameaças como a de ontem, Angela Merkel faz pouco pela reabilitação grega e pela sua manutenção no euro. E há um efeito de arrastamento que pode começar com essa saída da Grécia e que seria sensato travar.

As sucessivas réplicas da crise continuam a abalar os pilares da Europa e, apesar dos esforços de controlo, o risco de desmoronamento mantém-se. Um risco agravado quando as más notícias se multiplicam diariamente. Exemplos? Espanha diz que precisa de um ajustamento na ordem dos 16,5 mil milhões de euros, mas a Moody's contesta e avança com um valor quase três vezes maior. O governo italiano está concentrado na aplicação de medidas de austeridade, mas os juros de dívida já negociam acima de 7% (a fasquia mágica, alguém se lembra?) e o catastrofista Nouriel Roubini já veio dizer que Itália não tem hipótese: vai acabar por precisar de ajuda dos parceiros europeus. Até ver, Portugal está safo. Do descontrolo grego, das ameaças alemãs, de mais profecias negras do Dr. Doom. Mas não está livre de perigo. A postura de bom aluno, que cumpre escrupulosamente as ordens que vêm de Bruxelas ou de

Berlim, e que estão a garantir algum controlo na despesa pública, está a valer-lhe um desconto na pressão dos seus credores. Só que, à medida que surgem mais economias em apuros, começa também a escassear o dinheiro que é necessário para as salvar. E encontrar uma solução única para o dilema europeu, torna-se mais urgente que nunca. O Nobel da Economia, Joseph Stiglitz deixou ontem o recado: Portugal é demasiado pequeno e vai precisar de mais do que o crescimento interno para se salvar. É prioritário um crescimento europeu mais rápido, mais apoio para os países em dificuldades e um banco central concentrado no crescimento e no emprego e não na inflação. Isso leva-nos de volta a Berlim, a Paris, a Bruxelas, a Washington. Porque é aí, no final de contas, que se está a jogar o futuro da Grécia, de Portugal, de Espanha, de Itália. Da Europa. Só será desejável que Merkel desista do papel de líder castigadora e, em vez de pontar o dedo ameaçador, aponte um caminho para sair da crise. Porque esta mesa de decisores tornou-se um eixo estratégico, mas não precisa de ser um eixo do mal.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-14\_fevereiro-crónica.14\_de\_fevereiro.doc.txt

Um golo na própria baliza?

Os clubes de futebol, como se suspeitava há anos, não cumpriram o acordo assinado com o Estado para o pagamento das suas dívidas fiscais, o conhecido Totonegocio. Por responsabilidade dos outros, claro, não dos clubes de futebol que foram, como se sabe, austeros, conservadores e rigorosos na gestão das suas contas, nas contratações e nos salários, nos projectos imobiliários que eram a resposta milagrosa para todos os problemas... Claro, no mundo da fantasia, não a futebolística, que é bem-vinda, mas financeira.

O novo presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Fernando Gomes, diz, e acredita no que diz, que os clubes cumpriram o acordo e pagaram o que deviam. Mas há um 'pormaior': o Estado reclama cerca de 33 milhões de euros de 88 clubes que estão em dívida. Portanto, os clubes pagaram o que devem, mas há uma dívida. Confusos?

Num aspecto, Fernando Gomes tem razão. O Totonegocio é, ele próprio, o pecado original, porque foi estruturado de tal forma que é possível hoje dizer, como no ditado popular, que 'todos ralham e ninguém tem razão'.

Em 1999, quando os clubes de futebol assinaram um acordo com o Governo de António Guterres, uma espécie de acordo especial no quadro do então chamado Plano Mateus, comprometeram-se a pagar as suas dívidas acumuladas até então, de cerca de dez milhões de contos (50 milhões de euros) com base nas receitas futuras do totobola. Mas houve, claro, uma sobreavaliação destas receitas, como houve, sucessivamente, e com todos os governos, uma subavaliação das dívidas que, entretanto, se acumularam novamente.

O Totonegocio foi a expressão de uma relação promíscua entre o mundo do futebol e do poder político, que não abona em favor de nenhum dos dois. O futebol está longe de ser apenas um entretenimento para desanuviar da crise financeira, económica e social do País, é uma indústria relevante para a economia portuguesa. E que deve ser promovida como tal.

Mas, isso não pode nem deve corresponder a um tratamento de favor. Exige-se que os clubes de futebol façam, como os outros sectores de actividade, um ajustamento no seu nível de vida e que, mais do que isso, paguem o que devem a tempo e horas. Os clubes de futebol devem ser tratados como qualquer outra empresa e, nesse sentido, podem, se o entenderem, beneficiar dos programas que os governos, este ou outro, promovam em matéria de recuperação de empresas. Mas apenas isso.

O ministro do Desporto, Miguel Relvas, já disse publicamente que os clubes de futebol não terão um tratamento de favor. É o mínimo que se exige a um Governo que está a aplicar o maior e mais brutal programa de austeridade de que há memória. E, por isso, não é aceitável que o Estado volte a perdoar os clubes de uma exigência fiscal, com base no argumento de que não fez o que deveria fazer para promover o Totobola.

António Costa \* director

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-14\_fevereiro-opinião2.14\_de\_fevereiro.doc.txt

A tormenta das construtoras

A realidade tem destas coisas contraditórias. Por um lado, defende-se a aliança ou fusão de empresas em apuros para que, juntas e maiores, consigam resistir melhor à tempestade. Defende-se esta ideia na convicção pura de que, quanto maiores, mais fortes. Quanto mais unidos, mais resistentes. Depois olha-se para os balanços dos bancos e (surpresa!) são as grandes empresas nacionais, com créditos superiores a um milhão de euros, que respondem por 80,5% do agravamento do malparado. Trocado por números, são responsáveis por 1,97 mil milhões num universo negro de 2,45

mil milhões de euros em empréstimos que grandes companhias – e não as pequenas e médias que compõem a principal malha do tecido empresarial – deixaram de pagar à banca. Afinal, quanto maior a nau, maior a tormenta. Face à contradição, a pergunta: se a dimensão não as salva do incumprimento, chegará para as fazer superar estes dias até chegar a bonança? A questão ganha relevância quando se sabe que uma boa parte dessas empresas em incumprimento é da construção, um dos sectores mais fustigados pela falta de projectos, de crédito e de mercado – e de expectativas. Grandes ou pequenas, poucas empresas estão a escapar a isso. Sobram os mercados internacionais, onde a abundância de oportunidades pode compensar a carência em Portugal. E é aqui que a dimensão faz a força. Promover a fusão de empresas endividadas e à beira da insolvência, só por si, de pouco serve num mercado estagnado. Mas, juntas, poderão bater o pé a outros gigantes que disputam grandes projectos internacionais, garantir novas fontes de crédito e de liquidez e contribuir para resolver as dívidas com credores. E, para isso, uma nau robusta resistirá melhor que uma casca de noz num mar de (muitos) altos e (ainda mais) baixos.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-14\_fevereiro-notícia1.14\_de\_fevereiro.doc.txt

Marinha não cumpre lei de subsídio de maternidade

Queixas já chegaram ao Chefe do Estado-Maior da Armada. Ministério não garante os pagamentos em atraso. Desde 2009 que os elementos da Marinha que usufruem das licenças de maternidade estão a perder dinheiro. Em causa está a entrada em vigor da nova lei para todos os ramos das Forças Armadas que, na Marinha, ao contrário do Exército e da Força Aérea, nunca chegou a ser aplicada. As queixas já chegaram ao gabinete do Chefe do Estado-Maior da Armada que, em declaração conjunta com o Ministério da Defesa Nacional, garante que já existe um grupo de trabalho a tentar resolver o problema, mas que o "eventual pagamento de verbas que sejam devidas" ainda não está garantido. A lei n.º 4/de 2009, de 29 de Janeiro, e o decreto de lei ns89/2009, de 9 de Abril, definiram a "protecção social a trabalhadores que exercem funções públicas", mas instalou o caos entre os três ramos das Forças Armadas. Se Exército e Força Aérea adoptaram a nova legislação, na Marinha o processo ainda não foi resolvido e todos os militares que gozaram de licença de maternidade ou paternidade acabaram por receber apenas o ordenado normal, com os habituais descontos para IRS, Caixa Geral de Aposentações e ao Instituto de Acção Social das Forças Armadas. Estivesse a lei a ser cumprida e não só estariam isentos das deduções como os vencimentos não contariam para a declaração de IRS, que por esta altura todos estão obrigados a entregar. Um erro que pode chegar a uma diferença de 1.000 euros mensais num militar a meio da carreira e que será multiplicada ao longo dos seis meses que uma militar pode gozar como licença de maternidade. Um problema que há mais de dois anos afecta todos os membros, homens e mulheres, da Marinha.

"Os problemas decorrentes da aplicação deste diploma motivaram a criação de um grupo de trabalho inter-ramos, sob a égide do Estado Maior General das Forças Armadas (EMGFA). Foram identificadas como áreas de dificuldade, designadamente, a assistência na doença, a protecção na parentalidade e a assistência a familiares", reconhece o ministério da defesa e EMGFA em resposta ao Económico.

Pagamentos em atraso

Exigindo uma revisão do estatuto dos militares e das Forças Armadas, o problema continua sem fim à vista e as queixas já chegaram ao gabinete do Chefe do Estado-Maior da Armada, José Carlos Torrado Saldanha Lopes. E, entre os militares da Marinha com pagamentos em atraso, uma questão ganha especial relevância: serão pagas as verbas em atraso? "O processo está a decorrer, sendo que a sua aplicação no tempo determinará o eventual pagamento de verbas que sejam devidas", respondem os responsáveis.

Filipe Garcia

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-14\_fevereiro-notícia\_2.\_14\_de\_fevereiro.doc.txt

Obama eleva carga fiscal para os mais ricos

O presidente dos EUA quer os milionários a pagarem mais impostos que as suas secretárias.

A proposta de Obama para o orçamento de Estado de 2013 prevê uma subida dos impostos dos mais ricos, com uma taxa mínima de 30% para quem ganhe mais de milhão de dólares por ano. "É necessário garantir que todos paguem taxas proporcionalmente iguais", disse ontem o presidente, durante a apresentação das contas para o próximo ano. Além disso, os "ricos" terão de pagar 39,6%, contra os actuais 15%, sobre os dividendos que recebem.

"Não se trata de uma guerra de classes. Pretender que aqueles que mais têm paguem a mesma percentagem de

impostos que a classe média é apenas senso comum", afirmou Obama, referindo-se ao facto do multimilionário Warren Buffett ter revelado no ano passado que paga menos dinheiro ao fisco – em termos de percentagem do seu vencimento – do que a sua secretária pessoal.

Cortes limitados

O orçamento do presidente prevê como necessário o corte ou congelamento das dotações da maioria das agências federais e dos programas de saúde. "Não proporia cortes se não tivesse absolutamente que os fazer", lamentou o chefe de Estado, sublinhando imediatamente que não faz cortes "sobre aquilo que precisamos", mas sim "sobre o que é supérfluo". Deste modo, enquanto a Defesa recebe praticamente o mesmo que em 2012, é previsto um aumento significativo dos fundos para a criação de emprego, educação, construção de auto-estradas e pontes, ajudas aos estudantes e à investigação. Obama defendeu também a subida dos impostos "sobre as empresas que transferem os empregos para o estrangeiro", em troca de benefícios fiscais "para as que criam empregos nos EUA", o que lhe valeu grandes aplausos da audiência.

Apesar de calcular uma redução do défice em quatro biliões de dólares até 2022, o presidente não espera, no entanto, que o défice público recue para baixo da fasquia dos 3% antes de 2018, ano em que já não estará na Casa Branca. Confrontado com este dado e o facto de ir apresentar um défice superior a um bilião de dólares pelo quarto ano consecutivo, falhando assim por completo a promessa eleitoral de 2008 de reduzir para metade o défice até 2012, o presidente explicou que "não podemos caminhar para o crescimento através de cortes orçamentais!".

Para o partido republicano na oposição, a proposta de Obama não passa de "mais do mesmo. Está cheio de mais despesa e mais aumentos de impostos, que têm vindo a deixar este país cada vez mais endividado", disse à televisão o presidente do Comité Nacional Republicano, Reince Priebus. Já Mitt Romney, favorito à nomeação republicana para as presidenciais de Novembro, disse que a proposta orçamental "é, um insulto para os contribuintes" e que "não consegue oferecer uma única ideia séria para salvar a Segurança Social". Os democratas responderam em comunicado, notando que os planos de Romney de sacrificar a Segurança Social para financiar cortes de impostos aos milionários "não parecem ter nada de senso comum".

Pedro Duarte

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-14\_fevereiro-opinião1.\_14\_de\_fevereiro.doc.txt

O artista

No actual circuito de prémios da indústria cinematográfica um filme têm-se destacado: o Artista. É um filme anacrónico, mudo e integralmente a preto e branco, que retracta a traumática transição dos 'silent movies' para os 'talkies' através do declínio de uma estrela da velha guarda – renitente em se adaptar à nova realidade – e da ascensão de uma nova vedeta – símbolo imediato da nova vaga. Hoje, munidos de tecnologias como a cor, a alta-definição ou as 3D, não deixa de ser curioso verificar como a contemporaneidade política teima em manter no activo uma panóplia de artistas ancorados a visões passadistas e desligadas da nova realidades mundial. E nem me refiro exclusivamente aos políticos da nossa praça, meros figurantes obedientes sem direito a fala ou a identidade governativa. Refiro-me aos que, hoje por imbecilidade e teimosia dogmática, teimam em perpetuar a insistência na implementação de mais e mais pacotes de austeridade no espaço europeu, eternizando e agudizando a crise social, cegos que estão na perseverança de modelos datados de duas cores. Neste cenário, a cor tem vindo das chamadas que percorrem a Europa desesperada e sem futuro. A Europa desempregada, atacada nos salários, nos sonhos e na qualidade de vida. A Europa pobre, vagabunda e triste. Sem força ou esperança. A Europa que não entende os porquês da persistência da crise, da falta de alternativa política viável ou da sujeição de um continente à vontade de uma senhora apenas. Essa Europa que se esconde com vergonha dos cobradores de paletó e penhora as suas jóias e pechisbeques a senhores com fato da 5.<sup>a</sup> Avenida. Perante este pranto colectivo, os artistas da revista-pátria lusitana limitam-se a percorrer os palcos despídos do nosso horizonte, cantando sem rima promessas rompidas em cada passo trocado, rezando a todos os deuses para que não nos tomem por gregos ou por troianos, sem se darem conta que já somos, há muito, gregos e troianos, arregimentando neste caminho apenas os fieis, os tontos e os que – bem conectados – ainda tiram partido do sistema, mesmo falido como está. E enquanto isto a "nova vaga" teima em se apresentar, refém que se encontra da impossibilidade sistémica de ser significativa, se não intervir no espaço alemão, francês ou em Bruxelas; razão evidente mas que não justifica a falta de alternativas parcelares nos países periféricos europeus, Portugal incluído. E esta nova solução terá de provir de uma nova reflexão à esquerda; uma reflexão madura, alargada e social e politicamente consistente. O problema é que muita desta esquerda vive também o trauma da passagem aos 'talkies', repleta que está de artistas de outras eras. Terá agora de saber construir o enquadramento que simultaneamente filtre os

talentos válidos de outrora e permita o advento de novos actores, já desligados das velhas rotinas. Em França, espaço de intervenção real, Hollande tem procurado um novo caminho, de ruptura equilibrada e de transformação matricial. Em Portugal, é urgente que Seguro liberte o PS do acordo da 'troika' e siga estes passos, para que não corra o risco de se tornar, como o nosso primeiro-artista, em personagem muda.

José Reis Santos

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-14\_fevereiro-reportagem.14\_de\_fevereiro.doc.txt

Atenas recupera de feridas profundas

Equipas de limpeza mobilizavam-se para recolher os despojos da batalha.

Ainda fumeja o edifício neoclássico que albergava o cinema Attikon, um dos mais belos edifícios da capital grega, no rescaldo de uma noite de violência em Atenas e de uma Grécia cada vez mais refém dos credores internacionais.

Existe um sentimento de choque e espanto nas expressões, que também denunciam cansaço.

A violenta noite de domingo em Atenas, desencadeada por grupos de jovens organizados e após a polícia ter recebido ordens para dispersar mais de 100 mil pessoas frente ao Parlamento, em protesto contra a aprovação do novo doloroso plano de resgate para o país e legitimado no início da madrugada, dominava todos os comentários, noticiários, capas dos jornais.

Os atenienses confluíam para a avenida Stadiou, e com mágoa fotografavam o velho edifício onde os bombeiros procediam às operações de rescaldo.

Pelo caminho, sinais da devastação. Pedaçoes de mármore que serviram de armas de arremesso arrancadas às grandes colunas da praça Syntagma, caixas de multibanco desfeitas, montras partidas, lojas incendiadas, semáforos destruídos.

Equipas de limpeza mobilizavam-se para recolher os despojos da batalha, enquanto em alguns cafés, com as esplanadas destruídas, trabalhadores incitavam a reconstrução das estruturas.

"A polícia atacou a manifestação de ontem porque o povo podia invadir e incendiar o Parlamento. Nesta situação as pessoas já não têm mais nada a perder, o nosso país está a saque", diz Dimitri, 30 anos, após fotografar os escombros enegrecidos e os ferros retorcidos do cinema Attika, agora uma enorme ruína a céu aberto.

Toda a zona parece ter sido bombardeada. "Era um dos mais belos cinemas da Grécia e de toda a Europa, um antigo museu que foi transformado em cinema. Um amigo arquitecto disse-me que vai ser impossível reconstruí-lo, o telhado abateu e toda a estrutura está danificada", lamenta.

Dezenas de pessoas, e de jornalistas, concentram-se na tenta contornar os veículos dos bombeiros, que ainda despejam toneladas de água para o interior das ruínas. Ao lado, luxuosas lojas de marca também não foram poupadas, com restos de roupas queimadas e manequins derretidos.

Alguns transeuntes mais exaltados insultam jornalistas estrangeiros, que filmam e tentam registar reacções. O incêndio do cinema Attikon tornou-se no centro de todas as atenções. "É muito mau. Parece, que os gregos estão a destruir a sua civilização. Isto pode ter sido provocado pela própria polícia, por grupos anarquistas, por marginais. Quem sabe?", sugere Dimitri.

Por toda a manhã, nos canais informativos, a devastação de Atenas, mais que a situação política, foi o tema dominante, e quando a cidade ainda recupera do choque e do espanto. Mas o canal privado Mega também voltou a recordar a megamanifestação de domingo, e imagens de dois respeitadas anciãos atenienses que compareceram no protesto: o conhecido compositor Mikis Theodorakis e o político Manolo Glezos, que em 1941, logo após a ocupação alemã da Grécia no início da II Guerra Mundial, iludiu os guardas e retirou durante a noite uma grande bandeira nazi que esvoaçava no Pártenon, elevando o espírito de resistência da população.

Os dois idosos colocaram máscaras de gás, foram carinhosamente acolhidos pelos populares e retirados apressadamente quando as primeiras granadas de fumo ecoaram na praça Syntagma. Para muitos gregos, estes dois "velhos sábios" permanecem um exemplo.

Pedro Caldeira Rodrigues \* Enviado da agência Lusa

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-14\_fevereiro-entrevista.14\_de\_fevereiro.doc.txt

DIEGO ISCARO

Economista da IHS Global Insight para a Grécia

"Saída da Grécia do euro não é uma solução impossível"

A Grécia é uma economia entre a espada e a parede, que vai ser prejudicada por mais austeridade, mas que não tinha outra hipótese. É essa a opinião de Diego Iscaro, da IHS Global Insight, para quem a saída do euro não é impossível e vai depender do sucesso na implementação das reformas estruturais.

A Grécia fez bem ao aprovar mais austeridade?

A Grécia está entre a espada e a parede. Mais austeridade vai danificar a economia, mas não aprovar o programa significava um 'default' muito complicado e, provavelmente, a saída do euro.

Atenas será capaz de implementar o que acordou?

Até agora a implementação tem sido muito fraca, muito por culpa de uma rede institucional fraca e de interesses muito enraizados. Infelizmente, os sinais são de que estes factores vão continuar a pesar no desempenho do país.

A saída do euro deixou de ser tabu para os líderes europeus. É uma possibilidade real, ou uma ameaça para manter Atenas na linha?

A saída da Grécia do euro não é uma solução impossível. De certa forma, a capacidade da Grécia em sobreviver dentro da zona euro depende do sucesso na implementação das reformas que precisa para ser uma economia mais flexível e competitiva. Se estas reformas não forem implementadas, a saída será uma questão de tempo.

Luís Rego

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-17\_janeiro-opinião1.\_17\_de\_janeiro.doc.txt

Vitória de Pirro ou uma finta à madeirense

Alberto João Jardim teimou que não assinava o plano de resgate financeiro com o Governo central e lá levou a sua avante. Ontem, ao contrário do que esteve agendado, não aconteceu nada. Aparentemente, foi mais uma vitória do líder madeirense. Para já, vai marcando o ritmo das negociações, com acelerações e travagens ao sabor das suas vontades e birras. Será uma vitória de Pirro ou mais uma finta à madeirense para manter o estatuto de privilégio que tem sido ruinoso para as contas públicas?

Escrevi neste espaço, em Setembro do ano passado, que a forma de encontrar uma solução para a Madeira seria determinante para a avaliação do Governo de Pedro Passos Coelho. Na altura, tinha-se descoberto a derrapagem de 500 milhões de euros nas contas do Executivo do arquipélago e estava-se nas vésperas das eleições regionais. O que aconteceu entretanto não abona muito para a imagem política de Passos. A negociação do plano financeiro de resgate foi-se arrastando, permitindo que Alberto João Jardim fosse fazendo a sua campanha eleitoral com o descaramento da multiplicação das inaugurações. E lá ganhou as eleições mais uma vez. O funcionamento da política nacional beneficiou o infractor, que é do mesmo partido político do Governo do continente.

De seguida, lá foram conhecidas as medidas de austeridade para Madeira. O impacto negativo na vida dos madeirenses é inegável. Acaba uma série de benesses, nomeadamente na área fiscal ou na saúde. Não sendo bom, era inevitável. O modelo de vida no arquipélago é insustentável e, portanto, é preciso cortar e têm que pagar mais impostos. Um esforço que também está ser feito no continente no âmbito do plano de resgate negociado com a 'troika'. Tudo parecia ir no caminho certo até que Alberto João Jardim recusou assinar o acordo com o Governo. E agora?

Pedro Passos Coelho não deve ceder em questões estruturais. É a única forma de melhorar a sua imagem e garantir autoridade pública para avançar com as medidas que a 'troika' impõe. Se aceitar as diabruras de João Jardim, o Governo está a dar razão a todos os que se recusam a aceitar as medidas de austeridade e a incentivar que os grupos de pressão batam o pé. Neste tempo de crise, a política do exemplo é fundamental para manter a paz social. A austeridade deve ser para todos.

Bruno Proença \* director\*executivo

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-17\_janeiro-opinião2.17\_de\_janeiro.doc.txt

Privatizações e empresários portugueses

O anúncio de um novo programa de privatizações foi entendido por alguns quadrantes da sociedade portuguesa como uma forma de vender as melhores empresas portuguesas a estrangeiros. Foi mesmo dito que se iriam perder as jóias da coroa. Mas os agentes económicos nacionais não têm de ficar, necessariamente, à margem deste processo. É certo que, de um modo geral, as empresas portuguesas perderam capacidade financeira com a crise que abala Portugal e a Europa, mas continuarão a ter capacidade de intervenção nas privatizações se souberem encontrar os parceiros certos. Para aqueles que procuram entrar no capital das empresas a privatizar em Portugal também é importante poder contar

com interlocutores que conheçam a realidade do País e possam abrir portas junto das autoridades nacionais. A notícia de que os brasileiros da Companhia de Concessões Rodoviárias (CCR) aprovaram ontem a entrada na gestão de aeroportos, numa assembleia geral extraordinária realizada em Brasília, abre a porta à entrada na corrida à privatização da ANA – Aeroportos de Portugal cuja realização está prevista ainda para este ano. O presidente da CCR reconhece o interesse na empresa que gere os aeroportos portugueses e admite que a Brisa terá de ser incluída nas conversações. Para os brasileiros e para os portugueses será o retomar de uma parceria de longa data que começou com a participação da Brisa na CCR há alguns anos e que ajudou a desenvolver o negócio das auto-estradas no Brasil. Os portugueses acabaram por sair do capital da concessionária brasileira para poderem desenvolver negócios noutras paragens mas ficou a ligação entre os responsáveis das duas entidades. Este é um exemplo de como os empresários nacionais podem continuar a ter um papel activo nas privatizações que vão realizar-se e de como não é necessário que as nossas jóias da coroa passem para mãos exclusivamente de estrangeiros.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-17\_janeiro-Entrevista.17\_de\_janeiro.doc.txt

Entrevista a Angel Gurría secretário-geral da OCDE

"Não se preocupem excessivamente com a Grécia"

O secretário-geral da OCDE defende que a questão grega deve ser tratada separadamente.

Angel Gurría, em entrevista ao Diário Económico, lamenta que não se tenha agido mais cedo para travar esta crise que acabou por ter custo demasiado elevado, mas recomenda a Portugal tome as medidas necessárias aproveitando o facto de não depender do financiamento dos mercados já que conta com a ajuda financeira da 'troika'.

Um país como Portugal será capaz de adoptar medidas de austeridade e simultaneamente promover o crescimento?

É precisamente o exercício que todos os países têm de fazer presentemente. Portugal não é excepção. Portugal tem, pelo menos, a vantagem de ter uma fonte de apoio financeiro. A questão é saber se Portugal vai conceber as políticas adequadas e agir de acordo com as medidas que negociou com a 'troika'. O problema é Portugal estar a enfrentar um ambiente económico de grandes desafios. A vizinhança não vai ter um desempenho muito bom, o que tornará as coisas mais difíceis. Simultaneamente, a dívida portuguesa não é apenas uma questão do Estado, mas também das famílias, do sector privado e do financeiro. Portugal tem adoptado políticas muito importantes...

Mas ainda assim tivemos um corte no 'rating'.

Independentemente do esforço, as agências de 'rating' parecem cavar um buraco um pouco mais fundo. Mas creio que não se deve estar excessivamente preocupado com o que as agências de 'rating' dizem. O importante é a qualidade das políticas adoptadas. Caso tenham bons resultados, mais cedo ou mais tarde as agências de 'rating' regressarão e reconhecerão o esforço.

Portugal deveria negociar com a 'troika' as metas estabelecidas, tendo em conta o esforço de ajustamento?

A UE e o FMI e o BCE, claro, todos reconhecem a necessidade deste equilíbrio. Os pontos de vista destas instituições têm-se alterado no sentido de um conjunto de medidas mais equilibrado. Por outro lado, temos de reconhecer que alguns países esgotaram o seu tempo. E esses são aqueles que estão agora sob um programa de ajuda financeira. Agora parece ser uma coisa boa. Quando Portugal recorreu ao FMI e à UE foi visto um pouco como um estigma. Hoje muitos países gostariam de ter uma fonte de financiamento garantido, com taxas competitivas. Portugal deve aproveitar isso, e do facto de não ter de depender de informações erradas dos mercados, porque não tem de depender tanto dos mercados pode usar o tempo para tomar as medidas certas e depois sair da crise fortalecido.

Se houver uma crise na Grécia e esta entrar em 'default', isso terá um impacto negativo em Portugal?

Por amor de Deus! A situação grega já aconteceu. Temos de parar de dizer: se houver um problema na Grécia. O problema grego aconteceu há dois anos e o facto de termos levado dois anos a reconhecê-lo foi o nosso erro. Deveríamos ter dito há dois anos que isto é insustentável. E depois isolar a Grécia, lidar com ela e retirar um bom bocado da dívida grega. Por não o termos feito vamos agora pagar muito. Vamos lidar com a Grécia de forma separada, mas não se preocupem excessivamente com a Grécia em Portugal. Façam o que é preciso fazer e tudo correrá bem.

Mónica Silveiras \* em Paris

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-17\_janeiro-Notícia\_1.17\_de\_janeiro.doc.txt

Estado vai pagar mais caro pelo empréstimo da UE

Berlim nega reforço de garantias, S&P corta 'rating' do FEEF e Portugal deverá pagar juros mais altos pelo empréstimo.

Portugal será o maior prejudicado com descida do 'rating' do Fundo Europeu de Estabilização Financeira (FEEF) confirmada ontem à noite pela agência Standard & Poor's, de AAA para AA+, e que deverá implicar um aumento dos juros no resto das tranches do empréstimo europeu.

O País é, nesta fase, quem mais depende do financiamento deste fundo – sem alternativas até meados de Julho de 2013 – enquanto a Irlanda esgota o empréstimo este ano e a Grécia não recebe por esta via. "As próximas emissões do FEEF vão provavelmente reflectir um juro maior e isso naturalmente vai pesar no bolso dos países do programa", explicou uma fonte comunitária. Este aumento de juros decorrente de preços mais altos que o FEEF enfrentará nos mercados vai reflectir-se nos reembolsos até à maturidade destes créditos. A decisão da S&P segue-se à recusa alemã em reforçar as garantias do fundo.

Portugal já pagou 229 milhões de euros em comissões à 'troika', pelas duas primeiras tranches de financiamento já entregues. A previsão do custo das comissões do empréstimo de 78 mil milhões de euros é, por enquanto, de 655 milhões, mas esta estimativa poderá ser revista em alta para 760 milhões, admitiu ontem o IGCP, numa resposta enviada aos deputados do PCP e a que a Lusa teve acesso. A justificar este risco está a revisão em baixa dos 'ratings' de vários países do euro e do FEEF.

A queda da notação francesa e austríaca deixaram o FEEF carente de garantias de qualidade máxima para manter o seu actual 'rating' (que garantia juros baixos), conforme explica a agência. Pressionando a reunião de ministros das Finanças do euro na próxima segunda-feira, a S&P avisa que "se um reforço de garantias for adoptado" poder-se-á retomar o 'rating' AAA. Mas o maior país do euro já decidiu.

"As garantias para o FEEF são suficientemente grandes para o que tem de fazer nos próximos meses", disse o ministro alemão Wolfgang Schaeuble. A chanceler alemã foi mais longe. "Nunca fui da opinião que o FEEF tivesse de ter necessariamente [rating] AAA", disse Merkel, indicando inclusive que "AA+ também não é um mau 'rating'". A Alemanha é agora o único país da zona euro que combina 'rating' máximo e outlook estável. Ainda que de forma menos expressiva, Berlim acaba assim por cumprir a sua ambição desde o início da crise da dívida de penalizar de alguma forma os juros dos países sob programa de ajuda financeira.

Antecipar em um ano o novo fundo de resgate – que está menos dependente de 'ratings' porque se baseia em capital subscrito e não garantias – para "Julho de 2012", como lembrou Van Rompuy, presidente do Conselho Europeu, deverá reduzir os juros de eventuais futuros resgates (incluindo o grego), não dos programas já em curso, porque o FEEF continua em vigor até Julho de 2013.

Mercados ignoram S&P

A esperança é que os mercados já tenham assimilado esta nova notação, como fizeram com a França. Apesar de ter caído AA+ conseguiu colocar com êxito 8,59 mil milhões de euros, a uma taxa ainda mais baixa que no passado. Esta semana a Espanha vai pôr-se ajeito, colocando 9,5 mil milhões. No entanto, à excepção de Berlim, que foi a única capital poupada, a redução do 'rating' a nove países da zona euro voltou ontem a provocar reacções acesas. Passos Coelho disse que a decisão da S&P é "marcadamente do foro político" e "parece-me perigoso que as agências de 'rating' utilizem a actividade de notação financeira para fazer política". O comissário da economia, Olli Rehn, de forma inflamada, acusou a S&P de "aumentar a instabilidade na UE, o que interessa seguramente a certos círculos financeiros e monetários – alguém fará grandes lucros". A excepção foi o presidente do BCE, Mário Draghi: "em vez de lamentarmos as decisões das agências de 'rating' devemos aprender a viver com elas", disse.

Luís Rego \* em Bruxelas

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-17\_janeiro-notícia\_2.\_17\_de\_janeiro.doc.txt

Senhorios não podem despejar idosos com mais de 65 anos

Apesar de não poder denunciar o contrato, o senhorio pode sempre aumentar a renda.

Os senhorios não podem despejar os seus inquilinos com mais de 65 anos caso não haja acordo entre as partes para actualizar o valor da renda. Esta é uma dúvida que atinge muitos proprietários que querem aumentar os montantes pagos pelos arrendatários com mais de 65 anos e com contratos de arrendamento antigos -anteriores a 1990. A única excepção é mesmo se os inquilinos não pagarem as rendas devidas e, aí sim, poderão ser despejados, independente da idade.

O especialista da sociedade Garrigues, Miguel Marques dos Santos, explica que, tal como nos restantes casos, é ao senhorio que cabe a iniciativa de actualizar a renda. Mas se não houver acordo – e o inquilino não concordar com os

valores propostos durante a negociação – o senhorio não pode denunciar o contrato, adiantou ainda. No entanto, o senhorio pode sempre aumentar a renda. Se não chegarem a acordo quanto ao valor a pagar será imposto um aumento anual que fica limitado a 1/15 do valor patrimonial da casa. Por exemplo, uma casa avaliada em 150 mil euros pode subir para 10.500 euros anuais, ou seja, uma renda mensal de cerca de 875 euros. Mas e se o inquilino não tiver rendimentos? A proposta de lei prevê que sejam aplicados os mesmos mecanismos para os inquilinos com carências económicas. Assim, quem tenha um rendimento anual bruto corrigido (RABC) do agregado inferior a cinco retribuições mínimas nacionais anuais (RMNA) terá aumentos mais suaves: a nova renda corresponderá a um máximo de 25% do RABC do agregado familiar do arrendatário ou a um máximo de 10% do RABC, no caso de o rendimento do agregado familiar ser inferior a 500 euros por mês. A renda actualizada não sofrerá alterações durante cinco anos, tendo o arrendatário que comprovar anualmente a situação de carência económica. Se não o fizer perde o direito a esta protecção. No final dos cinco anos, o senhorio pode actualizar a renda, sem que o arrendatário possa invocar a situação de dificuldades financeiras. Se nessa altura não tiver meios para pagar renda pode, então, pedir o subsídio de renda.

Paula Cravina de Sousa

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-17\_janeiro-reportagem.17\_de\_janeiro.doc.txt

Marcelo quer renovar contrato com a TVI

O comentador de política diz que não há "razão para não renovar". Júlio Magalhães está disponível para prolongar novo modelo.

Marcelo Rebelo de Sousa quer renovar o contrato com a TVI. O comentador garantiu ao Diário Económico que não vê "nenhuma razão" para que o contrato, que termina em Maio deste ano, não seja renovado. "Até um mês antes, qualquer uma das partes pode rescindir, mas não vejo nenhuma razão para não renovar. Ainda por cima foram muito simpáticos e mantiveram o Júlio", explicou.

Satisfeito com o novo modelo desenhado pela TVI, Marcelo elogiou a direcção de informação e a administração da estação de Queluz de Baixo pela solução encontrada. "Tenho de fazer um grande elogio ao José Alberto Carvalho e à administradora Rosa Muniosa, que definiram o esquema", disse. O comentador garantiu ainda que não impôs, como condição para continuar na TVI, a manutenção de Júlio Magalhães como interlocutor no seu bloco de comentários. "Não era uma condição, simplesmente a TVI percebeu que a dupla se dava bem e que havia empatia", esclareceu. Ao Diário Económico, Júlio Magalhães assegurou também que esta parceria se manterá "enquanto for do interesse da direcção da TVI".

A apresentação do Jornal das 8 de domingo, que ficou a cargo dos jornalistas Pedro Pinto e José Carlos Castro, de forma alternada, prevê um espaço de comentário separado do bloco informativo. A principal diferença visual para o espectador foi a mudança de lugares entre o jornalista e o comentador, aparecendo agora Marcelo à esquerda de Júlio Magalhães.

Para o novo director-geral do Porto Canal, a duração do modelo só dependerá de quem o pôs em prática. "Quem decide se o modelo continua ou não além de Maio, quando termina o contrato do professor, é a direcção de informação. Eu nada tive a ver com este modelo, apenas o aceitei", explicou. Também Marcelo garantiu que não teve qualquer intervenção na definição do modelo.

O jornalista admite ainda que está "completamente disponível" para manter o espaço de comentário na TVI. "Penso que este modelo foi muito corajoso e inovador em Portugal. Não entra em concorrência com as minhas funções no Porto Canal, as administrações estão de acordo, por isso quem ganha aqui não sou eu, nem o Professor. Quem ganha é o espectador", afirmou Júlio Magalhães.

Júlio recebe avença

Júlio Magalhães, que foi oficialmente apresentado na semana passada como novo responsável do Porto Canal, assumiu também que o 'feedback' sobre a nova dinâmica com o professor Marcelo "foi magnífico".

"As pessoas estranharam um pouco a troca de lugares, mas apreciaram a continuidade da marca de informação. Por mim esta marca devia manter-se durante anos e anos", disse.

Júlio Magalhães esteve 12 anos na TVI e a ligação que tem agora à estação da Media Capital é através de uma avença paga por programa, à semelhança do procedimento feito com comentadores frequentes. Sem querer avançar o valor que a TVI lhe ofereceu, Júlio Magalhães assegura, no entanto, que "o valor foi secundário" e "não pesou nada" para que aceitasse o desafio.

Marcelo Rebelo de Sousa, por seu lado, garantiu não ter recebido convites de outros canais de televisão. "O contrato

com a TVI termina no final de Maio e é renovado automaticamente, a menos que qualquer uma das partes decida o contrário".

Miguel Gil, administrador da Media Capital já tinha feito saber, no início do ano, que o professor "está muito à-vontade com a TVI". "Estamos muito felizes por o ter connosco porque queremos sempre contar com os melhores", disse o administrador.

Catarina Madeira \* Rebeca Venâncio

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-17\_janeiro.crónica.17\_de\_janeiro.doc.txt

Quem é o Maçom?

Justo entrados no último ano do antigo calendário Maia, parece que o país público decidiu inventar um novo 'reality show' que promete desvendar quem estará por detrás de todos os males da República: "Quem é o Maçom?"

Este novo programa de entretenimento variado, disponível em diversos canais noticiosos, não prima pelo ineditismo: uma anterior versão, ainda a preto-e-branco e com som distorcido, foi inaugurada faz esta semana 77 anos em plena sede de Parlamento (na altura Assembleia Nacional). Aí, na primeira sessão legislativa da primeira legislatura de um Estado que se intitulava de Novo, coube a honra de ser o projecto de Lei n.º 2 exclusivamente dedicado à extinção – legal – da Maçonaria em Portugal.

Na leitura deste senhores, a maçonaria estaria na origem da decadência moral e política da Nação, sendo singularmente responsável pela anarquia reinante em terras lusas. Na realidade tinham razão quando identificavam a Maçonaria como uma das principais forças de combate à Monarquia Constitucional à casa Real e impulsionadora da República em Portugal, como já havia sido motora da luta contra o absolutismo, o obscurantismo católico e o ultramontismo bacoco (já a falência da República tem causas bem mais complexas que a presença, activa e pública, de maçons na vida política). Durante a República, recordei, foram ideais maçons que estiveram na promoção da educação pública, do progresso social e do secularismo.

Comparações, ironias e 'blagues' aparte, quero acreditar que o Portugal de 2012 é bastante distinto do de 1935, e que a recente perseguição mediática à maçonaria revela – uma vez mais – apenas a incapacidade da opinião pública e publicada em distinguir o superficial do essencial e saber apresentar, com clareza, as complexas causas do actual estado de calamidade nacional, em especial as nebulosas relações entre o poder económico e político, a natureza e qualidade do recrutamento para exercício de cargos públicos e a incapacidade regeneradora dos partidos políticos. Todas razões há muito identificadas, sistematicamente alvo de promessas eleitorais e de infrutíferas tentativas reformistas (neste tema, não tinha Passos Coelho prometido 'no jobs for the boys'?).

Naturalmente que a Maçonaria não está livre de sofrer dos mesmos problemas do país, de ser objecto de usurpação e albergue de personagens de mau carácter e má rês. Como não estão a Opus Dei, os Jesuítas ou os Maristas. Mais, segundo a tradição e as regras da maçonaria, gentes de tal espécie não têm lugar em tal associação e deveriam ou ser vetadas à entrada ou expulsas, como clamam diversas altas instâncias maçónicas. O problema está na leviana promiscuidade entre os pilares económicos e partidários do nosso sistema político; o que, aliado à falta de transparência endémica, ao clima de impunidade pública e à presença activa e conspirativa (para uso próprio) de muitos chicos espertos, tem permitido demasiados exemplos de abuso de poder e de usufruto indevido do Estado. A resolução destas incontestáveis constatações deve ser, a meu ver, um dos centros das nossas preocupações enquanto actores activos na vida pública nacional e não, como é evidente, de procurar o Maçom, o Opus Dei, o Marista ou Escoteiro em cada um de nós.

José Reis dos Santos \* historiador

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-24\_janeiro-crónica.24\_janeiro.doc.txt

Concertação judicial

A semana passada foi marcada pela concertação social. Mais do que as medidas concretas – aquém do necessário – o acordo é um sinal político importante para distender o ambiente pesado que se instalava. O exemplo pode inspirar a reforma da Justiça, onde é fundamental envolver os operadores judiciais na mudança. Foi esse um dos erros do passado. Recordei que Sócrates, no discurso de tomada de posse, apresentou as férias judiciais como medida emblemática, atacando aqueles que trabalham nos tribunais, acusando-os subtilmente de preguiçosos. O resultado foi virar todos contra o governo, que teve de recuar em toda a linha, sem fazer as reformas anunciadas ao longo de seis

anos de poder socialista. Paula Teixeira da Cruz recebeu um ministério falido e os tribunais numa situação de ruptura. Mesmo depois de vários planos de "descongestionamento", os processos judiciais entrados continuam a superar os findos, engrossando as 1.678.806 pendências (2010). A situação só vai piorar com a crise. Perante estes números – colossais como dizia o outro – percebe-se que não vamos lá com remendos. Nem com mais operadores judiciários que, sublinhe-se, já muito aumentaram nos últimos anos, sobretudo advogados (27.000) e magistrados (3.172), cujos rácios já nos colocam no topo dos países europeus.

Fico desiludido ao perceber que o acordo com a 'troika' se focou em problemas conjunturais, em especial nas pendências, a eliminar até ao segundo trimestre de 2013 (alguém acredita?), ignorando os problemas de fundo: uma cultura judiciária formal e burocrática, distante da verdade e da justiça no caso concreto; e alienada de critérios de eficácia. Apesar de dar jeito aos financeiros, que agora dominam a política, é um erro pensar que se melhoram as "estatísticas" sem resolver os problemas de fundo do sistema. É preciso ir mais longe, mudar de paradigma. O que passa por simplificar as regras processuais (para quando a reforma do processo civil?). E dar maior poder aos magistrados, assumindo que são titulares de um órgão de soberania e não uns meros funcionários qualificados. O que implica dar-lhes mais autonomia e os meios necessários, inclusive algo básico como dirigir os seus próprios funcionários, para se focarem no trabalho judicial, libertando-os da actual carga burocrática. Poderia continuar falando do mapa judiciário, dos recursos dilatórios ou da reforma dos tribunais superiores, onde é preciso ir "para além da troika". Mas como não acredito que os problemas se resolvem numa folha A4 (algo só ao alcance de Assunção Esteves), volto ao ponto essencial: só envolvendo os operadores judiciários, numa espécie de acordo de concertação judicial, será possível fazer a urgente reforma estrutural da Justiça. Tudo o resto são números para a 'troika' ver.  
Paulo Marcelo

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-24\_janeiro-opinião2.24\_janeiro.doc.txt

Transportes públicos e contribuintes

O Governo vai pôr em prática uma série de medidas que visam eliminar o défice operacional do sector dos transportes públicos que, no final de 2010, era de quase 500 milhões de euros. Procura-se, assim, quebrar um ciclo vicioso que, ao longo dos anos, tem vindo a alimentar e fazer crescer um endividamento que já ronda os 17 mil milhões de euros. Até hoje, os preços dos transportes públicos têm sido subsidiados, com os contribuintes de todo o país a pagarem para os habitantes das grandes cidades que, ainda assim, se queixam sempre dos aumentos das tarifas. A política que agora está a ser posta em prática procura agilizar as estruturas empresariais com fusões entre empresas complementares, como a Carris e o Metropolitano de Lisboa, e a reformulação de horários e carreiras das diferentes empresas. Com essas medidas, as autoridades estimam em 110 milhões de euros as poupanças, só na área da Grande Lisboa, com a redução de algumas das carreiras da Carris, a introdução de medidas de contenção no Metro e a reformulação de horários da CP. O Governo está a aproveitar uma opção forçada dos portugueses pelos transportes públicos em detrimento do transporte privado devido à diminuição do rendimento disponível. A ideia tem, naturalmente, de ser introduzir uma maior verdade nos preços dos bilhetes e passes, apelando, ao mesmo tempo, a uma maior consciência cívica dos portugueses. Os sectores subsidiados só têm contribuído para criar monstros que, depois, todos acabamos por pagar com juros, como foi o caso das auto-estradas sem custos para o utilizador (SCUT), onde o Estado foi obrigado a introduzir portagens para não sobrecarregar ainda mais os já muito sacrificados contribuintes.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-24\_janeiro-Entrevista\_24\_de\_janeiro.doc.txt

Entrevista Jean-Paul Fitoussi Economista e conselheiro do primeiro-ministro francês

"É impossível satisfazer as exigências do FMI e relançar o crescimento"

"Ter como objectivo principal o equilíbrio orçamental é algo de quase suicida para a economia".

O Governo português "não tem margem de manobra para conduzir uma estratégia", já que é obrigado a seguir uma política de austeridade imposta pela Europa e pelo FMI, "uma estratégia que não tem futuro", defende em entrevista ao Diário Económico, Jean-Paul Fitoussi. O economista, que é conselheiro do primeiro-ministro francês, defende que "Portugal, tal como França, não são mais do que províncias da Europa". Os respectivos executivos não são mais do que "governos de responsabilidade limitada".

Na Europa existem líderes capazes de pôr fim à crise?

Infelizmente já temos um líder europeu que impede a resolução da crise. A solução é bastante simples: permitir que o

BCE desempenhe um verdadeiro papel de banco central e ter uma dívida única, tal como existe uma moeda única, através da emissões de obrigações europeias, para travar o jogo de massacre dos mercados.

Mas implicaria uma maior integração entre os Estados.

Claro, ter uma dívida única significa ter um Governo único.

Porque diz que os líderes europeus travam essa solução?

Temos um líder europeu, a Alemanha, que é claro e admitido por todos, que não quer nenhuma destas duas soluções.

A perda do triplo A de França compromete a sua posição negocial face à Alemanha?

Não é tanto isso que me preocupa. O problema francês deriva do problema europeu e nenhum país europeu será poupado. O próximo país cuja notação será cortada é a Alemanha, porque o caminho de austeridade que se vive na Europa vai acabar por ameaçar as exportações alemãs.

Então a S&P tem razão ao dizer que as reformas assentes só na austeridade, sem ter em conta o crescimento, são autodestrutivas?

É algo que digo há muito, mas a S&P é hipócrita.

Porque se não houver austeridade crítica a ausência da mesma...

Precisamente. Até agora não sabemos como implementar simultaneamente medidas de austeridade e promover o crescimento num mundo caracterizado por uma crise global.

Portugal está nessa situação. Obrigado à austeridade pela 'troika', mas necessitado de crescimento. Que conselho dá?

Não gostaria de estar no lugar do Governo português. Como satisfazer por um lado as exigências do FMI e da Europa e relançar o crescimento? É impossível. Pedem o impossível ao Governo. Há um momento em que os países têm de dar um murro sobre a mesa do Conselho Europeu e dizer basta. Sob o pretexto de uma dívida insustentável tornou-se a sociedade insustentável, com taxas de desemprego tão elevadas.

No caso de Portugal, a questão poderá passar por dilatar os prazos do acordo com a 'troika'?

Não, nem assim. Continua a falar-me da estratégia que o Governo português pode levar a cabo, ou o francês. Mas, nem o Governo português, nem o francês, têm a menor margem de manobra para conduzir uma estratégia. Não têm escolha. São obrigados a seguir uma estratégia de austeridade, que não tem futuro. Porque é a Europa que o impõe. Portugal, tal como França, não são mais do que províncias da Europa. Tanto o Governo português como o francês não são governos de pleno poder, são governos de responsabilidade limitada, de soberania limitada. O facto de se querer ter como objectivo principal o equilíbrio orçamental e a redução da dívida pública é algo de quase suicida para a economia.

Mónica Silves \* em Paris

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-24\_janeiro-Notícia\_1.24\_de\_janeiro.doc.txt

Conteúdos patrocinados já são moda na rádio

As rádios com maior audiência da manhã recebem cada vez mais propostas de 'brand entertainment'.

O programa da manhã da Rádio Comercial foi o palco escolhido para a apresentação dos novos Ruffles Roleta Vermelha e Frutos Secos Roleta Vermelha. O programa vai ser gravado também em vídeo e emitido na TVI, tendo como protagonistas os quatro animadores – Pedro Ribeiro, Vanda Miranda, Vasco Palmeirim e Nuno Markl.

Tal como a PepsiCo e a Matutano, em Portugal, as marcas apostam cada vez mais no 'brand entertainment'. Programas como as "Manhãs da Comercial", o "Café da Manhã" da RFM ou as "Mega Manhãs" da Mega Hits reúnem os ingredientes necessários para condimentar as estratégias de comunicação das marcas, com uma pitada de humor e irreverência.

Foram estas características que levaram a PepsiCo e a Matutano a escolher o segundo programa mais ouvido das manhãs da rádio nacional. "Tem tudo a ver com o público-alvo que queremos atingir e com a mensagem que queremos passar", explica Isabel Salgado, directora de marketing da PepsiCo. Um "investimento significativo" refere a responsável, cuja criatividade foi desenvolvida em colaboração com os locutores.

Também na campanha que a McDonald's acaba de lançar nas manhãs da Mega Hits houve um contributo criativo dos animadores, foram eles que fizeram a música que passa todas as manhãs. O objectivo é "envolver, de forma cativante, a audiência", diz John Alves, director de marketing e comunicação da McDonald's Portugal.

Pedro Miranda, director comercial adjunto da Media Capital Rádios vê muitas vantagens na integração de mensagens comerciais nos programas das rádios. E admite, "podem assumir inúmeras formas, como unir a personalidade de um animador a um produto, espectáculos ao vivo com integração de marcas ou a criação de músicas com letras criadas para passar uma mensagem comercial", explica.

Para Renata Silva, directora Geral Comercial do Grupo r/com, o "product placement no conjunto de meios ao dispor – tanto na emissão on-air, como nas plataformas online, mobile, activação e redes sociais – representa o maior desafio de comunicação dos nossos dias".

Mas será possível estimar o valor comercial destas estratégias? Para Pedro Miranda, "mais do que falar de rentabilidade – que existe –, importa falar de atractividade. Todos os formatos que possam ser considerados não convencionais para a rádio permitem expandir a carteira de clientes e captar anunciantes". Renata Silva reconhece mesmo que a rentabilidade é elevada. "Senão, não teríamos tantas propostas e tantos projectos realizados. Acrescentam valor e cumprem objectivos", diz.

Já Filipa Vasques Osório, directora da OMD Portugal também admite que é difícil estimar este valor, já que "difere entre estações de rádio". Para a gestora de publicidade, estes programas são aliciantes não só pelo horário e audiência, como pela proximidade da comunicação – "Os animadores estão, na maioria dos casos, muito próximos dos ouvintes quer pela companhia, quer pela abordagem emocional que fazem de alguns temas".

Ainda assim, as agências de meios não têm dúvidas na hora de atribuir valor comercial a estes programas, garante Fernanda Marantes, directora-geral Arena Media. Para a especialista, a mais-valia deste meio é sobretudo o facto de os animadores funcionarem "como 'endorsers' da marca e de a própria comunicação surgir ao ouvinte fora de um contexto de publicidade convencional". É também por isto que algumas marcas exigem um locutor específico. "A elevada notoriedade dos protagonistas funciona como pólo de atracção", diz Pedro Miranda.

Mas nem tudo são vantagens. À semelhança do 'product placement', mais usado em televisão ou filmes, as limitações passam pela possibilidade do produto não ser compatível com o conteúdo editorial da estação, e o facto de não permitir elevada repetição.

"Não queremos defraudar as expectativas dos nossos fãs nem dos nossos clientes. As pessoas que nos seguem têm limites na capacidade de aceitação de sponsoring nos conteúdos que lhes oferecemos. E ainda temos de lhes contar a história de forma envolvente, relevante e divertida – sempre. De outra forma perdemos a sua preferência e pior a sua atenção", a responsável do grupo r/com.

Catarina Madeira \* Rebeca Venâncio

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-24\_janeiro-Notícia\_2.24\_de\_janeiro.doc.txt

Consumo de combustível caiu 7% no terceiro trimestre

Importação de gasolina mais do que duplicou em comparação com 2010, conclui relatório da AdC.

Os portugueses estão a consumir menos gasolina e gasóleo. A revelação é feita pela Autoridade da Concorrência (AdC) que no seu relatório trimestral aponta para uma queda de 7,1% no consumo de combustíveis no terceiro trimestre de 2011 – quando comparado com o mesmo período de 2010 –, e a procura nacional atingiu 12,3 milhões de toneladas.

"Tal como no primeiro semestre de 2011, o terceiro trimestre foi caracterizado por uma retracção da procura de combustíveis derivados do petróleo face ao período homólogo de 2010, de 5,1%", especifica o documento consultado pelo Diário Económico.

O mesmo relatório conclui que "o consumo nacional de gasolina e de gasóleo rodoviários representou 50,5% do consumo nacional total de combustíveis derivados do petróleo (contra 51,1% em média em 2010)". O preço de referência do litro de gasóleo em Portugal está em 1,499 euros – o valor mais elevado de sempre – enquanto o preço da gasolina ronda os 1,639 euros por litro.

Além da quebra no consumo a produção nacional de combustível também caiu face ao período homólogo, na ordem dos 10%. Para satisfazer a procura foi necessário um maior recurso à importação, conclui a análise do regulador. E, quando se compara o terceiro trimestre de 2011 com o mesmo período de 2010, conclui-se que, "enquanto o volume de importação de gasóleo diminuiu 23,5%, o volume de importação de gasolina mais do que duplicou" (194,8%). Segundo as conclusões do relatório da Concorrência, abastecer nos hipermercados é cerca de 12 cêntimos mais barato do que nos postos de combustível tradicionais: "na ordem dos 12,3 cêntimos/litro para a gasolina IO95 e dos 12,6 cêntimos/litro para o gasóleo rodoviário".

Já o preço da gasolina subiu 13,8% em comparação com o período homólogo e do gasóleo aumentou 17%.

Cátia Simões

Portugal poderá reciclar os fundos europeus não usados

Esta é a única iniciativa das seis propostas avançadas por Sarkozy e Merkel para relançar o crescimento na zona euro. Fundo de resgate pode aumentar.

Portugal vai poder reutilizar os fundos europeus que se arrisca a perder ou que ainda não tenha comprometido, canalizando-os para um novo "fundo para o crescimento e competitividade".

Esta é uma proposta já avançada pela Comissão Europeia, em discussão na revisão dos regulamentos para a utilização dos fundos comunitários, que obteve o apoio da chanceler alemã, Angela Merkel, e do presidente francês, Nicolas Sarkozy, como uma medida para dinamizar a utilização de fundos nos "países sob programa" de ajustamento e que enfrentem "desafios estruturais sérios", segundo uma proposta que estará na mesa da próxima cimeira a 30 de Janeiro. Porém, não haverá muitos recursos disponíveis neste fundo, visto que a taxa de execução em Portugal é a quarta mais elevada da UE, cerca de 45,32% do total.

O comissário Laszlo Andor, responsável pelo Emprego, disse ontem em declarações a um grupo de jornalistas, entre eles o Diário Económico, que "esta iniciativa para reciclar os fundos é muito importante". Tudo depende dos valores em causa, e neste momento é difícil saber quanto poderá ser utilizado. Andor explicou que há 22 mil milhões de euros só no Fundo Social Europeu que ainda não estão comprometidos com projectos. Tradicionalmente estes valores perdidos deveriam reverter para os países contribuintes do orçamento comunitário.

Mesmo assim, a ideia de Paris e Berlim é que "este fundo reúna uma certa quantia [25%] dos valores não comprometidos [com projectos] em 2011 nestes Estados", ou seja nem sequer a totalidade. A gestão do dito fundo com os restos seria gerido pela Comissão e pelo Banco Europeu de Investimento (BEI).

Apesar de limitado, esta é a única iniciativa da lista de seis propostas avançadas pelo par Sarkozy e Merkel para relançar o crescimento na zona euro, e complementar a política de austeridade. O resto inclui ainda um compromisso entre os governos para que os centros nacionais de emprego "ofereçam a todos os desempregados uma proposta concreta" num dado período, seja "um trabalho, um contrato de aprendizagem [estágio] ou mais formação profissional". Aqui, outra ideia inclui "melhorar a afectação de trabalho transfronteiriço", criando ofertas de trabalho internacionais. Outra fala de forma genérica na redução do fardo fiscal no factor trabalho para estimular a criação de emprego.

As propostas de Paris e Berlim são uma mistura de iniciativas da Comissão, que já no seu tempo não impressionaram os países ou sequer os mercados. Para aumentar a capacidade de financiamento das empresas, propõe-se simplificar as exigências contabilísticas às PME, melhorar o acesso a concursos públicos, adoptar rapidamente a proposta de Bruxelas sobre o capital de risco. Há uma iniciativa específica para simplificar a burocracia nas administrações públicas usando as melhores práticas europeias com o objectivo de reduzir os trâmites legais.

Europa pondera aumentar fundo

No que toca às respostas imediatas à crise da dívida, a reunião dos ministros europeus decorria ontem à hora de fecho desta edição. Uma proposta de aumentar o tecto do fundo de resgate permanente para 750 mil milhões de euros, dos actuais 500 mil milhões, foi discutida embora a decisão final fique para a cimeira dentro de uma semana. Fontes próximas de Berlim avisavam em Bruxelas que não há intenção de tomar, neste momento, essa decisão, apesar da pressão de vários outros países para erguer a protecção financeira do euro antes de uma série de vencimentos de dívida soberana nacional no próximo mês.

Segundo fontes citadas pelo FT em Berlim, o governo alemão estaria a ponderar permitir o funcionamento em paralelo do fundo actual de resgate, com 250 mil milhões ainda 'em caixa', com o novo fundo permanente, que será criado em Julho deste ano, com um limite máximo de 500 mil milhões. Os líderes comprometeram-se a rever em Março o tecto máximo da 'firewall' do euro, mas podem fazê-lo mais cedo.

A aparente cedência de Berlim, surge numa altura em que os credores internacionais estão próximos de um acordo com a Grécia para a redução voluntária de pelo menos 50% da dívida privada. A questão mais difícil em aberto era a taxa de juro a vigorar nos novos títulos soberanos gregos, com os 'hedge funds' a não aceitarem menos de 5% e Berlim a fazer finca-pé com valores na casa dos 3%, para garantir a sustentabilidade do país no quadro desta década. As negociações em Atenas e Bruxelas ficaram marcadas pela palavras dramáticas da directora do FMI, Christine Lagarde. Depois de reunir em Berlim com a chanceler alemã, Angela Merkel, disse ver a possibilidade de reedição da crise dos anos 30, capaz de "engolir" o mundo inteiro. Lagarde apelou directamente à zona euro para criar "defesas mais fortes que travem o contágio", algo que não vai estar na agenda da reunião de ministros de Finanças em Bruxelas. E exortou o Banco Central Europeu a munir-se de instrumentos para evitar a queda destes países, que teria consequências "catastróficas". Nada disso está na agenda dos líderes europeus – o compromisso do BCE é com a inflação.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-24\_janeiro-Opinião1.24\_janeiro.doc.txt

### Ficção impossível

Os episódios arrancavam sempre da mesma forma. Mr. Phelps, o líder de uma sofisticada equipa de agentes secretamente patrocinada pelo governo norte-americano, recebia um envelope com fotografias, pistas e uma engenhosa cassete cujo conteúdo tinha de ser visto e ouvido no momento: era assim que a equipa recebia as instruções para mais uma missão impossível. No final, o aviso de segurança: "Esta gravação irá auto-destruir-se em cinco segundos. Boa sorte, Jim". E então tudo desaparecia num fio de fumo até não restar nada da mensagem que pudesse comprometer os agentes secretos.

A cena é, provavelmente, a mais marcante da popular série televisiva 'Missão: Impossível'. Mas hoje, quando se encara a realidade portuguesa ou mesmo a europeia, há momentos em que essa ficção vem à memória. Passos Coelho pode não ser o mítico Mr. Phelps nem a 'troika' lhe andou a entregar secretamente instruções para uma operação clandestina. Mas é verdade que Passos Coelho lidera hoje uma equipa encarregue de uma missão (quase) impossível de regenerar um País em frangalhos e que foi devidamente instruído pelos agentes do FMI, do BCE e da Comissão Europeia para o fazer com o mínimo de danos e espalhafato.

A partir do momento em que aceitou a missão, o Executivo português sabia que tinha de accionar um plano radical: chama-se austeridade e tem obrigado os portugueses às mais mirabolantes manobras de corte e contenção de que há memória nas décadas recentes. Passos Coelho tem seguido esse guião à risca, por vezes com mais rigor do que o exigido pela própria 'troika' – uma atitude que lhe tem valido os aplausos da exigente crítica (leia-se, o mercado e os parceiros internacionais), mas menos créditos do público (no qual se incluem os portugueses forçados a alinhar num enredo em que não passam de figurantes mal pagos).

Mas essas cenas já todos estão cansados de ver. O problema desta história não está no cumprimento do papel que cabe a Passos Coelho e ao seu Governo. Com mais ou menos dor, o plano de contenção está em marcha, com cortes a oito e a direito, mas ainda não se vê o final feliz desta história. Que é o mesmo que perguntar: com tanta austeridade, quando é que o crescimento entra em cena?

O conselheiro do primeiro-ministro francês, Jean-Paul Fitossi, em entrevista ao Económico, não é o primeiro, nem será decerto o último, a alertar para os riscos de uma política exclusiva de austeridade imposta pela Europa e pelo FMI: "Não tem futuro". E, tal como a Standard&Poor's, também este economista reconhece que reformas assentes unicamente na austeridade, que não têm em conta o crescimento, são auto-destrutivas. Não deixa de ser irónico que o alerta parta do conselheiro de um governo que, aliado a Berlim, tem ajudado a definir as regras impostas aos parceiros economicamente mais fragilizados, como Portugal. O aviso, contudo, não é ficção. É urgente repensar o guião da austeridade e introduzir etapas de crescimento. Para evitar que, como na ficção, a economia portuguesa não se auto-destrua em cinco... quatro... três...

Helena Cristina Coelho \* subdirectora

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-28\_fevereiro-opinião2.\_28\_de\_fevereiro.doc.txt

### A folga da 'troika'

Os resultados do terceiro exame da 'troika' a Portugal são conhecidos hoje. Só que, ao contrário do habitual, não serão os três representantes do FMI, do BCE e da Comissão Europeia a falar ao país: o palco estará reservado ao ministro das Finanças, Vítor Gaspar. E, também desta vez, as notícias serão um pouco menos trágicas do que nas conferências anteriores: a avaliação da 'troika' foi positiva e as metas que estavam previstas no memorando foram cumpridas. Como tal, o Governo espera agora que a quarta tranche da ajuda, de 14 mil milhões de euros, seja libertada em Abril. Sinal de alívio? Sim. E não. Sim, porque a ausência da 'troika' nessa badalada conferência é uma forma de dizer aos portugueses que confia. Que o estorço iniciado nos últimos meses compensa. Que os sacrifícios a que têm sido obrigados começam a dar sinais de que o maior programa de ajustamento orçamental do país, afinal, é possível. Tudo isto é um alívio, sim. Mas é sentimento de alívio muito limitado. Porque a austeridade e os sacrifícios vão continuar a castigar os portugueses, porque a economia ainda não travou a queda e não se sabe quando estabiliza e recomeça a crescer, porque não se sabe se a boa vontade de Portugal para honrar o memorando da 'troika' resistirá a qualquer despiste que surja pelo caminho. Esta ausência da 'troika' é um voto de confiança ao Governo português. Mas tudo

isto é um pouco como as bicicletas das crianças: colocam-se umas rodinhas de apoio para garantir estabilidade enquanto aprendem a pedalar. Depois, quando é preciso que andem sozinhos e garantam o seu próprio equilíbrio, retiram-se as rodinhas e espera-se que o condutor e os pedais façam o caminho. Sem mais quedas. É um exercício assim que Portugal se prepara para enfrentar. A aparente folga da 'troika' é também uma forma de testar se (e quando) o País consegue voltar a pedalar sozinho.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-28\_fevereiro-crónica.28\_de\_fevereiro.doc.txt

O dono que faltava

Millennium bcp tem a partir de hoje um novo presidente-executivo, Nuno Amado, e tem, pela primeira vez na sua história, um dono que manda, a Sonangol. Para memória futura, faz toda a diferença.

O maior banco privado português arrasta-se, há pelo menos dez anos, umas vezes melhor, outras pior, por motivos internos e externos à sua gestão e aos seus accionistas. A sua história recente, desde a guerra entre Jorge Jardim Gonçalves e Paulo Teixeira Pinto, ainda está por escrever. Sabe-se pouco, e o pouco que se sabe revela a influência de um Governo, e de Sócrates, numa solução de emergência para tentar salvar o banco. É uma transferência da gestão da CGD para o BCP, que acabou por adiar o inevitável. Um banco, como uma empresa, tem de ter uma de duas condições para sobreviver e vencer: um dono forte ou uma liderança forte. E no Millennium bcp não foi possível garantir nenhuma das duas.

Carlos Santos Ferreira foi o melhor presidente possível, mas era impossível fazer melhor. Porque atravessou uma crise sem precedentes, e porque respondia a vários donos, quase todos capitalistas sem capital e que usaram o banco para as suas guerras, em outras empresas e com outros interesses. Historicamente, Jardim Gonçalves conseguiu ser esse líder, e 'matou' qualquer pretensão de um só dono. Acabou no dia em que o próprio saiu da presidência executiva e quando se percebeu que, na Malhoa, não havia 'rei nem roque'.

A entrada de Nuno Amado é uma oportunidade para o BCP pôr termo à monocultura financeira em que o país vive, dependente, para tudo, do BES e sobretudo de Ricardo Salgado. É uma oportunidade pela sua competência, e pelo facto de, pela primeira vez, um accionista assumir o seu papel de 'dono', com capital.

A Sonangol, que tem cerca de 15% do banco, tem mais capital, leia-se acções, e tem dinheiro. É mau? Foi o que valeu ao longo de 2011 e o que pode ser crítico para atrair novos investidores para o banco. Os accionistas portugueses, esses, têm menos capital, e nenhum dinheiro. Pelo menos agora, não voltaremos a ver um qualquer accionista a festejar os resultados de uma assembleia-geral como se de um jogo de futebol se tratasse. Porque 'isto' não é um jogo, apesar do que se viu na última década. Já não há dinheiro para isso, e ainda bem.

Para Nuno Amado, não haverá os equilíbrios que se pressentiram nos últimos anos. O faz-de-conta que todos mandavam, mas havia um que mandava mais do que os outros. Agora, não, agora manda um, o que tem mais votos, e obedecem os outros, os que têm menos. É assim nas democracias, e uma assembleia-geral é a Democracia do Capital. Nesta, aqui ou em Angola, manda quem tem votos e quem tem, além disso, dinheiro.

Amado constituiu uma equipa que não é apenas sua, é também do accionista Sonangol. Tem uma vantagem, não há equívocos, nem ambiguidades. A responsabilidade do sucesso – ou insucesso – será de Amado e do accionista que manda.

Portugal ensaiou uma ofensiva diplomática em Angola mais relevante do que qualquer missão empresarial. O 'Prós e Contras' em Luanda, com Miguel Relvas e a elite política angolana, deu barulho em Portugal, sobretudo por uma gestão danosa de um programa de rádio, mas cumpriu os objectivos: Angola pode assumir, pela primeira vez, o poder que tem no BCP em Portugal. É aproveitar agora, porque, no momento económico e financeiro do País, mais relevante do que os centros de decisão do capital, são os centros de decisão da gestão. E, no caso do BCP, vai sair do Porto, mas vai ficar em Lisboa.

António Costa \* director

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-28\_fevereiro-entrevista.28\_de\_fevereiro.doc.txt

"Este é o Conselho Europeu do regresso à normalidade"

Passos ouviu ontem os partidos para preparar o próximo Conselho. PSD diz que acabou a "situação de emergência" e PS exigiu "austeridade inteligente".

O PSD acredita que o Conselho Europeu de quinta e sexta-feira será o do "regresso à normalidade" e pede um plano

de acção para o emprego aos chefes de Governo europeus. O PS exige a Passos e à Europa que decidam se querem dar prioridade à austeridade ou ao crescimento económico. O PCP está preocupado com a eventual imposição de mais medidas de austeridade "sobre os mesmos do costume." E o CDS reiterou que Portugal deve focar-se no pagamento da dívida.

Foram estes os alertas e as preocupações que os partidos foram ontem a São Bento deixar ao primeiro-ministro, numa ronda de audiências que durou todo o dia, que incluiu ainda os parceiros sociais e que continua esta manhã. O objectivo é preparar o próximo Conselho Europeu, que, na óptica de Moreira da Silva, vice-presidente do PSD, será um encontro "do regresso à normalidade" dos conselhos europeus depois de nos últimos tempos estas reuniões terem estado "concentradas e condicionadas" pela crise da Grécia e das dívidas soberanas. Aos jornalistas, o chefe da delegação do PSD, que era ainda integrada por Braga de Macedo e por Matos Rosa, explicou que a reunião de quinta e sexta-feira entre os chefes de Estado e de Governo vai ser "dedicada à agenda do crescimento económico e emprego" e pediu "um plano de acção" para esta área.

Argumento que não convenceu António José Seguro. Acompanhado da presidente do PS, Maria de Belém, e do líder parlamentar, Carlos Zorrinho, o secretário-geral do PS lembrou que no último Conselho Europeu já tinha ficado na agenda o emprego e o crescimento e pediu que, agora, "se passe das palavras aos actos". Mas para Seguro o Conselho desta semana deveria ter outra missão: a de optar entre as austeridade ou o crescimento económico como receita prioritária para consolidar as contas públicas. Um desafio que Seguro lançou à Europa, mas também a Passos Coelho: "Não podem haver duas prioridades, é necessário que a União Europeia e o Governo português passem da prioridade da austeridade para a prioridade do emprego", desafiou o líder socialista, que defendeu não se mostrou contra a austeridade mas avisou que esta tem que ter "uma dose suficiente" e ser "inteligente". Dando, como exemplo, o reajustamento do programa, dando mais um ano a Portugal para cumprir de forma a que não tenham que se aplicar algumas das medidas de austeridade.

Um argumento que levou, pouco depois, o secretário-geral do PCP lançar um repto a Seguro: "O PS tem que clarificar se quer ser da situação ou da oposição". Jerónimo de Sousa tinha antes manifestado a Passos preocupação com a receita que está a ser seguida pelo Governo, nomeadamente "que novas medidas de austeridade recaiam sobre os mesmos do costume". Isto apesar de o primeiro-ministro ter garantido nos últimos dias que Portugal "não terá medidas adicionais".

Já Francisco Louçã, do BE, voltou a dizer a Passos que não concorda com a "política de destruição de emprego" da UE e disse esperar que do Conselho saia uma "resposta europeia sensata para o crescimento e emprego que contrarie, enfrente e recupere a responsabilidade democrática contra esta visão de destruição da Europa que tem sido conseguida pela senhora Merkel".

Inês David Bastos

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-28\_fevereiro-reportagem.28\_de\_fevereiro.doc.txt

Assembleia geral do BCP reúne 48% dos accionistas

E hoje a AG que elege os novos administradores do BCP. Advogado de Berardo entra como independente.

Hoje é o primeiro dia do resto da vida do BCP. Realiza-se a assembleia geral (AG) que tem tanto de importante como de pacífica e que vai contar com cerca de 48% dos accionistas presentes. Na agenda dois pontos: a alteração do modelo de governo e a eleição da nova administração que vai guiar o banco até 2014.

Para mudar os estatutos hoje bastam 32% dos accionistas votarem a favor, o que está garantido. Passa assim a vigorar o modelo de governo monista, onde há um conselho de administração e uma comissão executiva. E logo no ponto 1 da agenda, que aparece a proposta de alteração do contrato da sociedade, tendo em vista a adopção de um Conselho de Administração, Comissão de Auditoria e Revisor Oficial de Contas, bem como a criação de um Conselho Estratégico Internacional. Para isto ser aprovado são precisos dois terços dos 48% dos votos presentes. Por isso bastam os votos a favor dos accionistas Sonangol (12%); Teixeira Duarte (5,68%); Berardo (4,24%); Sabadell (4%); EDP (3%) e Fundo de Pensões do BCP (3,87%) para que a proposta de alteração de estatutos do banco passe, pois todos somam 32,8%. A isto acrescem as participações de outros accionistas que subscreveram a proposta que hoje é levada à votação: a InterOceânico que tem quase 2% e Hipólito Pires também com uma posição perto dos 2%.

Segundo sabe o Diário Económico, a CGD, que tem 3% do banco, marcará presença na AG. Mas é de esperar que o banco do Estado se abstenha, até porque a CGD estará de saída do capital do BCP. Não só porque essa é a indicação da 'troika' mas também porque é a intenção da gestão. A saída poderá acontecer já durante o futuro aumento de capital do BCP.

O Diário Económico tentou ouvir os principais accionistas do banco, mas poucos querem falar antes da AG. Contactada a Teixeira Duarte preferiu não fazer comentários. Fonte oficial lembrou que, como subscritora das propostas, a empresa revê-se nos argumentos que justificaram as mesmas. E que existe "uma perspectiva positiva tanto da actual gestão como da nova", havendo "um consenso alargado" entre accionistas em redor destas alterações. Já fonte do Banco Sabadell refere que qualquer mudança será sempre "sem dúvida" para melhorar o BCP e que dará sempre "o seu apoio incondicional", até porque "as relações são muito boas". A mesma fonte refere que a presença no BCP "nunca foi especulativa". "Somos um accionista estável e assim queremos continuar", concluiu.

A reunião com os accionistas, que começa hoje às 15 horas no Tagus Park, nas instalações do BCP, tem tudo para ser pacífica. O nome de Nuno Amado, para presidente de uma comissão executiva que vai ser criada depois de eleita a Administração, é consensual para os accionistas – quer para os novos, quer os mais antigos, incluindo para os ex-administradores do BCP que estão ligados à fundação do banco. Nunca um nome foi tão consensual para gerir o BCP, nem Paulo Teixeira Pinto, nem Filipe Pinhal, nem mesmo Carlos Santos Ferreira reuniu a simpatia de todos. Mas há alguns ex-administradores que questionam o nome de André Luiz Gomes no 'board' do BCP. Isto porque é advogado de Joe Berardo, que ainda é accionista. Estes accionistas lembram que o advogado de Berardo fez as denúncias aos reguladores usando documentos que o juiz António da Hora considerou terem sido obtidos com violação do sigilo bancário. "É estranho que André Luiz Gomes venha agora a integrar os órgãos sociais do BCP", dizem as nossas fontes. Mas é ao Banco de Portugal que cabe pronunciar-se sobre a legitimidade destes actos. Por outro lado questionam se os administradores que são advogados dos accionistas "entram para o 'board' na qualidade de representantes dos seus clientes ou se estão como administradores independentes?", referindo-se aos casos de André Luiz Gomes (advogado de Berardo) e a António Faustino (advogado da Teixeira Duarte).

Berardo pode estar de saída

O Diário Económico sabe que André Luiz Gomes entra como administrador independente. Isto é um sinal que Berardo está de saída do capital do BCP – já no próximo aumento de capital. Só isso explica que o advogado entre como gestor independente dos accionistas, uma vez que se manterá depois da saída de Berardo.

Na lista de accionistas presentes estarão presentes alguns ex-administradores: o próprio Jardim Gonçalves, bem como António Rodrigues. Já Filipe Pinhal e Christopher de Beck não irão à reunião. Segundo o Diário Económico soube não está prevista uma intervenção na AG do presidente cessante, Carlos Santos Ferreira, como era tradição sua.

Maria Teixeira Alves \* Maria Ana Barroso

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-28\_fevereiro-notícia1.28\_de\_fevereiro.doc.txt

Perspectivas negativas mantêm-se

O índice ISEG voltou a cair em Fevereiro.

O índice de confiança na economia nacional renovou mínimos em Fevereiro. O índice ISEG manteve as perspectivas de degradação contínua da economia no curto-prazo e considera até uma ligeira diminuição.

"O índice de confiança do ISEG apurado para Fevereiro e relativo à evolução da actividade económica portuguesa no curto prazo foi de 35 pontos o que traduz uma descida do índice de confiança do painel na evolução da conjuntura face ao valor do índice apurado no mês de Janeiro, que foi de 35,5", pode ler-se na nota enviada ao Diário Económico.

Além disso, diminuiu o consenso dos membros do painel relativamente à evolução económica.

Para o professor do ISEG, João Ferreira do Amaral, há vários factores que explicam esta evolução. Por um lado, a incerteza europeia, sobretudo no que respeita à Grécia. O plano "impôs condições de tal forma duras que pouca gente duvidará que os gregos as não vão cumprir ou que, se as cumprirem, a Grécia entrará num colapso social e económico a que se sucederá possivelmente um terramoto político", considera.

A influenciar o resultado do índice estiveram também as previsões da Comissão Europeia, que indicavam um aprofundamento da recessão na zona euro e em Portugal: 0,3% nos 17 da moeda única e 3,3% em Portugal. Para o professor do ISEG, "isto está longe de ser uma surpresa". "Como muitos então avisaram, quando em 2010 a União adoptou uma obrigatoriedade de políticas de redução de défices públicos muito para além do razoável, o resultado final seria provocar uma recessão e tornar mais difícil a consolidação orçamental", acrescentou ainda. O aumento da taxa de desemprego para 14% no último trimestre de 2011 também contribuiu para os resultados.

Paula Cravina de Sousa

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-28\_fevereiro-notícia2.28\_de\_fevereiro.doc.txt

Último balão de oxigénio do BCE dá esperança para nova subida nas bolsas

As acções europeias deverão receber com um novo rali a nova injeção de liquidez do BCE.

A primeira vez que o Banco Central Europeu (BCE) lançou uma linha de financiamento ilimitada a três anos à banca europeia aconteceu a 28 de Dezembro de 2011. Nessa altura, a banca financiou-se em 489 mil milhões de euros. E desde então, as acções europeias iniciaram um rali que se traduziu numa valorização superior a 10%, ao mesmo tempo que o euro somou um ganho de 3,6% face ao dólar. Para muitos, esta será uma cena que se repetirá depois do dia de hoje, dado que o BCE voltará a disponibilizar financiamento ilimitado à banca por três anos.

Contudo, esta equação está longe de produzir resultados certos. Desde logo pela indefinição quanto ao valor que a banca vai receber do BCE. De acordo com uma sondagem da Reuters realizada ontem junto de vários analistas do mercado, os bancos deverão solicitar à autoridade monetária da zona euro 500 mil milhões de euros, nesta operação que deverá ser o último "balão de oxigénio" do BCE deste tipo, segundo os próprios analistas.

Um outro inquérito, realizado pelo Goldman Sachs junto dos seus clientes, revela algo ainda mais interessante.

Segundo os resultados obtidos, existe uma ampla divisão de expectativas entre investidores e bancos: enquanto os investidores esperam que o BCE disponibilize, em média, mais de 660 mil milhões de euros à banca europeia, as expectativas dos bancos são mais conservadoras e apontam para 555 mil milhões de euros, menos 20%. Isto significa que alguém se vai decepcionar com o resultado leilão de crédito do BCE: os investidores que esperam por um valor mais elevado ou os bancos que esperam por um valor menor.

Além desta indefinição há ainda que contabilizar a real utilização do dinheiro do BCE pelas instituições financeiras. É reconhecido por todos que muitos bancos têm utilizado o primeiro "balão de oxigénio" do BCE para operações de 'carry trade' com títulos de dívida de curto prazo dos países periféricos -utilizam o dinheiro emprestado pelo BCE a 1% para comprarem títulos de dívida de curto prazo que oferecem taxas de rendibilidade superiores a 4%, realizando lucros interessantes no curto prazo. Se os bancos continuarem a utilizar o crédito da autoridade monetária para esse fim, assim como para refinanciar a sua dívida (que permanecem elevada), dificilmente o dinheiro chegará à economia e ao mercado, bloqueando assim alguma da margem de subida que as acções apresentam em virtude da expectativa criada em redor da injeção "capital fresco" nas bolsas.

Luís Leitão

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-28\_fevereiro-opinião1.28\_de\_fevereiro.doc.txt

"Portugaliser"

Portugal encontra-se numa situação financeira e política caótica. Julga-se que a solução para os problemas do País passam pelo auxílio externo, e para o efeito, solicita-se um avolumado empréstimo à comunidade internacional.

Primeiro nas principais praças financeiras – que rejeitam o resgate –, depois junto das organizações internacionais; que acedem, mas impondo condições: equilíbrio orçamental, implementação de um conjunto de medidas de austeridade e a permissão da presença de equipas de peritos internacionais no país para verificação da implementação de tais medidas. A reputação internacional de "lixo" é a razão para tais elevadas exigências. E revelador de tal má fama é o cunho em França do verbo "Portugaliser", que significa imprevisibilidade total, caos generalizado, virar tudo do avesso.

O governo português rejeita tais exigências, advogando que o comprimento das mesmas implicaria uma inaceitável perda de soberania. Demite-se o ministro das Finanças, Sinel de Cordes, e é novamente convidado para a pasta um notório professor de Finanças da Universidade de Coimbra, paladino de uma revolução moral do carácter do povo português: António de Oliveira Salazar. Estamos em 1928, e não como o leitor poderia julgar, em 2011 ou 2012.

Apesar da tentadora transposição para a actualidade de eventos passados, do divertimento académico da História contrafactual, a realidade é que História não se repete. Ou repetir-se-á? É que a julgar pela dispersão de discursos populistas, adventistas e nacionalistas que pululam o espaço político europeu (especialmente a Leste), poderíamos julgar estar perante um filme já visto. E se nada for feito para combater os salvadores da Pátria que inevitavelmente promovem – como o nosso Salazar – propostas socialmente retrógradas, moralmente conservadoras e civicamente discriminatórias, caminhamos a passos largos para uma infeliz "salazarização" europeia. Suprema ironia, quando o nosso pequeno ditador sempre foi homem de pequenos horizontes.

Em todo o caso questiono-me se Portugal se mantém imune a tais fenómenos e se, mais de oito décadas depois, conservamos as características da ingovernabilidade que forjaram tal verbo francês e que ciclicamente nos empurram para novos Sebastões, coimbrões ou não.

Julgo que as características do nosso sistema político democrático têm conseguido amenizar o advento de projectos

ultranacionalistas alternativos, ao mesmo tempo que temos sabido concentrar a proclamação de novos Sebastões nas bancadas dos relvados, e não nas tribunas da política, chamando-lhes hoje Ronaldos como ontem lhes chamávamos Eusébios. Mas infelizmente não consigo deixar de me recordar das célebres palavras de Almada Negreiros, esperando infinitamente pela consagração pública das nossas qualidades colectiva (que temos).

José Reis dos Santos

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-31\_janeiro-crónica.31\_de\_janeiro.doc.txt

Filosofia caduca

Um dos privilégios de trabalhar em História Contemporânea é sermos confrontados com dilemas do presente e, consequentemente, ter a oportunidade de mergulhar nos debates políticos, filosóficos e intelectuais decorrentes. Em concreto interessam-me as reflexões sistémicas. Isto porque somos confrontados com a incapacidade dos sistema políticos gerirem o Bem Comum, promoverem uma sociedade mais equitativa e justa e acabarem com o abuso do Estado em prol de alguns poucos, obscuramente seleccionados. Estes são os dilemas do nosso tempo, como o eram há mais de 100 anos. Com a agravante de se terem agudizado no quadro da crise vigente e de serem hoje evidentes para o cidadão comum (bem) informado. Pior, num momento em que se esperava maturação democrática e um consenso social alargado em torno de um futuro colectivo partilhado – face à crise – temos assistido à total incapacidade da nossa elite política em "dar contado recado", interessada apenas em salvaguardar os (seus) privilégios adquiridos. Tal constatação, partilhada entre os partidos no arco governativo, recorda-me um comentário de Antero de Quental quando, insurgindo-se contra o rotativismo parlamentar estéril do século XIX, referia que "os partidos perdem a noção da realidade e, enquanto o mundo está em constante transformação, eles repetem maquinalmente as teses habituais de uma filosofia caduca, que nem sequer entendem". Hoje questiono-me se, perante as transformações do nosso tempo, não estarão os nossos políticos a repetirem fórmulas gastas, obsoletas, e – mais grave – a insistirem na demonstração da falência do actual sistema democrático-parlamentar. Este último ponto apresenta, a meu ver, uma gravidade absoluta, pois decorre da sua interpretação a apresentação de alternativas populistas autoritárias que, no decurso da História, possibilitaram o advento dos fascismos, comunismos e outros totalitarismos e, validaram recentemente, por exemplo, o golpe de Estado Constitucional húngaro. Não pretendo com isto afirmar que Portugal esteja perante tal grave situação (como no passado), mas apenas alertar que a constante falta de qualidade da nossa classe político-partidária pode originar a falência do sistema como o conhecemos. Não podemos continuar a aceitar a imortalização das teses habituais de uma filosofia caduca e mal-entendida, apresentadas por actores clonados dos nossos piores exemplos. É imperativo que surjam novas alternativas, protagonistas e propostas. É necessária mais acção, dentro do quadro democrático-institucional vigente, mais associativismo, mais sindicalismo, mais indignação, mais alternativa partidária consistente. É que, em boa verdade, não é necessário refundar ou romper com o sistema. Até porque o mesmo pode ser (bem) gerido se soubermos promover e apoiar uma elite política capaz e altruísta. O que até ao momento não tem sido possível.

José Reis Santos \* historiador

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-31\_janeiro-opinião2.31\_de\_janeiro.doc.txt

Separados pelo código do trabalho

Nenhum ministro vai encontrar caras sorridentes quando, a partir de Fevereiro, se sentar à mesa com os sindicatos da função pública e lhes apresentar mais esta proposta: novas regras para aproximar o sistema laboral dos funcionários do Estado com o do sector privado. E haverá poucos sorrisos porque, naturalmente, a proposta terá mais elementos para retirar do que para oferecer a quem trabalha na função pública – a começar pela redução dos quatro feriados nacionais, acordada na concertação social, que deverá ser uma das propostas a discutir. O debate sobre as diferenças entre os regimes de trabalho dos sectores público e privado é quase tão velho como as próprias diferenças entre eles. Até agora, quem trabalha sob a alçada do Estado tem saído a ganhar.

Os funcionários públicos dispõem de mais dias livres de férias, trabalham menos horas que os privados e têm estado mais protegidos contra despedimentos. Mesmo a nível salarial, em boa parte dos casos, a balança pende para o lado público. Um estudo recente do Banco de Portugal conclui que, para as mesmas qualificações, os funcionários públicos ganham mais 15% do que os privados, argumento que até Passos Coelho já utilizou. É provável que o Governo o junte agora à sua lista de razões para justificar a ambição (justificada), de aproximar as condições dos dois regimes laborais,

o público e o privado, para criar assim um mercado de trabalho mais justo. Mas esse devia ser o passo seguinte a um outro bem mais ambicioso – e, por isso mesmo, mais difícil e arduo: o de conseguir aproximar e harmonizar os diferentes regimes de contratação e trabalho dentro da função pública. Esse é o desafio que falta superar para que todos possam jogar – e trabalhar – de acordo com as mesmas regras.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-31\_janeiro-notícia1.31\_de\_janeiro.doc.txt

BCP cria Conselho Estratégico para a Internacionalização

Santos Ferreira vai presidir a um órgão que visa dar uma dimensão "multi-geográfica" ao BCP. A nova equipa, com António Monteiro como 'charmain' e Amado como executivo, deverá ser conhecida nos próximos dias.

O processo de mudanças no Millennium bcp está em curso: Carlos Santos Ferreira, que está de saída da presidência do Conselho de Administração Executivo do BCP, vai liderar o novo "Conselho Estratégico para a Internacionalização", órgão a ser criado no âmbito da reestruturação do modelo de governação do banco.

Segundo apurou o Diário Económico, pelo menos três dos actuais elementos do Conselho Geral e de Supervisão (CGS) vão transitar para esta nova estrutura. São eles Daniel Bessa, Leonor Beleza e Álvaro Barreto. E é possível que as transferências entre estas duas estruturas não se fiquem por aqui. O objectivo dos accionistas de referência, particularmente da Sonangol, que tem cerca de 15% do banco, é assegurar que este novo órgão venha a ser a expressão de um banco "multi-geográfico", com membros portugueses, angolanos e brasileiros, confidenciou ao Económico uma fonte accionista.

A Assembleia Geral extraordinária, a 27 ou 28 de Fevereiro, deverá votar, para além do recurso à ajuda do Estado, uma proposta de alteração do modelo de 'governance' do BCP, que deixará o actual modelo dualista para adoptar o desenho que têm boa parte das cotadas em Portugal, ou seja, um modelo monista. Com o novo modelo, o banco deixa de ter um CGS e um conselho de administração executivo para passar a ter um conselho de administração, do qual emana uma comissão executiva. Além do referido órgão consultivo para a internacionalização.

No entanto, não se conhece ainda a dimensão que terão todos estas estruturas e tão pouco o seu desenho final, o que condicionará certamente as realocações de responsáveis do banco.

O novo conselho de administração, já se sabe, será presidido por António Monteiro, que é presidente do CGS, e por Nuno Amado como presidente executivo. Outros membros do CGS, como são os casos de João Loureiro e José Xavier de Basto – que hoje integram também a comissão para as matérias financeiras do BCP – deverão transitar para a nova administração, com a competência da auditoria.

Certa é, hoje, a saída de António Ramalho da vice-presidência executiva do Millennium bcp. Já Vítor Fernandes, o outro vice-presidente, poderá continuar no banco. A ideia de Nuno Amado é aproveitar os recursos internos do banco, até para garantir uma transição pacífica. E, neste aspecto, a Sonangol está alinhada com Amado, que, segundo um comunicado emitido ontem pelo BCP ao mercado, já aceitou formalmente o convite que lhe foi dirigido por accionistas do banco. Neste sentido, os administradores Miguel Maya e Iglesias Soares deverão permanecer na equipa executiva do Millennium bcp.

Como o Diário Económico avançou na edição de ontem, Nuno Amado convidou Miguel Bragança, chief financial officer (CFO) do Santander Totta, para o acompanhar na administração do BCP, e terá também ontem convidado formalmente Jorge Tomé, administrador da Caixa, pra a nova equipa. Mas, até ao fecho desta edição, ainda não eram conhecidas as respostas. De qualquer forma, a intenção dos accionistas de referência do BCP, e do próprio Nuno Amado, é ter a equipa fechada durante esta semana, para garantir a divulgação da lista final no próximo dia 2 de Fevereiro.

António Costa \* Maria Ana Barroso

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-31\_janeiro-notícia2.31\_de\_janeiro.doc.txt

Crato quer revisão curricular em Março

No dia que termina a discussão pública o Governo recebeu mais de 829 propostas de professores.

O ministro Nuno Crato quer ter a nova estrutura curricular do ensino básico e secundário pronta em Março. "É intenção do Ministério da Educação e Ciência ter a versão final da revisão da estrutura curricular pronta em Março, permitindo assim às escolas atempadamente preparar o próximo ano lectivo", revela ao Diário Económico fonte oficial da tutela.

No dia que termina a discussão pública sobre a revisão curricular, o Ministério da Educação e Ciência (MEC) recebeu mais de 829 propostas de professores e sindicatos, tendo já sido analisado 753 contributos, até ao final da semana passada. Apesar dos pedidos da Fenprof e da FNE para estender a discussão por mais um mês, a iniciativa – que arrancou no dia 11 de Janeiro – termina hoje.

Durante os próximos dias a tutela do ministro Nuno Crato vai analisar os restantes contributos para que depois venha a ser apresentada uma versão final da revisão curricular.

Para além das propostas recebidas através da Internet, o ministério garante que foram ouvidos cerca de 1.500 directores e representantes de escolas de todo o País pelo ministro, pela Secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário, Isabel Leite e pelo o Secretário de Estado do Ensino e da Administração Escolar, João Casanova de Almeida, durante este processo.

Da versão inicial – que foi apresentada pelo Governo no passado dia 12 de Dezembro – a eliminação da Formação Cívica tem sido o principal foco de críticas dos sindicatos. Também o Conselho Nacional de Educação e o Provedor de Justiça, Alfredo José de Sousa, manifestaram preocupação com o assunto. O Provedor chegou mesmo a enviar uma carta a Nuno Crato na qual refere que a eliminação desta disciplina não respeita o cumprimento internacional "na promoção de uma cidadania activa e no conhecimento pelos cidadãos dos seus direitos e deveres fundamentais face ao Estado".

Mas Nuno Crato – que quer reforçar as disciplinas que considera fundamentais (Português, Matemática, História e Geografia) – diz que a proposta inicial tem sido, no geral, "muito bem acolhida". Opinião contrária à dos sindicatos que defendem que esta revisão é "manifestamente incompleta" sendo apenas "um instrumento de contenção orçamental", diz a FNE. A Fenprof estima mesmo que a proposta "mais de dez mil professores ficam desempregados".

Ana Petronilho

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-31\_janeiro-reportagem.31\_de\_janeiro.doc.txt

Segundo resgate não depende de Portugal

Barroso quer enviar a Portugal uma "equipa de acção" para reactivar criação de emprego para jovens.

Portugal não exclui um eventual segundo 'resgate' ao país, mas se isso ocorrer não será por falta de cumprimento do Programa de ajustamento. O primeiro -ministro, Pedro Passos Coelho, explicou que só "razões externas" poderão impedir o país de voltar aos mercados em 2013, conforme planeado. E avisou que o aumento do fundo de resgate permanente, a decidir em Março, será "importante para remover o stress financeiro" que se sente nos mercados secundários no que toca à dívida portuguesa. Isto no dia em que os juros de Portugal bateram recordes e actores relevantes no mercado a colocar o país no caminho da reestruturação e até abandono do euro.

No final da cimeira informal em Bruxelas, Passos Coelho notou que Portugal não foi assunto, mas que os líderes "vêm com bons olhos os desenvolvimentos em Portugal e Irlanda". Sobre um segundo resgate, "a UE manterá apoio se, por qualquer outra razão externa, não seja possível voltar aos mercados, desde que o programa seja executado". E rematou: "Essa é a melhor garantia que podemos ter". Mas reiterou que o país "não está a pedir mais dinheiro nem mais tempo".

A formação de capital do novo mecanismo de estabilidade que entrará em vigor em Julho deste ano, é "uma das razões" subjacentes a um "Orçamento rectificativo" este semestre, explicou. O capital subscrito desse fundo será de 80 mil milhões, o que implica cerca de dois mil milhões para Portugal, embora não tenham de ser angariados numa só tranche. Passos Coelho diz "desconhecer qualquer disputa entre órgãos de soberania" em Portugal em resposta a ecos de um desacordo de fundo com o Presidente da República.

Reformas vão tardar a ter efeito

O presidente da Comissão, Durão Barroso, avisou ontem que as reformas estruturais em Portugal e Itália "vão demorar tempo a dar resultados", durante a sua apresentação aos líderes europeus. Barroso saudou as reformas no mercado laboral adoptadas na Alemanha entre 2003/5 e afirmou que "a Itália e Portugal estão a decidir agora e a implementar reformas que também são de grande alcance. Mas os resultados vão demorar algum tempo a aparecer", acrescentou. O actual êxito da Alemanha deve pois inspirar estes países, defendeu.

A cimeira de ontem em Bruxelas pretendia ser um ponto de viragem no discurso político dos líderes passando de uma mensagem de austeridade para uma de crescimento económico e o emprego. Não se avançaram com novos recursos, apenas fundos europeus que já estavam previstos mas ainda não foram gastos. Ainda sobram cerca de 82 mil milhões de euros (e não 104 como a Comissão tinha avisado na semana passada) para combater desemprego e aumentar o acesso das PME ao crédito. Passos disse que a sensação de "uma ruptura do crédito ao nível das PME era uma

preocupação portuguesa que agora se alarga a outros países" e encontra uma solução. Os fundos disponíveis passarão a servir como garantias para desbloquear empréstimos do Banco Europeu de Investimento, explicou.

Já a tónica na austeridade manteve-se com a adopção de um novo Tratado que impõe uma regra de equilíbrio orçamental e na prática proíbe o expansionismo. A discussão sobre a Grécia ficou adiada para uma reunião de responsáveis europeus, que será de líderes ou ministros, em Fevereiro, para fechar o segundo pacote de resgate. As negociações com os credores para um perdão da dívida ainda não estão concluídas.

Missão técnica para ajudar Portugal a criar emprego

Portugal, sendo um dos oito países com maior desemprego jovem na Europa, deverá ser alvo de uma missão técnica de Bruxelas para reparar o mercado laboral, no quadro das medidas para o crescimento debatidas.

A "equipa de acção" que Bruxelas quer enviar a Portugal, e outros sete países, para atacar o problema do desemprego jovem, será composta pelos parceiros sociais, as autoridades locais e a Comissão, avisou Barroso. "Nas 11 semanas que decorrerão até meados de Abril, as 'equipas de acção' vão desenvolver planos que serão incluídos no programa nacional de reformas", disse.

Os fundos à disposição desta equipa serão os fundos europeus que ainda não forem usados e que estiverem ainda sujeitos a reprogramação. Portugal ainda tem 1,76 mil milhões no quadro do Fundo Social Europeu para atribuir. "Vou escrever aos primeiros-ministros destes oito países depois desta reunião para começarmos a trabalhar imediatamente. Se esta abordagem produzir bons resultados podemos expandi-la a outros estados membros", concluiu.

Luís Rego

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-31\_janeiro-opinião1.\_31\_de\_janeiro.doc.txt

A última oportunidade

Há 15 anos, a banca nacional tinha líderes como Jorge Jardim Gonçalves, Artur Santos Silva, Ricardo Salgado e o presidente da Caixa Geral de Depósitos, fosse ele quem fosse. Hoje, emerge o presidente do Banco Espírito Santo (BES), por mérito próprio e por fragilidades alheias. As mudanças no Millennium bcp, e a entrada de Nuno Amado, têm também esse objectivo, a de garantir, a prazo, o fim da monocultura financeira que é hoje prática no País.

É preciso reconhecê-lo, Ricardo Salgado construiu, passo a passo, o poder e a influência que tem hoje na sociedade portuguesa, financeira, económica e política. Nada se faz sem uma palavra do banqueiro, esse sim, o patrão dos banqueiros portugueses (e não a associação do sector, liderada por António de Sousa). E isso deve-se ao que foi decidido há 20 anos: o crescimento orgânico, e não por aquisição, a internacionalização – mais recente – via banco de investimento, a participação nos processos de privatização e as posições estratégicas nas maiores empresas portuguesas, como a PT ou a EDP. Além, claro, de uma estratégia operacional do banco focada e de uma relação privilegiada com o cliente Estado.

Tudo somado, Ricardo Salgado é hoje incontornável. O problema não é o poder de Salgado, construído a pulso e que beneficiou a economia e o País, mas as vulnerabilidades de outros banqueiros que os impedem de funcionar como contra-ponto ao peso institucional – e financeiro – do presidente do BES.

A politização crescente da Caixa Geral de Depósitos pôs em causa o poder e a influência dos sucessivos presidentes da Caixa, pelo menos desde João Salgueiro. Apesar de a Caixa continuar a ser o maior banco português. Essa fonte de poder transferiu-se, progressivamente, para o Terreiro do Paço e para o ministro das Finanças que, em cada momento, tutelava o banco público. Aliás, a nova gestão da Caixa, de Faria de Oliveira e de José de Matos, tem a oportunidade de recuperar um peso perdido, mas a gestão bicéfala é, em si mesmo, um obstáculo.

Artur Santos Silva tinha um peso próprio, e reforçou-o com o crescimento da, então, SPI para o BPI que conhecemos hoje. Valia mais do que o próprio banco, por origem e vocação. Fernando Ulrich é um gestor de topo, um banqueiro, mas o seu peso tem sido directamente proporcional à sua irreverência. Criou-se a ideia, verdadeira, que os banqueiros têm uma linguagem própria, leia-se, que não dizem tudo o que lhes vai na alma. Ulrich não. Diz a verdade, mesmo quando ela dói, a si ou aos outros. A dimensão do BPI hoje no mercado, a crise que também o afecta, e limita, reduzem-lhe o espaço de intervenção, e muito.

Sobre Jorge Jardim Gonçalves, a história ainda está a ser escrita, em vários capítulos. Não terminou à altura do que fez pela banca nacional, e pelo seu impacto no sistema financeiro e empresarial português. A guerra de poder no BCP e a intervenção do Governo de Sócrates geraram uma solução, a melhor à data, com Carlos Santos Ferreira, que tinha como objectivo "apenas" estabilizar o maior banco privado português. Fê-lo, mas a crise, e as dificuldades dos accionistas de referência do Millennium (também) fizeram o resto.

É neste contexto que a entrada de Nuno Amado pode ser um ponto de viragem, um novo começo para o BCP. Santos

Ferreira também percebeu isso, e foi o primeiro a subscrever a posição da Sonangol, o accionista de referência do banco, para "mudar a página", como afirmou ao Diário Económico.

A bem de Ricardo Salgado e do BES, do sistema financeiro e da economia como um todo, é crítico que o Millennium bcp recupere o peso institucional que já teve. Não será uma tarefa para um ano, eventualmente nem sequer para um mandato. Mas Amado tem a oportunidade, a última, de o fazer.

António Costa \* director

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-31\_janeiro-entrevista.31\_de\_janeiro.doc.txt

A Luís Parente

Presidente do Sindicato do Pessoal de Voo da Aviação Civil

"Neste momento a greve é mais prejudicial"

Seis meses depois de ter decretado uma greve de dez dias, Luís Parente garante que as relações com a gestão da TAP estão regularizadas. Ainda assim, o sindicato prepara novos protestos devido aos cortes salariais.

O SNPVAC pode fazer greve contra os cortes salariais?

Já interpusemos uma acção em tribunal contra a TAP, estamos a ultimar a da Portugália e da Sata Internacional e Sata Açores. Para já vamos por outro caminho.

Isso quer dizer que não vão convocar greves?

Os trabalhadores dos portos de Atenas estiveram 22 dias de greve, queimaram pneus, não deixaram os barcos encostar para entregar mercadorias e a única coisa que conseguiram foi mais recessão e austeridade. Neste momento, não se põe [a convocação de uma greve], porque é mais prejudicial. Isto não quer dizer que levando [o tema] a uma assembleia, e num caso extremo, não possa vir a ser decretada uma greve. Mas para já não está em cima da mesa.

Como estão as relações com a administração da TAP?

Razoavelmente bem. Existiam algumas arestas por limar, mas tivemos confirmação que o mais rapidamente possível seriam postas em acção. Tivemos a confirmação que há trabalhadores que já podem vir a reformar-se ao abrigo do regime transitório e que está a ser traçado um quadro de saídas até ao final do ano. Tem havido cursos de chefia de cabine, estão em preparação cursos de supervisor de cabine para 90 tripulantes e para chefe de cabine são à volta de 170. Conseguimos 270 progressões na carreira. A TAP está no bom caminho ao cumprir aquilo com que se compromete com os sindicatos.

Hermínia Silva

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-3\_janeiro-crónica.3jan.doc.txt

CRÓNICA DAKAR 2012

Melhor era impossível

Para esta edição do Dakar as expectativas da equipa Delta Q-Monster Energy X-raid Team são muito elevadas. A vitória é o objectivo de toda a estrutura e a mim cabe ajudar os dois companheiros de equipa, Stéphane Peterhansel e Nani Roma, no sentido de que consigam esse feito, mas também pretendo superar o meu melhor resultado – o sétimo lugar do ano passado. Desde que chegámos à Argentina que o ambiente é extraordinário, com a população a mostrar enorme interesse. Estão decorridas duas etapas e não podemos estar mais satisfeitos com o resultado até ao momento: o Stéphane lidera, o Nani é quinto e eu nono. Para já tudo decorre tal como planeámos, mas todos sabemos que, numa prova desta natureza, nada pode ser dado como certo. Estamos no início, muito motivados e cientes de que a vitória está ao nosso alcance. Um lamento profundo: as mortes de Jorge Boero e de dois espectadores. Nenhum de nós fica indiferente perante a tragédia.

Ricardo Leal dos Santos \* Piloto Mini AII4 Racing

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-3\_janeiro-opinião2.\_3\_de\_jan.doc.txt

Não há almoços grátis, nem com IVA a 13%

Que não há almoços grátis, os portugueses já o sabiam. Pelo menos desde 2004 quando um ex-primeiro ministro e candidato a Belém, Cavaco Silva, dizia, a propósito da introdução das portagens nas SGUT, que não havia "almoços

grátis". Hoje, oito anos volvidos, com o País numa situação "insustentável" – segundo as palavras do agora Presidente da República – e com portagens em todas as SCUT, os portugueses passaram também a saber que não só não há almoços grátis, como também já não há almoços com IVA a 13%.

Desde ontem, o IVA na restauração passou para a taxa máxima de 23% e nem a bica escapou ao aumento de impostos para fazer baixar o défice para 4,5% este ano. Nesta altura, os comerciantes depararam-se com um dilema: ou repercutem a subida do IVA no preço final a cobrar aos consumidores, arriscando-se a perder clientela, ou absorvem a subida do imposto, arriscando-se a esmagar as margens de lucros. No dia de ontem, e como constatou o Diário Económico em reportagens feitas no Porto e em Lisboa, ainda era cedo para fazer as contas. Janeiro é, tradicionalmente, um mês de ressaca das compras de Natal, muitos empresários ainda estão a escoar produtos comprados com IVA a 13% e muitos consumidores já se tinham precavido, ainda que temporariamente, enchendo a despensa com alimentos não perecíveis como o arroz, as massas e os enlatados ao IVA antigo. Mas como não há almoços grátis, mais tarde ou mais cedo alguém vai ter de suportar o custo do IVA a 23%. E o pior de tudo é que não há quaisquer garantias de que este tenha sido o último aumento da taxa. Ainda ontem vimos o caso da Hungria, país que tal como Portugal está sujeito a um programa de ajustamento orçamental, que aumentou a sua taxa do IVA para uns impensáveis 27%. É de fazer perder o apetite.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-3\_janeiro-entrevista.3jan.doc.txt

WILLIAM A. GALSTON

Sénior Fellow de estudos de governance da Brookings Institution de Washington.

"Romney tem a melhor possibilidade de vencer Obama"

As eleições no Iowa já serviram para mostrar quais são os temas principais das primárias republicanas, devendo abrir as portas à nomeação de Romney, diz o perito William A. Galston.

Porque é que a eleição no Iowa é importante?

Muitos têm dito que o 'caucus' do Iowa não terá repercussões, afirmando que a escolha não tem impacto real a nível nacional. Mas a verdade é que esta parte das primárias de 2012 já permitiu clarificar quais os factores dominantes da eleição, nomeadamente a importância das preocupações com o estado da economia – em particular no que diz respeito ao défice do governo federal – e ainda a credibilidade dos candidatos.

Que resultado espera?

O partido republicano tem um respeito recalcitrante por Mitt Romney – a maioria dos votantes de Iowa considera que ele tem princípios fortes – e chegou à conclusão correcta, na minha opinião, de que ele é quem tem a melhor possibilidade de vencer o presidente Obama nas eleições deste ano. Por isso, nesta altura Romney tem que ser visto como o favorito para conseguir a nomeação.

O que vai acontecer depois da eleição no Iowa?

Se os três candidatos mais votados forem Romney, Paul e Santorum, então é Romney que terá toda a vantagem. Tanto quanto posso dizer, para ele será muito fácil ganhar as primárias em New Hampshire, a única questão é por quanto. Paul provavelmente obterá aí um segundo lugar muito distante, mas ele certamente não vai ser nomeado pelo partido. E Santorum também não, pois tem pouca organização e ainda menos suporte partidário. E quando olhamos para o Sul, nem Paul ou Santorum têm apoios detectáveis na Carolina do Sul e na Flórida. Romney tinha mais a recear de Rick Perry e Newt Gingrich, que tinham potencial para serem a alternativa dos mais conservadores ao ex-governador.

Pedro Duarte

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-3\_janeiro-notícia1.3jan.doc.txt

Zona euro deve perder um país já em 2012

Economistas do CEBR frisam que 2012 será difícil para o euro.

A zona euro deverá começar a desintegrar-se este ano, com a saída de pelo menos um dos estados-membro da união monetária. Quem o diz é o Centre for Economics and Business Research (CEBR), que relembra que 2012 será um ano muito difícil para a moeda única.

"Parece que 2012 será o ano em que a zona euro começará a romper-se", avançou ontem o 'think tank' britânico, em comunicado. "Ainda não é um dado adquirido, mas a nossa previsão é de que até final do ano pelo menos um país saia [da zona euro]", frisa. E se a probabilidade de uma ruptura na união monetária ainda este ano é de "apenas" 60%, o

CEBR avisa que a probabilidade de o euro se desintegrar durante a próxima década aumentou para 99%.

O comunicado do 'tink tank' surgiu no dia em que os líderes europeus regressaram ao trabalho, para tentar evitar o fim do euro. Nesse sentido, a chanceler alemã, Angela Merkel, e o presidente francês, Nicolas Sarkozy, reúnem-se em Berlim na próxima segunda-feira, para preparar a primeira cimeira europeia de 2012, que vai decorrer dia 30 de Janeiro.

O primeiro e mais urgente objectivo será o tentar dar um balão de oxigénio a Espanha e Itália. Recorde-se que os dois países têm estado sob a mira dos mercados e, no primeiro trimestre deste ano, preparam-se para realizar emissões de dívida pública a um ritmo nunca visto – só Itália tem de amortizar 64 mil milhões entre Janeiro e Março.

A factura sobe quando se juntam os bancos. É que conjugando o financiamento de estados e da banca, a zona euro tem cerca de 500 mil milhões para amortizar no primeiro trimestre. O CEBR não fica indiferente aos números e avisa que mesmo os bancos francês e alemães poderão ser forçados "a procurar 'bailouts'", para compensar as perdas com os títulos soberanos. "Podem até ser nacionalizados", conclui.

Luís Reis Pires

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-3\_janeiro-notícia2.3\_jan..doc.txt

Holdings dos bancos não podem usar directamente a linha de recapitalização

As holdings ESFG e Banif SGPS terão de utilizar os bancos que detêm se quiserem recorrer à ajuda do Estado. A lei impede-os de o fazer directamente.

O recurso aos 12 mil milhões de euros de ajuda estatal para a capitalização da banca só poderá ser feito directamente pelos bancos, deixando de fora as holdings que detêm algumas das instituições, e que também têm rácios para cumprir. A alternativa para o fortalecimento das holdings é o recurso à linha pública através dos bancos e não das casas-mãe, soube o Diário Económico. A via encontrada entre os bancos e as autoridades permitirá que a ESFG e a Banif SGPS possam vir a beneficiar indirectamente do apoio público, se necessário.

A proposta de lei que define as regras de acesso do sector bancário ao pacote de capitalização diz explicitamente que apenas "podem beneficiar de operações de capitalização previstas na presente lei as instituições de crédito que tenham sede em Portugal, incluindo, com as devidas adaptações, as instituições de crédito não constituídas sob a forma de sociedade anónima".

Esta restrição colocaria, à partida, de fora, dois dos grupos bancários que têm de cumprir novas exigências de capital, quer por via da 'troika' quer pela EBA, a autoridade bancária europeia. Por um lado, a Banif SGPS, holding que detém o banco Banif, o negócio segurador do grupo, entre outras áreas, e, por outro, a Espírito Santo Financial Group (ESFG). Para os restantes seis grupos bancários (BCP, CGD, BPI, Santander Totta, Montepio Geral e Crédito Agrícola) a questão não se coloca.

A primeira é uma holding e não uma instituição de crédito. A ESFG, detentora da maioria do capital do BES, tem ainda o problema adicional de não estar sediada em Portugal mas sim no Luxemburgo.

O assunto foi discutido dentro da APB e entre os bancos e as autoridades, tendo-se chegado a esta via para contornar a lei. A ESFG e a Banif SGPS poderão, se assim entenderem, recorrer aos 12 mil milhões, através dos seus bancos, BES e Banif. O reforço dar-se-á, à partida, por via indirecta. Reforçando-se o capital dos bancos, reforça-se o das holdings que os consolidam.

Os devedores serão os bancos e, como tal, serão eles em princípio quem ficará sujeito à entrada do Estado no seu capital ou ao assumir de poder executivo pelo Governo, se necessário. Por outro lado, dado que parte desses reforços de capital se perderão na consolidação com a casa-mãe, poderão ser necessários montantes superiores do que seria necessário num recurso directo por parte destes holdings. No entanto, até ao fecho da edição não foi possível confirmar os detalhes exactos de como este acesso indirecto poderá ser concretizado.

O diploma foi aprovado no Parlamento no final do ano e terá ainda de ser promulgado pelo Presidente da República antes de ser publicado o decreto-lei. Os termos e condições da ajuda estatal vão ainda ser definidos por portaria do Governo.

Dos dois grupos em causa, Ricardo Salgado tem rejeitado a hipótese de um recurso aos 12 mil milhões. Já o grupo Banif, pela voz de Joaquim Marques dos Santos, já admitiu a hipótese de recorrer.

A ESFG tem de cumprir as metas da 'troika' e as apertadas exigências da EBA, que vão obrigar os quatro maiores grupos bancários portugueses (o Totta fica de fora) a criar almofadas de capital provisórias para prevenir choques soberanos. De acordo com os números do início de Dezembro, a dona do BES estava, no final de Setembro, a 1,59 mil milhões de euros de cumprir as metas da EBA em Junho deste ano. Ainda assim, as necessidades da 'holding' serão

actualmente menores, a rondar os 600 milhões de euros, em resultado das operações de reforço de fundos próprios entretanto realizadas pelo banco. A Banif SGPS, que enfrenta as metas da 'troika', mas não as da EBA, tinha, até ao final de 2011, de conseguir 300 milhões de euros para atingir os 9% de 'core tier 1' pedidos pelo Banco de Portugal. Maria Ana Barroso

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-3\_janeiro-Opinião1.doc.txt

Millennium bcp precisa de mudar de vida

O Millennium bcp voltou ontem a valer mais de mil milhões de euros em bolsa, mas este número psicológico não chega para esconder uma realidade: o BCP precisa de mudar de vida.

Em 2011, o banco liderado por Carlos Santos Ferreira perdeu cerca de 75% em bolsa, arrastado pela crise do euro e das dívidas soberanas, que atingiu em cheio o sector financeiro europeu e o português, claro. Mas o BCP não se pode queixar apenas de terceiros.

Santos Ferreira 'pegou' no BCP num momento difícil, o mais difícil da sua história. E tinha uma tarefa, que conseguiu cumprir: estabilizar o banco e gerir uma estrutura accionista atomizada, à beira da ruptura e sem dinheiro para fazer face às necessidades de capital do banco. Passou o seu primeiro mandato a unir as pontas. E já não foi pouco.

No segundo mandato, que começou há pouco menos de um ano, as expectativas e os objectivos eram outros, era dar uma segunda vida a um banco que tinha passado o pior. Sem antecipar que o pior dos mercados estava para vir. Foi já em 2011 que os angolanos da Sonangol assumiram o seu papel de maior accionista do banco e isso foi visível no novo conselho geral e de supervisão. Mas, de então para cá, o BCP anda à procura de soluções – leia-se de novos accionistas – que tardam em chegar.

A equipa de Santos Ferreira conseguiu responder, até com surpreendente resiliência, às sucessivas novas exigências da autoridade bancária europeia e da 'troika' em matéria de cumprimento de rácios de capital. Mas essa necessidade deixou a estratégia para segundo plano.

Santos Ferreira cometeu um erro: anunciou que o mercado europeu deixava de ser 'core' e, implicitamente, pôs a mais importante operação do banco fora de Portugal, na Polónia, à venda. A degradação acelerada das condições financeiras na zona euro tornou impossível a venda de um banco polaco por um preço justo e que está hoje entre a espada e a parede.

O Millennium na Polónia tem um peso significativo nos resultados do banco em Portugal e, por isso, a decisão de não vender foi a mais acertada, mas resultam dois problemas: por um lado, continua com uma participação maioritária num banco que está num mercado não 'core'; depois, precisa de novos accionistas que potenciem aquela operação, sob pena de se tornar irrelevante a prazo, dado que tem menos de 5% de quota de mercado. Mesmo que seja para a vender numa melhor altura.

Santos Ferreira tem, assim, nos próximos meses, um objectivo: encontrar um ou dois accionistas de referência – brasileiros e chineses? – que permitam reforçar a estrutura de capitais e dar um rumo estratégico ao maior banco privado português.

A coexistência de accionistas brasileiros, chineses e angolanos não é tarefa fácil, e só um homem como Santos Ferreira terá condições para os juntar num mesmo projecto.

Esses accionistas tornam o banco menos independente? Não. Tornam-no mais forte.

António Costa \* director

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-3\_janeiro-Reportagem\_a.3\_jan.doc.txt

Destaque: Subida de preços

No ano novo em busca de velhos preços

Enquanto comerciantes evitam aumentos, hospitais, portagens e supermercados já actualizaram os preços.

A crise permitiu que as compras de Natal fossem feitas a preço de saldo e que o revéillon ficasse mais em conta, mas no regresso ao trabalho, a regra foi outra. De hospitais e centros de saúde a restaurantes e supermercados, ontem foi dia da anunciada actualização de preços. "Perguntei logo: quanto vou pagar hoje?", conta Anabela Gonçalves Pereira para quem a notícia foi boa. "O tabaco ainda está ao preço do ano passado. Quando subir vou notar", diz à salda de um supermercado em Lisboa onde a factura "não foi maior que a habitual". Mas se houve quem conseguisse fugir, nas ruas da capital também não faltava quem tivesse entrado em 2012 com surpresas pouco agradáveis.

"Durante a semana, vou passar a dormir em casa dos meus pais que vivem em Lisboa", conta Henrique Baião, informático de 30 anos, que mora na Costa de Caparica e trabalha em Loures. Mensalmente, entre portagens e combustível, são mais de 150 os euros gastos e as refeições fora de casa também já foram adaptadas ao novo cenário económico. "No máximo, por semana, janto duas vezes fora. Para o almoço, levo sempre comida de casa", conta. Mas desta vez, mesmo a factura do supermercado vai subir. "Nota-se em tudo", conta Maria Ferreira dos Santos que, à saída de um supermercado no centro de Lisboa, foi apanhada desprevenida pelo aumento no rolo de carne. "Diz na factura, já paguei os 23% de IVA", conta. "Temos de nos mentalizar, não ganhamos nada em ser pessimistas", aconselha. Entre supermercados, será sempre possível escolher onde fazer as compras, procurar os mais baratos e seleccionar os produtos mais em conta.

No sistema nacional de saúde, o impacto será inevitável e ontem foi o dia da estreia do novo tarifário – as consultas passaram de 3,10 para dez euros e uma ida às urgências disparou dos 9,6 euros em vigor até à semana passada para um máximo de 20 euros. "Depende das pessoas, mas já temos ouvido uns protestos", conta ao Económico uma das funcionárias das urgências do Hospital de Santa Maria.

"Para já vamos tentar não fazer reflectir os aumentos nos clientes, mas só no final do mês avaliaremos a pancada", diz Joaquim Castro que há 38 anos gere o restaurante Tico Tico da Avenida Rio de Janeiro, em Lisboa. Sem memória de um aumento tão brusco da carga fiscal, Castro reconhece que 2011 nem foi pior que os anteriores, mas não tem ilusões. "Os 20 mil euros de IVA que pagamos devem passar para uns 30 mil. O cliente não sentirá tanto, porque os aumentos serão graduais", diz.

Ao fundo da Avenida da Igreja, também em Lisboa, no Roca, há 22 anos nas mãos de Armando, os clientes tiveram uma agradável surpresa. "Para já não mexemos nos preços. Vamos avaliar no final do mês. Sei de quem o tenha feito, mas aumentar já não é boa política. É melhor vender mais barato e ter mais clientes", sugere, deixando no ar a promessa de manter os actuais 60 cêntimos por café ao balcão e mais dez cêntimos se a esplanada for o local escolhido para a bebida que passou a ser alvo da taxa máxima do IVA.

Quem aproveitou as primeiras horas do ano para ir ao cinema sentiu um "aumento significativo". Inês Lourenço, de 22 anos, foi ao Monumental, no Saldanha, ver o mais recente filme de Roman Polanski. O preço também era novo – os bilhetes para jovens passaram de quatro para 5,5 euros. "Não fará com que deixe de ir, mas vai ser difícil manter a regularidade que tinha", admite.

Seja pela subida nas contas do hospital, do supermercado, pela inflação nas bicas ou nas refeições, certo é que, como diz Inês, nesta altura "toda a gente fala do aumento generalizado dos preços" e o quotidiano mudará. A receita será nas ruas a mesma que Passos Coelho tem adoptado: "Cortar em tudo o que é acessório". Inês Lourenço não poupa no exemplo. "Estamos em época de saldos mas acho que as compras em roupa terão de esperar".

Medicamentos ficam hoje mais baratos

A partir de hoje os medicamentos ficam mais baratos para os utentes e a margem de lucro das farmácias e dos distribuidores diminuí. As farmácias dispõem ainda de um prazo de três meses para escoar medicamentos ao preço antigo, mas não poderão já colocar à venda novos medicamentos que não tenham os preços actualizados de acordo com a nova lei. As novas regras para formação dos preços de medicamentos constam de uma portaria publicada ontem em Diário da República e que determina que os preços dos medicamentos genéricos "devem ser reduzidos até 50% do preço máximo, administrativamente fixado, do medicamento de referência com igual dosagem e na mesma forma farmacêutica". Nos casos em que os preços de venda ao armazenista sejam inferiores a dez euros o preço máximo de venda ao público dos medicamentos genéricos deve ser reduzidos até 75 % do preço do produto de marca com o mesmo princípio activo.

Filipe Garcia

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-3\_janeiro-reportagem.3jan.doc.txt

Primeiro dia com IVA a 23% ainda correu por conta do valor de 2011

Procura de alimentos não perecíveis e tabaco aumentou.

O primeiro dia do resto da vida do IVA a 23% decorreu na ressaca de uma das maiores quebras da taxa de consumo de que há memória – que, no Grande Porto, terá chegado aos 24% relativamente ao ano anterior – e que está a esventrar o comércio desde o início do último trimestre de 2011.

Com parte substancial dos estabelecimentos hoteleiros – onde se incluem os cafés e os restaurantes – a laborar sob os desígnios das tabelas de preços do ano findo (quando o IVA ainda não ia além dos saudosos 21%), o primeiro dia 'consumista' de 2012 foi o que se estava à espera. "É tradicional que Janeiro seja um dos piores meses do ano para o

consumo", recordava uma responsável por um hipermercado instalado mesmo em frente ao Rio Douro, para concluir que o estabelecimento teve "a procura reduzida do m costume, depois da enchente do dia 31 de Dezembro". Mas, para além do motivo óbvio da passagem do ano, a última semana de 2011 reservou também – e não apenas naquele hiper-mercado específico – uma corrida aos alimentos não perecíveis. "É costume, quando está programado um aumento dos produtos, que isso aconteça", revela a mesma responsável, para indicar que houve uma já esperada corrida a alimentos como o arroz, as massas e os enlatados – que tem prazos de consumo muito alargados. Uma funcionária de um cash & carry nos arredores da cidade detectava a repetição destas movimentações de 'açambarque' ao nível do tabaco. "É normal que isso aconteça quando o IVA aumenta: os fornecedores tentam oferecer os preços antigos o maior número de dias possível", comentou, enquanto olhava para umas prateleiras claramente depauperadas – onde era impossível encontrar as mais procuradas marcas de tabaco de enrolar, metodologia tabágica com um crescente número de adeptos. Entre uma bica ao preço ainda não inflacionado de 60 cêntimos, a preparação das mortalhas e da onça para a produção de um cigarro e o menu a preços de 2011, era possível ver – num dos mais concorridos restaurantes para almoços na zona de escritórios da Boavista – que os empregados tinham poucas razões para descansarem. "Não estamos a prever mais reduções no número de almoços", dizia a responsável da sala. Aparentemente, o pior já está no terreno: "houve uma redução acentuada a partir de Novembro, e nota-se que o fim do mês [quando um número crescente de clientes desiste de almoçar fora] chega cada vez mais cedo", revela. Nos transportes, nomeadamente nos táxis, ainda não é possível perceber-se qual será o impacto de mais uma subida da taxa – impacto indirecto, dado que o sector vai manter a taxa actual de 6%. Mas isso não é nada que descanse quem passa o dia no meio do trânsito que os outros tentam evitar: "a nova taxa do IVA vai fazer desaparecer ainda mais clientela", vaticina António Dias, delegado da ANTRAL no Porto. Sem razão: "um taxi dividido por quatro é o mais barato dos transportes". Qualquer máquina de calcular lhe dá razão. Na saúde – a crer na amostra muito pouco científica patrocinada pelo átrio de um dos hospitais dos arredores da cidade – a movimentação de clientes era a normal para uma segunda-feira. Mas, nesta área, o aumento do IVA tem efeitos contrários ao que sucede na maioria dos sectores: com as novas tabelas a incidir sobre todos os agentes envolvidos, a saúde pública – apesar de mais cara – será tendencialmente procurada por um número crescente de utentes; que deixam de conseguir responder aos preços praticados no sector privado. Mas essas contas terão de ser feitas quando a amostra for mais precisa, o que não deverá suceder antes do final do trimestre. Nos taxímetros como em qualquer caixa registadora seja de que entidade for – com a eventual excepção da saúde pública – a perspectiva para 2012 é unânime: a quebra dos níveis de consumo – que contribuem directamente para apurar o PIB – ainda não atingiu o fundo. Mas, a crer pela amostra, não tardará muito.

António Freitas de Sousa

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-7\_fevereiro-opinião2.7\_de\_fevereiro.doc.txt

Descolar da Grécia, custe o que custar

A situação na Grécia vai de mal a pior e não se augura nada de bom para Portugal. Já se sabe que quando a Grécia se constipa, Portugal espirra. Os partidos da coligação liderada por Lucas Papademos estão a esticar a corda para evitar mais austeridade, em troca do segundo pacote de resgate, e as negociações com a 'troika' voltaram a ser adiadas para hoje. A Fitch chegou mesmo a admitir um cenário de bancarota, já que Atenas precisa de dinheiro para pagar a dívida de 14,5 mil milhões que vence em Março. Portugal e Irlanda são os primeiros na linha de contágio grego e cada atraso na decisão ou querela interna traduz-se numa maior desconfiança nos mercados face ao êxito dos programas de socorro europeus. Por cá, ao som do tique-taque da bomba relógio em Atenas, continuamos a ser brindados todos os dias com notícias de jornais e agências estrangeiras que insistem em atirar Portugal para o mesmo lugar para onde caminha a Grécia. Depois do The Wall Street Journal e do Financial Times terem dado como certo que Portugal vai ser alvo de um segundo resgate, ontem foi a vez da Reuters dizer que Lisboa já terá mesmo iniciado conversas preliminares com agentes do mercado, tendo em vista uma reestruturação da dívida. O ministério das Finanças veio desmentir a notícia e, mais tarde, foi a vez do primeiro-ministro garantir que Portugal vai cumprir o programa da 'troika', "seja qual for o resultado do que se estiver a passar na Grécia". O mau de todas essas notícias que vêm na imprensa estrangeira é que podem transformar-se naquilo que os anglo-saxónicos chamam de 'self-fulfilling prophecy'. Numa altura destas, em que estamos a cumprir à risca as medidas de austeridade, Portugal tem de fazer todos os esforços para se descolar da Grécia, nem que para isso tenha de mentir com todos os dentes. O discurso lá para fora tem de ser de união e de resistir até onde der para resistir.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-7\_fevereiro-entrevista.7\_de\_fevereiro.doc.txt

"Portugal parece-se com a Irlanda"

Entrevista a Francesco Garzarelli, director do departamento de research de mercados e macro do Goldman Sachs  
As reformas estruturais que o país está a desenvolver são ressalvadas pelo especialista.

Francesco Garzarelli, do Goldman Sachs, está menos pessimista que a maioria dos especialistas em relação a Portugal. Em entrevista ao Diário Económico, o responsável, apesar de frisar a provável necessidade de o país ter de recorrer a um segundo pacote de ajuda, não acredita numa reestruturação da dívida nacional. O director do departamento de 'research' de mercados macro do banco norte-americano, que esteve em Lisboa na conferência anual do Goldman Sachs, no final de Janeiro, salienta ainda a proximidade de Portugal e da Irlanda pois ambos os países estão a fazer significativas reformas estruturais.

Muito se tem falado sobre a possibilidade de Portugal ter de reestruturar a sua dívida. Será inevitável?

O programa foi concebido de boa fé e com alguns parâmetros económicos que se movem com o tempo e com as circunstâncias económicas fora de Portugal. Nesse contexto, não se pode esperar que os objectivos e a trajectória permaneçam inalterados enquanto todo o mundo se move. A minha expectativa é que dada a evolução do cenário macroeconómico global desde que o programam foi concebido, é possível que mais dinheiro seja entregue ao programa e à economia...

Um segundo resgate?

É uma possibilidade. Não colocaria essa hipótese de parte porque as coisas podem mudar. Mas é uma discussão em aberto que tem de se ter à medida que o programa se for aproximando do fim.

O processo de negociação com os credores privados ao nível da reestruturação da dívida grega é um risco para Portugal?

O risco já aí está. As tensões do mercado já estão presentes porque a percepção dos investidores é que o 'stock' de dívida de Portugal é muito elevado.

Os investidores já estão a descontar uma reestruturação da dívida portuguesa.

Absolutamente, quando os títulos a dez anos estão a negociar a 50% do seu valor nominal isso é evidente. Mas, a minha ideia é que, ultimamente, as políticas em curso em Portugal apresentam um sucesso potencial e os políticos revelam-se mais favoráveis a um cenário em que a dívida, em último caso, será assegurada pelo sector público da zona euro e transformada em empréstimos, em detrimento da promoção de uma operação de reestruturação da dívida.

O plano da 'troika' pressupõe que Portugal regresse ao mercado obrigacionista em 2013. Será possível?

Num cenário de crescimento global, em que Portugal se comporta bem no contexto mundial e realiza boas reformas é bastante possível que isso suceda. No entanto, diria que, dadas as informações actuais, é complicado Portugal regressar aos mercados em 2013. Provavelmente, o país precisa de mais um ano para conseguir completar o plano desejado. Desde que o BCE mantenha os empréstimos a três anos aos bancos, que posteriormente financiam os Estados por via da compra dos Bilhetes do Tesouro, Portugal não deverá ter problemas de maior em financiar-se?

Sim mas... Nos empréstimos a três anos temos bancos domésticos e internacionais a comprar os títulos e a reciclá-los [dando-os como colaterais junto do BCE] e a seguirem em frente. Porém, Portugal parece-se quase com a Irlanda. Obviamente que o ponto de partida da Irlanda é melhor em termos de flexibilidade económica, mas Portugal está a começar a derrubar algumas barreiras estruturais. E, por isso, o país parece estar numa situação melhor do que estava há dois ou três anos e continuará a ser melhor dentro de um ano.

Porque é que o mercado não vê isso e continua a castigar os títulos de dívida no mercado secundário?

O problema que o mercado tem com Portugal é o actual montante de dívida que o país tem em circulação [cerca de 110% do PIB]. Essa dívida vai tornar-se num empréstimo, será socializada. E o outro problema do mercado prende-se com a "seniority" da parte da dívida que não será socializada [possibilidade de haver distinção de investidores num eventual processo de reestruturação da dívida].

O ponto central volta então a focar-se nos políticos, que têm de tomar uma decisão forte e esclarecer os mercados sobre o que se irá passar no futuro.

Em todos estes países que estão a ter ajustamento tanto para os investidores domésticos como para os internacionais a questão é: como se vai colocar a economia a crescer? Percebemos que se aumentem impostos e contribuições para a Segurança Social. Mas isso detém a economia, com boas empresas e pessoas a sair.

Como se vão atrair recursos?

Quando esta situação terminar tem de se estar num patamar que as pessoas queiram fazer negócio aqui. Esta é uma

tensão muito grande. Mas agora, finalmente, por causa da rectidão e dogma orçamental na Europa, e com o trabalho de casa a ser feito em Portugal, Itália, Espanha e parcialmente na Grécia, e também com o pacto orçamental, vamos começar a pensar de forma mais crítica sobre a agenda para o crescimento. Daqui a cinco anos o que queremos em Portugal? O Silicon Valley da Europa? A Florida da Europa? Um zilião de coisas. Mas alguém tem de ter a visão. As pessoas aqui têm ter essa visão se não estão a fustigar-se a si próprias. E os investidores também têm de ser atraídos por essa visão.

Luís Leitão \* Rui Barroso

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-7\_fevereiro-notícia1.7\_de\_fevereiro.doc.txt

'Guerra do carbono' prejudica sector europeu da aviação

Pequim proibiu ontem as companhias aéreas de pagarem a taxa de carbono. O sector da aviação da UE diz que o 'jogo político' ameaça a sua competitividade.

Bruxelas está cada mais isolada na taxa de carbono, em vigor desde 1 de Janeiro, e começa a colocar o sector europeu da aviação numa situação de desvantagem competitiva. Pequim proibiu ontem todas as companhias aéreas chinesas com operações na Europa – cerca de 33 – de pagar a nova taxa, numa decisão que eleva o braço-de-ferro político com a União Europeia. A China junta-se assim a uma frente comum de países, entre os quais os EUA, Índia e Rússia, que se opõe aos planos europeus e que ameaça uma guerra comercial.

A uma semana da cimeira bilateral entre a União Europeia e a China – onde está em cima da mesa a entrada chinesa no fundo de resgate da zona euro –, as companhias aéreas europeias continuam a pagar um imposto que está 'auto-suspenso' entre as suas concorrentes asiáticas e norte-americanas. "A China espera que a Europa se debruce sobre as suas preocupações, tendo em conta (...) as relações sino-europeias", disse, em comunicado, a administração da Aviação Civil da China. Pequim avisou ainda que vai "estudar medidas adicionais para proteger os interesses dos seus cidadãos e das suas empresas". Se as companhias aéreas – responsáveis por 3% das emissões de CO2 e por isso incluídas no sistema de comércio de emissões da UE – não pagarem a nova taxa incorrem numa multa de 100 euros por tonelada de carbono emitida e, em último caso, podem ver suspensos os direitos de voo no espaço europeu.

"As transportadoras e a economia europeia não podem ser apanhadas num 'fogo cruzado' político ou ficam em desvantagem competitiva. Se estas tensões levarem a uma guerra comercial, não haverá vencedores", avisa Mike Ambrose, director-geral da Associação Aérea das Regiões Europeias (ERAA). Para já, a alemã Lufthansa revelou que vai aumentar a sobretaxa sobre o combustível, enquanto que a belga Brussels Airlines já subiu esta taxa em dez euros para 135 euros, em voos internacionais, e em três euros para 39 euros para voos dentro da UE. A Comissão Europeia acredita que os custos são "geríveis" para as companhias aéreas e estima que o preço de bilhete de ida e volta deve aumentar entre quatro e 24 euros, conforme a distância.

Os analistas notam que o choque da UE com o resto do mundo é agora mais uma questão de soberania que de protecção ambiental. A legislação da nova taxa, que teve 'luz verde' do Tribunal Europeu no final de 2011, permite a Bruxelas cobrar pela emissão de carbono realizada para além do espaço aéreo europeu. Os países extracomunitários dizem por isso que a taxa é não só uma violação dos tratados internacionais, como também uma intromissão inaceitável na sua soberania. Em 2012, a UE prevê que a taxa só incida sobre 15% das emissões das companhias aéreas – o restante das emissões é gratuito.

"Os grandes parceiros económicos europeus estão a enviar uma mensagem muito forte a Bruxelas de que este problema está para ficar", disse Sylviane Lust, directora-geral da IACA. Mas a comissária das alterações climáticas, Connie Hedegaard, reiterou ontem que a nova taxa "não vai ser alterada", dizendo estar "confiante que as companhias chinesas vão obedecer à nossa legislação". Já o embaixador europeu em Pequim, Markus Ederer, sublinhou que o imposto só fará subir em dois euros o custo das viagens entre a Europa e a China.

Pedro Duarte

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-7\_fevereiro-notícia2.7\_de\_fevereiro.doc.txt

Mais de 31 mil alunos frequentam cursos em risco de encerrar

Há 80 cursos das áreas de Gestão, Finanças ou Banca que estão entre os mais afectados e que são frequentados por 7.446 estudantes.

Há mais de 31 mil estudantes do ensino superior que se arriscam a ver o seu curso encerrado. Isto porque a Agência de

Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES) termina em Abril a segunda fase do processo de avaliação e acreditação de todos os cursos superiores portugueses, que teve início em Maio do ano passado. Neste momento estão a ser analisados 421 cursos que estão em funcionamento em institutos politécnicos e universidades públicas e privadas – entre licenciaturas, mestrados e doutoramentos – de 22 áreas e que estão a ser frequentados por 31.272 estudantes, revela Alberto Amaral, responsável pela A3ES ao Económico.

São cursos que "oferecem algumas dúvidas", refere o presidente da A3ES, explicando que por isso foram submetidos "a um sistema de avaliação com visitas" às instituições de ensino superior. Caso o curso não venha a ser acreditado pela A3ES "deixa de poder admitir novos alunos e deve encerrar em dois anos, funcionando apenas para alunos que queiram acabar os cursos", alerta Alberto Amaral. Mas o presidente da A3ES acredita que muitos dos alunos que frequentam cursos não acreditados acabam por "mudar para um curso acreditado em outra instituição".

A maior fatia de cursos em análise (80 cursos) são da área de Ciências Empresariais, da qual fazem parte os cursos de Finanças, Banca, Seguros, Contabilidade, Fiscalidade ou Gestão e Administração, entre outros, que estão a ser frequentados por 7.446 estudantes. Em segundo lugar, estão os 36 cursos da área de Serviços pessoais – Turismo, Restauração e Desporto – que são frequentados por 4.729 estudantes. Seguidos dos 51 cursos de Saúde em análise que têm 4.597 alunos.

Para que um curso seja acreditado é necessário que pelo menos 50% do corpo docente seja doutorado na área que lecciona e deve existir, pelo menos, um professor doutorado por cada 30 alunos. Além disso, mais de metade dos docentes com o grau de doutor devem estar em regime de tempo integral e têm que desenvolver actividades na área da investigação. Estas são algumas das condições que estão fixadas no Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES).

A A3ES avalia ainda "outros factores que influenciam a qualidade do ensino como bibliotecas, meios informáticos ou laboratórios", explica Alberto Amaral, que sublinha que "se o ensino estiver a ser feito em condições que claramente não cumprem esses mínimos então não será possível conceder a acreditação."

Nova fase de avaliação arranca em Maio

Alberto Amaral revela ainda que "a partir de Maio começa a avaliação de todo o resto do sistema (os 3599 cursos com acreditação preliminar) divididos num ciclo de cinco anos".

Na primeira fase do processo de avaliação, que terminou em Maio do ano passado e que arrancou há cerca de três anos, foram encerrados 1.221 cursos superiores. Para Alberto Amaral a acreditação de cursos "é um processo normal na maioria dos sistemas de ensino superior e só causa mais problemas em Portugal devido à falta de regulação eficiente durante muitos anos." O presidente da A3ES espera ainda que, "havendo um sistema eficiente de regulação da qualidade a funcionar e uma vez eliminados alguns casos graves, o sistema estabilize e a maioria dos casos com problemas possa ser resolvido".

Ana Petronilho

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-7\_fevereiro.reportagem.7\_de\_fevereiro.doc.txt

Grécia condenada a aceitar mais austeridade

Governo em Atenas começa a ceder às exigências da 'troika' perante as ameaças do par 'Merkozy'. Salário mínimo e Função Pública são as vítimas.

As autoridades gregas começaram ontem a ceder à pressão internacional, aceitando parte das novas exigências da 'troika' para soltar um segundo resgate de, pelo menos, 130 mil milhões de euros e um 'perdão' de 100 mil milhões à sua dívida privada. A alternativa, avisaram os parceiros europeus, é o incumprimento em meados de Março.

O ministro grego da Administração Pública anunciou que, como exigido, irá dispensar 15 mil funcionários e fontes governamentais citadas em Atenas falam ainda de um corte na ordem de 20% no salário mínimo, mas na manutenção do subsídio de férias. O primeiro-ministro Lucas Papademos voltou a sentar-se à mesa com a 'troika' ao fim da tarde e prevê hoje à tarde fechar pacote com o resto do Governo, onde têm assento os maiores partidos.

Lisboa é das capitais mais ansiosas com este desfecho. Portugal e Irlanda são os primeiros na linha de contágio grego e cada atraso na decisão ou querela interna traduz-se em maior desconfiança nos mercados face ao êxito dos programas de socorro europeus, (ver texto ao lado) "Países que estão a fazer grandes esforços, como a Irlanda por exemplo, vêm-se, de certa forma, penalizados por uma situação externa", disse o porta-voz do comissário Olli Rehn, Amadeu Altafaj. "Há muito em causa para o resto da zona euro", avisou a chanceler alemã Angela Merkel.

O potencial de tensão social hoje em Atenas é enorme. A expectativa é que Papademos anuncie medidas que tocam no âmago das reivindicações sindicais num dia de greve geral. Os principais políticos terão de aceitar um reforço de

austeridade quando a pré-campanha eleitoral já está nas ruas, tendo em vista o sufrágio previsto para Abril. Os políticos gregos têm vindo a resistir à adopção tão violenta de medidas que representariam, segundo o Governo, mais de quatro mil milhões de poupanças, e que a 'troika' quer ver adoptadas de uma assentada. A queda no salário mínimo é o maior ponto de discórdia. Bruxelas expôs publicamente que, numa média de 12 meses, "o salário mínimo na Grécia é de 870 euros por mês" e que em "termos comparativos, por exemplo em Portugal é de 570 euros [em rigor são 565] e em Espanha de 748 euros", explicou o mesmo porta-voz.

Fitch admite bancarrota

Mas o risco de bancarrota, e consequente saída do euro, estará na mesa dos políticos. Atenas precisa do segundo resgate para responder ao vencimento de títulos de dívida de 14,5 mil milhões de euros até meados de Março. A agência de notação financeira Fitch avisou ontem que "um incumprimento desordenado, o qual poderá incluir a saída da Grécia da zona euro, não pode ser inteiramente posto de parte".

O grau de impaciência sente-se em todas as declarações dos mais relevantes líderes europeus. Em Paris, Merkel avisou: "Queremos que a Grécia continue no euro, mas quero deixar claro, uma vez mais, que não pode haver acordo se as propostas da 'troika' não forem implementadas. Elas estão em cima da mesa e algo tem de acontecer rapidamente". A seu lado, o Presidente francês, Nicolas Sarkozy, acrescentou: "Temos de resolver o assunto Grécia de uma vez por todas. O tempo está a esgotar-se".

Margem negocial chegou ao fim

A margem negocial já expirou, avisou a Comissão Europeia. "Já estamos para lá da data limite", disse Altafaj, lembrando que a "bola está no campo" das autoridades gregas. As negociações já duram há muitas semanas, não só entre a 'troika' e Atenas, mas também entre o Governo e os credores privados internacionais com vista a um corte voluntário de 50% da sua dívida, mais juros. Um acordo que, tudo indica, está "praticamente fechado", segundo fonte europeia.

No total, o acordo implicará a perda de 70% do valor a que os credores teriam direito, aceitando subscrever novos títulos gregos a um juro inferior a 4% até 2020 e depois superior. O objectivo é que a dívida seja de 128% em 2020, segundo os últimos cálculos. O atraso dos últimos dias vai implicar "menos tempo" para fazer esta troca de obrigações, defende a Comissão. Este acordo já poderia ter sido anunciado, mas foi travado pelos europeus, receando que com este perdão de dívida em carteira os políticos perdessem o incentivo para adoptar estas novas medidas.

Em Bruxelas argumenta-se que não se trata de mais austeridade, apenas de cumprir as metas estabelecidas no programa da 'troika'. "É resultado de medidas que não produziram os resultados esperados, que não foram aplicadas e, por outro lado, o contexto de menor crescimento também teve impacto". O crescimento grego em 2011 ficou muito abaixo do esperado, perfazendo um acumulado de perda de 8% riqueza nacional nos últimos dois anos.

Luís Rego

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-7\_fevereiro-crónica.7\_de\_fevereiro.doc.txt

O António, o José e o Seguro

António José Seguro tem uma tarefa ingrata. Herdou uma bancada cheia de deputados escolhidos por José Sócrates, que Marques Mendes baptizou de "tralha socrática", e tem ainda por cima de fazer oposição a um programa de Governo PSD/CDS que o próprio PS negociou com a 'troika'.

Obrigado a fazer a quadratura do círculo, António José Seguro é forçado a multiplicar-se por vários personagens, na tentativa de sobreviver politicamente dentro e fora do partido.

O primeiro desses personagens, chamemo-lo de António, tem um perfil mais responsável e um sentido de Estado mais apurado. É aquele que, segundo as palavras do próprio António, quer fazer uma "oposição honesta, responsável e séria". O António é amigo pessoal de Relvas, dá-se bem com Passos e os socráticos não o suportam. Quer alterar as regras de adesão de militantes para erradicar os "sindicatos de voto" e o "caciquismo". O António é homem para convidar Carrilho para o laboratório de ideias e não ter medo de sarilhos no partido. Absteve-se no Orçamento do Estado e é candidato às eleições legislativas de 2015.

O segundo desses personagens, chamemo-lo de José, sonha com São Bento, mas está apenas a concorrer a eventuais eleições no Congresso do PS em Setembro de 2013. Não se importa de esticar a corda para agradar a meia dúzia de deputados não alinhados, mesmo que isso lhe custe perder a credibilidade política. E tem pesadelos com os fantasmas do António, o Costa, e do José, o Sócrates.

O terceiro desses personagens, chamemo-lo de Seguro, é o mais inseguro de todos. É aquele que quer agradar a gregos e a troianos. É aquele que discorda do Orçamento, mas não arrisca pedir a sua fiscalização sucessiva. O Seguro é

capaz de, no mesmo diploma que previa o corte dos subsídios de férias e de Natal, abster-se e votar contra. O Seguro é capaz de ir buscar o conciliador Zorrinho à ala socrática para chefiar a bancada, mas, talvez por medo, deixa figuras de peso do PS sem assento nos órgãos do partido. O Seguro é aquele que este fim-de-semana veio dizer que vai honrar o memorando, para na frase seguinte dizer 'Eh pá, mas não privatizem as redes'.

Mas sejamos justos. António José Seguro foi um dos primeiros a pedir mais tempo para a consolidação orçamental, uma ideia que começa a ganhar adeptos entre os economistas; pôs o dedo na ferida quando pediu uma linha de financiamento do BEI para as PME; e foi um dos que nunca desistiu de bater nas teclas do crescimento e emprego, ainda antes de a moda ter pegado.

Mas o País precisa de mais António e menos Seguro, para continuar a ter uma oposição responsável, e uma dose de José o quanto baste para não perder (ainda mais) o partido.

subdirector

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Diário\_Económico-7\_fevereiro-opinião1.7\_de\_fevereiro.doc.txt

Sobreendividamento e relançamento económico

O número de famílias que não consegue pagar os créditos contratados com a banca subiu 34.000 em 2011 e atingiu mais de 670 mil. É certo que a maior parte destes casos dizem respeito a créditos ao consumo, mas também é certo que o número de pessoas que já deixaram de pagar o crédito à habitação é, no total, de quase 140 mil. Esta situação é preocupante pelo facto de a prestação da casa ser a última que as famílias deixam de pagar, mas é ainda mais preocupante porque os números do incumprimento no crédito à habitação passaram de pouco mais de 2.200 em 2010 para quase 13 mil em 2011, aumentando quase seis vezes de um ano para o outro.

Estes números estão de acordo com os dados de pessoas sobreendividadas registados pela Deco. Segundo aquela associação de defesa do consumidor, o aumento daquelas situações entre 2010 e 2011 foi de 51%. A progressão do número de pessoas que não conseguem fazer face às dívidas contraídas é mesmo assustadora. Em 2000 verificaram-se 152 casos, em 2003 registaram-se 515, em 2007 chegaram aos 1.976, em 2008 ultrapassaram a fasquia dos 2.000 casos e em 2011 atingiram 4.288 os processos de sobreendividamento de particulares. Com as medidas de austeridade, o crescimento do desemprego, o aumento de preços de bens e serviços e a diminuição do rendimento disponível, a situação tende mesmo a agravar-se este ano.

Ao mesmo tempo, o número total de empresas em incumprimento também subiu. Anualmente, 2011 registou o maior aumento de que há memória, passando de cerca de 2.400 empresas declaradas em incumprimento em 2010 para quase 9.000 em 2011. O número total de empresas que deixaram de honrar as suas responsabilidades para com os bancos subiu para perto das 58 mil em Dezembro de 2011. Uma situação que é ainda mais inquietante quando se verifica que a maior parte dos créditos em incumprimento são da ordem dos 5.000 euros, o que dá bem ideia da situação a que chegaram as disponibilidades das empresas e faz temer pelo aumento do número de falências e, conseqüentemente, dos desempregados no futuro próximo.

Ao mesmo tempo, os bancos têm de suportar estas situações num momento de maiores exigências de capital. Em termos globais, os bancos contabilizavam cerca de 13,3 mil milhões de euros de crédito malparado em 31 de Dezembro de 2011. Estes números indiciam perdas, necessidade de aumento de provisões e maiores dificuldades em cumprir os rácios de capital exigidos pelo Banco de Portugal e pela Autoridade Bancária Europeia (EBA). Mas também indiciam um aperto cada vez maior na concessão de crédito e, por consequência, no financiamento da economia, sobretudo das empresas, aumentando a dificuldade de relançamento da actividade económica e o conseqüente crescimento, tão necessário para que o País possa sair da situação de crise em que se encontra mergulhado.

Só depois de ultrapassada esta situação de deterioração da condição económica dos particulares e das empresas é que o trajecto do crédito bancário poderá começar a inverter-se e a haver, novamente, libertação de meios para fazer crescer a actividade económica. É preciso limpar o que está mal para que, depois, possa voltar a harmonia e o desenvolvimento sustentável, o que, segundo a maior parte dos economistas, não é previsível que, mesmo que tudo corra bem, venha a acontecer antes de meados de 2013.

Francisco Ferreira da Silva

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-10\_janeiro-opinião2.10\_de\_jan.doc.txt

Um inquérito bastante original

A PGR não podia investigar um caso de falsificação de documentos sem recorrer aos documentos originais. Em Julho de 2007, a Procuradoria-Geral da República arquivou um inquérito à licenciatura do antigo primeiro-ministro, José Sócrates, na Universidade Independente, concluindo não ter existido qualquer falsificação de documentos. São conhecidas as suspeições e as dúvidas relativamente a essa licenciatura que o PÚBLICO e outros órgãos de comunicação investigaram à época. O inquérito da PGR era por isso de primordial importância: tratava-se de uma peça crucial num caso em que estava em causa a credibilidade de um chefe do Governo. Exigia-se portanto que esse inquérito fosse conduzido com o máximo rigor, de forma a que não sobrassem dúvidas na opinião pública. Mas continua a não ser claro se o inquérito da PGR à licenciatura de José Sócrates teve como base a análise de algum documento original, ou se se limitou a ter em conta fotocópias de documentos. Tratando-se de um inquérito no qual estava em causa uma eventual falsificação de documentos, seria de elementar bom senso que os investigadores se tivessem baseado em documentos originais.

Quem fica em xeque é, evidentemente, a Justiça. E em particular a PGR, sobre a qual, caso após caso, tem pairado a suspeita de ser incapaz de levar até às últimas consequências investigações nas quais estejam em causa actores políticos. A polémica em torno do caso Freeport, em 2010, sobre as perguntas que nunca chegaram a ser feitas a José Sócrates, foi um bom exemplo disso. Os documentos originais que ficaram de fora do processo, e que estavam na posse de um arguido do processo da Universidade Independente, Rui Verde, talvez não trouxessem nada de novo ao resultado final da investigação de 2007. Mas a PGR está obrigada a explicar ao país por que não os utilizou.

A esperança que se esvai em Bissau

Não se esperava dele nenhum milagre, mas a morte do Presidente da República guineense, Malam Bacai Sanhá, vem tornar ainda mais incerto o futuro da Guiné-Bissau. Nos anos que antecederam a sua eleição, em 2009 (para um mandato de cinco anos que infelizmente não chegou a metade), o cargo que ocupou teve de tudo, desde a desmedida e insana prepotência de Rumba Ialá até ao assassinato de Nino Vieira, num ajuste de contas sangrento que susteve uma espiral de violência que ameaçava nova guerra civil. Teme-se agora, justificadamente, que a morte de Malam Bacai Sanha venha reforçar a instabilidade no país. Mas a verdade é que a Guiné-Bissau não conseguiu, ainda, lidar com firmeza com as sementes de violência que a habitam, personificadas num exército que nunca aceitou submeter-se à sociedade civil e numa sociedade civil que não conseguiu fixar raízes a um poder democrático estável. O golpismo latente, a par da inexistência de estruturas que permitam dar ao país uma base mínima de progresso, sufocam Bissau com a força de um pesadelo. Que a morte de Malam Bacai Sanha só veio adensar, como uma pesada sombra.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-10\_janeiro-entrevista.\_10\_de\_jan.doc.txt

Zé Castro, Pedro Emanuel e Abel

Os defesas torturados pelo craque argentino, na primeira pessoa

A 16 de Novembro de 2003, Frank Rijkaard e o Barcelona chegavam ao Dragão com uma equipa cheia de jovens para responder ao convite do FC Porto para a inauguração do novo estádio. Além da festa e da pompa habituais, o minuto 74 do jogo mudaria a história do futebol mundial: saltava do banco para substituir um ainda hoje desconhecido Fernando Navarro Corbacho um miúdo de 16 anos – Lionel Messi. Foi o primeiro jogo oficial do argentino. Quase nove anos depois daquela noite no Porto, recebeu ontem a terceira Bola de Ouro, símbolo de melhor jogador do planeta (ver outro texto).

Pedro Emanuel fazia parte dessa equipa do FC Porto, treinada por José Mourinho (os portistas ganharam por 2-0 com golos de Derlei e Hugo Almeida). Hoje, o actual treinador da Académica olha para trás e recorda esse momento ao PÚBLICO. "Lembro-me perfeitamente", conta o antigo defesa. "É um dos momentos que valorizam mais com o passar dos anos", diz, destacando a "irreverência" do jogador em proporção com o seu tamanho. "O à-vontade e a simplicidade de jogo impressionam", desabafa.

Essa é uma das grandes diferenças em relação a Cristiano Ronaldo. Abel, que defrontou o argentino em Setembro de 2008 quando o Sporting foi a Barcelona na fase de grupos da Liga dos Campeões (os "leões" perderam por 3-1 mas Messi não marcou nenhum golo), diz que os dois são igualmente difíceis de marcar. "Foi um dos jogadores mais difíceis de marcar. Também apanhei o Cristiano Ronaldo e também é muito difícil, embora seja o inverso: Ronaldo impressiona pela estampa física enorme". Quando Messi entra no relvado, é difícil notar a sua presença, pequeno (1,69m), parece desaparecer no meio dos outros jogadores. "Dentro do campo, vemos bem como ele é capaz de sair do meio de quatro adversários. É aí que ele marca a diferença. O que mais impressiona é o tamanho dele. Damos por nós a pensar: 'Como é que este meia-leca faz isto e deixa um defesa de rastos?'", afirma Abel.

Johan Cruyff diz que Messi nunca desce da nota 7. Para Zé Castro, isso parece um absurdo. "Messi nasceu para dar algo ainda mais especial ao futebol e nunca o vi baixar da nota 9", conta, entre risos. O defesa português do Deportivo esteve em algumas goleadas sofridas (5-0, pelo Depor; 0-6 e 3-0 quando estava no Atlético de Madrid). "É preciso entrar no jogo com confiança", diz, mas dispara quase desiludido. "Não há solução para o parar". E lembra a goleada em Madrid por 0-6. "Era um Barcelona muito forte, tinha Messi e Ronaldinho na frente, uma barbaridade". O argentino marcou dois e o brasileiro marcou um; Eto'o, Zambrotta e Iniesta fizeram os outros. Se já se sabe como Messi joga, não haverá antídoto? "Não", responde de imediato Zé Castro. "Toda a gente sabe o que ele vai fazer só que ele consegue ter uma percentagem de sucesso incrível". É a mesma opinião de Abel. "Quando quer, faz dos defesas gato-sapato. Toda a gente sabe o que ele vai fazer, mas mesmo assim ele consegue fintar", acrescentou.

E não há truques para o parar? Abel tem um método. "Normalmente marco os adversários em cima, mas com o Messi adoptei uma estratégia diferente: dei-lhe sempre dois metros de distância. Porque quem o marcar em cima, é rapidamente ultrapassado", confessa. Depois é esperar por ajuda de um companheiro.

Filipe Escobar de Lima

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-10\_janeiro-Notícia1.\_10\_jan..doc.txt

Chávez diz estar ao lado do Irão para travar "loucura imperialista"

Presidente iraniano procura na viagem à América Latina apoios para furar o cerco das sanções ocidentais

O Presidente venezuelano, Hugo Chavez, anunciou ontem, ao receber o seu homólogo iraniano, que, depois de ter vencido o cancro, quer agora juntar esforços com Mahmoud Ahmadinejad para "vencer o imperialismo americano". Palavras que repetem anteriores juras de amizade entre os dois países, mas que surgem como um alívio ao cerco montado a Teerão pelas sanções ocidentais.

Tal como nas quatro visitas anteriores, Ahmadinejad iniciou a deslocação à América Latina reunindo-se com Chavez, que, como lembrou ontem o jornal El País, "lhe abriu há seis anos as portas da região". É precisamente para mostrar que, apesar da pressão de europeus e americanos, continua a ter aliados políticos e parceiros económicos seguros que o dirigente iraniano visita nesta semana, a Venezuela, o Equador, a Nicarágua e Cuba.

Ao acolher o "verdadeiro irmão da Venezuela", Chavez lembrou que Ahmadinejad cancelou a visita que agendara para Setembro, quando ele se submetia a quimioterapia. "Três meses depois, já não há cancro, só há vontade de viver e de continuar a trabalhar para que, juntos, os nossos governos travem a loucura imperialista", disse o Presidente venezuelano, citado pelo diário El Universal. Ainda assim, garantiu que o encontro não se destinava a "afinar a pontaria contra Washington". "Não somos belicistas, ao contrário de outros países".

Na semana passada, os EUA alertaram os países da região para o risco que correm ao tentarem aliviar a pressão para que Teerão aceite negociar o seu programa nuclear. Uma alusão clara à lei aprovada no final de 2011 e que permite ao Presidente Barack Obama congelar os bens de qualquer empresa com ligações ao banco central iraniano. Apesar do aviso, Chavez deixou claro que os dois países "vão continuar a trabalhar juntos, com o apoio da maior parte dos povos do mundo que não querem mais guerras".

Mas, desta vez, a ofensiva diplomática do Presidente iraniano deixa o Brasil de fora. Isto porque, ao contrário do antecessor, Dilma Rousseff se tem desmarcado de Teerão. Um afastamento que os analistas atribuem tanto à intransigência da Presidente brasileira com as violações dos direitos humanos no Irão, como ao desejo de uma maior aproximação a Washington. Só no último ano, noticiou o El País, as trocas comerciais entre os dois países caíram 73%.

Entretanto, num novo desafio ao Ocidente, Teerão confirmou que a central de Fordow, construída sob uma montanha nos arredores da cidade de Qom, está já a laborar. Teerão garante que os trabalhos nesta segunda central de enriquecimento de urânio "estão sob constante vigilância" dos inspectores internacionais e têm fins exclusivamente pacíficos.

Mas o início da laboração pode acelerar a entrada em vigor das novas sanções. Isto porque o Irão quer usar Fordow para enriquecer urânio a 20% – uma concentração superior à usada nas centrais nucleares e que, segundo peritos ocidentais, pode colocar o país mais perto da bomba atómica. Por outro lado, com Fordow operacional, o Irão fica mais perto de ter o seu programa nuclear a salvo de um eventual ataque aéreo, o que limita o tempo disponível para o sucesso da actual pressão diplomática.

Ana Fonseca Pereira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-10\_janeiro-notícia\_2.\_10\_de\_jan.doc.txt

Saúde Em mais de um quarto dos espaços de restauração e similares ainda se fuma

Estudo aponta para a proibição de fumar à porta de cafés, bares e restaurantes

Uma investigação coordenada pela Faculdade de Medicina de Lisboa e financiada pela Direcção-Geral de Saúde determina o fim das excepções no combate ao consumo de tabaco

O maior estudo realizado em Portugal sobre o impacte da lei do tabaco no sector da restauração e similares aponta para necessidade de tornar a legislação ainda mais restritiva, acabando de vez com o fumo naquele tipo de estabelecimentos. E traz uma novidade – a indicação de que a proibição deve estender-se às áreas circundantes de bares, restaurantes, cafés e discotecas. "Basta estar uma pessoa a fumar do lado de fora, junto a porta de um bar, para aumentar o nível de exposição ao fumo de quem está no interior", explica a coordenadora da equipa de investigação, Fátima Reis.

Apesar de não poder divulgar todos os dados relativos ao estudo – por este ainda não ter sido publicado – a investigadora do Instituto de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina de Lisboa, Fátima Reis, sublinha que ele não deixa dúvidas sobre a necessidade de acabar com as excepções. Feito com base numa amostra de 806 estabelecimentos dos concelhos onde se localizam as capitais de distrito do continente, a investigação permitiu concluir que em mais de um quarto daqueles lugares (26,2 %) ainda é possível fumar. E também que é nesses, precisamente, que se verifica o maior incumprimento da lei.

Do grupo dos estabelecimentos cujos proprietários optaram pela permissão do fumo ou pela criação de zonas para fumadores, destacam-se as discotecas, bares e pubs (70% contra 30% que decidiram não o fazer), seguidos dos cafés e pastelarias (30%) e dos restaurantes (15%).

Má colocação de dísticos

A incorrecta colocação de dísticos foi dos problemas detectados, mas as situações mais graves prendem-se com outras questões que fazem crer que "é impossível cumprir a lei", assinala Fátima Reis. Segundo o estudo financiado pela Direcção-Geral da Saúde, no momento da visita dos investigadores só em 40% dos espaços com zonas de fumo foi observável algum tipo de ventilação em funcionamento. Para além disso, em 25%, havia pessoas a fumar fora daquela área e em mais de 30% cheirava a tabaco em todo o estabelecimento. Só em 7% dos estabelecimentos em que é proibido fumar foram vistas pessoas a fazê-lo.

A dificuldade em de criar zonas livres de fumo, contudo, não reside apenas no que se passa dentro dos espaços de restauração. Fátima Reis sublinha que no momento da visita aos locais foi constatado que em 26% dos casos havia pessoas a fumar à distância de cerca de um metro da porta. Em 40% destas situações foi observada entrada de fumo no estabelecimento.

Adesão do sector

É este conjunto de factores que leva a que os restaurantes e estabelecimentos similares em Portugal estejam longe de ser locais sem fumo, apesar da adesão do sector à proibição (perto de 75%), sublinha a investigadora. Aponta que os valores medianos da concentração de nicotina no ar interior dos estabelecimentos registados durante a investigação variaram entre os existentes nos espaços em que é proibido fumar (0,24 micrograma por metro cúbico) e aqueles em que é permitido fazê-lo (7,03 ug/m<sup>3</sup>). Nas casas com zonas de fumo o valor mediano registado foi 2,54 ug/m<sup>3</sup>. Em valores absolutos o doseamento da nicotina no ar interior atingiu máximos de 116,67 ug/m<sup>3</sup> nas discotecas, bares e pubs; de 41,57 ug/m<sup>3</sup> nos cafés e pastelarias, e de 10,40 ug/m<sup>3</sup> nos restaurantes.

Segundo Fátima Reis, os resultados do estudo evidenciam que "só a proibição de se fumar em todos os espaços do sector da restauração e similares" pode resolver o problema de saúde pública que está criado em Portugal. O facto "de o incumprimento da lei ser maior nos estabelecimentos em que é permitido fumar" permite-lhe concluir que "uma lei mais restritiva, terá uma elevada aceitação social".

Graça Barbosa ribeiro

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-10\_janeiro-crónica.10\_de\_jan..doc.txt

Partilhar sai caro

Quanto tempo perdemos só a deitar fora coisas que nos enfiam na caixa do correio ou na nossa conta de e-mail? Pelo menos, no caso do correio indesejado, alguém ganhou dinheiro para distribuí-lo, alguém ganhou ao imprimi-lo, alguém ganhou ao redigi-lo. E, caso seja reciclado, talvez possa poupar um ramo de alguma árvore.

A palavra mail em inglês (americano) incomoda. Resolve-se o problema acentuando o í e escrevendo maíl, pronunciado para rimar com ardil. O plural seria maís, rimando com país. Os mais indesejados é que não dão dinheiro a ganhar a ninguém. Roubam-nos momentos preciosos de vida. São deletérios porque, sendo deléveis, requerem que sejamos nós a expungi-los.

Os maís são o paraíso do forreta, do chato e do preguiçoso. Com um toque, manda milhões de mensagens a milhões de destinatários, sem gastar um tostão. Os maís de um-para-um poderiam continuar de graça mas, a partir de dois destinatários, deveriam custar tanto como o selo mais barato. Mandar a mesma porcaria para três já custaria o preço de três selos mais baratos. E por aí adiante.

Não haveria distinção entre maís amigos e mais comerciais. O creme para obter um pénis maior deve pagar tanto de portagem como a anedota acerca da Angela Merkel ou o vídeo do panda voador no YouTube que desejamos partilhar com os nossos cento e oitenta e quatro amigos. Não penso que se gerasse grande fortuna. Seria mais barato pensar duas vezes antes de mandar uma coisa. E não mandá-la.

Miguel Esteves Cardoso

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-10\_janeiro-Opinião1.10\_de\_jan.doc.txt

Prevenir a violência social para evitar a sua repressão

Se não forem tomadas medidas capazes de inverter a continuação do aumento do desemprego, o que envolverá a promoção de atividades que consigam fazer crescer a economia do país, aumentarão os riscos de graves perturbações da ordem por motivos sociais.

Se a atual situação se mantiver – conforme dizem os especialistas, ela tenderá a acentuar-se –, aumenta a probabilidade de surgirem episódios de grave perturbação social, espasmódicos no início, mas com o perigo de se generalizarem caso não sejam eficientemente sustados por medidas urgentes de natureza económico-social. Prevendo a impossibilidade (que se não deseja) de ultrapassar as condições atuais, potencialmente geradoras de desordens e do seu alastramento, haverá que prever a existência de legislação, de meios humanos e materiais, e de planos prontos a serem ativados contra eventuais surtos de violência que venham a eclodir.

Além da necessidade de adotar políticas de dinamismo económico, também haverá que efetuar a gestão da escassez de recursos de forma justa, exigindo a austeridade à luz do princípio da equidade entre os diversos grupos sociais, com a finalidade de impedir o aprofundamento do sentimento já existente de tratamento desigual (portanto injusto), em particular da classe média e da população de mais baixos rendimentos. Uma perceção de injustiça que poderá reforçar a insatisfação e desenvolver condições que incendeiem os ânimos das pessoas e as conduzam a atos de revolta.

Caso resultem frustrados os objetivos prioritários de prevenção e venham a ocorrer incidentes de violência, haverá que agir no sentido de repor a lei e a ordem que garantam a segurança dos cidadãos. Este objetivo deverá ser levado a efeito com adequadas operações de polícia, portanto com os meios estritamente necessários para o alcançar, o que exige forças de segurança interna tecnicamente preparadas e psicologicamente motivadas. Para conseguir esta qualidade de atuação policial, terão de existir equipamentos específicos e, especialmente, efetivos que não tenham a perceção de serem alvo de procedimentos tão injustos ou ainda mais do que aqueles que levaram cidadãos comuns à revolta. É aconselhável uma cuidadosa (e urgente) ação de prevenção relativamente aos militares e agentes com responsabilidades policiais, visando reforçar a sua vontade de cumprimento do dever, já testada – até agora com resultados positivos – em acontecimentos recentes de gravidade bem inferior aos que podem vir a ocorrer, se não forem tomadas as decisões políticas indispensáveis para os evitar.

Como consequência das atitudes preventivas indicadas, parece possível conter quaisquer perturbações sociais em limites (geográficos e de intensidade) manejáveis por operações das unidades de segurança interna. Mas não deverão deixar de ser considerados cenários de maior gravidade, incluindo aqueles que imponham o uso de capacidades superiores às que dispõem as forças da PSP e da GNR, o que poderá exigir a declaração de um dos estados de exceção constitucionalmente previstos – estado de emergência ou estado de sítio. Neste caso, ficará em cima da mesa o emprego de unidades das Forças Armadas em operações no território nacional, o que é sempre uma medida de último recurso.

De acordo com a Constituição e a Lei, para implantar qualquer dos estados de exceção, torna-se necessária a concordância expressa da maioria dos portugueses, através dos seus representantes eleitos e envolvendo os três órgãos de soberania do Estado. Depois de ouvido o Governo, compete ao Presidente da República (PR) solicitar à Assembleia da República (AR), em mensagem fundamentada, autorização para declarar o estado de emergência (as Forças Armadas atuam em apoio das autoridades civis) ou o estado de sítio (as forças de segurança interna utilizadas ficarão

sob o comando das Forças Armadas). A Assembleia da República autorizará o estado de exceção a estabelecer, após o que o Presidente emitirá um decreto que precisa da referenda do Governo, onde devem ser discriminados a área geográfica em que vigorará, o período durante o qual se manterá "com menção do dia e da hora dos seus início e cessação", os direitos, liberdades e garantias a restringir, bem como outros elementos que esclareçam o Parlamento do que se pretende fazer.

Tal como para as forças de segurança interna, coloca-se também para as Forças Armadas a necessidade de tomar medidas preventivas, no respeitante à determinação psicológica e motivação moral de que precisam para agirem no quadro do cumprimento da Lei, sem hesitação, como último garante da autoridade do Estado e da segurança dos cidadãos.

José Loureiro dos Santo \* General

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-10\_janeiro-Reportagem.10de\_jan.doc.txt

Os 21 especiais

O teste de Matemática vai começar em minutos e a professora Manuela Sarmiento, de Educação Especial, dirige-se à turma do 4.º ano da Escola Básica Conde de S. Cosme, em Famalicão. "O que é preciso é...", diz em voz alta. Depois, movimenta as duas mãos, para trás e para a frente, de cada lado do rosto. A turma dá a resposta esperada: o que é preciso é "ATENÇÃO", respondem as crianças em coro. Entre os 21 meninos há quatro crianças surdas. Para que a inclusão seja uma realidade, a turma está a aprender Língua Gestual Portuguesa desde o 1.º ano e a experiência é descrita por todos como um sucesso que até já deu um livro – ou melhor, três.

Na véspera houve ficha de Português e os resultados não foram famosos. Antes de avançarem para o teste de Matemática, a professora questionara a turma, por gestos, sobre a reacção dos familiares das crianças às notas. "Os pais ficaram felizes?", pergunta. Eles respondem que não e, sempre por gestos, explicam que ficaram "tristes" e "zangados". Entretanto, é a vez de a professora Paula Azevedo retomar as rédeas da sala. Lê o enunciado devagar, enquanto a professora Manuela traduz as suas palavras em gestos, junto a

Hélder, um dos meninos surdos da turma. Quando a professora de Educação Especial tem de deixar a sala por uns minutos, a tarefa é rapidamente assumida por Sofia, que recorre a gestos expressivos para traduzir o que ouve ao colega do lado.

A Sofia e o Hélder são dois dos meninos surdos da turma, assim como o Nuno Rafael e a Daniela, que está a faltar ao teste por causa de uma consulta médica. Os quatro são surdos, mas já ouvem alguma coisa. O Hélder e a Daniela fazem-no graças a um implante coclear, a Sofia e o Nuno têm uma prótese. Ainda assim, aquilo que ouvem não é o mesmo que os colegas sem problemas auditivos. Foi o que lhes mostrou a todos um especialista que um dia foi à escola e fez uma experiência, revelando-lhes as diferenças.

"O som que ouvem é mais metálico. Na verdade, é um som horrível, completamente distorcido. Eles têm a percepção do som, mas é algo completamente diferente do que nós ouvimos", explica a professora Paula Azevedo, que lecciona há 25 anos e nunca, antes de lhe ser entregue esta turma, há quatro anos, tinha ensinado uma criança surdi. Hoje, a sua sala de aulas é a sala de uma equipa multidisciplinar: duas professoras do Ensino Especial, uma professora de Língua Gestual e uma terapeuta da fala.

Não há atropelos, e a oralidade e os gestos entrecruzam-se com normalidade. Paula não esconde que descobrir que ia ter crianças surdas na sua turma foi um choque. "Eu já tinha trabalhado com meninos com outro tipo de problemas, mas em relação à surdez estava a zero, não sabia nada. Uma semana antes do início das aulas soube que ia ter esta turma e fiquei em pânico."

O medo e a preocupação não foram só dela. "Foi um medo generalizado", refere Paula. Manuela, por seu lado, relembra que alguns pais das crianças ouvintes manifestaram receio que a presença dos colegas surdos pudesse atrasar o normal funcionamento das aulas, afectando os seus filhos. Já os familiares dos meninos surdos temeram que pudesse haver alguma dificuldade de inclusão, alguma rejeição. "Nota alguma diferença entre eles? Não, pois não? Correu tudo tão bem. Somos uma família, parece que foi tudo escolhido a dedo. Os pais estão sempre em contacto uns com os outros, as professoras são espectaculares, os meninos dão-se todos bem. Estamos sempre a ajudar-nos uns aos outros e somos muito unidos", diz hoje Maria do Sameiro, 39 anos e mãe do Hélder.

Amigos novos

No início houve uma reunião. Explicou-se que aquela turma seria diferente das outras e que contaria, por isso, com apoio especial. Por não ser esta a escola de referência para crianças surdas – essa fica em Braga – foi preciso pedir o apoio da câmara e é a câmara que paga o trabalho de Alexandrina, a formadora surda de Língua Gestual. Os meninos

foram avisados em casa que teriam uma turma um pouco diferente. Diogo lembra como foi: "Antes de vir para a escola estava nervoso. A minha mãe disse que ia ter amigos novos, amigos que não eram iguais a mim, que tinham problemas de surdez. Mas não soube explicar muito bem o que isso era." Gonçalo, óculos encavalitados no nariz, completa: "O meu pai explicou-me que íamos aprender uma língua nova. Eu pensava que era igual à nossa. Não sabia que seria feita com as mãos, mas foi fácil aprender."

Hoje, o Gonçalo usa a língua gestual com desenvoltura. Muitos dos seus colegas também o fazem. A professora Paula brinca dizendo que os alunos se metem com ela por não "falar" tão bem quanto eles e admite que às vezes até lhes pede ajuda para traduzir alguma conversa. Para os miúdos, comunicar por gestos tornou-se tão natural que – confessam alguns – às vezes até se esquecem e fazem-no em casa. Na escola, fora da sala de aula, recorrem aos gestos para comunicar, às vezes, no recreio, quando não estão à distância da voz. Mariana gosta de falar por gestos com a irmã mais nova, que tem a síndrome de Down. Gonçalo usa os gestos, às vezes, para comunicar com a irmã de dois anos e meio. "Entende tudo o que lhe quero dizer assim", garante o rapaz. Ninguém se queixa por ter uma matéria extra para aprender e as vantagens saltam das bocas dos miúdos, durante o intervalo da aula. "É bom saber língua gestual, porque assim ficamos com mais amigos", diz o Pedro. O Gonçalo explica: "Se um dia mais tarde encontrar uma pessoa surda, já sei comunicar com ela." A Mariana acrescenta: "É bom, porque aprendemos mais línguas e conseguimos comunicar com mais pessoas."

Com um grande laço cor-de-rosa na cabeça, a Mariana é apanhada, durante o teste, a comunicar por gestos com outros colegas. A professora Paula chama-lhe a atenção, enquanto sorri à socapa. "Está a copiar por gestos. Vai ser bonito, quando forem para outra escola e os professores não se aperceberem do que estão a fazer..." Para a Mariana, todo o contexto da turma em que está inserida é ainda mais especial, porque também ela tem problemas de audição. Já foi operada duas vezes aos ouvidos, uma quando tinha quatro anos, a outra recentemente, depois de aos dois anos ter começado a apresentar problemas. "A minha mãe chamava-me duas ou três vezes e eu não ouvia." Diz que conviver com meninos surdos na sala de aula a deixou "mais calma" em relação ao problema que enfrentava e com uma criança com síndrome de Down em casa não foi nada difícil conviver com outra diferença. "Quando vim para a escola, disseram-me que ia ter colegas surdos, que era mais ou menos como ter colegas como a minha irmã, mas com perda de audição", diz.

A professora Paula, pelas mãos de quem já passaram tantas crianças, nota nesta turma algo de diferente. "A nível comportamental não há comparação. São muito mais abertos às necessidades dos outros e têm um grau de sensibilidade muito mais desenvolvido. E não só entre eles. Há aqui na escola uma turma do 1.º ano que tem um menino autista. Automaticamente, foi adoptado por eles. Com uma menina com paralisia cerebral foi a mesma coisa, até a trazem para a sala. Ao menino autista já ensinaram as letras todas da Língua Gestual!"

Na sala de aula, a professora chama discretamente a atenção para o exemplo prático do que acabou de descrever. Toca para o intervalo, o teste é posto temporariamente de lado, e o Nuno prepara-se para sair. Nuno não é surdo, mas sofre de distonia muscular grave e foi operado há poucas semanas. Sem que seja preciso alguém pedir, o colega do lado ajuda-o a arrumar as coisas no estojo. "É sempre assim", diz a professora Paula, lembrando que o dia da cirurgia do colega foi, para o resto da turma "um dia perdido". Queriam saber os pormenores do que estava a acontecer na sala de operações ao minuto. "Não é preciso pedir nada a ninguém. Habitaram-se a organizam-se entre eles para prestar o apoio necessário."

Para que esse acto seja tão natural hoje poderá ter contado uma regra instituída na sala desde o primeiro momento – todas as semanas os alunos mudam de lugar. As professoras ficam um bocado baralhadas, procurando em determinada cadeira o aluno que ali se sentava na semana anterior, mas que já saltou para outro lado qualquer. A pedido de Paula, a íris começa a explicar o objectivo destas mudanças: "Todas as semanas trocamos de lugar porque..." Engasga-se e é o colega Diogo que termina a frase: "Para sermos mais unidos, mais amigos." Também desde o primeiro dia, os meninos começaram a desenvolver um porta-fólio pessoal, onde colocam todas as fichas informativas sobre língua gestual e todas as actividades em que participam. E aqui chegamos ao livro que fez a turma saltar para as páginas de jornais. Chama-se O Jardim Secreto dos Sons e, depois de ter sido lançado em Novembro, vai já na 2.ª edição de 500 exemplares. Este é já o terceiro livro que a turma produz, mas foi o primeiro a ser comercializado e a saltar os muros da escola. O método de produção foi simples: todos os fins-de-semana, uma criança levava para casa o que já tinha sido escrito; a primeira criança fez a capa e criou a personagem principal, a Matilde, as crianças seguintes foram acrescentando uma página cada. O trabalho envolveu familiares e até amigos e vizinhos e revelou-se um sucesso. Cada página tem um desenho, uma frase para dar continuidade à história e a mesma frase contada em língua gestual, através de fotografias da criança responsável – 21 meninos, 21 páginas.

Conter as lágrimas

Terminado o teste, a professora Manuela prepara-se para contar algo à turma. Sempre em língua gestual. Faz os gestos

e eles repetem, em voz alta. O resultado final é este: "Ontem, uma professora telefonou-me. Porquê? Por coisas importantes. A nossa história. A professora de Trás-os-Montes vai falar da história à escola toda. Fez um enorme, gigantesco placará, com a Matilde grande, com um arco-íris enorme. Pôs a história em porta-fólio e vai falar dela a meninos deficientes. Contá-la por símbolos. Cada menino vai fazer uma frase sobre a diferença e vão colá-la no arco-íris. Fiquei muito feliz."

Atenta, a professora Paula comove-se e o facto não passa despercebido à Clara, que aponta: "A professora Paula vai chorar." Ela consegue conter as lágrimas e chega a vez de Alexandrina intervir. Um a um, pergunta a cada menino como correu o teste de Matemática – há muitos "mais ou menos" a esvoaçar pelo ar. E pergunta também como correu a ficha do dia anterior, se contaram aos pais sobre os resultados obtidos e como reagiram eles. Um a um, os alunos explicam. O Pedro diz que não contou à mãe, porque estava em casa da avó. O Gonçalo diz que não fez a ficha, porque teve consulta no dentista. Alexandrina instiga-os a estudar. Percebe-se claramente os gestos que está a fazer: "Nada de conversa, estudem."

#### Caso a caso

Alexandrina frequentou uma escola apenas para surdos, enquanto crescia. E vê vantagens nas duas soluções. Pode ser mais fácil encontrar amigos e comunicar quando todos à nossa volta comunicam da mesma maneira e têm a mesma dificuldade, explica. Mas é mais fácil ser incluído no mundo de ouvintes, se nunca se deixou de fazer parte dele, admite.

Na casa da Daniela há os dois exemplos. Os seus pais são surdos-mudos e o seu irmão gémeo também é surdo. Daniela foi, desde os seis meses, viver com a madrinha, que acabou por a adoptar. Por mais alguns anos, o irmão continuou a viver com os pais. O resultado foi um percurso escolar diferente. Daniela frequentou um infantário com meninos ouvintes. Quando chegou a hora de ir para a escola, sugeriram que aguardasse mais um ano, porque o irmão estava mais atrasado. O irmão, que entretanto passou a viver também com ela, em casa da madrinha, acabou por ir para a escola de referência em Braga, enquanto a menina foi para a Conde de S. Cosme. A professora Paula relembra com um sorriso o 1.º ano. "Ela era muito engraçada. Quando se fartava de nos ouvir, desligava o aparelho e pronto." Paula Azevedo reconhece que o irmão de Daniela está mais desenvolvido no domínio da língua gestual, mas refere que está bastante mais atrasado no que diz respeito à fala.

Maria da Conceição, a madrinha de Daniela, que adoptou as crianças, faz o balanço: "A Daniela vai mais adiantada, muito mais que o João, não tem comparação." Sobre a escola onde a menina anda só tem coisas boas a dizer. "Ela adora, mesmo os professores. E os meninos são todos amigos. Os 21 são todos amigos."

Ana Serrano, professora associada de Psicologia de Educação e Educação Especial do Instituto de Educação da Universidade do Minho (UM) defende que a inclusão de meninos surdos em turmas de ouvintes é o melhor caminho – mesmo que reconheça que há opiniões diferentes. "É sobretudo uma questão de ética. As crianças têm direito a fazer o mesmo percurso que fariam, se não tivessem problemas. Do ponto de vista da inclusão uma experiência como a de Famalicão é muito mais interessante e deve ser reforçada. Eu tenho algumas dúvidas sobre as escolas de referência, porque não deixam de ser escolas de exclusão. As crianças são deslocadas dos seus contextos comunitários e de vida natural para locais longe, para frequentarem as escolas de referência."

Ana Bela Baltazar, autora do Dicionário da Língua Gestual Portuguesa e secretária da direcção da Associação de Surdos do Porto (ASP) defende que a iniciativa da Conde de S. Cosme merece aplauso, já que "tudo o que seja feito em prol da integração e da divulgação da Língua Gestual Portuguesa é de louvar". Contudo, não é capaz de indicar se a melhor solução para uma criança surda deverá passar pela inclusão numa turma de meninos ouvintes ou pela permanência numa turma exclusivamente de surdos e defende que decidir o percurso escolar destas crianças deveria partir de "uma avaliação de cada caso", já que "existem inúmeros factores que poderão condicionar o pleno desenvolvimento da criança e a necessidade de adequação da realidade ao caso, como sejam o suporte familiar, o grau de surdez, o nível da oralidade, a estimulação mais ou menos precoce, entre outros".

Ainda assim, salienta: "Vivendo nós numa sociedade maioritariamente oralista, não sabemos até que ponto a criação de turmas exclusivamente surdas poderá isolar ainda mais os surdos... Afinal, o mundo que medeia as paredes da escola é ouvinte e (infelizmente) sem domínio da Língua Gestual Portuguesa..."

#### Decisões

Quando tiveram de decidir sobre onde colocar as suas crianças, os familiares dos meninos surdos da Escola Conde de S. Cosme apostaram em mantê-los mais próximos de casa, em vez de os enviar para Braga. Ana Serrano realça este ponto como essencial. "Mantê-los no seu contexto de vida normal, com os seus amigos, é um ponto muito positivo. É claro que eles precisam de apoio, mas este pode ser facultado por agrupamentos de referência. Em vez de serem as crianças a deslocarem-se para as escolas de referência, porque não vão esses recursos de apoio para as escolas normais?"

Para a especialista da UM, outro aspecto essencial para o sucesso do exemplo de Famalicão é o facto de a aprendizagem da língua gestual ter sido alargada a toda a turma. "Todos beneficiaram com isto e há aqui um respeito pela língua gestual. É uma mais-valia para todos."

O Hélder, que tem o implante coclear, tem mais dificuldade em expressar-se por palavras do que o Nuno ou a Sofia. A menina de óculos e rosto simpático tem memórias vagas de como era a sua vida antes da prótese que hoje lhe permite ouvir os colegas. "Lembro-me de a minha avó e a minha mãe chamarem por mim e eu não ouvia. Quando vim para a escola, estava nervosa, porque não pensava que fosse ter amigos ouvintes", diz. Agora não tem dúvidas de que faz parte do grupo e quando lhe perguntam sobre o futuro e se gostaria de continuar com os mesmos colegas, quando transitar para o 2.º ciclo, responde calmamente: "Era bom."

Essa transição é o problema com que pais e professores estão já a lidar. Como será no próximo ano, quando a sala de aula não forja só uma sala e as disciplinas se multiplicarem em espaços diferentes, leccionados por professores distintos. A professora Manuela é cautelosa: "Aqui não há barreiras, as crianças estão mais protegidas. Em relação ao 2.º ciclo estamos a tentar arranjar a melhor solução. Este projecto foi fantástico e uma porta de abertura para um mundo desconhecido para muitos. Os pais têm muita vontade que eles continuem todos juntos, mas a vida é feita por etapas. Vamos ver."

Ana Serrano não vê motivos para que as crianças não possam continuar a desenvolver o seu percurso escolar umas com as outras, e com a oralidade e a língua gestual a caminharem lado a lado. "Desde que lhes seja facultado o apoio mais específico de que possam necessitar."

Na sala da turma do 4.º ano, onde andam o Hélder, o Nuno Rafael, a Daniela e a Sofia, há um calendário com os nomes dos meses e os dias da semana em língua gestual. Há também um pequeno horário onde estão afixados os dias e as horas em que os meninos têm terapia da fala. Há recortes de jornais sobre os prémios que a turma venceu graças aos projectos desenvolvidos no âmbito da língua gestual. E há também um bilhete que a Mariana escreveu, quando estava em casa, a convalescer da operação aos ouvidos: "Tenho muitas saudades dos 21 especiais. Segunda-feira vou para a escola. Um beijinho da Mariana!!!"

De laço na cabeça, ela já está de regresso e faz o teste ao lado dos outros. Assim, debruçados sobre as folhas, ninguém é capaz de dizer quem ouve ou quem é surdo.

Patrícia Carvalho

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-14\_fevereiro.opinião2.14\_de\_fevereiro.doc.txt

Lições dos episódios do caos da Grécia

Os gregos sentem-se, com razão, alvo de uma Europa que lhes está a pedir o impossível

O Olli Rehn, comissário europeu dos assuntos económicos e financeiros, considerou ontem que os autores da vaga de destruição e saque que abalou a capital grega "não representam a vasta maioria dos cidadãos gregos que estão sinceramente preocupados com o futuro do país". É uma interpretação política, que, como qualquer interpretação política, se destina a realçar um pormenor da realidade sem pretender retratar a realidade inteira. Porque, mesmo que entre os que saíram à rua em protesto só uma minoria estivesse disposta à pilhagem e à violência, o que importa sublinhar nesta escalada da crise é o limite de tolerância das democracias ao desabar de consensos básicos sobre níveis de rendimento ou de qualidade de vida. Por isso, para o futuro, a Europa terá de considerar episódios de violência urbana não apenas como sinal de impaciência ou de propensão criminal de uns poucos, mas também como o testemunho de que será difícil pedir mais sacrifícios a um país que empobrece há cinco anos e que deixou de acreditar na terapia da troika para sair do poço sem fundo onde se encontra. Vítimas de uma classe política irresponsável, inepta e incapaz de assumir compromissos, os gregos sentem-se agora também alvo de uma Europa que lhes pede o impossível. Obrigada a aceitar as novas exigências por não ter opção entre a espada e a parede, a Grécia tem razões para suspeitar que tudo não passa de um expediente europeu para salvar a face, que a sua sorte está traçada, que em breve todos os esforços se revelarão inúteis e que a bancarrota e o caos serão inevitáveis. Quando tal acontecer, os gregos perceberão que tudo foi em vão, que depois de tantos erros, Berlim e Bruxelas apenas pensaram no seu interesse ao encenar o caminho da Grécia para a bancarrota.

O julgamento, o amianto e o futuro

Condenar pessoas por crimes ambientais praticados há pelo menos um quarto de século – como ontem aconteceu em Itália, com o julgamento de dois ex-fabricantes de amianto – pode ter leituras distintas no campo jurídico. Mas em termos ambientais, traz uma mensagem clara: a de que as acções do presente podem ter efeitos futuros que ou não antecipamos, ou simplesmente negligenciamos. O amianto é um conhecido ingrediente para esta receita.

Comprovadamente cancerígeno, os seus efeitos podem-se manifestar passados até 40 anos do período de exposição. Isto não impediu, no entanto, que mesmo depois dos primeiros alertas – pelo menos desde os anos 1920 –, a sua utilidade preponderasse sobre os seus perigos. Hoje, já está banido em vários pontos do mundo, mas noutros não, a ponto de se antecipar para daqui a poucas décadas um pico de casos de cancro associados ao amianto nalguns países, como a China. É por isso que o processo italiano não deve ser visto apenas como um acerto de contas com o passado. Se a partir dele olharmos para a frente, facilmente se verá que levar a sério qualquer novo problema ambiental, sem receios comerciais de curto prazo, é um acto de humanidade superior.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-14\_fevereiro-crónica.\_14\_de\_fevereiro.doc.txt

O caso Garzón

A condenação (e inabilitação durante onze anos) de Baltazar Garzon no crime de prevaricação, por ter ordenado escutas das conversas confidenciais entre os arguidos do processo Gurtel e os seus advogados, não é trama que mereça ficar entre parangonas. Embora muito marcado pelo estrelato da personagem (o "superjuiz" proprietário de um vasto e celebrado ego) e pela natureza daquele processo em que respondem judicialmente empresários e políticos envolvidos numa presumível rede de corrupção ligada ao Partido Popular, o caso Garzon comporta outra lição, outro motivo de reflexão sobre qual deve ser o papel dos juízes e da justiça nas nossas sociedades.

Nós vivemos um tempo que, mais do que alguma vez no passado, confiou aos juízes maior intervenção e protagonismo público. Por isso se tem falado muito de judicialização. Para começar, foi esse o preço da paz política em muitos estados. Para acabarem de vez com frenéticas querelas sociais e ideológicas, remeteram para o poder independente e irresponsável dos juízes a decisão sobre algumas batatas quentes da política. Em segundo lugar, por motivos que não cabe agora avaliar todos nós no Ocidente, ao longo dos últimos 50 anos, enchemo-nos de direitos e atirámos para os juízes a magna tarefa de resolver os conflitos entre esses direitos recorrendo às mais diversas técnicas jurídicas, as quais não disfarçam a enorme liberdade e subjectividade que lhes foi concedida. E em terceiro lugar descobrimos a justiça internacional: os direitos humanos, as convenções de direitos, os crimes contra a humanidade e por aí fora. Com eles vieram os juízes dos tribunais europeus e internacionais, as redes de juízes, a comunicação transjudicial entre juízes. E alguns julgadores com rosto que personificam uma espécie muito em voga nestes tempos – a do juiz-sábio ou do juiz-filósofo –, de que talvez o melhor exemplo seja o juiz israelita Ahron Barak, tão apreciado pelas suas decisões constitucionais contra Israel à frente do Supremo Tribunal daquele país.

Este conjunto de motivos conferiu ao juiz contemporâneo um peso incomparável que alguns trataram logo de converter num activismo abstracto, como o de dizer que o dever do juiz é defender primeiro a democracia ou as ideias de Boaventura Sousa Santos no nosso CEJ. Somando a isto a crise que atingiu a democrática partidocrática, criou-se a ideia de que o juiz pode e deve prestar aos cidadãos aquilo em que os políticos falharam: não apenas uma ânsia incomensurável de justiça mas a salvação e a regeneração da própria democracia.

Na verdade, algum activismo haverá de se reconhecer ao juiz sem o qual a função judicial e o Estado soçobram face a interesses cada vez mais tentaculares e insidiosos. Mas como traçar essa fronteira senão através de um discurso racional e comedido? O que dizer de juízes tão selectivos como Garzon, que invariavelmente parecem possuídos por tal sede de justiça contra o mesmo lado, quer recorrendo a novos e controversos princípios internacionais (como o da jurisdição universal) para julgar velhos ditadores estrangeiros, quer instrumentalizando a categoria não menos controversa dos crimes contra a humanidade para reabrir o polémico tema das vítimas do franquismo em que ambos os lados têm feridas por sarar?

Agora, a braços com processos por prevaricação, Garzon acaba de ser condenado por querer alcançar "a verdade a qualquer preço", transformando cidadãos e advogados protegidos pelo direito de defesa – e isentos de qualquer suspeita – em objectos do Estado para o propósito de extrair deles informação. Garzon diz-se vítima da sua postura democrática, mas a verdade é que ele é sobretudo vítima de si mesmo e do caminho dúbio que escolheu.

Pedro Lomba

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-14\_fevereiro-Entrevista.14\_de\_fevereiro.doc.txt

Entrevista a Miguel Gomes

"Senti-me livre para não fazer uma ficção exemplar"

Depois de Aquele Querido Mês de Agosto, Miguel Gomes volta-se para a memória da presença portuguesa em África.

Tabu tem a estrutura "bipartida" habitual nos seus filmes. Hoje no Festival de Cinema de Berlim Tabu de Miguel Gomes vai concorrer às longa-metragens no Festival de Cinema de Berlim. Poderá ganhar o Urso de Ouro. O realizador de *Aquele Querido Mês de Agosto* ensaia, neste novo filme, uma lógica de racconto, depois de uma primeira parte contemporânea. Trata-se de um melodrama africano, onde a memória do colonialismo português se defronta com a memória de um "cinema extinto", de Tarzan a Murnau. O filme passa hoje, em Berlim. Tem alguma relação pessoal ou familiar com África?

Nenhuma, apesar de a minha mãe ter nascido em Angola. Nunca tinha estado em África até ao momento em que fui fazer as repérages para este filme. Mas justamente por isso senti-me livre para não fazer com a questão colonial uma ficção exemplar, até em termos pedagógicos. Uma ficção em que as personagens fossem símbolos claros de qualquer coisa. Um dos tabus do filme é este: eu, que nasci em 1972, portanto três anos antes da independência das ex-colónias, não me sinto obrigado a reiterar um discurso de exemplaridade em relação à questão colonial. Acho que a relação com África, no filme, passa precisamente pelo cinema. Não sei se não estarei mais próximo do Tarzan, que via na infância, do que de uma preocupação com a questão colonial, em termos históricos, sociológicos ou políticos. Não passa por aqui porque não me sinto obrigado a isso.

Esse filtro de uma África retratada pelo espectáculo é bastante evidente, por exemplo na maneira como os animais aparecem no filme. Mas sem haver necessariamente um discurso sobre a época colonial, ela surge no filme, sobretudo na segunda parte, associada a uma dimensão espectral. O Tarzan, com certeza, mas também há um lado índia Song... Que é um filme que eu nunca vi... Mas esse lado espectral...

Espectral no sentido em que as personagens dependem de uma evocação, de um relato feito por alguém. Só vivem em "evocação da vida"?

Exactamente, queria criar uma distância entre a narração e as imagens da segunda parte do filme. Porque a narração é feita no presente, mesmo que, para mim, seja um presente tão "filme de época" como na segunda parte, talvez por ser uma época pré-troika... Mas o mundo daquelas personagens também está a desaparecer. Há uma espécie de melancolia, de sensação de perda na primeira parte, que aliás se chama "Paraíso Perdido", que idealmente contamina as acções relatadas na segunda parte, apesar destas terem uma carga muito mais romanesca e cinematográfica do que o que vemos na primeira parte. E que, portanto, tudo viesse associado a uma ideia de extinção. Extinção que pode ser a da época colonial mas que também pode ser só a extinção do brilho da juventude. Aliás, o filme tenta uma aproximação a um cinema que também está extinto, foi filmado com materiais à beira da extinção, a Kodak foi à falência há poucas semanas... Para retomar a primeira pergunta, a minha memória pessoal entra por aqui, pelo cinema, dos filmes de aventuras dos anos 1940 a coisas como o *África Minha*.

Que até é citado explicitamente, "ela tinha uma fazenda em África..."

Pois é... Mas portanto, a ideia era trabalhar alguma coisa extinta ou em vias de desaparecer. Só podemos aceder aos fantasmas. A coisa em si já não a podemos recriar, nem a sociedade nem o cinema.

A primeira parte contamina a segunda, mas a inversa também é poderosamente verdadeira. Quando o filme acaba tem-se vontade de voltar às personagens iniciais, mas elas já não estão lá. É uma sensação de perda curiosa a induzida pelo filme...

Pois, mas isso é...

É a vida?

É a vida, claro. O que tentámos foi que a personagem se transfigurasse. Que a Aurora [Laura Soveral] da primeira parte aparecesse de maneira completamente diferente na segunda [quando é interpretada por Ana Moreira] e que justamente essa transfiguração trouxesse outra luz à Aurora da primeira parte. Também, por isso, pensámos que seria melhor centrar a primeira parte não na Aurora mas noutra personagem, a da vizinha Pilar [Teresa Madruga], que passa o tempo a tentar lidar com as culpas dos outros. A primeira parte é uma espécie de ressaca dos excessos da segunda, excessos coloniais ou romanescos. E, portanto, o centro é a personagem que herda a ressaca, que herda o sentimento de culpa, por difuso que seja, desses excessos. São dois tempos, social e politicamente, e na parte contemporânea interessava-nos a personagem que encarnava os complexos de culpa modernos. Sendo que é uma culpa vaga e indeterminada. Não se explica no filme quais são aquelas manifestações a que ela vai, por exemplo.

Mas ao mesmo tempo, e por falar em "paraíso", o filme sugere que havia de facto uma "mancha" no paraíso...

Se calhar sempre esteve manchado... Eu comecei a pensar neste filme por causa duns tipos que conheci durante a rodagem do *Aquele Querido Mês de Agosto*, que tinham tido uma banda em Moçambique. Tocavam covers dos anos 1960, Beatles, etc... Usei uma música deles no Agosto, chamada Mãe, e depois conheci-os, vários deles estão vivos, moram na zona de Ovar.

Independentemente do olhar político deles, os relatos que faziam eram cheios de verdade emocional. De alguém que se divertiu na juventude, viveu imensas histórias. O paraíso é isso, a juventude, a memória da felicidade.

Na segunda parte é muito curiosa a relação entre as personagens, a narrativa e os habitantes locais. Os miúdos sobretudo, há um que até tem uma t-shirt da Samsung...

... E outro tem uma do Obama...

Até por esses anacronismos, reforça-se uma espécie de quebra da suspension of disbelief, que faz dos miúdos e doutras figuras locais algo de semelhante a um coro, mas também uma testemunha de algo do género "eis o cinema a chegar". Eles estão no filme, mas também estão a ver o filme. Ou são "o documentário" a olhar para "a ficção", como acontecia no Agosto. Aqui isso acontece por vezes dentro do mesmo plano?

Em primeiro lugar, nem sequer tinha meios para controlar esse aspecto e vestir toda a gente à época. Mas depois, nem sequer acredito nisso. O espírito de uma época não passa pelas roupas que se supõe que deviam ser usadas.

É o seu lado straubiano?

É o meu lado material, que tem a ver com a verdade da presença das pessoas, para além dos artifícios convencionais. Sabemos que o filme é de 2012, para quê tentar fingir que é de outra época. Se alguém disser "eh pá! Está ali um tipo com uma t-shirt do Obama, isto não é sério..."

Sabia desde o princípio que as personagens da segunda parte não falariam e estariam como se num filme mudo? Sabia.

Porque, como de facto no tempo do mudo, eles falam uns com os outros mesmo que não haja som. Tinham diálogos escritos?

Nalgumas cenas havia pelo menos indicações. Mas muitas vezes estão a dizer disparates. Deve ser, aliás, curioso trazer alguém que saiba ler lábios, porque imagino que tenha uma experiência surreal... Mas não queria fazer um pastiche de cinema mudo, antes chegar a uma sensação relacionada com a memória. É o relato de alguém que se baseia em imagens, em recordações, onde os diálogos não têm lugar. A não ser a voz off, a contar a história ou a calar-se. O único guia é essa voz. Até ao momento da sequência das cartas, onde há um diálogo entre um velho e uma morta. Essa sequência da troca de cartas, para mim, é o coração do filme.

Tanto Murnau, Tabu no título, a personagem chamada Aurora?

O Murnau interessa-me muito, claro. Mas aqui sobretudo porque, aliás como outros cineastas do mudo, trabalhou sempre por dicotomias, numa coisa completamente binária: campo/cidade...

... luz/sombra, bem/mal...

... Exactamente. E essas dicotomias, paraíso/paraíso perdido, hoje são desvalorizadas em função de uma complexidade psicológica das personagens. Mas eu acho que existe alguma coisa de essencial nessas dicotomias

São arquétipos, contêm tudo, estão por todo o cinema clássico?

Sim, portanto espero que o filme não seja, como diria Passos Coelho, "piegas", mas seja capaz de explorar, dramática e emocionalmente, todos esses arquétipos contrastantes.

Luís Miguel Oliveira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-14\_fevereiro-notícia1.14\_de\_fevereiro.doc.txt

Empresas exigem a Godinho 1,6 milhões de indemnizações

Sociedades de capitais públicos assistem acusação no Face Oculta e exigem a Godinho e funcionários pesadas compensações pelos prejuízos causados

Quatro empresas com capitais públicos estão a exigir a funcionários (ou ex-colaboradores), a Manuel Godinho, empresário das sucatas de Ovar, e a outros arguidos do processo Face Oculta indemnizações pesadas para compensar os prejuízos que consideram ter tido com os crimes alegadamente praticados pelos arguidos deste caso. No total, as sociedades (EDP Imobiliária, Petrolgal, REFER – Rede Ferroviária Nacional e Redes Energéticas Nacionais) pedem a vários arguidos um mínimo de 1,6 milhões de euros.

A REFER, que tem seis funcionários ou ex-funcionários entre os 36 acusados, é a empresa que apresentou um pedido de indemnização mais elevado: 838.229 mil euros. Num documento extenso, a empresa pública responsável pela gestão da infra-estrutura ferroviária nacional identifica 10 situações concretas em que considera ter sofrido danos patrimoniais. O pedido é assinado por três advogados do escritório Sérvulo & Associados, representantes da REFER, que exige 10 indemnizações parcelares, num só documento. A mais alta, de 561.993 euros, pede a compensação, por danos patrimoniais, a três arguidos: Manuel Godinho; José Magano Rodrigues, funcionário da Unidade Operacional Centro, e António da Silva Correia, um ex-engenheiro da empresa. Manuel Godinho é o único visado que se mantém nas 10 situações, seguido pelo seu sobrinho Hugo, que a REFER envolve em seis das situações.

A Petrolgal pede mais de 701 mil euros a seis pessoas e uma empresa do universo Godinho. São eles Manuel Godinho,

Hugo Godinho, João Godinho (filho do sucateiro), João Tavares (chefe de armazém de materiais da refinaria de Sines), Paulo Costa (gerente de empresas), a secretária de Godinho, Maribel Rodrigues, e a principal empresa do sucateiro, a O2. No pedido de indemnização da Petrogal, apresentado pela sociedade de advogados Rui Pena, Arnault & Associados, lê-se que vários membros da família Godinho "arquitetaram um plano para retirar resíduos nobres [do chamado Parque de Sucata, em Sines] como se de ferrosos se tratassem". Explica-se que os resíduos eram carregados nos camiões depois de serem cobertos por uma camada de resíduos ferrosos. A família Godinho, diz a Petrogal, dirigiu a retirada de "pelo menos cem toneladas de cabos e fios de cobre no valor de 550 mil euros", num dos casos que enumera. A EDP Imobiliária descreve várias situações de negócios combinados, mas opta por não pedir um valor concreto, deixando aos juízes a concretização do valor das duas indemnizações que exige a Manuel Godinho, o seu ex-administrador Domingo Paiva Nunes e à O2.

Mariana Oliveira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-14\_fevereiro-notícia2.\_14\_de\_fevereiro.doc.txt

Jovem que pontapeou jornalista sujeito a apresentações periódicas

O jovem que filmou a agressão de uma colega e colocou o vídeo no Facebook foi ontem detido em casa, por volta das 10h30, por ter agredido uma jornalista à saída da leitura do acórdão sobre aquele caso em que foi condenado a dois anos e dois meses de prisão, com pena suspensa.

Rodolfo Santos ficou sujeito a apresentações periódicas junto das autoridades policiais da sua área de residência, depois de ter passado o dia a ser ouvido por um juiz de instrução criminal.

Fonte policial confirmou à Lusa que Rodolfo Santos está acusado do crime de ofensa à integridade física qualificada pela agressão à jornalista. Em comunicado citado pela agência Lusa, o Comando Metropolitano de Lisboa; (COMETLIS) da PSP refere que cumpriu um mandado de detenção emitido pelo Departamento de Investigação e Acção Penal (DIAP) de Lisboa.

No dia da leitura do acórdão, a 16 de Janeiro, à saída das varas criminais de Lisboa, Rodolfo Santos agrediu a pontapé uma fotojornalista do Correio da Manhã (CM) que se encontrava no local.

Cerca de uma dezena de jornalistas assistiram ao sucedido, tendo a ofendida e o CM apresentado queixa na PSP.

Cinco dos seis arguidos no caso da agressão à jovem de 13 anos junto ao Centro Comercial Colombo foram condenados a penas de prisão entre 18 meses e dois anos e nove meses. As penas foram suspensas sob condição de os jovens voltarem à escola ou frequentarem cursos de formação. Apenas um dos arguidos foi absolvido, porque "não aderiu ao crime".

Os jovens têm de colaborar com entidades como a APAV no apoio a vítimas de crimes violentos ou de acidentes de viação, durante o período de suspensão das penas. O caso, que remonta a Maio de 2011, foi publicitado num vídeo colocado no facebook.

O juiz-presidente disse que a idade dos arguidos foi tida em conta, julgando-se suficiente para que não reincidam a "simples ameaça de prisão". Caso as expectativas sejam defraudadas, "as penas serão cumpridas".

Rita Araújo

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-14\_fevereiro-opinião1.14\_de\_fevereiro.doc.txt

Aí vai a História...!

Por esta vez irão pela janela fora dois feriados. Exactamente um que comemorava a independência de Portugal e outro que simbolizava a República. O "Governo de Portugal", com este acto, apenas representou, metaforicamente e ao contrário, o que um feriado significa ou deixa de significar. Um feriado cívico é um símbolo da História e matá-lo representa um acto simbólico de destruir essa História. E essa decisão diz bem de um Governo que não é independente no seio de uma Europa e de um Mundo regidos pelas leis do dinheiro.

Assim, não será difícil extinguir o feriado da Restauração, de 1 de Dezembro, que mais do que representar o fim da Monarquia dual de Espanha e Portugal em 1640, representava (ou devia representar) a tentativa de o país conquistar a sua verdadeira independência e identidade, tal como havia sido pensada pelos intelectuais e políticos idealistas do século XIX, como Herculano ou José Estêvão, que abriram a via de celebração desse dia. Por outro lado, reflectindo a crise da República ou da Respublica, da "coisa pública" – tudo se quer privatizar, neste mundo do dinheiro –, e a doença da Democracia, não será difícil terminar com o feriado do 5 de Outubro, que, mais do que uma mudança de

regime, significou (ou devia significar) uma tentativa, mais uma, de reconstituição do país, com uma nova bandeira e um novo hino, símbolos da Pátria e dos ideais da Humanidade.

No liberal Reino Unido, agora neoliberal (com a carga negativa que tal comporta), para falar em feriados utiliza-se a expressão Holidays bank, pois os feriados são sobretudo os dias em que não se fazem negócios e os bancos estão fechados. É esse o seu carácter simbólico predominante, de uma cultura e de uma civilização históricas por natureza, mas que criaram o seu Estado e o seu Império pragmática e orgulhosamente. Em Portugal será cada vez mais assim, mas sem orgulho, imitando o mundo prático e mercantilista, mas sem a força da História. Afinal sem a força de símbolos que são nossos e que fomos construindo, sem a força de símbolos nacionais e universais, os símbolos da independência, da identidade e da democracia.

Como no filme de 2007, de Paul Haggis, No Vale das Sombras (na versão portuguesa) – mais um contra a intervenção americana na guerra do Iraque – estamos quase a ter de hastear a nossa bandeira ao contrário, em sinal de que a Pátria e a nossa Democracia estão em perigo. Tudo em nome da produtividade e de uma dívida para a qual a maioria dos portugueses não contribuiu. Poderemos e deveremos, em nome destas "coisas" com que não nos identificamos, deixar que, irresponsavelmente, atirem fora a História, que é de todos nós?

Luís Reis Torgal

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-14\_fevereiro-reportagem.\_14\_de\_fevereiro.doc.txt

Crise. Coligação tem de garantir por escrito que cumpre nova austeridade após eleições

Países do euro deverão amanhã salvar a Grécia da bancarrota... por agora

Atenas ainda tem de desfazer cepticismo dos parceiros sobre a seriedade dos seus compromissos e que o novo programa vai resolver os seus problemas

A Grécia ultrapassou no domingo à noite uma etapa crucial para obter um novo empréstimo internacional de 130 mil milhões de euros para evitar a bancarrota, graças à luz verde do Parlamento a um duro programa de austeridade, mas o mais difícil ainda está por fazer: convencer os parceiros europeus de que as medidas serão efectivamente aplicadas.

A aprovação do programa, que inclui a redução de 22% do salário mínimo e a dispensa de 150 mil funcionários públicos até 2015, dos quais 15 mil imediatamente, foi concretizada enquanto milhares de manifestantes encolerizados por dois anos de austeridade cada vez mais dura, recessão económica e desemprego galopante, puseram fogo a bancos, lojas e cafés. Segundo dados oficiais citados pela imprensa grega, pelo menos 48 edifícios arderam, dezenas de lojas, cafés e bancos foram vandalizados e saqueados, enquanto que mais de 100 pessoas ficaram feridas em confrontos com a polícia e 130 foram presas.

No Parlamento, a revolta também se fez sentir, embora de forma pacífica, através da rebelião de 42 deputados dos dois partidos que apoiam o governo de união nacional de Lucas Papademos – Pasok (socialista) e Nova Democracia (conservador) – mas votaram contra o programa.

Os protestos, que se estenderam a Salónica, a segunda cidade do país, e às ilhas de Corfu e Creta, surpreenderam as restantes capitais pelo grau de violência, embora Olli Rehn, comissário europeu responsável pelos assuntos económicos e financeiros, diga que os autores "não representam a vasta maioria dos cidadãos gregos que estão sinceramente preocupados com o futuro do país". Em paralelo com a luz verde do Parlamento, a Grécia ainda tem de cumprir duas condições para que os ministros das Finanças da zona euro aprovelem amanhã o novo empréstimo de 130 mil milhões (um terço será assegurado pelo FMI).

Os Dezassete deram seis dias a Atenas na quinta-feira para detalhar melhor 325 milhões de euros de cortes que previu nas contas do Estado, no total de 3300 milhões de economias que terá de realizar este ano. Além disso, os líderes do Pasok e da Nova Democracia terão de garantir por escrito que o programa de austeridade será cumprido independentemente do resultado das eleições de Abril.

Mesmo se as duas condições estão em vias de ser cumpridas, o líder da Nova Democracia deixou domingo uma dúvida substancial sobre o seu compromisso: ao apelar aos seus deputados para aprovar o programa, Samaras invocou a possibilidade de "negociar e alterar a política que está a ser imposta" aos gregos, possivelmente após as eleições que espera ganhar. A afirmação não fez mais do que confirmar o cepticismo dos Dezassete sobre a determinação dos gregos em cumprir o programa, depois de dois anos de promessas e metas desfeitas.

Angela Merkel, chanceler alemã, deixou claro que "não pode haver, nem haverá, alterações" às medidas previstas. "As promessas da Grécia já não são suficientes para nós", afirmou Wolfgang Schäuble, ministro alemão das Finanças ao Weltam Sonntag, frisando que o país não pode ser "um poço sem fundo" da ajuda europeia.

Mesmo que a Grécia consiga convencer os parceiros e receba o empréstimo que a salvará por agora da bancarrota, a

grande questão que se coloca é saber se a política seguida há dois anos pela zona euro permitirá resolver os problemas estruturais do país a braços com uma severa recessão económica, dívida pública galopante e sérios problemas de competitividade.

Schäuble expressou estas dúvidas ao afirmar na semana passada que o novo plano de austeridade não será suficiente para reduzir a dívida dos actuais 160% do PIB para 120% em 2020, a condição de "sustentabilidade" definida pela zona euro e pelo FMI para a concessão do novo empréstimo. É por esta razão que cada vez mais analistas defendem que mais tarde ou mais cedo a zona euro terá de reconhecer que os problemas gregos só se resolverão com um incumprimento da dívida, dentro ou fora do euro, associando cada vez mais Portugal a esta solução.

O problema de Lisboa e Atenas é que a zona euro perdeu um boa parte do sentimento de urgência que a moveu nos últimos meses, graças à política de liquidez do Banco Central Europeu e às reformas adoptadas em Itália e Espanha. O que faz com que as dificuldades de Portugal e Grécia sejam cada vez menos encaradas como problemas da zona euro no seu conjunto e cada vez mais como problemas dos dois países.

Isabel A. e Cunha

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-17\_janeiro-crónica.17\_de\_janeiro.doc.txt

Bendito chicharro

O chicharro é um dos poucos peixes que as pessoas que gostam mesmo de peixe dizem, com orgulho, ser o melhor peixe que há. Obriga-nos a encolher os ombros, como quem não concorda, mas concede que é capaz de ser. O nome do chicharro ajuda a mantê-lo desconhecido por quem não percebe nada de peixe – e logo benditamente barato. Acho que é de propósito. Os pescadores – que comem todos os chicharros que puderem, vendendo apenas aqueles que as barrigas já não admitem – deram-lhes um nome pouco apelativo, como fizeram à chaputa, ao peixe-porco e ao rascaço. Só no caso do rascaço é que lhes saiu o tiro pela culatra. Nas curvas ascendentes do carapau, que começa lindamente no "jaquinzinho", cai com o carapau pequeno, levanta-se com o carapau-carapau (atingindo a glória quando é carapau dourado), o chicharro é a acumulação de todas as qualidades e o cume da "carapauzice".

Quando Lineu classifica um bicho com um nome repetido (o pargo legítimo é *pagrus pagrus*) é porque não tem dúvidas. Ao chicharro, comparado com outros carapaus, chamou ele, em 1758, *trachurus trachurus*. Como quem diz duh...

O chicharro é gordinho e branquinho, com sabor de mar, de noz e de manteiga, criticando, com exemplos de melhorias úteis, a secura e a dureza do carapau mais estúpido que não sobreviveu ao Verão.

Não é raimoso, como a cavala, nem azulão, como a sarda. Não segue o caminho até ao mais gordo dos atuns. O chicharro é o carapau teimoso que continua a ser.

Miguel Esteves Cardoso

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-17\_janeiro. opinião2.17\_de\_janeiro.doc.txt

Regresso da turbulência aos mercados

Sem uma política credível, não haverá um milagre para o euro. Dizem as raters e concordam os mercados

O primeiro-ministro reagiu com espanto à nova degradação da notação da República. Passos não a entende pelo lado das contas, mas admite-a como uma consequência de opções políticas. Tem razão. Bastava ler as declarações de Mário Monti para se concluir que, além dos desequilíbrios nas contas públicas ou da falta de competitividade, a crise do euro caiu numa espiral descendente pela falta de uma resposta política coerente dos seus responsáveis. Ainda que Portugal esteja a cumprir uma a uma as exigências que as agências de rating fizeram há um ano, o seu papel na gestão da crise tornou-se secundário; muito mais do que um personagem principal como foi no momento em que assinou o acordo, o país é agora actor secundário de um drama de escala continental. Uma a uma, as economias europeias vão caindo e se agora apenas quatro dos 17 países do euro podem regozijar-se do seu estatuto de triplo A, a verdade é que nem o fundo de resgate europeu onde a Alemanha tem a maior quota-parte do capital investido resistiu à ofensiva da S&P. Após as tréguas de um mês, o que esta nova queda do rating das economias do euro indicia é o regresso da turbulência aos mercados. A receita em cima da mesa, feita de medidas duras mas para o futuro ou de fundos de socorro que tardam em ver a luz do dia, não funciona. E se as operações de colocação de dívida da Espanha e Itália foram um sucesso, hoje parecem apenas uma nota de harmonia num concerto cacofónico. Perante isto, as raters actuam como fez a S&P, porque o seu papel não é ajudar, mas fazer valer os interesses dos grandes investidores. E o que eles disseram

foi claro: sem política credível, não há quem acredite num milagre do euro.

O civilizador da direita espanhola

Foi, até poucos meses antes de morrer, protagonista de polémicas. Homem directo, Manuel Fraga Iribarne não evitou o confronto. Mesmo com os seus, os do Partido Popular. Partido que criou e do qual morreu como presidente-fundador. Mas com direito a livre pensamento e decisão. Quando José Maria Aznar, recém-chegado ao poder, endurecia a posição espanhola para com Cuba,

"Don Manuel", como era conhecido entre os conservadores, visitava Fidel, com quem jogava ao dominó. Não esqueceu a sua condição de galego, filho de um emigrante que em Cuba buscou melhor vida. A diáspora galega falou mais alto do que a estratégia do Governo de turno.

Algo similar aconteceu com a relação estreita que manteve com o Norte de Portugal. Um reconhecimento mútuo. Por ser galego, dizia, "sou espanhol e também português".

Fraga Iribarne esteve 60 anos na vida política espanhola, em vários e contraditórios tempos históricos. Nunca foi presidente do Governo. Uma ironia amarga para um dos protagonistas da transição democrática com um desempenho que só ele podia ter. Civilizou a direita espanhola, afastou-a dos extremismos e da nostalgia do franquismo, homologou-a em termos europeus. Este é o seu legado mais importante.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-17\_janeiro-entrevista.17\_de\_janeiro.doc.txt

Ribeiro e Castro lamenta "maioria de aluguer"

Deputado do CDS-PP critica PSD por considerar que está a ir a reboque do BE na lei das "barrigas de aluguer"

O antigo líder do CDS-PP e actual deputado José Ribeiro e Castro mostra-se incomodado com o que considera ser uma imposição da agenda do Bloco de Esquerda em torno da alteração à lei das "barrigas de aluguer" e lamenta que, "numa matéria tão sensível" como a da maternidade de substituição, se venha a legislar "ao sabor de uma maioria de aluguer".

Na semana em que os projectos sobre Procriação Medicamente Assistida e maternidade de substituição, vulgarmente chamada "barriga de aluguer", são discutidos em plenário no Parlamento, o deputado do CDS-PP sustenta que o PSD podia ter escolhido um tempo próprio para avançar com um projecto sobre a matéria. "Podia apresentar num momento próprio e autónomo e não ser arrastado por outra agenda, numa matéria que é tão sensível", afirmou ao PÚBLICO. Para o ex-líder do CDS, "é negativo e difícil de compreender que uma matéria que envolve conceitos sociais e humanos tão sensíveis se venha a legislar ao sabor de uma maioria de aluguer".

As direcções das bancadas do PSD e do CDS deram liberdade de voto aos seus deputados relativamente a todos os projectos que são votados na sexta-feira – um do BE, dois do PS e um do PSD.

Como deputado da maioria parlamentar que apoia o Governo, José Ribeiro e Castro sublinha que as bancadas à direita estão ir a reboque da chamada "agenda fracturante" do Bloco de Esquerda. "Essa agenda já conseguiu o seu efeito: a fractura no PS, que tem dois projectos de lei, um da direcção e outro da JS", ironiza.

O deputado democrata-cristão defende que é prematuro alterar uma lei que é apenas de 2006. "Numa matéria como esta, deve haver estabilidade legislativa", sustenta.

A bancada do PSD decidiu, na semana passada, avançar com um projecto próprio que consagra as "barrigas de aluguer" e que foi muito discutido na reunião da bancada. Os sociais-democratas não vão tão longe quanto os projectos da esquerda e apenas permitem a maternidade de substituição a casais heterossexuais e como um instrumento último a que se pode recorrer.

Sofia Rodrigues

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-17\_janeiro-Notícia\_1.17\_de\_janeiro.doc.txt

João Pedroso ainda deve 35 mil euros por não ter cumprido contrato com Governo socialista

Ex-ministra da Educação e irmão de Paulo Pedroso vão ser julgados por prevaricação e arriscam oito anos de prisão

O advogado e antigo chefe de gabinete de Ferro Rodrigues e de Guterres, João Pedroso, ainda deve quase 35 mil euros ao Estado por não ter cumprido vários contratos para prestar assessoria jurídica ao Ministério da Educação, entre 2005 e 2007, atribuídos por ajuste directo e que lhe renderam mais de 300 mil euros.

O Ministério Público que, em Junho passado, acusou a ex-ministra da Educação e actual presidente da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD), Maria de Lurdes Rodrigues, e João Pedroso de um crime de

prevaricação, viu ontem um juiz do Tribunal de Instrução Criminal do Lisboa validara sua tese. A pronúncia confirma os factos da acusação e ainda mais alguma fundamentação, rejeitando a tese das defesas e reiterando que os contratos prejudicaram seriamente o erário público. O crime de prevaricação é punido com pena de prisão entre dois e oito anos. O advogado e antigo juiz está a pagar em prestações uma dívida de 133 mil euros por não ter cumprido os contratos de serviços jurídicos que lhe foram adjudicados pela ex-ministra. Depois de ter falhado o pagamento das 12 prestações mensais – apenas metade foram pagas do uma só vez em Maio de 2009 –, o jurista propôs entregar os 66 mil euros em falta em 36 prestações mensais, com início em Setembro de 2010 e termo em Agosto de 2013. As finanças concordaram, mediante a penhora de dois bens imóveis, tendo o advogado pago até agora pouco mais de 30 mil euros. Estão ainda por liquidar quase 35 mil euros, ou seja, 19 prestações mensais de mais de 1800 euros. A pronúncia abrange também a então chefe de gabinete da ministra, Maria José Matos Morgado, e o então secretário-geral do ministério, João Silva Batista, também acusados de serem co-autores da prevaricação. O PÚBLICO tentou ontem contactar, sem sucesso, Maria de Lurdes Rodrigues, através da FLAD, e João Pedroso, através do seu escritório de advocacia.

Ambos estavam fora do país. Ao fim do dia, Maria de Lurdes Rodrigues emitiu um comunicado onde reafirma que a acusação agora validada por um juiz "é injusta e infundada". "Enquanto ministra da Educação, o meu comportamento pautou-se sempre por critérios de legalidade, rigor, isenção e respeito pelo interesse público, o que seguramente ficará demonstrado", voltou a repetir na nota. E completou: "Aguardarei, com total serenidade, o rápido desfecho deste caso". Num comunicado emitido há meses, o DIAP de Lisboa (o processo foi investigado pela 9.ª Secção) diz que os factos "são relativos à adjudicação directa de vários contratos nos anos de 2005, 2006 e 2007 ao arguido professor universitário, com violação das regras do regime da contratação pública para aquisição de bens e serviços", lia-se na nota. "Tais adjudicações", acrescenta-se, "não tinham fundamento, traduzindo-se num meio ilícito de beneficiar patrimonialmente o arguido professor com prejuízo para o erário público, do que os arguidos estavam cientes".  
Mariana Oliveira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-17\_janeiro-Notícia\_2.\_17\_de\_janeiro.doc.txt

Autores de agressão exibida no Facebook só vão presos se não voltarem à escola

Cinco dos seis arguidos no caso da agressão à jovem de 13 anos, em Maio, junto ao Centro Comercial Colombo, em Lisboa, publicitada num vídeo colocado no Facebook, foram condenados a penas de prisão entre 18 meses e dois anos e nove meses que foram suspensas sob condição de os jovens voltarem à escola ou frequentarem cursos de formação. Apenas um dos seis arguidos foi absolvido, porque "não aderiu ao crime".

Os arguidos terão ainda de colaborar com entidades como a APAV no apoio a vítimas de crimes violentos ou de acidentes de viação, durante o período de suspensão das penas.

A autora das agressões, Bárbara Oliveira, não compareceu à leitura do acórdão. Segundo o juiz-presidente, a idade dos arguidos e as infâncias em "meios desfavorecidos" foram tidas em conta, julgando-se que a "simples ameaça de prisão" será suficiente para que estes jovens não reincidam. O juiz Lopes Barata disse que, caso as expectativas do colectivo sejam defraudadas, "as penas serão cumpridas". Após a leitura do acórdão, à saída das varas criminais, o jovem que filmou as agressões agrediu uma jornalista que se encontrava no local com um pontapé, tendo sido ajudado pela mãe.

Os seis jovens estavam acusados dos crimes de ofensa à integridade física qualificada, gravações ilícitas e roubo nas formas tentada e consumada. Não ficou provada a premeditação, embora todos os arguidos soubessem que a vítima seria agredida e não teria hipótese de se defender. Quanto às gravações, o juiz considerou não haver elementos probatórios para dizer que todos os arguidos sabiam e concordaram com elas.

Para Lopes Barata, o crime demonstra "um grau de desprezo pela pessoa humana que deixou atónito o tribunal", sendo "ainda mais incompreensível" por se tratar de um grupo de amigos. A mãe da vítima, Elisabete Bernardo, diz que é uma "oportunidade" que se dá aos seis jovens, mas ficaria mais contente com penas efectivas.

A ofendida, que está a ser acompanhada psicologicamente, não compareceu em tribunal. A advogada mostrou-se satisfeita, mas afirma que o pedido cível continua. "Deu-se o exemplo", disse Flávia Xavier. O advogado do jovem que filmou as agressões também se mostrou satisfeito, nomeadamente pela "ausência de qualquer prova relativamente à premeditação". Carlos Viegas declarou-se confiante de que o jovem "tem perfil" para melhorar.

Bárbara Oliveira, à altura dos factos com 16 anos, foi condenada com a pena mais gravosa (dois anos e nove meses), por ofensas à integridade física qualificada e por dois crimes de roubo.

Rita Araújo

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-17\_janeiro-notícia-reportagem.17\_de\_janeiro.doc.txt

Manobra "não-autorizada" fez naufragar Costa Concordia

O erro do comandante Schettino expôs a fragilidade dos meganavios. Cinco minutos bastam para uma tragédia num mar profundo

Com as luzes acesas, a ilha mediterrânica de Giglio é um belo bilhete postal. Terá o comandante planeado oferecer um espectáculo adicional aos seus passageiros? Foi em Giglio que nasceu o chefe de sala. Terá o comandante querido oferecer-lhe o aroma da terra natal?

Qualquer das hipóteses que ontem se colocavam para explicar o desastre do Costa Concórdia conduz à conclusão avançada pela empresa proprietária do navio: o comandante saiu de rota. Fez "uma manobra não-aprovada e não-autorizada" que provocou um rombo no casco e levou à morte de pelo menos seis pessoas; outras 29 estão desaparecidas, segundo um novo balanço feito pela guarda-costeira.

Numa conferência de imprensa em Génova, o presidente da Costa Cruises, Pier Luigi Foschi, acusou o comandante, o italiano Francesco Schettino (que foi detido e pode ser acusado de homicídio involuntário), de não ter autorização para tomar as decisões que tomou. Foschi, citado pela Reuters, disse que os navios da companhia têm rotas programadas e que soam alarmes quando há desvios. "A rota foi introduzida correctamente [no sistema de navegação]. O navio saiu dela apenas devido a uma manobra do comandante. Temos que admitir os factos e não podemos negar que houve erro humano", disse.

Foschi não disse se estas conclusões se baseiam em testemunhos ou se são já o resultado da análise à "caixa negra" onde estão gravadas as conversas no posto de comando e que regista a prestação dos equipamentos.

O espectáculo

"Sabemos que as passagens junto a terra fazem parte do espectáculo dos navios de cruzeiro", diz o comandante Luís Costa, do Sindicato dos Capitães, Oficiais Pilotos, Comissários e Engenheiros da Marinha Mercante.

Cortesias de aproximação a terra para com os passageiros e para com os portos eram, segundo os media italianos, comuns no comandante do Concórdia. Em Agosto do ano passado o presidente da Câmara de Giglio, Sergio Ortelli, agradeceu-lhe publicamente por ter passado perto da ilha que estava cheia de turistas.

A viagem do Concórdia começara no porto italiano de Savona e devia terminar em Marselha, após parar em Roma, Palermo, Cagliari e Palma de Maiorca. Na segunda etapa, entre Roma e Palermo, deveria passar a meio do mar Tirreno, entre Giglio e a península toscana de Monte Argentario.

Era hora de jantar (21h30) de sexta-feira e alguns dos passageiros (3216 no total; os tripulantes eram 1013) começavam a petiscar, outros juntavam-se no convés para ver as vistas, tirar fotografias. De súbito, o navio raspou no fundo mar. "Li que estava a 300 metros de terra, quando nós consideramos que meia milha [pouco mais de 900 metros] já é curto", diz Luís Costa.

Este comandante conhece bem o arquipélago Toscano. Em 35 anos de carreira – agora tem 60 e está reformado –, andou por ali com petroleiros e porta-contentores de três mil toneladas de arqueação bruta (o volume interno de uma embarcação). Explica que os navios de grande porte estão tecnicamente muito bem equipados, sejam eles para o transporte de mercadorias ou de turistas. Têm tecnologia de ponta que evita desvios de rota e colisões, à superfície e debaixo de água. Alguns desses sistemas são redundantes, ou seja, há mais do que um equipamento a dar a mesma informação. "É tudo electrónico", explica Luís Costa, "e às vezes há falhas. Acontece ficarmos sem uma máquina, sem o leme..."

Porém, as estatísticas da Organização Marítima Internacional, agência da ONU para a segurança marítima e prevenção de desastres ecológicos, indicam que mais de 60% dos acidentes com embarcações de grande porte se devem a erro humano.

Com um rombo no casco, o Concórdia começou a adornar. É aqui que Luís Costa elogia o comandante. "Houve a preocupação de encalhar o navio, o que revela experiência. Ele raciocinou rapidamente e mesmo com as pessoas aos gritos – temos um curso para lidar com o pânico – decidiu que iria perder o navio mas salvar o maior número de pessoas". Parte do Costa Concórdia ficou à tona.

Se um navio deste porte estivesse num mar profundo e houvesse um problema, explica o comandante Costa, a tragédia teria sido imensa. "Constroem-se navios cada vez maiores e as empresas de salvados e as próprias seguradoras têm vindo a alertar para os riscos", diz.

Cada vez maiores

O Concórdia tinha 290 metros de comprimento, 112 mil toneladas e oito metros de calado (distância entre a superfície

da água e o ponto mais fundo da embarcação). Era um dos maiores navios de recreio do mundo.

Estas estruturas flutuantes que se assemelham a cidades multiplicaram-se na última década. Têm casinos, salas de espectáculos, lojas, restaurantes, bares, piscinas, spas. São construídos para se aproximarem o mais possível da costa, têm mais do que um convés e cada vez têm mais camarotes. "Tudo isto reduz a estabilidade", escreveu no The Guardian Andrew Linington, do sindicato independente dos profissionais de navegação do Reino Unido. Desde o naufrágio do Titanic, há 100 anos, é obrigatório haver pelo menos um colete salva-vidas por pessoa nos navios de passageiros. Em 1986 surgiu a obrigatoriedade de salva-vidas semi-cobertos e com motor. A seguir vieram as portas de contenção de fogo, depois os detectores de fumo nos camarotes e, em 2002, apareceu a "caixa negra", que ajudará a explicar este desastre.

Só que o aparato de segurança e de navegação não bastam. Luís Costa, que sabe do que fala porque já andou num meganavio de 270 metros, 150 mil toneladas e 19 metros de calado, diz que casos a advertir para uma possível tragédia humana no mar não têm faltado. No início deste mês, o gigantesco Vale Beijing teve a "sorte" de rachar quando estava a ser carregado de minério no Brasil – foram grandes as dificuldades para o rebocar.

"Estes navios levam quatro, cinco mil pessoas... e são muito pesados. E se houver um incêndio no mar e o navio adornar em cinco minutos? As pessoas morrem quase todas", constata Luís Costa.

Ana Gomes Ferreira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-17\_janeiro-Opinião1.17\_de\_janeiro.doc.txt

Quero ser um Catroga

Poesia pura. Numa só semana, ficámos a saber que a imensa Via Láctea é branca "como as neves da Primavera acabadas de cair" (ou como o cabelo do economista Eduardo Catroga); e que alberga qualquer coisa como cem mil milhões de planetas – um número tão bestial que, para se ter uma ideia aproximada da sua dimensão, é preciso compará-lo com coisas realmente grandes, como o montante da dívida pública portuguesa ou a falta de tino de alguns políticos. Suponho, aliás, que ainda este mês escutaremos o ministro Miguel Relvas incentivar os nossos jovens, altamente qualificados, a universalizarem-se e emigrarem para este inexplorado filão de oportunidades, que ajudarão a civilizar para gáudio da pátria (ou isso ou a ASAE investigando a suspeitíssima Via Láctea, não vã a nívea galáxia ser constituída por leite em infracção às leis da concorrência).

Sendo uma fonte inesgotável de boas notícias, do infinito silêncio espectral também, às vezes, vêm aos trambolhões coisas menos agradáveis, como satélites desgovernados e assim. Era mais simpático se chovessem pastéis de nata, ou, vá lá, croissants de chocolate, mas, em todo o caso, continuo muito determinado a não permitir que o meu optimismo se inquie por dá cá aquela palha. Pretendo mesmo encher-me de soberba e acreditar na possibilidade de me transformar num Catroga da vida: em vez de empobrecer austeramente e de encolher de frio tiritando nas longas noites do "Inverno da nossa resignação", como lhe chamou o espanhol Manuel Rodriguez Rivero, planeio trocar o meu salário por uma remuneração compatível com as reais necessidades do país. Creio, aliás, que uma boa parte da crise se resolverá muito simplesmente (com a compreensão de alguma entidade patronal): equipare-se o meu ordenado ao do presidente do Conselho Geral e de Supervisão da EDP. Como 50% do que passarei a ganhar vai para impostos, a receita do Estado crescerá e isso terá um efeito redistributivo para as políticas sociais. Catroga dixit. E se o visionário aposentado o diz, eu baixo humildemente as orelhas. Afinal de contas, entre nós os dois é ele quem tem o mais espectacular currículo da Via Láctea e arredores.

Ao contrário do que sucede com os satélites e outros objectos sujeitos à gravidade, os ordenados simpáticos do meu país tendem a chover persistentemente em cima dos mesmos indivíduos, chamem-se eles Catroga, Vara, Cardona, Lopes, Pinto ou Mexia. Para os demais e comuns mortais, incapazes de fazerem mais do que trabalhar para ir vivendo, as respectivas remunerações estão transformadas numa espécie de "salário do medo". Não vamos, como no romance de Georges Arnaud que Clouzot filmou, a conduzir um camião carregado de explosivos por uma estrada sul-americana. Às costas temos apenas o peso (cada vez mais) leve do nosso ordenado minguante e o enorme fardo que é o medo de o perder. Vamos aceitando, por isso, que no-lo roubem aos bocadinhos, em pequenas garfadas, até que já não nos sobre dignidade nenhuma e nos vendamos por três vinténs.

Jorge Marmelo \* jornalista

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-21\_fevereiro-crónica.21\_de\_fevereiro.doc.txt

No sambódromo

La-lara-laia-laia-la-laia-laia: Dona Ivone!

O P2 voltou a desfilar na Império Serrano. Crónica de uma noite com fantasia de Papa em honra de uma sambista histórica, Dona Ivone Lara. Aos 90 anos, ela foi samba-enredo.

1. Na sexta-feira o Hélio alugou uma carrinha para as fantasias. Só à minha porta tinha de entregar dez. E como fantasia de sambódromo tem muitas partes, eram dez Papas tipo monte-você-mesmo.

– Aqui estão as partes com tamanho diferente – explica Hélio, entregando-me o primeiro saco.

Cada saco traz túnica, mitra, sandália, turíbulo e por fora uma etiqueta com o nome: Christiane, Bárbara, Ramon, Márcio, Lúcia, Luciana, Marta, Fernanda, Alexandra e Theo. Entre tanto ateu vale sempre a pena ter o superior hierárquico do Papa.

Somos quatro a esvaziar a carrinha e mesmo assim demora. É que além dos sacos há as partes de tamanho único, tão grandes que não cabem em sacos: a gola-capa, com os seus ferros de dar cabo de clavículas; o resplendor, com um sol um pouco amolgado da viagem.

– Você bota a mão aqui por dentro e endireita, ó... – demonstra Hélio.

Foi ele mesmo quem fez as fantasias. É o director da nossa Ala, chamada Ala do Clero.

Enquanto isso, a Preta e a Bela, que do céu só temem trovoadas, tentam cheirar as partes papais. Imagino a desilusão: nada que se coma.

2. De sexta para sábado desvio resplendores para ir do quarto à sala. A minha cómoda tem uma instalação de pedras e lantejoulas que se descolaram no desembarque. Até que sábado à noite nos concentramos, seis portuguesas, três cariocas e uma mineira, todos a transbordar do quarto, a encaixar partes.

A parte mais difícil é encaixar o resplendor na gola. Além dos ferros da frente, que massacram as clavículas, a gola tem uns buracos atrás, para receber os ferros do resplendor. Cronenberg versão Idade Média.

Mas as sandálias do Márcio que deviam ser 44 são 39. Não conseguimos passar pela porta com a mitra, não conseguimos passar pela porta com a gola. Os raios dos resplendor enredam-se uns nos outros quando voltamos as costas.

Decidimos descer a ladeira só de túnica e sandálias, pobres como Cristos, levando as riquezas debaixo dos braços. O plano é apanhar táxis até ao Largo do Machado, onde acontece a primeira concentração geral. A questão é que somos dez Cristos com os braços cheios de paramentos: precisamos de uns cinco táxis e nem um que nos queira levar.

Felizmente a paragem final dos ônibus do Cosme Velho é do outro lado da rua e há um que daqui a nada desce para o Largo do Machado. Felizmente está vazio, porque também não cabia mais ninguém.

3. No Largo do Machado, o ponto é o boteco Estação, e já lá estão luzes da nova geração do samba como Moacyr Luz e o meu guru Gabriel Cavalcante, a quem também chamam Gabriel da Muda. Eles não só vão desfilar pela nossa escola, a Império Serrano, como desfilarão no próprio carro da Dona Ivone Lara, musa e tema do nosso samba-enredo.

4. "Diz que o dom de compor é coisa de mulher", canta a letra. Imaginem nos anos 40 uma negra a compor. Ela fundou a Império Serrano em 1947, na Ala das Baianas, e desde então como compôs. Clara Nunes, Maria Bethânia, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Paulinho da Viola, Beth Carvalho, Roberta Sá, todos cantaram coisas dela.

Está a caminho dos 91 anos e lá estará esta noite. Todo o nosso desfile é para ela:

Dona Dama Diva...

Estrela do samba de luz radiante

Show no "Opinião"

Parceira de bambas carreira brilhante

Com a liberdade num lindo alvorecer

Sonha nossa terna mãe baiana

Seu sorriso negro não dá pra esquecer

E hoje nosso Império aclama

Dona Ivone Lara Ia Laia Lara Laia Lara Laia

Gosto especialmente desta parte do Lara laialaialaialaia, porque com os nervos esqueci tudo o resto.

5. Distraímo-nos no passeio do boteco a encaixar resplendores e nem § damos pela debandada geral para o metro.

Então corremos para a escada rolante na medida das nossas possibilidades, perdemos um metro mal chegamos ao cais, apanhamos um que afinal vai para outra direcção, temos de voltar atrás, mudar de linha, e tudo isto sempre na pele de Cristo já meio-Papa. Uma hora, só no metro.

6. Saindo pela Praça Onze, há quem defenda que o caminho é para a direita e quem defenda que é em frente. Mas o Márcio já decidiu que é em frente e portanto vamos atrás dele, em fila indiana.

Antes de entrar no sambódromo, cada escola alinha as suas alas e carros alegóricos na avenida. Mas como achar a

nossa ala? Deambulamos entre milhares de fantasias que não são a nossa, outras cores, outras plumas, outras tribos. Quando avistamos um Papa é uma luz, até percebermos que ele está tão perdido como nós. Um Papa em forma de mulata dá-nos uma descompostura por não termos vindo ao ensaio, mas quando lhe pergunto onde está a nossa ala ela também não sabe.

Na próxima hora recebemos várias instruções:

– É entre o carro três e o carro quatro.

– É à frente do carro três.

– É mais à frente.

Babel. Babel com camelos a venderem cerveja em lata, e cheiro a urina, e pior. Mas somos damas, donas, divas.

Brilhamos de suor e purpurina.

7. Quando encontramos a Ala do Clero é o reconhecimento da espécie. Eles têm turíbulos como nós, mitras como nós, ferros nas clavículas como nós. Um sentimento ancestral, bíblico mesmo.

8. Acabaram-se os nervos. Estamos entre os nossos, agora é só esperar. Mais cerveja, mais fogo de artifício. Lá em casa, a Preta e a Bela devem andar loucas porque o céu está de novo a rebentar. Mas não chove, ao contrário do ano passado.

Não muito longe de nós há uma caninha e um magote de gente. No meio, uma cadeira de rodas com uma velhinha negra muito elegante, imóvel.

Serra dos anos dourados da nossa história

Desperta e vem cantar feliz

O jongo e o samba de raiz

No enredo desse carnaval

Que não é sonho meu pois ela é

Real

Ivone Lara Ia

Real mesmo. É ela, à espera de ser içada para o carro alegórico.

9. A nossa entrada estava marcada para as três da manhã. Passa das quatro quando entramos. O som é tão alto e tão surdo que mal ouvimos o refrão, quanto mais a letra. Mas o que importa é parecer que cantamos, dançando para a esquerda, dançando para a direita, lara laialaialaialaia: Dona Ivone! Nem são os milhões na televisão. São os 70 mil aqui, no sambódromo, agora aumentado e mais iluminado. Um chapão de luz na cara, arquibancadas de gente até ao infinito. Parece o infinito.

10. Esta é a primeira noite dos desfiles de 2012, a noite do Grupo de Acesso, ou seja Segunda Divisão. Só vai subir à Primeira quem ganhar. A Império Serrano, que em triste hora caiu, está apostada em subir. Os veteranos dizem que os carros são os mais vistosos em anos. Da minha parca experiência confirmo que a fantasia de 2011 nem por sombra tinha tantas partes.

Em suma, à Império, esta noite, só interessa o primeiro lugar. Olha a responsabilidade: la-lara-laia-laia-la-laia-laia Dona Ivone!

11. O infinito acaba naquele arco de betão desenhado por Niemeyer, autor do sambódromo. Vemos o arco e por trás dele o morro que daqui a pouco vai amanhecer. Quando a luz acaba debaixo dos nossos pés, precipitamo-nos no escuro. É como aterrar de um voo de Asa Delta. Nunca aterrei de um voo de Asa Delta, mas esta é a cara que as pessoas têm: atordoada, de quem vem de um sonho, do céu mesmo.

12. E cá estamos, à saída do sambódromo, à entrada do túnel: damas, donas, divas, todos nós, sentados no passeio, descalçando tacões e sandálias, despindo túnicas, largando asas. Desta vez não vi o camião do lixo a engolir tudo. Só uma lixeira de brilhos, esplendorosa. Pronto, uma mitra para mais tarde recordar. Vá lá, uma mitra e um turíbulo. Cinco e meia da manhã. Hora de ponta e dos táxis cobrarem caro. Ah, aquele ônibus de trás vai para o Leblon. Vamos correr?

Alexandra Lucas Coelho, Rio de Janeiro

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-21\_fevereiro-entrevista.21\_de\_fevereiro.doc.txt

"Os actores amavam Raul Ruiz porque ele amava os actores"

Malkovich esteve em Portugal para rodar filme que o realizador chileno deixou por fazer. E contar histórias

Chega ao telemóvel, muito informal, despindo o casaco como se estivesse numa sala que lhe é familiar. À sua espera estão centenas de pessoas – o bar da Fnac Chiado é pequeno quando o convidado é John Malkovich.

O público está lá para ver o actor que foi o amargurado Mr. Will de Lugares do Coração (Robert Benton, 1984); o repórter Al Rockoff de Terra Sangrenta (Roland Joffé, 1984), o sedutor visconde Sébastien de Valmont de Ligações Perigosas (Stephen Frears, 1988), o professor que acredita que Shakespeare nasceu em Espanha de O Convento (Manoel de Oliveira, 1995), e o fragilizado barão de Charlus de O Tempo Reencontrado (Raul Ruiz, 1999).

Foi precisamente Ruiz que fez o actor norte-americano regressar a Lisboa para trabalhar em As Linhas de Torres, o filme que o realizador chileno deixou por fazer quando morreu, no ano passado, numa altura em que o seu último título, Mistérios de Lisboa, recebia elogios da crítica e do público (o filme está a feito pela sua mulher, a cineasta Valeria Sarmiento).

"Raul era uma pessoa especial", começou por dizer a Paulo Branco, que moderou ontem a conversa entre o actor e o público, na qualidade de produtor de vários filmes do chileno e de Oliveira, realizador com quem Malkovich gosta de trabalhar. "Era o pensador mais independente que conheci no cinema." Ao longo de 40 minutos, Malkovich recordou vários episódios da sua relação com Ruiz, que conheceu nos anos 90 e com quem rodou, para além de O Tempo Reencontrado, As Almas Fortes e Klimt. Falou da sua imensa cultura, da sua "visão singular" e do seu amor pelos actores: "Os actores amavam-no porque ele amava os actores, o que, obviamente, não acontece com muitos realizadores", disse Malkovich, reconhecendo que filmar com o chileno era sentir de perto o seu olhar atento e inteligente, o seu "bom gosto". Trabalharam pela primeira vez juntos em O Tempo Reencontrado, a partir de Proust, o que representou um imenso esforço para o actor americano, que à data não falava francês. No primeiro dia de rodagens, a uma pergunta de Malkovich sobre uma garrafa de água, feita a custo, Ruiz deu uma resposta de meia hora que envolvia umas árvores que perdiam as flores em Junho... "Nunca deu uma resposta directa a nenhuma pergunta que lhe fiz. Nunca", disse entre risos. A proximidade da literatura, o humor e sobretudo a singularidade do olhar é o que aproxima o chileno de Oliveira. Para Malkovich, há algo de "perverso" e "chocante" na forma como o realizador português conta histórias. Para dar um exemplo, descreve ao pormenor uma cena de O Princípio da Incerteza, coreografando com as mãos os movimentos lentos da erva sobre a encosta, como se quisesse que o público recordasse aquele longo plano de Oliveira. "Se eu viver até aos 104 [Manoel de Oliveira fará 104 em Dezembro], não me espantarei se ele ainda estiver a fazer um filme por ano. Há ali qualquer coisa estranha..."

Perdendo alguma da timidez inicial, o actor recordou o dia em que assistiu ao salto atlético de Oliveira para entrar num cemitério na Arrábida aos 87 anos e a forma como ele convenceu uma equipa que fazia segurança no Tejo, num dia de rodagem com ondas grandes, de que o americano era praticamente um nadador olímpico. "É por causa de pessoas como o Manoel e o Raul que somos capazes de acreditar que a vida é linda."

Lucinda Canelas

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-21\_fevereiro-reportagem.21\_de\_fevereiro.doc.txt

Desporto: Vice-ministro brasileiro não teme falhanços na organização dos mega-eventos

Mundial de futebol e Jogos Olímpicos vão custar 28 mil milhões de euros ao Brasil

Luis Fernandes é o responsável pelo maior desafio da história recente do país: o Mundial 2014 e os Jogos 2016. O governante esteve em Portugal para tirar ilações da Expo 98 e do Euro 2004

Em plena época de Carnaval, Luis Fernandes pergunta se é mesmo verdade que o Governo português não vai dar tolerância de ponto. "No Brasil não seria possível", garante a sorrir. "Faz parte do brasileiro e seria até prejudicial para a economia", acrescenta. O vice-ministro do Desporto, responsável pelos grandes eventos (chama-lhe "mega-eventos") que o país organizará nos próximos anos (Taça das Confederações em 2013, Campeonato do Mundo em 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016), sabe que samba e futebol fazem parte do ADN de qualquer brasileiro, o dele inclusive.

"O futebol passou a ser o caminho para a estruturação e consolidação da identidade nacional [do Brasil], diferencia o nacional do não nacional, não através da guerra mas do futebol", assinala Fernandes. A maior prova futebolística do planeta regressa a casa pela primeira vez em mais de 60 anos: matar esta saudade irá custar 15 mil milhões de euros, mais do que os 13 mil milhões apontados para a organização dos Jogos, dois anos depois.

Fernandes é um brasileiro atípico. Tem pouco sotaque, fala um português fluente, influência dos pais, portugueses. A mãe é de Meda e o pai de Parambos, do concelho de Carrazeda de Ansiães. "É considerada a aldeia mais sportinguista de Portugal", lembra. "Tem 400 habitantes, há 398 sportinguistas, um do Benfica e outro do FC Porto. O meu pai é benfiquista, logo eu também...", conta este cientista político e antigo professor. No Brasil, torce pelo Vasco da Gama. Dois anos revolucionários

Ao PÚBLICO, Luis Fernandes diz não ter medo do enorme investimento que está a ser feito para receber os dois maiores torneios do planeta –até fez a conversão em euros, "28 mil milhões de euros" ("em Portugal não usam bilhões,

pois não?", perguntou). Primeiro o Campeonato do Mundo, depois os Jogos Olímpicos, dois anos que vão mudar a face do maior país da América do Sul.

Depois da grande desilusão de 1950, quando o Brasil perdeu a final do Mundial, no Maracanã, para o Uruguai (a derrota de 2-1 ficou toda nos ombros do guarda-redes Barbosa, o bode expiatório de uma das maiores humilhações dos brasileiros), Fernandes diz ter mais medo da selecção que Mano Menezes conduz do que com a organização da competição, conta a rir. Mais a sério, o responsável brasileiro reconhece que "a prioridade das prioridades são os mega-eventos em que o Brasil vai ser sede". São eles que vão "projectar o Brasil para o mundo". "É também uma oportunidade histórica para alavancar o desenvolvimento do país", alerta.

Pesquisador, professor de Política Internacional – a sua área é política da economia para o desenvolvimento –, está em Portugal para se reunir com o ex-administrador da Sociedade Euro 2004, Paulo Lourenço, e perceber o impacto que o Campeonato Europeu de há oito anos teve no país. Mas também veio para se inteirar das obras para a Expo 1998 e da reabilitação da zona ribeirinha lisboeta.

Do exemplo português do Euro 2004 sabe que nem tudo correu bem. Dos dez estádios para a prova portuguesa (4 estádios de clubes, privados, e 6 de câmaras municipais) poucos são viáveis economicamente. Tirando os três clubes "grandes", o resto passa por dificuldades e alguns são "elefantes brancos", termo que o jornalista brasileiro Juca Kfourri utilizou como um futuro provável no Brasil a seguir à Copa de 2014. "Não faz sentido construir estádios novos em Manaus, Natal e Brasília (que não tem nenhuma equipa nem na II Divisão nacional)", lembrava Kfourri ao PÚBLICO, em entrevista no início de Fevereiro.

Estádios para quem?

"O grande objectivo é conseguir transformar eventos desportivos em pilares de desenvolvimento", destaca Fernandes. "E mostrar ao mundo a competência, o Brasil tem que surpreender, encantar e emocionar o mundo", continua antes de explicar que o Brasil tem uma das mais baixas assistências nos estádios a nível mundial (ronda os 24 por cento de lotação dos recintos) e a ideia é conseguir chamar um novo tipo de público.

Portugal construiu dez estádios num território que tem o tamanho do Rio de Janeiro. Os 12 recintos para o Mundial de 2016 vão ser espalhados por um país imenso (é o quinto maior do mundo). "Isto vem na altura certa", diz Fernandes. O Brasil tem hoje uma auto-estima do tamanho do seu território nacional, a conjuntura económica é favorável e não há receio de falhar, continua o responsável.

Se no futebol vencer o título de campeão do mundo pela sexta vez (depois de 1958,1962,1970,1994 e 2002) parece um objectivo razoável – Fernandes gostaria de vencer a final com um golo de Neymar... – já os Jogos Olímpicos parecem uma tarefa de longo prazo. Há exemplos bons (Barcelona, em 1992, que transformou o desporto espanhol, é um deles) e maus (Grécia, em 2004). E aquele que o Brasil parece querer seguir, que é a Austrália, nas palavras de Marco Klein. O responsável pelo Alto Rendimento do desporto brasileiro quer manter o país no caminho das medalhas e o exemplo australiano é o "melhor".

Desde a primeira organização, em 1956 (Melbourne), os australianos conseguiram manter-se no topo do medalheiro, com uma média de 19 medalhas por participação. E a partir de 2000 (Sydney), a média saltou para as 51 medalhas nas três últimas participações. Números longe dos apresentados pelo Brasil, país que nunca foi anfitrião e que tem uma média de 4,5 medalhas. Mesmo assim superior a Portugal, com uma média de 1 medalha por participação (conquistou 22 em 22 participações).

Filipe Escobar de Lima

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-21\_fevereiro-notícia1.21\_de\_fevereiro.doc.txt

Bashar al-Assad acusa países estrangeiros de financiarem e armarem os "grupos terroristas" na Síria

O Presidente sírio, Bashar al-Assad, acusou ontem alguns países – não disse quais – de estarem a financiar a oposição. "O Estado e a sociedade sírios são alvos de grupos terroristas armados que recebem ajuda financeira e armamento de países estrangeiros que querem desestabilizar o país e impedir que se encontre uma solução" para a crise, disse, citado pela agência oficial Sana.

As declarações coincidiram com a presença em Damasco do presidente da comissão parlamentar russa para os direitos humanos, Alexei Pouchkov, que foi à Síria confirmar o apoio do seu país a Assad. Pouchkov disse que o Governo de Moscovo apoia as "reformas iniciadas" por Assad – também não indicou quais – e disse que a estabilidade na Síria é essencial para o Médio Oriente "e para o Mundo".

A Rússia foi o segundo dos três grandes aliados de Assad a marcar presença em Damasco por estes dias. No sábado estivera na capital síria um enviado de Pequim, e ontem chegou ao porto de Tartus uma frota de guerra iraniana. A

Rússia e a China vetaram uma resolução no Conselho de Segurança das Nações Unidas que preconizava a saída de Assad do poder e a criação de um governo de unidade nacional transitório.

Na edição de ontem do jornal chinês Diário do Povo, um artigo de primeira página, citado pela Reuters, acusava o Ocidente de estar a impulsionar a guerra civil na Síria. O texto, assinado por Qu King, identificado como especialista em política internacional, dizia que a saída de Assad iniciará "uma guerra civil e não haverá forma de evitarmos uma intervenção armada estrangeira".

Há quase um ano que os sírios se revoltaram contra o regime de Assad. Fizeram-no, primeiro, em manifestações pacíficas, que foram reprimidas pela força. No último trimestre de 2011, grupos armados de oposição juntaram-se à revolta e foi constituído um Exército de Libertação da Síria. Segundo a ONU, o conflito já matou perto de seis mil pessoas.

No dia em que os representantes chineses estiveram em Damasco assistiu-se à maior manifestação anti-Assad realizada na capital – os manifestantes gritaram palavras de ordem contra o Presidente e contra a forma como chegou ao poder (herdou o cargo do pai, Hafez al-Assad). Para evitar um segundo protesto, as autoridades encerraram, no domingo, o bairro de Mezze, onde no sábado morreu uma pessoa, vítima dos disparos das forças governamentais. De acordo com os grupos de oposição, 15 carrinhas pick-up com soldados armados seguiram de perto o funeral.

Ontem, as ruas da cidade eram patrulhadas enquanto membros da milícia Shabbihaa (liderada por Maher al-Assad, irmão de Bashar) realizavam buscas porta a porta. "Quem anda na rua arrisca-se a ser preso. O bairro está calmo e até as lojas mais populares estão vazias", disse à Reuters um activista de Mezze, Moaz al-Shami.

Um cenário idêntico ao da cidade de Hama, que na semana passada foi alvo de intensos bombardeamentos. De acordo com a televisão Al-Arabyia, as tropas e as milícias governamentais fecharam os bairros da cidade, isolando-os uns dos outros. "Hama está isolada. Não há linhas telefónicas, os telemóveis não funcionam, não há Internet. Decorrem buscas casa a casa e estão a ser feitas prisões", disse um membro da oposição.

Ana Gomes Ferreira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-21\_fevereiro-notícia2.21\_de\_fevereiro.doc.txt

Pólo Zero já vai estar ao serviço dos estudantes em 2012/2013

Espaço da renovada Praça dos Clérigos terá 520 metros quadrados. Incluirá zonas de estudo e gabinete de empreendedorismo

O Pólo Zero da Federação Académica do Porto (FAP) não vai ficar, afinal, completamente nas mãos da FAP. O espaço situado na renovada Praça de Lisboa será partilhado e gerido de forma integrada por esta entidade mas também pela Câmara do Porto, pela Universidade do Porto (UP) e pelo Instituto Politécnico do Porto (IPP). O Pólo Zero deverá ser inaugurado no final do Verão e estar a funcionar em pleno no próximo ano lectivo.

É uma promessa antiga de Rui Rio à FAP e, talvez por isso mesmo, a única valência da Praça de Lisboa que nunca foi posta em causa, ao longo dos anos de incerteza sobre a ocupação do espaço em reabilitação. Com as obras no local a avançarem a passo de gigante, o Pólo Zero, com 520 metros quadrados, começa a desenhar-se. O presidente da FAP, Luís Rebelo, diz ao PÚBLICO que o espaço "irá colmatar uma lacuna" do núcleo mais central da UP. "Finalmente vamos ter um espaço de estudo, com horário alargado, algo que já existe na Asprela mas que aqui no centro não tínhamos", diz.

A área que a UrbaClérigos, responsável pela reabilitação da praça, irá entregar à Câmara do Porto, e que será depois gerida de forma partilhada pelo município, FAP, UP e IPP, vai oferecer salas de estudo para os universitários. A intenção da FAP é mobilizar esses espaços, mas deixar aos estudantes a obrigação de levar para o local o equipamento informático de que possam necessitar. Além das áreas de estudo, uma parte do espaço deverá ser concessionada a quem lá quiser montar uma cafetaria, e está prevista também a criação de um gabinete dedicado ao empreendedorismo.

Se, no caso da cafetaria, a intenção da FAP é oferecer "algum conforto" aos utilizadores do Pólo Zero e também conseguir "alguma sustentabilidade financeira", o gabinete de empreendedorismo e inovação pretende ser o local certo para fazer a ponte entre o ensino superior e o mercado de trabalho. "Este será o espaço mais indicado a quem quiser, por exemplo, lançar a sua própria empresa", explica Luís Rebelo, ressaltando que poderá existir ali também uma valência de apoio à procura de emprego. "Tudo isto ainda está a ser trabalhado com os nossos parceiros fundamentais, uma vez que não vamos deter o espaço a cem por cento e existe uma lógica de partilha na gestão do pólo", explica. O presidente da FAP não se compromete com a possibilidade, já avançada, de o Pólo Zero estar aberto ao público durante as 24 horas do dia, garantindo apenas que terá "o horário mais alargado possível".

A reabilitação da Praça de Lisboa representa um investimento na ordem dos seis milhões de euros e, depois de muitos adiamentos, a inauguração está agora agendada para Junho. O espaço fechado, rasgado a meio por uma passagem a céu aberto, vai dispor de dez espaços comerciais, sendo o maior deles todos, com 1900 metros quadrados, um restaurante com a assinatura Shis.

No topo da praça, idealizada pelo gabinete do arquitecto Pedro Balonas, irá nascer um espaço relvado, pontuado por oliveiras e com três pequenos quiosques, complementados por esplanadas.

A Câmara do Porto cedeu o direito de superfície da praça à UrbaClérigos por 50 anos – a única empresa a apresentar-se ao concurso público lançado pelo município em 2006, com o objectivo de reabilitar e explorar o espaço.

Patrícia Carvalho

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-21\_fevereiro-opinião2.21\_de\_fevereiro.doc.txt

O preço de querer voltar à guerra fria

A Rússia de Putin está a tornar-se uma réplica da velha URSS. E precisava de um novo Gorbachov Vladimir Putin tem um problema. Pela primeira vez em mais de dez anos, o poder férreo que exerce sobre a Rússia foi contestado nas ruas. O sonho de uma "Primavera Russa", porém, diluiu-se depressa. Tal como aconteceu na Primavera Árabe, a rua não foi capaz de gerar uma alternativa política. Nem o sistema que Vladimir Putin instalou desde que chegou ao poder o permitiria.

As sondagens já estão a dizer que o antigo espião do KGB vai ser eleito Presidente à primeira volta, com entre 59% a 61% dos votos. Números que exprimem, no entanto, o desgaste do poder russo, face às votações que Putin obteve em 2004 e que Dmitri Medvedev conseguiu em 2008. Como nenhum dos adversários políticos dos senhores do Kremlin consegue ser uma alternativa, o statu quo está garantido. Mas a que preço? É aqui que começam os problemas.

A campanha de Putin tem sido marcada por um discurso anti-ocidental e pela actualização do fantasma da guerra fria. Ontem, o candidato anunciou planos para um rearmamento sem precedentes da Rússia. O costume. Putin ascendeu ao poder em nome da restauração do orgulho russo. E isso passa pela nostalgia do império soviético e do tempo em que Moscovo era a capital de uma superpotência. Mas esses tempos morreram. Os sonhos militaristas do Kremlin equivalem à confissão do fracasso de um regime que não modernizou o país e cuja riqueza assenta nas matérias-primas que exporta. Sonhando com o regresso à guerra fria, Putin está a dizer-nos, sem o querer, que está a construir uma verdadeira réplica da URSS: um país ameaçador, mas social e economicamente estagnado. A Rússia de Putin está a precisar de um novo Gorhatchev. Mas isso não é para já.

A batalha dos euros e a guerra das laranjas

Em 2007, uma peça de teatro em Lisboa sugeria o possível envolvimento do ex-director da PIDE no assassinato de Humberto Delgado. Familiares do ex-PIDE insistiam que fosse retirada tal referência mas, em nome da liberdade de expressão, os tribunais absolveram os então réus, já que não fazia sentido falsificar a memória e sobretudo os registos históricos (nos quais, aliás, se baseava a peça). Agora, na raia portuguesa, levanta-se um pequeno escândalo pela inclusão numa peça de teatro, em Olivença, do episódio conhecido pela "Guerra das Laranjas". Isto porque lembrará o facto de Espanha ter ficado com aquele território português, numa anexação tacitamente consentida mas não reconhecida em qualquer tratado. O PS já fez, até, um pedido de esclarecimento ao Governo. Fará sentido, este despeito? Independentemente do que possa pensar-se do assunto, a "Guerra das Laranjas", com a invasão do Alentejo pelo exército espanhol existiu. A História não se faz para que gostem dela, faz-se para que a entendam. Fará mossa ao ego português uma peça de teatro? Se fizer, tenham ao menos a coragem de exigir Olivença de volta. De contrário, deixem as laranjas e o teatro em paz. A batalha dos euros que portugueses e espanhóis têm pela frente é que deve preocupar-nos.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-21\_fevereiro-Opinião1.21\_de\_fevereiro.doc.txt

Debate. A crise das dívidas soberanas

Geopolítica da crise europeia e o futuro de Portugal

Em termos simples, a geopolítica trata da influência que as características geográficas dos estados (extensão, configuração e posição) têm na natureza dos respetivos interesses. Citando o exemplo de Portugal, são seus interesses "permanentes" equilibrar eventuais pressões políticas provenientes do continente europeu com relações a ocidente (através do mar), assim como uma Península Luso-espanhola multipolar, em vez de bipolar.

A atual crise europeia é influenciada pelos efeitos de duas alterações geopolíticas recentes. A reunificação da Alemanha, na sequência do fim da Guerra Fria, que Mitterrand e Thatcher tentaram evitar com receio das suas repercussões geopolíticas; e a mudança substantiva dos centros de poder mundial provenientes da emergência de grandes potências do Sul e do Oriente, materializando-se na modificação do esforço estratégico dos EUA, retraindo forças militares da Europa e concentrando-as na Ásia/Pacífico.

A reunificação alemã reconstituiu a configuração geopolítica da segunda guerra mundial. A mudança do esforço norte-americano para a Ásia confere, dentro de limites precisos (os EUA querem manter o Atlântico Norte como "lago" norte-americano), certa liberdade de ação ao jogo de poder europeu.

Este regresso ao espaço geopolítico da segunda guerra mundial fez ressurgir os dois grandes centros de poder do Centro e do Leste do continente: Moscovo e Berlim. A Oeste, os EUA, como "potência europeia", continuam como único centro de poder capaz de colmatar as fragilidades dos países que foram centros de poder no passado, França e Reino Unido. Enquanto o centro russo e alemão tenderão a polarizar os estados que mais lhes interessarem, o centro norte-americano, enquanto não perceber uma ameaça na Europa, limitar-se-á a impedir que os principais estados europeus ribeirinhos assumam um posicionamento hostil aos seus interesses no Atlântico.

Entre os interesses permanentes da Rússia e da Alemanha conta-se a necessidade de fronteiras defensáveis. É este interesse que impulsiona Moscovo a manter o Cáucaso, a Sul, e a avançar para o Báltico e para o controlo da Ucrânia a Oeste. A extensão da Rússia tem substituído linhas defensivas sólidas pela condução de manobras retardadoras que desgastam o adversário ao longo das linhas de comunicações, obrigando-o a retirar do território russo, o que aconteceu com Napoleão e Hitler. Quanto a Berlim, na ausência de obstáculos naturais contínuos onde possa defender-se, sempre procurou avançar para as costas marítimas europeias, manobra seguida na primeira e na segunda guerras mundiais, sem êxito.

Mesmo que Berlim não tenha tido a intenção de usar a crise das dívidas soberanas dos estados europeus do Sul – para já dos periféricos, eventualmente mais tarde dos outros –, para os submeter politicamente, a situação vem-lhe propiciando um quadro de decisões que têm funcionado nesse sentido.

Os métodos de apoio alemães aos países devedores têm exigido uma austeridade que se justifica, mas sem medidas claras de apoio ao crescimento económico, o que tem reforçado a dependência dos periféricos. Ou seja, a austeridade tem funcionado como instrumento estratégico de manutenção do poder sobre os países endividados, gerando reações negativas dos seus cidadãos.

Uma eventual alteração das orientações seguidas até agora – apoiando o crescimento económico da periferia europeia – proporcionaria uma melhoria de bem-estar à região, o que poderia alterar a natureza dos laços (e dependência) com Berlim, mas teria o risco de permitir situações de desenvolvimento económico que favorecessem o caminho para uma autonomia que desagradasse aos alemães. Os periféricos obedecerão ao centro europeu enquanto precisarem de dinheiro; ficam em condições de se subtrair ao seu domínio quando forem criadas alternativas ao financiamento de que necessitam.

Veremos se o aumento substancial e generalizado, já anunciado, dos salários dos trabalhadores alemães, fazendo aumentar o respetivo consumo, consegue dinamizar as exportações dos países em crise para a Alemanha, substituindo a dependência da periferia em relação ao núcleo por uma interdependência que solidifique as relações mútuas, o que satisfará o interesse alemão, alargando a sua influência e poder até às costas marítimas.

Entretanto, se a Europa for evoluindo para a constituição de um bloco de poder continental a partir da Alemanha, Berlim não consentirá em relações políticas ou económicas dos periféricos com potências extraeuropeias. Assumirá diretamente esse relacionamento, colocando-se como candidato a integrar o governo mundial, ao lado de Washington, Pequim, Moscovo, Nova Deli e Brasília.

A consolidação deste bloco de poder poderá criar imensos problemas aos países ribeirinhos do Atlântico que o integrem, nomeadamente a Portugal, o que dependerá do posicionamento que uma Alemanha imperial adote em relação aos EUA, cuja posição de potência marítima dominante tem todas as condições para perdurar. Precisarão de manter na sua órbita o triângulo estratégico português (Lisboa/Funchal/Ponta Delgada), assim como as posições chave que lhes permitam dominar as linhas de abordagem marítima ao continente. Como estas posições terão igual importância estratégica para o bloco continental, será muito grande a probabilidade de elas serem disputadas entre os dois grandes poderes (marítimo e continental), o que colocará novamente Portugal no caminho dos conflitos.

José Loureiro dos Santos

## O jogo das sanções e das ameaças

A Europa fez bem em aprovar sanções ao Irão. Mas ninguém pode garantir que elas vão resultar

A União Europeia decidiu ontem, como previsto, avançar para o embargo petrolífero ao Irão, com o objectivo de obrigar Teerão a sentar-se à mesa das negociações e a abandonar a vertente militar do seu programa nuclear. A boa notícia é que os europeus conseguiram entender-se e seguiram o caminho que as sanções norte-americanas abriram no último dia de 2011. Há uma frente ocidental unida contra o regime dos ayatollahs e que decidiu finalmente avançar para sanções dolorosas. A má notícia é que se é certo que essas sanções serão eficazes do ponto de vista económico, o mesmo não acontece do ponto de vista político. Não existe neste momento nenhuma oposição credível ao regime islâmico e, apertados pelas sanções, os líderes iranianos tenderão a não mudar uma vírgula ao seu programa nuclear, que é consensualmente visto no Irão como um símbolo de orgulho nacional e da modernização do país. Foi isso, aliás, que os russos disseram ontem: nada vai mudar com as sanções. Teerão escolheu como arma de retaliação o fecho do estreito de Ormuz, por onde passa um quinto do petróleo mundial. Nenhum país será tão prejudicado pelo fecho do estreito como o próprio Irão. Mas os iranianos sabem bem lidar com a eficácia das ameaças. Basta o Irão admitir que pode bloquear o estreito para o preço do petróleo subir, fazendo disparar as sirenes de alarme no mundo e, em particular, na Europa. As sanções só entrarão em vigor a 1 de Julho. Com a decisão europeia, o relógico começou a andar. É um jogo. O que está em causa é saber se as sanções internacionais serão mais eficazes do que as ameaças iranianas. E até onde as partes envolvidas terão margem de recuo.

## A crise dos alunos e a crise do Presidente

Num momento em que a polémica em torno das declarações de Cavaco Silva ameaça abafar, de forma avassaladora, quaisquer outras discussões sobre a crise que lhe deu origem, esta vai deixando o seu rasto. As desistências no ensino superior são só mais um exemplo. É certo que desistências sempre houve, mas o aumento de 6% registado pelo PÚBLICO em metade das universidades portuguesas (sete, entre as quais se encontram as maiores) está a ser influenciado por dificuldades financeiras, por um mais difícil acesso às bolsas e até pelo modo como estas são pagas, de forma irregular e errática. Esta crise dos alunos há-de ser também crise para as universidades: verão diminuir as propinas e desequilibrar as contas. E terão que sobreviver com isso. Ora é precisamente no capítulo da "sobrevivência" que as palavras do Presidente da República mais indignação causam. E foi por isso que, ontem, ele veio a esclarecer o seguinte: "Apenas quis ilustrar, com o meu exemplo, que acompanho as situações que chegam ao meu conhecimento de cidadãos que atravessam dificuldades e para as quais tenho chamado a atenção em diversas intervenções públicas". Não se pode dizer que tenha sido grande emenda. Porque não é comparável. Nem sequer o viver em crise dos alunos se equipara ao viver em crise do professor, hoje Presidente.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-24\_janeiro-Entrevista.24\_de\_janeiro.doc.txt

## Entrevista a Craig Thompson

### Memórias de um coming out religioso

Quase nove anos depois da sua edição nos Estados Unidos, *Blankets*, de Craig Thompson, chega a Portugal pela mão da Devir, inaugurando a Biblioteca de Alice, uma colecção dedicada à banda desenhada de autor. Motivo de celebração? Com certeza. O tempo não beliscou este livro profundamente pessoal, doloroso e optimista que narra a história do coming out [assunção] religioso do autor. Pelo contrário, permite revisitar as dúvidas, as certezas, as paixões que Thompson experimentou diante da fé, da religião ou da sua primeira namorada. E, pelo caminho, introduz quem lê e vê num contexto cultural tão estranho como familiar: o do Midwest e da direita religiosa norte-americana.

*Blankets* não é apenas uma obra confessional, uma autobiografia, é também um livro com ressonâncias políticas. E é-o enquanto banda desenhada, implicando os recursos formais e estilísticos e a memória desta arte. Porque, afinal, foi a prática do desenho, o desejo de representar, que ajudou a despertar a independência espiritual e o pensamento crítico do autor. Craig Thompson, de 37 anos, falou com o P2 a partir de Portland sobre a recepção da sua obra nos Estados Unidos, os extremismos da direita religiosa, as qualidades da figuração não-realista na construção visual das personagens e *Habibi*, a sua mais recente obra.

*Blankets* oferece ao leitor um retrato do fundamentalismo cristão numa América rural, isolada, quase obscura, pelo menos aos olhos de muitos europeus. Foi sua intenção?

Não. Na verdade, decidi abordar a religião com alguma relutância. Queria que o livro fosse apenas um romance de aprendizagem, antes de perceber que tinha de confrontar os meus pais com o fim da minha fé. Mas já que fala no assunto, receei que muitos leitores, sobretudo os urbanos, não fizessem ideia do que estava a falar. E aconteceu o contrário. A minha infância bizarra e protegida era afinal uma experiência bastante comum nos Estados Unidos.

Muitos leitores identificaram-se com a luta contra uma educação cristã fundamentalista e evangélica.

Quando o livro saiu em 2004, os seus pais reagiram muito mal...

Sim, a minha mãe disse que era obra do Diabo e que eu estava condenado ao Inferno. O meu pai levou as coisas para um plano mais pessoal. Achou que eu não tinha o direito de revelar as nossas vidas aos olhos dos outros. Perguntou-me se a minha infância tinha sido assim tão traumática. Respondi-lhe que isso não estava em causa e que a minha infância foi tão traumática como a infância de qualquer criança. Ao partilhar a minha história, quis apenas convidar outras histórias, partilhar ligações. Como escreveu Sherman Alexie [escritor e poeta], "quando contamos a história, perdoamos a história". Devo dizer que oito anos depois, os meus pais aceitaram Blankets. Se calhar, chegaram à conclusão de que as situações que o livro narra são universais e não um juízo.

Através do desenho, celebra a representação da Natureza e do corpo feminino. De que forma a banda desenhada o ajudou a desafiar os dogmas da sua educação sobre a arte?

Não tenho uma grande formação artística. Estudei durante cinco meses numa escola de Artes e achei a maioria das disciplinas muito aborrecidas, com excepção do Desenho de Modelo Vivo. Quando regresssei a casa, estava ansioso para mostrar o meu trabalho, mas os meus pais evitaram-no num misto de silêncio e aversão. Sabe, cresci numa família que contribuía com dinheiro para a American Family Association, um grupo que luta pela extinção da Civil Liberties Union e da National Endowment for the Arts [direitos e liberdades individuais e o fundo nacional para as Artes que recebe apoio do Governo federal, respectivamente] que defende que a arte é uma actividade egoísta, por vezes satânica e que os talentos criativos só são justificados quando ao serviço da fé. Para mim, a banda desenhada foi um acto de desafio a uma fé que afirma ter todas as respostas. Ajudou-me a pensar novas perguntas em vez de cair numa certeza cega.

Tinha o acesso à televisão, à rádio e aos livros muito condicionado. Não deve ter sido fácil chegar à banda desenhada...

Vivíamos numa cidade pequena no Wisconsin e o único sítio onde tínhamos acesso a banda desenhada era uma drogaria que tinha a um canto um expositor com edições dos X-Men e do Super-Homem. Mas com o tempo deixou de vender e passámos a comprar a partir de um catálogo. Foi um período que coincidiu com a nossa vida de rapazes do campo. Trabalhávamos todos os Verões nos campos de ginseng, durante quatro horas. Pagavam-nos um dólar por hora, o que dava uma revista por hora. Foi assim que construímos a nossa colecção. Recebíamos encomendas todas as semanas e como os meus pais achavam que a banda desenhada era entretenimento infantil, não era detectada pelo "radar".

Para além dos seus pais e irmão, a outra personagem principal, senão a principal, é Raina, com quem inicia e termina uma relação amorosa. Desenha-a com traços mais realistas, ao contrário de si próprio, que tem corpo e face de desenho animado.

É verdade. A minha face tem uma qualidade de marioneta. Em parte, teve a ver com a necessidade de me distanciar um pouco da personagem e de a tornar mais acessível em papel ao leitor. Acredito que uma certa economia, própria do registo do cartoon, ajuda o leitor a identificar-se com as personagens. Com Raina estava a tentar capturar a sua beleza física. Também usei o mesmo estilo, mas só até um certo ponto, para poder comunicar a sua beleza. Nos dois casos, julgo que se optasse por algo próximo do fotorrealismo, não ia resultar.

Porquê?

Raramente funciona em banda desenhada. Subscrevo a opinião do Scott McCloud [teórico e autor norte-americano] de quanto mais simples e próximo do cartoon, mais fácil será para o leitor enfatizar ou incorporar certos aspectos. O realismo funciona melhor com planos de fundo, para dar um sentido mais tangível e táctil do ambiente. O Chris Ware [autor de banda desenhada] diz que o desenho em BD está próximo da tipografia. Não vou tão longe; vejo-o mais como uma caligrafia onde a linha tem quase uma vida própria. É uma forma abreviada de desenhar e é por isso que flui.

O desenho inspirado no cartoon tem qualquer coisa de familiar e acessível, mas a sua banda desenhada lida com a violência que os pais exercem sobre os filhos, com o bullying na escola e até com situações de ofensa sexual. Como conciliou estas dimensões? Will Eisner, autor de *The Spirit*, foi uma influência?

Sim, foi certamente. Mas quem roubei de uma forma mais deliberada, embora subconsciente, foi o Blutch e o seu livro, *Le Petit Christian*. Também há uma forte influência do Bill Watterson e das suas tiras *Calvin & Hobbes*, sobretudo a neve e a forma animada de desenhar. Sempre gostei de usar um estilo delicado, infantil, para representar personagens melancólicas ou o humor negro.

Blankets tem dois momentos fortes. À entrada da adolescência, queima os desenhos da sua infância. E, já um jovem adulto, queima todos os vestígios físicos da sua relação com Raina. Como explica este último gesto? Foi o namoro tão traumático como a infância?

Não [risos]. Tinha 18 anos, ainda era ainda um jovem cristão quando rompi com a Raina. O mundo era um pouco a preto e branco. Foi a única vez que destruí tudo o que tinha relacionado com uma ex-namorada. Ainda tenho o cobertor dela, mas confesso que gostaria de ter outras formas de me ligar à sua memória. Quando queimei os meus desenhos, vivia numa luta espiritual, achava que fazer arte era uma ocupação fútil e que tinha de seguir aspirações mais realistas, sérias e adultas. Arranjar um emprego ou ingressar no sacerdócio, como pastor.

Voltou a falar com Raina?

Não. Mas quando comecei o livro, havia um sentimento de perda e saudade. Tinha 23 anos quando comecei a desenhá-lo. Ainda era muito jovem, queria recapturar as emoções da relação. Em 1995 saí pela primeira vez dos Estados Unidos e viajei até à Europa. Esteve seis meses em Paris. Foi uma experiência importante no seu percurso.

Sim. Nunca tinha estado em Nova Iorque ou em Chicago e de repente vi-me em Paris, numa cultura diferente, com um língua diferente. Foi uma experiência incrível, nunca mais voltei a ser o mesmo. Mas o choque cultural foi mais doloroso quando regresssei ao Wisconsin. De repente, tudo me parecia grosseiro, bestial, demasiado ruidoso.

O Midwest é assim tão diferente da Europa?

Posso parecer presunçoso, mas para mim a diferença é quase abismal. Vivo em Portland onde esse contraste é menos severo, mas enquanto vivi no Wisconsin nunca ouvi outra língua. Pode ser que as coisas estejam a mudar com a Internet. Hoje qualquer miúdo tem oportunidade de comunicar com outras pessoas. Creio mesmo que o mundo rural onde cresci está em vias de desaparecer e de certa forma vou fazendo o seu luto.

Um luto que esconde um sentimento de nostalgia?

Não, nostalgia não. Talvez um fascínio por uma cultura pré-Internet. Apesar de ser um meio muito opressivo, também tinha uma certa magia, talvez por ser muito isolado. Foram tempos dominados pela ignorância e pela inocência.

Lançou no ano passado Habibi, livro que se afasta do registo autobiográfico. Sentiu necessidade de dar esse passo?

Sim. Depois de fazer o Blankets, estava farto de me desenhar. Ironicamente ainda fiz outro livro autobiográfico, Carnet de Voyages [Top Shelf, 2004], uma espécie de diário "gráfico". Desenhava à medida que as coisas iam acontecendo e foi publicado um mês depois de o concluir. Mas ainda sentia que a arte era uma actividade egoísta e desenhar-me a mim próprio ampliava essa sensação [risos]. Queria continuar a fazer histórias que são íntimas, vulneráveis e pessoais, mas já não queria ser o centro da acção.

Habibi tem sido recebido nos Estados Unidos com alguma polémica, a propósito da forma como representa o islão, recorrendo ao orientalismo.

É um livro conscientemente orientalista. É inspirado por As Mil e uma Noites, bem como pela ficção científica, a mitologia e o género fantástico. Quis desde logo trabalhar a partir destas referências, sabendo da sensibilidade orientalista presente no trabalho de Richard Francis Burton [explorador e escritor inglês que no século XIX traduziu As Mil e uma Noites]. Não tentei fazer uma documentação etnográfica da sociedade árabe. Abracei esse orientalismo mas em simultâneo comento os efeitos do imperialismo americano no mundo. As reacções têm variado. As piores vêm dos americanos, sobretudo dos politicamente correctos, e é do Médio Oriente que chegam as críticas mais positivas. Em que projectos está a trabalhar neste momento? E em que se distinguem de Habibi e Blankets?

Estou a fazer três livros. Uma saga de ficção científica para todas as idades que, apesar de lidar com a família e a amizade, não tem nada a ver com relações românticas. Um livro erótico. E um projecto não-ficcional sobre o comércio global. Portanto, para além do segundo, não há histórias de amor e, mais importante, nenhum faz referências à religião.

José Marmeleira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-24\_janeiro-notícia\_1.24\_de\_janeiro.doc.txt

Sindicatos da polícia sondados há meses pelo MAI sobre substituição do director nacional

Críticas de Guedes da Silva numa entrevista ontem à RTP foram a gota que fez transbordar o copo

Vários sindicatos da PSP foram sondados nos últimos meses por elementos do Ministério da Administração Interna (MAI), liderado desde Junho passado por Miguel Macedo, sobre o candidato ideal para substituir o superintendente Guilherme Guedes da Silva, até ontem director nacional da PSP, que foi exonerado pelo ministro a par dos restantes três elementos da sua direcção.

Curiosamente e apesar de ter falado ontem no programa da RTP Prós e Contras de "uma nova etapa" na vida desta polícia, o social-democrata Miguel Macedo nomeou, para substituir Guedes da Silva, um dos seus três directores nacionais adjuntos, Paulo Valente Gomes, o mais antigo superintendente na PSP, com excepção do seu antecessor. A demissão foi formalizada num encontro que se realizou ontem, ao fim da tarde, no MAI, em Lisboa. Guedes da

Silva tinha assumido o cargo em Março de 2011, em substituição do superintendente Oliveira Pereira, que se reformou nesse altura. Tanto Guedes da Silva como Paulo Valente Gomes foram escolhidos por Oliveira Pereira, nomeado no início de 2008 director nacional da PSP pelo ministro Administração Interna do Governo socialista, Rui Pereira. O novo director é mestre em Direito e Gestão da Segurança, por uma universidade francesa, e até agora era director nacional adjunto para a Unidade Orgânica de Recursos Humanos. Foi também director do Instituto Superior de Ciências Policiais e de Segurança Interna e foi o primeiro classificado do primeiro curso de oficiais da então Escola Nacional de Polícia.

O Sindicato Nacional de Oficiais de Polícia (SNOP) saudou a nomeação do novo director nacional da PSP, considerando que é "um marco histórico" e "o início de uma nova era" para aquela força, pelo facto de passar a ser dirigida por um oficial de polícia e não por um militar.

Já o presidente da Associação Sócio-Profissional da Polícia (ASPP), Paulo Rodrigues, diz que a substituição de Guedes da Silva era uma questão de tempo, mas salienta que não irá alterar nada na PSP, uma vez que o mal estar nesta polícia relaciona-se com a falta de recursos materiais e com o estatuto profissional, temas que dependem directamente do MAI.

O ex-director nacional fez ontem declarações no Jornal da Tarde da RTP sobre o mal estar que se vivia dentro da PSP, tendo desvalorizado esse facto. "É um mal estar que graça em toda a sociedade e a polícia está integrada na sociedade" referiu. E acrescentou: "As restrições orçamentais e tudo aquilo que a lei do Orçamento impõe colide com as pessoas, colide com as expectativas de carreiras, promoções, expectativas salariais na polícia". Miguel Macedo negou ontem à noite na RTP que estas declarações tenham tido alguma coisa a ver com a demissão de Guedes da Silva.

Mariana Oliveira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-24\_janeiro-notícia\_2.24\_de\_janeiro.doc.txt

Golfo Pérsico – Dirigentes iranianos fazem disparar preço do crude ao sugerir retaliações

Irão desvaloriza embargo sem precedentes da EU às suas exportações petrolíferas

Medida adoptada ontem em Bruxelas vai entrar em vigor de forma faseada para proteger maiores consumidores.

Sucesso da pressão económica dependente da reacção asiática

A União Europeia cumpriu a ameaça e aprovou um embargo sem precedentes ao petróleo iraniano – uma medida que os Vinte e Sete esperam que sirva para secar as fontes de financiamento do programa nuclear do país, forçando-o a fazer concessões. Em Teerão, as sanções foram desvalorizadas, mas voltaram a ouvir-se sugestões de retaliação, o que provocou um pico imediato do preço do crude.

Foi para evitar uma escalada nos preços – que, além de lesar a economia europeia, beneficiaria Teerão que os ministros dos Negócios Estrangeiros da UE decidiram, ontem, em Bruxelas, que o embargo será aplicado de forma faseada: fica proibida a celebração de novos contratos para a compra de petróleo iraniano, mas os países têm até 1 de Julho para rescindir os negócios já em execução. Este prazo visa dar tempo aos maiores compradores do crude iraniano para encontrarem outras fontes de abastecimento, limitando o impacto económico da decisão.

Espanha – que, a par da Grécia e da Itália, está entre os países mais dependentes de Teerão – anunciou que já "encontrou alternativas", mas a tarefa pode ser mais difícil para Atenas, que terá de apresentar garantias financeiras aos novos fornecedores que o Irão não lhe exigia. Os chefes da diplomacia prometeram, por isso, reavaliar a situação até Maio, mas é improvável o adiamento da entrada em vigor do embargo.

A UE, de imediato elogiada pelos EUA, decidiu ainda congelar os bens do banco central iraniano no seu território, proibir as transacções em ouro e outros metais preciosos com a instituição e outras entidades públicas iranianas. "Eu quero que a pressão destas sanções resulte em negociações" e que o Irão "regresse à mesa, retomando as ideias que propusemos há um ano ou propondo novas ideias", disse Catherine Ashton, chefe da diplomacia da UE. "Estas são medidas legítimas e pacíficas", acrescentou o ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, William Hague, dizendo que o objectivo é convencer o Irão a envolver-se em "negociações sérias", aceitando fazer cedências e esclarecendo as dúvidas sobre o seu programa nuclear.

Esta não é, no entanto, a interpretação iraniana. Um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros disse que "a ameaça, a pressão e as sanções são injustas e estão destinadas ao fracasso", quer porque o país não abdica "dos seus direitos fundamentais" (a produção de energia nuclear), quer porque "as necessidades energéticas mundiais são tais que é impossível sancionar o Irão", que tem a quarta maior reserva de petróleo do mundo.

Apesar do desafio, prevê-se que a decisão tomada pela UE (destino de 18 por cento do crude do país) e as sanções aprovadas pelos EUA no final de 2011 agravem a crise económica iraniana. A desvalorização da moeda nacional e a

subida da inflação são os primeiros sintomas das dificuldades.

Contudo, o cerco só se tornará insuportável para o regime – forçando-o, por exemplo, a suspender o enriquecimento de urânio – se a Ásia, principal destino do crude iraniano, não substituir os compradores ocidentais. Europeus e americanos convenceram já alguns países a reduzir as encomendas, mas a actuação da China permanece uma incógnita: à semelhança da Rússia, repudia as sanções unilaterais, mas está a procurar alternativas de abastecimento junto dos países árabes.

Reagindo ao cerco, Ali Fallahian, antigo ministro responsável pelas secretas e membro da Assembleia dos Peritos, sugeriu a suspensão imediata da venda de crude à UE, não lhe dando tempo para encontrar outros fornecedores. E o vice-presidente do parlamento, Mohammad Kowsari, repetiu a ameaça de encerrar o estreito de Ormuz, canal estratégico por onde passam 35 por cento de todo o tráfego mundial marítimo de crude.

O preço do crude, que se mantivera estável após o anúncio do embargo, ultrapassou de imediato os 111 dólares em Londres e abeirou-se dos cem dólares em Nova Iorque.

Ana Fonseca Pereira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-24\_janeiro-opinião\_1.24\_de\_janeiro.doc.txt

Democratas e baleias

Numa espécie de suicídio colectivo, 99 baleias saíram anteontem da sua zona de conforto, como agora se diz. Rumaram a uma praia da Nova Zelândia e ali ficaram a morrer aos poucos. Faziam lembrar a democracia portuguesa. De acordo com um estudo que o PÚBLICO divulgou na semana passada, só 56% dos portugueses consideram que a democracia é preferível a qualquer outra forma de governo. A outra (quase) metade prefere já duvidar da célebre frase de Winston Churchill (que Sérgio Godinho transformou em refrão de uma cantiga), segundo a qual "a democracia é o pior de todos os sistemas com excepção de todos os outros". Trata-se, suponho, de gente para quem a justiça, a igualdade de direitos, deveres e oportunidades, bem como a faculdade de escolher aqueles que governam os recursos do país em nome do bem comum, passaram a ser conquistas negligenciáveis, ainda que, pelos vistos, aprecie o direito de expressar livremente a opinião que tem. O paradoxo é perfeitamente compreensível e, de certo modo, já estava explicado na canção de Sérgio Godinho, naquela parte em que diz que "Há muitos países que julgam/ que têm democracia, inclusive,/às vezes, o nosso".

Não pretendendo sugerir que aqueles 44% de portugueses deviam ser obrigados a sair da zona de conforto que a democracia lhes proporciona, calando-se como no tempo da outra senhora, sou até capaz de reconhecer que os resultados do estudo devem andar próximos da realidade. Bastava ter reparado nas percentagens de abstenção registadas nas últimas eleições, ou ouvir duas pessoas a conversar na rua, para obter um retrato muito semelhante: os cidadãos acham que os políticos se preocupam sobretudo com os seus próprios interesses e com os interesses dos grandes grupos económicos (que os contratam antes e depois do exercício de funções públicas), que são corruptos, que não representam adequadamente o povo que os elege, que desbaratam os impostos, que mentem para ganhar eleições e que são insensíveis às dificuldades das pessoas comuns. E depois, outro paradoxo, os portugueses elegem-nos outra vez.

Os políticos também não se incomodam muito com a fraca opinião que os portugueses têm deles. Desde que possam manter-se no poder, festejam efusivamente os triunfos eleitorais, mesmo se, contabilizada a abstenção, se torna evidente que são eleitos por grupos minoritários de cidadãos.

Segundo o estudo, 31% dos entrevistados já não conseguem identificar uma instituição ou agente de representação política que dê voz às suas preocupações. A segunda maior fatia, 22%, apontava para o Presidente da República. Mas isto foi em Julho, antes de Cavaco, o "provedor do povo", ter dito o que disse sobre os rendimentos que auferir: que duas reformas chorudas não chegam para as despesas que tem. Talvez agora, como baleias confusas, mais alguns democratas sem cheta se suicidassem metaforicamente, afirmando preferir qualquer outro sistema àquele que permite eleger um presidente assim. Há-de, pois, ser já perigoso referendá-lo.

Jorge Marmelo

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-24\_janeiro-crónica.24\_de\_janeiro.doc.txt

Um dos objectivos principais das empresas e do sistema capitalista passou a ser gerar desempregados  
Vergonha e desemprego

Cavaco devia ter vergonha de invocar a sua condição de pensionista e de usufruir de duas pensões quando está ainda no activo, a trabalhar a tempo inteiro, como Presidente de República. Cavaco devia ter vergonha de ter prescindido do seu salário de Presidente da República para poder receber mais uns milhares de euros, quando deixou legalmente de poder acumular as suas pensões com esse ordenado. E de insinuar que o facto de prescindir do salário de PR em favor das suas pensões se deveu a um gesto voluntário, quando a escolha entre os dois rendimentos era um imperativo legal. Cavaco devia ter vergonha de insinuar que o facto de prescindir do salário de PR em favor das suas pensões se deveu a um gesto de abnegação, quando a escolha que fez consistiu apenas em escolher o maior rendimento possível.

Cavaco devia ter vergonha de referir a sua pensão de 1300 euros como se fosse a sua única ou principal fonte de rendimento, quando não é. E de escamotear o montante da sua pensão como funcionário do Banco de Portugal, dizendo não saber exactamente qual é. Cavaco devia ter vergonha de dizer "aos senhores jornalistas" que poderiam inteirar-se facilmente do valor da sua pensão do BdP, quando sabe que essa informação não é fornecida pela instituição nem seria fornecida por ele próprio.

Cavaco devia ter vergonha de esconder o facto de, apesar de não receber salário como PR, ter as suas despesas pessoais pagas pela Presidência da República.

Cavaco devia ter vergonha de se queixar da sua situação financeira quando conhece a situação de fragilidade da esmagadora maioria dos portugueses, quando sabe que em Portugal o salário médio é de 800 euros líquidos, que um quinto das famílias vive abaixo do limiar de pobreza, quando conhece a situação miserável em que vive a maioria dos verdadeiros pensionistas, com pensões de 200 e 250 euros (devido aos diplomas que ele próprio promulga), quando sabe que existem em Portugal um milhão de desempregados, muitos dos quais sem subsídio.

Cavaco devia ter vergonha de se recusar a esclarecer cabalmente os seus negócios com o BPN e a compra da sua casa em Albufeira e de tentar intimidar quem pede os esclarecimentos a que todos temos direito. Cavaco devia ter vergonha de dizer que já esclareceu tudo o que há para esclarecer sobre as suas finanças quando apenas publica notas crípticas a propósito de metade dos factos que todos os portugueses gostariam de conhecer.

Cavaco devia ter vergonha de ter uma tal duplicidade de critérios que considera a sua pensão de 1300 euros como miserável, mas as pensões muito inferiores de muitos outros cidadãos como adequadas.

Cavaco devia ter vergonha de se apresentar como um pobre pensionista com dificuldades quando possui uma situação de total desafogo financeiro e de objectivo (e compreensível) privilégio. Cavaco devia ter vergonha de estar em tal dessintonia com o país e com os portugueses que diz representar.

Cavaco devia ter vergonha. Mas não tem. Cabe-nos a nós ter vergonha por ele.

O "acordo de concertação social" assinado na semana passada vem aumentar o número de dias de trabalho, liberalizar os despedimentos e reduzir os apoios aos despedidos e desempregados. Como o Governo, os patrões e a troika pretendiam. O acordo é sustentado por um discurso oficial que diz que estas medidas promovem a "competitividade da economia" e fazem "crescer o emprego". Mas é apenas uma tática para facilitar despedimentos e pauperizar os desempregados. Os trabalhadores vão ganhar menos, ser mais maltratados nos seus empregos, postos na rua mais facilmente, despedidos por razões arbitrárias ou por delito de opinião, vão ter indemnizações mais baixas, subsídios de desemprego mais reduzidos e durante menos tempo e, quando encontrarem outro emprego, vão ser mais mal pagos e mais maltratados que no emprego anterior. E os desempregados que deixarem de ter direito a subsídio vão aceitar condições de trabalho mais "competitivas", constituindo uma pressão poderosa para baixar os salários de todos. Os patrões chamam a isto "competitividade" mas avisam que esta não chega. E vão continuar a exigir mais "competitividade" até termos os salários e as condições de trabalho da China ou da Nigéria.

O que este acordo deixa claro é que, cada vez mais, o objectivo principal das empresas e do sistema capitalista passou a ser gerar desempregados. Isso é visível na Bolsa, quando vemos as cotações das empresas que despedem milhares de trabalhadores a subir. Os mercados gostam de desempregados. Claro que os patrões dizem que despedem em nome da eficiência e garantem que, se houver mais competitividade, o emprego vai "retomar". Mas sabemos que não é assim.

Os patrões também não gostam do emprego.

A situação poderia não ser dramática se as empresas apenas pedissem flexibilidade para mudar os trabalhadores daqui para ali (o que se compreende), ou mesmo para os despedir em certos casos, mas se houvesse uma sólida rede de segurança social para sustentar os desempregados e as suas famílias até ao próximo emprego. Mas os patrões também não querem isso. Mesmo que não sejam eles a pagar. Os patrões querem uma massa de desempregados miseráveis, sem subsídio de desemprego, dispostos a aceitar qualquer trabalho por qualquer preço. O mais grave é que um desempregado não é apenas alguém que não tem trabalho. Um desempregado é alguém que está de facto excluído da sociedade e da política, que condena à pobreza os seus filhos e que ainda é acusado de parasitismo pelos Álvares desta vida. Vamos mesmo aceitar uma sociedade com uma massa crescente de sub-humanos sem direitos?

José Vítor Malheiros

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-24\_janeiro-reportagem.24\_de\_janeiro.doc.txt

Crise do euro Eurogrupo arrasta negociações e agrava ainda mais as incertezas

Reestruturação da dívida grega sim mas só se for "aceitável"

Atenas diz que "as negociações vão continuar de forma intensa", devendo o governo apresentar uma proposta formal a 13 de Fevereiro

As expectativas de uma conclusão rápida do processo de reestruturação da dívida pública da Grécia saíram ontem furadas, agravando as incertezas resultantes do arrastamento da crise da dívida soberana que continuam a pesar sobre o resto da zona euro.

Evangelos Venizelos, ministro grego das finanças, foi ontem aconselhado pelos seus pares do eurogrupo a manter-se firme nas negociações que se arrastam há duas semanas entre o governo de Atenas e os credores privados – bancos, fundos de investimento, seguradoras – para o perdão de uma parte da dívida pública.

Olli Rehn, comissário europeu responsável pelos assuntos económicos e financeiros, chegou à reunião dos Dezassete, consagrada em grande parte à crise grega, mostrando-se confiante sobre a possibilidade de conclusão de um acordo nos próximos dias, "de preferência esta semana".

O próprio Venizelos afirmara à chegada a Bruxelas esperar que a reunião do eurogrupo permitisse "passos sérios com vista a um acordo".

A ideia subjacente era que os líderes europeus pudessem dispor dos termos do acordo durante a cimeira da próxima semana dedicada à aprovação de um novo "pacto orçamental" (ver texto ao lado).

Atenas anunciou no entanto à noite que, no seguimento da reunião de ontem, "as negociações vão continuar de forma intensa, devendo o governo apresentar uma proposta formal aos privados a 13 de Fevereiro.

A reestruturação da dívida grega, destinada a reduzir o seu peso de 160% do PIB actualmente para 120% em 2020, foi exigida em Outubro pelos governos do euro e pelo Fundo Monetário Internacional (FMI) como condição para concederem ao país um novo pacote de assistência financeira de 130 mil milhões de euros – depois de uma primeira ajuda de 110 mil milhões acordada em Maio de 2010.

Para isso, os credores – que detêm 200 mil milhões dos 350 mil milhões da dívida grega – terão de aceitar trocar de forma voluntária os seus títulos de dívida por outros com metade do valor nominal, para permitir um perdão de dívida de 100 mil milhões de euros. Face à recusa dos Dezassete de aumentar a ajuda, os privados terão de aceitar percas reais superiores aos 50% dos seus créditos, o que estes condicionam à fixação de taxas de juro para os novos títulos de dívida a trinta anos algures entre 4 e 5%.

Charles Dallara, presidente do International Finance Institute (IIF), que negocia em nome de 450 bancos e credores privados, avisou no domingo que esta posição "é o máximo que pode ser feito no quadro de um plano de troca dita voluntária".

Uma reestruturação da dívida que não seja voluntária comporta o risco de gerar um "evento de crédito", o termo que designa um incumprimento de dívida – ou seja, a bancarrota da Grécia – o que, a confirmar-se, levará ao pagamento de avultados seguros contraídos pelos investidores contra, precisamente, este tipo de desfecho.

Este é um cenário que os responsáveis europeus querem evitar a todo o custo devido aos riscos que comporta de desestabilização total dos mercados financeiros e consequente contágio da crise da dívida à Itália e Espanha.

A exigência dos privados é no entanto combatida tanto pela Alemanha como pelo FMI, sob o argumento que agravará as dificuldades de Atenas no que toca ao reembolso da dívida e não garante a sua sustentabilidade.

"Nas condições actuais não podemos dizer que o objectivo de 120% de dívida em 2020 será atingido", afirmou um diplomata alemão. Berlim mantém-se apesar de tudo confiante de que será possível alcançar um acordo: afinal de contas, afirmou o mesmo diplomata, "tanto o sector público como o sector privado têm o maior interesse em estabilizar a Grécia".

Maria Fekter, ministra austríaca das finanças, sublinhou por seu lado que mesmo se os bancos "não estão muito contentes", um incumprimento "é muito mais caro" do que o plano que está em cima da mesa. Vários outros países deram sinais de poderem aceitar uma taxa de juro sobre os novos títulos com um ponto de partida de 3% e aumento progressivo nos anos seguintes, de maneira a que o seu valor médio ao longo do período se situe nos 4%.

Se os privados não aceitarem a oferta do governo, o primeiro ministro, Lucas Papademos, admitiu na semana passada a possibilidade de impor a reestruturação por decreto, sobretudo se os opositores estiverem em minoria no conjunto dos credores.

Atenas precisa desesperadamente de receber o novo pacote de ajuda europeia bem antes de 20 de Março, a data em

que terá de refinar 14,5 mil milhões de euros de dívida pública. Para isso, no entanto, os ministros francês e alemão das finanças, François Baroin e Wolfgang Schäuble, insistiram ontem em que, além da reestruturação da dívida, Atenas terá de intensificar o pacote de reformas estruturais com que se comprometeu mas que continuam a fazer-se esperar.

Isabel Arriaga e Cunha \* Bruxelas

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-28\_fevereiro-crónica.28\_de\_fevereiro.doc.txt

Onde param a ministra, o CDS e a CAP?

Oito meses depois de Assunção Cristas ter tomado conta do Ministério da Agricultura, o que mudou no sector que era uma das principais bandeiras do CDS? Perguntando de outra maneira: alguém se lembra de medidas concretas da actual ministra que pudessem sugerir a aplicação de uma nova política agrícola em linha com o que o CDS sempre defendeu na oposição? Por mais minucioso que seja o nosso exercício de memória, só nos ocorre uma: a proibição do uso de gravatas em todos os departamentos do ministério.

O anúncio desta medida valeu algumas primeiras páginas à ministra, mas, em rigor, não significa nada e, pior, é reveladora de uma visão centralista do poder. Se Assunção Cristas conhecesse minimamente o sector, saberia que nas delegações concelhias e distritais do Ministério da Agricultura raramente alguém usa gravata. O adereço é comum, provavelmente, nas cúpulas do ministério, instaladas em Lisboa, cuja grande corte serviçal absorve a maior fatia de recursos e bloqueia toda a actividade agrícola. Se há ministério que justifica uma profunda reestruturação e mobilidade laboral, é o da Agricultura. Com a transferência de uma parte dos milhares de funcionários que povoam os serviços centrais para as regiões onde há, de facto, actividade agrícola, em paralelo com uma maior descentralização do poder de decisão, o sector seria mais equilibrado, competitivo e estimulante.

Oito meses depois da entrada em funções do actual Governo, a chamada lei de bronze da burocracia continua a fazer o seu caminho, confinando todo o poder em poucos e centralizando as decisões. Apesar da simplificação de muitos procedimentos, com o recurso à via digital, qualquer candidatura a programas de apoio continua a ser um calvário. Um agricultor que apresente um projecto para comprar umas alfaias no valor de poucos milhares de euros tem de esperar mais de um ano entre a apresentação da candidatura e o pagamento dos apoios. E, enquanto a decisão se arrasta pelos gabinetes, vê-se obrigado a avançar com uma parte do dinheiro, incluindo o IVA dos produtos, endividando-se ainda mais.

A burocracia é tanta no Ministério da Agricultura que muitos investidores já estão falidos quando chega a hora de assinarem os contratos e começarem a receber as primeiras verbas. O Proder (Programa de Desenvolvimento Rural), em vez de ser o grande motor de apoio à modernização da agricultura portuguesa e de criação de emprego, transformou-se num verdadeiro monstro burocrático, conduzindo milhares de agricultores ao desespero e ameaçando a viabilidade de muitos investimentos. Claro que não é isso que os números oficiais dizem. No início deste mês, foi anunciado que o Proder tinha aprovado projectos no valor de 190 milhões de euros, que permitirão criar 3700 postos de trabalho. Mas a realidade é outra. Projectos aprovados não são projectos concretizados. Muitas destas intenções de investimento nunca irão avançar, por causa dos custos que o calvário burocrático e as restrições ao crédito bancário impuseram aos agricultores.

A burocracia é inevitável sempre que em causa estejam financiamentos nacionais e comunitários. Mas há poucos países que levem tão longe o controlo e a desconfiança sobre os agricultores nacionais como o Estado português. O ministério vê os agricultores como potenciais burlões, sujeitando-os a apertadíssimos sistemas de controlo e, em muitos casos, obrigando-os a pagar antecipadamente os investimentos a que se candidatam. Ora, ter que avançar com o dinheiro que não se tem e ficar ainda submetido ao escrutínio quase pidesco do Estado não só não cria um bom contexto ao investimento como encoraja muitos agricultores a desistir. A agricultura nunca foi tão necessária ao país como hoje, mas nunca como hoje foi tão difícil fazer agricultura, apesar dos apoios que existem.

O garrote burocrático a que os agricultores portugueses estão sujeitos sofreu o maior apertão com Jaime Silva, o titular da pasta no primeiro Governo de José Sócrates, transformado justamente no bombo de festa dos agricultores portugueses e das associações que os representam, em especial da todo-poderosa CAP – Confederação da Agricultura Portuguesa. Jaime Silva foi um desastre para a agricultura portuguesa. Mas o actual Governo ainda não fez nada que tornasse o sector mais amigável para os agricultores. E também já ninguém ouve a CAP reclamar. Confederação de inspiração burguesa, a CAP era uma espécie de braço técnico do CDS quando este partido estava na oposição. Agora, com o CDS no Governo, a CAP é o verdadeiro negociador do Estado português em Bruxelas, onde luta por interesses instalados.

Esta inversão de papéis só é possível porque o Ministério da Agricultura nunca foi gerido por uma equipa tão mal preparada como a actual. Basta ver a forma como os dois secretários de Estado, o da Agricultura e o das Florestas e Desenvolvimento Rural, dividiram algumas pastas entre si, para se perceber a incoerência e o vazio que existem. O Instituto dos Vinhos do Douro e Porto, por exemplo, depende do secretário de Estado das Florestas, o ex-presidente da Câmara de Ponte de Lima Daniel Campelo. Além dos vinhos e das matas, este governante vai passar a coordenar o novo Instituto de Conservação da Natureza. Porém, todos os parques e reservas naturais vão depender localmente dos directores regionais de Agricultura, que respondem hierarquicamente perante o secretário de Estado da Agricultura, José Diogo Albuquerque. Confuso? Tem razão para isso, mas foi ao que chegámos nestes oito meses de consulado de Assunção Cristas. E, no entanto, a simpática ministra continua a viver em estado de graça.

Pedro Garcias

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-28\_fevereiro-Entrevista.28\_de\_fevereiro.doc.txt

Entrevista a Natasha Atlas

"Há duas maneiras de escravizar uma nação: pela espada e pela dívida"

A compositora, cantora e belly dancer nascida na Bélgica, com raízes judias e muçulmanas, árabes e europeias, já não é só a "Rosa Pop do Cairo". Com Mounqaliba, nono álbum a solo, Natasha Atlas fundiu clássicos do Médio Oriente e do Ocidente, num manifesto contra a desordem mundial

Às 13h00 de domingo, como combinado, Natacha Atlas chega ao lobby de um hotel em Lisboa para a entrevista. O seu rosto é inconfundível, mesmo que expurgo da maquilhagem que sempre o ornamenta em fotos promocionais e nos seus espectáculos. Olhos incisivos realçados por pestanas postíças e um discreto eyeliner; longo cabelo negro semipreso como uma flor; camisola amarela que acentuava o decote. Sorridente e simples, a compositora, cantora e belly dancer que nasceu num subúrbio de Bruxelas, filha de um judeu de Jerusalém e de uma católica de Manchester, falou com o P2 sobre Mounqaliba -In a State of Reversal (aclamado por Siddhartha Mitter, exigente crítico do jornal Boston Globe, como um dos dez melhores álbuns de world music de 2010), mas também sobre as revoluções no Médio Oriente e a crise que afecta o mundo inteiro.

À noite, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian, Natacha Atlas deleitou os que a aplaudiram de pé, convidando-a a um encore, num concerto integrado no ciclo Músicas do Mundo, com uma orquestra onde os sete músicos se revelaram excelsos. Destaque para Aly Abdel Alim, percussionista egípcio e primo da cantora, exímio a tocar darabuka, e Samy Bishai Basha, o violinista e director musical. De um alinhamento de 15 canções, só com Hayati Inta (do anterior álbum, Ana Hina) é que Natacha exibiu os seus dotes de dançarina do ventre, desta vez resguardando o corpo de qualquer nudez, com um lenço colorido atado à cintura sobre uma túnica negra e ondulantes calças vermelhas, sem perder a sensualidade. Durante mais de 90 minutos, a artista deslumbrou, com a sua voz possante, apresentando melodias novas e covers incluídos em Mounqaliba, como Rivertnan, de Nick Drake, e Lawhazat Nashwa, épico dos irmãos Rahbani, celebrizado pela libanesa Fairouz, mas também Mon Amie la Rose, canção de Françoise Hardy que Natacha, numa interpretação magistral, oferece à sua mãe desde que ela morreu em 2006.

O que distingue Mounqaliba dos seus trabalhos anteriores?

Foi uma progressão de Ana Hina [lançado em 2008], que era acústico e tinha um quarteto. Com Mounqaliba fomos um pouco mais longe, com uma orquestra de câmara, fazendo a ligação entre a música clássica ocidental, a música clássica árabe e o jazz. Antes, fazíamos mais fusão electrónica. Eu e o meu director musical, Samy Bishai, que é, como eu, metade inglês e metade egípcio, e tem um grande conhecimento político do que se passa lá [no Egipto], quisemos fazer Mounqaliba, porque é, de certo modo, um projecto político. Algumas canções evocam o facto de nós, tanto no Médio Oriente como no Ocidente – e isto é importante dizer –, estarmos prisioneiros da crise económica. Tudo isto deriva de um problema maior que é sermos reféns de um sistema que já não funciona, o facto de as corporations controlarem os governos e não o contrário. Os governos são apenas marionetas. Mounqaliba significa in a state of reversal [em estado de regressão] e, para mim, é um alerta para o que estamos a viver. Não evoluímos mas regredimos, quase até ao sistema feudal da Idade Média, quando todos os poderes eram os do dinheiro. Quis que este álbum fosse uma declaração política.

Por que introduziu registos sonoros de Jacques Fresco e Peter Joseph?

Fresco é um intelectual, cientista ambiental e inventor. Peter Joseph fez três filmes [Zeitgeist: TheMovie; Zeitgeist: Addendum e Zeitgeist: Moving Forward] para mostrar às pessoas que temos de reavaliar o nosso sistema, porque a eficiência social está a ser deliberadamente acorrentada. Como Jacques Fresco notou: "Quando vou ao médico, não sei

se ele está a propor extrair os meus rins porque precisa de pagar a sua hipoteca ou porque estou mesmo doente." Quando estamos perante um problema lucrativo, não podemos confiar em nenhum motivo. Tudo se baseia no crescimento exponencial. What the fuck does exponential growth mean? Significa que as corporations detêm o monopólio do poder e que as pessoas têm menos controlo. As pessoas comentam: "Lá [no Médio Oriente], não são democráticos." A diferença é que na Europa tiveram mais tempo e experiência para esconder a corrupção. Este álbum é também uma homenagem ao povo egípcio? A revolução começou em Janeiro de 2011. Em Fevereiro, eu e Samy tínhamos bilhetes para ir ao Egipto. Estavam os voos reservados, quando fomos informados de que haviam sido cancelados. Ficámos o dia todo a ver a Al-Jazira, a CNN e outras televisões. A Praça Tahrir [no Cairo] parecia papel de parede – presente em toda a parte. A forma que encontrámos de participar foi fazer uma ligação com Mounqaliba, que tem mensagens sobre evolução e revolução. Decidimos remisturar estas canções, tão relevantes, e fazer um vídeo com tudo o que se passava lá, naquele preciso momento. Continuo a ir ao YouTube ver esta lembrança, porque, embora Mubarak já não esteja no poder, o seu regime mantém-se de pé, personificado por Tantawi [presidente do conselho supremo das Forças Armadas] e pelo Exército. Na Praça Tahrir, muitas mulheres foram para a linha da frente e agora estão a ser marginalizadas...

... este é mais um exemplo de que o velho regime se mantém. Quando há uma luta ferrenha pelo poder, uma das primeiras coisas que vemos é a marginalização das mulheres. É muito fácil atacar as mulheres e era inevitável que iria acontecer. Isso deixa-me enfurecida.

A belly dancing foi uma arte sublime no Egipto, com Tahia Carioca e Samia Gamai. Hoje, o valor artístico da dança oriental quase desapareceu. Como dançarina do ventre, sente essa pressão?

Aqui está outro sintoma do que se passa globalmente: o financiamento das artes ser uma das primeiras coisas sacrificadas, quando há recessão económica. Tínhamos uma tour marcada para o Reino Unido que teve de ser cancelada, porque não obtivemos fundos. É uma vergonha que a dança do ventre esteja a perder valor artístico, mas há uma supressão das artes em todas as suas formas.

A regressão, no caso da belly dancing, deve-se apenas a factores económicos ou também religiosos?

Acima de tudo, a factores económicos, mas é claro que logo a seguir vêm os religiosos. Há duas maneiras de escravizar uma nação: uma é pela espada e outra pela dívida. A da espada é atribuída à religião; o resto à dívida. Mas tudo começa na escassez. Se não temos o suficiente, tornamo-nos mais intolerantes.

A revolução já é irreversível?

Creio que sim. Tenho esperança de que as pessoas continuarão a ser resolutas, embora a vida seja cada vez mais difícil. É normal que alguns sejam tentados a desistir, mas outros serão resistentes: "Se abandonarmos a luta agora, todas as mortes terão sido em vão." De momento, a situação não parece boa, mas creio que há muita coisa a fazer – e não apenas no Médio Oriente. Também nos países ocidentais, onde as pessoas começam a despertar. Reparemos no que se está a passar na Grécia, um país que parece ser propriedade de outros países. É como se tivéssemos recuado ao colonialismo do passado, com os Estados incapazes de pagar as suas dívidas. Não podemos aceitar que nos reduzam a um monopólio do FMI ou seremos todos escravos. Qual é afinal a melhor definição de si própria: "uma nómada", uma "Faixa de Gaza humana"?...disse essa última, quando tinha 19 anos. Naquela altura fazia sentido, porque referia-me à complexidade de ser ocidental com origens orientais – ou seja, nunca podemos pertencer a um só lado. Essa definição tem-me seguido como se fosse a minha bagagem. É engraçado que Peter Joseph disse-me recentemente: "Natacha significa natividade e Atlas era o deus grego que foi condenado a suportar o mundo nos seus ombros." Às vezes é assim que me sinto.

Margarida Santos Lopes

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-28\_fevereiro-notícia1.28\_de\_fevereiro.doc.txt

Ensino Superior Projectos de investigação podem parar por falta de financiamento

Universidades alertam para risco de paralisação e exigem alteração à Lei dos Compromissos

A Lei dos Compromissos, que entrou em vigor na passada quinta-feira, pode paralisar o ensino superior, especialmente os projectos de investigação. O alerta é feito pelos reitores, que exigem uma alteração ao diploma que tenha em conta o caso específico das universidades. O Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) e o Ministério da Educação e Ciência (MEC) estão neste momento em conversações para chegar a um entendimento.

O Decreto-Lei de Execução Orçamental para este ano e a Lei dos Compromissos introduzem "uma teia castradora de requisitos que voltam a comprometer seriamente a operacionalidade das universidades", denuncia o reitor da Universidade do Minho, António Cunha. Os diplomas contêm "um conjunto de disposições que prejudicam gravemente

o normal funcionamento" das instituições, concorda Manuel António Assunção, da Universidade de Aveiro. No início da semana passada, o Instituto Superior Técnico (IST) tinha anunciado que ia ser obrigado a suspender centenas de projectos de investigação por causa do decreto-lei que estabelece as normas de execução orçamental para o corrente ano. Em declarações ao PÚBLICO, Arlindo Oliveira, presidente do IST, defendeu que a norma que proíbe os organismos públicos de assumirem compromissos, se não tiverem disponibilidade financeira a curto prazo, "não é exequível no caso dos projectos de investigação" das universidades.

Além do IST, há outras universidades, onde a aplicação da lei terá o mesmo tipo de consequências. Na Universidade do Algarve, os mais de 200 projectos de investigação em curso são, na sua maioria, projectos nacionais e europeus de carácter plurianual. "A sua execução não se compadece de regras de orçamentação do Estado e é de prever que muitos venham a ser afectados por limitações", antecipa o reitor, João Pinto Guerreiro. Ainda assim, e dada a publicação recente do diploma, a instituição ainda não conseguiu "simular os efeitos exactos que poderá ter" a sua aplicação.

Também o reitor da Universidade de Coimbra, UC, João Gabriel Silva, antecipa impactos "muito violentos" da nova lei nos projectos de investigação que estão a decorrer na mais antiga instituição de ensino superior do país.

"Seguramente, se não houver uma clarificação qualquer que nos permita funcionar e dar viabilidade aos projectos, vamos ter muitas dificuldades", afirma. O responsável diz que ainda não determinou qualquer congelamento, mas que há neste momento decisões suspensas à espera de uma resposta do Governo.

No que à Universidade do Porto diz respeito, a regra "não implica tão drástica e imediata "solução", porque estão disponíveis os saldos da fundação dos anos transactos", revela a reitoria. Na Universidade do Minho, "esta situação não se verificará, neste momento", informa o reitor, António Cunha.

O Ministério da Educação e Ciência não se pronuncia sobre o impacto da Lei dos Compromissos no ensino superior. Mas os reitores têm mantido contactos com a equipa de Nuno Crato para encontrar uma solução para o problema. "O CRUP está a trabalhar para sensibilizar o Governo para as consequências que esta lei pode trazer a curto/médio prazo para as instituições e estão confiantes que o executivo será sensível aos seus argumentos", revela fonte da reitoria da Universidade do Porto.

Uma análise negativa

A análise negativa aos impactos da nova lei é comum a todos os reitores contactados pelo PÚBLICO. João Pinto Guerreiro, da Universidade do Algarve, classifica de "drásticas" as medidas agora introduzidas. "Não são compatíveis com o normal funcionamento das universidades", assegura. Daí que os responsáveis falem num risco de "paralisação" do sector, especialmente dos projectos de investigação.

A Lei dos Compromissos foi promulgada no dia 16 pelo Presidente da República e estabelece as regras de controlo da execução orçamental na administração pública. Há duas regras essenciais que estão a ser contestadas pelas instituições de ensino superior: a autorização de despesas apenas quando houver receitas que possam cobrir esse investimento e a necessidade de autorização por parte do Ministério da Justiça sempre que os compromissos se estendam por mais do que um ano.

A aplicação da lei no ensino superior é "impraticável", defende o reitor da Universidade de Coimbra, João Gabriel Silva. No caso das universidades, a contestação essencial prende-se com os compromissos plurianuais, que, com a necessidade de autorização do Governo, vão começar a atrasar-se. "O tempo do ministro das Finanças é demasiado precioso para ser gasto a autorizar coisas tão simples como a compra de ar líquido ou a manutenção de elevadores", exemplifica o líder da UC.

Por outro lado, as regras agora definidas com base no memorando de entendimento com a troika contrariam a forma como funciona, por exemplo, o financiamento europeu, que representa boa parte dos recursos para investigação das instituições do superior. A realização de projectos financiados implica, por exigência dos próprios programas de financiamento, a execução prévia dos trabalhos com assunção de compromissos, sendo as verbas devidas transferidas posteriormente para as universidades. "A imposição de os compromissos assumidos terem cobertura nos fundos disponíveis para os três meses seguintes é manifestamente impraticável", explica o reitor da Universidade de Aveiro, Manuel António Assunção.

Samuel Silva

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-28\_fevereiro-notícia2.28\_fev.doc.txt

Nova Constituição síria diz que Bashar al-Assad se manterá no poder até 2018

Homs volta a estar debaixo de intenso bombardeamento. Jornalistas na cidade só saem com segurança garantida

O Presidente sírio, Bashar al-Assad, pode manter-se no poder até 2018, de acordo com a nova Constituição do país,

referendada no domingo e aprovada por 89% dos votos, de acordo com os dados oficiais.

Na nova Constituição, o partido Baas já não é considerado o líder do Estado e da sociedade, o multipartidarismo é permitido e o mandado do chefe de Estado é limitado a sete anos, mas sem efeitos retroactivos. Ou seja, o tempo de Assad, que está no poder há 11 anos (herdou o cargo do pai, Hafez Assad), só agora começa a contar. Foram marcadas eleições gerais para dentro de três meses.

A oposição, que boicotou o referendo, denunciou a votação como uma manobra do regime para ganhar tempo, e falou em fraude. No fim-de-semana do referendo morreram mais de 150 pessoas, a maior parte civis. Em algumas cidades, os eleitores não se aproximaram as urnas devido aos combates – o Governo alega que fo-ram às urnas 57% dos eleitores.

Em Homs, cidade onde se intensifi-caram ontem os ataques contra bairros civis, foram poucos os que votaram. "De madrugada começaram bombardeamentos intensos contra Khalidiva, Ashira, Bayada, cidade velha e Bab al-Amro", disse à Reuters um activista da oposição, Mohammad al-Homsi.

Segundo o Comité Internacional da Cruz Vermelha, há na cidade centenas de civis feridos que necessitam de ser retirados com urgência. Porém, e depois de ter sido autorizada a saída de meia dúzia de pessoas, a cidade voltou a ser fechada – entre os feridos estão dois jornalistas ocidentais, feridos no ataque de 22 de Fevereiro ao centro de imprensa em que morreram os repórteres Marie Colvin e Remi Ochlik.

Negociações para a sua saída da cidade prosseguem, com o Presidente francês, Nicolas Sarkozy, a dizer a uma estação de rádio que, depois de algum impasse, parecia haver ontem algum progresso nas conversas.

De acordo com vários órgãos de informação, da BBC à Aljazira, não é só a retirada dos jornalistas ocidentais (há mais dois não-feridos) que está em causa, mas a sua segurança, uma vez fora de Homs. Os civis sírios receiam também o que lhes pode acontecer se forem retirados da cidade.

Em declarações à Al-Arabyia em Homs, testemunhas disseram que os hospitais controlados pelo regime não são seguros – muitos feridos para lá transportados são identificados como opositoristas e submetidos a tortura; alguns, desaparecem.

Já ao final do dia de ontem, o Observatório dos Direitos Humanos sírio denunciou a morte de 68 civis num ataque, atribuído às milícias leais a Assad, contra uma zona onde se teriam refugiado habitantes de Homs.

Ana Gomes Ferreira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-28\_fevereiro-opinião1.28\_de\_fevereiro.doc.txt

Debate TIC, pirataria e segurança

Por que é que os sistemas informáticos falham tão facilmente?

É a pergunta que estará na cabeça de muitos portugueses, depois de assistirem nos últimos tempos a um rodopio de notícias sobre ataques bem sucedidos a diversos sistemas da administração pública, forças da ordem, serviços de informação e não só, ainda por cima perpetrados por diferentes organizações, como os LulzSec Portugal, Anonymous Adolescents ou LusitanianLeaks PT. A sensação com que se fica é a de que é "chegar e servir-se", tal é a gama de sistemas atacados com sucesso.

Quando perguntados, o Estado e os operadores de sistemas críticos asseguram que se preocupam com a segurança informática dos seus sistemas. Os últimos factos parecem desmenti-los, pois expõem uma fragilidade muito preocupante e contra factos não há argumentos. Para tentar perceber a situação, resta-nos fazer hipóteses: Hipótese A – Pouco ou nada teria sido feito para auditar seriamente, em termos de segurança, as organizações visadas: depois dos vários sinais de alarme ao longo dos últimos anos, essa hipótese revelaria um pouco desculpável desleixo.

Hipótese B – As organizações teriam sido alvo de auditorias, as quais não teriam apontado nada de grave: pelos exemplos práticos que podemos agradecer aos vários hackers que por elas têm entrado como faca em manteiga, essa hipótese revelaria uma preocupante dificuldade em escolher auditores competentes.

Hipótese C – As organizações teriam afinal sido alvo de auditorias, as quais teriam apontado de facto riscos graves, mas esses não só não teriam sido mitigados convenientemente como teriam sido mantidos em segredo: essa hipótese revelaria uma ainda mais preocupante falta de respeito para com os cidadãos e utentes em geral e, da parte dos responsáveis, uma certa tendência para esconder a cabeça na areia.

As três hipóteses definem o problema e, em proporções mais ou menos equilibradas, responderão de modo bastante completo à pergunta que dá o título a este artigo. Enquanto a maioria dos países ocidentais reconhece, com preocupação, o risco que corre face às vulnerabilidades das suas tecnologias da informação e comunicação (TIC), em

Portugal caminha-se paulatinamente para o aumento das ameaças, colocando cada vez mais activos da sociedade online sem que se faça, parece-me, o suficiente para reduzir as vulnerabilidades dos sistemas, numa escalada de risco que se arrisca a acabar mal. É como se estivéssemos a encher progressivamente uma casa de ouro e jóias, sem ir mudando as fechaduras e pondo grades e alarmes à medida que o recheio aumenta de valor...

Note-se que muito para além destas organizações radicais cujas actuações vieram a público estão redes criminosas e terroristas, que se tornaram especialistas em ataques direccionados a instituições bem determinadas. Estas redes têm poder económico mais do que suficiente para reunir os recursos e saber-fazer necessários para causar danos a sério e bem mais sinistros, dos quais nem sempre fazem alarde.

Uma recente resolução do Conselho de Ministros anunciou um plano global estratégico de racionalização e redução de custos com as TIC na Administração Pública, no âmbito do qual lançou a primeira pedra da definição de uma estratégia nacional de cibersegurança. Ambas as decisões são genericamente de aplaudir, mas é de notar que: o pacote de medidas vem aumentar significativamente a dependência das TIC, tornando ainda mais urgente a definição de uma estratégia de segurança, que é por enquanto uma intenção. E não pode ser qualquer estratégia de segurança, pois uma má estratégia e más políticas de segurança seriam catastróficas, colocando o país à mercê não só de ataques de elementos marginais e hostis, mas também da captura de interesses vitais para a sociedade (privacidade, justiça, soberania, economia) por parte de lóbis obscuros.

Paulo Esteves Veríssimo

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-28\_fevereiro-opinião2.editorial.28\_de\_fevereiro.doc.txt

Uma fusão serena

Dois grandes universidades portuguesas decidiram fundir-se numa só. Um bom exemplo, a ter em conta. É um caso inédito em Portugal: voluntariamente, duas grandes universidades portuguesas decidiram fundir-se numa só. Depois de um longo processo interno, a Clássica e a Técnica de Lisboa vão pôr a sua proposta à discussão pública. A seguir vão conversar com o Governo. O debate, neste momento, é previsível. Entre o medo da mudança (que paralisa) e o desejo da perfeição (que tem o mesmo efeito), os argumentos vão ser expostos ao longo dos próximos meses. É fácil imaginar que os alunos só vejam vantagens: a sua nova universidade vai posicionar-se para entrar em rankings internacionais hoje inacessíveis; os centros de investigação vão ser mais fortes; o acesso ao saber e experiência mais fácil e partilhado, e poderão ter uma formação menos rígida e mais adequada às necessidades de hoje do mercado de trabalho. O statu quo vai estremecer? Uma parte, sim. Tanto dentro como fora das universidades. Mas não os dois reitores. Serenamente, António Novoa, da Clássica, e António Cruz Serra, da Universidade Técnica, deram as mãos para, juntos, extinguirem os seus próprios postos de trabalho. Brincam até e perguntam se alguém se lembra de duas pessoas – reitores ou presidentes de câmara – terem proposto uma fusão que, no fim do processo, eliminará os seus lugares e abrirá as portas a um concurso internacional para o futuro reitor. Querem ser um exemplo, e sê-lo-ão certamente. Portugal tem universidades e cursos redundantes colados uns aos outros, cursos sem alunos, universidades sem dinheiro para pagar aos seus professores, reitores sem ideias para atrair mecenato. A seguir, faltará apenas todo o resto do país. Pedro Passos Coelho não pode ficar indiferente. Das Finanças à Educação, esta fusão só será bem-sucedida se o Governo agarrar na ideia com convicção.

Quando as vítimas são as crianças

As cidades foram o berço da civilização, mas muitas das cidades dos países pobres são actualmente um intolerável espelho da barbárie. A fome, a falta de cuidados médicos básicos ou da educação que afectam mil milhões de crianças não é um exclusivo das grandes urbes dos países que permanecem à margem do crescimento que se estendeu a vários países do hemisfério Sul. Nas zonas rurais, a fome ou a falta de assistência continuam a morrer todos os dias os mais vulneráveis na cadeia da sobrevivência – as crianças. Mas o caos do crescimento urbano descontrolado coloca problemas que a Unicef considera de particular gravidade. Pela desumanidade com que nos confrontam no presente, mas também pelos dramas que deixam abertos para o futuro. "Excluir as crianças que vivem em bairros degradados não só lhes rouba a possibilidade de desenvolverem o seu potencial, como também priva a sociedade dos benefícios económicos resultantes de uma população instruída e saudável", diz a Unicef. Sem se romper este círculo vicioso da pobreza e do atraso, a ONU pode definir e voltar a redefinir metas de programas tão generosos como o Millennium; mas enquanto morrerem todos os dias milhares ou milhões de crianças por falta de comida ou de medicamentos, será difícil acreditar que estamos a caminho de um mundo melhor.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-28\_fevereiro-reportagem.28\_de\_fevereiro.doc.txt

EDP quer a arquitectura e a arte a tornar as barragens património

Souto de Moura vai fazer nascer um edifício de comando no coração da montanha. Cabrita Reis quis unificar um território a amarelo. Calapez fez de uma caverna uma "janela colorida"

Uma barragem causa sempre um impacto enorme na paisagem. Quando o território em que é construída é único, com um vale talhado pelo Douro, esse impacto pode tornar-se brutal. É assim nas hídricas de Bemposta e Picote, inauguradas nas décadas de 50 e 60 e que aumentaram agora a sua capacidade de gerar energia. Será assim na de Foz Tua, ainda em construção e cujo projecto do edifício de comando, de Eduardo Souto de Moura, é hoje apresentado na sede da EDP, no Porto. Um edifício que o arquitecto português, Pritzker 2011 (o prémio mais prestigiado da área), enterrou na montanha, virado para o rio.

Para valorizar esse património construído, criando um roteiro turístico que associa o turismo da cultura e da natureza à curiosidade que pode levar alguém a visitar uma barragem, a eléctrica criou um programa com vários artistas plásticos portugueses e arquitectos, com comissariado do crítico João Pinharanda. A ideia, explica ao PÚBLICO Sérgio Figueiredo, administrador da Fundação EDP, é tirar partido dos contactos e conhecimentos que a empresa foi acumulando desde que começou a reunir a sua colecção de arte, pondo-os ao serviço de uma região que tem no turismo um imenso potencial de crescimento: "Quando a EDP constrói uma barragem, temos de nos perguntar o que tem a população local a ganhar com isso, para além de um incentivo temporário à economia da região. O que é que fica? Com este programa queremos lançar as bases de algo que é permanente através de um roteiro de arte contemporânea que pode servir o turismo."

Figueiredo acredita que esse roteiro, de que fazem parte a intervenção de Pedro Cabrita Reis na barragem de Bemposta e a de Pedro Calapez na de Picote, cujo aumento de potência foi ontem inaugurado (ver texto ao lado), "vão ajudar a vender melhor a região do Douro", reforçando-a com uma "oferta artística de grande qualidade", a que se juntarão, depois, "projectos arquitectónicos de prestígio", a começar pelo de Souto de Moura.

Os arquitectos que serão convidados a desenhar edifícios de comando e outras estruturas nas novas barragens, como a do Sabor e de Fridão, não estão ainda escolhidos, mas a intenção da EDP, expressa num documento ontem divulgado, é "privilegiar nomes consagrados que funcionem, logo a priori, como um 'activo'". Na arte contemporânea, que deverá estender-se a 13 barragens, a maioria construídas (ver infografia), estão seleccionados mais quatro nomes – Julião Sarmento, José Pedro Croft, João Louro e Fernanda Fragateiro –, embora não se saiba ainda em que espaço vão trabalhar.

Por agora, os custos desta associação da arte às barragens só podem avaliar-se pelos montantes pagos a Calapez e Cabrita Reis: 150 mil euros para cada um destes projectos "chave na mão" (criação e execução). "Este investimento em arte e arquitectura parte de uma intenção de criar património que valha a pena, que valorize um território em que uma barragem nem sempre é bem recebida."

Unidade plástica

Os protestos relativos ao projecto de Cabrita Reis para a Bemposta – o artista fez pintar de amarelo o paredão e alguns dos muros de contenção – partiram de associações ambientalistas e da população. Acusavam o artista de desvalorizar o impacto da obra no parque natural e nos seus habitantes e a EDP de não ter pedido autorização.

Cabrita Reis foi buscar a nova cor da Bemposta à maia, espécie de giesta que cobre os montes circundantes a partir do fim de Maio, e chamou à sua intervenção Da cor das flores. Objectivo: "Usar o amarelo para dar uma unidade plástica a uma multitude de marcas no terreno, composta por casas e casinhas que criam um rendilhado caótico e complexo", explica o artista, que soube o que queria fazer na barragem assim que ali chegou com Calapez. "Este projecto era uma oportunidade única de trabalhar a uma escala que permite levar as ideias longe e explorar a eterna questão da relação do homem com a natureza, que na Bemposta é de uma magnitude extraordinária, emocionante."

Nunca foi sua intenção usar a cor como uma provocação. Assumindo que é função do artista criar condições para o novo numa sociedade que é renitente à mudança, diz que a população vai acabar por se habituar. "Era preciso que a mão do homem se arriscasse a ambicionar ter uma dimensão igual à da natureza, que ali tem uma ordem escondida e é brutal, esmagadora, agreste, bela, viva – o contrário absoluto do jardimzinho."

71 painéis

À "gigantesca flor amarela" que se espalha pela encosta, entre o rio e o céu, e que quer contribuir para a integração da barragem no território, Pedro Calapez contrapõe 71 Volt (magia eléctrica), na sala das turbinas de Picote, a 160 metros de profundidade. É uma série de 71 painéis em vidro temperado, divididos em quatro grupos e carregados de sinais ligados à energia. São rodas dentadas, símbolos de água, geradores, válvulas e postes de alta tensão. Calapez explica: a obra, que se inspira numa série de pinturas murais do francês Raoul Dufy, evoca "uma janela colorida num espaço

onde só a luz artificial existe e a noção da passagem do tempo é difusa".

Para chegar à "grande caverna" com um pé-direito de 12 metros de altura e as paredes rochosas, é preciso percorrer um longo túnel, com uma imagem de Santa Bárbara à entrada. Esse túnel fascinou Calapez, que em criança visitava barragens com o pai. "A desmesura daquele espaço marcou o que acabei por fazer, depois de muitos desenhos. Gostava que a obra ajudasse a transformar aquele espaço utilitário num lugar de contemplação e autoconhecimento, pelo menos às vezes." Cabrita também quer que Da cor das flores leve quem a vê a olhar para si próprio. "Na natureza há algo de igreja, não interessa o credo. E nas igrejas há um desejo de absoluto. Fico feliz se as pessoas pararem na Bemposta para pensar." Pinharanda resume o resultado: "Cabrita transforma para integrar na paisagem, num gesto heróico; Calapez devolve-nos a interioridade, preciosa e delicada."

Lucinda Canelas

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-31\_janeiro-crónica.31\_de\_janeiro.doc.txt

Dicionário Lello

Os nossos linguistas, terminologistas e demais peritos nas ciências da linguagem deviam dedicar-se a estudar o fenómeno. Não é investigação para amadores. O problema é complexo. Ao longo dos anos, o político português tem demonstrado e aprimorado uma superior capacidade para arranjar desculpas, digamos, completamente absurdas e esfarrapadas. Não interessa se lhe apresentam declarações e gafes que não pode refutar, ou números que não pode negar. Não. O político português reage às críticas e escândalos desculpando-se sempre com grande auto-indulgência. É certo que o actual primeiro-ministro pediu uma vez directamente desculpas por ter de aumentar impostos. Mas aqui não há pedidos desses. Hã apenas formas originais de, perante factos desagradáveis, tornear, fugir, despistar e, sobretudo, gozar com a nossa mediana inteligência.

Um caso extremo e ao mesmo tempo deprimente é o de José Lello. O antigo vocalista duma banda de yé yé nos anos 60 deixou há muito o registo suave de outras épocas. Tornou-se, entretanto, num dos políticos mais trauliteiros da República. No PS tem inimigos célebres, de Ana Gomes a Manuel Alegre. Mais do que isso. Lello, um dos que frutificam nos interstícios do regime – deputado, dirigente desportivo, administrador de empresas, sei lá o que mais, numa gama de interesses que abrange o mundo empresarial, o futebol, as relações internacionais e as comunidades portuguesas no estrangeiro –, Lello, digo, é dos que há décadas actua na vida pública com total impunidade e irresponsabilidade. Pelo meio vai cometendo as suas argoladas, pois claro. Mas não é homem para se deixar atabalhoar. Justifica-se sempre. É um exímio desculpador de si próprio.

Por exemplo, em Abril do ano passado Lello usou o Facebook para dizer que Cavaco era um "presidente mesmo foleiro" por não ter convidado os parlamentares para as cerimónias de comemoração do 25 de Abril em Belém. Que respondeu ele depois quando começou a ser abalroado pelos jornalistas sobre as suas palavras? Afirmou que "tudo se resumia a uma arrelhadora deficiência tecnológica", uma vez que nunca pretendia publicar aquele impropério numa rede social. A mensagem dirigia-se via telemóvel para um colega de partido e, por erro de um incompetente informático, acabou no conhecimento público.

Mais tarde, Lello teve outro ataque de nervos na Assembleia quando um repórter fotográfico centrou a objectiva no monitor do seu computador. Bateu a tampa do monitor com estrépito e argumentou que a sua privacidade estava a ser violada. O Presidente da Assembleia, Jaime Gama, bem lhe notou que o seu computador não era de uso pessoal mas da Assembleia. Lello insistiu afirmando que os deputados "não podem estar sujeitos ao voyeurismo".

Depois vêm as suas excelentes companhias, gente que leva o nome do Estado português bem alto. Todos nos lembramos daqueles empresários do jogo do bicho que escolheu para representarem o PS e Portugal no Brasil. Outro caso. Em 2009, o seu antigo chefe de gabinete e embaixador português no Senegal, António Montenegro, foi noticiado e investigado (e chamado a Lisboa) por fazer da embaixada portuguesa em Dakar um prostíbulo. Como a vida em Dacar era entediante, o embaixador precisou de espairer desenvolvendo um certo tipo de diplomacia económica mais ligada ao sector dos serviços. Confrontado com essas práticas do seu antigo colaborador, aliás bastante comentadas no meio, Lello lá reconheceu que "isto não tinha muito a ver com diplomacia".

E agora o grandfinale. Ao saber-se que o deputado socialista escondeu durante 14 anos ao Tribunal Constitucional (de 1995 a 2009) uma conta de 658 mil euros no BCP, a cuja declaração estava legalmente obrigado, como é que o nosso Lello se justificou? Que "não conhecia bem a lei e não sabia o que tinha de declarar". Já nós conhecemos muito bem José Lello. Um caso de estudo.

Pedro Lomba

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-31\_janeiro-opinião2.31\_de\_janeiro.doc.txt

As escolhas erradas do Presidente

As divergências entre Belém e S. Bento são antigas, mas não servem para corrigir declarações desastradas

O Presidente da República está a ter dificuldade em gerir o impacto das declarações de há mais de uma semana sobre as suas pensões de reforma. Elas puseram em causa a capacidade do Presidente em continuar a manter o papel de "provedor do povo" que reivindicou para si próprio no dia seguinte a essas infelizes e deslocadas declarações. As notícias que surgiram no fim-de-semana sobre o mal-estar entre Belém e S. Bento (e que a presidência ontem desmentiu), se por um lado prolongavam e ratificavam o distanciamento ideológico e político que separa a geração cavaquista da dos actuais líderes do PSD, por outro exprimiam as preocupações com os excessos da austeridade e um dogmatismo ideológico de que Vítor Gaspar seria o principal expoente.

O papel de Cavaco Silva desde o início da crise está longe de se esgotar numa frase infeliz. Seria politicamente redutor pensá-lo. Têm sido inúmeros os momentos em que o Presidente tem surgido como elemento moderador e gerador de consensos. Em algumas dessas ocasiões, distanciando-se ou criticando abertamente o Governo que de facto ajudou a eleger. Mas quando falou sobre as suas pensões, Cavaco quebrou um tabu. O mal-estar que causou ultrapassou em muito as fronteiras confinadas da "opinião publicada" ou do pequeno mundo do poder. Tocou todos os cidadãos de um país em crise, incluindo os que encontram no Presidente um garante de confiança no sistema. As divergências entre Belém e S. Bento não nasceram ontem e não vão acabar amanhã. O que mudou foi o poder do Presidente em desempenhar o seu papel. Cavaco parece ainda não conseguir admiti-lo. E parece mais interessado em repetir erros do que em corrigi-los.

Mais perto de uma nova ajuda europeia

A Bolsa de Lisboa teve ontem a sua pior sessão desde Novembro e os % juros da dívida pública no mercado secundário voltaram a bater máximos históricos, com as cotações a 10 anos a dispararem 17%. No mundo esquizofrénico dos mercados, a expectativa volta uma vez mais a antecipar-se à realidade e os que durante os últimos dias foram profetizando a necessidade de um novo pacote de ajuda a Portugal parecem ter ganho um prémio: face à desconfiança dos mercados, a possibilidade de o país se financiar nos mercados é cada vez mais uma utopia. A origem do agravamento da situação portuguesa está, bem se sabe, na Grécia, mas se no último terço do ano passado foi possível observar uma descolagem de Portugal em relação ao fim da fila dos endividados, agora Portugal vê a Itália e a Espanha a ganharem pontos nos seus leilões de dívida, deixando-nos presos a um destino cada vez mais inevitável. A curto prazo, só um plano para a Grécia que afastasse os credores do espectro da perda de fundos travaria a degradação da dívida portuguesa. Como essa via está afastada, é de prever que Portugal permaneça no epicentro do furacão do euro. Face à realidade, talvez não seja má ideia começar a pensar com tempo num novo pacote de ajuda.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-31\_janeiro-entrevista.31\_de\_janeiro.doc.txt

Stéphane Peterhansel decide futuro nas próximas semanas

"Ainda não sei se vou continuar a competir no Dakar"

Entrevista

Com dez vitórias no Dakar, seis em motas e quatro nos carros, Stéphane Peterhansel é uma lenda viva da mítica prova de todo-o-terreno. O seu primeiro triunfo em solo sul-americano pode também marcar o fim de uma carreira, que começou inocentemente há 23 anos. De todos os sucessos, o primeiro, em 1991, numa Yamaha, é aquele que guarda com maior nostalgia: "Nessa altura alcancei um sonho".

É verdade que está a ponderar deixar a competição?

Ainda não sei o que vou fazer. Agora só quero gozar esta vitória e pensar nas possibilidades para o futuro e depois decidir se vou continuar ou não a correr no Dakar. Este ano corri o Dakar com muita motivação e prazer, com um bom carro e uma boa equipa... Mas, em relação ao futuro, não sei. Não sei o que irei fazer. Mas para continuar terei de estar motivado, isso é certo.

Do que dependerá a decisão?

Já corri 23 edições do Dakar. Dez vezes em mota e 13 em carro. É preciso ter uma muito boa preparação... Não sei, preciso de pensar três ou quatro semanas, até tomar uma decisão.

O que vai fazer se parar de competir?

Voltar para as motas (risos), testar os troços das corridas, não sei. Neste momento estou um pouco confuso.

Qual a vitória mais saborosa no Dakar na sua carreira?

A vitória de que guardo melhores memórias foi a minha primeira nas motos. Quando comecei a participar no Dakar era um sonho só estar ali. Depois, quando realizei a minha primeira prova, vi que seria possível conseguir um bom resultado. Depois de quatro anos, alcancei a minha primeira vitória [1991]. É a minha melhor memória, pois alcancei um sonho nesse momento. Mas este Dakar também foi muito especial, talvez por não ganhar desde 2007 e ser o meu primeiro triunfo na América do Sul. Foi uma longa pausa. Este sucesso foi também importante, pelo trabalho de equipa que implicou e pelo espírito e atmosfera criados. Era também uma vitória importante para Sven Quandt [responsável máximo da equipa], que a perseguia há dez anos. Ter sido eu a dar-lha foi muito, muito bom.

O Dakar sul-americano tem vantagens sobre o africano?

Desde o princípio destas provas na América do Sul tenho dito que o espírito é completamente diferente. A história do Dakar está em África, mas se o único factor em análise for o desportivo, a corrida americana é realmente mais interessante. Implica desafios diferentes, é mais variado, com uma enorme quantidade de pisos diferentes. Alguns implicam uma condução mais técnica, outros são típicos do deserto, com dunas... É uma mistura maior do que a africana.

Paulo Curado

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-31\_janeiro-notícia1.31\_de\_janeiro.doc.txt

Troika dá mais tempo ao Governo para reformar Justiça

Algumas das medidas foram concretizadas até ao final de 2011, como previsto, mas a maioria foi adiada por alguns meses ou um ano

A troika deu mais alguns meses ao Ministério da Justiça para este concretizar uma parte substancial do programa de reformas acordadas com o Estado português, em Maio do ano passado, quando ainda estava em funções o anterior Governo socialista, liderado por José Sócrates. É essa a conclusão que se pode retirar da comparação entre a primeira versão do Memorando de Entendimento e as duas revisões, uma feita em Setembro e a última em Dezembro. Algumas das medidas mais controversas deste programa devem estar hoje em análise na cerimónia oficial de abertura do ano judicial, que ocorre ao início da tarde, no Supremo Tribunal de Justiça, em Lisboa.

Isso mesmo é reconhecido pelo gabinete da actual ministra da Justiça, Paula Teixeira da Cruz, que fala da necessidade de ajustar o acordo (assinado com o Fundo Monetário Internacional, a Comissão Europeia e o Banco Central Europeu) ao programa do novo Executivo. "O Ministério da Justiça tem apresentado medidas por antecipação em relação aos prazos inicialmente previstos e renegociou o conteúdo de outras para as ajustar ao programa do Governo", afirma o ministério num comentário feito a pedido do PÚBLICO. E acrescenta: "Nas duas revisões [do Memorando] que já se realizaram, o Ministério da Justiça foi sempre muito elogiado pelo trabalho desenvolvido."

Algumas das medidas foram concretizadas dentro do prazo previsto, mas uma grande parte foi recalendarizada, tendo sido adiada por alguns meses ou mesmo até um ano (ver quadro ao lado). Exemplo disso é o alargamento do mapa judiciário, que arrancou em Abril de 2009 em três comarcas-piloto e até ao final do ano passado deveria ter incluído mais duas comarcas no novo modelo de gestão dos tribunais, que previa 39 comarcas em vez das 308 existentes no modelo que ainda hoje vigora. O mapa lançado pelos socialistas foi posto de parte pelo actual Governo, que a semana passada entregou aos operadores judiciários a proposta do novo mapa judiciário, que prevê a criação de 20 comarcas judiciais e o encerramento de 47 tribunais.

Na segunda revisão do Memorando, assinada em Dezembro, desaparece a referência às comarcas-piloto e surge um calendário diferente do acertado em Maio. A 9 de Dezembro acordou-se que a apresentação da nova proposta do mapa judiciário deveria acontecer até ao final deste mês, como ocorreu, definindo-se Setembro como data-limite para submeter ao Parlamento a proposta final do mapa judiciário, que vai ser agora discutido com os diversos parceiros. Apesar de recente, a proposta da Direcção-Geral da Administração da Justiça do novo mapa parece estar a suscitar críticas. O bastonário da Ordem dos Advogados, Marinho Pinto, não esconde a discordância com o encerramento de tribunais com menos de 250 processos pendentes, a maioria localizado no interior do país. "Os tribunais têm que estar por todo o país", insiste Marinho Pinto, que lamenta a visão economicista da Justiça que a troika veio reforçar. "A Justiça não é um bem de mercado que possa estar sujeito às flutuações da oferta e da procura", defende o bastonário, antecipando um pouco do seu discurso de hoje, na cerimónia de abertura do novo ano judicial.

Bastante mais prudente o presidente da Associação Sindical dos Juizes Portugueses, António Martins, prefere salientar que a proposta apresentada pelo Ministério da Justiça ainda é apenas "uma folha de ensaio", uma expressão usada no próprio documento entregue aos operadores judiciais. António Martins considera normal a alteração de algumas metas.

"Com um novo Governo é normal que existam ajustamentos", considera, completando que na mesa das negociações "tem imperado o bom senso". "Não será seguramente na área da Justiça que irá haver incumprimento ao que foi acordado com a troika", afirma o juiz desembargador. E remata: "O Governo tem todas as condições, nesta área, para cumprir o que foi acordado."

Mariana Oliveira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-31\_janeiro-notícia\_2.\_31\_de\_janeiro.doc.txt

Zona euro quer programa de ajuda à Grécia fechado até ao fim de semana

Ideia alemã de colocar Atenas sob tutela de um comissário europeu foi rejeitada. Debate sobre a crise grega prosseguiu ontem depois do fim da cimeira

A totalidade do segundo programa de assistência financeira para a Grécia vai ter de ser fechado até ao fim da semana, decidiram ontem os líderes europeus que querem igualmente garantir que é desta que os compromissos assumidos por Atenas como contrapartida da ajuda financeira serão mesmo cumpridos.

Este objectivo, assumido pelos líderes da União Europeia (UE) durante uma cimeira informal dedicada ao relançamento do crescimento económico e do emprego, é uma verdadeira corrida contra o tempo: Atenas terá de fechar rapidamente um acordo com os seus credores privados para o perdão de 100 mil milhões de dívida pública, e terá de negociar com as instituições europeias e o FMI um aperto suplementar da austeridade e novas reformas estruturais para reforçar a competitividade do país.

Por seu lado, os países do euro terão de definir o montante final da ajuda, que começou por ser fixado em 130 mil milhões de euros mas poderá ter de ser aumentado em 10 a 15 mil milhões devido à deterioração da situação económica.

A cimeira, que terminou perto da meia-noite [23h em Lisboa], foi aliás de imediato seguida de uma reunião entre o primeiro ministro grego, Lucas Papademos, Herman Van Rompuy, Durão Barroso e Jean-Claude Juncker, respectivamente presidentes do Conselho Europeu, Comissão Europeia e Eurogrupo para definir as próximas etapas. Chuva de críticas

Todos os líderes fizeram por outro lado questão de rejeitar firmemente a ideia que foi posta a circular pela Alemanha durante o fim-de-semana através de um documento que defende a colocação da Grécia sob a tutela europeia, incluindo através da nomeação de um comissário europeu com o poder de vetar as decisões do governo em matéria orçamental que se afastem das metas fixadas no programa de ajustamento financeiro. Berlim defende que as receitas fiscais de Atenas deverão ser consagradas em prioridade ao reembolso da dívida.

Alguns líderes reagiram de forma muito crítica, como o luxemburguês Jean-Claude Juncker, que considerou o documento alemão "inaceitável", ou o chanceler austríaco, Werner Faymann, que o encarou como um "vexame".

"É preciso evitar por todos os modos que quem quer que seja, a Alemanha ou outro país, dê a ideia que se tira soberania à Grécia para resolver a crise do euro", defendeu igualmente Martin Schulz, presidente do Parlamento Europeu. No entanto, reconheceu, "é lógico que os países que dão ajuda intervenham no debate sobre as medidas necessárias".

Também o primeiro-ministro português, Pedro Passos Coelho, defendeu que "existem melhores maneiras de a UE garantir que o apoio que presta à Grécia será bem concretizado e Passos Coelho, primeiro-ministro português de a própria Grécia ganhar mais confiança na execução do seu próprio programa". Isto apesar de considerar "perfeitamente legítimo" que os países que fornecem ajuda queiram garantias de que os resultados pretendidos são alcançados.

Merkel demarca-se

Angela Merkel, chanceler alemã, procurou aliás demarcar-se de uma ideia que é atribuída ao ministério das finanças. O debate deve centrar-se em "como é que a Europa pode ajudar a que, na Grécia, as tarefas definidas sejam efectuadas", afirmou a chanceler frisando que não quer "um debate polémico, mas uma discussão que permita uma solução".

Martin Kotthaus, porta-voz do ministério das Finanças, afirmou de manhã em Berlim que a nota não passa de um "documento de trabalho" para "ver o que é que é possível fazer quando um programa de reformas persiste em derrapar", como é o caso da Grécia onde "tudo indica que há um défice" de aplicação das medidas acordadas em troca de uma primeira ajuda de 110 mil milhões de euros da zona euro e do FMI.

A conclusão do novo programa de ajuda à Grécia pretende constituir a ultima peça do arsenal de medidas europeias contra a crise da dívida soberana, sobretudo depois do acordo de ontem sobre duas peças fundamentais no processo. A primeira foi a aprovação de um Tratado que cria um novo mecanismo europeu de estabilidade para substituir a partir

de Julho e um ano antes do previsto, o actual fundo de socorro do euro. A segunda foi a conclusão de um acordo político sobre um novo pacto orçamental consagrado num novo Tratado que será assinado em Março por vinte e cinco países da UE.

Contra todas as expectativas, e ao contrário do que afirmara em Dezembro, a República Checa decidiu juntar-se ao Reino Unido e ficar de fora de um Tratado que vai impor a todos os signatários o modelo de disciplina e estabilidade da Alemanha.

O Tratado destina-se antes de mais aos países do euro que terão consagrar o objectivo do equilíbrio orçamental – que limita o défice a 0,5% do PIB – em legislação permanente ou mesmo na Constituição de modo a acabar de vez com a tentativa do endividamento.

Isabel Arriaga e Cunha

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-31\_janeiro-opinião1.31\_de\_janeiro.doc.txt

Na prática, um "comissário do orçamento" é uma coisa muito parecida com um governador colonial

A Europa aqui tão longe

Um diplomata europeu citado por TheEconomist considerava há dias que o novo pacto orçamental que a Alemanha quer impor aos países do Eurogrupo consistia em assinar "um tratado que torna o keynesianismo ilegal". Já há muitos anos que os países mais ricos da União Europeia têm vindo a impor aos seus confrades (com maior ou menor diplomacia, com mais ou menor oposição, com maior ou menor publicidade, com maior ou menos compreensão por parte dos cidadãos europeus) medidas que tornam na prática uma política de esquerda ilegal ou impraticável, dificultando de todas as formas possíveis, em nome da defesa do mercado e da livre concorrência, intervenções dos estados na economia que permitiriam regular determinados sectores e evitar o agravamento de desigualdades na sociedade. Pode-se dizer que todas estas medidas foram adoptadas devido a um consenso – que envolveu tanto governos de direita como governos auto-intitulados sociais-democratas – em torno do pensamento neoliberal, que prometeu o bem-estar como resultado mágico do mercado livre. Pode-se dizer que todas estas medidas foram adoptadas em conselhos europeus constituídos por governos democraticamente eleitos. No entanto, o facto persiste que, para levar a cabo uma política minimamente de esquerda num qualquer país da UE, passou a ser necessário não só um Governo maioritário no país em questão como a determinação de combater milímetro a milímetro uma Comissão Europeia e um Conselho Europeu armados de toda a espécie de determinações neoliberais plasmadas em tratados e normas.

Agora, a Alemanha quer tornar ilegal – para já na Grécia, mas é evidente que o país que se segue é Portugal e depois seguir-se-ão outros – o exercício da soberania nacional nos países endividados. Um país com dívidas não tem direito a tomar decisões sobre a sua política interna. Claro que a proposta de Berlim diz apenas respeito às decisões que possam pôr em causa os objectivos financeiros e o pagamento das dívidas – o "comissário do orçamento" nomeado pelo Eurogrupo para a Grécia deveria ter apenas o poder de vetar as decisões do Governo grego com incidência orçamental. Só que é difícil imaginar que medidas governamentais se podem considerar sem impacto orçamental. Na prática, o "comissário do orçamento" seria a coisa mais parecida com um governador colonial, garantindo que os direitos da "metrópole" (leia-se dos credores) se sobreporiam em todas as circunstâncias aos direitos das populações locais. É uma colonização à distância, um telecolonialismo, uma ocupação financeira.

O secretário-geral do PS português considerou que a proposta alemã ofende princípios básicos de soberania e "a própria dignidade dos povos". Tem razão. Mas a proposta vem na sequência de outras atitudes do mesmo tipo – lembram-se da proposta do comissário alemão Gunther Oettinger de pôr a meia-haste nos edifícios europeus as bandeiras dos países endividados?

O presidente do Eurogrupo, o luxemburguês Jean-Claude Juncker, discordou da ideia do "comissário do orçamento". Mas há chefes de Governo a quem a proposta pareceu interessante. E, mesmo que não seja adoptada por agora (à hora que escrevo não se conhece a decisão da cimeira europeia) ela está no ar do tempo. O trágico é que a União Europeia não só parece ter abandonado toda a ideia de solidariedade e de coesão, toda a ideia de igualdade entre os Estados, como os seus membros mais ricos parecem empenhados na submissão dos mais pobres e na sua exploração através do mecanismo da dívida. A ideia da Europa nunca pareceu tão longínqua.

O desemprego acabou por conquistar direito de cidade na cimeira europeia e, em geral, nos debates sobre a crise financeira. Lentamente, a realidade da economia e a praga do desemprego acabou por conseguir ganhar um espaço no discurso, entre o pagamento imperativo da dívida, a inevitabilidade da austeridade, a necessidade de privatizar, a conveniência de reduzir os apoios sociais, o corte de gorduras do Estado. Foi preciso o número de desempregados na

UE chegar a 23 milhões (5,3 milhões de desempregados só em Espanha) para o tema se tornar importante. Mas é interessante ver como o tema aparece no discurso dos políticos e nas notícias de política e economia. O desemprego é considerado como preocupante porque afecta as empresas (o retalho sofre) ou porque o elevado número de desempregados (principalmente de jovens desempregados, principalmente de jovens desempregados qualificados) faz rezear tumultos generalizados ou mesmo... uma "Primavera europeia", exigindo não só empregos como democracia. É pasmoso que o discurso político esteja cheio de preocupação com o desemprego devido aos seus efeitos na economia (ou seja, nas empresas) e não devido ao seu efeito nos próprios desempregados e nas suas famílias, devido ao sofrimento físico e moral que ele lhes causa, devido à miséria a que as famílias são condenadas pelo desemprego, devido à perda de auto-estima e ao desespero a que os desempregados são condenados, à destruição das suas condições de vida, da sua saúde, da sua educação, da sua participação cívica.

O trabalho não é apenas – nem sequer acima de tudo – uma necessidade para a economia. É uma necessidade para as pessoas, para a sua dignidade, para a sua relação com os outros e com a sociedade em geral. É triste constatar que tantos políticos se esqueceram disso. De que mais se terão esquecido?

José Vítor Malheiros

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-31\_janeiro-reportagem.31\_de\_janeiro.doc.txt

A greve geral que paralisou a Bélgica mas não afectou o encontro dos líderes europeus

Há muito que a Bélgica não via uma greve assim. Bruxelas foi muito afectada pela resposta dos trabalhadores às medidas de austeridade

Caiu ontem uma neve fininha sobre Bruxelas. Sob temperaturas negativas, o centro da cidade esteve relativamente tranquilo graças à greve geral: a primeira de "frente comum sindical" desde 1993 contra as medidas de austeridade anunciadas pelo Governo belga.

Na zona de Porte de Namur, uma das mais comerciais de Bruxelas e onde se concentram igualmente muitos serviços, o PÚBLICO encontrou facilmente duas pessoas com comentários a fazer sobre a greve. Uma contra e outra a favor. Geoffrey, de 36 anos, está contra a paralisação, que acabou por não o afectar porque vai sempre a pé para o trabalho. Discorda da greve porque acha que o mundo mudou: "Já não estamos em 1984. O mundo globalizou-se. Temos de nos adaptar. As pessoas têm de manter uma mente mais aberta e deixarem de pensar apenas nelas próprias." Do seu lado Geoffrey parece ter 79% dos cidadãos a quem foi perguntado na semana passada, pelo jornal flamengo Het Laatste Nieuws, se estão contra ou a favor da greve.

Pelo contrário, Tino, de 47 anos, trabalha nos serviços de distribuição de correio da Comissão Europeia mas ontem fez greve. Diz que a paralisação é uma "natural expressão de indignação dos trabalhadores" que têm sido muito prejudicados desde que estalou a crise financeira mundial. "Os patrões servem-se da desculpa da crise para tomarem uma série de medidas prejudiciais para os trabalhadores, incluindo as deslocalizações. Temos todos de participar neste protesto. Não fazer nada não é opção. Mesmo que esta greve prejudique pessoas que não têm culpa nenhuma, não podemos simplesmente ficar de braços cruzados e desmoralizados", explica.

Apesar de alguns líderes sindicais terem desmentido que a greve teria como intenção perturbar o encontro de líderes europeus que decorreu ontem à tarde em Bruxelas, a verdade é que o timing foi oportuno. E paradoxal: no dia em que a Bélgica mostrava estar descontente com as medidas de austeridade, os líderes europeus vieram a Bruxelas comprometer-se com a necessidade de disciplina orçamental. Mas a greve geral não comprometeu a chegada dos líderes de Estado e de Governo à mesa da cimeira informal em que participou o primeiro-ministro português, Pedro Passos Coelho.

Nicolas Kerleroux, conselheiro de imprensa do Conselho da União Europeia, disse ao PÚBLICO que a única alteração ocorrida foi a da chegada dos líderes europeus à base militar de Beauvechain, a cerca de 30km a sul da capital, e não ao aeroporto de Bruxelas. "À excepção disso, as coisas correram normalmente e não tivemos notícia de nenhuma delegação ou jornalista [compareceram mais de 1600] que tenha ficado impedido de aceder à cimeira."

Imperturbáveis, os líderes europeus chegaram à cidade, onde debateram precisamente a política de reforço da disciplina das contas públicas e a necessidade de se gerar mais emprego e mais crescimento económico na Zona Euro. Muito em linha com este pensamento europeísta, Pasquel Delbart, um empresário belga de 47 anos que o PÚBLICO entrevistou numa das principais avenidas comerciais da cidade, afirmou que aquilo que deverá salvar-se desta crise é precisamente a UE: "É preciso repartir o défice e salvar a União. Sem ela é que não vamos a lado nenhum."

Muitos sinais da greve

Quer se esteja de um lado ou de outro da barricada, terão sido poucas as pessoas que ontem não viram as suas vidas

afectadas pela paralisação. O metro de Bruxelas fechou, os autocarros deixaram de circular e dos eléctricos nem sinal. As principais avenidas de Bruxelas, sobretudo os eixos que ligam as instituições europeias ao centro financeiro e comercial da cidade, estavam estranhamente desimpedidas para uma segunda-feira de frio e neve.

Fecharam igualmente escolas, serviços, algum comércio e mesmo várias fábricas, incluindo as da Coca-Cola, Audi e Volvo. Apesar de o aeroporto de Bruxelas se ter mantido aberto – apenas 10% dos voos terão sofrido os efeitos da crise –, o aeroporto de Charleroi, a sul da capital (onde aterram voos lowcost), manteve-se fechado durante todo o dia. Também as ligações ferroviárias de alta velocidade que ligam Bruxelas a outras capitais europeias, nomeadamente Paris e Londres, começaram a sofrer os efeitos da greve logo no domingo à noite.

Os três principais sindicatos belgas (CSC, FGTB e CGSLB) consideraram a paralisação um sucesso logo ao início da tarde de ontem e exigiram nova ronda de negociações com o Governo, a fim de suavizar as medidas de austeridade impostas.

Esta greve – a primeira geral desde 2005 e a primeira de "frente comum sindical" desde 1993 – é uma resposta dos trabalhadores às medidas de austeridade anunciadas em Dezembro pelo governo de coligação liberal-socialista-centrista de Elio Di Rupo (socialista francófono), incluindo cortes nas pensões sociais e a proposta de aumento da idade de reforma dos 60 para os 62 anos. Os planos governamentais de austeridade prevêem uma poupança de 11,3 mil milhões de euros, o que significa que os belgas também terão de apertar o cinto.

Susana Almeida Ribeiro, em Bruxelas

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-3\_janeiro-opinião1.3jan.doc.txt

Avaliação dos dirigentes escolares: uma oportunidade perdida

Todos se lembram ainda da polémica que ocorreu em torno da avaliação dos professores, cujos modelos de avaliação, mesmo depois de sucessivamente alterados e simplificados, se mantiveram incapazes de avaliar o desempenho docente em respeito por aceitáveis padrões de justiça e equidade.

Uma nova polémica surge agora com o processo de avaliação do desempenho dos dirigentes escolares, através de um modelo adaptado do Sistema Integrado de Gestão e Avaliação do Desempenho na Administração Pública, o qual ainda decorre.

Esta polémica tem a mesma raiz da que envolveu a avaliação dos professores: um modelo de avaliação medíocre, feito à pressa e que não respeita os mais básicos preceitos éticos nem as normas legais em vigor, nomeadamente o Código do Procedimento Administrativo (CPA).

Filho do anterior Governo, este modelo poderia e deveria ter tido outra atenção dos seus pais adotivos de modo a evitarem-se ilegalidades e erros grosseiros no processo de avaliação dos dirigentes escolares, os quais se sentem ultrajados perante as injustiças de que são vítimas.

Junto de cada Direção Regional de Educação funciona um Conselho Coordenador de Avaliação (CCA), ao qual compete definir grelhas e critérios de avaliação, validar as avaliações, etc. Este conselho integra, entre outros, três diretores eleitos pelos pares, os quais são avaliados com base nas grelhas e critérios de avaliação por eles próprios definidos. O que está mal se nos lembrarmos que "à mulher de César não basta ser honesta, é preciso parecê-lo". Note-se que a perversidade não está nos visados, pessoas estimáveis, mas sim num sistema que a facilita.

Esta situação é ilegal e eticamente censurável, à luz do CPA e à luz dos mais básicos preceitos éticos. Estes diretores do CCA não poderiam estabelecer critérios nem decidir de avaliações de "Relevante" e "Excelente" num processo em que são parte interessada, direta e indiretamente, uma vez que concorrem no mesmo universo e às mesmas quotas que todos os restantes diretores.

E seria fácil evitar isto: bastaria que os diretores "avaliadores" integrassem um universo diferente dos restantes avaliados, como aconteceu, aliás, com o processo de avaliação dos professores que, não obstante a crítica que sempre nos mereceu, impediu que "avaliadores" pertencessem ao mesmo universo dos avaliados e partilhassem as mesmas quotas.

A tutela também não esteve bem no processo de avaliação dos subdiretores e adjuntos.

Veja-se o caso concreto da Direção Regional de Educação do Norte (DREN). Contrariando a lógica mais elementar, o respetivo Conselho Coordenador não cuidou de assegurar a definição de grelhas de adequação nem de critérios de avaliação uniformes e aplicáveis a todos os subdiretores e adjuntos de diretor da região norte, conforme a lei. E se os definiu ninguém os viu, o que vai dar ao mesmo.

A omissão da definição de grelhas e critérios de avaliação uniformes para todas as escolas poderá surgir, perante espíritos menos atentos, como uma louvável intenção da tutela em transferir competências para os diretores e, desse

modo, promover a autonomia das escolas. Nada mais falacioso, porquanto se os diretores assumem a autonomia e a responsabilidade de avaliar a prestação e desempenho dos seus subordinados já não podem aceitar que a avaliação de dados curriculares objetivos, como sejam as habilitações académicas e percurso profissional dos seus subordinados possam ser avaliados de forma diferente de diretor para diretor.

Ao permitir-se que cada diretor avaliasse o currículo dos seus subdiretor e adjuntos com base em critérios próprios, adulterou-se todo o processo de avaliação e abriu-se portas a uma evidente discricionariedade a uma inadmissível iniquidade.

Como foi possível ao Conselho Coordenador validar avaliações de desempenho sabendo que as mesmas resultavam de díspares critérios de avaliação? Por que não tornou ainda públicas as atas das reuniões e as deliberações tomadas, como já fizeram os seus congéneres de outras direções regionais?

Os interessados merecem ser esclarecidos sobre todos estes aspetos. Até lá, têm o direito de considerar que se ofenderam os mais elementares princípios de justiça, equidade, universalidade e transparência que deveriam presidir a um processo desta importância na vida profissional dos dirigentes escolares.

José Eduardo Lemos

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-3\_janeiro-Crónica.3jan.doc.txt

Engordar devagar

Na última página do PÚBLICO de ontem achava-se um título curioso: "Investigadora portuguesa provou que comer devagar emagrece". O trabalho de Júlia Galhardo é sério e original, mostrando que há duas hormonas que nos tiram a fome que, não sendo velozes, aconselham que levemos pelo menos "30 minutos a comer".

No restaurante típico onde lia o jornal, olhei à minha volta e fiz uma investigação instantânea. Regra geral, quanto mais magro o comensal, mais rapidamente comia. Os mais gordos eram os mais lentos. Os mais gordos não só comiam mais devagar como comiam e bebiam mais. Há uma noção que, petisca daqui, petisca dali, vai um copo, mais outro atrás, e venha o próximo prato, consegue-se arrumar mais mantimentos e bebestíveis do que empregando a técnica de comer e beber tudo à velocidade máxima.

Para comer bem, aliás, tem de se passar o tal ponto da saciedade. Anuncia-se, com orgulho, que já não se tem fome – que é só por gula. A fome é imperioso matar, como fera que é. Uma vez morta, começa-se a almoçar. Há extremistas que gostam de matá-la com pão, manteiga, azeitonas, presuntos queijo e vinho, mesmo antes da refeição começar. Morta a fome, é-nos devolvido o espírito crítico. Comendo só porque nos sabe bem podemos rejeitar o que não nos agrada e pedir mais uma meia dose do que nos caiu em graça. Comendo mais e mais devagar, durante horas a fio, também permite que se vã bebendo algo mais do que se beberia em 12-15 minutos. É uma alegria.

Miguel Esteves Cardoso

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-3\_janeiro-opinião2.3jan.doc.txt

Encolher o serviço público

Os espanhóis também vão fazer cortes na televisão pública. Mas não tencionam vender nenhum canal. O regresso da direita ao poder em Espanha teve consequências imediatas para o operador público de rádio e televisão, a RTVE. O Governo de Mariano Rajoy quer cortar um sexto de um orçamento de 1200 milhões de euros e a administração da empresa reagiu admitindo voltar a abrir os ecrãs da televisão pública espanhola à publicidade, um ano após esta ter desaparecido.

O paralelismo com Portugal é automático. Também entre nós a chegada da direita ao poder se traduziu em medidas duras para o serviço público. Poderíamos alargar a conversa a outros países, como o Reino Unido, onde o Governo conservador de David Cameron quer poupanças anuais superiores a 840 milhões de euros na BBC. Estará o executivo de Passos Coelho menos isolado, a nível europeu, do que têm sugerido os defensores do serviço público em Portugal? Sem dúvida, se estivermos a falar numa tendência para reduzir despesas nos operadores públicos de media. Mas nem em Espanha nem no Reino Unido os cortes implicaram a alienação de um canal público. E em nenhum destes dois países se avançou para um corte orçamental como o que está pensado para Portugal, onde o orçamento da RTP deverá, em princípio, diminuir de 308,6 para 150 a 180 milhões de euros. Acresce a isto que o Governo não quer publicidade no canal público que sobreviver, apesar do corte orçamental draconiano. Os operadores públicos não podem ficar imunes à contenção da despesa do Estado e os cortes são indispensáveis. Mas podem ou não ser feitos com bom senso.

E estes exemplos europeus evidenciam como o caminho português é inutilmente radical.

A segunda morte dos comunismos

Há duas décadas, os regimes comunistas no Leste da Europa entraram em colapso em escassos meses, numa vaga sem precedentes e até aí inimaginável. Foi um movimento que não se repetirá, de dimensões históricas incomuns. Hoje, porém, nos dois bastiões mais conhecidos do que restou do comunismo, Cuba e a Coreia do Norte (a China já abraçou o capitalismo, desenvolvendo-o, no entanto, sob o controlo totalitário do partido e do Estado), há sinais de que a breve prazo algo mudará. De olhos postos no Norte, a Coreia do Sul já fala de uma "nova era" e de "um ponto de viragem" na península coreana, evitando, no entanto, relançar a ideia de uma reunificação que, embora agradasse aos EUA, desagradaria à China. Do Norte, a resposta irada não traz nada de novo, mas é ainda uma incógnita o que ditará a "regência" de Jong-un. Por sua vez, em Cuba, o Partido Comunista prepara reformas políticas que, não mudando no essencial o regime, podem, unidas às reformas económicas já em curso, abalar-lhe os alicerces. Em Agosto de 2011 Raul Castro já tinha desafiado os deputados cubanos a "limpar a cabeça de todo o tipo de conversa fiada". Mesmo que tal declaração se destine a impressionar o Ocidente, tais mudanças deixam antever uma segunda morte dos comunismos. Mais lenta, mas inevitável.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-3\_janeiro-Entrevista.3jan..doc.txt

Entrevista a Rui Patrício

"Há uma crise no modo como o cidadão percebe a justiça"

Ex-membro do Conselho Superior de Magistratura, o advogado Rui Patrício explica o que melhorou e piorou na Justiça em 20 anos

Aos 40 anos, o autor do recém-editado livro Mapa-Múndi da Justiça em Bilhete Postal, Rui Patrício, é um dos advogados especializados em Direito Penal mais reputados do país. Por isso, está em quase todos os processos mediáticos, desde a Face Oculta à Operação Furacão. Licenciado pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, com média final de 16 valores, é frequentemente advogado de procuradores e jornalistas, além de docente universitário. Trabalha numa das maiores sociedades de advogados do país, a Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva e Associados, onde é sócio desde 2005. Deixou, em Novembro, o Conselho Superior de Magistratura, onde estava desde Maio de 2009 eleito pelo Parlamento.

O seu livro refuta uma série de lugares comuns da Justiça. Qual deles é o mais prejudicial?

Dizer que a Justiça está em crise e falar-se sistematicamente na crise da Justiça. Isso é prejudicial por três razões.

Primeiro porque a ideia de crise na justiça é muito negativa, quase paralisante. E quando falamos muito em crise não olhamos para os problemas concretos da Justiça. Por outro lado porque isso dá a imagem que estávamos bem e passamos, de repente, a estar mal. Não concordo nada com essa ideia. Não estamos tão mal quanto se diz e já estivemos muito pior.

Sou advogado há quase 18 anos e quando comecei estávamos bem pior. Neste período houve várias melhorias. Por outro lado, a ideia de crise é muito repetida por dois tipos de pessoas: os que não percebem nada do tema e os que têm uma agenda nesta área. Muita gente que opina sobre a Justiça e sobre a sua crise é totalmente ignorante sobre a matéria. Há outros que não são ignorantes, mas têm uma agenda. E essa ideia de crise serve a sua agenda.

O que melhorou e piorou na justiça nestes 18 anos?

A duração dos processos melhorou bastante. Quando eu comecei a advogar os processos tanto na primeira instância como nos recursos demoravam muito mais. Se compararmos a duração de um recurso seja na Relação seja no Supremo há 15 anos com o que se passa hoje vemos que a melhoria é enorme.

Mas isso resulta em grande parte do facto de hoje não serem admissíveis tantos recursos para as instâncias superiores. Resultou disso, mas também de um esforço para melhorar a fundamentação e de desburocratizar determinados aspectos. Também na primeira instância a duração reduziu muito. Lembro-me do tempo em que um processo crime era adiado 10,15 vezes por causa das faltas do arguido. Isso hoje já não acontece. Do ponto de vista dos meios informáticos, por exemplo, também houve melhorias.

Mas nessa área ainda há um longo caminho a percorrer. Ainda recentemente houve um suposto ataque de piratas informáticos a serviços sensíveis da Justiça.

Há problemas concretos, mas não são tantos quantos se diz. Esse problema da segurança não é um problema só da Justiça. É um problema de todos os sistemas informáticos e até há outras áreas de Estado mais sensíveis, como os segredos de Estado.

Mas há processos penais, especialmente na fase da investigação, que concentram informações muito sensíveis.

Indiscutivelmente. Mas isso não é um problema específico da Justiça. Pode acontecer na espionagem industrial, na espionagem de Estado. Não há aí uma vulnerabilidade específica da Justiça. E melhorou-se muito no uso dos sistemas informáticos. Pode-se concordar ou não que o caminho era o Cítilus, mas fez-se alguma coisa. Por exemplo a gravação das audiências tem hoje muito menos percalços que há cinco anos. As coisas vão melhorando. Os processos vão começando, tendo meio e fim. Depois há problemas em meia dúzia de casos, que são os que a comunicação social acompanha, mas que não são o espelho da realidade no seu conjunto.

Mas mesmo nesses há bons exemplos, como a Face Oculta.

Sim, é um processo que começou há pouco tempo e já está em fase de julgamento. Já fiz ao longo da minha vida centenas de julgamentos e as coisas vão andando. Há aqui e ali problemas resultantes do facto de haver bons e maus profissionais, mas não há esta coisa que é tudo uma desgraça, é tudo um pântano. E a muitos dos partidários da ideia da crise faltam horizontes, ver o que se passa lá fora. E falta história, conhecer o passado.

Esta ideia de crise também resulta da mediatização da Justiça...

A mediatização tem aspectos negativos e positivos. E esse é claramente um dos aspectos negativos. As pessoas associam a ideia de Justiça àquilo que vêm nas notícias. A notícia é tendencialmente o que corre mal ou de forma estranha. Aquilo que corre normalmente não é notícia e há muitas coisas que correm bem. Outra ideia que acho um disparate absoluto é que a Justiça é a grande causa dos nossos problemas da economia.

Porquê? Isso está bem fundamentado no seu livro.

Basta olhar para trás e para o lado. Há países que têm uma Justiça como a nossa ou até com problemas maiores que a nossa e têm uma economia muito mais forte. Vamos a Itália, a França ou a Espanha, essencialmente aos dois primeiros,

e a Justiça não é mais rápida que a nossa, não têm menos casos mediáticos que suscitam discussão, e a economia é muito melhor. Por outro lado, se olharmos para o passado ou para países que têm uma justiça muito célere, que é um objectivo que se procura mas nem sempre resulta numa justiça justa, nem todos têm uma boa economia. Melhor Justiça dá melhor economia. Mas uma não é a causa fundamental da outra.

E o que piorou nestes 18 anos?

Piorou a percepção que as pessoas têm sobre a resposta que a Justiça lhes dá. Aqui admito que se fale em crise. Não há uma crise na Justiça, mas há uma crise no modo como o cidadão percebe a Justiça. O cidadão não tem confiança na Justiça, apesar de não ter razões para desconfiar. Mas desconfia. E isso é um problema. Essa é uma das razões por que fiz este livro, que é um pequeno contributo que pretende combater os lugares comuns e desmistificar isto. Explicar ao cidadão por que é que as coisas acontecem. A responsabilidade é em primeira linha sua, e isso falta aos portugueses. Assumirem a sua quota-parte nos problemas. Explicar esta percepção não é fácil porque existem várias causas. São sociológicas, relacionadas com a mediatização e culturais.

Ao ler o livro percebe-se que considera que não existem receitas fáceis para resolver os problemas que existem na Justiça. Mas na sua opinião quais são as reformas mais prementes?

Temos que pensar os problemas da Justiça a dois tempos. Podemos pensar numa reforma global mas isso é para segundas núpcias. Imediatamente não precisamos de reformas nem de mexer na lei. Precisamos até de deixar de mexer na lei. E precisamos de três coisas. Primeiro uma cultura de diálogo. A pior coisa que tem acontecido nos últimos tempos é a crispação entre operadores judiciais. Toda a gente diz mal de toda a gente.

Como analisa a forma como o bastonário da Ordem dos Advogados ataca outros operadores?

Não vou pessoalizar. Não gosto que operadores judiciais, com cargos mais ou menos visíveis, estejam sistematicamente a atacar-se uns aos outros. A dizer que a culpa é dos outros. Isso não nos leva a nada.

Mariana Oliveira

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-3\_janeiro-notícia1.3jan.doc.txt

Queda de 31% nos carros vendidos agrava receio de fecho de stands

Descida em 2011 é superior ao recuo esperado para a EU. ACAP prevê redução de 20% nas vendas deste ano e teme encerramento de empresas

As expectativas eram baixas para um ano em que Portugal regressou à recessão, mas, longe do agravamento de mês para mês do mercado automóvel, Dezembro veio dar um empurrão nos números e colocar as vendas de 2011 no valor mais baixo, pelo menos, dos últimos 12 anos, revelou ontem a Associação Automóvel de Portugal (ACAP).

Portugal registou, num ano, uma quebra de 31,3% no número de automóveis ligeiros de passageiros comercializados, agravada em boa parte por uma descida homóloga de 60,1% nas vendas de Dezembro.

As previsões da ACAP para este ano apontam para uma descida na ordem dos 20%. Face a uma quebra que pode ser ainda maior se a recessão portuguesa for superior a 3% e a quebra no consumo se agravar ao ritmo dos últimos meses, a ACAP teme pelo encerramento de stands e despedimentos, o primeiro sintoma de que a crise no sector não será curada nestes meses.

A ACAP não sabe dizer quantas empresas estão em risco de fechar, nem arrisca números concretos para as vendas em 2012. Mas estas serão inferiores "em milhares" de veículos em relação aos 153.433 ligeiros de passageiros comercializados de Janeiro a Dezembro últimos, adianta o presidente da ACAP, Hélder Pedro.

Portugal nunca vendeu, desde 2000 (ano a partir do qual são disponibilizados dados), tão poucos carros como em 2011. A ACAP admite mesmo que não se viviam meses tão negativos em 28 anos.

A pesar sobre estes números estará, por um lado, a quebra na actividade económica e a descida da confiança dos consumidores sobre a compra de bens duradouros; por outro, a baixa expectativa sobre a evolução do consumo, quando o crédito voltou a cair em Outubro, para um novo mínimo, pelo menos, desde 2003, de 200 milhões de euros. Olhando para a última década, nem em 2009 – que fora um ano muito negativo para o mercado automóvel – as vendas caíram tanto.

O ano seguinte foi de recuperação, dando ao sector uma bomba de oxigénio com uma expressiva subida de 38,8% nas vendas, mas 2011 acabou por se revelar pior do que as previsões. A quebra foi transversal a todas as categorias automóveis (ligeiros de passageiros e comerciais e os veículos pesados), que registaram recuos acima dos 17%.

Entre os países da União Europeia, ainda houve, a meio do ano, a esperança de uma recuperação, mas também os 27 deverão registar em 2011 dados negativos, a avaliar pelos números de Novembro. No mercado ibérico, já é possível fazer contas, com Espanha a registar também uma quebra recorde, de 17,7%.

Pedro Crisóstomo

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-3\_janeiro-notícia2.3jan.doc.txt

PSD e CDS-PP avançam para a proibição das drogas vendidas legalmente em smartshops

Partidos da maioria parlamentar propõem tornar ilícitas drogas legais vendidas em Portugal. Diploma poderá entrar em vigor dentro de um mês

Os grupos parlamentares do PSD e CDS-PP apresentam amanhã na Assembleia da República dois projectos de lei sobre o tráfico e consumo de estupefacientes e substâncias psicotrópicas que acrescentam a mefedrona e o tapentadol à lista de substâncias ilícitas. Os dois partidos do Governo querem que esta droga sintética seja comparada ao ecstasy ou à cocaína, que constam da tabela de substâncias proibidas, estabelecendo medidas de controlo e sanções de natureza penal e contra-ordenacional.

José Manuel Rodrigues, do CDS-PP, espera que este diploma seja aprovado "o mais rápido possível", prevendo que dentro de cerca de um mês estas drogas já sejam ilegais. "A mefedrona está a ter consequências nefastas, sobretudo em jovens que não eram consumidores e muitas vezes são enganados", alerta. O facto de a mefedrona ser uma substância legal, refere o deputado, pode levar as pessoas a pensar "que não faz mal à saúde".

Segundo o relatório anual de 2011 do Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (OEDT), o aparecimento de "novas drogas" tem vindo a aumentar (só em 2010 apareceram 41 novas substâncias). José Manuel Rodrigues declara que "estas drogas muitas vezes são mais nefastas do que aquelas que são proibidas", nomeadamente porque não são indicadas para uso humano. O deputado sublinha a importância de se "actualizar permanentemente os anexos" da lei, para evitar os vazios legais. "Melhor seria que a lei andasse à frente das lojas", admite José Manuel Rodrigues, afirmando que "há mais de um ano" que existe um vazio legal em Portugal relativamente a estas substâncias. Um projecto que proibia a venda de mefedrona deu entrada no Parlamento, mas acabaria por não ser votado, já que a Assembleia foi entretanto dissolvida.

Quando este diploma entrar em vigor, a produção, venda ou compra de mefedrona e tapentadol pode resultar numa pena de prisão de quatro a 12 anos. A mefedrona, também conhecida por "miau miau", é uma droga sintética da família das catinonas, uma espécie de anfetamina. É um estimulante comparável ao ecstasy (MDMA) ou à cocaína, tendo sido introduzida no mercado europeu em 2007. Não tem qualquer valor terapêutico estabelecido, nem outros fins legítimos conhecidos, e é vendida sob a forma de pó, mas existe igualmente em cápsulas ou em comprimidos. É vendida nas smartshops como fertilizante de plantas ou sais de banho, não estando recomendada para consumo humano. Em Portugal há registo de pelo menos 12 casos de entradas nas urgências por abuso de mefedrona, todos no hospital de Faro. Apesar de os casos não terem relação entre si, há um padrão comum: o consumo conjunto de mefedrona e álcool.

O tapentadol é um analgésico utilizado no tratamento da dor moderada e severa que ainda não é comercializado em Portugal. Apesar de ser uma substância activa de medicamentos autorizados, o PSD refere que "comporta riscos de abuso e utilização ilícita". Em Dezembro de 2010, após os alertas do Relatório Anual de 2010 do OEDT, os ministros da Justiça da UE decidiram proibir o fabrico e a comercialização da mefedrona, considerando-a uma "droga perigosa". A produção e venda da mefedrona já foi proibida em 15 Estados-membros da UE.

Rita Araújo

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-3\_janeiro-Reportagem.3jan.doc.txt

Com o IVA a 23%, restaurantes cortam custos e temem regresso "ao tempo da lancheira"

Um pouco por todo o país, restaurantes, cafés e bares decidem o que fazer perante a subida do IVA. A maior parte prefere, para já, esperar para ver

Face ao aumento do IVA – que este ano passou de 13% para 23% – e à subida nos custos das matérias-primas, como a energia, muitas empresas do sector da restauração vão ter de tomar medidas para atrair clientes e sobreviver à crise, incluindo a diminuição do número de funcionários, preferindo essa opção a repercutir o aumento de custos no consumidor final. A previsão é feita pela associação do sector, no dia em que a maior parte dos restaurantes, cafés e bares abriu pela primeira vez as portas com o IVA a 23%. Mas, pelo país fora, encontram-se as mais diversas estratégias para enfrentar a difícil conjuntura.

"Vivemos num regime de preços livres em que os empresários têm oportunidade de aumentar ou não. Mas estes já perderam muitos clientes e, por conseguinte, não vão repercutir nos preços a totalidade do aumento do IVA e das matérias-primas", afirma Mário Pereira Gonçalves, presidente da Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal (AHRESP).

É que, além do impacto de uma eventual subida de preços, a AHRESP teme que se acentue a quebra no consumo de refeições fora de casa, face à perda de poder de compra e à actual conjuntura do país. "Voltámos ao tempo da lancheira e isso vai intensificar-se este ano", prevê.

Reduzir a estrutura de pessoal poderá ser outra das medidas a tomar pelos empresários da restauração. "Somos um sector que emprega à volta de 300 mil pessoas, o que, repartido pelas 85 mil empresas que existem em Portugal, dá uma média de quatro trabalhadores por empresa. Os empresários vão manter os postos de trabalho enquanto puderem, mas haverá cortes, certamente", acredita o presidente da AHRESP.

A palavra de ordem é "sobrevivência", sublinha, antevendo que "muitas empresas vão ficar pelo caminho este ano". Aumentos? Para já, não

De norte a sul do país, o ambiente variava ontem de estabelecimento para estabelecimento. No Minho, no centro histórico de Guimarães, entre as casas abertas que o PÚBLICO contactou, os preços são os mesmos. "Esta já é uma época do ano que normalmente é complicada. Se aumentássemos agora os preços, seria ainda pior", diz Hugo Alves, gerente do Snack-Bar Nicolino, onde o preço do prato do dia se vai manter nos cinco euros.

No Bar Rolhas & Rótulos, o aumento do IVA será suportado pelo estabelecimento, pelo menos "nesta primeira fase". "O mercado não está para aumentos", avisa o proprietário, Paulo Bessa, que admite uma revisão de preço a médio prazo, em função da evolução das condições económicas.

Na Baixinha de Coimbra, o dono do Restaurante Zé Neto, com o mesmo nome e 84 anos de idade, martela numa máquina de escrever mecânica a ementa com os novos preços. O do café não vai aumentar, mas o de algumas das especialidades, que colocam o restaurante nos roteiros turísticos, "pode subir até um euro por refeição". "O IVA aumenta, empregados são os mesmos, as pessoas começam a levar os almoços para os laboratórios e consultórios, a sala já não enche como dantes... Não há escolha: ou aumento os preços ou fecho portas", lamenta José Neto.

Em Faro, o dono da Café Rotunda, na Avenida 5 de Outubro, tinha avisado, antes da entrada do novo ano, que "provavelmente" iria repercutir no café o aumento do IVA. Assim, ontem já passou a bica de 0,60 para 0,65 euros. Já o Café-Pastelaria Scala, na Baixa da cidade, manteve o expresso a 65 cêntimos, continuando a publicitar a "hora anti-troika" – entre as 8h e as 10h, toma-se o café por 55 cêntimos.

Na praia da Rocha, em Portimão, a Pastelaria Marcelino, com fabrico próprio e sem serviço de mesas, optou-se por aumentar cinco cêntimos ao preço de cada produto. A proprietária, Sílvia Roberto, justifica: "Foi para fazer face à subida do IVA". No passado, durante o Inverno, chegou a ter quatro empregados. Actualmente, o serviço é assegurado pelos três donos da casa – filho, nora e sogra.

Em Lisboa, em pleno Chiado, João Silva, gerente da Brasileira, explica que, por agora, os preços estão todos iguais e que ao longo do dia de ontem iriam pensar numa nova tabela. Mais abaixo, João Oliveira, do Café Benard, descreve

um cenário semelhante: "O ano começou agora, ainda estamos a avaliar. Mas os preços vão ter de subir, isso é certo." Na mesma rua, já a casa de saladas e sandes Vitaminas tem a vida facilitada, por pertencer a uma rede comercial. "Não vamos mexer nos preços para o cliente. Tivemos aumentos há três meses e agora fica tudo na mesma", diz o subgerente, João Silva.

No Porto, na Praça Guilherme Gomes Fernandes, o Café Pingo de Cimbolino está ao lado da Leitaria da Quinta do Paço, mas reflectem realidades diferentes. Na segunda, uma funcionária diz que não sabe se haverá aumento de preços. "Hoje [ontem], pelo menos, os preços mantêm-se", diz. No Pingo de Cimbolino os aumentos já entraram em vigor. O café passou dos 60 para os 65 cêntimos e os pratos do dia, que eram a 4 euros, passaram para os 4,5. "Só aumentamos mesmo por causa do IVA, senão não haveria aumento", explica a funcionária Maria José. Até porque, diz, os clientes se queixam. "Já começaram a dizer que está tudo muito mais caro", lamenta-se.

Idálio Revez \* Graça Barbosa Ribeiro \* Romana Borja-Santos \* Patrícia Carvalho \* Samuel Silva \* Raquel Almeida Correia

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-7\_fevereiro-opinião2.7\_de\_fevereiro.doc.txt

As fronteiras da desordem síria

De vez em quando, Moscovo gosta de brincar à guerra fria. Mas não conseguirá travar a agonia de Assad. Ao decidirem vetar a resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas, a China e sobretudo a Rússia provaram uma vez mais que a violência das ditaduras sobre os seus povos não os apoquentam minimamente. A clivagem entre as democracias ocidentais e os regimes de Moscovo e de Pequim tornou-se de novo evidente. Não são apenas os negócios de armas ou outros interesses concretos que movem estes regimes. É a crença numa visão que rejeita a ingerência nos assuntos de outros estados soberanos, por mais brutais que estes possam ser. O cinismo dessa crença ficou exposto a olho nu com a recusa de ambos em condenar o regime sírio, ao mesmo tempo que este massacrava friamente centenas de pessoas em Homs. Mas, com este gesto, essas duas potências ficaram isoladas na cena internacional, para além de ter minado a capacidade de acção das Nações Unidas na tragédia síria, que se arrasta há quase um ano. A Rússia, que tem interesses bem concretos, estratégicos e económicos, na Síria, diz que houve uma precipitação na ONU e sugere que a viagem do seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Serguei Lavrov, poderá evitar a queda desordenada do regime. É pouco provável que o consiga. O veto russo e chinês foi um balão de oxigénio para Damasco. E contribuiu para tornar ainda mais explosiva a situação na Síria, um país que já está efectivamente em guerra civil. Se o regime não implodir, instalar-se-á o caos, ou seja o cenário mais temido em todas as capitais, incluindo as do ocidente e as dos vizinhos da Síria. De vez em quando, Moscovo gosta de brincar à guerra fria. Isso só fará com que a crise síria alastre bem para lá das fronteiras de um país que se tornou a chave do Médio Oriente.

Os juízes e o uso da transparência

A transparência na actuação do Estado e dos titulares dos cargos políticos é uma exigência de qualquer regime decente. É por isso normal, banal até, que o Supremo Tribunal Administrativo tenha dado razão à Associação Sindical dos Juízes (ASJP) na sua queixa contra a recusa de 17 ministérios da era Sócrates em entregar-lhe documentos com as despesas dos ministros e do pessoal do seu gabinete. Afinal, o que estava em causa era apenas o direito à informação. A exigência da ASJP, porém, não pode ser enquadrada pelo zelo na defesa da transparência. O que estava em causa era a obtenção de informações para a defesa de um interesse corporativo. Não há nisto nada de mal, desde que os juízes sejam capazes de perceber que os dados que poderão agora obter (se ainda existirem, o que se duvida) tanto podem ser úteis para a sua causa e para a saúde da democracia como instrumentos em favor da demagogia e do populismo. Se um ministro gastou num mês 50 mil euros em hotéis, os juízes terão não só razões para se sentir discriminados nos cortes a que foram sujeitos como ajudarão o país com a denúncia dos abusos; mas se caírem na tentação de colocar a representação do Estado ao nível da indignação, estarão a dar argumentos aos que, perante a crise, vão dizendo que isto só lá vai com "um Salazar".

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-7\_fevereiro-entrevista.7\_de\_fevereiro.doc.txt

Emanuel Furtado volta com "missão" de formar cirurgiões de transplantes hepáticos pediátricos

Depois de uma interrupção de nove meses, o único médico capaz de realizar transplantes hepáticos em crianças vai voltar a fazê-los

Emanuel Furtado, o único cirurgião capaz de realizar transplantes hepáticos pediátricos em Portugal, afirmou ontem

que, para além de "tratar as crianças", a sua principal missão, nos próximos anos, "é formar uma equipa que garanta o futuro" daquele tipo de intervenção cirúrgica em Portugal. "Essa sempre foi a minha intenção, mas nunca tive condições para o fazer", afirmou o médico, que a partir de dia 15 de Março, depois de um interregno de nove meses, volta a fazer transplantes, no Centro Hospitalar Universitário de Coimbra (CHUC).

Numa visita ao Hospital Pediátrico, Emanuel Furtado e o secretário de Estado adjunto do ministro da Saúde, Leal da Costa, evitaram responder a questões relacionadas com os conflitos que em 2010 levaram o cirurgião a concorrer para um lugar no Instituto Português de Oncologia, abandonando os Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC).

O médico foi vago, referindo-se a "contingências relacionadas com a evolução das instituições e com a vontade dos responsáveis"; o governante mostrou irritação quando um jornalista perguntou se a saída do cirurgião se deveria a incompatibilidades com as chefias e se isso estava relacionado com o regresso. "Eu não venho discutir questões de 'pessoalização'. Isto não é um jogo de xadrez nem um jogo de cadeiras. Para mim não é, não tem sido e não vai ser", disse.

Já no quadro do IPO e durante seis meses, até Junho do ano passado, Emanuel Furtado assegurou a realização de cinco transplantes, sempre em situações de emergência, nos HUC. Só depois de aquela colaboração ter terminado, o que estava previsto desde Janeiro, é que a administração daquele hospital e o Ministério da Saúde decidiram recorrer a Madrid, para onde passaram a ser encaminhadas as crianças.

Mãos livres para equipa

Ontem, numa visita a Coimbra, o secretário de Estado assegurou que Emanuel Furtado será livre de recrutar os membros da sua equipa. O médico disse que haverá elementos novos e outros já com alguma experiência, mas ressaltou que a formação de cirurgiões na área da transplantação pediátrica é demorada, "especialmente num país como Portugal, em que a quantidade de intervenções necessárias (entre 12 e 17 por ano) é relativamente baixa".

Em Espanha está uma criança, que provavelmente só regressará após o transplante; a partir de amanhã começam a ser avaliadas no Hospital Pediátrico de Coimbra as restantes seis candidatas a transplantação hepática; e até ao dia 15 de Março estarão reunidas todas as condições necessárias para o início das cirurgias, concordaram cirurgião e governante. Não quiseram especificar a que condições se referiam.

A transplantação hepática pediátrica foi introduzida em Portugal, em 1994, precisamente pelo pai de Emanuel Furtado, Linhares Furtado. Até ao ano passado, aquela era feita no âmbito de um acordo entre os HUC e o Hospital Pediátrico, que agora pertencem, ambos, ao CHUC.

Numa primeira fase, as crianças continuarão a ser operadas no edifício dos HUC e a ser seguidas, depois, no do HP, pela hematologista Isabel Gonçalves. Ontem, esta especialista desdramatizou a morte de duas crianças cujo transplante foi feito em Madrid: "Não há nenhum centro, nem entre os melhores do mundo, que tenha cem por cento de sobrevida. Um bom objectivo é ter 95% um ano após o transplante e não ter mortalidade em lista [de espera]", disse. Com cerca de 180 crianças submetidas a transplante hepático desde 1994, em Coimbra a taxa de sobrevida após dez anos é de 84%.

Graça Barbosa Ribeiro

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-7\_fevereiro-notícia1.7\_de\_fevereiro.doc.txt

Antena 3 não quer ser uma estação de música portuguesa

Profissionais entregaram documento em que apontam caminhos para pensar a rádio de serviço público

Os trabalhadores da Antena 3 querem contribuir para um debate alargado em torno da influência fundamental de serviço público de rádio e, nesse sentido, prepararam um documento estratégico com dez temas que ajudam a definir os princípios orientadores de um canal jovem de serviço público radiofónico.

O texto, subscrito por 19 profissionais, foi entregue ontem em simultâneo ao director de programas, Rui Pego, e à Comissão de Trabalhadores da RTP. Apreensivos com os "ataques sucessivos ao papel estruturante que o serviço público desempenha no meio rádio, nomeadamente quanto ao papel essencial que a Antena 3 assegura (...) na divulgação de toda a música nova de qualidade, seja ela nacional ou estrangeira", os profissionais da 3 entendem que deve haver uma aposta numa "programação que vá ao encontro do seu público-alvo (20-45 anos), na multiplicidade de propostas culturais e musicais, valorizando a educação e o conhecimento, acompanhando as novas tendências da cultura urbana". "A Antena 3 deve empenhar-se na criação de novos projectos dos seus profissionais e assumindo-se como catalisador na descoberta de talentos, procurando ser o espelho criativo do tempo presente e desenhar as tendências futuras".

Henrique Amaro, realizador, disse ao PÚBLICO que os trabalhadores discordam do relatório sobre o serviço público

de rádio e televisão elaborado pelo grupo presidido por João Duque, que defende a criação de um canal predominantemente consagrado à música e cultura portuguesas. "Não podemos concordar com esse totalitarismo, porque isso seria quase como que guetificar os próprios artistas", afirmou. "A nova música portuguesa deve ser, predominantemente, o motor de divulgação do serviço público prestado pela Antena 3, cumprindo uma quota de airplay de pelo menos 50%."

Margarida Gomes

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-7\_fevereiro-notícia2.\_7\_de\_fevereiro.doc.txt

Bares da zona dos Clérigos querem ajudar a pagar concerto dos relógios da torre

Irmandade dos Clérigos diz que toda a ajuda é bem-vinda, mas teme que a aceitação do contributo seja vista como apoio aos excessos da movida que incomodam moradores

A Associação de Bares da Zona Histórica do Porto (ABZHP) diz ter "a solução" para que a Irmandade dos Clérigos possa pagar os quatro mil euros ainda em falta relativos ao concerto dos relógios da torre. A reparação custou sete mil euros e a Irmandade já angariou três mil.

António Fonseca, que lidera a ABZHP, diz que um grupo de empresários da movida portuense está disponível para organizar festas em que parte dos lucros obtidos reverteria para aquele fim. Para o presidente da Irmandade, o padre Américo Aguiar, toda a ajuda é bem-vinda, mas observa que a questão é "sensível".

O receio do sacerdote é que a aceitação do apoio dos empresários possa ser confundido, pela comunidade, como um tomar partido na questão dos excessos da movida, que tem oposto moradores e comerciantes da zona a alguns bares e discotecas. "Tenho receio de que o elemento unificador, que são os Clérigos, possa passar a ser um elemento de discórdia. E isso não quero", diz Américo Aguiar.

Até porque, diz o padre, também o monumento visitado por milhares de turistas no Porto sofre com as consequências da animação da Baixa. "Nós próprios, todas as manhãs, depois da movida, sabemos o que encontramos. Há garrafas partidas e verdadeiras casas de banho públicas nos Clérigos", lamenta, acrescentando que há quem salte o gradeamento para urinar contra as paredes da igreja e da torre. Por isso, o presidente da Irmandade considera a questão "sensível".

Ainda assim, Américo Aguiar diz que todo o apoio é bem-vindo e que, se os empresários, efectivamente, querem ajudar os Clérigos, ele ficará "todo contente". Mas acrescenta: "Desde que os jovens façam um consumo regrado nessas festas e não se ponham depois a conduzir".

António Fonseca diz que tem já "meia-dúzia" de empresários da zona dos Clérigos disponíveis para realizar festas especificamente destinadas a angariar fundos para pagar o concerto dos relógios da torre. "A ideia é que, por cada cartão de consumo utilizado, um euro seja destinado aos Clérigos. Estamos convencidos de que com um ou dois fins-de-semana e três ou quatro festas conseguimos o dinheiro que falta", disse Fonseca.

O concerto dos relógios da Torre dos Clérigos custou à Irmandade sete mil euros. O apoio da CIN e da Unicer, que contribuíram com mil euros cada, deixou ainda por resolver o problema de encontrar as verbas necessárias para saldar os restantes cinco mil euros.

Entretanto, a editora Calendário das Letras promoveu a venda de um conjunto de livros raros do Instituto dos Vinhos do Douro e Porto, durante a XVII Festa do Livro da Fundação Cupertino de Miranda. Segundo Francisco Madruga, da editora, foram angariados com a iniciativa cerca de "500 euros". O padre Américo Aguiar revelou ter recebido também um do nativo de um cidadão no mesmo valor. Feitas as contas, a Irmandade precisa agora de quatro mil euros.

Patrícia Carvalho

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-7\_fevereiro-opinião1.7\_de\_fevereiro.doc.txt

Reis do Carnaval

Coitadinha da democracia. Assim que a apanham doente, fraca, em dificuldades, aproveitam logo para fazer circular um manifesto reclamando o regresso da monarquia. Propõem-nos, no essencial, trocar um bibelô eleito pelas pessoas, de cinco em cinco anos, por um adereço extravagante que ninguém escolheu e cujo bisneto seria rei mesmo que fosse um pouco atrasado mental. Ainda que não fizesse muita diferença, a diferença seria, em todo o caso, fundamental. O facto de o primeiro automóvel a circular em Portugal ter sido um Panhard et Levassor não obrigou nenhum dos portugueses a viver para todo o sempre com carros daquela marca – hoje, de resto, tão extinta como a monarquia portuguesa.

Estive a dar uma espreitadela no referido manifesto e constatei que, entre aqueles que apoiam a causa real, a opinião mais comum consiste em variações da frase segundo a qual "a pátria necessita de um rei". É uma convicção tão válida como qualquer outra. Ainda deve, aliás, haver quem considere que a ditadura do proletariado seria a solução para todos os nossos males. Alguns, mais extravagantes, têm o direito de defender que Portugal necessita de uma epidemia de febre-amarela. Outros devem ter a certeza absoluta de que são uma reencarnação do Napoleão Bonaparte. Eu, por exemplo, tenho às vezes a sensação de que o país poderia perfeitamente ser governado pelo Rei dos Frangos, a empresa sediada em Leiria que tem 17 lojas "distribuídas entre Coimbra e o Montijo", conseguiu internacionalizar-se e já abriu duas churrascarias em Madrid. Talvez até vendam pastéis de nata.

Curiosamente, não encontrei, entre os monárquicos subscritores do manifesto, nenhum defensor do rei do carnaval. É pena. Trata-se de um monarca simpático, relativamente divertido e um pouco menos decorativo do que o príncipe do Mónaco (e mais confiável do que o duque de Palma de Maiorca). Li, por exemplo, o discurso do Rei do Carnaval de Ovar deste ano e vi-me obrigado a concordar com a promessa de "mandar emigrar ministros, secretários e subsecretários de Estado, deputados, gestores públicos e afins". Acresce que o monarca folião também é capaz de versejar (como D. Dinis). É da sua lavra, por exemplo, a justa quadrinha que diz assim: "Em Lisboa há paus mandados/a brincarem c'os Entrudos/mas já 'tão desmascarados/ninguém quer tais cabeçudos". Infelizmente, porém, esta sábia criatura acha-se ameaçada de extinção pela ingente necessidade de transformar Portugal numa economia tão competitiva como a das Filipinas.

É de todo inconveniente, num país austero, que o Carnaval tenha três dias. Elimina-se, pois, a tolerância de ponto e, com alguma sorte, destrói-se também a actividade económica gerada pelos festejos que, para os mais variados gostos, decorrem de Lazarim a Loulé. O costume. A única coisa realmente surpreendente é que, em Torres Vedras, o desfile de Carnaval continue a incluir cabeçudos com as caras dos (sisudos) senhores que nos governam. Não têm graça nenhuma. Até dão vontade de chorar.

Jorge Marmelo

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-7\_fevereiro-crónica.7\_de\_fevereiro.doc.txt

O fim da "social-democracia"

Decifrar o ADN de um partido pode ser frustrante e inglório. Talvez o dito ADN nem sequer exista. Pior ainda se esse partido for o PSD que, além de reunir à sua volta um sínédrio de intérpretes oficiais – os únicos autorizados a dizer aquilo que é ou não o partido –, sempre se especializou no eufemismo, no subterfúgio, numa colossal distância entre palavras e actos.

Ora, a propósito de uma coisa chamada "personalismo" e de um nome, Emmanuel Mounier, que ressurgiram, ao que dizem os jornais, num livro patrocinado por Aguiar Branco para servir de base à revisão do programa do PSD, houve quem recordasse (Vasco Pulido Valente neste jornal, mas não só) esse pensador francês traduzido por Bénard da Costa na década de 60 e determinante para uma geração inteira de católicos de esquerda. De facto, basta ler o livrinho "Personalismo", escrito no final dos anos 40 em que Mounier defendia um "socialismo renovado", para se perceber que não faz qualquer sentido a sua recuperação por um partido com a orientação do PSD.

Sucedem, todavia, que tão deslocado como visitar Mounier é omitir a influência – essa sim, com maior importância – da doutrina social da Igreja sobre os fundadores do PSD. O pensamento social da Igreja influenciou Sá Carneiro, esteve presente nos debates constituintes, inspirou a consagração da dignidade humana, contrabalançou o lastro marxista (existe até um estudo de Adriano Moreira sobre isso). Eu percebo que por razões táticas ou por alguma falta de memória o PSD não explicita as suas origens. Mas é verdade que a doutrina social da Igreja, tal como resulta de diversos textos, encíclicas e intervenções, moldou o seu ideário, transformando-o num partido fortemente crítico do colectivismo socialista e do puro liberalismo económico. O "personalismo" em que o PSD se parece rever não é portanto inaudito.

E agora um mistério. A doutrina social da Igreja sofreu um "aggiornamento" com o Papa João Paulo II através da sua Centésimo Anus, de 1991. Hoje, estranhe-se ou não, digam o que disserem tanto os seus apóstolos como opositores internos, é possível aqui e ali descobrir traços desse pensamento refundido no discurso político deste PSD.

Vejamos. Passos Coelho falou no discurso de ano novo na necessidade de "democratizar a economia". A Centésimo Anus aponta precisamente para uma "oportuna democracia económica através dos corpos intermédios, colaboração e complementaridade entre Estado e Mercado".

O actual PSD defende o chamado "terceiro sector" e a responsabilidade dos cidadãos como alternativa a um Estado Social burocrático e pesado. Eis que a doutrina da Igreja enfatiza, por exemplo, que "o Estado se torna deletério para a

sociedade quando uma intervenção directa excessivamente açambarcadora acaba por desresponsabilizar os cidadãos e produz um crescimento excessivo de aparelhos públicos mais guiados por lógicas burocráticas do que pela preocupação de satisfazer as necessidades das pessoas".

Passos fala numa "economia participativa". Diz-se no pensamento social da Igreja: "O Estado pode instigar os cidadãos e as empresas na promoção do bem comum e pôr em prática uma política económica que favoreça a participação de todos os seus cidadãos nas actividades produtivas".

As coisas são o que são. A par disso, descobrem-se também vestígios de um conservadorismo-liberal quando Passos menciona a importância dos "laços comunitários", da coesão e da confiança. Esta linguagem das instituições, do tecido social e dos vínculos colectivos é tipicamente comunitarista.

Claro que o PSD, um partido de tribos, nunca nos habituou a grandes enlevos ideológicos. Mas, analisando o discurso, é um erro dizer-se que o PSD se tornou um partido "neoliberal", embora se possa certamente dizer que é hoje menos "social-democrata". Aliás, é essa tensão entre o economicismo de Vítor Gaspar e o conservadorismo liberal de Passos que define a identidade e a hesitação ideológica do governo.

Pedro Lomba

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Público-7\_fevereiro-Reportagem\_7\_de\_fevereiro.doc.txt

Reportagem

Mapa judiciário. Ministra promete falar com autarquias que podem perder tribunais

Cabeceiras de Basto acredita que proposta para fechar o novo tribunal é um engano

Edifício do Palácio da Justiça foi inaugurado em 2009 e custou três milhões de euros. Câmara, advogados e população esperam que Governo mude de decisão

O espelho de água junto ao tribunal de Cabeceiras de Basto deu-se ao fio. Cá fora, a temperatura não passa de um grau e a água gelou. No cimo das escadas, a placa metálica não deixa margem para dúvidas: este é um edifício novo. "Inaugurado a 3 de Julho de 2009", lê-se. O Estado investiu três milhões de euros naquele equipamento que alberga outros serviços públicos, mas o Ministério da Justiça (MJ) quer encerrá-lo com a reforma do mapa judicial.

A decisão apanhou toda a gente de surpresa, desde logo o presidente da câmara, Joaquim Barreto. "Vi a notícia nas televisões e achei que se tratava de um engano", confessa o líder da distrital de Braga do PS, que há 18 anos lidera a autarquia. Mas nos dias seguintes percebeu que a decisão era para levar a sério.

Os argumentos do MJ não convencem o autarca, que encontra nos advogados locais total apoio. "Será um enorme desperdício desaproveitar este tribunal", afirma o presidente da delegação local da Ordem dos Advogados, Francisco Castro Fraga.

Num concelho pequeno – 16.710 habitantes – há apenas 14 advogados. Na quinta-feira passada reuniram-se para analisar a proposta do Governo e do encontro saiu uma posição unânime: "Os advogados desaprovam a medida e vão lutar para que o tribunal se mantenha aqui".

No último ano, deram entrada no tribunal local 1505 processos, mas os critérios do Governo avaliam os processos expectáveis após a reorganização do mapa. É isso que justifica que Cabeceiras de Basto tenha 238 processos nas contas do MJ – menos 100 que o tribunal substituto, em Celorico. Mas os advogados locais discordam dos números. "Não estão incluídos processos que deviam estar, como as habilitações, expropriações e incidentes por apenso", diz Castro Fraga. O estudo "peca pela desactualização", porque é feito com números de 2008 a 2010 e não tem em conta a tendência recente, que no último fez disparar os processos para 290, mesmo com os critérios do Governo.

A construção do novo tribunal de Cabeceiras de Basto foi um processo longo, exigido pela população desde 1987. Mas só em 2005 foram abertas as propostas para o concurso de empreitada – lançado quatro anos antes –, tendo a construção começado três anos depois. O tribunal partilha as instalações com os serviços do Registo Civil e as Finanças, mas ocupa quase dois terços da área construída. Quem o utiliza elogia "a qualidade das instalações".

É o caso de António Fraga Carvalho, advogado na comarca. "Poucos tribunais se poderão comparar em todo o país", diz. A sala de audiência tem "acústica excelente", existem salas de tradução simultânea e uma entrada pela cave para os arguidos, com duas celas de espera.

Os processos da comarca de Cabeceiras de Basto vão ser transferidos para o concelho vizinho de Celorico de Basto 20.098 habitantes. A viagem entre os dois tribunais demora pouco mais de meia hora e os primeiros oito quilómetros, até Arco de Baulhe, são feitos numa via nova, que dá acesso também à auto-estrada A7. O problema são as 99 curvas distribuídas pelo 11 km seguintes, até ao cruzamento de Fermil. E ainda faltam uns minutos até termos contabilizado os 25 km que separam as duas vilas. "É para chegar lá enjoado", garante o gerente da pastelaria A Cave, Nuno

Carvalho. Há quatro anos, decidi abrir ali um filial do estabelecimento comercial que detinha já no centro da vila. Sabia que estava projectado para o local o tribunal e o novo centro de saúde também não está longe, o que justificou o investimento. "Esperemos mesmo que não feche. Não é só por causa do negócio, é também pelas pessoas, que não têm transportes para ir a Celorico", comenta. A esperança da população, expressa pelo empresário, é também a do autarca Joaquim Barreto: "Isto é um ensaio. Continuo convencido que há um engano, que há-de desfazer-se a qualquer momento".

Samuel Silva

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-10\_janeiro.Opinião1.10\_de\_jan.doc.txt

Azeite a ferver

Os fantasmas que António Oliveira lançou para a arena mediática são graves e merecem ser investigados. Jornalisticamente e talvez judicialmente. Mas o que me move aqui hoje é a essência para lá da substância: irmão ataca irmão quando o sente mais fraco física e negocialmente. Dói.

Se Joaquim Oliveira cerziu a teia que António agora denuncia, este António foi coautor e dos que mais beneficiaram dela. Se os primeiros investimentos vieram do que ganhava como jogador, depois, durante décadas, António viveu do que a teia caçou, enquanto técnico de futebol e sócio.

Quando, no início da década passada, os irmãos se separaram, António recebeu o que acertaram justo. E terá investido onde e como entendeu. Desde então guardou silêncio, que agora quebra em trovoadas bíblicas. A Joaquim Oliveira nunca ouvi uma palavra depreciativa sobre o irmão mais novo. Profusamente testemunhei a amargura de Joaquim pelo afastamento afetivo de António, para que ia encontrando desculpas de circunstância.

Na ressaca do Mundial de 2002, quando procurei aprofundar as causas da vergonhosa campanha, encontrei em Joaquim um feroz defensor do irmão enquanto selecionador.

Claro que o monopólio de Joaquim Oliveira não é saudável para o futebol português. Claro que este monopólio dá a Joaquim poderes táticos, que poderão ir muito para além das denúncias do seu irmão: se Joaquim Oliveira decide mesmo quem é quem na FPF e Liga; logo, poderá decidir carreiras de árbitros, jogos e o desenrolar de campeonatos. Porém, Joaquim Oliveira é mais um negociador do que um ditador. Pode não ter atribuições para patrão de media, o trajeto do seu grupo de jornais para tal aponta, mas não merece ser credor de tanto ódio fraternal vindo de António. Irmão que deixou financeiramente confortável num amargo virar de página.

Octávio Ribeiro \* do Correio da Manhã

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-10\_janeiro-Entrevista.10\_jan.doc.txt

TELMA MONTEIRO

"Tenho o sonho de ganhar uma medalha em Londres"

Depois de 2011 ter ficado marcado pela eliminação precoce nos Mundiais de Paris, a judoca do Benfica surge em 2012 revitalizada e com vontade de agarrar uma oportunidade que surge apenas de quatro em quatro anos. A poucos meses dos Jogos Olímpicos, a vice-campeã europeia mostra algumas cautelas mas não esconde que o objetivo é um lugar no pódio

RECORD – Agora que estamos em 2012, já sente o pulsar dos Jogos Olímpicos?

TELMA MONTEIRO – Sinto-me motivada, pois este é um ano muito importante. Como não sabemos o que os reserva o futuro, temos de cuidar do presente. Mas está tudo bem, os treinos estão a correr dentro da normalidade. Ainda estou a debelar a leão que tenho no pé e por isso não me encontro a 100 por cento. Mas já consigo treinar-me com o pé ligado e isso é o mais importante.

R – E como tem sido a preparação?

TM – Assim que terminaram os Jogos de 2008 começámos logo um novo ciclo, e tudo é feito nesse sentido. A qualificação olímpica já está praticamente garantida, é quase impossível não me apurar, Aliás, a probabilidade de isso acontecer é muito pequena, pois estou em 6.º no ranking olímpico... Tem tudo corrido muito bem. Nestes últimos quatro anos tive uma ou outra lesão, mas em termos de resultados estive dentro do esperado e consegui manter-me no topo, que era o meu objetivo. Acho que tenho tido bons desempenhos a nível mundial, tenho estado lá em cima. Queria ganhar mais experiência, mais maturidade competitiva e consegui.

R – De que forma o Comité Olímpico de Portugal a tem apoiado? Surgiram problemas com as bolsas de alguns

atletas...

M – Comigo nunca falharam o pagamento da bolsa, sou uma privilegiada, falando de outro tipo de apoios, pontualmente tenho tido um ou outro patrocínio, mas neste momento conto com apenas um. Pode ser que surjam outros, porque se tiver mais apoios será certamente melhor para mim. No entanto, não ganho ou perco por causa disso; os patrocínios simplesmente dão-me mais estabilidade. Trazem responsabilidade, é verdade, mas não sinto que tenha de trabalhar mais por isso. Já me treino bastante, mesmo sem ter esse tipo de ajudas... O que interessa é estar focada nas competições e ganhar medalhas, depois o que vier será bom. Se não aparecer nada, as medalhas continuam a ser o principal objetivo. Treino-me todos os dias a 100 por cento para estar na minha melhor forma. Antes de 2008 tinha mais apoios, não há comparação possível. Mas estamos numa época de crise e o problema estende-se ao desporto, não apenas à saúde ou à educação. Toca a todos e talvez isso se esteja a refletir neste ciclo olímpico, com os atletas a terem muito menos ajudas. Mas temos de fazer sacrifícios, contornar as coisas más e não é por isso que me treino menos, muito pelo contrário. A minha motivação é chegar às medalhas, é para isso que me empenho e treino todos os dias. O dinheiro nunca foi o meu propósito, mas não posso mentir, ele dá estabilidade para nos dedicarmos por inteiro àquilo que fazemos. Nesse sentido, sim, é importante, mas em termos de motivação não conta.

R – Com que objetivo vai partir para a competição olímpica?

TM – Tenho o sonho de ganhar uma medalha em Londres. Mas, para não exaltar muito os ânimos, ficar entre as sete primeiras é o objetivo mínimo, apesar de não ser o que pretendo. Aquilo que quero é alcançar o que ainda não consegui, ou seja, conquistar esta medalha que me falta, sabendo que não sou a única favorita. Por vezes as pessoas têm dificuldades em compreender isso. Ser favorito significa apenas que temos algumas possibilidades de conseguir chegar ao pódio, mas existem quatro medalhas para muitas judocas. Algumas vão cruzar-se comigo nos Jogos Olímpicos e estarão ao meu nível, portanto a tarefa não vai ser fácil. Parece que é muito simples e, quando isso não acontece, fica a ideia que falhou algo que era óbvio... Mas já estou mais madura, tenho duas presenças olímpicas, por isso devo ter mais cuidado quando digo que o objetivo são as medalhas. Estamos a falar nos Jogos Olímpicos, no dia dos combates tenho de dar o máximo, estar muito forte e bastante concentrada. Mesmo que dê o meu melhor, nada me garante que suba ao pódio.

R – O Masters de Almaty [Cazaquistão], já este fim-de-semana, é uma boa forma de começar 2012?

TM – Gostava de subir ao pódio, era importante para mim. No ano passado ganhei e não era favorita... Não apontava para o ouro mas cheguei lá e senti que podia ganhar. Se isso acontecer agora, vou lutar! Não estou tão bem como gostaria, porque perdi cinco semanas de preparação com esta lesão no pé. Mas também não sei como se encontram as minhas adversárias, podem estar mais ou menos fortes. À partida, irei lutar pelo pódio. Há judocas com quem ainda não combati e era importante fazê-lo. Estas competições são uma preparação para os Jogos, onde o ideal seria ganhar tudo. Mas o que eu quero é fazer o máximo de combates com o maior número de adversárias possível, principalmente com aquelas que nunca defrontei.

R – O último ano ficou marcado pela eliminação ao primeiro combate no Mundial de Paris. Foi um dos piores da sua carreira?

TM – Foi apenas um ano menos bom. Tendo em conta que ganho sempre medalhas nos Mundiais, isso foi a única coisa que falhou. Venci um Masters, uma prova onde estão as 16 melhores do Mundo, com uma estrutura idêntica à dos Jogos. Fui vice-campeã europeia e 3.<sup>a</sup> no Grand Slam de Paris. Se o Mundial me tivesse corrido bem, o ano teria sido muito bom. Não foi o que idealizei, pois comecei 2011 a ganhar um Masters. As pessoas estão habituadas a que conquiste medalhas e ficam com a sensação que parece fácil. Quando ganhamos uma vez ou outra, é sensacional, mas quando ganhamos muitas a cor da medalha já começa a ser importante.

R – Praticando a modalidade desde os 14 anos, como é que tem visto a evolução do judo em Portugal?

TM – Em termos de evolução dos atletas já tivemos melhores fases. A minha geração enquanto júnior estava num panorama económico diferente e a situação atual tem influenciado bastante o judo; não há tanto dinheiro para investir nos mais novos. Temos pessoas com valor, mas não há meios para investir nelas.

R – Quando terminar a carreira de judoca, o que pretende fazer?

TM – Gostava de ser treinadora de judo e de ter a minha própria escola. O judo pode ser uma forma de integrar as pessoas na sociedade, pois tem muitos e bons valores que podem e devem ser passados às crianças. Bem orientadas, elas conseguem tirar proveito disso. O judo é para todos.

R – Que opinião tem acerca da atual situação económica e social do país?

TM – Não sei se é defeito ou feitio, mas sou otimista. É claro que não é fácil para uma pessoa que acabou agora a universidade conseguir logo um emprego, mas nós temos capacidade para ultrapassar esta crise. Neste momento temos de estar solidários uns com os outros. Podemos queixar-nos ou podemos agir. Os portugueses navegaram pelo Mundo, conquistaram-no, e se ficámos com este pedaço de terra, foi porque o merecemos. Temos de mostrar ao Mundo que

Portugal não está afundado na crise.

R – Ainda tem de explicar muitas vezes o que é um ippon ou um wazari?

TM – As pessoas que veem os combates sabem que, de um modo geral, o judo consiste em atirar o adversário ao chão, essa é a ideia mais imediata. Mas tenho de explicar que um ippon é quando o adversário cai de costas, que o wazari vale metade de um ippon, e que dois wazaris são um ippon. Mas faz parte, essa é a minha função enquanto figura mais conhecida da modalidade.

Pedro Ponte

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-10\_janeiro-notícia\_1.10jan..doc.txt

## CONTAS APONTAM PARA INCUMPRIMENTO

Défice volta a dar que falar

O primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, diz que tem feito de tudo para assegurar que o Governo vai cumprir as metas orçamentais acordadas com a troika, mas parece que mais uma vez as contas são outras. Segundo uma carta interna do Ministério das Finanças – a que o "Diário de Notícias" teve acesso –, o défice deste ano deverá ser de 5,4 por cento, em vez dos 4,5% estipulados com a troika.

"A execução orçamental de 2012 tomou-se ligeiramente mais difícil", assume o Ministério de Vítor Gaspar, apontando o pagamento de dívidas de hospitais e pensões da banca como os responsáveis pela derrapagem nas contas. Assim, o Governo prevê medidas de austeridade adicionais para atacar o défice.

Crédito em mínimos históricos.

A juntar a estas contas do Governo, que assim deverá voltar a pedir sacrifícios aos portugueses, estão os cálculos da banca, que com medo do incumprimento está a cortar na concessão de empréstimos. Em novembro, os bancos emprestaram 678 milhões de euros às famílias: este é o valor mais baixo de sempre.

Os bancos estão a ser mais exigentes na concessão de empréstimos e para os que já têm crédito à habitação estão a subir os spreads para níveis recorde: antes do início da crise, os spreads rondavam os 1 %, ao passo que agora estes subiram para uma média de 6%, e nalguns casos já chega aos 8%.

Não Assinada

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-10\_janeiro-notícia2.10\_de\_jan..doc.txt

## LIONEL MESSI FOI ELEITO O MELHOR DO MUNDO PELA TERCEIRA VEZ CONSECUTIVA

Hat-trick de ouro

Mudar quem está bem e prima por ser o melhor não faz qualquer sentido, por isso selecionadores, capitães das seleções nacionais e jornalistas de todo o Mundo voltaram a eleger Lionel Messi como o melhor futebolista do Planeta pela 3.<sup>a</sup> vez consecutiva.

Uma coroação perfeitamente justificada pelo ano de 2011 sublime que La Pulga protagonizou. Conquistou 5 títulos – campeonato espanhol, Supertaça de Espanha, Supertaça Europeia, Liga dos Campeões e Mundial de Clubes –, tendo marcado 61 golos, 7 deles em finais onde acabou por levantar uma taça.

Com a 3.<sup>a</sup> Bola de Ouro conquistada de forma consecutiva, Messi, de 24 anos, igualou o feito de Michel Platini (1983, 84 e 85), com a particularidade de que o francês já caminhava para os 30 aquando da derradeira nomeação. Esta foi apenas a 2.<sup>a</sup> edição do prémio neste formato – galardões da "France Football" e da FIFA uniram-se em 2010 – e ainda não se conheceu um vencedor que não fosse o argentino do Barcelona.

Messi recebeu a preferência de 47,8 por cento dos votos, enquanto o segundo classificado, Cristiano Ronaldo, ausente da cerimónia, ficou com quase metade das escolhas do sul-americano (21,6%). Xavi completou o pódio com a marca de 9,23%. A restante percentagem ficou distribuída pelos outros membros da lista dos 23 melhores do Mundo, onde Nani estava incluído.

Compartilhar.

No momento de subir ao palanque para receber a Bola de Ouro das mãos do Ronaldo (o Fenómeno, claro, também ele nomeado três vezes o melhor do Mundo pela FIFA), Messi mostrou-se emocionado por ter sido considerado de novo o melhor e garantiu que o sentimento de felicidade "é exatamente igual ao da primeira vez".

Com o colega Xavi na plateia, o camisola 10 dos blaugrana dirigiu-lhe uma palavra de amizade: "Xavi, tu também o mereces. É a quarta vez que estamos aqui. Vou partilhar este momento também contigo. Quero agradecer a todos os

que votaram em mim, técnicos e companheiros, e aos meus colegas de equipa no Barcelona e na seleção argentina." Falta agora uma bola de Ouro para Messi ser o mais titulado de sempre e superar os míticos neste particular. A ambição da Pulga é saltar mais alto no próximo ano.

João Picanço

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-10\_janeiro-reportagem.10\_de\_jan.doc.txt

Delonte West barrado na Casa Branca

Tal como acontece no início de cada ano, os campeões da NBA foram convidados a visitar a Casa Branca, pelo que ontem foi a vez de os Dallas Mavericks cumprirem a tradição. Só que, desta vez, nem todos os elementos da equipa tiveram o privilégio de entrar nos aposentos do presidente Barack Obama: Delonte West foi "barrado".

Costuma dizer-se que o passado volta sempre para assombrar os malfeitores e, no caso do base de 28 anos, foi isso mesmo que aconteceu. A exclusão da lista de convidados deveu-se ao facto de ter cadastro... "Isto é o que sucede quando se tomam decisões erradas na vida", admitiu Delonte West.

"Bad boy". O episódio que valeu registo criminal remonta a 2009 e é digno de filme: qual Antonio Banderas em "Desperado", West foi detido por ter duas pistolas e uma espingarda escondidas... numa guitarra.

E o percurso problemático do jogador, que trocou este ano os Celtics pelos Mavs, não fica por aqui. Por ter conseguido esgotar toda a fortuna que reuniu em sete anos na NBA, West viu-se obrigado a trabalhar numa empresa de eletrodomésticos durante o lockout que atrasou esta temporada. Além disso, o rótulo de "bad boy" condenou-o a viver no seu carro, já que nenhum senhorio em Dallas se atreve a alugar-lhe um apartamento.

Apesar desta conjuntura, Delonte West aparenta estar de bem com a vida e mostrou-se pouco incomodado pela impossibilidade de conhecer Barack Obama, brincando, inclusivamente, com a situação: "É uma lástima que o presidente não tenha a oportunidade de me conhecer. Sou o presidente da minha casa!"

M.A.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-10\_janeiro-crónica.10\_jan.doc.txt

Estupidez real

Os adeptos do Real são, afinal, iguais aos outros. Tanto honram a memória dos que deixaram em Madrid sangue e suor como se podem esquecer depressa de quem lhes proporciona momentos de glória.

A Cristiano Ronaldo não perdoaram que voltasse a falhar num jogo contra o Barcelona, em particular naquele que os de Guardiola foram vencer ao Bernabéu, há poucas semanas. E fingem não recordar que o último título conquistado pelos merengues, a Taça do Rei, tenha sido obtido após vitória, na final, sobre o Barça, graças a um grande remate de cabeça do CR7.

Como também não lhes interessa agora que Cristiano some mais golos marcados esta época – 39 em 39 jogos, 21 em 17 partidas da Liga... – em comparação com a temporada passada e que tenha conseguido nada menos de 60 (!) em 2011. Terá falhado ao longo do ano mais de 200 golos? É provável, mas isso só acontece porque tenta muitas vezes e muitas vezes marca.

Não o compreender e assobiá-lo mal toca na bola é meio caminho andado para o "devolver" a Manchester. E com isso pouco ou nada perderá Cristiano e tudo perderá o Real...

Alexandre Pais

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-10\_janeiro-Opinião2.10\_de\_jan..doc.txt

O PODER AVASSALADOR DA INDUSTRIA DA COMUNICAÇÃO EM NADA DIFERIRIA DO JOGO DE CADEIRAS DE UMA LOJA MAÇÓNICA

De avental

Com a decadente classe política em pânico pelas revelações do tráfico de influências no seio de ridículas organizações secretas, a confirmação da importância do lóbi que controla o futebol há mais de 20 anos, pela voz de um dos protagonistas, foi apenas uma coincidência. Os portugueses há muito se habituaram aos critérios de seleção, promoção e apadrinhamento, num país que inventou o provérbio secular de que mais vale cair em graça do que ser engraçado.

António Oliveira não fez qualquer revelação, apesar do espanto de algumas virgens. Limitou-se a confirmar com 20 anos de atraso o que alguns denunciaram insistentemente no tempo devido, em particular neste jornal, malhando a sua coragem em indignos processos judiciais em que figuraram como réus da defesa da verdade.

Dirigentes, treinadores, jogadores e, até, jornalistas convivem há muito com a espiral de dependência que sustenta o sistema – o famoso nome próprio desta extraordinária família. Ser escolhido ou sentir a injustiça do ostracismo, estar na berra ou passar à marginalidade são as consequências evidentes do "modus operandi" a que se referiu o ex-devoto do S. Martinho de Penafiel.

Sob o lema "quem não está por nós é contra nós", este poder avassalador da indústria da comunicação e do espetáculo futebolístico em nada diferiria do jogo de cadeiras de uma loja maçónica, se os aspirantes também usassem um aventalzinho bordado. Mas quando alguém procura resposta para determinados enigmas, carreiras fulgurantes, sucessos improváveis, milagres de competência, não é difícil descobrir de quem é a mão que segura a ponta da meada. Noutra contexto e uns bons milhões de euros antes da epifania de sábado à noite, tinha a mesma figura reclamado ao país uma estátua para aquele santo, pela capacidade benemerente de manter vivos vários clubes moribundas que só chegaram ao século 21 porque os direitos de televisão lhes foram generosamente pagos antecipadamente, em troca de participações e controlo societário, desafiando os preceitos da FIFA e do Fair Play.

Tudo isto é conhecido há anos e historiado nos momentos oportunos, mas apenas resultou no afastamento de muita gente de bem do associativismo desportivo, a que António Oliveira agora se junta de barão ao pescoço. Desse tempo de denúncias improficuas e batalhas quixotescas subsistiu a crença popular numa "máfia" virtual que está sempre por detrás das derrotas, mas à qual também muitos se comprazem em vangloriar os poderes quando os resultados são positivos.

Colocar um irmão a selecionador nacional ou um amigo a ministro é privilégio de poder, eventualmente abusador da coisa pública e do interesse social, mas não é crime. Criminoso é tirar da boca, da própria e dos filhos, para comprar a ilusão efémera de uma vitória limpa sobre a relva. Criminoso é assistir impávido e resignado ao tráfico de benesses entre a casta dos eleitos. E concluir que não há nada a fazer: com avental à cinta ou charuto nas beíças, este país e este futebol não precisam que lhes digam quem são os donos.

João Querido Manha

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-14\_fevereiro-crónica.14\_de\_fevereiro.doc.txt

NEM TRIPLA SUBSTITUIÇÃO DE PEDRO EMANUEL EVITA INSPIRAÇÃO GILISTA

Eles não vão ao Jamor mas também brilham

Menos de uma semana depois de ter garantido a presença no Jamor, a Académica tinha uma missão espinhosa pela frente, a de provar que o bom percurso na Taça de Portugal teria reflexos evidentes na luta por um campeonato tranquilo. No entanto, os estudantes tinham pela frente um Gil Vicente tão ou mais motivado, que eliminara o Sporting da Taça da Liga e complicara as contas dos dragões na luta pelo título de campeão.

Em Coimbra, os gilistas foram os primeiros e os últimos a aproveitar melhor a onda de entusiasmo pelas conquistas mais recentes e quase tudo lhes correu bem, consumando o assalto ao 7.º lugar da Liga, ultrapassando a Briosa que estava a um ponto de distância.

O ritmo baixo do início do jogo não fazia antever muitos lances de perigo em ambas as balizas, mas a eficácia minhota fez nessa altura a diferença, com o central goleador Cláudio a aproveitar a passividade dos estudantes, na sequência de um livre bem medido de Pedro Moreira.

Três em um. A Académica acusou o golo e demorou a reagir. Pedro Emanuel não estava a ver a mesma equipa que poucos dias antes demonstrara grande atitude na 2.ª mão da meia-final da Taça. Olhou para o banco e para os jogadores que estavam a aquecer e optou não por uma ou duas mudanças, mas pela revolução. A 10 minutos do intervalo, o treinador da Briosa esgotava as alterações, com uma tripla substituição, algo inédito na memória mais recente do futebol português. Os reforços Edinho e David Simão juntavam-se a Danilo, mas, à exceção do primeiro, não imprimiram a dinâmica necessária e não chegaram para desmontar um Gil Vicente tão organizado e confiante. A 2.ª parte mostrou isso mesmo, com a Académica a ameaçar o empate (ora porque Edinho e Diogo Valente não estavam inspirados, ora porque Adriano não deixou), mas com os homens de Barcelos, com espaço para atacar, sempre à procura do golo que pudesse fechar as contas do jogo. Hugo Vieira ameaçou aos 61' – atirou ao poste –, mas não perdeu a 12 minutos do apito final, no lance mais bonito do jogo.

O Gil Vicente não logrou chegar à final da Taça de Portugal, mas ontem mereceu muito mais aplausos do que os mais recentes heróis do Jamor.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-14\_fevereiro-reportagem.\_14\_de\_fevereiro.doc.txt

## COUCEIRO EXPLICA QUE O CONJUNTO DE LESTE FUNDAMENTA O SEU SISTEMA NAS TRANSIÇÕES

"Zenit em desvantagem porque Danny é influente"

José Couceiro, treinador do Lokomotiv Moscovo, considera que a ausência de Danny da eliminatória do com o Benfica, devido a lesão, é uma contrariedade para o Zenit S. Petersburgo. O ex-treinador do Sporting explica que o internacional português é "fundamental" no processo de jogo do adversário dos encarnados, nos oitavos-de-final da Liga dos Campeões.

"O Zenit tem mais uma desvantagem, por causa da lesão de Danny. Trata-se de um jogador muito influente", sublinha Couceiro, em declarações a Record, acrescentando: "Nestes jogos, o Zenit é uma equipa essencialmente vocacionada para as transições e o Danny é elemento fundamental neste processo."

O técnico português, de 49 anos, realça, no entanto, que o Zenit "é a equipa mais bem preparada do campeonato russo". E está convicto de que o treinador saberá encontrar solução para colmatar a ausência de Danny, que se lesionou no último encontro de preparação do conjunto orientado por Luciano Spalletti, graças aos "bons jogadores" que possui, sem alterar a forma de jogar.

Couceiro, que no verão passado assinou pelo emblema moscovita, depois de ter deixado Alvalade, refere que os portugueses "não viram o melhor Zenit", quando os russos jogaram no Porto, na última jornada da fase de grupos da Champions, uma vez que a equipa estava "desfalcada e enfraquecida".

Com o regresso da prova milionária, o responsável pelo Lokomotiv, que estagiou no Algarve, lembra que os clubes russos estão "sem competir desde dezembro". "São mais de dois meses sem jogos e este é um 'handicap' muito grande, em contraponto com o Benfica, que está em plena competição." O Zenit, depois de receber o Benfica, só volta a jogar a 3 de março, visitando o CSKA Moscovo, na 33.ª jornada do campeonato daquele país – a 32.ª realizou-se a 27 de novembro.

Pista de hóquei. Outra condicionante que Couceiro destaca tem a ver com as condições climatéricas, que poderão prejudicar o relvado do Estádio Petrovsky, onde jogará o Benfica. O Lokomotiv, por exemplo, tem de receber o At. Bilbao, na Liga Europa, no Estádio Luzhnik, cujo piso é sintético, e não no seu recinto.

Na Rússia, o frio tem sido intenso e, à hora do jogo entre o Zenit e o Benfica, são esperados entre 14 e 19 graus negativos. Ainda assim, apesar de os responsáveis do clube de S. Petersburgo terem equacionado outros estádios, o encontro, a realizar-se, será mesmo no Petrovsky. "A questão não tem a ver com as temperaturas. O frio não é o principal problema, mas as condições do relvado, que pode ter gelo ou neve. Pode não estar praticável, transformando o jogo numa partida de hóquei", sugere.

Avaliando prós e contras, Couceiro é da opinião de que o Benfica "está mais do que avisado" e considera ser uma vantagem" para as águias jogarem fora na 1.ª mão. "O primeiro jogo será decisivo", sustenta, considerando: "O Benfica tem jogado bem e mostrado futebol ofensivo. Tem feito golos e possui capacidade para marcar em qualquer campo." Anda assim, recusa dizer onde pode chegar a formação de Jesus: "Tem de pensar neste adversário e, se passar, no seguinte."

Nuno Martins \* S. Petesburgo \* Rússia

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-14\_fevereiro-entrevista.14\_de\_fevereiro.doc.txt

"A TV tem um cantinho especial no meu coração"

Começou nos "Morangos com açúcar" aos 15 anos e agora está nomeada para o prémio de Melhor Atriz da Sociedade Portuguesa de Atores (SPA), com a peça "Purga". No próximo dia 27 sabe se ganhou e, entretanto, prepara-se para a nova novela da SIC, "Dancin' days"

RECORD – Tem 23 anos, 8 de carreira e uma nomeação para um prémio SPA. Ainda tem muitos objetivos por alcançar?

ANA GUIOMAR – Ainda não fiz nada. A nível de televisão tenho feito bons projetos, tenho tido alguma sorte com as personagens que me têm calhado e tenho uma carreira bastante feliz. Mas a nível de teatro e de cinema tenho muito que fazer e muito que aprender. Esta foi a minha primeira peça ["Purga"] e, felizmente, correu bem.

R – Esperava a nomeação?

AG – Não estava nada à espera. Sabia que existiam os prémios da SPA, claro, mas, para mim, era mesmo impossível. E depois tenho aquela coisa de: "Eu vim dos 'Morangos', se calhar nunca vou chegar a um prémio destes."

R – Gosta mais de fazer televisão, teatro ou cinema?

AG – Em cinema tenho pouca experiência, só mesmo em curtas-metragens. Entre teatro e televisão é muito difícil escolher. Ao contrário da maioria dos atores não comecei pelo teatro e fui logo para uma coisa chamada "Morangos com açúcar", em que o ritmo de gravações é frenético. É impossível dizer que o teatro é mais interessante do que a TV ou vice-versa. Mas a televisão tem um cantinho muito especial no meu coração.

R – O papel na nova novela "Dancin' days" é muito diferente do que tem feito?

AG – Todos são diferentes, agora vamos ver se o meu trabalho consegue dar resposta ao que me é proposto. Ainda não tive acesso a nada desta nova personagem, apenas à sinopse.

R – Alguma vez pensou numa carreira internacional?

AG – Claro que já pensei, mas anda tenho muito que aprender aqui e sinto-me bem cá. Estou a fazer um percurso bastante feliz. Mas se me convidassem para ir fazer uma coisa e não for "às cegas", dizia já que sim.

Não Assinada

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-14\_fevereiro-notícia1.\_14\_de\_fevereiro.doc.txt

JAVIER MARTI SUPERA N.º 2 NACIONAL EM DOIS SETS NO BRASIL

Prodígio espanhol bate Frederico Gil

Em Espanha não se cansam de fazer elogios a Javier Marti, 20 anos, chegando a apontar este jovem madrileno como o sucessor de Rafael Nadal. E, pelos vistos, apesar de poder haver algum exagero, a verdade é que Marti deu logo nas vistas na 1 ronda do quadro principal do Brasil Open, ao derrotar o português Frederico Gil, de 26 anos, por 6-2 e 6-4. Marti não era um adversário desconhecido de Gil, pois até tinham-se treinado juntos, em Alicante, na pré-temporada e combinado nova sessão no Brasil. "Não é um espanhol típico, tem melhor esquerda que direi ta, presença no campo e serviu bem. Ainda é jovem e vai melhorar ainda mais", comentou Gil sobre o n.º 184 mundial, vencedor de um Future, em Espinho, em 2010.

Gil, 87.º do ranking ATP, disse que os campos estavam lentos, o que o levou a cometer mais erros. "Devia ter jogado mais alto. Senti a pancada de esquerda um pouco presa e, na direita, falhei mais do que devia", frisou.

Na jornada de hoje entra em ação o n.º 1 nacional (78.º) Rui Machado, de 27 anos, que vai medir forças com o qualifíer espanhol Ruben Ramirez Hidalgo (128.º), de 34.

Wozniacki. Entretanto, a dinamarquesa Caroline Wozniacki, de 21 anos e n.º 4 do Mundo, admitiu que se sente menos pressionada por ter cedido a liderança do ranking para Victoria Azarenka. "Agora não me perguntam em todas as conferências de imprensa quando vou ganhar um torneio do Grand Slam."

Norberto Santos

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-14\_fevereiro-notícia2.\_14\_de\_fevereiro.doc.txt

EM CAUSA ESTÃO OS EFEITOS DA AUSTERIDADE

Cavaco mostra "apreensão"

Portugal está comprometido com o programa da troika, mas os efeitos da austeridade deixam Cavaco Silva apreensivo. E esse o sentimento demonstrado pelo Presidente da República em relação ao futuro do país, numa entrevista ao diário austríaco "Die Presse".

"O Governo esforça-se por satisfazer todas as exigências. Só nos anos 2011 e 2012, o défice estrutural do Orçamento diminuirá 9 pontos percentuais", sublinha o Chefe de Estado, que insiste que, ao contrário da Grécia, Portugal está a implementar o programa de estabilidade "a 100 por cento".

Abordado com a possibilidade de as medidas de austeridade serem suficientes para chegar ao crescimento, Cavaco Silva salienta que o nosso país está também a promover reformas estruturais, como a levada a cabo no mercado de trabalho. Contudo, reconhece que os efeitos do programa de austeridade lhe causam "apreensão", já que o Executivo calcula que o desempenho económico diminuirá 3% este ano e que só em 2013 a economia deverá voltar a crescer. Em queda. As palavras de Cavaco Silva são confirmadas pelos mais recentes dados da OCDE, que apontam para uma queda na atividade económica portuguesa nos próximos meses. Não seguimos assim a tendência europeia, já que a organização aponta para uma melhoria do comportamento na Zona Euro.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-14\_fevereiro-opinião\_1.\_14\_de\_fevereiro.doc.txt

Efeito especial

O Real Madrid joga, tritura, goleia. Faz uma pausa, perde ou empata com o Barcelona, e começa tudo de novo: joga, goleia, tritura. José Mourinho dizia no final de dezembro que em qualquer outra Liga o seu Real seria campeão com toda a facilidade. Só ainda não tinha sido em Espanha porque ali existia o Barça. Acontece que o paradigma mudou. E mudou porque Mourinho foi capaz de mudá-lo, estando cada vez mais perto de cometer uma proeza que ainda por cima será acompanhada por registo estatístico para ficar na história durante muitos anos: mais golos, mais vitórias, mais tudo. Ora, convém lembrar as palavras do treinador português no dia em que chegou ao Santiago Bernabéu:

"Mais bonito do que estar no Real Madrid é vencer pelo Real Madrid." Já falta pouco.

O mais extraordinário é que Mourinho vai interromper o ciclo dominante do Barcelona (10 pontos chegam e sobram) depois de ter travado mais batalhas do que àquelas que seriam necessárias. Teve de livrar-se do seu próprio diretor-geral (Jorge Valdano), foi obrigado a suportar os assobios dos próprios adeptos e soube ultrapassar desentendimentos com pesos-pesados do seu próprio plantel (Casillas e Sergio Ramos). Tudo isto para além de continuar a travar uma guerra (interminável?) com a imprensa de Madrid. É preciso ter muita competência e muito estofos para conseguir sair vivo de tanto combate. E ele sai sempre.

Até agora, o Barcelona de Guardiola disputou 16 títulos. Só não venceu três: duas Taças do Rei (uma para o Sevilla de Jimenez, outra para o Real Madrid de Mourinho) e uma Champions (para o Inter... de Mourinho). Se quisermos considerar que este campeonato está resolvido, podemos atualizar a contabilidade: em 17 títulos, o Barça perdeu quatro. E três foram para Mou. É também por isto que na Catalunha nem podem ouvir falar nele.

Nuno Farinha \* diretor-adjunto

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-14\_fevereiro-Opinião2.\_14\_de\_fevereiro.doc.txt

ESTA FUGA PARA A FRENTE REPRESENTA MAIS UM EPISÓDIO PRÓPRIO DA DESCULPABILIZAÇÃO HABITUAL DAS ELITES LEONINAS

Paciência

A demissão de Domingos pode ser um erro colossal para a vida do Sporting. Mais um. Confessa um erro de gestão, destrói a ideia de um projeto em construção, dilui o crescimento do entusiasmo, desmonta o álibi das culpas de terceiros e hipoteca a confiança num rumo sufragado há menos de um ano.

Alegando o incumprimento de objetivos para a crueldade de impedir Domingos de estar na final da Taça de Portugal, a direção do Sporting transmite uma imagem de descontrolo, que faz vacilar não apenas os jogadores, mas em particular os adeptos e investidores, não obstante o efeito psicológico que a ascensão de um ícone do perigoso mundo das claques causará nos primeiros tempos.

Esta fuga para a frente representa mais um episódio próprio da desculpabilização habitual das elites leoninas, que sempre as conduz para longe da realidade e lhes aumenta a frustração para limites insuportáveis. Afastar um treinador competente já não devia ser opção, quando se vê onde estão hoje Paulo Bento, Carlos Carvalhal, Paulo Sérgio ou José Couceiro.

Domingos entrou no Sporting com uma carteira de 20 milhões em jogadores, para concorrer num quadro competitivo muito adverso, com adversários muito mais avançados do que os sportinguistas conseguem admitir. A aposta num baralho próprio das brincadeiras do Championship Manager legitimou, inclusive, a suspensão da prioritária linha de abastecimento da academia, sem que fosse completamente assumida o evidente desvio da política de formação, deixando o espírito leonino de orgulho na matriz a vogar no limbo, revoltado, mas amordaçado, sobre uma panóplia de nomes, línguas, currículos, promessas, experiências e óbvias sobrevalorizações.

O que Domingos estava a realizar, de acordo com o que parecia ser o projeto da nova direção, apontaria para uma aproximação às três equipas que nas últimas três temporadas se tinham distanciado dramaticamente. O plantel necessitaria de alguns ajustamentos, mas havia uma evolução em curso em parâmetros aceitáveis.

Apesar da série de maus resultados, há sectores a funcionar muito pior na retaguarda da equipa de futebol que, ao contrário, em zonas que nada melhoraram desde os tempos de Paulo Bento: estratégia, comunicação e liderança. Pelo contrário, a estratégia revela-se cada dia mais confusa, a comunicação é babilónica e a liderança não resiste a uma

gritaria na Portela.

Não havendo qualquer evolução desportiva no horizonte, a reorganização do plantel não deixará de custar mais uma pequena revolução, tamanha é a distância ideológica entre o treinador que sai e o que entra. Numa analogia à entrada de Paulo Bento, cujo sucesso se pretende agora reeditar com Sá Pinto, podemos esperar uma nova sangria, tentando corrigir alguns dos erros de casting cometidos na ânsia de causar impacto entre os adeptos: o atual selecionador nacional dispensou 18 e contratou ou promoveu da academia outros 13 nos primeiros seis meses de função. Sem dinheiro e vindo de onde vem, seria normal que Sá Pinto também se virasse, de novo, para o alfobre de Alcochete. Valores como Cedric, Adrien, Wilson Eduardo ou Nuno Reis representam mais esperança no futuro, mas não garantem títulos. Haverá paciência?

João Querido Manha

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-17\_janeiro-Crónica.\_17\_de\_janeiro.doc.txt

Entre o mimo e a exigência

Chegado à liderança e conseguindo a quarta goleada consecutiva, o Benfica precisa de fazer tudo bem para não perder terreno para o FC Porto. A jogar bom futebol e a materializar em golos o que produz no terreno, a equipa tem agora de ser devidamente embalada por técnico e dirigentes para que esta onda ganhadora não se perca por erros de casting. A promessa de aumento de Cardozo a meio da época é uma medida que se insere numa política de mimo das principais peças do puzzle encarnado. Amado por um e odiado por outros, Tacuara é um jogador que divide opiniões mas a quem os números traduzem a utilidade. Marca golos e concretiza vitórias. E isso é tão vital no futebol de hoje como era no de ontem, mas talvez ainda mais raro. Por isso percebe-se a atitude presidencial, por muito que vá contra a crise instalada e o discurso interno e externo de poupança. Há momentos em que é preciso entender a importância de investir sob pena de se matar a galinha dos ovos de ouro. Este é um desses momentos. Como não deixar sair Aimar ou Saviola para a Argentina.

Em Alvalade vivem-se momentos bem diferentes. Uma equipa de altos e baixos que já deixou adeptos à beira de um ataque de nervos, conseguiu recompor-se e encantar para agora colocar novamente em dúvida tudo o que de bom exibiu. Sendo chavão, a frase no meio está a virtude não andarão longe da verdade neste caso. O verdadeiro Sporting não é o de início de época, ou o das reviravoltas e cavalgadas avassaladoras, nem o do momento. Falta equilíbrio a um leão em construção. Um problema que só Domingos pode resolver.

Sim, o técnico ainda não tem à disposição um plantel tão rico como Benfica e FC Porto, mas ainda assim teve direito a um investimento respeitável e que nenhum antecessor conheceu. Percebe-se que o Sporting pode jogar mais e que tem jogadores capazes de fazerem a diferença, mas há outros ainda aquém do desejado, tanto nomes do passado como chegados esta época. O discurso de maior exigência aplicado por Domingos parece correto, mas erros de casting como Renato Neto não ajudam ninguém a ganhar balneários.

Bernardo Ribeiro \* subdirector

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-17\_janeiro-Entrevista.\_17\_de\_janeiro.doc.txt

"Sempre me agradou bastante escrever"

RECORD – Vai lançar em breve mais um livro infantil?

DIANA PEREIRA – Tenho mais dois livros que vão sair. Já fiz três. E tudo dentro da mesma coleção. O primeiro foi sobre as cores primárias, o segundo sobre as vogais, fiz ainda um sobre prevenção rodoviária e este vai ser sobre as formas geométricas.

R – Quando vai ser lançado?

DP – Este mês ou fevereiro.

R – Esta vontade de escrever para um público infantil surgiu quando foi mãe?

AR – Influenciou, mas sempre fui daquelas crianças da escola que escrevia composições de 30 páginas. Nunca pensei que um dia queria ser escritora. Sempre me agradou bastante escrever. Quando fui mãe tinha uma certa dificuldade em comprar livros, porque às vezes tinha uma história gira ou livros didáticos, mas eram só isso.

R – Optou então por ensinar a contar histórias.

DP – Com a facilidade com que eles aprendem os nomes das personagens decidi contar uma história no primeiro livro, "Carrossel das cores", em que ensino as cores primárias e falo do bom que é vivermos todas as raças de cores

diferentes. No segundo, "Livro das vogais" falo de um problema: obesidade infantil. O terceiro foi sobre a prevenção rodoviária que é o "Tiaguinho conduz em segurança".

R – E já há mais na calha...

DP – Será lá mais para o meio do ano e tem a ver com os números.

R – Os filhos Mel e Noah ouvem as histórias?

DP – Ouvem e gostam.

R – E o seu irmão faz as ilustrações.

DP – Sim, nós fazemos um trabalho em conjunto.

R – E no desporto, como é quando assiste às corridas do Tiago Monteiro? Sofre muito?

DP – Sou muito calma Só quando ele está a lutar pelos três primeiros lugares fico mais ansiosa. Vejo que existe luta, eles estão muito perto um dos outros pode acontecer alguma coisa podem bater e ele ficar em último e acabou.

Não Assinada

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-17\_janeiro-notícia\_1.\_17\_de\_janeiro.doc.txt

## BOA ATITUDE DE MARIA JOÃO KOEHLER NO QUADRO PRINCIPAL DE UM TORNEIO DO GRANDE SLAM

Mamã Clijsters incentiva campeã portuguesa

Maria João Koehler deu indicações precisas que não se intimida perante as melhores do Mundo e até mostrou que num particular golpe, o de serviço, se situa num patamar elevado. A derrota face à belga Kim Clijsters (14.<sup>a</sup> esta semana e que defende o título), por 5-7e 1 -6, em 68 minutos representa um sinal de confiança para outros voos da campeã portuguesa, que aos 19 anos ocupa a 223.a posição.

Muito naturalmente o ténis da belga, 28 anos, e mãe de uma criança que em fevereiro vai completar 4 anos, prevaleceu no 2.º set (apenas 26 minutos), mas o que se pode reter da estreia da esquadra do Clube de Ténis do Porto no quadro principal de um torneio do Grand Slam é um sinal bem positivo. Recorde-se que Koehler perdeu em 2011 na 1.<sup>a</sup> ronda de qualificação no US Open.

O técnico Nuno Marques teceu, deste vez, rasgados elogios. "A atitude da Maria João Koehler foi muito boa perante uma das melhores jogadoras do Mundo. Demonstrou ter um bom nível de ténis e sei que ainda poderá melhorar. Do ponto de vista físico, a Koehler pode dar um salto em frente", referiu o treinador.

Marques, 41 anos, sabe o potencial de Koehler e considera ser realista pensar na melhoria da sua posição no ranking. "Primeiro há que cimentar um lugar entre as 150 melhores para depois abordar o top 100, que acho ser possível", frisou aquele que foi o primeiro tenista português a ingressar no clube centenário em 1995.

"Também fiquei sensibilizado com as palavras que a Maria João Koehler recebeu da Clijsters quando no balneário a belga lhe disse que tinha jogado bem e havia uma boa margem de progresso", assinala Marques. Clijsters diria mais tarde na conferência de imprensa: "Tive algumas dificuldades em ler o serviço da minha adversária."

Koehler segue de Melbourne para França, onde tentará jogar no sábado a fase de qualificação de um torneio em piso rápido.

Norberto Santos

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-17\_janeiro-notícia\_2.17\_de\_janeiro.doc.txt

## FORA DA PROPOSTA FICOU TRABALHO EXTRA

Maratona para tentar acordo

Governo, patrões e sindicatos reuniram-se ontem em sede de concertação social para discutir as propostas do Executivo para alterar as leis laborais. A CGTP abandonou a reunião três horas após o seu início, com o seu líder, Carvalho da Silva, a considerar que o documento em negociação representa o maior retrocesso das últimas décadas. A maratona negocial continuou entre o Executivo, a UGT e os representantes dos patrões, já sem a proposta do aumento do horário de trabalho em meia hora por dia em cima da mesa.

Uma longa reunião para tentar alcançar um acordo tripartido, que fontes das negociações davam como "quase certo", porém até à hora de fecho desta edição ainda não havia confirmação.

As propostas do Governo passam pelo corte nos dias de férias e por mudanças na atribuição do subsídio de desemprego, nos despedimentos e nas indemnizações. Quanto a este último ponto, o Executivo prevê que as novas

regras para as indemnizações por cessação do contrato de trabalho só sejam aplicadas na totalidade aos contratos celebrados depois de novembro. O Governo pretende ainda que a possibilidade de as empresas encerrarem junto aos feriadados, descontando a "ponte" nas férias dos trabalhadores, vigore em 2012 e 2013. As alterações ao subsídio de desemprego, que foram conhecidas no fim-de-semana, também estiveram em cima da mesa.

Não Assinada

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-17\_janeiro-reportagem.17\_de\_janeiro.doc.txt

## PELA PRIMEIRA VEZ DOIS GRANDES CONCLUÍRAM A PRIMEIRA VOLTA DA LIGA SEM SOFRER QUALQUER DERROTA

Rivais siameses

Jorge Jesus e Vítor Pereira costumam divergir nas opiniões e até alimentar divisões clubísticas, mas agora estão unidos num recorde. Benfica e FC Porto concluíram a primeira volta da liga sem perder, algo que nunca tinha acontecido em simultâneo a dois grandes, na história do campeonato português.

A invencibilidade portista dura desde a época 2009/10. Um trajeto de sucesso que é transversal a três treinadores – Jesualdo Ferreira, André Villas-Boas e Vítor Pereira – e que resulta em 54 jogos sem conhecer a derrota. Já é o melhor registo histórico do FC Porto e ameaça seriamente o recorde nacional, na posse do Benfica (56 jogos) de John Mortimore, estabelecido em 1978.

Já os encarnados não terminavam uma primeira volta do campeonato sem perder desde 1983/84, época em que, sob o comando do sueco Sven-Goran Eriksson, somaram 14 vitórias e 1 empate. Na época passada, a invencibilidade garantiu o título ao FC Porto, mas a Mortimore de nada valeu, já que foram os azuis e brancos a sagrarem-se campeões.

Apesar de unidos na invencibilidade, como dois irmãos siameses, Benfica e FC Porto têm um empate a separá-los. Dois pontos que fazem toda a diferença e que permitem aos encarnados arrancar para a segunda volta do campeonato como líderes isolados, algo que não acontecia desde 1993/94.

Tradição. Há 18 anos, com Toni como treinador, o Benfica concluiu a primeira metade da prova, com 3 pontos de vantagem sobre o Sporting, e festejou o título com 2 de avanço sobre o FC Porto.

Aliás, dizem os números que o clube que completa a 1.ª volta do campeonato no 1.º lugar com vantagem pontual pode bem encomendar as faixas de campeão.

Precisamos de recuar 11 anos para encontrarmos a exceção. Na jornada 17 de 1999/2000, o FC Porto liderava com 40 pontos, mas o Sporting, que nessa altura contabilizava 37, conseguiu chegar à meta em 1.º lugar, celebrando o fim de um jejum de 18 anos sem um título de campeão nacional.

Em 2009/10, o Benfica evitou o pentacampeonato do FC Porto, depois de o Sp. Braga ter fechado a 1.ª volta na liderança, mas, então, os arsenalistas tinham os mesmos pontos das águias. O mesmo aconteceu em 2004/05, quando o FC Porto completou a primeira metade no comando (com os mesmos 31 pontos de Sporting e Benfica) e viu o Benfica festejar o título. Quer isto dizer, que, se a tradição imperar, Jesus pode começar a encomendar as faixas.

Luz que ilumina. Neste caminho glorioso, Jesus conta também com a ajuda da Luz. O Benfica é a única equipa que ainda não cedeu qualquer ponto em casa, enquanto o FC Porto já registou um empate, precisamente frente ao rival encarnado. O Sp. Braga confirmou frente ao Sporting a solidez da Pedreira e completa este trio de equipas sem derrotas caseiras, disputadas 15 jornadas. Em 7 jogos, os arsenalistas só deixaram um adversário abandonar o Axa com 2 pontos. Quem? A resposta escreve-se de novo a vermelho.

Aurélio de Macedo

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-17\_janeiro-Opinião\_1.17\_de\_janeiro.doc.txt

Urge estabilidade

As equipas de futebol são das unidades produtivas em que a estabilidade é um bem mais decisivo. Entenda-se por estabilidade não o temor da novidade, ou imobilismo burocrata, mas sim a necessidade de operar as mudanças de forma faseada, pré-testada, entendida como bondosa pelos agentes finais. Quando os jogadores ouvem os nomes que formam a equipa titular precisam de acreditar na fórmula proposta. Precisam de entender o critério do líder técnico. Precisam de sentir justiça e razão para. Não arbitrariedade.

Nos últimos dois jogos, o Sporting perdeu cinco pontos com adversários diretos. Frente ao FC Porto, jogou de início

um jovem chamado Renato Neto. Em Braga nem sequer se equipou. Carriço era indiscutível quando se lesionou, em Braga não saiu do banco. Polga comete um erro após excelentes exibições e sai logo da equipa, Rodriguez entra sem ritmo, num ambiente hostil – não foi este jogador que estava lesionado para o Sporting e jogou pela sua seleção? Um recém-chegado Seba entra logo a titular sem ritmo nem partilha de terrenos.

Domingos queixa-se das lesões e tem toda a razão. O plantel é curto quando procuramos qualidade. Mas com um plantel ainda sem grandes soluções é ainda mais necessário o respeito pelo valor da estabilidade. Mudar peça por peça, com muita cautela, é o que se pede a Domingos na sua árdua tarefa de relojoaria, num Sporting que consegue fazer coexistir titulares indiscutíveis com qualidade rolex, como Matias Fernandez, Rui Patrício, Elias; ou, no outro extremo, um vistoso Onyewu de pechisbeque.

Este Sporting, sejamos justos, é muito melhor e mais empolgante do que o da época passada. Assim não comece a descrer demasiado de si próprio. E recupere a necessária estabilidade. Este é o primeiro ano de um novo projeto.

Vencer a Taça de Portugal será o melhor sinal para o futuro.

Octávio Ribeiro

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-17\_janeiro-Opinião\_2.\_17\_de\_janeiro.doc.txt

A DECISÃO DE REDUZIR AS LIGAS A 16 CLUBES VISOU TORNÁ-LAS MAIS COMPETITIVAS E MELHORAR AS FINANÇAS – E FOI BEM SUCEDIDA

Alargamento

A surpreendente eleição de um presidente da Liga sem apoio dos clubes grandes trouxe à ribalta alguns nostálgicos do antigo grupo da sueca, com xitos e tudo. A ideia campeã foi a do alargamento da 1.<sup>a</sup> Liga, à revelia da lei e do Conselho Nacional de Desporto.

O absurdo é um lugar-comum no pândego mundo do futebol português, mas nada poderia ser mais desprovido de fundamentos do que negar a evolução positiva desencadeada pela redução de 2006, precisamente na semana em que, pela primeira vez na história, a Liga portuguesa foi considerada a quarta melhor do Mundo e terceira da Europa, apenas atrás da espanhola, inglesa e brasileira, as variáveis da equação são óbvias. Por um lado, qual o interesse desportivo, comercial e mediático da junção de mais dois emblemas de dimensão reduzida, audiências televisivas residuais e incapacidade orçamental para fixar jogadores portugueses? Por outro, a introdução de mais quatro jornadas de baixa competitividade no calendário dos clubes principais ser-lhes-ia benéfica ou acabaria por devolvê-los às enormes dificuldades em competir a nível internacional, sentidas durante os anos 90.

Esta questão do alargamento surge, ciclicamente, por dois motivos empíricos, a necessidade de proteger um emblema importante em risco de despromoção e a melancolia de alguns agentes em períodos de menor actividade. Por isso, também são agora fáceis de esvaziar e ultrapassar, se a experiência nos diz que os campeonatos não morrem pelo ocaso conjuntural de um Boavista ou de um Belenenses e que, de facto, não existe público nem clima para jogos de futebol no Natal.

A imposição reguladora de reduzir as Ligas profissionais para 16 clubes visou torná-las mais competitivas e melhorar-lhes os resultados financeiros – e foi bem sucedida. Assim, para voltar à estaca anterior, seria necessário demonstrar que os campeonatos se tornaram menos interessantes, quando toda a gente reconhece um valor desportivo crescente na actual Liga de Honra, a ponto de ter passado a ser patrocinada e televisionada em directo, e quando a 1.<sup>a</sup> divisão aumentou a média de espectadores e tem representantes permanentemente em grande destaque nas provas da UEFA. Objetivamente, não se vislumbra qualquer pressuposto favorável ao alargamento de uma Liga em que a assistência total de mais de metade dos participantes, apesar da evolução, não daria para encher um estádio da Luz. Muito menos que o bolo dos direitos de televisão possa ser distribuído, em conjunto, por ainda mais gente, quando a tendência é a da pulverização das audiências nacionais, num contexto de concorrência global com as transmissões das ligas europeias, a que apenas o Benfica e o Porto conseguem resistir.

Só havia uma reivindicação interessante para os novos dirigentes da Liga, agora que o eixo do poder regressou à Federação, que passava pela atribuição de um lugar europeu ao vencedor da Taça da Liga, mas ninguém a colocou porque não oferecia votos nem perspectivas de mais dinheiro do que cada um justifica e merece.

João Querido Manha

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-21\_fevereiro-crónica.21\_de\_fevereiro.doc.txt

## ROLO COMPRESSOR OFENSIVO DOS ENCARNADOS GRIPOU O MOTOR E COMPROMETEU O PASSEIO TRIUNFAL ATÉ AO TÍTULO

Vitória da humildade

Águias ficaram em branco, somaram a 2.<sup>a</sup> derrota seguida e animaram... a Liga

Afinal, temos campeonato. O Benfica deixou 3 pontos em Guimarães e comprometeu o passeio triunfal que se augurava até ao título, sobretudo depois do despiste do FC Porto em Barcelos. Agora, os dragões podem visitar a Luz dependendo apenas de si para assumir a liderança, um cenário que não agrada a Jorge Jesus.

O técnico encarnado foi infeliz na forma como estruturou a equipa e, pior do que isso, não teve a sagacidade de outras noites para desmontar o travão de mão montado por Rui Vitória. Sim, o treinador dos vimaranenses foi o paradigma da humildade e ganhou a batalha tática porque o Benfica, que no papel ameaçava ser um rolo compressor ofensivo, na prática revelou-se, afinal, um conjunto desequilibrado e inconsequente.

Desta vez, nem sequer conseguiu encostar o adversário às cordas e, com o esgotar dos minutos, até a lucidez se perdeu. Somar a 2.<sup>a</sup> derrota consecutiva, depois da incursão a São Petersburgo, e ficar em branco após 37 jogos consecutivos a marcar (desde o 5-0 do Dragão, há 15 meses...), são dados que apenas tornam mais amarga a desfeita. O défice de coesão do Benfica foi terrível a meio-campo, com Matic demasiado posicionado a dar todo o espaço do mundo para Barrientos brilhar sem nunca ter sido corrigido. Com Witsel no banco, viu-se demasiado congestionamento no último terço ofensivo e ideias a menos. Por muito que Aimar se esforce, precisa de apoio nas costas e não dos 20 metros de terra de ninguém que as transições rápidas vitorianas exploravam incessantemente. Quando o belga entrou, com quase um quarto de hora desperdiçado no segundo tempo, rendeu o sérvio e... nada mudou.

Como o que nasce torto, tarde ou nunca endireita, quando o Benfica precisou de crescer, o motor gripou e criar uma oportunidade custava sangue, suor e lágrimas. Verdade seja dita, as duas grandes ocasiões do segundo tempo foram... dos minhotos. Assim, é difícil contestar o desfecho num recinto que, já na época passada, tinha sido agreste para as águias.

Espartilho. Ainda Carlos Xistra não tinha apitado e o encontro já suscitava comentários. Rodrigo aparecia no onze encarnado e Urreta, emprestado pelas águias, desaparecia da ficha de jogo devido a uma súbita gripe. Rui Vitória recorreu a Paulo Sérgio, colocou-o na direita e garantiu a tal velocidade e acutilância essencial para que o Benfica nunca descansasse. O duplo pivô do miolo composto por Leonel Olímpio e João Alves, bem como João Paulo e Defendi no eixo recuado, fizeram uma partida perfeita, não deixando Cardozo respirar e esvaziando as águias de opções para o último passe, mesmo quando era superada a primeira linha defensiva.

O V. Guimarães somou o 5.<sup>o</sup> triunfo nas últimas 6 jornadas e só foi derrotado no Dragão. Provavelmente, esse bom momento justificava outra ponderação por parte de Jorge Jesus, que ao enveredar pelo 4x1 x3x2 espartilhou as suas opções para reagir se algo corresse mal. O Benfica começou a partida a cometer erros defensivos incríveis que foram passando sem castigo, mas a bola parada que abriu caminho ao tento vitoriano foi um claro exemplo de como a falta de agressividade pode ser penalizante.

Jesus deixou a equipa a bater contra o muro branco durante infundáveis minutos e, depois da tal maldade a Witsel, só na reta final do encontro se decidiu, finalmente, a lançar Bruno César e Nelson Oliveira. Ainda por cima separadamente (85' e 87'), desperdiçando segundos preciosos. A euforia minhota, pelos 3 pontos, foi impressionante de ver...

Vítor Pinto

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-21\_fevereiro-reportagem.21\_de\_fevereiro.doc.txt

## ANDEBOL CANDIDATOS PRESIDENCIAIS NAS ELEIÇÕES INTERCALARES

Salvador faz frente a Ulisses Pereira

António Salvador, de 54 anos, vai avançar com uma candidatura à presidência da Federação (FAP), aumentando para dois o número de concorrentes ao escrutínio intercalar agendado para 31 de março.

Depois da crise desencadeada com a demissão de Henrique Torrinha e o avanço do "seu" vice-presidente, Ulisses Pereira, chegou a vez do ex-presidente da Liga (LPA) fazer frente a eventuais candidaturas relacionadas com a atual direção.

"Nada de pessoal me move contra Ulisses Pereira, nem contra ninguém, mas trata-se de uma oportunidade para realizar alterações positivas. Muitos agentes têm estado de costas voltadas para a modalidade, pelo que é tempo de as pessoas deixarem de olhar para o seu próprio umbigo, passarem a ser mais generosas e estarem envolvidas com a

comunidade andebolística", considerou o dirigente, que esteve três temporadas à frente da Liga, entretanto extinta há quase três temporadas.

De surpresa. António Salvador refere ainda que foi apanhado de surpresa pela demissão de Henrique Torrinha, que só terminava o seu mandato no final do ano de 2012: "É uma história que está muito mal explicada, pois tudo o que envolve contas não é apenas da responsabilidade do presidente. Por isso, acho que esta direção deveria demitir-se em bloco", considerou o candidato.

Direção cai a 31 de março

Ulisses Pereira, atual "vice" da FAP e candidato a presidente, respondeu às críticas de António Salvador: "Não vamos ter comportamentos no ato eleitoral que diminuam a modalidade. Esperamos que os adversários apresentem projetos como nós o fizemos. Se esta direção se demitisse, seria o caos, pelo que continuaremos em gestão corrente até 31 de março, dia das eleições. O presidente eleito deverá, então, nomear outra direção da sua confiança. Aliás, antes de apresentar a minha candidatura, tomarei públicos os elementos que eventualmente farão parte da minha direção. E gostava que os outros candidatos fizessem o mesmo!"

Alexandre Reis

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-21\_fevereiro-entrevista.21\_de\_fevereiro.doc.txt

"É um espetáculo muito português"

Juntou-se ao amigo Fernando Tordo e os dois convidaram a cantora Filipa Pais com a qual criaram o novo espetáculo, "Memorial". São 90 minutos, com temas originais, para apresentar oficialmente a 6 de março no Teatro São Luiz, em Lisboa

RECORD – Como surgiu a ideia de criar o espetáculo "Memorial"?

CARLOS MENDES – Já antes de fazermos o "Só nós três", eu e o Fernando queríamos fazer um trabalho juntos e convidar uma voz feminina, que não fosse da nossa geração. Andámos um pouco perdidos à procura de uma cantora, até que um dia num concerto deram-me a ideia da Filipa Pais, com quem já tinha trabalhado anteriormente.

R – Neste espetáculo percorrem algumas canções que fazem parte da memória coletiva dos portugueses. Como é que as integram no concerto?

CM – Só temos um momento em que cantamos músicas como "Um Cavalo à solta" e "Amélia dos olhos doces". Este espetáculo é um monumento à vida, é praticamente todo novo, é um dos mais interessantes que já fiz.

R – E os temas originais como é que foram surgindo? Foi um trabalho conjunto?

CM – Foi um trabalho conjunto e, às vezes, individual, meu e do Fernando. Fizemos coisas que queríamos que a Filipa cantasse.

R – Já têm muitos concertos agendados?

CM – Temos a agenda cheia até dia 6 de março, que é a estreia oficial "Memorial", e chegamos lá com certos já feitos.

R – Como é que tem sido a receção do público?

CM – Tem enchido sempre as salas, aplaude de pé e pede-nos várias vezes para repetirmos músicas.

R – Vão fazer concertos fora do país?

CM – Já temos alguns contactos para fazermos em Paris, Londres e, talvez, em Espanha. Este é um espetáculo muito nosso, muito português e com muita alegria.

R – Estão a pensar lançar algum álbum?

CM – Estamos com ideias de lançar um DVD e há quem defenda que devemos gravar um álbum, sim. É um caso a pensar, está no nosso horizonte.

Não Assinada

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-21\_fevereiro-notícia1.21\_de\_fevereiro.doc.txt

TÉNIS. PEDRO CORDEIRO ACREDITA QUE MICHELLE BRITO VAI MELHORAR

"Há quem jogue pior e esteja no top 100"

O selecionador nacional Pedro Cordeiro acredita que esta temporada Michelle Brito vai regressar ao top 100 mundial, fasquia que conseguiu quebrar em 2009 quando teve o seu melhor ranking: 76.<sup>a</sup>, a 6 de julho.

A vitória no torneio de Surprise, Arizona, representa apenas um pequeno passo no sentido de a n.º 1 nacional encarar com algumas garantias a possibilidade de quebrar essa barreira histórica.

Quando forem contabilizados os 50 pontos pelo triunfo no terceiro torneio conquistado na carreira, Michelle (151.<sup>a</sup>) vai melhorar cerca de duas dezenas de posições.

"A Michelle está mais confiante e entende melhor o jogo. Já faz variações de ritmo e de ângulos e tem progressos assinaláveis no serviço", comentou Cordeiro, que orientou a jogadora durante a Taça Federação disputada em Israel há três semanas.

Para Cordeiro os próximos torneios são fundamentais para se ter uma ideia mais precisa: "Há que dar seguimento às vitórias, a Michelle vai jogar em piso rápido e nos Estados Unidos. Há quem jogue pior que ela e esteja no top 100 mundial. Por isso acho que não será um problema maior para a Michelle voltar a ter esse estatuto."

Incógnita. A vinda a Portugal para disputar o Estoril Open ainda é uma incógnita. Michelle, de 19 anos, irá analisar a situação juntamente com o seu pai e treinador, António Brito, e em meados de abril será tomada uma decisão.

Recorde-se que o ano passado Michelle não se deslocou ao Estádio Nacional, preferindo continuar a competir nos Estados Unidos.

Desde que em 2007 figura no ranking mundial, Michelle ainda não terminou uma temporada dentro do top 100. Em 2009 encerrou na 116.<sup>a</sup> posição, o seu melhor ranking no final do ano.

Norberto Santos

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-21\_fevereiro-notícia\_2.21\_de\_fevereiro.doc.txt

SÓ 19% DOS COMBOIOS VÃO CIRCULAR HOJE

Dia de Carnaval com greve na CP

Hoje é Dia de Carnaval, mas quem anda de comboio pode não achar graça à greve de hoje dos maquinistas da CP ao trabalho em horas extraordinárias, dias de descanso semanal e feriados que têm em curso, uma vez que o Acordo de Empresa considera este dia feriado. Uma paralisação decretada em janeiro pelo Sindicato Nacional dos Maquinistas e que se estende até ao final deste mês.

Estão, no entanto, garantidos os serviços mínimos decretados pelo tribunal arbitral, que, segundo a CP, abrangem a realização de 162 comboios, ou seja "cerca de 19 por cento da oferta" da CP, que tinha previsto a circulação de 841 comboios.

Ana Portela, porta-voz da CP, esclarece que os serviços mínimos dizem respeito aos "urbanos de Lisboa e do Porto, a um pouco mais de 20% da oferta que seria normal e nos serviços de longo curso e regional a cerca de 15%".

Especiais cancelados. Uma greve que levou ao cancelamento dos comboios especiais de Carnaval para Ovar e Estarreja. Duas cidades da zona Centro/Norte de grande tradição na festa do Carnaval.

Também os trabalhadores do Metro de Lisboa estão em greve às horas extra desde a meia-noite de ontem. A paralisação prolonga-se até 31 de março, segundo disse à Lusa Anabela Carvalhosa, da Federação dos Sindicatos dos Transportes e Comunicações. Estão previstas "algumas perturbações", admitiu a dirigente.

Não Assinada

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-21\_fevereiro-opinião1.21\_de\_fevereiro.doc.txt

Gestos de Sá Pinto

No primeiro jogo em casa na era Sá Pinto, o Sporting fez o mais importante – somou três pontos. Mas olhemos de forma crítica para o que de facto se passou. Se esta equipa fosse uma só pessoa, no domingo teria morrido de ataque cardíaco. Os jogadores estão hipermotivados para o esforço físico, mas ainda se encontram totalmente descrentes nas suas capacidades técnicas e táticas.

Nestes primeiros momentos de Sá Pinto, a equipa do Sporting continua uma confusão quase anárquica, com grandes espaços vazios no centro do meio-campo; uma defesa incapaz de articular o fora-de-jogo; um lateral, João Pereira, que sobe, sobe e sobe por um flanco onde o ala (especialmente Carrillo) não cultiva o jogo interior; um ponta-de-lança à beira da epilepsia competitiva – vai a todas as bolas mas não acerta coordenadamente em nenhuma.

Sá Pinto tinha toda a razão quando dizia na antevisão do jogo que é preciso saber quando correr. Mas essa mensagem ainda não passou, o que é natural em tão poucos dias de trabalho.

Porém, se os jogadores têm de saber quando e para onde correr, o líder técnico tem de escolher quando e como gesticular. A linguagem gestual é a maior arma de qualquer treinador contemporâneo. Mas se essa linguagem for mantida de forma constante e com grande intensidade, torna-se apenas num ruído enervante e ineficaz.

Neste Sporting, que ainda luta na Liga Europa e é favorito na Taça de Portugal, Sá Pinto terá de travar o coração dos jogadores, de devolver-lhes cérebro. Desafio que tem como base a confiança. Para esse grande passo servem os treinos e as palestras.

Nos jogos, cada gesto do líder tem de valer por várias frases gritadas para dentro do campo. E nunca para claques ou dirigentes.

Octávio Ribeiro

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-21\_fevereiro-opinião2.21\_de\_fevereiro.doc.txt

PRENÚNCIO DO NORTE: O BENFICA VOLTOU A PERDER PONTOS ACIMA DO DOURO. O CLÁSSICO DA LUZ DESNEHA-SE COMO A FINAL DA LIGA

Águia sai da zona de conforto

O aviso tinha sido dado: o jogo de Guimarães reunia perigos que poderiam resultar em dissabores para o Benfica. Jorge Jesus fez o alerta às tropas, mas a equipa não correspondeu em pleno e, ficando aquém do "futebol maravilha" que tem merecido os maiores encómios, sofreu a primeira derrota no campeonato, curiosamente no primeiro jogo em que não marcou golos.

O destino estava traçado: tinha de ser a norte do Douro que o Benfica iria ceder a sua primeira derrota. Os pontos perdidos nas anteriores deslocações deixavam esse prenúncio, ontem confirmado sem contestação e sem qualquer polémica. Apesar da quantidade de amarelos que saltou do bolso de Xistra, é justo que se diga que o árbitro tomou as decisões corretas nos lances de maior dúvida.

Com a derrota de Guimarães, o Benfica saiu da zona de conforto que a vantagem de 5 pontos sobre o FC Porto lhe conferia. Agora, o dragão volta a depender de si próprio para reconquistar o título. O Benfica tem já no sábado nova saída (Coimbra), pelo que o clássico da Luz, no dia 2 de março, pode tornar-se mesmo numa espécie de final do campeonato.

O Benfica não reagiu bem à pressão de jogarem Guimarães um dia depois de o FC Porto se aproximar na tabela classificativa e Jorge Jesus também não encaixou bem a situação, após o jogo, ainda na "flash interview".

Provavelmente, o treinador encarnado estava mais agastado com a atuação da sua equipa (incapaz de dominar o jogo como tem sido seu apanágio) do que propriamente com a "indelicadeza" da questão colocada pelo jornalista. O (bom) hábito de ganhar quando é interrompido causa natural indisposição. Ainda por cima quando a derrota, sendo a primeira no campeonato, é a segunda consecutiva e coloca o Benfica num patamar de alta pressão face aos compromissos que tem à porta.

Não é caso para drama, mas é um facto que o ciclo de jogos que o Benfica tem pela frente obriga a que os jogadores não se deixem inebriar por êxitos que ainda estão por conquistar. A derrota de Guimarães pode, afinal, ser uma boa lição.

António Magalhães \* director\*adjunto

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-24\_janeiro-Crónica.24\_de\_janeiro.doc.txt

ALGARVIOS ESTIVERAM MAIS PRÓXIMOS DO TRIUNFO ANTE UM SPORTING SEM CONJUNTO E INDIVIDUALIDADES

Patrício salvou o ponto

Olhanense travou um leão que já soma 6 jogos consecutivos sem ganhar em 2012

Começam a faltar os argumentos para qualificar o desempenho do Sporting em 2012 e a maior de todas as verdades já foi dita por Domingos Paciência – todos, a começar por ele, têm de fazer muito mais e melhor. Não foi isso que aconteceu ontem à noite, em Olhão, onde o único leão que soube estar à altura das exigências foi Rui Patrício, que, com três ou quatro defesas de classe, evitou a derrota do conjunto de Alvalade. O Olhanense, por seu lado, começa a segunda volta do campeonato como fizera na primeira – ganhando um ponto aos leões e deixando no ar a ideia que podia mesmo ler ido mais longe.

Domingos Paciência pode dizer que a noite não lhe começou de feição quando, em cima do jogo, teve de abdicar de Schaars, lesionado, para colocar Carriço em campo. As outras mudanças, essas, foram por opção sua – os regressos de Polga e Renato Neto, mas acima de tudo a ausência de um ponta-de-lança como referência no ataque, entregue a Carrillo, Capel e Jeffren, num papel que lhe ficou mal.

Poucas opções. Com Carriço e Neto em dupla defensiva ficou Matias como única solução criativa no meio-campo do Sporting, ante um sector bem povoado pelo Olhanense, já que Sérgio Conceição não quis arriscar mais que o necessário. Optou pela segurança e depois pelo contra-ataque e quase ganhou a aposta. Depois de um primeiro assomo de Matias, foi Cauê a assumir-se como protagonista de três boas jogadas antes do intervalo: aos 13' quase marcou, após livre de Rui Duarte; aos 24' rematou ao lado do poste direito; aos 30' volta a não acertar na baliza após jogada de Rui Duarte.

Pequena reação do leão. Até ao intervalo, o Sporting quase não importunou a baliza de Fabiano, com exceção de um lance entre Jeffren e Capal, com este a obrigar o guardião a ceder canto. Só nos minutos iniciais do segundo tempo se viu um Sporting mais afoito e perigoso, mas num período demasiado curto. Aos 51' Polga quase marcou junto ao poste direito e aos 53' foi Jeffren a não concretizar uma jogada nascida em Carrillo, na esquerda. E depois disso quase nada a acrescentar.

As mudanças feitas por Domingos, aos 65', aumentam as dúvidas que, de fora, existem quanto à continuidade do trabalho e das suas opções. André Martins e Rubio renderam Neto e Jeffren e mais tarde foi a vez de André Santos (que deveria ficar na bancada) a substituir Matias, ficando Ribas sentado no banco quando a equipa poderia ir à procura do triunfo.

Incapaz de chegar aos 3 pontos, o Sporting acabou por ser feliz em conseguir um e ficou a devê-lo ao seu guarda-redes. Pelo menos por três vezes Rui Patrício ganhou o duelo com Wilson Eduardo e Yontcha, mantendo a sua baliza inviolada. E quando o guarda-redes acaba por ser, mais uma vez, a grande figura, nenhuma equipa pode assumir-se como candidata ao título ou sequer a um lugar na Liga Europa – que começa a ser um objetivo cada vez mais difícil, agora que o Sporting está atrás de Sp. Braga e Marítimo.

O que fica como conclusão do jogo de Olhão é positivo para a equipa de Sérgio Conceição (que soube resistir à tentação de arriscar de forma desordenada) mas, mais uma vez, negativo para o Sporting. Os leões parecem ter entrado numa espiral incontrolável em que nada lhes sai bem mas para a qual não são capazes de encontrar solução. A mesma equipa que esteve 10 jogos seguidos a ganhar, leva já seis sem o conseguir fazer. Mais do que uma equipa Cerelac, é uma equipa do 80 e do 8.

José Carlos Freitas

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-24\_janeiro-entrevista.24\_de\_janeiro.doc.txt

Marco Horácio

"Já me apresentaram formatos que recusei"

O apresentador do programa "Ganha num minuto", da SIC, tem também um papel cómico na novela "Rosa fogo". Entre gravações, sobra ainda tempo ao ator, de 38 anos, sportinguista assumido, para planear o regresso de "Rouxinol Faduncho", já no mês de abril, em Lisboa

RECORD – Este tipo de programas, com desafios, tal como "Salve-se quem puder", são os que se sente melhor a apresentar?

MARCO HORÁCIO – Quando vi o formato do "Salve-se quem puder" e do "Ganha num minuto" houve qualquer coisa que me disse que era capaz de apresentar aquilo. Mas claro que já me apresentaram formatos que achei que não tinha muito a ver com eles, nem tinha personalidade para os fazer, e como tal recusei.

R – Sente falta da companhia de Diana Chaves neste novo programa?

MH – Eu se pudesse trabalhar com a Diana em tudo o que faço, trabalhava. É uma ótima pessoa, uma ótima atriz e uma ótima companheira de programa, mas também já tenho 38 anos e tenho de arriscar sozinho. Tinha de provar a mim próprio se seria ou não capaz de pegar num programa sozinho.

R – O programa tem tido boas audiências... Vai haver uma segunda série?

MH – Não sei e nós, os apresentadores, somos sempre os últimos a saber. Acredito que se o programa continuar a ter estas audiências, é impossível não haver pelo menos mais uma série, mesmo que não se faça este ano, que se faça só para o próximo.

R – Tem estado também em gravações para a novela "Rosa fogo". Está a correr bem?

MH – É outro formato, outro registo. Estou apoiado por atores fantásticos. E está a dar-me muito gozo gravar à segunda-feira a novela e depois à terça, quando vou gravar o "Ganha num minuto", conseguir distanciar uma coisa da outra.

R – E o seu Sporting?

MH – Começou mal a época, depois recuperou e agora nos últimos jogos as coisas não têm corrido de feição, mas

temos um grande treinador e uma grande equipa. É preciso dar tempo... É nas adversidades que se veem os verdadeiros adeptos.

Não Assinada

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-24\_janeiro-Notícia\_1.24\_de\_janeiro.doc.txt

AGENTE DIZ QUE O ARGENTINO TAMBÉM TEM DIREITOS A DIAS MAUS

"Não se pode pedir sempre o máximo a Gaitán"

É um dos jogadores que não tem conseguido seguir a trajetória ascendente da equipa do Benfica. Nicolas Gaitan, sobretudo nos dois últimos jogos, diante de Santa Clara e Gil Vicente, revelou não estar nas melhores condições, tendo pautado os jogos com exibições menos conseguidas e que nada têm a ver com o que já mostrou desde que chegou à Luz.

Falta de confiança ou má forma física – o argentino começou o ano lesionado – têm sido algumas das razões apontadas para o menor rendimento mas o agente do jogador, Jose Irribaren, tem outra opinião.

"Ele é humano. Também tem o direito a errar e não se pode estar sempre a exigir o máximo a Gaitan. Joga bem muitas vezes e são poucos os encontros em que está mal. Não vamos estar a discutir as qualidades de Gaitan, pois não?", perguntou o empresário em conversa com Record, garantindo depois que o estado de espírito do camisola 20 é positivo, apesar do momento menos bom que atravessa na Luz: "O Gaitan está bem, contente no clube e com vontade de voltar rapidamente às boas exibições. Ele sabe o potencial que tem."

Com o apoio de Jesus. E, para voltar a breve trecho à forma que o notabilizou, o jogador conta com a ajuda de Jorge Jesus. No final do jogo com o Santa Clara, no qual Gaitan chegou a ser assobiado pelos adeptos, o técnico reconheceu que o esquerdino, de 23 anos, não atravessa uma fase de grande fulgor, mas venceu que poderia contar com o seu apoio e da restante equipa. O agente do sul-americano confirmou que o técnico tem falado com o jogador, dando grande enfoque aos aspetos psicológicos. "O Jorge Jesus tem-lhe passado confiança, e todos, incluindo os dirigentes, acreditam muito nele", sublinhou.

Futuro. Nicolas Gaitan começou a temporada de forma fulgurante e aumentou ainda mais a cobiça dos grandes do futebol europeu, que já vinha da época passada. O Man. United, tal como o nosso jornal noticiou oportunamente, é um dos emblemas que tem o jogador debaixo de olho, tendo já um acordo de cavalheiros com as águias para uma futura transferência. Nos últimos tempos foi também ventilado o interesse do outro emblema da cidade, o Man. City, que tem, inclusive, observado o jogador nas partidas realizadas no estádio da Luz.

No entanto, por agora, o empresário nem quer ouvir de falar de uma eventual saída, asseverando que o argentino só pensa em levantar troféus com a camisola encarnada. "Ele está muito feliz no Benfica. Quer ser campeão da Liga portuguesa e vencer a Liga dos Campeões com o clube. Para já não existem propostas, mas acredito que qualquer clube gostaria de o ter no plantel", referiu, sobre um extremo que pode render muitos milhões ao cofre da Luz nos próximos tempos.

Miguel Belo \* Nuno Ponto

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-24\_janeiro-notícia2.\_24\_de\_janeiro.doc.txt

Belletti

O meu Barça é melhor que o teu

O provérbio "a galinha da vizinha é sempre melhor que a minha" não convence Juliano Belletti. O homem que galvaniza a ala direita no Barcelona de Frank Rijkaard está enfadado com o Barça de agora. O brasileiro, campeão europeu nos culés em 2006, fez uma declaração surpreendente a uma estação de televisão: "O Barça do meu tempo era melhor que o atual. Dou muito mais valor à equipa onde joguei."

A principal explicação para tão arrojada tese está no tipo de rivais que o antigo lateral, de 35 anos, enfrentou e os atuais: "Jogávamos contra o Real Madrid de Zidane, Figo e Ronaldo, o Milan de Kaká, ou até o Liverpool, que atravessava um bom momento."

Estrelas. A filosofia tática dos culés também não agrada a Belletti: "Nós tínhamos um esquema bem definido. Às vezes parece que usam um 3-7, com três defesas e os outros a atacar". Para Belletti, Messi não convence tanto como Ronaldinho o fez um dia. "Messi tem mais ajuda do que tinha o Ronaldinho. Se me pedissem para escolher entre o Ronaldinho daquela época e o Messi atual, ficaria com o Gaúcho", justificou.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-24\_janeiro-reportagem.24\_de\_janeiro.doc.txt

## ANDEBOL. ENTRE LESÕES, RESCISÕES E IDA DE RUBEN PACHECO PARA ANGOLA

### Belenenses sofre uma razia no plantel

O Belenenses acaba de sofrer uma autêntica razia no plantel, adversidade comprometedora quanto aos objetivos desportivos, apesar de a equipa se manter na luta pelo Grupo A, dos seis primeiros do campeonato, e de ter carimbado no domingo, perante o Marítimo, a presença na final-four da Taça de Portugal.

O central Ruben Pacheco despediu-se da equipa na vitória (27-40) obtida no Funchal, porque vai emigrar para Angola, onde arranjou trabalho, enquanto o guarda-redes José Lopes e o pivô Diogo Godinho – já se estreou pelo Vitória de Setúbal, da 2.ª Divisão – saíram por não aceitarem cortes nos salários.

Já o lateral Edgar Landim foi operado a um dos joelhos e o ponta-esquerda Filipe Pinho sofreu uma entorse num dos pés, sendo que a recuperação desta dupla se prevê bastante demorada.

Emigrante. Ruben Pacheco, de 23 anos, justificou a decisão de emigrar: "A situação em Portugal está muito difícil. Surgiu a oportunidade para trabalhar como fisioterapeuta em Angola e aproveitei. No mínimo estarei lá um ano, que é a duração do visto, existindo a possibilidade de representar o 1.º de Agosto porque um dos meus patrões é o Kali, capitão da seleção angolana de futebol e jogador do clube, que 'mexeu os cordelinhos'. Mesmo que o campeonato seja mais fraco, um dia poderei voltar e jogar em Portugal."

O primeira linha revelou os problemas financeiros do clube do Restelo: "Quem gere a secção do Belenenses é o Núcleo de Amigos do Andebol (NAA). Eu acumulava o cargo de jogador com o de fisioterapeuta dos juniores, único escalão apoiado financeiramente pela direção. Tinham 21 mil euros para as deslocações, mas, como voltaram atrás, teve de ser o NAA a arcar com as despesas e a direção teve de cortar onde podia, nos salários. Este mês já senti esse corte. O NAA tem feito tudo para manter a modalidade viva."

José Lopes também analisou a crise: "A saída deve-se ao corte de salários. Não iriam pagar-me mais a partir deste mês. Abandonar foi a minha opção. Houve uma falta de compromisso. Disseram que não podiam pagar mais a alguns jogadores e eu fui um dos visados, apesar de desejarem a minha continuidade. Só que não iria receber nada. Dois clubes já me telefonaram, mas estou mais preocupado com os meus estudos. Estou envolvido no estágio do mestrado em Educação Física, pelo que não sei se vou parar até final do ano ou mesmo deixar o andebol. Talvez possa regressar um dia, mas nesta situação o esforço não compensa."

Alexandre Reis \* Pedro Ponte

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-24\_janeiro-Opinião1.24\_de\_janeiro.doc.txt

### Mourinho treme

O Real Madrid vence de goleada a equipa símbolo da diferença basca e nem assim se calam as críticas sobre Mourinho. Porquê?

A equipa que Mourinho lançou frente ao Barcelona, perante 100 mil testemunhas, foi um hino ao masoquismo do não-futebol e a demonstração de que mesmo um génio da tática pode ser traído pela memória deturpada pelo medo.

O medo de Mourinho tirou da memória um jogo em que dez atletas de alma hipertrofiada fizeram frente a este Barcelona pelo Inter Milão. Essa receita – não totalmente decidida por Mourinho, antes ditada por uma expulsão – é irrepetível. Mas Mourinho parece não aprender a lição. Este Barcelona de sonho só é contrariável num jogo grande se o adversário conseguir pressionar muito alto.

É quando a bola ainda não está totalmente redonda nos pés de Xavi, Iniesta, Fabregas e Messi que o adversário pode encontrar alguma vantagem. Logo, é necessário atacar a saída de bola nos defesas-centrais e no trinco. Logo, é necessária uma equipa lançada para o meio-campo contrário e não uma sementeira de defesas e trincos como Mourinho fez em Madrid. Para vergonha sua, dos jogadores e dos adeptos. Claro que Pepe pode ser deslocado da defesa para marcar Messi. Pepe é o jogador que Messi mais teme. A presença do português num raio de cinco metros faz Messi jogar num só toque. A silhueta de Pepe à sua frente leva Messi a evitar o drible com que embala. Mas para lá de Pepe é necessária uma equipa que saiba jogar no meio-campo contrário e não oito jogadores amarrados a tarefas defensivas.

Agora, em Barcelona, Mourinho tem de novo a palavra.

P.S. – Caro leitor, esta crónica só foi escrita após o Olhanense-Sporting, por respeito pelos que seguem estas linhas. Mas não há nada de relevante a acrescentar ao que tenho escrito, pois não?

Octávio Ribeiro

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-24\_janeiro-Opinião\_2.\_24\_de\_janeiro.doc.txt

ATÉ O IMPENSÁVEL ESTÁ A ACONTECER: DOMINGOS A AFUNDAR-SE, VÍTIMA DE IMPREPARAÇÃO NUM DOMÍNIO EM QUE, AFINAL, ERA VIRGEM

Malmequer

Mesmo depois do forcing de 20 milhões de euros que no final de agosto compôs o ramalhete, parecia que Domingos Paciência seria o melhor reforço para a época de arranque dos novos dirigentes do Sporting. Um magnífico tirocínio em crescendo, de patamar em patamar, indicava a aptidão para um desafio de máxima grandeza, após ter atingido os limites do Sporting de Braga.

Também os pressupostos publicamente colocados estavam corretos: reconstrução do plantel, ambições comedidas, prazo alargado, tranquilidade ambiental, comunicação positiva. Talvez correto de mais, tratando-se de um clube com o passado do Sporting e uma ansiedade por glória difícil de aquietar, sem resultados nem títulos.

De facto, o fervor clubista rebentou, a ritmo quase semanal, em crises de paixão pelos maus resultados iniciais, pelo bode expiatório dos árbitros, pelas recuperações miraculosas, pela sobreavaliação de alguns jogadores, pela deceção dos primeiros percalços, pelo desencontro das vozes de comando, pelas incongruências técnicas, pelo esvaziamento do sonho. Tudo em seis meses, de picos para abismos, como numa montanha russa a alta velocidade e sem timoneiro. Um clube como o Sporting, eclético e nobre, não podia colocar-se à mercê dos resultados da equipa de futebol, quando esta não dispõe de condições imediatas para se opor ao poderio dos adversários históricos. Por isso, a abordagem comunicacional devia desprender-se da vertigem do sucesso mirabolante e assentar em racionalidade, sem arrefecer o entusiasmo dos adeptos nem atrapalhar a recuperação paulatina das vendas de lugares e merchandising. Era um belo desafio, portanto, que obrigava a uma concertação entre os responsáveis do futebol e os da comunicação para que todos os planos não escorressem pelo cano aos primeiros deslizos, a maior parte das vezes de modo comprometedor e prejudicial – como ainda ontem aconteceu com um dos principais patrocinadores, compelido a anular uma operação por causa do "mau momento".

As dificuldades que o treinador tem evidenciado na discussão dos maus resultados, deslizando sem rede com argumentos mal estruturados e confundindo os alvos, realçam o descontrolo interno. E até o que parecia impensável está a acontecer: Domingos a afundar-se, vítima de impreparação num domínio em que, afinal, também era virgem, pois no Porto a comunicação nunca é livre, muito menos descontrolada, e nos clubes mais pequenos não existe pressão mediática, nem fadistas. Quando lhe falhou a retaguarda foi como se lhe abrisse debaixo dos pés o alçapão que recentemente engolira outros treinadores bem menos capacitados.

O pitoresco episódio do passadiço de Alvalade ilustra estes seis meses de bem-me-quer, malmequer, em que o Sporting insiste em viver, como se a estratégia comunicacional fosse desenhada por crianças: assim como a euforia acéfala das claque rouba a lucidez nos ciclos triunfais, também a contemplação depressiva de um campo de flores motiva pouco ao recobro de uma fase de derrotas. Devia ser ao contrário: para sair do túnel, garra, inteligência e personalidade.

João Querido Manha \* jornalista \* comentador da TVI

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-28\_fevereiro-crónica.28\_de\_fevereiro.doc.txt

SP. BRAGA PASSA RIVAL A PENTE FINO E ACENDE A CHAMA DO TÍTULO

Ora digam lá se isto não é um candidato

O Sp. Braga passou a pente fino o rival de Guimarães, confirmando-se como um candidato ao título, embora só se assuma verdadeiramente no relvado, com um futebol a não deixar dúvidas a ninguém. A equipa de Leonardo Jardim resolveu cedo o dérbi minhoto, com Elderson a marcar aos 4 minutos nas costas de Toscano e Custódio aos 19' nas de Bruno Teles. Nos dois lances com saídas em falso de Nilson a roçar o anedótico e sempre o pé esquerdo de Hugo Viana a servir os seus companheiros.

Quando se esperava um Vitória a discutir o jogo no terreno do eterno rival, e depois de vergar o Benfica na semana passada, tudo ficou bem evidente a partir do 2-0 e mais ainda quando Freire se fez expulsar numa atitude inexplicável

ao tentar e até consumir uma agressão de... calcanhar a Hélder Barbosa, que a teatralizou, mas que na verdade existiu. Conclusão: ao minuto 31 o jogo estava ganho para os bracarenses e a ingrata missão do Vitória era procurar evitar a goleada!

Missão não cumprida, diga-se, isto mesmo com inúmeras oportunidades desperdiçadas pelo ataque do Sp. Braga, que ficou com mais espaço, mas Lima não aproveitou o que o jogo lhe deu para chatear ainda mais Cardozo na luta pelo estatuto de melhor marcador do campeonato.

Árbitro

João Capeia acertou em todas as decisões mais difíceis e quando assim é pouco mais há a dizer. Apenas serve de registo que as notas máximas existem precisamente para uma exibição destas!

Rui Vitória sacrificou Paulo Sérgio para ter o defesa-central que faltava N'Diaye) e apostou depois em Urreta e Nuno Assis, mas os visitantes só conseguiram assustar uma vez e ainda antes do intervalo. Douglão salvou em cima da linha e a segunda parte foi apenas um pormenor com o Sp. Braga a gerir a vantagem, a dominar e a desperdiçar até que NTJiaye fez falta para-penálti sobre Hélder Barbosa e aí também era demais. Lima lá faturou o seu 15.º golo e Ukra saiu do banco para fazer o 4-0 em bela jogada individual, confirmando a goleada que Nuno Gomes quase ampliava num belo remate ao poste ao fim de 1 minuto em campo...

O Sp. Braga, enfim, lá prosseguiu a série invicta, agora com 9 vitórias consecutivas no campeonato. Está a 3 pontos de dragões e águias, com o melhor marcador da Liga e a 10 jornadas do fim. Se isto não é um candidato, então o que será?

António Mendes

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-28\_fevereiro-entrevista.28\_de\_fevereiro.doc.txt

O autor e apresentador do programa "Minutos Mágicos", que foi exibido pela SIC, apresenta o seu novo espetáculo no Casino Lisboa já no próximo sábado. O sportinguista integra o teatro na magia e promete uma noite diferente "É um espetáculo para todas as idades"

RECORD – Gosta deste novo Sporting, com Sá Pinto como treinador?

MÁRIO DANIEL – Tenho gostado de ver a equipa, mas gostava muito que o Domingos Paciência tivesse ficado. Acreditava muito nele, é uma pessoa íntegra e devíamos tê-lo deixado ficar mais tempo.

R – Este novo espetáculo não vive só de magia, mas também do teatro. É uma forma diferente de se apresentar?

MD – Já houve outros mágicos a colocar um pouco de teatralidade nos seus espetáculos, mas durante uma hora è meia nunca vi. A magia aqui surge de uma forma natural e os elementos vão sempre entrando justificadamente. As pessoas vão sentir-se mesmo num atelier de um mágico e é essa a intenção do espetáculo.

R – Está sozinho ou tem atores consigo?

MD – Sou eu e outras duas personagens. Há também uma altura em que um espectador passa a interagir e a funcionar como um amigo nosso.

R – E difícil juntar a representação neste conceito?

MD – Foi muito complicado e tive de me juntar a pessoas ligadas ao teatro. Contratei uma encenadora, com quem trabalhei muito o texto e teve de existir uma grande comunhão de ideias.

R – Diz que se destina a quem não gosta de truques... É para qualquer público?

MD – É um espetáculo para todas as idades, toda a gente vai gostar. Tem uma dinâmica muito grande e, ao contrário do normal, os adultos devem conseguir "beber" mais do espetáculo que os mais pequenos. Estou muito orgulhoso do projeto.

R – Está previsto mais alguma sessão no Casino Lisboa?

MD – Não, vamos só estrear lá e depois vamos arrancar pelo país todo. Já temos confirmações em Vila Real e Aveiro. Não Assinada

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-28\_fevereiro-notícia1.28\_de\_fevereiro.doc.txt

NBA. EXTREMO DOS THUNDER BRILHOU NO TRIUNFO DA CONFERÊNCIA OESTE NO ALL STAR GAME

Foi Durant e depois

Kevin foi a estrela antes, durante e depois da 61.a edição do Ali Star Game da NBA. O extremo dos Oklahoma City

Thunder, de 23 anos, impressionou tudo e todos com uma exibição de luxo e foi considerado MVP no 25.º triunfo da Conferência Oeste sobre os rivais do Este, agora por suados 152-149. Durant sucedeu, assim, a Kobe Bryant. "Com estes jogadores em campo, nunca podemos adivinhar o que irá acontecer. Foi muito divertido e é este tipo de jogo que as pessoas querem ver", afirmou o MVP.

LeBron James foi, do lado da Conferência Este, quem mais esteve em evidência no Amway Center, casa dos Magic, em Orlando. O extremo dos Miami Heat anotou 36 pontos – os mesmos que Kevin Durant – e quase conseguia uma recuperação notável. LeBron carregou o Este às costas quando o adversário já levava uma vantagem de 20 pontos. A apenas 22 segundos do final, a equipa do lado Este reduziu para apenas um ponto de diferença, mas o esforço viria a ser inglório, já que os pupilos do técnico Scott Brooks, dos Oklahoma City Thunder, viriam a sagrar-se vencedores. "Apesar de tudo, acabou por ser muito divertido", afirmou LeBron James no final, ainda que com alguma amargura na voz.

Competitivo. LeBron foi dos mais requisitados pela imprensa após o Ali Star Game. Apesar de considerá-lo uma brincadeira, a estrela dos Heat revelou que todos queriam vencer o encontro: "Estavam ali os melhores basquetebolistas do Mundo, todos juntos. Todos nós queríamos ganhar e fizemos os possíveis até ao último segundo."

Além do triunfo, a formação do Oeste estabeleceu um novo recorde no Ali Star, ao anotar 88 pontos durante a primeira parte. Blake Griffin, dos Los Angeles Clippers, contribuiu com 22 pontos e foi decisivo quando intercetou um passe de LeBron que poderia ter dado o empate a poucos segundos do final.

Pedro Ponte

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-28\_fevereiro-notícia2.28\_de\_fevereiro.doc.txt

Marko Djokovic à sombra de Novak

Djokovic é o melhor tenista do ranking ATP e já venceu cinco torneios do Grand Slam. Djokovic é o número 869 do ranking ATP e nunca ganhou uma prova. Novak, o primeiro, é em tudo diferente de Marko, o seu irmão mais novo, de 20 anos. A começar pela posição ATP: com a mesma idade do irmão, Novak Djokovic, hoje com 24, era o número 3 do Mundo e já contava com um triunfo no Open da Austrália, em 2008.

Agora, os sérvios estão no Dubai para participar numa competição conquistada em 2011 por Novak, sendo que Marko – entrou com wild-card – já saiu de cena por força da derrota frente a Andrey Golubev (143.º), do Cazaquistão, na 1.a ronda, por 6-3 e 6-2. Novak, por outro lado, está na 2.ª eliminatória. "Por vezes tenho vantagem nos encontros porque os adversários ficam com algum receio, por causa do meu apelido. Foi o que aconteceu hoje (ontem) com o Golubev, que começou a medo", afirmou o jovem tenista.

Prós e contras. O facto de ser irmão do melhor tenista da atualidade tem as suas vantagens. "O meu irmão ajuda-me muito. Em termos financeiros tenho tudo aquilo que preciso, desde treinadores, material e boas condições de treino", explicou Marko Djokovic.

Mas, como em tudo na vida, também existem algumas desvantagens. "Há muita pressão. Toda a gente espera o melhor de mim, mas é muito difícil. Tento dar sempre o meu melhor", frisou Marko que, em novembro de 2010, alcançou a sua melhor posição de sempre na lista ATP (628.º). "Felizmente, penso que ainda posso vir a melhorar muito", completou o sérvio.

P.P.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-28\_fevereiro-opinião1.28\_de\_fevereiro.doc.txt

Claques sem bola

Qualquer jogador se desconcentra do jogo ao ouvir uma multidão a cantar monocórdica. Qualquer jogador se sente próximo de peça mecânica se os movimentos dentro de campo não têm reflexo na reação da bancada. A equipa ataca e o som mantém-se. A equipa defende e o som é igual. A equipa afinal não faz ali falta nenhuma. É um mero pretexto para demonstrações de força?

As claques que entoam cânticos constantes sem consonância ou mera relação com a emoção do relvado – cantam qual horda antes do ataque – prestam um péssimo serviço à sua própria equipa. Não está em causa o amor e empenho que, certamente as claques do FC Porto e Sporting têm pelos equipas que suportam. Mas os seus membros já deviam ter notado a relação de causa efeito entre cânticos, que podiam estar a ser entoados ali, no estádio, ou no alto de uma colina campestre, e o mau futebol coletivo em que sobre esses de tons as equipas caem.

Para os futebolistas o som da bancada é como uma banda sonora, que a cada momento o avalia e empurra para mais ainda. O natural na equipa da casa é que o rumor vá subindo à medida que se desenha o ataque. O natural num jogador da casa é que um detalhe, receção, drible, bom passe, tenha como recompensa um aumento de vibração na bancada. Essa é a essência do artista. Esse é o reconhecimento do jogo.

Cânticos que podiam seguir os mesmos ritmos sem atletas na relva, que esquecem jogadores e bola. Cânticos da multidão para si mesma, podem ser desafios ou sublinhados de poder. Podem levar à motivação de quem os entoia. Mas não empurram a equipa para a vitória.

Em Alvalade e no Dragão os da casa venceram apesar do autismo das suas claques. E não, como é norma, graças à força que delas emana.

Octávio Ribeiro

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-28\_fevereiro-opinião2.28\_de\_fevereiro.doc.txt

Sporting de Braga ameaça fazer história

A "notícia" vinha ganhando forma há algumas semanas e ontem confirmou-se em pleno: a quatro dias do Benfica-FC Porto, aí está um terceiro candidato ao título. E candidato de corpo inteiro, sem ponta de favor. Não há como fugir às evidências: este Sp. Braga é mesmo uma "senhora equipa" (atualmente, em Portugal, ninguém joga mais) e, com toda a propriedade, passou a fazer parte de uma corrida ao ouro que antes estava apenas reservada a águias e dragões. E esses, como é sabido, com investimentos... de outro campeonato.

Quando já estão 20 jogos realizados, a equipa de Leonardo Jardim depende única e exclusivamente de si própria. Ou seja: não precisa de fazer contas nem de esperar pela ajuda de terceiros para poder apontar ao título. Essa é a pura realidade. À entrada para as últimas 10 jornadas (um terço da prova) e, com o grande clássico à porta, estão até criadas condições para, no imediato, o Sp. Braga se intrometer ainda mais na guerra pela liderança. Um feito extraordinário que deve ser creditado à superior organização do clube, mas também, claro, à capacidade do seu treinador, a maior revelação da Liga 2011 /12.

Ontem, no primeiro jogo após o injusto afastamento da Liga Europa, a reação não poderia ter sido melhor uma goleada infligida ao grande rival, V. Guimarães, e a chegada aos 46 pontos (os mesmos conseguidos em toda a época anterior). Este Sp. Braga é, definitivamente, um caso de sucesso. E em grande parte este novo estatuto também se deve à sagacidade do seu presidente, António Salvador, que tem feito um extraordinário aproveitamento de jogadores com registo de clube grande, conseguindo atualmente reunir no plantel nomes como Quim, Ruben Amorim, Nuno Gomes, Hugo Viana, Custódio, Alan, Ukra, Hélder Barbosa e Nuno Andrade Coelho.

O caso de Ruben Amorim não deixa de ser intrigante: o que pode ter levado os encarnados a aceitar a ideia de emprestar o médio aos minhotos até 2013? No fundo, como se explica a um adepto do Benfica que o clube tenha oferecido um jogador internacional a um adversário com o qual, agora, concorre diretamente pelo título?

Nuno Farinha \* director\*adjunto

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-28\_fevereiro-reportagem.28\_de\_fevereiro.doc.txt

NANI TRAÇA FILOSOFIA DA SELEÇÃO NACIONAL FACE AO EUROPEU DO PRÓXIMO VERÃO NA POLÓNIA E UCRÂNIA

"Portugal só sabe jogar para ganhar"

Nani não tem medo das palavras nem de assumir ambições, quando se refere ao próximo Europeu. Portugal, diz ele, "joga sempre para ganhar e tem condições para lutar com as outras grandes seleções" que vão estar na fase final da prova que irá disputar-se na Polónia e Ucrânia.

"Quando jogamos é para ganhar. Só sabemos jogar para ganhar. Agora, é pôr tudo o que temos dentro de campo e ganhar os jogos", afirmou o extremo do Manchester United, já em Varsóvia, quando confrontado pela ambição de vencer o Euro'2012 transmitida por Cristiano Ronaldo. Nani destacou a importância de o grupo voltar estar reunido e a oportunidade de Paulo Bento fazer testes.

"É sempre bom termos jogos particulares para o treinador experimentar novos jogadores e dar oportunidade a quem não teve, para ver que pode contar com eles. E é bom estarmos outra vez juntos, reunidos, para convivermos um pouco mais e nos prepararmos para o Europeu", sublinhou o avançado 25 de anos.

Quando lhe recordaram o Mundial da África do Sul (uma lesão de última hora impediu-o de participar na prova) Nani

optou por não fazer comparações, preferindo apenas recordar a sua vontade de servir a Seleção Nacional dentro de três meses no Europeu de leste.

"Quem toma as decisões é o treinador, nunca se sabe, pode haver surpresas, independentemente de como vai correr o campeonato em todas as ligas. Espero que todos estejam preparados, e em forma, para dar o seu melhor e ajudar a nossa Seleção", frisou, sempre bem-disposto, o internacional português.

José Carlos Freitas \* Varsóvia

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-31\_janeiro-crónica.31\_de\_janeiro.doc.txt

Benfica a trabalhar melhor

Num fim-de-semana em que a arbitragem muito pode ter ajudado a decidir quem será o próximo campeão, uma coisa salta à vista: o Benfica está a trabalhar bem. A equipa sabe reagir à adversidade e dar à volta a um resultado desfavorável, a SAD vai resolvendo os problemas que aparecem e Vieira ainda oferece a Jorge Jesus alguns mimos, tentando garantir todas as condições para o técnico ser campeão. Juntando a isso o inegável peso que o clube da Luz tem sabido vir a recuperar no futebol português, estão explicadas as vitórias.

Pelo contrário, no Dragão, alguns erros têm prejudicado a temporada. O mercado de inverno é disso sintomático.

Chegaram Janko e Lucho quando provavelmente os reforços deviam ter aterrado mais cedo. Partem Belluschi e Guarín, jogadores que dispensam apresentações e de quem o atual treinador nunca conseguiu retirar os melhores dividendos. O problema é que a pequena revolução sucede com o dragão já a 5 pontos da águia e tendo deixado de depender de si próprio para ser campeão. Nem parece o FC Porto, diga-se.

Yannick é jogador do Benfica. Embróglia jurídica em perspectiva. O Sporting deverá recorrer a tribunais e FIFA para resolver a questão. Na Luz entendem que está livre, em Alvalade o contrário. Terão os juizes a palavra. Certo é que os leões não têm no sindicato um amigo. São já muitas as negociatas de Paulo Barbosa que passaram por ali. Evangelista foi um pouco longe de mais. Diz defender o jogador, mas parecia dirigente do clube encarnado. Uma coisa é certa, o jogador tem direito ao trabalho. Seja onde for.

A atuação de Bruno Paixão em Barcelos tem todas as condições para justificar o famoso grito: "Chamem a polícia".

Não coloco em causa a honestidade do árbitro, mas acredito que os portistas se sintam roubados. E custa perceber como é o homem internacional. É que em Campo Maior também foi ele. E no Bessa, com o Sporting, no título axadrezado. Muita coincidência. Honesto pode ser, competente não.

Estranha ligação da PJ ao caso Éder. Espero que seja invenção academista. Os jogadores ainda não são escravos e têm toda a liberdade para decidir o seu futuro.

Bernardo Ribeiro \* subdirector

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-31\_janeiro-entrevista.31\_de\_janeiro.doc.txt

Gonçalo Waddington

"Era bom um 'Último a sair perdidos na selva'"

O ator, de 34 anos, foi uma das personagens mais controversas do "Último a sair", um dos programas de maior sucesso de 2011 e que já está disponível em DVD. Cheio de projetos para este ano, este portista convicto diz que não se pode queixar...

RECORD – Agora à distância de alguns meses, que impacto lhe parece ter tido o "Último a sair"?

GONÇALO WADDINGTON – Quando o programa estreou estava fora, a fazer uma peça na Holanda fui acompanhando o grande impacto que teve através do Facebook, do Twitter e do "feedback" que recebia do Bruno. Quando cheguei é que encarei a realidade: na rua chamavam-me nomes, diziam-me coisas como "acorda porco", etc.

R – As pessoas acreditaram mesmo que aquilo era a realidade...

GW – Muita gente não sabia se aquilo era verdade ou não. E, nesta situação, imaginem o que é no primeiro programa ouvir o Miguel Guilherme dizer "bem-vindos ao primeiro reality show pago pelo dinheiro dos contribuintes"... Eu representava o cliché do ator malcriado e muita gente acreditou que eu era mesmo assim...

R – O programa foi considerado o melhor do ano pela Associação de Telespectadores. É um orgulho?

GW – Sim, claro. Acho que nunca ninguém tinha pensado em gozar com um reality show e tinha de ser o melhor, porque a ideia é brutal. Tal como a constelação de pessoas que se juntaram para fazer o programa.

R – Faz sentido avançar para a 2.ª temporada ou "Último a sair" é um projeto fechado?

GW – Era bom que viesse um "Último a sair perdidos na selva"!

R – E projetos para o futuro?

GW – Em breve, vou filmar uma curta-metragem que escrevi. Estou também a escrever uma série com o Bruno Nogueira e o Tiago Guedes para a RTP e o "Capitão Falcão" já tem produção garantida. Vai estrear em finais de 2012, mas ainda não posso dizer o canal. Vou ter um ano em grande, não me queixo de nada!

R – É um portista aguerrido. Acha que o FC Porto ainda pode chegar ao título este ano?

GW – É possível, mas difícil. Cada vez que se muda de treinador é muito complicado. Mas a verdade é que falta muita coisa para acontecer no campeonato.

Não Assinada

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-31\_janeiro-notícia1.31\_de\_janeiro.doc.txt

ITÁLIA TEM SIDO O CENTRO DAS GRANDES TRANSAÇÕES INTERNACIONAIS

Ronda final do mercado promete maior animação

As grandes novidades do mercado estão guardadas para hoje mas, no mercado internacional, há clubes que se anteciparam ao último dia para tratar de entradas e saídas. Uma das transações mais badaladas de ontem foi a de Djibril Cissé, avançado que irá trocar os italianos da Lazio pelos ingleses do QPR – os romanos recebem 5 milhões de euros.

A saída do francês irá permitir à formação de Edy Reja encaixar uma verba que permitirá desbloquear a contratação do japonês Keisuke Honda, aos russos do CSKA Moscovo.

Inter. Ainda em Itália, o Inter está a fazer um esforço final para garantir que a primeira metade da época não se volte a repetir. Para além do resgate de Fredy Guarín ao FC Porto, os nerazzurri cederam o brasileiro Philippe Coutinho ao Espanyol. Contudo, as entradas no Giuseppe Meazza podem não ficar por aqui, visto a imprensa italiana ter veiculado ontem que Miguel Veloso poderá trocar o Génova pelos milaneses ou pela líder Juventus. O português tem mostrado serviço e a sua transferência poderá ser uma autêntica... surpresa.

Quando a Inglaterra, o grande destaque vai para a confirmação de Kevin de Bruyne por parte do Chelsea.

Bruno Fernandes

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-31\_janeiro-notícia2.31\_de\_janeiro.doc.txt

Roberto Carlos termina carreira

O percurso de Roberto Carlos nos relvados está a chegar ao fim. Aos 38 anos, o lateral-esquerdo anunciou, em entrevista ao jornal espanhol "Marca", que vai terminar a carreira em dezembro. O brasileiro, campeão mundial em 2002, acaba assim nos russos do Anzhi Makhatchkala, que representa desde fevereiro de 2011.

"O meu contrato como jogador do Anzhi acaba em junho de 2013, mas em dezembro tenho a possibilidade de terminar a minha carreira. Depois disso continuarei no clube, como adjunto do presidente Suleiman Kerimov", revelou o defesa. Roberto Carlos explicou que lhe foi pedido ajuda por parte de Kerimov, com o objetivo de "reforçar a estrutura do clube nos próximos dez anos". "Não paro por estar lesionado, mas porque a minha vida desportiva foi completa. Joguei no Palmeiras, no Inter Milão, no Real Madrid, vivi tudo o que um jogador pode viver enquanto futebolista", acrescentou.

Para além do Mundial conquistado ao serviço do Brasil, Roberto Carlos conta ainda com três Ligas dos Campeões (1998, 2000 e 2002) ao serviço do Real Madrid, clube que representou durante 11 épocas.

Lionel Messi. Na mesma entrevista, o lateral-esquerdo garantiu que o Anzhi, se quisesse, "contratava Messi amanhã mesmo". Palavras certamente ocas, tendo em conta que o mesmo Roberto Carlos já havia sugerido que o seu clube poderia contratar Mourinho, tendo acabado por chegar a acordo com o técnico russo Yuri Krasnozhan.

LM.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-31\_janeiro-opinião1.31\_de\_janeiro.doc.txt

Árbitro e favorito

Este campeonato parece já destinado ao Benfica. Cinco pontos de avanço, o plantel mais equilibrado e a liderança

técnica mais sólida apontam os encarnados ao título.

Claro que ainda há muito jogo pela frente. O grande Lucho chega para o FC Porto e fevereiro traz sempre o fator Europa, com lesões e cansaços para quem ainda por lá anda. Mas este Benfica está mesmo com estrela de campeão. Poderá ter alguma razão Vítor Pereira quando critica árbitros menos capazes por se vergarem ao poder do favorito. Em Portugal, ninguém sabe mais disso – de maus árbitros e supostos bons serviços – do que o FC Porto. Durante as décadas de oitenta e noventa do século passado, quantas vezes a equipa foi levada ao colo enquanto os outros candidatos eram empurrados para baixo? Várias. E nem sempre de forma conluiada certamente. Basta um espírito servil para decidir sempre em favor do mais forte.

Agora, estará o FC Porto a provar do seu próprio veneno? Talvez, mas até ao momento não parece. As arbitragens não têm mostrado uma tendência nítida e monocolor, antes continuam a enfermar, regra geral, de um atávico protecionismo aos clubes maiores. Nesta última jornada, o Benfica foi beneficiado, como é regra, e o FC Porto estranhou decisões duvidosas contra os seus interesses.

Só as próximas rondas poderão acentuar a tendência encarnada deste título e desfazer ou confirmar a ideia de que este favoritismo se estende do melhor futebol jogado até à arbitragem.

Pois, para já, a verdade é que pertence ao Benfica o futebol mais sólido. O maior poderio ofensivo. A mais rápida circulação de bola.

E, aos melhores, até o apito parece sempre ajudar.

Octávio Ribeiro

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-31\_janeiro-opinião2.31\_de\_janeiro.doc.txt

A época está a ser um desastre, mas o FC Porto como o conhecemos nunca desistiria a cinco meses do fim

A encomenda

A temporada do FC Porto é um desastre. Até ao Ano Novo, quando alguém ousava questionar a cronologia decadente da equipa supercampeã, comparando implicitamente e muito ao de leve com o ano anterior, logo surgiam as vozes oficiais recordando, factualmente, que continuava nas diversas frentes, que estava à frente do campeonato, que não tinha perdido, etc.

Mas por essa altura a Liga dos Campeões já se tinha ido perante adversários menores, a Taça de Portugal idem após 25 eliminatórias consecutivas e a liderança da Liga era uma mera formalidade, pois o cotejo semanal com o Benfica há muito pendia para os encarnados. Com regularidade assustadora, os resultados iam desfazendo o mito, num cenário de desorientação e amolecimento da temida "máquina" portista.

A gestão de um plantel campeão e cheio de ambição exigia uma liderança muito competente, muito personalizada, muito decidida. A ganância dos jogadores e seus agentes, o ego das vedetas, a vertigem dos grandes negócios e, conseqüentemente, o eterno confronto entre o comodismo e a alta competição impunham um casting mais elaborado da sucessão de Villas-Boas.

E a precipitada aposta em Vítor Pereira, selada com uma cláusula de rescisão magnânima, contrastava logo à partida com aqueles objetivos. Não pela comparação, impossível de realizar de forma honesta, mas pela falta de garantia de rendimento num quadro de competição previsivelmente mais apertado. O FC Porto de 2012 justificava um senador, mas foi entregue a um iniciado – o cenário propício a que tivesse de correr mal o que podia correr mal.

Para a materialização da lei de Murphy na pauta dos resultados, as hesitações, deambulações e cambalhotas do treinador foram em gravidade e quantidade suficientes para provocar uma enorme ebulição em qualquer clube com uma vida associativa pouco menos do que vegetal.

Fucile, Sapunaru, Guarín, Fernando, Cristian Rodriguez e Belluschi em instabilidade permanente. Iturbe desamparado. Defour, Mangala, Alex Sandro e Danilo difíceis de pagar e de integrar. Kleber e Walter imolados no altar de Falcão. Hulk sacrificado e em depreciação galopante. Um naufrágio em larga escala, com um comandante à deriva, agarrado aos quatro ou cinco sobreviventes que ainda vão mantendo a barca à tona, incluindo Helton, o capitão despromovido na noite da desgraça.

A época está a ser um desastre, mas o FC Porto como o conhecemos nunca renunciaria a cinco meses do fim. A aposta firme da SAD neste treinador, contra todos os prognósticos, não merecia, por isso, uma declaração de desistência como a proferida em Barcelos, ao admitir implicitamente que o outro clube estaria a ser conduzido ao título e, a 13 jornadas do fim, podia até encomendar as respetivas faixas.

De todos os erros, este foi o maior, só comparável à desistência de Quinito em 1987. Porque acusar o abalo de duas derrotas copiosas sob supervisão de Bruno Paixão em pouco mais de dois meses diminui a "organização portista" para

um nível de incompetência que a desvaloriza e descaracteriza: resumiu Vítor Pereira ingenuamente que, afinal, não só não há dinheiro, como nada está tratado.

João Querido Manha

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-31\_janeiro-reportagem.31\_de\_janeiro.doc.txt

JORGE BRAZ APONTA BATERIAS AO JOGO COM O AZERBAIJÃO E REFERE QUE A TRANQUILIDADE REINA NO SEIO DO GRUPO

"Queremos começar bem"

É já amanhã que Portugal entra em ação no Campeonato da Europa da Croácia. Ontem a UEFA já anunciou o árbitro do jogo com o Azerbaijão: Ivan Shabanov (Rússia). Apesar da proximidade da competição, não há sinais de ansiedade ou nervosismo, e parece evidente a união na equipa, que ontem teve duas sessões de trabalho. Entretanto, também ontem foi dia da habitual conferência de imprensa oficial da UEFA, que antecede o início da prova. Na ocasião, o selecionador nacional Jorge Braz revelou que o conjunto está a "ultimar pequenos pormenores" e voltou a referir que, para já, todas as baterias estão apontadas ao duelo frente ao Azerbaijão, que considera importante "fundamentalmente por ser o primeiro jogo".

Ainda assim, garantiu: "Existe uma grande tranquilidade em relação ao que vamos encontrar no primeiro confronto. Temos consciência daquilo que queremos fazer e, acima de tudo, queremos começar bem", referiu o técnico, de 39 anos.

"Sabemos do potencial que temos e as pessoas estão atentas a isso. É bom ver a nossa qualidade reconhecida, mas isso não nos vai desviar do nosso trajeto e obrigações."

Questionado sobre as falhas na finalização que por vezes se verifica, o selecionador foi perentório: "Temos grandes finalizadores. Não estamos preocupados com essas questões." De resto, o treinador garantiu que, desde o Europeu de 2010, a equipa amadureceu. "Espero que durante esta competição a equipa continue a crescer, porque queremos sempre melhorar", rematou.

Esquecimento. Alésio Silva falhou a conferência de imprensa da UEFA, pois... esqueceu-se. O técnico brasileiro, que orienta o Azerbaijão (no qual alinham cinco compatriotas), falou apenas à hora do treino, analisando a formação das quinças. "O jogo com Portugal é sempre difícil, mas sabemos que eles também nos respeitam. Agora com Ricardinho... Ele pode fazer coisas diferentes, quebra qualquer tipo de marcação ou esquema que esteja planeado. Esperamos fazer um bom jogo, mas sabemos que é muito difícil", referiu.

O selecionador sérvio Aca Kovacevic considerou o grupo "muito difícil" e elogiou a Seleção Nacional: "Portugal não só é favorito a ganhar o grupo, mas também a conquistar o troféu."

Cláudia Marques \* Zagreb \* Croácia

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-3\_janeiro-Crónica.3\_jan.doc.txt

Rio Ave encostou Sporting às cordas e teve o KO à vista no último segundo

Em dia de aniversário de Domingos Paciência (o 43.º), os jogadores do Sporting ofereceram-lhe uma exibição descolorida. Valeu o golo marcado perto do fim por Onyewu – que voltou a faturar junto à foz do Ave... – e três defesas monumentais de Marcelo Boeck nos instantes finais, roubando a Saulo e em duas ocasiões a Yazalde – um nome associado à história do clube de Alvalade – por três vezes o golo da vitória que parecia tão fácil de marcar. O jogo, esse, não foi fácil para qualquer das equipas. O critério disciplinar do árbitro da partida – o mesmo que no Tribunal de Gondomar disse que era Pierluigi Colina quem era conhecido por Cosme Machado – também não ajudou, sobretudo na 2.ª parte, quando o Rio Ave jogou mais na expectativa e fez 16 faltas perante um Sporting que perdeu o seu sentido de jogo.

Mas a história desta partida começou a escrever-se pela mão de João Tomás, melhor, pela testa do veterano ponta-de-lança. Um golo que nasceu de um livre de outro jogador também com muitos quilómetros de futebol (Jorginho). Depois seria a vez de outro sénior, o guarda-redes Paulo Santos, brilhar por duas vezes, roubando o empate ao Sporting aos minutos 33 e 61. Assim se provando que associar o rendimento à idade de um jogador é apenas um lugar-comum que importa começar a banir do léxico do futebol.

Com uma clara tendência para jogar pela esquerda, o Sporting foi uma equipa desequilibrada. É verdade que criou oportunidades, mas o seu jogo não foi fluente e o Rio Ave depois do golo que marcou continuou a subir no terreno e a

aproveitar as fraturas que se iam abrindo na defesa leonina, João Tomás, pois quem havia de ser?, podia ter bisado sobre o minuto 35, quando foi isolado por Yazalde e preferiu tentar o chapéu em vez de controlar a bola. Terminou a primeira parte com Insua a ver Paulo Santos voar para uma bola com a agilidade de um miúdo de 18 anos...

Mudanças. Na segunda parte, Domingos não tardou muito a fazer mudanças. Matias Fernandez entrou e depressa deu um ar da sua graça, passando Elias a fechar à frente dos centrais. Respondeu Brito com a troca de Jorginho por André Vilas, procurando dar mais consistência ao seu meio-campo. Havia pouco futebol, com o jogo a parar muitas vezes devido a faltas ou como consequência de alguns golpes. E até seria um jogador do Rio Ave, André Dias, a oferecer por essa altura a melhor oportunidade de golo ao Sporting, mas Capel deixou-se surpreender por Paulo Santos.

Carlos Brito e Domingos continuaram a operar mudanças e ganhou aí mais o treinador leonino, sobretudo com o regresso de Izmailov. Mas era só um cheirinho de mudança que se sentia no futebol sportinguista. Com Marcelo a ter de brilhar quando, aos 76', Atsu apareceu à sua frente com a bola dominada. Lá se ia o segundo "match point" do Rio Ave...

O golo do Sporting aparece já naquele período em que a equipa que está a ganhar tem o impulso de recuar 10 ou 20 passos. A defesa vila-condense é apanhada em contrapé mas tem de ser um central leonino a fazer o golo que os avançados ontem não conseguiriam marcar, mesmo que o jogo tivesse durado o dobro do tempo.

Pela atitude, pelas oportunidades de que dispôs, pela forma como se bateu, pela organização que demonstrou, para o Rio Ave este empate tem um sabor amargo, enquanto para o Sporting é quase uma vitória nesta Taça da Liga. Mas para Domingos já houve certamente dias de aniversário com um final bem mais feliz.

Eugénio Queirós

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-3\_janeiro-Entrevista.3jan.doc.txt

Entrevista a Domingos Paciência

"Fomos castigados pelo que não fizemos"

– O Sporting não entrou muito bem na partida. Já estariam os seus jogadores a pensar no FC Porto?

– Eu não consigo fazer um jogo a pensar no próximo, já era assim como jogador e também não acredito que os meus jogadores pensem assim. A equipa do Sporting que apresentámos é muito próxima daquela que normalmente joga. Penso sempre no jogo do presente a pensar nos próximos encontros e não apenas no que se segue imediatamente, como é o caso desse com o FC Porto. Às vezes não jogámos tanto como hoje [ontem] e ganhámos. A equipa joga e treina-se sempre a pensar nos próximos jogos: felizmente, ainda estamos em todas as competições e, por isso, não podemos escolher um jogo para preparar a equipa.

– Como explica a má entrada em campo da sua equipa?

– O jogo fica marcado, claramente, pela primeira parte, pela forma como entrámos em campo e pelo golo que sofremos. Depois, a equipa teve mais velocidade, mobilidade e intensidade. Podíamos ter feito golos em três ocasiões, mas não conseguimos concretizar. O jogo acabou por se arrastar, o Rio Ave baixou o bloco, como tanto gosta, e podia ter feito mais golos. Procurámos assumir o jogo, pena foi não termos aproveitado as oportunidades que tivemos.

Fomos castigados pelo que não fizemos, nomeadamente a falta de eficácia na última meia hora.

– Até que ponto este jogo compromete as aspirações da sua equipa?

– Ainda há mais dois jogos. Está tudo em aberto. A derrota tornava tudo mais complicado... Trabalhámos para o empate, a equipa procurou sempre. Se tivéssemos conseguido o golo mais cedo até podíamos ter saído daqui com outro resultado, sem esconder que o Rio Ave, nas transições rápidas, também podia ter resolvido o jogo.

– Considera o resultado justo?

– Se analisarmos as situações de golo, pelo Elias, pelo Schaars e pelo Capel, mesmo sabendo que eles tiveram pelo João Tomás e pelo Yazalde, tivemos mais oportunidades, mas o resultado acaba por ser justo. Perdemos seria uma injustiça, embora a equipa só depois do 1 -0 reagiu e se mentalizou que tinha de ganhar.

– Esperava tantas dificuldades?

– Tivemos as mesmas dificuldades que todas as outras equipas nos criam. Procurámos jogar em ataque organizado, jogar a toda a largura do campo, procurámos controlar o jogo, mas depois as perdas de bola em determinadas zonas permitiu ao Rio Ave criar situações de golo. Acabaram por chegar ao 1-0 com felicidade, depois de uma defesa do Marcelo, mas tiveram outras oportunidades através dessas tais transições após perdas nossas.

– A aposta no Marcelo foi ganha...

– Teve uma grande decisão no resultado final. Acabou por ser infeliz no 1 -0, mas seguiu o empate com duas excelentes defesas, já no fim.

- Voltou a contar com o Matias Fernandez e com o Izmailov...
  - É natural que tenha querido dar-lhes minutos, que os queira recuperar. Era um jogo que pedia criatividade para desmontar a teia do Rio Ave, e foi nesse sentido que, também, lancei o André Martins. Vamos reforçar a sua recuperação nos próximos treinos e veremos se dão uma resposta positiva.
  - Tem ensaiado vários jogadores na posição 6. Preocupa-o esse lugar para o jogo com o FC Porto?
  - Tenho jogadores com capacidades e dependendo de quem atuar nessa posição o jogo pode ser mais lento ou mais rápido. Confio em todos... Há jogadores que estão a voltar, como o Matias e o Izmailov, que podem jogar no triângulo do meio-campo.
- Ricardo Vasconcelos e Paulo Paulus

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-3\_janeiro-Notícia1.3\_jan.doc.txt

## MELHOR RESULTADO DE QUE HÁ REGISTO

Estradas estão a matar menos

O ano que terminou fica na memória devido à crise, ao apertar do cinto, mas também porque em 2011 a sinistralidade rodoviária registou resultados históricos. Pela primeira vez desde que há registo, ou seja 1960, o número de vítimas mortais nas estradas portuguesas ficou abaixo das 700.

Também o número de feridos graves – 2.420, menos 217 do que em 2010 – é o melhor resultado desde que há estatística. Porém, há que salientar que estes resultados ainda não são os finais, já que atualmente também são contabilizadas as pessoas que acabam por morrer até 30 dias depois dos acidentes e esses dados ainda só estão disponíveis para os primeiros seis meses do ano – em 2010 morreram 196 pessoas e nos primeiros seis meses de 2011 morreram 93.

Vendas caem. Esta boa notícia da diminuição do número de mortes nas estradas estará também associada ao fator crise – o carro é deixado em casa mais vezes e a velocidade é mais controlada –, que atirou abaixo o sector automóvel. Em 2011 venderam-se 153.433 carros, menos 80 mil do que em 2010, ou seja uma queda de 31,3%: pior resultado desde 1988. A Renault foi mais uma vez, pela 14.a, a líder, com 16.340 automóveis comercializados, menos 10 mil do que no ano anterior. Em 2.º lugar ficou a Volkswagen.

Não Assinada

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-3\_janeiro-Notícia2.3jan.doc.txt

## ENTRAM HOJE EM VIGOR

Medicamentos com novos preços

É já a partir de hoje que os medicamentos passam a ser mais baratos para os utentes, com a indústria a ter a obrigatoriedade de não colocar nas farmácias medicamentos que apresentem preços diferentes dos definidos por lei. Ainda assim, as farmácias dispõem de três meses para escoar produtos ao valor antigo. As novas regras para a formação dos preços constam de uma portaria publicada ontem, que veio regulamentar um decreto-lei de novembro que determinou "uma baixa generalizada dos preços" para os utentes e uma poupança dos gastos públicos.

O diploma define ainda que os preços dos genéricos "devem ser reduzidos até ao valor correspondente a 50 por cento do preço máximo, administrativamente fixado, do medicamento de referência com igual dosagem e na mesma forma farmacêutica".

Não Assinada

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-3\_janeiro-reportagem.3jan.doc.txt

Serena Williams diz que prefere compras ao ténis

A norte-americana Serena Williams, uma das melhores tenistas do Mundo, chocou ontem tudo e todos ao assumir que não morre propriamente de amores I pela modalidade que pratica profissionalmente há 17 anos.

"Na verdade, nunca gostei de desporto. Nem sei como me tornei atleta", atirou a antiga n.º 1 mundial em conferência de imprensa, após ter superado a sul-africana Chanelle Scheepers na 1.ª ronda do Torneio de Brisbane (Austrália), por 6-2 e 6-3.

No seguimento desta revelação, a tenista, de 30 anos – que regressou à competição após mais de três meses de ausência –, foi mais longe, confessando que, caso tivesse de optar entre a atividade física ou o lazer, não quebraria a cabeça com a decisão... "Não gosto de me treinar nem de qualquer tipo de trabalho físico, fá para estar sentada ou fazer compras, sou excelente!", admitiu, entre risos.

Ainda assim, Serena garante que não pensa no abandono: "Não tenho um amor louco pelo ténis, mas estou cá. Para já não consigo viver sem ele."

Palmarés. Apesar do suposto desinteresse pela modalidade, o currículo de Serena Williams, que em 14 temporadas conquistou 39 títulos de singulares, 13 deles em torneios do Grand Slam (o primeiro com 18 anos apenas), dá conta do valor da norte-americana. Até onde chegaria, então, se acrescentasse ao talento natural a paixão pelo ténis?

M.A.

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-3\_janeiro-Opinião1.3\_jan.doc.txt

O erro de André

A vitória de ontem não muda nada: Villas-Boas está em queda no Chelsea. Uma limpeza de balneário durante este mês já não vem a tempo de salvar uma época que só uma muito improvável vitória na Liga dos Campeões poderia ainda fazer brilhar.

O ex-técnico do FC Porto já mostrou competência, frieza para lidar com o stress mais intenso, instinto no banco. O que lhe faltou, então, nesta entrada em Inglaterra?

Villas-Boas em variados domínios – da extroversão no banco, linguagem corporal e facial em particular, à capacidade de comunicar com os jogadores através da imprensa – segue de perto Mourinho. Mas, na entrada em Inglaterra, desrespeitou uma regra de ouro: não se pode vencer de forma constante com uma equipa dominada por jogadores milionários, instalados, em final de carreira. O ex-adjunto deveria lembrar-se que a estrela de Mourinho empalideceu no Chelsea quando Abramovich lhe impôs Ballack e Schevchenko. Então, Terry, Lampard e Drogba ainda estavam na plenitude e sem o aburguesamento competitivo que dinheiro e idade em regra trazem. A avaliar pela época presente, estes três jogadores não parecem exceção à regra, como foram, em tempos recentes, Figo ou Maldini. Como ainda é Raúl, por exemplo. Raúl que, recorde-se, saiu de Madrid com a chegada de Mourinho. E com ele o leal escudeiro Guti.

Villas-Boas ponderou mais a remuneração do seu contrato do que as condições necessárias para chegar ao êxito. Menos um punhado de milhões no cheque e talvez o plantel pudesse ser outro. Ou Villas-Boas achava-se capaz do milagre da multiplicação da força, velocidade e ambição, em jogadores que têm a sua idade e muito mais experiência no futebol de topo?

Há erros que um líder de qualidade não comete duas vezes. Veremos se Villas-Boas terá a segunda oportunidade que a sua competência merece.

Octávio Ribeiro \* director do Correio da Manhã

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-3\_janeiro-Opinião2.3jan.doc.txt

Os protetores

Uma manobra clássica dos ciclos políticos é a incursão legislativa nos meandros do futebol profissional, confundido com desporto apesar de há um século a canibalizar recursos e paixões dos portugueses pela coisa desportiva. Desde meados dos anos 80, embora sem nunca justificar um ministério, o frenesi partidário produziu contraditórias Leis de Base, interferiu no livre associativismo e, certamente pelas piores razões, nunca atinou com um rumo estável que permitisse o crescimento concertado da atividade, nem um paradigma de educação pelo desporto, ao contrário dos parceiros europeus.

Ainda agora terminou, com as sofridas eleições da FPF, o enquadramento à última lei orientadora, com impacto negativo em praticamente todas as outras federações que a ela só se sujeitaram pela dependência extrema das migalhas do OE, e já os novos governantes saem a terreiro com, não um, não dois, mas três estudos de mudanças estruturais, escorados na ambição partidária de realizar "obra".

Pela mediação e pelo interesse público as recomendações dos "grupos de trabalho" assestaram pontaria a temas fervilhantes e tão conclusivos como o sexo dos anjos. A profissionalização dos árbitros (de futebol, mas porque não dos outros?) é a senha de entrada no clube restrito dos que sempre dão mais um nó nos emaranhados regulamentares

para assegurarem que tudo fica como acham que deve estar, sob controlo deles.

Regimes fiscais e de segurança social de exceção, totonegocio, sociedades anónimas para disfarçar as falências, por um lado, condicionamento dos arquétipos competitivos e do estatuto dos atletas, por outro, praticamente todos os modelos foram alvo de investidas de políticos espertos, incluindo no domínio da segurança e da indústria do espetáculo. Não raro, o rótulo de legislação "mais avançada" da Europa surgia no rodapé propagandístico das inovações, o que torna tudo mais difícil de entender quando, nos balanços, acabam por chegar sempre à conclusão de que as coisas ficam piores do que estavam.

É neste ponto que nos encontramos, no dealbar de mais uma transição rápida, agora pelo flanco da direita: liberal através da alienação das sociedades desportivas, populista pela profissionalização dos árbitros e com laivos de nacionalismo contra o "excesso de estrangeiros". Para o quadro ser completo só faltaram um grupo de trabalho pela introdução das "novas" tecnologias da bola e outro pelo reconhecimento e legalização das apostas online.

Assustador é que, desta vez, surgem associados ao poder político os novos dirigentes do futebol, entusiasmados com a vontade de aumentar os campeonatos com mais emblemas falidos, porque acham que há muitos fins-de-semana sem futebol, e gulosos pela visão quimérica de inesgotáveis dinheiros da televisão. Sempre com um protecionismo benigno em pano de fundo, que teria, como derradeiro objetivo, a felicidade coletiva em torno de uma atividade transparente, equilibrada e justa, mas também promessa de uma seleção nacional melhor do que a melhor da história. Política sem vergonha.

João Querido Manha

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-7\_fevereiro-Entrevista.7\_de\_fevereiro.doc.txt

Boss AC

O músico, de 36 anos, lançou ontem o seu novo álbum, "AC para os amigos", e contou-nos alguns pormenores deste trabalho, onde se inclui o single "Sexta-feira (Emprego Bom Já)", que é um sucesso. A Record falou ainda do seu Sporting e da Seleção Nacional.

RECORD – A primeira música do álbum é quase uma apresentação. Gosta de mostrar o seu lado mais pessoal nos trabalhos?

BOSS AC – Sim, o próprio álbum chama-se "AC para os amigos" e parto do princípio que vou ter mais amigos – ou seja as pessoas que vão comprar e ouvir o álbum – e o primeiro passo numa amizade é a apresentação. Fazia todo o sentido que a música fosse algo do género: "Olá, sou o AC, isto é o que faço, é o que eu sou!"

R – As letras têm sempre um lado muito motivacional e neste álbum não foge à regra...

AC – Este tipo de músicas são, antes de mais nada, recados para mim. Sou eu a dizer: "AC tu és mais forte". Todos passamos por momentos menos bons e precisamos de um incentivo. Esta acaba por ser, às vezes, a força das minhas músicas, porque as pessoas identificam-se com isso.

R – Escreve mais em dias bons ou em dias maus?

AC – Acho que escrevo mais em dias maus. Quando estou mais introspetivo, menos feliz, é mais fácil escrever.

R – O single "Sexta-Feira (Emprego Bom Já)" é quase uma música de intervenção. Este estilo é bem recebido?

AC – Não, esta música é um retrato social que quis fazer de forma divertida e fresca. Não é uma música que as pessoas identifiquem logo comigo e acho que essa está a ser grande força da música, é transversal.

R – E o seu Sporting? Acredita que ainda vai vencer alguma competição?

AC – Acredito que alguma coisa está errada no clube e é de base, porque só assim se explicam tantos anos de maus resultados. Mas acho que somos fortes candidatos à Taça de Portugal e a Liga Europa.

R – Acredita numa boa prestação da Seleção no Euro'2012?

AC – Sim, não tenho a mínima dúvida. Portugal tem uma equipa de luxo e é, com certeza, uma das equipas mais fortes da Europa.

Não Assinada

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-7\_fevereiro-notícia1.7\_de\_fevereiro.doc.txt

SERVIÇO HEPÁTICO PEDIÁTRICO EM COIMBRA

Transplantes reativados

O Hospital Pediátrico de Coimbra (HPC) começa amanhã, ao abrigo da reativação do serviço de transplantes hepáticos,

a avaliar crianças portuguesas candidatas a transplantes do fígado. Segundo a pediatra Isabel Gonçalves, são seis as crianças que estão neste momento em lista de espera, incluindo uma que está a ser seguida em Espanha, para onde eram encaminhadas desde a suspensão do programa nacional, em julho de 2011. "Nenhum dos casos é extremamente urgente, há uma criança em Espanha que está a fazer avaliação e é a que nos preocupa. Vamos ver se será transferida ou se ainda terá algum órgão lá", disse a médica, numa conferência de imprensa, no HPC. Recorde-se que, recentemente – a 20 de janeiro – uma menina portuguesa morreu em Madrid com complicações pulmonares, que surgiram após ter recebido um transplante de fígado.

Este novo programa foi oficialmente reativado ontem e até 15 de março serão criadas as condições para o início dos primeiros transplantes no HPC. O secretário de Estado adjunto do ministro da Saúde, Leal da Costa, garantiu que "está tudo definido: as crianças serão operadas no HPC, podendo, numa fase transitória, sê-lo no Hospital da Universidade de Coimbra". Quanto à possibilidade de criar um segundo centro, o governante disse que "o importante é ter Coimbra a funcionar".

Não Assinada

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-7\_fevereiro-notícia2.7\_de\_fevereiro.doc.txt

TÉNIS É O 5.º PORTUGUÊS A CONQUISTAR UM TROFÉU NESTA VARIANTE

Frederico Gil ganha título ATP em pares

Depois de um arranque de temporada algo periclitante, Frederico Gil parece embalado rumo aos bons resultados. O tenista de Sintra, que na Austrália se tornou no primeiro jogador português de sempre (em masculinos) a atingir a 3.ª ronda de um torneio do Grand Slam, ganhou em Vina del Mar, no Chile, o título de pares, depois de ter sido quarto-finalista em singulares. Trata-se do quinto português de sempre a conquistar um troféu nesta variante (ver quadro), o primeiro desde 1997, quando Nuno Marques e João Cunha e Silva triunfaram em Casablanca.

Gil, de 26 anos, e o espanhol Daniel Gimeno-Traver derrotaram na final Pablo Andujar e Carlos Berlocq, com os parciais de 1-6, 7-5 e 12-10, em 1 hora e 22 minutos, embolsando 16.700 euros em prémios.

Trata-se do primeiro título ATP na carreira do português, que já tinha estado na final do Estoril Open em singulares (2010), e o 7.º na variante de pares, visto que já tinha 6 troféus, mas todos em torneios de categoria challenger.

O bom desempenho no Chile permitiu que Frederico Gil galgasse algumas posições no ranking mundial. Em singulares é 87.º e em pares subiu 91 lugares (mercê dos 250 pontos agora amealhados), ocupando o 152.º posto. Não se trata, porém, da sua melhor classificação, pois já chegou a ser 105.º em 2010.

Aliás, muito em breve Gil poderá tornar-se no segundo português de sempre a integrar o top 100 mundial nas duas variantes, depois de Nuno Marques, que em pares chegou a ser o 58.º do Mundo, em abril de 1997.

Isabel Dantas \* Norberto Santos

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-7\_fevereiro-opinião1.7\_de\_fevereiro.doc.txt

Trauma leonino

Nos últimos 12 jogos, o Sporting marcou 12 golos. Desses, apenas um foi da autoria de um ponta-de-lança: Van Wolfswinkel, de penálti. Esta constatação, feita na edição de ontem do Record, reflete o drama que é a finalização leonina. Com o Gil Vicente, essa pecha voltou a ser evidente e altamente penalizadora. Pode apontar-se o dedo ao avançado holandês por ter desperdiçado uma oportunidade clara, mas que dizer dos golos cantados que Matias Fernandez e Carrillo perderam? Pois...

Há fases em que até se marcam golos com a "bunda", como dizem os brasileiros, mas há outras em que parece que pela frente estão os melhores defesas do Mundo e fica a sensação de que a baliza encolheu. O Sporting está a atravessar esse ciclo de ineficácia que já se tornou num círculo vicioso. Enquanto não se fizer luz sobre a baliza, os jogadores vão continuar a ver muito escuro o caminho para o golo. No dia em que a bola entrar, de acordo com a sabedoria de Cristiano Ronaldo, os golos serão como o ketchup, vêm todos de uma vez. O problema é que o efeito tem de ser imediato.

Neste momento, o contributo dos pontas-de-lança representa 32,6 por cento dos 52 golos apontados pelo Sporting esta época em todas as competições. Além daqueles que Van Wolfswinkel fez, só Bojinov ajudou.

Dir-se-ia que com números destes, não há equipa que possa manter altas as ambições. Não é exatamente assim. É um facto que em relação ao Benfica a diferença é grande. Os golos de Cardozo, Rodrigo e companhia (ou seja, Nelson

Oliveira e Saviola) representam 52,7 por cento do total da faturação encarnada. Já em relação ao FC Porto, por incrível que pareça, a vantagem é leonina: se juntarmos aos golos de Kleber e Walter (e já um de Janko) aqueles que Hulk marcou como ponta-de-lança, o contributo não passa os 30 por cento. Parece que o gigante austríaco veio para inverter a tendência.

António Magalhães \* director\*adjunto

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-7\_fevereiro-opinião2.7\_de\_fevereiro.doc.txt

ONYEWU SAIU DO RELVADO SOB APLAUSOS, OS SUCESSIVOS EX-DIRIGENTES DO "PROJETO ROQUETTE" ESTÃO ILIBADOS

Capitão Sporting

O americano Onyewu deu largas a uma sinceridade que apanhou de surpresa o mundo leonino, ao pedir publicamente desculpas por ter deixado mal a equipa com a sua expulsão frente ao Gil Vicente. Mas os sportinguistas não entenderam a transparência do chamado Capitão América, talvez o primeiro em mais de 20 anos a admitir responsabilidades numa decisão arbitral nefasta para o emblema.

Educado para enfrentar a realidade, Onyewu procede de uma cultura desportiva incompatível com a nossa tradição de alijar responsabilidades para os parentes mais débeis da cadeia social. Não é um problema exclusivo do Sporting, mas um ponto fraco que se agudiza nos momentos críticos de todos os emblemas e decorre da falta de cultura (e prática) desportiva dos adeptos e de formação profissional dos dirigentes.

O episódio surge dias depois da revelação da auditoria à gestão dos últimos doze anos, cujas óbvias constatações também justificariam que alguns personagens, se fossem "americanos", se chegassem à frente a pedir desculpa por terem deixado ficar mal o clube, com as suas faltas e erros sistemáticos. Pelo contrário, o ciclo fechou com o regresso à direção dos responsáveis pela construção do estádio e pela gestão de jogadores, agora reconhecidos como os dois vetores principais da crise financeira.

Onyewu saiu do relvado sob aplausos, os sucessivos ex-dirigentes do "projeto Roquette" estão ilibados, incluindo os conselhos fiscais que os louvavam em cada relatório anual.

Ao longo de décadas, a personalidade do Sporting evoluiu, de forma quase impercetível, para este estado de negação que lhe vem retirando discernimento coletivo e capacidade de concentração geral na recuperação do lugar perdido para o FC Porto. Entre estados de euforia sem controlo e de depressão sem serenidade, falta capacidade de definir um plano de crescimento sustentado e um pouco menos de azar com os eleitos.

De momento, é uma utopia encontrar um corpo para a farda de um corajoso "Capitão América" que o salve desta progressiva perda de identidade, ameaçada pela anarquia interna e pelo totalitarismo da Banca.

O Sporting tem a melhor capacidade de formação de talentos, criou dois dos melhores jogadores do Mundo deste século, mas, se não consegue retê-los para ganhar campeonatos, devia pelo menos ser capaz de os vender por valores que lhe pagassem as contas em vez de as agravar.

O Sporting que joga o melhor futebol, apresenta os melhores jogadores, escolhe o treinador mais capaz, procura há anos, sem sucesso, uma solução para o crónico problema da arbitragem, que define como o único a separá-lo de regulares conquistas de títulos.

O Sporting tem a marca desportiva mais forte, um enorme potencial de crescimento entre a juventude urbana, mas não consegue atualizar a comunicação em parâmetros de futuro, indeciso entre o primado do ecletismo e a frustração do futebol e condicionado pela sobrevalorizada influência das falanges organizadas – suprema ironia, quando nos lembramos da razão da existência do "verdadeiro" Capitão América e da índole dos seus inimigos.

João Querido Manha

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-7\_fevereiro-crónica.7\_de\_fevereiro.doc.txt

COM O ARGENTINO EM CAMPO, O SPORTING CORRIA E JOGAVA. SEM ELE, CORRE MENOS E, POR ISSO, QUASE NÃO JOGA. MAU SINAL

Que segredo esconde Rinaudo?

O Sporting está a poucas horas de disputar mais uma final antecipada. Um julgamento que supostamente deveria acontecer lá para abril ou maio, afinal de contas, ocorre já em meados de fevereiro. A semana das grandes decisões começou mal, pessimamente – com uma derrota em Alvalade e o inesperado adeus a um dos objetivos tangíveis da

época. Seguem-se duas hipóteses de renascimento, ambas na Madeira, mas debaixo de uma desconfiança cada vez maior. Mesmo quando as razões de um descalabro não são óbvias, o adepto exige sempre uma explicação. É a única forma de confortar a alma. No caso dos leões, há uma teoria que vai servindo de "aconchego" neste período mais delicado: a ausência de Rinaudo. Com ele, o Sporting corria e jogava. Sem ele, corre menos e, por isso, quase não joga. Ora, é mau sinal quando a eficácia de uma estrutura depende em excesso da presença do seu pivô. Mas é igualmente mau que um treinador demore tanto tempo a encontrar uma solução à altura. Domingos tentou adaptar um central (Carriço), um jogador fino e com futebol mais elegante (André Santos) e até um "reforço" que chegou e pouco depois já estava em campo num clássico (Renato Neto). Falharam todos. Que segredo esconde Rinaudo?

O recém-eleito presidente da Liga de Clubes, Mário Figueiredo, teve um arranque de mandato marcado pelas questões do eventual alargamento da Liga e da alegada não descida de divisão. Isto quando ainda antes da sua eleição rebentara o caso Bwin. E ainda não aquecera o lugar e já o Governo encostava os clubes à parede com o Totonegocio. Advogado experimentado, ainda sócio de escritório de Adelino Caldeira, vice-presidente do FC Porto; e de Gil Moreira dos Santos, advogado de Pinto da Costa no Apito Dourado, Mário Figueiredo tem sabido resistir à reação fácil e extemporânea em proveito de um trabalho de casa que um destes dias terá de apresentar. Cada um é para o que nasce: há dirigentes que se eternizam nas funções e renovam mandatos como quem muda de camisa. Outros, com 20 dias de ação, são julgados como se fossem os responsáveis por todos os males do futebol português. É preciso ter calma.

Nuno Farinha \* director\*adjunto

txt2/textos\_dos\_jornais\_portugueses-Record-7\_fevereiro-reportagem.7\_de\_fevereiro.doc.txt

PORTUGAL TENTA HOJE DERROTAR A ITÁLIA PELA PRIMEIRA VEZ EM JOGO DOS QUARTOS-DE-FINAL

Malapata a quebrar

A Seleção Nacional joga hoje uma cartada decisiva no Campeonato Europeu de futsal – defronta a Itália nos quartos-de-final, esperando que o número 14 se revele da sorte. As duas formações já se defrontaram 13 vezes e os portugueses nunca conseguiram vencer. Apesar de os italianos serem invencíveis nos duelos com lusitanos, o empate é o resultado mais frequente.

Os transalpinos, que são famosos pela predominância de brasileiros (disfarçados pelos nomes italianos que têm de adotar quando se naturalizam), chegaram ontem à tarde (cerca das 14 horas) de Split, onde se classificaram em 2.º lugar no Grupo C.

Confiança. "As perspetivas são as melhores. Sabemos bem do valor deles, mas também temos o nosso. É um jogo complicado, mas é destes que gostamos. Sabemos que o caminho até à final é complicado, mas eles também estão preocupados connosco", sublinhou Gonçalo Alves, que ontem fez a antevisão do duelo. O fixo, de 34 anos, considera que há mais equilíbrios" e acredita que este pode ser o jogo da reviravolta no historial de confrontos: "Portugal está mais consistente, melhorámos muito mentalmente. A Itália tem dinâmica no ataque e é forte fisicamente, mas nós estamos prontos. Sentimos que estamos mais perto da vitória."

Para o jogo de hoje, o técnico Jorge Braz conta com todo o plantel a 100 por cento. Ontem, os jogadores nacionais assistiram a vídeos dos últimos confrontos com os transalpinos e tiveram uma reunião preparatória. Após o jogo entre Roménia e Espanha realizaram a última sessão de trabalho antes da partida.

Entretanto, os árbitros Borut Sivic (Eslovénia) e Fernando Lumbreras (Espanha) foram os nomeados pela UEFA para este encontro.

Cláudia Marques \* enviada especial à Croácia

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_10\_janeiro-entrevista.10\_jan.doc.txt

ENTREVISTA

Clementino Coelho, presidente interino da Codevasf

'Coloquei o meu cargo à disposição por diversas vezes'

Em entrevista exclusiva, irmão de ministro refuta nepotismo e diz considerar 'ético e legítimo' ocupar residência da Codevasf

O presidente interino da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf), Clementino Coelho, rompeu o silêncio ontem para negar que tenha praticado nepotismo ou privilegiado sua terra, Pernambuco, na

destinação de verbas da estatal. Em entrevista ao Estado, por e-mail, disse que considera "ético e legítimo" ter ocupado o cargo por um ano, mesmo sendo subordinado hierarquicamente ao irmão, o ministro Fernando Bezerra Coelho. Indiferente à tempestade política que cerca a ele e ao irmão, Clementino continuou despachando ontem, além de assinar atos na presidência da estatal, na qual trabalha como técnico do quadro desde 2003.

O sr. considera legítimo e ético ocupar a presidência da Codevasf no período em que o seu irmão é seu superior hierárquico?

Ético e legítimo, sim, porque não poderia, como gestor público responsável, deixar de cumprir com as obrigações estatutárias de companhia em função da vacância da presidência. Além disso, coloquei meu cargo à gestão e por diversas vezes em seguida. Com relação ao nepotismo a legislação é clara, como expresso no inciso III do artigo 4.0 da lei (7.203/2010 que exclui das vedações as nomeações, designações ou contratações realizadas anteriormente ao vínculo familiar entre o agente público e o nomeado, desde que não caracterize ajuste prévio para burlar a lei do nepotismo).

O sr. assinou contrato para fornecimento de 60 mil cisternas e quase 40% foram destinados a Petrolina, cidade onde seu sobrinho é pré-candidato a prefeito. Por que o privilégio?

Isso não é verdade. O que o contrato define é que as cisternas licitadas serão entregues nas 7 superintendências da Codevasf para posterior distribuição em 96 municípios em diversos Estados. Das 22.799 mil cisternas entregues na superintendência de Petrolina, apenas 2.658 serão instaladas neste município. Quem define a distribuição é o Comitê Gestor do Programa Água para Todos, composto pelo MI, o MDS, o MMA, o Ministério da Saúde/Funasa, o Ministério das Cidades, a Fundação Banco do Brasil, com base nos dados do Cadastro Único, o mesmo do Bolsa Família.

O sr. participou de reuniões da Codevasf com seu irmão e seu sobrinho deputado de Pernambuco, interpretadas como uso da máquina em favor dos interesses políticos do seu grupo familiar. Como responde a essa crítica?

Sempre que convocado, participei de reuniões administrativas com a equipe do ministério, sendo que em algumas ocasiões, o ministro se fez presente. Esclareço que em nenhuma ocasião realizei ou participei de reunião administrativa com presença do deputado Fernando Filho. Participei, contudo, como é natural, de eventos públicos de lançamento de programas em vários Estados com presença de parlamentares, prefeitos, governadores e outras autoridades. Em algumas dessas ocasiões o deputado Fernando Filho se fez presente.

O sr. se considera injustiçado?

Injustiçado não. Era esperado que surgissem interpretações equivocadas baseadas no desconhecimento específico do estatuto da Codevasf e das excepcionalidades da legislação do nepotismo, prova disso que tive a iniciativa de colocar meu cargo à disposição diversas vezes.

Vannildo Mendes

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_10\_janeiro-notícia1.10\_jan.doc.txt

Clã Bezerra Coelho. Osvaldo Coelho, ex-deputado e tio do ministro Fernando Bezerra Coelho, foi nomeado membro do comitê técnico ligado ao Ministério da Integração Nacional; sem remuneração, mas com atuação política, ele reclama que até hoje não trabalhou

Depois de pôr irmão em estatal, ministro deu cargo ao tio em comitê de irrigação

O ex-deputado federal Osvaldo Coelho (DEM), tio do ministro da Integração Nacional Fernando Bezerra Coelho, foi nomeado há quatro meses, pelo sobrinho, membro do comitê técnico-consultivo para o desenvolvimento da agricultura irrigada, criado dias antes por portaria do ministério. Trata-se do segundo integrante da família Coelho a ter cargo indicado pelo ministro e subordinado a ele, contabilizada a permanência do irmão Clementino na presidência da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba (Codevasf).

Osvaldo Coelho se diz perito em irrigação, tema que atrai muito a atenção do sobrinho-ministro. Procurado pelo Estado, o tio queixou-se de trabalhar pouco. Desde a criação, o comitê só se reuniu uma vez, para a sua instalação, em 20 de setembro. "Estou fazendo de conta de que sou conselheiro, mas não estou dando conselho nenhum. Não sei se o conselho é que está estático ou se é o ministro", queixa-se.

A legislação – expressa em decreto presidencial e em códigos de conduta – impede a nomeação de familiares por autoridades. O Ministério da Integração nega que seja caso de nepotismo. Em nota, alegou que o comitê não tem "personalidade jurídica". "Trata-se de um órgão colegiado, paritário, consultivo e opinativo. A função de conselheiro não é cargo em comissão ou função de confiança", diz a nota.

O Ministério da Integração Nacional alega ainda que os integrantes do comitê da agricultura irrigada apenas opinam

sobre a política nacional de irrigação, sem direito a remuneração.

"Quando necessário, podem ter solicitadas apenas passagens e diárias", afirma a Integração. A Controladoria-Geral da União (CGU) endossa o entendimento do ministério, baseada no decreto editado em junho de 2010.

'Princípio da moralidade'. O código de conduta da Comissão de Ética Pública, subordinado à Presidência da República afirma, porém, que "nomear, indicar ou influenciar, direta ou indiretamente, a contratação, por autoridade competente, de parente consanguíneo ou por afinidade para o exercício de cargo, emprego ou função pública" ofende o princípio da moralidade administrativa e compromete a gestão ética.

A nomeação do tio do ministro da Integração Nacional deve ser analisado pela Comissão de Ética Pública, que volta a se reunir em fevereiro.

Água a vinho. Osvaldo Coelho nega que seja nepotismo. "Eu e o ministro somos água e vinho, não temos nada para estarmos juntos. Apenas como eu tinha essa bandeira da Irrigação, decidi aceitar o convite", explica o ex-deputado. Divergências políticas à parte, o sobrinho-ministro Fernando Bezerra Coelho está seguindo à risca as recomendações feitas pelo tio. As prioridades apontadas por Osvaldo Coelho são respaldadas pelo Programa Mais Irrigação, em estudo pelo ministério e que deverá ser lançado em breve pela presidente Dilma Rousseff.

A Codevasf, hoje presidida pelo irmão do ministro, Clementino Coelho, vai ser a principal gestora do programa. O perímetro batizado de Nilo Coelho, nome do ex-senador e outro tio do ministro, em Pernambuco, será um dos primeiros a ter edital publicado para parceria público-privada, ainda no primeiro semestre do ano. Mais de 30% dos projetos de irrigação são considerados ociosos.

O Programa Mais Irrigação prevê a operação de 775 quilômetros quadrados de perímetros de irrigação até 2014, ano da próxima eleição presidencial. "É uma coisa muito bacana", diste recentemente o ministro.

Marta Salomon

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_10\_janeiro-notícia2.10\_jan.doc.txt

TJ pagou R\$ 500 mil a desembargador

Roberto Bellocchi, que presidiu o tribunal paulista, diz ter recebido a quantia para quitar dívidas; procedimentos são investigados pelo CNJ

O desembargador Roberto Vallim Bellocchi, que presidiu o Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP) entre 2008 e 2009, recebeu da corte mais de R\$ 500 mil – "quinhentos e poucos mil reais", segundo ele – a título de verbas e créditos pagos com atraso. O dinheiro, disse, serviu para quitar "parcialmente dívida de imóvel e pendências bancárias".

Bellocchi, hoje aposentado, afirmou que recebeu parceladamente. "Eu tenho dívidas em banco. Na ocasião (2010) tinha que arcar com cirurgia para tratamento de um filho e débitos que vinham do tempo em que minha mulher era advogada. Dívidas decorrentes de inventário, até do espólio dela."

Ele negou que o contracheque tenha sido de R\$ 1,6 milhão – como informou ao Estado um outro desembargador que ocupou cargo diretivo no TJ. "Um milhão e seiscentos? Antes fosse. Nossa, é muito! Eu desconheço. Na minha gestão tudo foi feito com ampla transparência."

Pagamentos antecipados nos tribunais são alvo de investigação do Conselho Nacional da Justiça (CNJ). Os desembargadores se rebelam. Eles entendem que os desembolsos lhes são devidos e, por isso, o CNJ não pode colocá-los sob suspeita.

Bellocchi disse que na época em que governou o TJ-SP – símbolo da resistência ao CNJ –, foi criada uma Comissão de Orçamento que analisava os pleitos dos magistrados por benefícios acumulados. "Os pagamentos não eram atos isolados. A comissão recebia os pedidos, avaliava, tinha um procedimento. Passava pela Secretaria de Finanças e ia para o Conselho Superior da Magistratura. Qualquer pagamento era decidido pelo conselho para que ninguém insinuasse favorecimentos."

Rosário. "Se o motivo não fosse extraordinário, não era liberado o dinheiro", afirma. Ele desafia rosário de situações que sensibilizaram a corte a autorizar desembolsos. "Desembargadores com problema de saúde, dívida bancária, que é natural, cirurgia, colega em dificuldades por alguma demanda, esses receberam."

Segundo Bellocchi, "teve desembargador que pediu (adiantamento) para poder trocar marca-passos; outro para acertar dívida com doença de neto; um colega sofreu penhora de R\$ 100 mil".

Nem todos os seus pares, assegura, foram contemplados. "Pedidos de pagamentos para lazer, viagens, trocar de carro ou de apartamento, não foram acolhidos. A Comissão já opinava em contrário e o Conselho vetava."

Bellocchi diz que o depósito em sua conta foi à prestação. "Ao longo de dois anos, eu vou chutar... Foi parcelado

porque jamais alguém recebeu à vista. Recebi uns quinhentos e poucos mil, que não cobriram os meus encargos. Até hoje tenho dívidas pendentes. Falo isso com tristeza, mas com a cabeça limpa. Ainda tenho operações por empréstimos que contraí para liquidar, os remanescentes."

Reitera que sua fatia do bolo não foi maior. "Segundo eu tenho lembrança não passou de 500 e poucos mil reais. Estou muito tranquilo. Tudo era gerido pela Comissão. Jamais o presidente, na minha gestão, decidiu monocraticamente." Ele conta como foram construídos os super-holerites. "Pagamentos a quem tem direito. Não tem dinheiro novo, são créditos antigos. Os mais antigos têm quantias apreciáveis em razão de férias pagas com atraso, licença prêmio até quando foi permitida e reajustes. Tudo isso é dinheiro orçamentário."

O CSM podia negar ou deferir parcialmente ou integralmente os pedidos. "Não tenho ideia sobre quantos créditos foram concedidos. Os pagamentos eram parcelados, alguns mais, outros menos. Falar em enriquecimento por baixo da toga revela de desconhecimento total."

"A clareza (dos pagamentos) foi nítida, apoiada pela praxe interna", afirma. "Favorecimento nunca houve. Todos os pagamentos foram por adiantamento de créditos em razão de situações pessoais, dívidas e encargos. Eu pago aluguel. A morte da minha mulher causou muito estrago na minha vida. Cumpri a minha tarefa, exerci minha carreira com dignidade. Vida de juiz é mal interpretada."

Dedica-se à consultoria em "escritório de nível internacional". "Faço advocacia empresarial, sem contato com cliente, estudando e orientando."

Fausto Macedo

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_10\_janeiro-opinião1.10\_jan.doc.txt

Efeito efêmero

A eleição de um número significativo de prefeitos este ano é importante para os partidos, disso ninguém tem dúvida e nisso apostam as legendas ao investir no crescimento com vista à eleição de presidente, governadores, deputados e senadores em 2014.

Mas, cresce entre os políticos a percepção de que o efeito de uma vitória substancial agora não significa necessariamente que as estruturas municipais lhes garantirão uma colheita de votos tão boa quanto, daqui a dois anos. Isso porque os partidos vêm notando que os prefeitos já não são indutores de voto – principalmente o majoritário – como foram em outras épocas. Perdem relevância eleitoral.

E por vários motivos: o primeiro é que nas grandes e médias cidades o eleitor forma sua opinião independentemente da posição política do chefe do Poder Executivo local, com base nas informações dos meios de comunicação e, não raro, na conjuntura nacional.

Nesses casos o mais comum é ocorrer o oposto: o prefeito é quem embarca na tendência da maioria e se deixa conduzir por ela.

Outro fator é a mudança de posição, ou mesmo de partido, do prefeito que, aliado a um determinado grupo na eleição, muitas vezes se transfere com a máquina municipal para outra ala que lhe pareça mais forte, politicamente vantajosa, alegam as famosas razões de governabilidade e um abraço.

O aliado de hoje pode ficar a ver navios no meio do caminho e aquela vitória se transforma numa derrota.

Há que se levar em conta também o desgaste do eleito durante o mandato, que pode fazer do vitorioso um estorvo dois anos depois se nesse período tiver, por exemplo, aumentado muito a sua rejeição entre o eleitorado.

Isso não quer dizer que a eleição de prefeitos seja irrelevante para os partidos. É muito importante para marcarem posições, para formar "torcida" no processo de disputa, para serem vistos no palanque (eletrônico), para mostrarem força e, quando bem-sucedidos, serem apontados no dia seguinte pela imprensa como vitoriosos.

O efeito, porém, é efêmero. À exceção dos chamados grotões, onde o chefe político ainda é uma figura de influência determinante, nas grandes e médias a vitória ou a derrota nos municípios não são agentes definidores do desempenho estadual, muito menos nacional no futuro.

Atese não tem (ainda) comprovação, digamos, científica. A não ser um dado: o PMDB é o partido com o maior número de prefeitos – cerca de 1.300 – e, no entanto, não é competitivo no âmbito nacional.

Trata-se, isso sim, de um sentimento forte entre políticos que, naturalmente, não andam por aí a propagar a irrelevância eleitoral dos prefeitos.

Até porque eles têm, sim, a sua influência: na eleição proporcional, no domínio da máquina pública e sua repercussão na obtenção de recursos para as campanhas e são eles também que organizam as visitas dos candidatos às cidades e mobilizam gente para recepcioná-los nos aeroportos.

Perceba o leitor que são todos fatores relacionados com a eleição em curso. Não guardam relação de causa e efeito com o pleito seguinte.

Margem de manobra. Por enquanto vale o que tem afirmado o vice-presidente Michel Temer: Gabriel Chalita manterá a candidatura a prefeito de São Paulo.

Mas há quem diga no PMDB que é melhor esperar um pouco antes de apostar que essa seja a última forma.

Indefensável. O governador Eduardo Campos organizou ativa contraofensiva em defesa do ministro da Integração Nacional, Fernando Bezerra Coelho, na questão da liberação de recursos antiinchentes para Pernambuco. Tem sido bem-sucedido.

Só não conseguiu ainda demonstrar que Bezerra agiu corretamente ao liberar 100% das emendas do filhote deputado federal, concentrar repasses em Petrolina (tradicional reduto da família) e manter por um ano o irmão (Clementino) na presidência da Codevasf – estatal subordinada ao ministério –, burlando a proibição da prática de nepotismo na administração pública.

Dora Kramer

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_10\_janeiro-opinião2.10\_jan.doc.txt

O otimismo do secretário de Política Econômica

No primeiro Relatório de Inflação do ano passado, o Comitê de Política Monetária considerava que havia 50% de possibilidade de o índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) fechar o ano entre 4,8% e 6,3%. Na realidade, fechou em 6,5%, mais do que a previsão relativa a 30% das possibilidades. Isso mostra as dificuldades de prever a taxa de inflação no início do ano. O secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Márcio Holland, numa entrevista ao jornal Valor, não teme correr o risco de afirmar que este ano a pressão sobre os preços será menor. Para o secretário, no ano passado o Brasil enfrentou a conjunção de dois fatores que elevaram os preços: a alta de preço das commodities e o quadro de dificuldades nos países ricos. Ele reconhece, porém, que o modelo de política econômica brasileiro baseado no crescimento da demanda interna teve responsabilidade na inflação.

No momento há uma queda de preço das commodities em razão, basicamente, do arrefecimento econômico da China – queda mais sensível no caso dos minérios do que no dos produtos agropecuários, cujo destino não são apenas países asiáticos. Ora, a manutenção de um preço elevado desses produtos tem grande influência no custo de vida das pessoas de renda mais modesta. Podemos acrescentar, ainda, outros fatores, como a seca no Rio Grande do Sul, que poderá aumentar os preços de parte dos produtos agrícolas.

Márcio Holland se refere à elevação do preço do etanol: mesmo admitindo que a produção de cana seja maior e destinada à produção de etanol, há, agora, a possibilidade de exportar esse produto para os EUA sem aumentar a oferta interna.

O ponto que mais preocupa, assinalado pelo secretário, é o modelo de crescimento baseado em estímulos ao consumo. Márcio Holland nos lembra que, desde o primeiro mandato de Lula até agora, o valor real do salário mínimo, incluindo o novo, cresceu 66%. Não se pode menosprezar o último aumento, de mais de 7,5% em valor real, que levará ao crescimento do poder aquisitivo de uma parte importante da população, inclusive dos aposentados.

O secretário lembra que o brasileiro não tem o hábito da poupança. É, pois, possível que o aumento de renda seja gasto – e isso será ampliado por uma política de crédito generosa, especialmente quando fornecido por meio de empréstimos subsidiados. Holland admite que parte dos produtos consumidos será importada (em detrimento da indústria nacional) a um preço que, dependendo da taxa cambial, poderá tornar maior o déficit nas transações correntes.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_10\_janeiro-reportagem.10\_jan.doc.txt

Republicano promete atacar usina iraniana

Na véspera da prévia de hoje, Santorum, estrela ascendente do partido, defende apoio a Israel

Em seu último comício antes das primárias republicanas que ocorrem hoje em New Hampshire, nordeste dos EUA, o ultraconservador Rick Santorum prometeu aos eleitores bombardear a usina nuclear de Fordo, no Irã, se for escolhido como candidato do partido e vencer a eleição presidencial de novembro.

Santorum disse que ofereceria um prazo para o Irã desmantelar a usina de enriquecimento de urânio, mas não mencionou se buscaria apoio do Conselho de Segurança da ONU. "Não declararei guerra, mas fazer ataques cirúrgicos à usina de Qom (em referência à central de Fordo), como Israel fez com a Síria", disse – em 2007, um ataque

israelense destruiu a usina síria de Deir ez-Zor.

Em seu discurso, o pré-candidato republicano disse não haver argumento sólido para o Irã apostar na energia nuclear, por ser um dos países mais ricos em petróleo. Radical na defesa do apoio irrestrito dos EUA a Israel, Santorum, segundo pesquisas, não deve ter um bom desempenho em New Hampshire, Estado onde os republicanos são tradicionalmente mais flexíveis e tolerantes.

New Hampshire será palco da segunda etapa do processo de escolha do candidato à presidência, na qual todo e qualquer eleitor pode votar, mesmo não sendo registrado como republicano. Cerca de 40% de seu eleitorado é independente, ou seja, não está filiado a nenhum partido.

No entanto, uma vitória republicana nas eleições gerais em New Hampshire é tida como improvável – cerca de 80% dos eleitores prometem votar em Barack Obama se a taxa nacional de desemprego, hoje de 8,5%, cair ainda mais. Romney. O grande favorito para vencer as primárias republicanas no Estado é Mitt Romney, ex-governador de Massachusetts e vencedor da primeira prévia em Iowa. Em duas pesquisas divulgadas ontem, ele se manteve na frente com folga. Segundo sondagem da Suffolk University, ele tem 13 pontos percentuais à frente do segundo colocado, Ron Paul. De acordo com pesquisa da Universidade de New Hampshire, a diferença é de 24 pontos percentuais. Em caso de vitória, ele será o primeiro republicano a vencer as duas primeiras prévias na história do partido. A primeira primária após New Hampshire ocorrerá na Carolina do Sul, no dia 21, onde a disputa está mais acirrada. Romney também lidera as pesquisas, mas a diferença é menor. De acordo com o instituto Rasmussen, ele tem apenas 3 pontos percentuais à frente de Santorum (27% a 24%).

Ligado à organização católica Opus Dei, Santorum tornou-se a principal aposta dos radicais conservadores, sobretudo os fundamentalistas cristãos, para impedir a escolha de Romney, candidato do establishment republicano. Mas, segundo analistas, se o ex-governador de Massachusetts vencer mais uma vez na Carolina do Sul será muito difícil impedir que a vagado Partido Republicano fique com ele.

Denise Chrispim Marin \* enviada especial

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_10\_janeiro-crónica.10\_jan.doc.txt

A (des)ordem internacional em 2012

O novo ano nasce sob a marca da instabilidade política no cenário internacional e da volatilidade e da incerteza na área económica. A democracia e o mercado estarão em xeque em 2012.

O mundo vive em sobressalto diante da crise económica e financeira que se abate sobre os EUA e a União Europeia (UE). Não bastasse, são igualmente inquietantes alguns sinais que, isolados, podem não parecer preocupantes, mas, quando vistos em conjunto, adquirem o carácter de uma possível grave crise nos próximos meses.

O quadro mais complexo está no Oriente Médio. Permanece a possibilidade de um ataque, aberto ou por meio de ações clandestinas, às instalações nucleares no Irã. Notícias de que o Reino Unido e Israel se preparam militarmente para atacar o Irã diminuíram, mas não desapareceram, como evidenciado pela questão da passagem do petróleo pelo Estreito de Ormuz. A concentração de tropas norte-americanas no Kuwait e o lançamento bem-sucedido de mísseis de longo alcance israelense e iraniano indicam que preparativos de lado a lado se intensificam. Isso não quer dizer que o ataque seja iminente nem que será levado a efeito, mas esses fatos ajudam a aumentar a tensão na área, agravada pelos ataques recíprocos Israel-Hamas, apesar da retomada das conversações. O estado de guerra civil na Síria contra o governo de Bashar Assad pode propiciar a repetição da fórmula utilizada pela OTAN na Líbia. Para complicar ainda mais a situação, depois da queda dos regimes autoritários da Tunísia, do Egito e da Líbia, no Norte da África a primavera árabe começa a se defrontar com as inevitáveis rivalidades internas, questões tribais e religiosas afloram e ameaçam a transição para a democracia, podendo reacender focos de guerra civil. A retirada do Afeganistão e do Iraque das forças militares dos EUA não contribuirá para reduzir as tensões e vai concentrar as atenções nas ações do Irã nesses dois países. O Paquistão nuclear continuará a preocupar pela instabilidade política.

As Nações Unidas, locus para a discussão de questões de paz e de segurança, saíram desgastadas depois dos episódios na Líbia. A resolução aprovada permitindo medidas necessárias para proteger vidas humanas foi ampliada, sem autorização da comunidade internacional, pelos membros da Otan, liderados pelo Reino Unido e pela França, com a tácita cumplicidade dos EUA. Não só para interferir numa guerra civil, mas para caçar e matar Muamar Kadafi. A experiência líbia é o primeiro caso de aplicação do novo conceito estratégico de atuação de uma força da segurança global capaz de intervir em outros países com ou sem autorização do Conselho de Segurança. Estabeleceu-se perigoso precedente que poderá ser invocado a qualquer momento contra a Síria, o Irã ou outros países vistos como ameaça à comunidade internacional. O Brasil, que corretamente se absteve quando da aprovação da resolução sobre a Líbia, está

apresentando proposta para limitar esse tipo de excesso, sugerindo que a preocupação da ONU seja não só no sentido de exercer a responsabilidade de proteger, mas também ao proteger.

Por outro lado, o pedido da Autoridade Palestina de ingresso como membro permanente da ONU, feito ao Conselho de Segurança, foi esquecido. Os EUA e Israel retaliaram, com corte de dotações orçamentários, a decisão de entrada da Palestina na Unesco.

Ao preocupante cenário político internacional devem-se acrescentar a instabilidade e o baixo crescimento, que deverão perdurar entre cinco a dez anos em razão das crises econômicas na Europa e nos EUA.

A crise europeia continuará a manter alta a temperatura política no continente, por causa da negociação de um novo tratado de responsabilidade fiscal e da possibilidade concreta de que outros países tenham de ser socorridos a fim de evitar a ameaça de rompimento do sistema monetário ou mesmo da união política do continente.

O G-20 continuará procurando se consolidar como um fórum para o exame da evolução da crise econômica e o dólar continuará a perder valor. A produção de petróleo não está aumentando, o que manterá os preços altos por muito tempo, acrescentando mais um elemento de pressão contra a volta do crescimento.

As demonstrações anticapitalismo, fruto da frustração da classe média, que surge como grande perdedora, espalhar-se-ão por diversas capitais e continuarão a exercer pressão sobre os principais centros financeiros, embora sem consequências práticas.

Os países emergentes, China à frente, continuarão a liderar o crescimento da economia global e deverão superar em 2012, em termos de produto interno bruto, os países desenvolvidos. O Brasil deverá ter seu crescimento reduzido pela crise. O comércio internacional deverá estagnar ou registrar uma expansão menor, em função da desaceleração econômica nos EUA e na UE e da restrição dos financiamentos a exportação.

Eleições em 24 países, inclusive nos EUA, na França, na China e na Rússia, definirão os novos líderes que terão de enfrentar os desafios impostos pelas incertezas e instabilidades.

Os EUA no meio de uma continuada crise de confiança, de baixo crescimento e de aumento do desemprego, começam a se preparar para as eleições presidenciais. A campanha para as prévias, do lado republicano, mostra como o sistema político naquele país está disfuncional, com efeito negativo direto sobre o funcionamento do governo. O fator preocupante é que os neo-conservadores – fundamentalistas falando inglês – estão de volta, com toda a força, e a reeleição de Barack Obama – que até aqui parece a melhor perspectiva – não está assegurada. A vitória de um candidato republicano certamente teria um impacto expressivo sobre o cenário político e econômico global.

Rubens Barbosa

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_14\_fevereiro-entrevista.14\_fev.doc.txt

"O projetor mudou meu mundo"

Martin Scorsese fala de sua estreia em 3D e admite que A Invenção de Hugo Cabret tem muito de sua infância. Conhecido por filmes de estilo próprio, carimbados em clássicos ao longo de 43 anos de carreira, o diretor de Taxi Driver (1976), Cassino (1995) e Os Infiltrados (2006) continua em busca de novos horizontes no cinema. Em seu novo filme, A Invenção de Hugo Cabret (baseado no livro homônimo de Brian Selznick, de 2007), que estreia na sexta, Martin Scorsese deixa para trás os personagens violentos e o típico cenário nova-iorquino, marcas registradas de seus filmes, para realizar seu primeiro longa família – e sua primeira investida em 3D. Um risco, mesmo para um cineasta de 69 anos, mas que teve motivos pessoais, como ele mesmo confessou ao Caderno 2 em entrevista bem-humorada em um quarto, de hotel, durante sua passagem por Londres.

Por que você fez Hugo? Seria autobiográfico?

É possível. Hugo conta a história do isolamento de um menino, que vivia escondido em uma estação de trem, observando o mundo ao seu redor. Tudo termina então em um projetor de cinema. Essa história é parte da minha vida, especialmente quando eu tinha 3 anos. Eu era muito solitário. O único lugar em que eu conseguia encontrar algum entretenimento era na sala de cinema. Lembro que foi na minha infância que um amigo da família me apresentou um projetor. A partir desse acontecimento tudo mudou. Fiquei fascinado com o raio de luz que ele emitia e a imagem que ia se movendo. Esse se tornou o meu mundo. Na época, eu era muito isolado por causa da asma. Por esse aspecto, diria que Hugo Cabret pode ser um filme autobiográfico, sim.

Nada a ver com sua filha de 12 anos...?

Quatro anos atrás, eu disse que faria um filme que minha filha pudesse ver. Ela sempre me pedia. Um dia ela me disse: "Você deveria descobrir o que as pessoas gostam, fazer um filme sobre isso e então todo mundo iria vê-lo!". E respondi: "Claro! Eu nunca tinha pensado dessa forma. Você está certa!".

Você deixa sua filha assistir a seus antigos filmes?

Não, por enquanto (afirma em tom sério seguido de risos).

Quando você pretende deixá-la assisti-los?

Eu não sei, é uma boa pergunta. Eu converso bastante sobre isso com minha mulher. Eu gostaria de mostrar Kundun (1997), primeiramente (sobre o dalai-lama). Ou ainda Alice Não Mora Mais Aqui (1974), ou mesmo A Cor do Dinheiro (1986), que ela poderia ver sem problemas. Porém, ela teria de ver antes Desafio à Corrupção (de 1961, dirigido por Robert Rosseti), que é um filme melhor. Entretanto, é fundamental ter uma visão mais sofisticada para entender um filme como este, algo que uma criança de 12 anos ainda não tem.

Você ficou ansioso em usar o 3D pela primeira vez?

Não. Eu adoro o 3D. Fiquei muito animado, porque gosto de trabalhar com profundidade. A minha maior preocupação neste caso foi como usar o 3D na narrativa do filme. Como você utiliza a profundidade? Conheço algumas pessoas que não conseguem ver profundidade, mas eu consigo, e sempre gostei. Enquanto converso com você agora, vejo outro prédio, algumas árvores e consigo perceber tudo isso em profundidade. Também gosto de movimento em profundidade. É a minha energia – e o que eu sinto.

Se você pudesse filmar algum de seus antigos filmes em 3D, qual dele vocês escolheria?

Todos. Você tem que ser meio maluco para fazer filmes. E tem que estar aberto a tudo. Eu gosto de explorar as imagens. Acredito que o 3D em preto e branco seria algo bem interessante.

Você está constantemente tentando novas técnicas. Ficar ultrapassado é algo que o preocupa?

Não, não. Neste caso, a oportunidade apareceu por acaso e, honestamente, eu sempre amei o 3D, desde criança.

Quando o 3D foi usado pela primeira vez no meu tempo, em 1953, eu fiquei superanimado com aquilo.

Então você esperou um longo tempo para trabalhar com o 3D?

Com certeza. Embora eu nunca tenha parado para planejar um trabalho a ser feito com esta técnica, de repente surgiu a oportunidade de utilizá-la nessa nova produção. Eu lembro de ter conversado com Elia Suleiman (cineasta palestino, diretor de 'O Que Resto do Tempo', de 2009, entre outros) sobre o meu entusiasmo com o 3D. E lembro que ele me alertou que para usar o 3D devidamente, eu teria que vê-lo presente já no roteiro. E no caso de A Invenção de Hugo Cabret eu senti que o 3D estava lá, desde o começo.

Na continuação da entrevista, Martin Scorsese comenta sobre sua indisposição em dirigir sequências e a grande possibilidade de reativar a parceria com o ator Robert De Niro.

Você diria que segue regras à risca, não importa o filme que esteja realizando?

Sim, sim. É importante selecionar os personagens, o que eles fazem e, em muitos dos meus filmes, como eles se expõem na história. Há muito a ver com autoestima exagerada, orgulho, traição e confiança. Histórias com esses temas sempre me chamam mais a atenção. Você pode colocar esses temas em mundos diferentes, como Los Angeles dos anos 70 ou Jerusalém do primeiro século, e eles sempre vão funcionar por serem de apelo universal.

Você não é fã de sequência, gosta de fazer algo e seguir adiante?

Acho que sim. Estou muito mais velho agora, e por isso, resta pouco tempo, se é que há algum. Então, tenho de ser cuidadoso com qual filme farei em seguida. Sempre me pergunto: "Será esta a melhor forma de investir meu tempo?"

Você é consciente do legado que já realizou para o cinema?

Acho que sim, mas não sei se há algum. Talvez parte de mim queira que haja um legado, mas a realidade é que o cinema é uma experiência diferente agora. Jovens percebem o mundo, e as informações, de maneira totalmente diferente da minha época. Então, não sei como eles verão no futuro o que fiz no passado, e se meus filmes significarão algo para eles.

Você realmente acha isso?

Bem, espero que os roteiros de Taxi Driver, Caminhos Perigosos ou Touro Indomável, ou qualquer um dos meus outros, tenham alguma importância para as pessoas no futuro, se por acaso os verem. As coisas caem em desuso, saem de moda. Eu não tenho ideia. Mas espero sempre poder fazer meu próximo filme.

Você acha que um dia vai se aposentar?

Acredito que não.

Você voltará a dirigir episódios da série de TV Boardwalk Empire?

Gostaria muito. Eu não continuei após dirigir o piloto porque estive ocupado com outros projetos. Agora, os personagens se desenvolveram, assim como todos no set.

Você se vê trabalhando com Robert De Niro novamente?

Sim. Bob e eu temos um projeto que esperamos realizar em um ano ou dois. É sobre meu gênero favorito, o submundo, mas com a vantagem de ser do ponto de vista de um homem mais velho. E uma história boa. Eu digo, boa, dura.

Como você mudou com a idade? Você acha mais difícil filmar violência?

Sim, sem dúvida nenhuma. Não diria que estou mais sentimental, mas você sabe, você fica mais velho e vê pessoas nascerem e morrerem. É inevitável pensarmos no fim. A última declaração que eu quis fazer sobre o gênero foi no fim de Cassino, nos campos de milho (onde os irmãos Santoro são enterrados vivos). Eu sinto que aquela é a prova final do que aquele mundo significa, e de que a violência é parte do mundo, parte do que nós somos como seres humanos. Quais filmes você lembra com mais afeição?

Eu naturalmente tenho uma proximidade maior com Caminhos Perigosos, de 1973. Aquele filme foi um projeto muito excitante. E o documentário que eu fiz com minha mãe e meu pai, Italian-American. Mas, enquanto se realiza um filme, há uma mistura de emoções. Se meu estilo de vida naquela época não me traz boas memórias, eu tendo a não lembrar aquele filme particularmente.

Você sempre se dá por satisfeito com o resultado de seus filmes?

Penso que não. Certamente tenho a sensação de ter finalizado um filme e de não querer modificar mais nada naquele projeto especificamente.

Você acha que ainda poderia fazer um filme de 1 milhão de dólares? (Hugo custou cerca de US\$ 170 milhões)

Sim. Não vai ser um Ganges de Nova York. Depende da proporção do filme. Se eu puder visualizá-lo, se o roteiro for forte o suficiente e se eu puder contar com a cooperação da equipe e dos atores, eu poderia filmar com 1 milhão de dólares, sim. Vinte dias. Por que não tentar?

Qual dica você deixa para cineastas que estão começando carreira?

É uma época muito excitante, porque tudo é novo e o que foi feito ficou para trás. Depende do cineasta trazer, e fazer, algo novo. Não será mais o cinema do século 20. Nós chamamos de cinema, mas eu acho que será algo diferente. Filmes serão feitos para telas pequenas também, o que não significa que seja ruim. Mas acredito que é sempre importante expor os filmes do passado para a nova geração. Caso contrário, tudo será esquecido. Onde estará a beleza de ver um filme aos 10 anos de idade, aos 25 e então aos 60, e perceber que o significado daquela história mudou complementemente? Quando uma criança terá essa experiência no futuro? Por que apagar imagens de filmes que significavam alguma coisa na sociedade? Eu venho de um tempo em que os filmes tinham algum significado para a sociedade. Não acredito que seja mais assim.

Pedro Caiado \*ESPECIAL PARA O ESTADO \* LONDRES

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_14\_fevereiro-notícia1.14\_fev.doc.txt

Fazenda reduz previsão de crescimento a 4,5%

Estimativa anterior de expansão do PIB deste ano, feita em dezembro, era de 5%; ministério não revela o que levou equipe econômica a rever projeção

O Ministério da Fazenda reduziu para 4,5% sua estimativa para o crescimento econômico brasileiro este ano, mas o percentual ainda está muito acima das projeções do Banco Central (BC) e do mercado financeiro. A projeção anterior, de dezembro, era de 5%. A nova expectativa foi apresentada ontem no boletim "Economia Brasileira em perspectiva", que traça um detalhado panorama da economia doméstica e internacional entre 2011 e 2014.

Em nenhum momento, porém, a Fazenda revela o que levou a equipe econômica a mudar sua projeção. Para o mercado, a expansão da atividade será de 3,3% este ano, enquanto o BC estima elevação de 3,5%. "A economia brasileira vai crescer mais em 2012 do que no ano passado, destoando de um mundo em desaceleração", limitou-se a explicar a Fazenda.

O avanço previsto para o Produto Interno Bruto (PIB) de 2011 também foi rebaixado de 3,8% para 3,2%, conforme já havia adiantado o ministro da Fazenda, Guido Mantega. A estimativa da Pasta é a mesma do resultado acumulado até o final do terceiro trimestre do ano passado. O número do quarto trimestre será conhecido apenas no próximo mês. Se os números se concretizarem, a média do crescimento econômico entre 2011 e 2014 será de 4,8%, superior à dos quatro anos anteriores (2007 a 2010), quando foi de 4,6%. "2011 foi importante para consolidar a trajetória de crescimento de longo prazo em um ambiente externo de franca desaceleração."

Grande parte do impulso doméstico será dado pelos investimentos, que devem subir 10,8% este ano, conforme o boletim. O argumento da Fazenda é o de que a expansão dos investimentos acima da taxa do PIB proporciona um crescimento de qualidade. Com isso, os investimentos devem atingir 20,8% do Produto Interno Bruto em 2012.

PAC. Os valores contratados das obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) crescerão 20,3% este ano, totalizando R\$ 42,6 bilhões. No ano passado, os investimentos do PAC empenhados somaram R\$ 35,4 bilhões, quase 20% a mais do que em 2010.

Para o programa habitacional Minha Casa Minha Vida, o documento projeta desembolsos de R\$ 41,3 bilhões este ano, com base nos dados da Caixa Econômica Federal.

O boletim também ressalta a insatisfação do Ministério da Fazenda como nível do spread (diferença das taxas captadas pelos bancos e oferecidas ao consumidor), principalmente para as empresas. O assunto voltou ao radar da equipe econômica que estuda medidas para reduzir o custo financeiro do dinheiro no Brasil.

"O spread bancário para o segmento corporativo ainda é muito alto no Brasil, ainda se encontra em patamar historicamente elevado." Houve apenas um "leve recuo" de 0,2 ponto porcentual em 2010 e de 0,4 ponto porcentual no ano passado. "O spread incentiva a realização de captações externas por empresas brasileiras que possuem acesso ao mercado internacional", destaca o documento.

Para as pessoas físicas, o ministério prevê a continuidade do ciclo de redução dos spread: por causa da queda dos juros básicos e da flexibilização de normas pelo Banco Central para estimular o crédito.

"O spread bancário para pessoas físicas, apesar de ainda elevado na comparação com outras economias, permanece em nível historicamente baixo", afirma o boletim.

Renata Veríssimo e Célia Froufe

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_14\_fevereiro-notícia2.14\_fev.doc.txt

Pátria entra na compra e venda de energia

Gestora de ativos adquiriu 50% da comercializadora Capitale, que intermedeia a venda de energia para grandes consumidores

O Pátria Investimentos fechou a aquisição de 50% da comercializadora de energia Capitale. O negócio marca a entrada da gestora de ativos no mercado de compra e venda de energia para grandes consumidores. Esse segmento já movimenta em torno de US\$ 10 bilhões no Brasil e desponta como uma nova oportunidade de negócios para instituições financeiras.

Criada em 2010 por Daniel Rossi e Rafael Mathias, dois ex-executivos do setor de energia, a Capitale faturou R\$ 215 milhões em 2011. O valor da aquisição não foi divulgado.

A empresa faz intermediação de negócios entre produtores e consumidores de energia no mercado livre, ambiente no qual grandes consumidores podem escolher seu fornecedor e negociar preços. Esse mercado representa 27% do consumo de energia do País e permite que empresas consigam descontos de pelo menos 25% no preço da energia.

O interesse do Pátria nesse mercado segue uma tendência internacional de aproximação entre empresas do setor com players do mercado financeiro. No Brasil, o primeiro passo nesse sentido foi visto em 2010, quando o banco BTG Pactual comprou 100% da Coomex, que, na época, faturava R\$ 500 milhões.

"Esse mercado lembra o que era a bolsa de valores anos atrás. É um mundo muito próximo do mercado financeiro", disse o sócio do Pátria Investimentos, Luiz Otávio de Magalhães.

Como Pátria como sócio, a meta dos fundadores da Capitale, que permanecerão à frente da empresa, é expandir a companhia. "Queremos negociar um volume maior. E, eventualmente, fazer aquisições de empresas complementares e começar a negociar outras commodities", disse Rossi. Entre as possibilidades de novos produtos estão contratos atrelados a gás natural e etanol, por exemplo.

Bolsas de energia. A comercialização de energia ainda é considerada incipiente no Brasil. Hoje, a maior parte dos contratos é negociada por telefone, no mercado de balcão.

O segmento deve passar por uma virada quando as negociações migrarem efetivamente para bolsas de energia. Hoje, o projeto mais avançado nesse sentido é a Brix, lançada em julho de 2011 por um grupo de cinco sócios, entre eles o empresário Eike Batista. A Brix desenvolveu uma plataforma virtual que reúne em um mesmo ambiente as ofertas de compra e venda de energia no mercado livre, como uma bolsa de valores. Em fevereiro, a Brix estima negociar cerca de 10% do volume do mercado livre e um terço dos contratos de curto prazo, disse o presidente da empresa, Marcelo Mello.

Mas, em breve, a Brix terá concorrência. Um grupo de 12 comercializadoras, entre elas a Capitale, pretende lançar em um mês outra plataforma virtual de compra e venda de energia, o Balcão Brasileiro de Comercialização de Energia (BBCE). "Com um grande grupo de comercializadoras sócias do projeto, podemos ter uma grande liquidez", disse o presidente da BBCE, Flávio Cotellessa.

Tanto a Brix quanto a BBCE ainda estão longe de ser verdadeiras bolsas de energia. Para isso, elas terão de criar câmaras de liquidação financeira, o que está nos planos de ambas. Quando isso ocorrer, será possível lançar contratos atrelados a energia com liquidação financeira – ou seja, em vez de receber energia no vencimento do contrato, o

comprador receberá dinheiro, como ocorre no mercado futuro de ouro e petróleo. "Haverá inúmeras oportunidades para o setor financeiro em energia", disse Mello. O Pátria e o BTG se anteciparam a essa tendência ao investir em comercializadoras.

Marina Gazzoni

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_14\_fevereiro-opinião1.14\_fev.doc.txt

As cidades e o sertão

O diabo, ouve-se dizer, mora nos detalhes. A nomeação para o Ministério das Cidades do deputado federal pela Paraíba Aguinaldo Ribeiro (PP) não se pode perder no noticiário dos faits divers da política nacional, nem tanto pela falta de credenciais do indicado para exercer os papéis na direção de uma agência estratégica como essa – cabe-lhe, como se sabe, administrar o urbano, dimensão crucial da vida contemporânea –, menos ainda por já ter respondido em seu Estado a processos por improbidade administrativa, mas, sobretudo, pela sua linhagem política, a revelar de modo contundente o que há de reacionário na forma de imposição do nosso processo de modernização.

Certamente que atos dos nossos avoengos não nos comprometem – a responsabilidade por eles é puramente individual e não se transmite às futuras gerações. Contudo a sociologia já é uma disciplina científica estabelecida e há tempos fixou como critério na investigação social operações de escrutínio dos dados referentes às origens sociais dos atores sob sua observação. Na história recente da sociologia provavelmente ninguém melhor que Pierre Bourdieu, hoje no panteão da disciplina como um dos seus maiores, contribuiu para esclarecer o lugar do chamado capital social, conceito elaborado por ele, na produção e reprodução da hierarquia social numa dada sociedade.

Na sociologia brasileira, Sergio Miceli, ex-discípulo de Bourdieu, Leôncio Martins Rodrigues e Jessé de Souza, entre tantos autores relevantes, o primeiro na sociologia da cultura, os segundos na sociologia política, têm demonstrado em seus influentes trabalhos o papel explicativo, se bem que não determinante, da origem social a fim de dotar, ou de privar, os indivíduos do capital social que lhes vai demarcar, positiva ou negativamente, seus lugares em termos de poder ou de prestígio social.

O caso do deputado Aguinaldo Ribeiro, novo ministro guindado ao vértice de nossas instituições republicanas, é exemplar não por sua trajetória pessoal, mas pelo significado, digamos, macroestrutural de que se investe. Nele, por inteiro, se põe em evidência o segredo de Polichinelo da modernização brasileira, que, desde sempre, de Vargas a JK, passando pelo regime militar e que ora se renova, conquanto de modo velado, nos governos Lula e Dilma Rousseff, se radica no pacto implícito – quando necessário, explicitado – entre as elites modernas e as tradicionais, no caso em tela, dos seus setores vinculados social e politicamente à história do exclusivo da terra e ao sistema de controlo autocrático que ele impôs no hinterland.

Com efeito, o deputado Aguinaldo Ribeiro é neto – como registra oportuna matéria do jornalista Raphael Di Cunto (Valor, 3/2) – do tristemente famoso usineiro Aguinaldo Velloso Borges, chefe de baração e cutelo do agreste paraibano, acusado de mandar matar, em 1962, João Pedro Teixeira, uma das maiores lideranças dos trabalhadores do campo, então à frente da Liga Camponesa de Sapé, quando se destacou nacionalmente pela firmeza na defesa dos direitos da sua categoria social. Em 1983, o mesmo usineiro Aguinaldo foi, mais uma vez, apontado como responsável por mais um crime político, pois era disso que se tratava, com o assassinato sob encomenda de Maria Margarida Alves, símbolo das lutas feministas no País, cultuada na Marcha das Margaridas, que desde 2000, anualmente, desfila em avenidas de Brasília.

A saga de João Pedro Teixeira e de sua família foi objeto de um documentário, *Cabra Marcado Para Morrer*, obra-prima de Eduardo Coutinho, na época um jovem cineasta do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (UNE), surpreendido, em meio à filmagem no sertão, pelo golpe de 1964, salvos, depois de muita correria, ele e o filme, que esperou quase 20 anos para ser finalizado.

A matéria do jornalista Di Cunto informa ainda que a mãe do deputado Aguinaldo é prefeita de Pilar, pequena cidade paraibana, e Fábio Fabrini, repórter do Estado, em circunstanciada notícia (4/2) sobre a projeção na política regional da rede familiar do novo ministro, revela que sua irmã, hoje deputada estadual, é candidata à prefeitura da importante cidade de Campina Grande, sem contar outros membros da sua parentela em posições de comando na vida local e até na prestigiosa Embrapa, ponta de lança da moderna agricultura brasileira.

Está aí a mais perfeita tradução da quasímoda articulação, no processo de modernização capitalista do País, entre o moderno e o atraso, ilustração viva do ensaio de José de Souza Martins *A Aliança entre o Capital e Propriedade da Terra: a Aliança do Atraso* (in *A Política do Brasil Lúmpen e Místico*, São Paulo, Editora Contexto, 2011) e que se vem atualizando por meio da conversão do imenso estoque de capital social, económico e político do latifúndio

tradicional, que se processa no circuito da política e mediante favorecimento da ação estatal, em que seus herdeiros se reciclam para o exercício de papéis modernos. Para quem é renitente em não ver, este é o lado obscuro do nosso presidencialismo de coalizão, via escusa em que os porões da nossa História se maquam e mudam para continuarem em suas posições de mando.

De fato, num país com as heterogeneidades sociais e regionais que nos são características, o andamento para a conquista do moderno nas relações sociais e políticas, num contexto de democracia institucionalizada, não pode deixar de consultar sua História e as forças da sua tradição, a fim de ajustar, interpretativamente, seu movimento a elas. Mas isso não se pode confundir com a reanimação – como a que acaba de ocorrer –, sem princípios e em nome de razões instrumentais, procedida por políticas de Estado, das sedimentações socialmente recessivas que recebemos do passado, com as quais é preciso romper.

Luiz Werneck Vianna

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_14\_fevereiro-opinião2.14\_fev.doc.txt

BC facilita operações de bancos pequenos e grandes

O Banco Central (BC) procura oferecer mais dinheiro para ajudar os bancos pequenos, numa iniciativa para reduzir o custo do dinheiro. Na sexta-feira, adotou várias medidas que devem resultar numa injeção de R\$ 30 bilhões no mercado de crédito.

Uma delas foi um ajuste técnico no recolhimento compulsório Sobre depósitos a prazo das instituições financeiras, que hoje são remunerados pela variação da taxa básica de juros. O BC estabeleceu para este ano uma redução progressiva no montante dos depósitos que serão remunerados por essa variação – a partir de 24 de fevereiro cai para 80% e chega a 60% em 24 de agosto. Pode-se pensar que só o BC leva vantagem nessa redução, mas a parte não remunerada poderá ser usada pelos bancos para compras de alguns ativos, como carteiras de crédito, letras financeiras e Certificados de Depósitos Interbancários (CDI), de instituições financeiras de mesmo porte.

As letras financeiras têm por objetivo reunir recursos de longo prazo que permitiriam aos bancos oferecer créditos também de longo prazo, hoje só disponíveis no BNDES. Elas trariam grande vantagem para as instituições financeiras, que teriam uma remuneração melhor na compra desses papéis, como também no seu uso, para operações de prazo longo. O CDI oferece remuneração um pouco melhor do que o compulsório e um risco reduzido.

A decisão mais interessante se refere à venda e compra, pelos bancos, de carteiras de crédito. Sabe-se que, desde o problema criado pelo Banco Panamericano, o interesse nesses ativos é encarado com certa apreensão.

Por isso o Banco Central acaba de baixar medidas prudenciais que podem ajudar a reduzir o risco dos compradores dessas carteiras. No caso dos bancos vendedores, a operação não poderá representar mais do que 20% do valor dos seus ativos totais, ante 25% anteriormente. E os ativos a serem vendidos serão limitados a 2% do compulsório, ante 1% anteriormente, para manter um colchão de segurança; ou a 50% do patrimônio de referência; ou a R\$ 100 milhões. Os bancos que pensam em utilizar a parte não remunerada do compulsório foram avisados de que, a partir de 21 de fevereiro de 2014, a remuneração voltará progressivamente, o que lhes permite planejar o uso dos recursos liberados. Os bancos pequenos e médios receberam positivamente as medidas, porque elas permitirão que vendam carteiras de crédito; e os grandes bancos também terão a possibilidade de aumentar a remuneração de parte dos seus depósitos compulsórios.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_14\_fevereiro-reportagem.14\_fev.doc.txt

Rival de Chávez quer aliança com Brasil

Vencedor das primárias da oposição, Capriles diz que é possível atrair investimentos e diminuir deficit comercial da Venezuela

Uma eventual derrota do presidente Hugo Chávez na eleição de outubro deve introduzir uma mudança de estilo nas relações entre Brasil e Venezuela, mas não um afastamento.

Definindo-se como um "seguidor do modelo brasileiro", o candidato único da oposição, Henrique Capriles Radonski, disse ontem que pretende atrair mais investimentos brasileiros na Venezuela, tornando mais vantajosas as relações bilaterais para seu país. Capriles venceu as primárias da oposição no domingo com 1,8 milhão de votos, 62% do total. Em entrevista coletiva, respondendo a uma pergunta do Estado, o candidato lembrou a proximidade de Chávez com o PT brasileiro, e o apoio público de Lula ao presidente venezuelano na última eleição presidencial, em 2006. "Estou

seguro de que teremos as melhores relações com o Brasil", disse Capriles.

"Hoje a balança comercial é favorável ao Brasil, mas, se tivermos um país aberto, com segurança para os investidores, quanto investimento brasileiro não poderá vir à Venezuela?", questionou Capriles, advogado especializado na área comercial. "Muito, até porque o Brasil está em condições de investir em outros países. Tenho conversado com muita gente do Brasil."

Após a vitória, Capriles criticou duramente a ajuda econômica com que Chávez brinda seus aliados. Disse não ter a intenção de ser "líder do mundo" e trabalharia para tornar mais vantajosas as relações da Venezuela com outros países. No ano passado, o Brasil exportou US\$ 208 milhões para a Venezuela, e importou apenas US\$ 68 milhões. Os principais produtos exportados pelo Brasil são carne bovina, frango, café e polietileno. O país vizinho vende derivados de petróleo e energia elétrica para os Estados da Região Norte.

"Se digo que sou um seguidor do modelo brasileiro, já de entrada estou falando bem", defendeu-se Capriles. "Estou seguro de que também posso ter uma boa relação com o ex-presidente Lula e com a presidente Dilma Rousseff. Vou visitar muito o Brasil. Além do mais, vamos muito com a cara dos brasileiros."

Atual governador de Miranda, onde se situa Caracas, Capriles disse que implementou no Estado o Programa Fome Zero, inspirado no plano instalado por Lula em 2003.

Acusado de ser "de direita" por chavistas, Capriles definiu-se como "progressista" e procurou diferenciar Chávez, que alterou a Constituição para se reeleger, de Lula. "O Brasil é um país democrático", disse. "Lula tinha cerca de 70% de popularidade quando chegou à presidência. Não mudou a Constituição para se reeleger."

Eleito em 1998, Chávez aprovou por referendo no ano seguinte uma nova Constituição, que previa mandatos de seis anos com uma reeleição. Promoveu em 2000 nova eleição presidencial e considerou que seu mandato começava do zero, sob a nova Constituição. Reelegeu-se em 2006 e em 2009 aprovou por referendo nova reforma constitucional, tornando a reeleição ilimitada.

Lourival Sant'Anna

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_14\_fevereiro-crônica.14\_fev.doc.txt

Preços predatórios

Depois de passar nove anos defendendo religiosamente o achatamento dos preços dos combustíveis no Brasil, José Sergio Gabrielli, ainda na condição de presidente da Petrobrás, passou a admitir que essa política é "insustentável". Em entrevista ao jornalista Fernando Dantas (Estadão de 12/2), Gabrielli acabou por reconhecer os prejuízos desse jogo. No entanto, ao denunciar publicamente o problema, não foi tão fundo quanto deveria ter ido.

Essa é uma política populista, à Argentina, suicida a longo prazo, sustentada com o caixa da Petrobrás. O governo determina o represamento dos preços dos derivados de petróleo (em especial, gasolina, óleo diesel e querosene de aviação) supostamente para não provocar irritações no consumidor e, assim, facilitar o jogo político. Com isso, provoca graves distorções.

A primeira delas é o aumento artificial do consumo, graças ao pagamento de parte da conta do consumidor pela Petrobrás. Como está no último Relatório da Petrobrás, ao longo de 2011, o consumo (vendas) de gasolina no Brasil cresceu 20%; o do óleo diesel, 9%; e o do querosene de aviação, 12% (Veja o Confira). Enquanto isso, o PIB avançou apenas 2,7%, como apontam as estimativas.

O próprio Gabrielli menciona uma segunda distorção: o desvio desses produtos subsidiados para o exterior – e não se trata aqui só das cidades de fronteira, onde o consumidor estrangeiro prefere se abastecer nos postos brasileiros. "Se a Petrobrás continuar com essa política e o preço internacional continuar nesse patamar" – disse Gabrielli –, "vai haver um processo irracional e ilógico de alguns distribuidores comprando derivados da Petrobrás e exportando."

Uma terceira distorção é a necessidade de importar derivados a preços cada vez mais altos para completar o suprimento nacional e, ao mesmo tempo, a revenda desses mesmos derivados no mercado interno a preços mais baixos. Esse foi, no último trimestre, um dos principais fatores que explicam os maus resultados da Petrobrás.

Os problemas não param aí. Além de provocar consumo artificial, essa política está solapando as bases de outro setor promissor no Brasil, o do etanol. Com queda da produção por dois anos consecutivos, o setor do açúcar e do álcool está se descapitalizando, porque a tecnologia flexfuel embutida nos veículos leva o consumidor a optar pela gasolina cada vez que o preço do álcool ultrapassa 70% do preço da gasolina. Mais uma vez, elevam-se artificialmente o consumo de gasolina e as perdas da Petrobrás.

Não fosse preciso fazer caixa para enfrentar investimentos totais de US\$ 224,7 bilhões até 2015, a Petrobrás poderia continuar a pagar indefinidamente boa parte da conta do consumidor. No entanto, essa política predatória iniciada no

governo Lula e mantida no governo Dilma está debilitando a Petrobrás, que já não vem dando conta de toda carga imposta pelo novo marco regulatório do pré-sal.

A nova presidente da Petrobrás, Graça Foster, empossada ontem com a missão de reforçar a "governança meritocrática" o da empresa enfrenta agora o desafio de estancar essa hemorragia que a administração anterior não quis ou não teve forças para reverter.

Celso Ming

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_17\_janeiro-notícia1.17\_jan.doc.txt

Verbas para saúde põem Alckmin em colisão com Dilma

Presidente sancionou ontem, com 15 vetos, a regulamentação da Emenda 29; tucano diz que União não vai aumentar recursos

Com 15 vetos, a presidente Dilma Rousseff sancionou ontem a lei complementar que fixa os recursos mínimos a serem investidos por União, Estados e municípios em saúde. Um dos vetos descarta recursos adicionais para a área em caso de revisão positiva do PIB, sob a justificativa de que a "necessidade de constante alteração nos valores a serem destinados à saúde pela União pode gerar instabilidade na gestão fiscal e orçamentária".

O texto diz que a União aplicará em saúde o correspondente ao valor empenhado no orçamento anterior, corrigido pela variação do PIB. O artigo vetado previa "créditos adicionais" em caso de revisão positiva do valor do PIB. "O Produto Interno Bruto apurado a cada ano passa por revisões periódicas nos anos seguintes", justifica a presidente.

Em caso de variação negativa, os recursos não poderão ser reduzidos. A lei determina que Estados invistam, no mínimo, 12% da receita em serviços públicos de saúde. Para municípios, o mínimo é de 15%.

Promessa de campanha de Dilma, a regulamentação da chamada Emenda 29 abalou a lua de mel entre a presidente e o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin (PSDB). "Não altera absolutamente nada. A Emenda 29 é totalmente inócua, não traz nenhum dinheiro novo para a saúde", criticou Alckmin. Para o tucano, o governo federal precisa colocar mais dinheiro no setor.

"Vamos continuar com o grave problema de financiamento da saúde no Brasil", previu. O governo paulista, de acordo com Alckmin, destina 12,5% de seu orçamento para saúde. O prefeito Gilberto Kassab também afirmou que não haverá alteração porque a capital já investe mais que o previsto em lei – entre 19,5% e 20%. "São Paulo é um exemplo", gabou-se Kassab.

Maquiagem. A presidente também vetou o artigo que previa que taxas, tarifas ou multas arrecadadas por entidades da área não fossem considerados na conta dos recursos mínimos previstos em saúde. Manteve, no entanto, a relação de despesas que não constituem serviços públicos de saúde, como o pagamento de aposentadorias e pensões, gastos com merenda escolar, ações de assistência social, saneamento básico e limpeza urbana – subterfúgios usados por governantes para maquiagem as contas. São consideradas despesas desse gênero gastos com aquisição de insumos hospitalares, remuneração de pessoal da área e obras de reforma da rede SUS.

Dilma vetou ainda artigo que previa que a legislação fosse revista neste ano e rejeitou a determinação de que os recursos de saúde fossem aplicados em conta específica, o que poderia facilitar a fiscalização.

"A União está nadando em berço esplêndido com a arrecadação que tem, enquanto o cidadão pressiona a prefeitura, que já investe 22% na área", criticou o presidente da Confederação Nacional de Municípios, Paulo Ziulkoski. "Os vetos desfiguram a regulamentação sob o ponto de vista do objetivo maior, que é prover mais recursos", disse o líder do PSDB na Câmara, Duarte Nogueira.

Rafael Moraes Moura e Daeine Cardoso

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_17\_janeiro-notícia2.17\_jan.doc.txt

Sob acusação de estupro, participante do 'BBB' é eliminado

O modelo paulista Daniel Echaniz, de 31 anos, será ouvido hoje em uma Delegacia do Rio de Janeiro

A Rede Globo anunciou na noite de ontem que o modelo paulista Daniel Echaniz, de 31 anos, foi eliminado da 12.<sup>a</sup> edição do Big Brother Brasil, por causa de "um grave comportamento inadequado". Segundo nota divulgada pela emissora, "após rigorosa avaliação da Rede Globo, iniciada no domingo de manhã, a notícia foi comunicada ao ex-brother".

Echaniz é suspeito de ter se aproveitado da embriaguez da estudante gaúcha Monique Amin, de 23 anos, para cometer

estupro. Isso fez com que a Polícia Civil do Rio iniciasse uma investigação. Ambos foram filmados numa cama, sob um edredom, e o modelo movimentava o corpo de forma ritmada, enquanto a estudante parecia dormir.

No início do programa de ontem, o apresentador Pedro Bial anunciou que a emissora havia iniciado uma investigação sobre o caso e que a decisão seria anunciada ao longo da atração. Em seguida foi apresentado um vídeo sobre o paredão, durante o qual não houve menção ao episódio. Ao final desse primeiro bloco da atração, Bial anunciou a eliminação do modelo. Depois, o programa continuou, sem novas menções ao acontecido.

Policiais estiveram no Projac ontem para tentar examinar Monique. Segundo a polícia, a estudante prestará depoimento dentro da casa do programa, às 10 horas de hoje. Echaniz deve ser ouvido também hoje na 32.ª Delegacia de Polícia, na Taquara.

A ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres, Iriny Lopes, enviou ontem ofício ao Ministério Público Estadual do Rio solicitando a tomada das "providências cabíveis" no caso.

A cena que gerou a suspeita de estupro foi transmitida ao vivo para assinantes do programa pela TV e internet, na madrugada de sábado para domingo. O vídeo de 3min59s foi reproduzido por vários sites e blogs.

A mãe da jovem afirmou que estava "perplexa", pois tinha certeza de que a filha não estava consciente. O empresário de Monique, Cristiano Rosa, soltou um comunicado criticando o agente de Daniel, Sergio Mattos, que questionou ironicamente no microblog Twitter se Monique estava desacordada: "Ela geme dormindo?". Em nota, Rosa escreveu que o comentário era inadequado e "fruto de uma cultura machista".

"É muita especulação. Eles estavam se pegando. Como modelo, Daniel nunca nos deu trabalho. Ele tem uma carreira internacional já trabalhou com a Vogue francesa e desfilou em Milão", afirmou ontem Mattos ao Estado.

Mattos e o diretor do programa, José Bonifácio Brasil de Oliveira, o Boninho, afirmaram que o rapaz é vítima de racismo. "O Brasil é racista. Quantas pessoas já ficaram debaixo do edredom e nunca aconteceu nada?", disse Mattos. Boni diz não ter considerado o caso um estupro, já que não era possível confirmar que os dois fizeram sexo.

Pedro Dantas

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_17\_janeiro-opinião1.17\_jan..doc.txt

De aço ou de renda

A falta de unidade no PSDB não é apenas de ação como maior partido de oposição e único concorrente em condições mais ou menos competitivas para enfrentar o PT e área de influência numa eleição.

A divergência é, sobretudo, de pensamento: dependendo da perspectiva do olhar, os tucanos usam punhos de aço ou de renda na análise sobre o que foi até agora o governo de Dilma Rousseff.

Tanto que o balanço sobre o primeiro ano tem duas versões. A original, encomendada pelo presidente do PSDB, Sérgio Guerra, ao ex-vice de José Serra no governo de São Paulo – depois governador durante a campanha – Alberto Goldman, chegou a ser divulgada, mas foi recolhida e substituída por um texto mais ameno assinado pela Executiva, mas não submetido ao exame do colegiado.

As diferenças começam pelos títulos. A versão mais dura chama-se Dilma Rousseff 2011, um governo medíocre. A mais branda ganhou o nome de 2011: um balanço crítico.

O primeiro documento tem oito páginas e o segundo duas a menos. Reduziu-se a introdução e boa parte dos textos em que o governo é analisado ponto a ponto, mostrando as discrepâncias entre o discurso oficial e a realidade da economia, saúde, educação, investimentos etc.

Mas é na apresentação que a diferença de concepção sobre o conceito da maneira de fazer oposição fica patente. Vamos a alguns trechos do texto original.

"O primeiro ano caracterizou-se pelo desperdício do capital político obtido por ela com a vitória de 2010: foi amorfo e insípido. A presidente não parece alimentar ilusões sobre a dimensão de seu mandato. Não tem direção definida. Comporta-se como aquilo que é: uma atriz coadjuvante escalada, não para ofuscar, mas para refletir o brilho do ator principal e diretor do enredo.

"Dilma foi eleita presidente e se contenta com o papel de síndica do condomínio político constituído por Lula. Este não dá sinal de que pense em transferir o poder efetivo. Os condôminos, a começar pelas múltiplas facções do PT, não admitem abrir mão dos cargos e verbas federais cujo rateio é a razão de ser de sua participação no governo.

"Mais do que o desempenho de sua criatura e curadora (de Lula), é o sistema que deve ser avaliado. O balanço é negativo e preocupante para o País.

"Outros presidentes, no passado, recorreram ao loteamento político da máquina estatal. Nenhum na extensão nem com a desfaçatez de Lula. O efeito mais visível do fisiologismo turbinado por ele foi a sucessão de escândalos no primeiro

ano de Dilma.

"O espetáculo de corrupção impune enoja a opinião pública, desmoraliza as instituições, paralisa a administração pública, desvia recursos necessários às demandas da sociedade e desafia as pretensas intenções moralizadoras da própria presidente que troca de ministros quando não pode mais segurá-los, mas não muda a regra do rateio dos ministérios."

Essa introdução foi substituída por outra em que não há referências críticas diretas a Dilma ou a Lula. Segue abaixo a escolhida pela direção do PSDB para divulgação.

"Em um contexto de fortes turbulências econômicas internacionais, se exige do Brasil, assim como do resto do mundo, a adoção de medidas de austeridades e eficiência.

"Não há austeridade nem eficiências possíveis quando pedaços do Estado são entregues a partidos e facções políticas para serem usados como agências arrecadadoras. As contas e indicadores de desempenho da máquina federal, registram o avanço dessa forma perversa de privatização do patrimônio público nesses nove anos.

"Ninguém entregou mais o Estado brasileiro ao apetite desmedido de sua base do que o atual governo.

"A perversão não se limita à máquina estatal. Escândalos recentes puseram em evidência o aparelhamento de entidades da sociedade civil como comitês eleitorais e canais de desvio público por grupos instalados nos ministérios."

A partir daí o texto segue mais ou menos semelhantes, voltando a discrepar na frase final da introdução.

Na concepção original, o balanço "registra uma constrangedora sucessão de fracassos". Na versão amenizada, o primeiro ano foi marcado por "alguns sérios problemas em diversas áreas".

Dora Kramer

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_17\_janeiro-opinião2.17\_jan.doc.txt

A conjuntura não justifica artifícios pró-consumo

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) do mês de novembro de 2011 apresentou, em termos dessazonalizados, alta de 1,15%. É um indicador com que o Banco Central procura, a cada mês, dar uma ideia de como se apresentará o Produto Interno Bruto (PIB).

Desde abril de 2011 o índice vinha mostrando nítida tendência de queda. Assim, a retomada de novembro tem grande importância, pois melhora a estimativa para o PIB de 2011, uma vez que em dezembro a atividade sempre reage bem. Como em economia o passado sempre afeta o futuro, o resultado de outubro, de estagnação, induzia a uma visão pessimista para o final do ano, modificada pela reação de novembro.

A informação, divulgada poucos dias antes de nova reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), não deve modificar a decisão das autoridades monetárias de uma nova redução da taxa de juros básica, já prevista. Porém ela pode moderar o calibre da redução.

O governo, no entanto, estará diante de um dilema: optar por uma política mais agressiva, que poderia incluir maior expansão de crédito; ou dar maior atenção à política fiscal, aceitando ou não a ideia de um superavit primário cheio ou de deduzir os investimentos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), para não sacrificar demais os investimentos.

E uma dúvida, entre autoridades do governo, que nos parece mal colocada: não se trata de cortar investimentos, que são a condição necessária para assegurar o crescimento sustentável e, ao mesmo tempo, reduzir a inflação. Mas existe a possibilidade de, mesmo investindo, reduzir o déficit. Além de diminuir despesas de custeio, a política de investimentos na infraestrutura teria de ser conduzida de maneira mais racional, encurtando os prazos de realização desses investimentos e respeitando os cronogramas, para não deixar obras paradas – isto é, aumentando a produtividade dos recursos com uma gestão responsável.

Nesse terreno o governo tem muito para aprender, como também deveria recorrer mais a projetos em parceria com o setor privado (PPPs). O governo não deve ter a obsessão de promover artificialmente o consumo das famílias para elevar a demanda: o aumento da renda familiar com os salários e a manutenção de um quase pleno emprego são condições suficientes para assegurar a robustez da demanda.

Hoje, o que o País precisa é de uma indústria mais ativa e que disponha de uma infraestrutura que reduza seus custos.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_17\_janeiro-entrevista.17\_jan.doc.txt

TIAGO LEIFERT

## ENLATADO

Apresentador do Globo Esporte inicia caravana por São Paulo

Famoso pelo estilo despojado que deu à edição paulistana do Globo Esporte, Tiago Leifert ganha, a partir da próxima segunda-feira, uma versão de programa "enlatada e com rodinhas", como ele mesmo apelidou o novo estúdio móvel que aparecerá pelo menos uma vez por semana no jornalístico.

Adaptado pela equipe do Lata

Velha, quadro de restauro de automóveis do Caldeirão do Huck, o ônibus perdeu as poltronas e ganhou telão, sofá para receber convidados, luzes de estúdio, além de redação, camarim e banheiro, para comportar ao menos 20 pessoas da produção.

"Queremos ir aonde a notícia está. Vamos circular por São Paulo, na porta dos treinos e na saída das escolas, onde tem uma molecada com boa energia, que é a cara do programa", explica Leifert que, na última quinta-feira, completou três anos como apresentador e editor-chefe do Globo Esporte.

Segundo o jornalista, a ideia do ônibus começou a ser discutida no fim de 2010 e veio da vontade de contemplar quem não está em casa para ver o programa ou quem, na hora do almoço "está na padaria vendo a TV no mudo".

"Quase todo dia tem no estúdio filho de funcionário, gente do Comercial da Globo e cliente de fora, todos doidos para ver como o programa é feito. Então, pensei em sair do estúdio. Mas a ideia do ônibus foi da nossa produtora Karina Falzoni", conta.

Leifert, que se diz "meio fominha" no trabalho, diz que, provavelmente, ele comandará as matérias do veículo, mas não descarta que outros repórteres da casa possam substituí-lo. "Acho que o único que pode ter alguma dificuldade é o (repórter) Bruno Laurence, que tem mais de 1,90m e não cabe de pé no ônibus", diz, rindo.

A princípio, a jornada da caravana do Globo Esporte fica pelo Estado de São Paulo, para cobrir o Campeonato Paulista, mas Leifert não descarta a visita a outros Estados, quando começar o Campeonato Brasileiro.

"Quería até aproveitar esta entrevista para mandar um abraço pro pessoal da CET (Companhia de Engenharia de Tráfego)", disse o apresentador por telefone ao Estado. "Vamos ter de contar com eles, porque, com certeza, onde o ônibus parar vai chamar a atenção. Não queremos atrapalhar ainda mais o trânsito de São Paulo."

Já sobre o Central da Copa, programa que apresentou Leifert à rede nacional, e que alcançava bons índices de audiência na madrugada, depois dos jogos, Leifert diz que a atração pode voltar no meio do ano, para a Eurocopa.

Alline Dauroiz

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_17\_janeiro-reportagem.17\_jan.doc.txt

Saudação trágica. Aproximação excessiva do Costa Concordia da Ilha de Giglio, na Toscana, seria parte de um gesto de simpatia do comandante Francesco Schettino dirigido ao chefe dos garçons do cruzeiro – que é originário do local e sairia de férias ao desembarcar

Homenagem de capitão a tripulante provocou naufrágio, diz jornal italiano

A tentativa do comandante do Costa Concordia de fazer uma homenagem a um funcionário do cruzeiro teria provocado o naufrágio na noite de sexta-feira informou ontem a imprensa italiana. Uma recontagem feita pela Guarda Costeira do país ontem elevou o número de desaparecidos de 16 para 29 – seriam 25 passageiros e 4 tripulantes.

Uma mensagem deixada no Facebook pela irmã do "homenageado" reforça a tese de que Francesco Schettino saiu da rota indicada pelo sistema informatizado do cruzeiro para se aproximar da Ilha de Giglio. O Costa Concordia naufragou às 21h30 de sexta-feira, ao se aproximar da ilha, na costa do Mar Mediterrâneo. Segundo os jornais italianos, Schettino, que está detido desde sábado, planejara uma surpresa ao chefe dos garçons do cruzeiro, Antonello Tivoli, nascido na ilha, que estava em sua última viagem antes das férias.

"Venha ver, Antonello, estamos em Giglio", teria dito o comandante ao funcionário. Segundo o jornal Corriere della Sera, o homenageado pensou que se tratasse de uma brincadeira. Mas, assim que percebeu que o barco de fato se dirigia a sua ilha, ligou para seus pais e pediu-lhes que se aproximassem do porto.

Segundo a agência Reuters, o comandante teria se aproximado da costa também em respeito a um almirante que estava no grupo em terra. Desde que foi socorrido em Giglio, Tivoli recusa-se a dar declarações. Pessoas próximas dizem que ele se sente responsável pela tragédia. Ainda de acordo com jornais locais, ele teria pedido ao comandante que fosse cuidadoso na aproximação. O navio acabou se chocando contra uma rocha de 20 metros a 150 metros da costa. A colisão resultou num buraco no casco de 50 metros de comprimento. A versão da família do homenageado era a de que o comandante não soou o alarme porque esperava conseguir chegar até o porto da ilha e desembarcar os 4 mil turistas. Mas acabou naufragando após uma fracassada manobra de aproximação.

O comandante, com 30 anos de experiência, diz que as rochas não faziam parte dos mapas que dispunha. Ainda segundo a imprensa italiana, o comandante fizera um gesto de aproximação da ilha semelhante em agosto. Facebook. Um indício de que o comandante teria planejado a aproximação é uma mensagem registrada no Facebook da irmã do homenageado, Patrizia Tivoli. Na mensagem colocada às 21h08 de sexta-feira, Patrizia alertava todos os amigos da "visita" do irmão. "Dentro de pouco tempo passará perto o Concórdia", dizia. "Uma saudação grande a meu irmão que em Savona finalmente desembarcará para tirar férias."

Luigi Foschi, presidente da empresa dona do navio, sustentou ontem a tese de que o erro foi do comandante e insistiu que o navio saiu da rota determinada pelos mapas informatizados a bordo do cruzeiro. Foschi garantiu assistência jurídica ao comandante. A Organização Marítima Internacional (OMI) defendeu cautela para apontar as causas do acidente. Entre a perda do barco, seguros e cancelamento de viagens, o prejuízo da Carnival, empresa que controla metade dos cruzeiros do mundo, pode chegar a US\$ 700 milhões, quase metade de seu lucro em 2011. Ontem, suas ações despencaram.

Jamil Chade

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_17\_janeiro-crónica.17\_jan.doc.txt

Trabalho, competitividade e escolhas do País

Segundo dados publicados no Estadão de 23/12/2011 e referentes a 2010, o custo do fator trabalho na indústria brasileira é um dos mais baixos entre os 34 países normalmente estudados pelo Ministério do Trabalho dos Estados Unidos. No Brasil, o salário/hora médio do setor manufatureiro ficou em torno de US\$ 10. Nos Estados Unidos, foi mais de US\$ 34; na Holanda, US\$ 40; na Alemanha, US\$ 44; e na Noruega, US\$ 57 (todos com encargos).

Nessa comparação, a indústria brasileira estaria em condições de competir no campo do trabalho com larga margem. Ocorre, porém, que os países que mais nos incomodam (tirando do Brasil milhões de bons empregos) não são esses, e, sim, os que têm custos trabalhistas inferiores, em especial do Leste Europeu, da Ásia e da América Central. O salário médio industrial da Estônia, que tem alto nível de educação e de produtividade, é menor que o brasileiro – US\$ 9,47 por hora; na Hungria é de US\$ 8,40; em Taiwan, US\$ 8,36; na Polónia, US\$ 8,01; no México, US\$ 6,23; nas Filipinas, US\$ 1,90; e na China, US\$ 1,36 (Bureau of Labor Statistics, International comparisons of hourly compensation costs in manufacturing, Washington, 2011).

O Brasil compete pouco com os países de alta sofisticação tecnológica e elevada produtividade do trabalho como é o caso da Alemanha, Suíça, Bélgica, Dinamarca, Suécia, Japão, Inglaterra e outros. A concorrência é acirrada com as nações emergentes.

O Brasil ocupou o segundo lugar entre os países que tiveram maior aumento de salário entre 2009 e 2010, superado apenas pela Argentina. O custo do trabalho foi afetado também por um rápido aumento dos benefícios negociados, dos pisos salariais e das despesas criadas por intervenções do Estado, como é o caso do aumento do seguro de acidentes, das cobranças de contribuições sociais sobre verbas indenizatórias, das incertezas dos nexos causais nas doenças profissionais, das licenças ampliadas, do novo aviso prévio, da insegurança do trabalho a distância e terceirizado e várias outras.

É verdade que persiste entre nós um forte dualismo: uma parcela imensa da força de trabalho ganha pouco e trabalha na informalidade. Mas, no campo industrial, essa parcela é pequena e cadente. Ali, os profissionais especializados usufruem salários e benefícios que vão muito além da média de US\$ 10.

Para o setor industrial o Brasil deixou de ser competitivo no campo do trabalho. Em certa medida isso vale também para o setor agrícola e o de serviços quando se trata de profissionais qualificados e que dominam as tecnologias modernas.

Os últimos dados sobre os Estados Unidos revelam que o setor privado vem reduzindo salários de admissão não só por força da crise, mas também para atrair de volta uma parte dos empregos que foram para a Ásia. Ao longo de 2010 foram muitas as novas contratações por US\$ 12 a US\$ 19 por hora, ante US\$ 21 a US\$ 32 dos empregados mais antigos. Isso ocorre até na indústria automobilística, que sempre foi o paraíso dos altos salários. Os americanos entenderam ser melhor perder alguns dólares nos salários para reter vários milhões de empregos. Esse foi o tema de uma série de artigos bem documentados do The New York Times e que recebeu o sugestivo título de Working for less. A continuar no ritmo atual, o custo do trabalho no Brasil vai se aproximar do dos Estados Unidos, podendo até ultrapassar, quando se levar em conta o diferencial de produtividade. Muitos já dizem que, em vários setores, o custo unitário do trabalho está mais alto no Brasil do que na América. Estamos diante de um quadro em que a "generosidade" das leis, das ações sindicais e das sentenças judiciais se transforma rapidamente em prejudicial

perversidade. Este é um tempo de escolha. Não devemos desprezar as lições dos países em crise.

José Pastore

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_21\_fevereiro-entrevista.21\_fev.doc.txt

RENÉ CANTA FREUD

Em turnê pelos EUA, a polêmica dama do jazz evoca no novo CD o criador da psicanálise, sobre o qual fala em entrevista exclusiva

René Marie é uma cantora cult de 56 anos sempre lembrada por ter trocado há quatro anos a letra do hino americano numa cerimônia pública em Denver – ela usou no lugar os versos da subversiva *Lift Every Voice and Sing*, poema de James Weldon Johnson (1871-1938) considerado o hino nacional dos negros. O prefeito de Denver recebeu inúmeras mensagens de protestos, mas ela não se desculpou.

Sua mais nova provocação é o disco *Black Lace Freudian Slip* (lançado nos EUA, mas não no Brasil, onde esteve em 2009, cantando no Bridgestone Music Festival). Em turnê pelos EUA, ela diz que adoraria voltar a País. Sobre o disco e sua carreira ela fala a seguir, em entrevista exclusiva, ao Estado.

Você sempre inclui composições suas nos discos e o mais recente, *Black Lace Freudian Slip*, é uma coleção de peças originais. De certo modo, isso leva a uma comparação inevitável com cantoras e compositoras como Joni Mitchell e Patrícia Barber, ambas sempre dispostas a criar álbuns conceituais, tradutores de uma ideologia. Essa foi a razão de você ter escolhido Freud como tema de um CD que fala fundamentalmente de experiências psicológicas?

A ideologia por trás de *Black Lace Freudian Slip* me intriga, quero dizer, não estou bem certa de onde veio a ideia do título ou por que escolhi as canções que estão nele. Gosto dessas coisas que me deixam assombrada. Para mim, o processo não é me aprofundar para descobrir algo, mas, antes, ter a coragem de liberar sentimentos que tento encobrir. Por exemplo, na faixa-título, *Black Lace Freudian Slip*, o que emerge é uma entrega sensual, provocativa, visceral. Há um aspecto nessa entrega que pode ser considerada do agressivo – e acredito, de fato, que exista alguma agressão aí, mas apenas no contexto do "Ouçam-me, veja como sou uma mulher sexy e inteligente". Conheço minha força e minha fraqueza: sei o que quero, como quero e não tenho medo de dizer isso a ninguém.

A faixa *Thanks, But I Don't Dance* sugere o ambiente de um clube noturno diferente do cenário familiar em que você vivia com o marido e seus filhos antes de começar sua carreira. Tem um raro senso de humor que contrasta com seu passado triste de esposa desrespeitada, segregada por ser negra e ter sido testemunha de Jeová. A canção é uma provocação?

A canção foi escrita por Patti McKinney. Na verdade, é uma metáfora sobre o ato de se apaixonar. O verso "Você conquista o coração de alguém por causa de sua arte, e então sua arte é que aponta o caminho" resume uma experiência que muitos músicos tiveram. Todos amam um músico cuja arte toca a alma – é fácil se apaixonar por ele. Porém, o aspecto criativo do estilo de vida desse músico pode impor desafios ao mais sólido dos relacionamentos. Músicos frequentemente passam muito tempo fora de casa e, ao chegar nela, precisam da solidão para se inspirar. Acontece que topamos com estranhos que nos importunam e, então, *Thanks, But I Don't Dance* simplesmente significa: "Gosto de você, eventualmente posso até amar, mas isso será um problema para nós dois. Portanto, não devemos levar a coisa adiante, aproveitemos o momento".

A canção *Deep in the Mountains* é do seu filho Michael, que lhe encorajou a cantar. Quantos anos ele tinha e por que razão você adiou o início de carreira, que lembra a história de Alberta Hunter ter ficado afastada 30 anos do palco para se dedicar à enfermagem?

Michael é um talentoso compositor e cantor. Diria isso mesmo se não fosse meu filho. Ele beirava os 20 anos quando tivemos essa conversa sobre cantar. Eu fazia isso o tempo todo em casa, mas, por me ver apenas como esposa, mãe e uma pessoa religiosa, não me passava pela cabeça ser cantora.

No CD *Voice of My Beautiful Country* você canta uma música em espanhol, *Angelitos Negros*. Qual a importância da cultura latina em sua formação?

Quando estive em São Paulo há três anos cantei músicas de Jobim e também *Like a Lover (O Cantador)*, de Dori Caymmi. Sobre *Angelitos Negros*, belo poema de Andres Eloy Blanco musicado por Manuel Alvarez Maciste, foi o tema que me inspirou. Nela, um poeta pede ao pintor que não pinte só anjos brancos, mas também negros. Isso me encantou. É bem conhecido o fato de que a maioria dos oprimidos no mundo são negros ou mestiços – e nos EUA, os descendentes de espanhóis são igualmente discriminados. Não posso fazer nada a esse respeito, mas posso cantar algo que traduza o que sinto.

Sua posição ideológica como defensora dos direitos civis é bem conhecida desde que cantou o hino nacional americano

com letra trocada numa cerimônia oficial. Quais são suas expectativas sobre as próximas eleições e sua opinião sobre Obama?

Não acredito que política ou eleições mudem alguma coisa. Acredito, sim, que pessoas comuns possam mudar o mundo por meio de atos individuais de coragem e consciência.

Você esteve ligada no começo à Maxjazz. Por que largou o selo?

Sempre escolho as canções que vou cantar. Sempre. O selo nunca insistiu para que gravasse uma canção específica, mas vetaram uma da qual gostava muito, sugerindo que registrasse um cover no lugar. No meu novo selo, Motema, tenho liberdade de misturar tudo, como fiz no CD Voice of My Beautiful Country, que reúne canções folk como John Henry (sobre um escravo que trabalhou na construção de estradas de ferro) rock como White Rabbit (sobre o consumo de substâncias lisérgicas por Alice, a do país das maravilhas), jazz como Strange Meadow Lark (hit de Dave Brubeck) ou até mesmo recriar o som da Motown com Just My Imagination.

Antonio Gonçalves Filho

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_21\_fevereiro-notícia1.21\_fev.doc.txt

TJ-SP pagou 300 juízes de forma antecipada

Embora autorizados em desacordo com o pagamento a todos os demais credores da corte, desembolsos especiais são classificados como legítimos

São 300 os magistrados, entre juízes e desembargadores, que receberam pagamentos antecipados do Tribunal de Justiça de São Paulo.

Embora autorizados e realizados em desacordo com o pagamento feito a todos os demais credores da corte, esses desembolsos especiais são oficialmente classificados como "legítimos" – créditos acumulados e devidos por férias e licença prêmio não cumpridas.

O rastreamento do TJ indica que a grande maioria dos 300 recebeu quantia inferior a R\$ 100 mil. A relação engloba situações diversas.

O desembargador Ivan Sartori, presidente do TJ, informou que a maior parte deles recebeu "abaixo do valor fixado pela nova administração".

"São valores bem inferiores e justificáveis", segundo Sartori.

Esse levantamento revela ainda que não só os juízes foram contemplados. Muitos servidores também receberam valores antecipadamente, furando a fila interna do tribunal.

Ainda não se sabe o contingente exato de funcionários que, a exemplo de magistrados, se enquadraram no critério do compadrio. Nem o montante a eles concedido.

O cenário interno no maior tribunal do País revela que presidentes, historicamente, ficaram nas mãos de servidores poderosos. Uma funcionária chegou a sonegar informações a um ex-presidente.

Sartori afirma que não vai permitir que essa situação perdure em sua gestão e informa que a investigação sobre pagamentos antecipados vai "ficar centrada" nos 29 magistrados que receberam valores altos.

Ele tem recebido manifestações de apoio incondicional de seus pares desde que mandou apurar as condições em que os pagamentos foram efetuados.

Os repasses sob inspeção ocorreram entre 2006 e 2010, período em que o TJ foi governado sucessivamente pelos desembargadores Celso Luiz Limongi, Roberto Valim Bellocchi e Antonio Carlos Vianna Santos.

Traição. É grande a revolta e indignação dos magistrados que se sentiram traídos por colegas que passaram à frente. Exigem conhecer os motivos alegados pelos privilegiados e os critérios da direção do tribunal para liberar o dinheiro.

Estão no topo do ranking dos mais bem aquinhoados cinco desembargadores que receberam quantias superiores a R\$ 600 mil – dois deles ganharam acima de R\$ 1 milhão cada. Outros 24 ganharam acima de R\$ 100 mil.

Apenas um se manifestou – o desembargador Alceu Navarro, presidente do Tribunal Regional Eleitoral, que recebeu R\$ 644 mil. Ele foi presidente da Comissão de Orçamento do TJ. Alegou problemas de saúde em família.

Os créditos pleiteados pela toga são devidos. O problema é a forma como os repasses ocorreram. A maioria dos contemplados atua na seção de Direito Criminal do TJ.

Os magistrados não recebem seus créditos porque o orçamento do poder não dá. Para contornar provisoriamente o dilema, decidiu-se pagar todo mês, a cada um, além do subsídio, o equivalente a 8 ou 9 dias de férias.

Parte dos juízes atropelou voluntariamente a ordem cronológica dos pedidos protocolados na presidência do TJ. Eles haviam requerido seus créditos, mas em algum momento a corte os pagou, sem que eles tivessem pedido antecipação.

Como os valores em suas contas não eram elevados, além disso parcelados, esses juízes acreditavam que estavam

recebendo o que lhes era devido, sem obter com isso qualquer vantagem.

Fausto Macedo

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_21\_fevereiro-notícia2.21\_fev.doc.txt

Militares criticam opiniões de ministras e omissão de Dilma

Em nota, presidentes dos três clubes da reserva atacaram declarações de Maria do Rosário e de Eleonora Menicucci. Em sinalização de como os militares da reserva estão digerindo a instalação da Comissão da Verdade, presidentes dos três clubes militares publicaram um manifesto censurando a presidente Dilma Rousseff e atacando as ministras dos Direitos Humanos, Maria do Rosário, e da Secretaria das Mulheres, Eleonora Menicucci, por supostas críticas dirigidas à caserna.

A carta, embora assinada por oficiais da reserva, traduz a insatisfação de militares da ativa, que são proibidos de se manifestarem. Eles se queixam de Maria do Rosário por supostamente estar questionando a Lei da Anistia e da titular da pasta das mulheres por "críticas exacerbadas aos governos militares".

Os militares reclamam que Dilma, como comandante em chefe das Forças Armadas, deveria ter repreendido suas auxiliares, e não ter aplaudido o discurso de posse da nova ministra, endossando suas palavras supostamente contra a categoria. "Os Clubes Militares expressam a preocupação com as manifestações de auxiliares da Presidente sem que ela, como a mandatária maior da nação, venha a público expressar desacordo", diz a nota.

Ao se queixarem da postura da ministra Maria do Rosário, os militares citam que ela deu declarações na qual "mais uma vez asseverava a possibilidade de as partes que se considerassem ofendidas por fatos ocorridos nos governos militares pudessem ingressar com ações na Justiça, buscando a responsabilização criminal de agentes repressores, à semelhança ao que ocorre em países vizinhos".

Na nota, os presidentes dos clubes Militar, Naval e da Aeronáutica reclamam de Maria do Rosário alegando que "mais uma vez esta autoridade da República sobrepunha sua opinião à recente decisão do STF", que rejeitou a revisão da Lei da Anistia. "A Presidente não veio a público para contradizer a subordinada."

Nova ministra. O manifesto censurou ainda a presidente Dilma por ter afiançado o discurso supostamente revanchista de posse de Eleonora. Segundo os militares, a nova ministra "teceu críticas exacerbadas aos governos militares e, se auto-elogiando, ressaltou o fato de ter lutado pela democracia (sic), ao mesmo tempo em que homenageava os companheiros que tombaram na refrega". Os militares ressaltaram que "a plateia aplaudiu a fala, incluindo a sra. Presidente".

Procurada ontem, Maria do Rosário disse que não leu o manifesto e que, portanto, "não comentaria" o documento. A ministra Eleonora não foi localizada pela reportagem.

Tânia Monteiro

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_21\_fevereiro-opinião1.21\_fev.doc.txt

Sob a mira, as cadernetas

O governo Dilma não está interessado só em desestimular aplicações nos fundos referenciados ao DI (Depósito Interbancário). Pretende alterar, também, regras da caderneta de poupança, de modo a rebaixar sua rentabilidade. O problema de fundo é conhecido. A caderneta paga remuneração quase fixa. Juros de 0,5% ao mês (ou de 6,17% ao ano, uma vez compostos em 12 meses) mais fração da Taxa Referencial de Juros (TR). Na prática, traz retorno entre 7,0% e 7,5% ao ano e disputa a preferência do aplicador com outras três vantagens: (1) liquidez imediata, ou seja, possibilidade de saques a qualquer momento (com perda de rendimento se não for no "dia certo"); e isenção de (2) taxa de administração; ou do (3) Imposto de Renda, cobrado sobre a maioria das remunerações de aplicações. O governo tem pressa na derrubada dos juros básicos, hoje de 10,5% ao ano, pelo Banco Central – que, por sua vez, já avisou que estão próximos os dias em que alcançarão um dígito (abaixo de 10,0% ao ano). Outras manifestações dos dirigentes da área dão a entender que podem cair abaixo dos 9,75% ao ano, nível que caracterizaria a queda a um dígito.

Nessa paisagem, a caderneta passa a ser um problema. Mantido seu retorno de 7,5% ao ano, logo chegará o dia em que pagará mais do que os fundos de renda fixa, especialmente os fundos DI (atrelados à Selic) – cujo rendimento está sujeito ao Imposto de Renda e cujo patrimônio é reduzido pelo sistema "come-cotas" montado pelas taxas de administração. Assim, a migração das aplicações financeiras para cadernetas ficaria inevitável – a menos que o

governo passe, como quer, a tesoura de poda na remuneração da caderneta.

O problema não será solucionado só com um passeio de caneta ao pé de um texto de medida provisória. Como ficou dito, a caderneta garante liquidez imediata. O aplicador pode buscá-la de volta quando quiser. E, no entanto, só pequena parcela desses recursos está nos bancos. Foram emprestados ao tomador de financiamentos para a casa própria, que tem 10,15 ou 20 anos para devolvê-los em prestações mensais, com juros e correção prefixados em contrato. Um dos riscos é o esvaziamento das aplicações em poupança, o que deixaria os bancos a descoberto.

Mas o aplicador poderia ficar sem opção e se manter fiel ao velho amor – rendimento a conta-gotas, mas confiável. Assim, no entanto, seria preciso prever possível reviravolta. Vamos que, adiante, seja preciso puxar novamente os juros básicos para cima. A aplicação das cadernetas poderia ficar desastrosamente para trás e, para evitar novo esvaziamento, o governo teria de voltar a puxar para cima o rendimento da caderneta. Nesse caso, o descasamento entre ativos (mais baixos) e ativos (mais altos) dos bancos viria por outro fator e abalaria o sistema.

O outro risco é político. A caderneta sempre foi considerada o investimento dos pobres e dos simples. O achatamento de sua remuneração poderia levar a crer que o governo estaria metendo a mão na aplicação do povão. Pelo seu forte impacto em ano eleitoral, essas mexidas provavelmente não sairão antes de novembro.

Celso Ming

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_21\_fevereiro-opinião2.21\_fev.doc.txt

Desafios do financiamento do agronegócio

A cada safra volta à tona o problema do financiamento da agricultura brasileira, cujo padrão produtivo e cultura foram, pelo menos em parte, formados no ambiente de crédito farto e barato que prevaleceu até meados da década de 1980.

A crise da política agrícola foi um processo longo, marcado por intervenções e omissões do Estado, por um "padrão de intervenção caótico" que deixou sequelas negativas, dentre elas o endividamento e o empobrecimento da agenda de desenvolvimento do setor. A crise da política agrícola dominou a agenda política do setor durante mais de uma década, e um novo padrão só começou a emergir no início dos anos 90, com o reconhecimento da incapacidade de o Estado manter o crédito altamente subsidiado, honrar os preços prometidos pela política de garantia de preços mínimos e assegurar a assistência técnica universal. Ainda hoje, o financiamento é apontado como um dos principais gargalos para o crescimento sustentável do setor.

É bastante difundida a visão de que a agricultura brasileira depende totalmente dos recursos públicos, que o agricultor é descapitalizado e só consegue produzir porque conta com crédito rural oficial e condições especiais de financiamento. O trabalho de dissertação de mestrado em Economia na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Financiamento da cadeia de grãos no Brasil: o papel das tradings e fornecedores de insumos, defendido por Felipe Prince Silva, no início de fevereiro, apresenta evidências suficientes para questionar tal ideia.

O estudo parte de um aparente paradoxo: se a agricultura é tão dependente do crédito oficial, como explicar o forte dinamismo e a consolidação do setor na Região Centro-Oeste do País justamente no período mais intenso da crise da política agrícola e de redução de recursos públicos?

Para entender a questão, o trabalho analisa os modelos de crédito rural praticados no Brasil, no âmbito do crédito agrícola oficial e do crédito agrícola comercial privado, crédito não oficial e crédito informal; e quantifica e compara o papel desempenhado pelos agentes privados e pelo setor público no financiamento de custeio de grãos, tomando como exemplos a soja e o milho nas Regiões Centro-Oeste e Sul.

A primeira conclusão é de que no Sul do País predomina o modelo de crédito agrícola oficial, feito pelos bancos comerciais – principalmente o Banco do Brasil – e pelas cooperativas de crédito, enquanto no Centro-Oeste o financiamento se baseia principalmente no crédito agrícola comercial privado, feito por agentes não bancários, como agroindústrias, fornecedores de insumos e tradings.

De acordo com o trabalho, a partir de dados do Banco Central e da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), na Região Sul o crédito agrícola oficial atendeu a 70% da demanda de crédito da soja e a 59% do milho na safra 2010/2011, e apenas a 32% e a 31% na Região Centro-Oeste. Para Prince Silva, "a capacidade dos agentes do agronegócio (a montante e a jusante) de se organizar e criar instituições e mecanismos para suprir a insuficiência de crédito oficial são elementos fundamentais para explicar a expansão da produção na região, mesmo em um cenário de redução dos recursos do Estado".

A segunda conclusão é de que nas duas regiões os produtores aportam percentuais relevantes de recursos próprios para custear a produção, uma vez que a política agrícola limita o valor do crédito contratado em R\$ 650 mil por tomador (controlado pelo CPF). Esse teto é insuficiente para atender às necessidades de custeio da maioria dos produtores de

grãos do Centro-Oeste, que produzem em maior escala, e impõe severas restrições até mesmo no Sul do País. Isso obriga o produtor a buscar financiamento privado extrabancário ou a utilizar autofinanciamento, cuja parcela tem aumentado.

Trata-se, sem dúvida, de um fato positivo, em especial porque reduz a exposição do produtor ao risco de inadimplência. Mas tem também um aspecto negativo, pois reduz a disponibilidade de recursos para aqueles "pequenos gastos" que não são objeto de financiamento, mas que são muito importantes para a sustentabilidade da unidade produtiva e do negócio.

Os problemas do modelo oficial são conhecidos, e o estudo revela vantagens e desvantagens do modelo de financiamento privado predominante no Centro-Oeste.

A primeira vantagem é a própria autonomia em relação aos recursos oficiais, que no passado flutuaram de forma muito errática. O financiamento privado extrabancário também permite melhor gestão dos recursos, com efeitos importantes nos custos de produção. Um exemplo é a possibilidade de comprar os insumos na entressafra, quando os preços estão mais baixos, e evitar a conhecida novela do atraso da liberação dos recursos oficiais, que não raramente chegam tarde demais.

Além disso, o financiamento é associado à garantia de comercialização e à fixação de preço, o que reduz fortemente os riscos de mercado na medida em que os produtores fecham de forma antecipada os custos de produção e o preço de venda, deixando em aberto apenas o risco climático que hoje pode ser parcialmente segurado.

O lado negativo é que o "modelo Centro-Oeste torna a região mais vulnerável à volatilidade do fluxo de recursos financeiros". Como os fornecedores de insumos e tradings que financiam a produção captam parte dos recursos no mercado de crédito internacional, "um cenário de crise econômica externa e queda de liquidez pode provocar diminuição da produção na região, colocar em risco os investimentos realizados e os benefícios gerados pelas exportações...".

Finalmente, talvez o ponto mais negativo "é o encarecimento das linhas de capital de giro para os produtores da região, já que as taxas de juros pagas são entre duas e três vezes mais elevadas que as taxas de juros com recursos controlados". É caro, mas está disponível, enquanto o oficial é mais barato, continua chegando tarde, muitas vezes não chega e ainda é insuficiente. E vem empacotado em serviços extras que o encarecem em alguns pontos percentuais. Mesmo assim, o "modelo brasileiro" de financiamento privado é, atualmente, exemplo para muitos países.

Antônio M. Buainain

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_21\_fevereiro-reportagem.21\_fev.doc.txt

Turismo

Susto com a inflação na 'Calle' Florida

Brasileiros ainda são maioria entre os turistas na Argentina, mas os preços já não atraem tanto

Ustéde Tchiéne casacos de cuero? A pergunta, pronunciada em espanhol com sotaque carioca em uma loja da tradicional Calle Florida, em Buenos Aires, foi disparada por Sarah Albuquerque, dona de casa do Leblon que aproveitou o feriado de carnaval para visitar a capital argentina na companhia de outras três amigas.

"Estou amando esta cidade!", exclamou enquanto abria a carteira para pagar em dólares um casaco que couro que dificilmente usará no calor do Rio de Janeiro.

"Custou US\$ 230, uma bagatela", explicou. "Usarei poucas vezes na minha cidade, mas vale a pena, o acabamento é finíssimo". Sarah era apenas uma entre os milhares de turistas brasileiros que aproveitaram o feriado do carnaval para visitar a Argentina. Buenos Aires transformou-se no principal destino dos brasileiros em sua primeira viagem ao exterior.

A última medição oficial sobre o fluxo de turistas estrangeiros na Argentina indicou que em dezembro passado os brasileiros representaram 22,2% do total de visitantes estrangeiros. Estimativas extraoficiais indicam que um milhão de brasileiros estiveram na capital argentina no ano passado.

Depois de sair da loja, enquanto Sarah e as companheiras de viagem caminhavam pelo trecho da rua Florida, entre a avenida Córdoba e a rua Paraguay, vendedores dos comércios de couro e pullovers da área improvisavam no português para fazer publicidade de suas ofertas.

"Os brasileiros tem dinheiro, vem aqui principalmente para comprar, e gastam muito! Temos que aproveitar essa boa vontade de nossos vizinhos e suas carteiras generosas", comenta o comerciante Pablo Negri. Ele interrompe os comentários ao detectar uma potencial cliente brasileira na rua. "Boa tárdgi! Nóish temos roupa dgí coro!", pronuncia tentando imitar o sotaque brasileiro, enquanto estende a mão à turista para entregar um cartão com o endereço da loja.

Turismo. Os especialistas afirmam que Buenos Aires transformou-se em um ponto de interesse para os turistas brasileiros por vários motivos. Um dos principais seria a proximidade geográfica do Brasil, que torna a capital argentina um ponto no exterior de rápido acesso para uma viagem durante um fim de semana ou feriado. Outro fator é a semelhança do idioma, o que facilita a compreensão entre visitantes e nativos. A capital argentina também atrai pelo que os turistas brasileiros denominam de "charme europeu" da arquitetura local.

Além disso, especialmente ao longo da última meia década, graças à valorização da moeda brasileira, a Argentina tornou-se barata. Esta qualidade, no entanto, está gradualmente perdendo terreno, já que a inflação argentina provocou uma disparada dos preços nos últimos dois anos. Embora a inflação oficial elaborada pelo governo da presidente Cristina Kirchner desde 2010 indique um aumento acumulado inferior a 18%, os economistas independentes afirmam que nos últimos 24 meses a escalada inflacionária chega a quase 60%.

Os casacos de couro que custavam entre US\$ 93,00 e US\$ 140,00 há um ano, hoje custam de US\$ 160 a US\$ 350,00. Ainda assim, os brasileiros gastam em média US\$ 160 por dia na Argentina, mais que o dobro da média de US\$ 72,20 que os turistas costumam gastar no país.

Entre os produtos mais procurados pelos brasileiros estão os artigos de couro, roupas e calçados. Também são muito procurados os vinhos, chocolates e tradicionais "alfajores".

Os baianos Cleide, Walter e Priscila Cavalcanti desembarcaram na capital argentina na quarta-feira e partiram ontem da cidade. Para resumir sua primeira visita ao país usaram uma simples palavra: "Adoramos!", disse Cleide. Para ela, a cidade "inspira cultura". Eles elogiaram a qualidade e os preços dos restaurantes. Só não gostaram de uns detalhes: "Os argentinos acham que o Maradona é melhor que o Pelé".

João Souza Sales, sua mulher Joana D'Arc e seus filhos Patrese e Patrick viajaram desde Brasília, acompanhados por Diana Soares, de Manaus. Os Sales estavam em sua quarta visita à Buenos Aires desde 2006. Notaram que os preços aumentaram gradativamente, e dispararam desde 2010. "Tenho pena dos argentinos", disse Joana D'Arc.

Mariano, vendedor de uma loja de roupa masculina na avenida Santa Fe, diz que os turistas brasileiros sempre pedem desconto: "Sempre tenho de explicar que na Argentina, o desconto é coisa rara..."

Ariel Palacios \* correspondente em Buenos Aires

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_21\_fevereiro-crônica.21\_fev.doc.txt

Cachaça boa, 'marvada' pinga

A cachaça é um verdadeiro patrimônio nacional. Quem afirma é o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, no prefácio de belíssimo livro lançado recentemente por Araquém Alcântara e Manoel Beato. Em tempos de carnaval, cabe homenagear a mais brasileira das aguardentes.

Fama de cachaceiro Fernando Henrique não carrega. Mas, como sociólogo, argumenta ser a cachaça "parte antiga" da História brasileira, peça importante da cultura ligada aos caboclos da terra. Por esse motivo, aliás, o Decreto 4.062/2000, de sua lavra, define o termo "cachaça" como vocábulo de origem exclusivamente brasileira. O ato oficial procurou, na época, impedir que os Estados Unidos incluíssem a bebida, por interesses comerciais, na mesma categoria do rum. Nada a ver.

Elaborada a partir da fermentação do caldo da cana-de-açúcar, a cachaça surgiu nos rudimentares engenhos logo após o Descobrimento. Quem a apreciava eram os escravos e colonos, enquanto a elite da época, é óbvio, tomava vinhos e se embriagava com a bagaceira – um destilado de uva, semelhante à cachaça – trazida de Portugal.

O ciclo da mineração nas Minas Gerais, deslocando o eixo econômico e populacional para o Sudeste do Brasil, parece ter trazido estímulos ao consumo da aguardente de cana-de-açúcar. Uma das razões estava no clima, mais frio nas serras mineiras do que na Zona da Mata nordestina. Uma mordida na rapadura, um gole da branquinha ajudavam a aguentar a dureza do trabalho e a espantar a friagem noturna.

A preferência popular – e o preço barato – permitiu à caninha conquistar fatias mais amplas da sociedade colonial, atrapalhando os vendedores portugueses da bagaceira. Estes pressionaram a Corte a proibir por aqui, em 1659, a produção e o consumo da aguardente de cana. Tudo em nome da ordem, é claro. A esdrúxula medida provocou revolta na colônia e a proibição acabou revogada poucos anos depois.

Pesadas taxas de arrecadação foram tentadas para sufocar a produção, mas tampouco se efetivaram na prática. Não houve o que segurasse a expansão dos alambiques. Sinônimo de brasilidade, a cachaça mais tarde frequentaria a mesa dos Inconfidentes, virando símbolo de resistência contra a dominação portuguesa. Na Semana de Arte de 1922, ganhou status de modernidade.

Pinga ou cachaça? Tanto faz, em termos. O dicionário do Aurélio oferece cerca de 140 sinônimos para a aguardente de

cana. Além dos já aqui citados, denominam-na por aí de branquinha, quebra-goela, água que passarinho não bebe, uca – esta comum nas palavras cruzadas. Qualquer uma delas surge da fermentação do caldo da cana-de-açúcar por uma levedura (*Saccharomyces cerevisiae*). Existe, porém, uma diferença básica no modo de produzir, diferenciando o processo artesanal da fabricação industrial.

Nas destilarias artesanais, o mosto, ou garapa da cana, é fermentado naturalmente e colocado em alambiques de cobre, onde o calor promove a evaporação, com a consequente condensação, da bebida destilada. Especialmente por causa dos trabalhos de certificação de origem mineira, nos últimos anos, cachaça passou a se denominar essa aguardente pura, oriunda de pequenos empreendimentos. Estima-se existirem 40 mil produtores de cachaça artesanal no Brasil. Eles utilizam técnicas variadas para criar a marca característica da sua cachaça. Alguns colocam quirera de milho no fermento, outros utilizam arroz. A variedade da cana plantada, bem como do solo e do clima regional também influenciam no terroir, tal qual ocorre nas vinícolas.

Quem é da roça sabe que nas alambicadas caseiras os bons produtores desprezam a "cabeça" da aguardente, porque o início da destilação gera uma bebida com álcoois superiores, ficando muito forte. A "calda", parte final do processo, também não se presta, pois começa a ficar muito aguada. Aproveita-se, então, apenas o "meio", ou o "coração", que representa 80% do caldo fermentado.

Nenhuma dessas manhas se utiliza nas grandes empresas. A pinga delas originada sai da destilação contínua em colunas de aço inox, semelhantes às usadas na fabricação do etanol combustível. Além do mais, a aguardente é estandardizada com açúcar e outros agentes químicos, visando a adquirir padrão comercial. As marcas famosas existentes – Tatuzinho, 51, Velho Barreiro, entre outras – abastecem 75% do volumoso mercado nacional, estimado em 1,3 bilhão de litros por ano.

Como a exportação é pequena, pois o marketing externo do produto é ainda incipiente, o consumo per capita de aguardente de cana no Brasil aproxima-se de 7 litros por habitante/ano. Uma boa dose.

Desde antigamente, e até hoje, a bebida alcoólica representa fonte de energia barata para a população mais pobre do País. Lembro-me, no final da década de 1970, dos estudos pioneiros coordenados pelo professor Dutra de Oliveira, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) em Ribeirão Preto, que mostravam a ingestão de pinga como fonte importante de energia para os combatidos boias-frias daquela região. A realidade continua.

Infelizmente, a pinga nacional ajudou a causar uma disfarçada doença que afeta 30 milhões de brasileiros: o alcoolismo. Essa desgraça representa, com certeza, a pior, pela extensão do problema, das nossas tragédias familiares. O crack, a maconha e as demais drogas ilícitas são terríveis. Mas o alcoolismo, legalizado, destrói as pessoas, causa violência contra mulheres e crianças no lar, mata no trânsito. Acaba com o cidadão.

Apreciar uma boa cachaça, seja no carnaval, seja no churrasco com os amigos, não envergonha ninguém, nem mal faz à sociedade. Mas beber socialmente, como se diz, não pode servir para esconder o drama do alcoolismo, um mal que precisa ser reconhecido e combatido.

Maldita pinga.

Xico Grazziano

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_24\_janeiro-crónica.24\_jan.doc.txt

A música segundo Tom Jobim

Fui ver o ótimo filme do Nelson Pereira dos Santos e Dora Jobim e me lembrei da frase do Nelson Rodrigues: "Nada mais antigo que o passado recente". Perfeito; dá para ver a espantosa mudança da vida social e cultural dos últimos 20 anos. As canções, as plateias, os olhos e ouvidos ligados nos shows, o desejo de transmitir a beleza de uma reflexão sobre nossas emoções, um ritmo de vida celebrando a inocência e a delicadeza, o tema do amor sempre presente, a qualidade das letras e sonoridade (Águas de Março é um grande poema sobre o devir), em suma, tudo que não é manipulação, barulheira fácil e boçal, nessa proliferação de irrelevâncias que pululam nas redes. Tudo bem, pode ser que estejamos no caos inicial, na infância de um novo e rico tempo cultural, como prevêem os garimpeiros de ouro na bosta, mas, por enquanto, acho tudo um lixo.

O filme é a emocionante montagem de grandes momentos de nossa música como um discurso sem palavras. Saí do cinema como de um spa mental, no meio da poluição sonora e visual de São Paulo. Um filme terapêutico.

O documentário de Nelson e Dora me tocou muito. Sempre preferi ver fotos amareladas, filmes precários, antigos, que nos dão a sensação de nebulosas vidas mortas. As personagens do preto e branco, do trémulo filme mudo, nos consolam com sua vetustez. Suas mortes são mais suportáveis porque pensamos: "Ah... naquele tempo se morria; hoje não". No filme moderno, o passado recente, em cores, nos mobiliza porque vira um presente implacável, embora

impalpável. Vemos a alegria de festas sem som, sorrisos mudos, a juventude perdida dos rostos, as gargalhadas que não ecoam em lugar nenhum, as mulheres tão moças e lindas (e não nos dávamos conta disso) e nós mesmos, nossa saúde, nossos humores, tudo visível. Também vemos os indícios de erros que nos levarão ao fim – o corpo maltratado, a melancolia evitável, o riso amarelo, eu, você, nós todos no passado perdendo tempo, desvalorizando o que tínhamos. Mais emocionante que a tristeza de um passado é sua alegria perdida.

Lembrei-me que num dia feliz, sentado ao piano, Tom tocou para mim uma música nova – era Chansong, a obra-prima com a letra anglo-francesa: "I've never been in Paris for the summer, I never drank a scotch with this bouquet". Fui das primeiras pessoas a ouvir a música – tenho esse orgulho. Sempre que a ouço, vejo-me com ele, curvado, cantando com voz arfante, como se contasse um segredo.

Henri Bergson, o filósofo, declarou, quando viu os filmes de Lumière: "O cinema é importante para vermos como se moviam os antigos". Isso.

Sempre me emociono com esse milagre do cinema, em que as pessoas ressuscitam na tela e ficam ali, falando, como se nada tivesse acontecido. Isso me dói porque um dia serei também protagonista de um flashback de mim mesmo.

Assusto-me se estou num bar e, de repente, minha saudosa comadre Nara Leão começa a cantar baixinho ali ao meu lado, como aliás canta no filme, nos lembrando de sua imensa importância.

Já sentira isso na obra-prima do Miguel Faria Jr., Vinícius, quando escrevi: "O tempo era outro, e me refiro a tempo como ritmo, timing. Movíamos-nos de outro modo, em paisagens claras, com perspectiva, distâncias nítidas, andávamos pela praia até o Leblon".

O mundo estava em foco e não era esse sumidouro de hoje. Esses filmes mostram um passado que poderia ser nosso presente. Ipanema era uma ilha de felicidade num país injusto, foi um momento raro em que o desejo e o projeto se encontraram, na praia, no bar, nas ruas com amendoeiras, nos amores mais livres, na música e literatura, antes da massificação.

O tempo se acelerou brutalmente nos últimos dez anos. Os filósofos vivem berrando: "Não temos mais tempo, porque as coisas fetichizaram o tempo!"

A cada dia, os blackberries, os iPads, os iPhones aumentam de potência, e o tempo vai se comprimindo. Até onde? Esta correria seria ótima se fôssemos chegar a alguma coisa, a uma estação Finlândia, a um terminal qualquer; mas, aonde chegaremos? No início do século 20, louvamos a velocidade crescente, revolucionária na arte moderna, a beleza do futuro, mas agora está chegando a hora de buscarmos a lentidão, a paz, o silêncio, como fazem as comunidades de "slow movement". Aliás, o filme nos lembra que ainda havia silêncio. Outro dia, me falou uma "pianista" de twitters e facebook: "Hoje não há mais tédio – temos telinhas o tempo todo diante dos olhos". Talvez, mas, sem vazio não há pensamento.

Agora, não temos condição de criticar e controlar mais nada, nem pela poesia, paródia, nem por nada. As coisas estão in charge, no comando da vida. Que diria Tom sobre isso? Bem em conversas, nas suas falas sobre a natureza e em seus gestos já dava para ver a melancolia disfarçada de ceticismo sábio, víamos que ele já sabia que a barra ia pesar ali em Ipanema e em toda parte.

Talvez ele dissesse: "Você sabe, não é Jabor, você que é um árabe um beduíno sem deserto, você sabe que a música existe no tempo. Se acelerar muito, a música vai junto mas, depois de certo ponto, a arte perde o fôlego... Nós estamos querendo acabar com o Tempo".

Isso me remete a um filme antigo, cult, o Planeta Proibido, de Fred Wilcox, com George Sanders e Anne Francis, um planeta vazio onde todas as informações de um mundo morto estavam guardadas num imenso subterrâneo, uma gigantesca máquina, um super-Google. Toda a vida do planeta, tudo que se descobriu e construiu estava ali, arquivado para a eternidade. Só não havia mais vida em volta – a raça tecnológica dos Krells tinha sido extinta.

Mas Tom não ia prestar atenção neste papo cabeça. Ele gostava de ver o que era vivo ainda. Ele diria: "Deixa pra lá... Olha... lá no alto, os urubus caçadores estão dormindo na perna do vento..."

Arnaldo Jabor

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_24\_janeiro-entrevista.24\_jan..doc.txt

Entrevista

José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobrás

'Este é apenas um ciclo que se fecha'

Presidente da estatal diz que troca no comando é natural e garante que problema com sondas não causou desgaste

Algumas horas antes de embarcar para a Suíça, onde participará do Fórum Económico de Davos, o presidente da

Petrobrás, José Sergio Gabrielli, em entrevista por telefone, classificou sua saída do cargo como parte de um processo normal de mudança de gestão executiva. Para ele, chegou o momento de "fechar o ciclo". Gabrielli desmente qualquer atrito com o governo e nega que o intrincado processo de contratação de 21 sondas, cuja licitação foi suspensa no mês passado, tenha contribuído para sua saída. "Não tenho nenhuma informação de nenhuma notícia de uma mudança com tensão ou problemas", disse. A seguir, os principais trechos da entrevista:

Houve antecipação na sua saída? A que o sr. atribui a troca?

Estou na Petrobrás há nove anos. Como presidente, há seis anos e sete meses. Sou o presidente mais longevo da companhia. Acho natural que isso ocorra. É um ciclo que se fecha. O outro elemento que pesou na mudança foi o convite do governador Jaques Wagner. Estou indo para o governo da Bahia.

Para qual secretaria? É uma preparação para a campanha ao governo em 2014?

Não sei ainda para qual secretaria. O governador é que vai decidir. Estou indo para ajudá-lo no governo, não para fazer campanha. 2014 ainda está muito longe.

O que muda na Petrobrás com a troca na presidência?

Acho que não haverá grandes mudanças. A Graça (Foster) é uma profissional de altíssima qualidade, me dou muito bem com ela. Os grandes temas da companhia permanecem os mesmos, os processos, as formas, as pessoas. Acho que ela vai continuar trabalhando em perfeita sintonia.

As ações da Petrobrás estão subindo muito hoje (ontem). A que o sr. atribui isso?

Acho que à garantia da continuidade da empresa. O mercado não espera grandes mudanças.

Mas, é natural que a nova presidente mude nomes na diretoria...

Isso é tarefa do Conselho (de Administração). Não sei ainda o que será definido no próximo dia 14, mas é tarefa do conselho, do qual ainda sou membro, decidir sobre mudanças.

O que o sr. destacaria como marca de sua gestão na Petrobrás?

Em primeiro lugar, o fortalecimento do Sistema Petrobrás. Unificamos as funções corporativas, reorientamos a estrutura de gestão da companhia para um processo, e não para uma gestão de resultados, para aproveitar melhor o benefício de ser uma empresa grande como a Petrobrás. Também aceleramos o compromisso de crescimento com nossa cadeia de fornecedores. Por fim, identificamos gargalos operacionais e montamos programas para resolvê-los. Hoje, mais da metade do pessoal da Petrobrás tem menos de 10 anos de empresa. Renovamos muito o nosso quadro. Há comentários de que o atraso na contratação das 21 de perfuração teriam arranhado a relação entre a direção da empresa e o governo federal. Houve algum problema?

Acho isso absolutamente fantasioso. Trabalhamos sempre para o melhor resultado possível. Mas o ritmo de resoluções e de definições depende da complexidade de cada assunto. A licitação das sondas é um problema complexo, mas não acredito que tenha tido qualquer influência. Não tenho nenhuma informação, das minhas conversas com a presidente Dilma, com os ministros (Guido) Mantega e (Edison) Lobão, com o governador Jacques Wagner nem com o ex-presidente Lula de nenhuma notícia de mudança com tensão ou problemas. Este é apenas um ciclo que se fecha.

Irany Tereza

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_24\_janeiro-notícia1.24\_jan.doc.txt

Dilma lança 'vacina eleitoral' para Enem

Na saída de Fernando Haddad da pasta da Educação para disputar Prefeitura, presidente cria discurso de defesa do controverso exame

Para tentar imunizar o candidato petista à Prefeitura de São Paulo de críticas durante a campanha eleitoral, a presidente Dilma Rousseff usou cerimônia ontem no Planalto para elogiar o Exame Nacional de Ensino Médio (Enem) e, com isso, procurar blindar Fernando Haddad, que deixa hoje o Ministério da Educação.

Na solenidade, que marcou a despedida de Haddad do cargo, a presidente não apenas elogiou o ministro, como aproveitou para fazer a defesa do Enem. A prova foi alvo de erros e problemas, como o vazamento de questões, e transformou-se em marca negativa da gestão de Haddad que os adversários pretendem atacar.

"É a forma mais democrática de acesso dos jovens brasileiros ao ensino universitário", afirmou Dilma sobre o Enem.

"É um exemplo da determinação do ministro Fernando Haddad no sentido de assegurar uma transformação e uma 'deselitização' do ensino universitário no País."

Para afastar o fantasma do Enem, o governo federal fará duas edições do exame só em 2013, o que evitaria desgastes para Haddad na disputa. Neste ano, a edição de abril foi cancelada e haverá provas apenas em novembro, após um eventual segundo turno das eleições.

Dilma reconheceu que o Enem enfrenta problemas, mas afirmou que ele "é um grande caminho" e classificou o vestibular como "sistema antigo e antiquado" e "elitista". Para justificar os problemas do Enem, a presidente comentou: "Nós somos seres humanos. Quando tem erros, a gente tem de aprimorar; ninguém está dizendo que nada é perfeito; está dizendo que (o Enem) é um grande caminho".

Numa cerimônia esvaziada pelo recesso parlamentar, a ponto de cadeiras vazias terem sido recolhidas do salão do Palácio, e marcada pela ausência da sena dora Marta Suplicy (PT-SP), que também desejava concorrer à Prefeitura, Haddad disse que era "justo poder celebrar a conclusão de um ciclo".

Para Haddad, os problemas enfrentados pelo MEC com o Enem não atrapalharão a campanha. "Ao contrário e já respondi isso mais de uma vez. Faça uma pesquisa sobre o Enem que vocês vão constatar que a juventude aprova, sobretudo o jovem de escola pública", declarou.

Lembrado de que um de seus adversários, Gabriel Chalita, do PMDB, também é da área de educação, o ministro disse que vai levar suas conquistas para a campanha. "Eu penso que todo mundo vai defender a sua biografia legitimamente, mas, mais do que isso, é dizer o que vai fazer pela cidade. O que a cidade quer saber é quais são as propostas de cada candidato, e se essa pessoa tem serviços prestados ao País na escala que SP exige."

Questionado se a sua experiência como ministro é suficiente para administrar São Paulo, Haddad respondeu que "devemos enaltecer as pessoas que querem disputar um cargo tão importante e não procurar diminuir". Indagado sobre o fato de José Serra não concorrer, Haddad esquivou-se. Disse apenas que "gostaria de, até amanhã (hoje), falar um pouco mais de educação e menos de Prefeitura. "A partir de quarta falo mais de prefeitura e menos de educação".

Tânia Monteiro \* Rafael Moraes Moura

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_24\_janeiro-notícia2.24\_jan.doc.txt

Uso de peles de animais leva ativistas para a porta da Bienal

Gloria Coelho exibiu vestido com pele de vaca; Ellus, casaco de chinchila, e Fause Hatén, estola de raposa  
Coelhos de isopor reciclável e raposas de madeira passaram o fim de semana expostos na porta de entrada da São Paulo Fashion Week, no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Ao lado, plaquinhas com os dizeres "no fur" fincadas na terra. As 140 esculturas faziam parte de uma manifestação realizada por ativistas da Move Institute, ONG que luta contra o uso de pele de animais na moda.

Depois de passar pelas obras – assinadas por artistas plásticos como Renata Debonis, Vermelho e Mônica Chan –, os convidados que chegavam ao prédio para a São Paulo Fashion Week ganhavam um adesivo para colar no peito com os mesmos dizeres das placas. Nas salas de desfile, o couro e a pele de bicho nunca estiveram tão em alta na Bienal como nesta temporada de inverno.

"Queremos trazer esse tema para a moda, propor incentivos para pesquisas de tecidos e novas tecnologias", explica Adriana Pierin, presidente do instituto criado há dois anos. Muito estilista colocou pele de verdade nas suas coleções. Fause Hatén, por exemplo, trouxe estolas de raposa, golas de visom que contrastavam com os looks em levíssima seda pura. "Não sou a favor nem contra o uso de peles. E não quero entrar nesta polêmica. O que importa é que sou a favor da liberdade. Sempre uso pele sintética e acho ótimo. Mas nesta coleção, mais que tudo, eu queria usar peles."

Glória Coelho, ontem, surpreendeu ao misturar pele de vaca – bem parecida com a dos tapetes de casas de fazenda – com tecidos fluídos. "Não vejo problema em usar couro de vaca ou de boi", diz Glória. "O boi e a vaca fazem parte da cadeia alimentar."

Reinaldo Lourenço não cogita o uso de materiais sintéticos. "Acho muito ingênua esta história. As pessoas comem o boi, então aproveita-se o couro. O material sintético não tem a mesma textura, nem o mesmo caimento." E a pele?

"Foi a primeira indumentária do homem. Se não fosse a pele não teríamos sobrevivido."

Na passarela surgiram, sim, materiais alternativos. Foi o caso da Ellus, que apresentou jeans resinado, que dá aspecto de couro ao tecido. Mas a grife também colocou na mesma passarela um casaco com pele de chinchila.

"Eu, que sou contra o uso de peles, tentei inicialmente usar couro sintético. Mas fui pesquisar e cheguei à conclusão de que o couro sintético é feito de PVC, ou seja, plástico. Então, voltei ao couro natural", diz João Pimenta, estilista da marca que leva seu nome.

O Brasil exportou US\$ 2,5 bilhões de couro e pele em 2011. Em quantidade, segundo o Centro das Indústrias de Couro do Brasil, 2% a menos que em 2010. O setor espera uma redução maior ainda este ano. Em 2011, Itália e China compraram 52% do total enviado para fora do Brasil. A saída parece ser o aumento do consumo interno.

Valéria França \* Flávia Guerra

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_24\_janeiro-opinião1.24\_jan.doc.txt

Muito além do estilo

A questão da diferença de estilos entre a presidente Dilma Rousseff e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva pontuou o início do governo da sucessora e é tida como uma das principais razões dos altos índices de popularidade. Por esse raciocínio, Dilma agradaria à parcela da população que Lula desagradava e, assim, agregaria novos admiradores sem perder os já conquistados, aumentando o capital político do mesmo projeto de poder.

A tese das diferenças entre um e outro já se prestou a várias leituras, sendo a mais equivocada delas a que enxerga sinais de ruptura em atos como o trato civilizado que Dilma dá à oposição, a ausência de tagarelice diária ou a capacidade de reconhecer o momento em que um ministro perde a condição de permanecer no cargo.

Há que distinguir, no entanto, estilo de padrão. O primeiro guarda relação com a maneira de ser de cada um e o segundo diz respeito aos fundamentos de atuação para a execução de objetivos.

No cotejo com a realidade, o que se vê não são diferenças de padrão. Dilma não trata a imprensa como inimiga da democracia, mas não orienta o seu partido a deixar de lado a proposta de controle social da mídia.

Na política externa não celebra relações com agressores dos direitos humanos!, mas ignorou o pedido da cubana Yoani Sanchez para que a ajudasse a conseguir autorização para viajar ao Brasil nem incluiu na agenda de sua próxima visita a Havana – onde acaba de morrer mais um dissidente da ditadura Castro – encontro com a oposição, conforme solicitado.

Quanto às demissões de ministros, Dilma mostrou seus limites ao fazer vista grossa às consultorias de Fernando Pimentel e às estripulias de privilégios a redutos eleitorais e familiares de Fernando Bezerra.

Na campanha eleitoral já em curso a despeito dos parâmetros legais, o assunto das diferenças de maneiras entre Lula e a presidente voltará à baila. Dilma será ou não tão explícita no uso da máquina pública quanto foi o antecessor.

Os primeiros acordes da sinfonia indicam que no estilo pode ser – até por temperamento e vocação –, mas no padrão não necessariamente.

Ficou estabelecido que a eleição de Fernando Haddad para a Prefeitura de São Paulo é prioridade para o governo federal, o passo essencial para a derrubada da cidadela tuana.

A presidente começou as despedidas do ainda ministro da Educação na semana passada, em Angra dos Reis, aproveitando inauguração de creche para incluí-lo no panteão dos "maiores ministros da Educação deste País", e hoje prepara uma cerimônia que, em termos de presença federal na eleição municipal, terá mais caráter de boas-vindas do que propriamente de adeus.

Tanto que o ato, no Palácio do Planalto, terá a presença de Lula – hoje não mais uma autoridade, mas um cabo eleitoral.

O gesto mais eloquente de que não obstante seja discreta está disposta a pôr o governo a serviço do projeto partidário, foi a transferência da realização do Enem, o exame de avaliação de desempenho que tantos problemas causou aos estudantes do ensino médio, para depois das eleições.

A justificativa: o governo não consegue fazer duas edições do exame. Poderia ser uma decisão técnica fazer apenas a prova já marcada para abril. Mas assume caráter político-eleitoral quando é estrategicamente marcada para o mês de novembro.

Uma medida preventiva que acaba se caracterizando como estelionato eleitoral antecipado por tirar da pauta um tema importante apenas para proteger o candidato de si mesmo.

Área de proteção. Depois da movimentação de entidades de magistrados que resultou em ação judicial para reduzir os poderes do Conselho Nacional de Justiça, surge da mesma fonte uma ofensiva para limitar a área de atuação do Conselho de Controle de Atividades Financeiras.

Tanto o CNJ quanto o Coaf funcionavam sem contestação sobre as respectivas atividades. Isso até começarem a importunar excelências do Poder Judiciário, cuja reação parece exprimir o conceito de que legalidade nos olhos alheios é refresco.

Dora Kramer

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_24\_janeiro-opinião2.24\_jan.doc.txt

Parafusos soltos

Sempre que se instala um período de valorização do câmbio – e esse tem sido um evento recorrente na história

económica brasileira recente recrudescer a polémica sobre a tendência à desindustrialização no Brasil e a necessidade de "políticas industriais" capazes de revertê-la. É um debate sem fim e, pior, sem resultados práticos.

O indicador da suposta desindustrialização, de aceitação mais ou menos generalizada, é a gradual redução da participação da indústria no PIB. De fato, em 30 anos, a fatia da indústria caiu pela metade – de 30%, em 1980, para pouco mais de 15%. Nesse período, a indústria brasileira regrediu de uma produção que superava China, Coreia do Sul, Tailândia e Malásia somadas para apenas 15% do total do que elas produzem hoje.

Existe um diagnóstico também genérico a respeito do fenómeno. Ele se deveria a perdas de competitividade relativa, que dificultam exportações e facilitam importações substituidoras de produção doméstica. Daí em diante, porém, ninguém se entende.

De um lado, há quem encare essa situação com um misto de conformismo em relação à trajetória do câmbio, uma visão benigna do avanço dos serviços em detrimento da indústria no perfil da economia e críticas ao "custo Brasil" – conjunto de obstáculos tributários, trabalhistas e burocráticos muito maiores que os existentes nos competidores.

Há, de outro lado, os que concentram o foco da perda competitiva nos movimentos das cotações do dólar, recomendando compensá-la com ações de política cambial, defesa comercial e medidas específicas para as indústrias afetadas.

A verdade é que concluir que o País evoluiu para uma economia de serviços, replicando as sociedades pós-industriais, soa tão enganoso quanto insistir no ativismo cambial e no protecionismo comercial. Uma consulta às tabelas de ocupações e rendimentos por atividade do IBGE realça a esquisitice da tese da "economia de serviços", ainda que os serviços já respondam por 70% do PIB e das ocupações. O que se constata é que essa "economia de serviços" é uma economia de serviços precários demais e dinâmicos de menos – trata-se antes de uma patologia derivada da baixa qualidade dos empregos e da mão de obra disponíveis.

Um terço dos trabalhadores do setor de serviços, no Brasil, é remunerado, em média, com menos de 2 salários mínimos mensais e metade não ganha mais de 3,5. Na economia americana, verdadeiramente pós-industrial, pelo menos um terço das ocupações remuneram, em média, dez vezes mais.

Também as "políticas industriais" de caráter protecionista parecem desprezar o processo de adensamento e alongamento das cadeias de produção industrial, com terceirizações, outsourcings e integrações típicos dos serviços.

A moral dessa história toda é que a polémica da política industrial acaba se parecendo com o esforço para soltar um parafuso espanado – a insistência no método convencional só resulta em perda de energia.

É preciso formular e aplicar políticas para a indústria – como, aliás, é costumeiro em todos os cantos do mundo –, mas para a indústria de hoje, não a de ontem. Muitíssimo arriscado deixar a economia atrelada a fatores externos – no caso atual, cotações de commodities nos mercados externos e ingressos de recursos externos que vazam de um anómalo excesso de liquidez global.

Só que, para tanto, talvez não baste atacar distorções tributárias, trabalhistas, financeiras e burocráticas. Nada disso, nem em conjunto com taxas de câmbio desvalorizadas, impedirá perda de mercados, dentro e fora do País. Diante dos novos processos de produção, uma política competitiva eficaz terá também de alcançar o setor de serviços, abrindo espaço a empregos de mais qualidade, agregadores de valor à produção industrial.

Exemplo disso é o da indústria têxtil e de vestuário. Inútil competir com os chineses em tecidos básicos e camisetas padronizadas. Ou, como fez o governo, recentemente, baixar pacotes específicos de proteção. Mas, e se a indústria buscar mais valor, produzindo artigos de grife ou design diferenciado? Não é essa a explicação para o êxito internacional, com ou sem chineses, câmbio, carga tributária e todos os demais et cetera, da "moda praia" brasileira? O poder de competição, nos tempos atuais, continua a depender do câmbio, de um ambiente propício aos negócios e de mão de obra qualificada. Depende, porém, mais ainda da integração das cadeias produtivas, nas quais a indústria desempenha o papel crucial de elo indutor de mais e mais partes interdependentes.

José Paulo Kupfer

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_24\_janeiro-reportagem.24\_jan.doc.txt

Pressão. Para obrigar o Irã a negociar o fim de seu programa nuclear, chanceleres europeus aprovam sanções contra Teerã; em resposta, república islâmica ameaça fechar o Estreito de Ormuz e encerrar imediatamente a exportação do produto para o continente

Europa anuncia embargo a petróleo iraniano e amplia tensão no Golfo

A União Europeia aprovou ontem um embargo contra o petróleo iraniano. Para diplomatas, a medida pode ser o último recurso para forçar o Irã a abandonar seu programa nuclear. Em Teerã, a reação foi imediata. O governo iraniano

ameaçou fechar o Estreito de Ormuz e interromper imediatamente o fornecimento do produto, o que agravaria a crise econômica global.

A chefe da diplomacia europeia, Catherine Ashton, disse que o objetivo da nova sanção é fazer o Irã negociar. Segundo ela, a UE propôs o diálogo, mas ainda não obteve resposta. Nos últimos dias, apesar dos sinais desencontrados emitidos por Teerã, mediadores acreditam que a pressão esteja dando resultados e o regime iraniano estaria disposto a negociar.

Além do embargo sobre o petróleo iraniano, a UE congelou os bens do Banco Central do Irã, restringiu investimentos no país e proibiu a exportação de equipamentos para exploração de gás. No total, 500 iranianos já estão com suas contas congeladas e proibidos de viajar para a Europa.

No entanto, a grande ferramenta de pressão é mesmo o embargo sobre o petróleo, responsável por grande parte do financiamento externo da economia iraniana. A UE responde por 20% s exportações de petróleo do Irã. Os europeus importam 400 mil barris por dia do Irã – são superados só pela China, que compra 600 mil barris por dia. O embargo, porém, pode se transformar em dor de cabeça para Europa, que vive sua pior crise desde a criação do euro.

Pressionada por Grécia, Espanha e Itália, que importam do Irã grande parte do petróleo que consomem, a UE optou por um embargo progressivo. A sanção vale para todos os novos contratos, mas os países terão até julho para buscar alternativas.

Ameaça. Para Ali Fallahian, ex-ministro e membro da Assembleia dos Especialistas, colegiado que escolhe o líder supremo do Irã, o país deveria encerrar as exportações à Europa, afetando a zona do euro. "A melhor forma é parar as exportações antes dos seis meses de prazo e antes da implementação do plano", disse. Segundo ele, se isso ocorrer, as sanções entram em "colapso".

O Irã ainda ameaçou novamente fechar o Estreito de Ormuz. "Se qualquer problema for registrado na venda de petróleo iraniano, o Estreito de Ormuz será fechado", disse Mohamed Kossari, vice-presidente do Comitê de Segurança Nacional do Parlamento. No fim de semana, um porta-aviões americano e navios de guerra franceses e britânicos desafiaram as ameaças e navegaram pela região. A Casa Branca já disse que não aceita o fechamento. Para o Ministério da Defesa britânico, a presença de navios na região "mostra o compromisso dos três países em manter a passagem aberta".

A Rússia, que rejeita mais sanções, reagiu de maneira moderada. O chanceler russo, Sergei Lavrov, classificou o embargo como um "fator agravante" e disse que tentaria convencer o Irã a negociar.

Em um comunicado, Alemanha, Grã-Bretanha e França também pediram a volta das negociações. "Pedimos que os líderes do Irã suspendam suas atividades nucleares imediatamente", afirma o texto, que garante que "as portas estão abertas para que o Irã entre em negociações sérias e significativas sobre seu programa nuclear". "Espero que o Irã recobre sua consciência e aceite negociar", afirmou o chanceler britânico, William Hague.

Preço do barril. EUA e Israel elogiaram as sanções aprovadas na Europa. Para o premie israelense, Binyamin Netanyahu, o embargo é um "passo na direção certa". O presidente americano, Barack Obama, afirmou que as punições mostram a união da comunidade internacional frente à grave ameaça do programa nuclear persa. O secretário do Tesouro, Tim Geithner, e a de Estado, Hillary Clinton, as consideraram "um passo positivo no esforço para aumentar dramaticamente a pressão sobre o Irã".

A troca de farpas de ontem entre europeus e iranianos fez o preço do produto subir. O tipo brent, negociado em Londres, subiu US\$ 1,17 e chegou a US\$ 111,03. O barril tipo WTI, cotado em Nova York, foi a US\$ 98,05, uma alta de US\$ 1,04.

Jamil Chade

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_28\_fevereiro-entrevista.28\_fev.doc.txt

Para FHC, disputa em SP 'revitaliza' Serra e não o tira do páreo presidencial

Ex-presidente acha correta decisão do tucano de candidatar-se à Prefeitura; não significa que ele não possa ser outra coisa

A candidatura de José Serra à Prefeitura de São Paulo permitirá a ele "voltar à cena política com força" e foi a decisão mais adequada para o ex-governador e para o PSDB, afirmou ontem o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso em entrevista exclusiva ao Estado. "Dá a chance para o partido ganhar e dá a ele uma revitalização política", analisou o ex-presidente.

Segundo FHC, a eleição para prefeito não significa que o ex-governador abandona o projeto de disputar a Presidência no futuro. "Política é uma coisa muito dinâmica. Tem sempre a cláusula de prudência. Política não é uma coisa em

que os horizontes se fecham", disse, ao comentar sobre a possibilidade de o tucano, mais uma vez, deixar um cargo para se candidatar a outro, como aconteceu quando era prefeito e governador de São Paulo.

O ex-presidente falou com o Estado em Nova York, onde lidera uma comitiva de 12 CEOs de empresas brasileiras ligadas à Comunitas, entidade criada por Ruth Cardoso para incentivar o investimento social corporativo.

O anúncio da candidatura de José Serra à Prefeitura não esvazia as prévias do PSDB?

Não estou no Brasil e não acompanhei de perto esta evolução. Quem está coordenando é o governador Geraldo Alckmin. Agora, o peso eleitoral do Serra é de tal magnitude que eu acho que o partido vai se ajustar à realidade política.

Mas não faltam caras novas no PSDB? Afinal, há anos Serra e o Alckmin se revezam em candidaturas em São Paulo. O PT tenta essa renovação agora com Fernando Haddad.

As prévias foram uma tentativa nesta direção. Mas quando você tem alguém com a densidade política do Serra, que se disponha a ser candidato a prefeito, do ponto de vista do PSDB há uma importância estratégica porque existe realmente viabilidade de ganhar São Paulo.

O sr. mencionou que o senador Aécio Neves (MG) é o candidato óbvio do PSDB para 2014.

Foi uma pergunta feita pela revista The Economist: quem é o candidato óbvio? Eu respondi que o Serra vai sair candidato, não vai desistir. E eles perguntaram quem seria o outro. E o Aécio. E uma coisa que todo o mundo sabe. São os dois que estão despontando com mais força.

Mas com o Serra se candidatando a prefeito...

Abre espaço para uma outra candidatura para presidente. Agora, sempre tem que colocar aquela cláusula de prudência. A política é muito dinâmica. O Serra pode ganhar ou pode perder. Nos dois casos, o fato de ele ser candidato agora reforça a presença dele como um líder. Todo líder político, enquanto quiser se manter ativo na política, tem de ter a expectativa de poder. Tem que ser candidato. Eu, por exemplo, quando deixei a Presidência, disse que não seria mais candidato a nada e não fui. Disse que estava saindo de cena. No começo, as pessoas não acreditaram. Como não sou ingênuo, ao tomar esta decisão, estava mesmo saindo de cena. Para quem não tomou esta decisão ainda, a melhor coisa a fazer é se candidatar. Você pode se candidatar em vários níveis. O Serra, ao tomar a decisão de se candidatar (para a Prefeitura), volta à cena política com força. Onde ele é necessitado neste momento? Onde o partido o vê com bons olhos neste momento? É aí (na Prefeitura). Isso significa que amanhã ele não pode ser outra coisa? Não.

Mas não pega mal para o Serra, que já foi prefeito uma vez e saiu para se candidatar (o tucano deixou a Prefeitura em 2006, para disputar a Presidência, e o governo do Estado, em 2010, para mais uma vez entrar na disputa presidencial)? Ele vai tomar as precauções de vidas porque ele tem de ganhar a eleição. Provavelmente ele vai reafirmar a disposição dele (de permanecer na Prefeitura). Mas não vi, não falei com ele. Política não é uma coisa em que o horizonte se fecha. De repente, o que estava fechado se abre. Acho que a decisão do Serra foi a mais adequada neste momento para ele e para o partido. Dá a chance para o partido ganhar e dá a ele uma revitalização política.

Mas para a Presidência, o Serra e o Aécio continuam sendo os dois nomes fortes do PSDB?

Eu acho que sim.

Gustavo Chacra \* correspondente em Nova York

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_28\_fevereiro-notícia1.28\_fev.doc.txt

Justiça quebra sigilo bancário de Dr. Hélio

Verba para combate à Aids em Campinas foi usada para comprar TVs, portas de jequitibá, além de bombons e bolos. A Justiça decretou a quebra do sigilo bancário e fiscal do ex-prefeito de Campinas, Hélio de Oliveira Santos, o Dr. Hélio (PDT), cassado em agosto de 2011 por suposto envolvimento em fraudes em licitações. A decisão judicial que abre os dados confidenciais do ex-prefeito é extensiva a dois ex-secretários municipais, Carlos Henrique Pinto (Negócios Jurídicos), e José Francisco Kerr Saraiva (Saúde). Em ação civil, o Ministério Público Estadual aponta desvio de R\$ 7 milhões que deveriam ter sido empregados em programas de combate à Aids. Na gestão Dr. Hélio (PDT), em 2007, o dinheiro foi usado para aquisição de aparelho de televisão, abastecimento de veículo, recarga de cartão de celular, despesas com passagem e hospedagem de servidor do Ministério da Saúde para acompanhar audiência pública sobre Lei das Antenas, compra de sete portas de jequitibá rosa e gastos com bombons, biscoitos, pastilhas, bolos, chips, croissants, pães de queijo, sucos, geleias e refrigerantes.

O juiz Mauro Iuji Fukumoto, da 1.ª Vara da Fazenda Pública de Campinas, concedeu liminar em que permite o acesso às informações bancárias e tributárias do ex-prefeito no período de vigência do contrato com a Ação Artística para o Desenvolvimento Comunitário (Acadec), de agosto de 2007 a março de 2008.

Fukumoto assinala que a medida visa "averiguar a destinação dos recursos públicos envolvidos na execução dos convênios". Ele também decretou o bloqueio dos ativos financeiros e dos bens imóveis em nome de Felix Antônio Del Cid Nunes e Ricardo Alexandre Pontes, sócios da Acadec, empresa contratada pela gestão Dr. Hélio.

A ação foi movida pela prefeitura contra três funcionários públicos que atuaram no gerenciamento do convênio e diretores da Acadec. A promotoria ingressou na ação e acusou também Dr. Hélio, amigo do ex-presidente Lula. Dr. Hélio não retornou contato da reportagem.

Auditoria. A base da ação é uma auditoria do Tribunal de Contas do Estado (TCE). Do valor contratado – R\$ 3,9 milhões à época –, apenas 8,5% puderam ser auditados por inexistirem recibos ou outros documentos que comprovassem a origem das despesas. O TCE verificou o pagamento em dinheiro e utilização de cartão de crédito, quando os desembolsos deveriam ser feitos por meio de cheques.

A auditoria aponta que os recursos foram usados também em reformas e adaptação de prédio ocupado por entidade estranha ao convênio, fretamento de ônibus e até compra de joias. "Em suma, a auditoria constatou que na prestação de contas foram admitidas excrescências e prodigalidades incompatíveis com o emprego adequado de verba pública", alerta o promotor de Justiça Geraldo Navarros Cabanas.

Fausto Macedo

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_28\_fevereiro-notícia2.28\_fev.doc.txt

Alimentos recuam e IGP-M registra deflação de 0,06%

Varição em 12 meses do índice da FGV que reajusta contratos de aluguel desacelera e acumula a menor alta em quase 2 anos

Influenciado pela queda dos preços dos alimentos, tanto no atacado como ao consumidor, o índice Geral de Preços-Mercado (IGP-M) surpreendeu e voltou a registrar deflação em fevereiro. A queda foi de -0,06% no mês. Em 12 meses, a variação acumulada atingiu 3,43%, a menor em quase dois anos. A menor variação acumulada anterior ocorreu em abril de 2010 e foi de 2,88%.

"A taxa acumulada do IGP-M em 12 meses pode desacelerar um pouco mais no mês que vem", diz o coordenador de análises econômicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Salomão Quadros. Mas ele não considera que a deflação do IGP-M se repita no mês que vem. De toda forma, a tendência de suavização da inflação acumulada em 12 meses é uma boa notícia porque o IGP-M é o indicador mais usado pelos inquilinos para reajustar os contratos de aluguel. Os três indicadores que compõem o IGP-M perderam fôlego de janeiro para fevereiro. O Índice de Preços por Atacado (IPA), que tinha tido deflação de -0,07% em janeiro, encerrou este mês com queda de -0,26%. O índice de Preços ao Consumidor (IPC) teve alta de 0,27% este mês, depois de ter subido 0,97% em janeiro. O índice Nacional da Construção Civil (INCC) fechou fevereiro com elevação de 0,42%, ante um acréscimo de 0,67% no mês passado. Consumidor. Quadros destaca que, apesar do IPA responder por 60% do IGP-M e ter registrado variação negativa em fevereiro, foi o IPC que mais contribuiu para a deflação do indicador. Em números exatos o IPC recuou 0,70 ponto porcentual de janeiro para fevereiro e o IPA 0,19 ponto porcentual. Mas tanto o IPC quanto o IPA foram fortemente influenciados pelo recuo dos alimentos.

No IPC, por exemplo, o grupo alimentação teve deflação de -0,05% em fevereiro, com desaceleração 1,47 ponto porcentual em relação a janeiro. O destaque de fevereiro foi para carne bovina (-3,13%), hortaliças e legumes (-1,66%) e massas e farinhas (-1,09%).

No IPA, os preços dos produtos agropecuários, que tinham subido 1,10% em janeiro, registraram deflação de 0,28% em fevereiro. A soja em grão teve variação negativa de 0,31%, depois de ter subido 3,31% em janeiro. A cotação do café em grão recuou 2,39%; os bovinos, -1,13% e as aves, -5,26%.

"Houve uma inversão entre o comportamento dos preços no atacado das matérias-primas agropecuárias e das matérias industriais de janeiro para fevereiro", observa Quadros. Influenciada pela seca e pela entressafra, os preços dos produtos agropecuários exerceram pressão altista no IGP-M de janeiro, enquanto as matérias-primas industriais seguiram em baixa. Em fevereiro, porém, com o fim da entressafra e o início da colheita dos grãos e as chuvas que melhoram as pastagens, os preços agropecuários recuaram e as cotações dos insumos industriais reverteram a trajetória de queda.

O economista ressalta o comportamento do minério de ferro como exemplo de matéria-prima industrial. Em janeiro, o preço do minério no atacado tinha recuado 5,44% e, em fevereiro, a retração foi menor, de -2,94%. Apesar de, isoladamente, o minério ter sido o produto que mais contribuiu para a deflação do IPA-M (-0,15 ponto porcentual), Quadros diz que a tendência é deflação do preço minério perca força rapidamente.

"A deflação do IGP-M, registrada este mês, é uma situação temporária", diz. Além da queda do preço do minério perder força, ele não acredita que a retração dos preços agropecuários seja mantida no mesmo ritmo no mês que vem.  
Márcia De Chiara

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_28\_fevereiro-opinião1.28\_fev.doc.txt

A força das classes médias

Todos os dias autoridades políticas e económicas do mundo advertem que a geografia económica global passa por radical processo de metamorfose e que os emergentes de hoje estarão entre as potências hegemónicas dentro de mais alguns anos.

O fenómeno subjacente é a enorme redivisão do trabalho no mundo. Bilhões de pessoas, antes marginalizadas do mercado de consumo, obtêm emprego e renda, à proporção de mais de 40 milhões por ano, apenas na Ásia. Mas esse não é fenómeno circunscrito só ao continente asiático, depois que a China e os tigres que a cercam (Índia, Coreia do Sul, Vietnã, Indonésia, Taiwan, etc.) assumiram a corrida para o desenvolvimento económico. O governo brasileiro se vangloria de que, em pouco mais de dez anos, nada menos que 30 milhões de brasileiros ascenderam de estrato social.

Definir o que é classe média é tarefa tão complicada quanto definir nível de pobreza. Mas, do mero ponto de vista do mercado de consumo, entende-se que fazem parte das camadas médias pessoas que gastam entre US\$ 10 e US\$ 100 por dia.

Sob esse critério, o Instituto Brookings, de Washington, avalia que nada menos que 2 bilhões de pessoas (29% da população mundial) constituem hoje as classes médias. E a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE) prevê que, por volta de 2030, as camadas da classe média atingirão 4,9 bilhões ou entre 65% e 80% da população global. A maior parte dessa gente viverá em países hoje considerados emergentes.

Já não dá para dizer, como ainda se repetia nos anos 90, que o atual sistema económico e político global seja excludente. Ao contrário, para o bem e para o mal, mostra-se essencialmente incluyente.

Pessoas mais bem nutridas, com mais saúde, mais informadas e politicamente mais integradas constituem grande avanço histórico que, no entanto, cobrará seu preço. O primeiro deles é a transferência dos empregos dos países ricos para os emergentes. Independentemente dessa realocação, é preciso perguntar se haverá, onde quer que seja, postos de trabalho para tanta gente.

Em segundo lugar, é necessário prever o impacto do brutal aumento de consumo mundial sobre suprimentos de alimentos, água doce, matérias-primas e energia. A referência para essa população são os atuais padrões de consumo das classes médias americanas, cujo símbolo é a existência de um carro em cada garagem. São crescentes as dúvidas sobre se o Planeta aguenta essa sobrecarga.

As classes médias não vivem somente da mão para a boca. Demandam cada vez mais serviços públicos de qualidade: educação, saúde, segurança, previdência, comunicações e transporte. E, com esses serviços, aumenta também a demanda por proteção social, como seguro-desemprego e auxílio-doença. A carga tributária, assim, crescerá em todo o mundo.

Do ponto de vista político, o fortalecimento das classes médias tende a favorecer a consolidação dos regimes democráticos – mas desde que suas aspirações não sejam frustradas. A História está farta de exemplos de como as classes médias descontentes podem também ser manipuladas por ditadores e regimes populistas. E esse é o maior risco. Se os Estados não derem conta da nova demanda, os regimes políticos abertos podem dançar.

Enfim, a geografia humana está mudando e essas mudanças impõem desafios às gerações que estão vindo aí.

Celso Ming

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_28\_fevereiro-opinião2.28\_fev.doc.txt

Agora é urgente definir o reajuste dos combustíveis

Depois das juras de fidelidade à presidente Dilma Rousseff, não há por que duvidar que a nova presidente da Petrobrás, Maria das Graças Foster, tenha insistido na necessidade de um reajuste dos derivados de petróleo sem combinar essa declaração com a presidente. A entrevista dada a este jornal parece indicar que ela já tem sinal verde para aumentar aqueles preços. Esse reajuste é essencial para que as subvenções disfarçadas não levem a uma taxa de inflação artificialmente obtida.

Depois da entrevista, parece-nos urgente definir o mais cedo possível o nível e a data do reajuste – levando em conta que um aumento dos preços dos derivados de petróleo tem impacto muito grande sobre os demais preços –, e impõe-se a preocupação de não deixar que os agentes económicos fixem os preços dos seus bens a partir do que imaginam que será o reajuste dos derivados. Essa especulação sobre o futuro preço dos combustíveis é muito ruim, donde o risco de que se antecipem reajustes acima do definido.

A tentação poderia ser de calcular os reajustes na base da variação que sofreu o preço do petróleo no mercado internacional desde o último reajuste no plano nacional. Disso adviria um duplo erro. O primeiro, o de não levar em conta fatores políticos vinculados a esse aumento. E o segundo, o de não levar em conta que é permitido fazer um mix de preço com a produção nacional, incluindo o custo de produção interna do óleo (não o seu preço na exportação). Este, mesmo elevado, é inferior ao do petróleo importado, que não tem que ver com o seu custo de produção. As atas das reuniões do Comité de Política Monetária (Copom) nos habituaram à ideia de que a decisão das autoridades monetárias se baseava na hipótese de estabilidade dos preços dos combustíveis. Na próxima ata, porém, deverá haver uma revisão disso.

Não podemos desprezar a incidência do aumento dos derivados do petróleo no custo de vida; nos transportes públicos; nos custos de fabricação de produtos que dependem de combustíveis; na elevação do preço da gasolina, que certamente afastará poucas pessoas do uso do carro individual; no custo da energia produzida nas termoelétricas que funcionam com derivados de petróleo; e nos produtos químicos, adubos, etc. Espera-se que, em nome do equilíbrio de custos das diversas fontes de energia, mantenha-se o preço do gás natural. Mas o gás de botijão será afetado. O anúncio rápido da decisão evitará uma especulação, cujo efeito maléfico seria duradouro, e permitirá às autoridades monetárias adotar as medidas necessárias.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_28\_fevereiro-reportagem.28\_fev.doc.txt

Fenômeno construído

Uma moeda dada pela filha se transformou no grande amuleto de Thomas Lannngmann, produtor do grande vencedor do Oscar, O Artista, vencedor de cinco estatuetas, entre elas a de filme, diretor e ator. "Eu a emprestei ao Jean Dujardin momentos antes de ele ser anunciado vencedor entre os atores e, depois, guardei no meu bolso, esperando a minha vez", disse ele. "Fizemos um tributo ao cinema, especialmente o americano, mas não esperava tanto carinho em retorno."

Na verdade, o grande amuleto de O Artista é um senhor ligeiramente calvo, que já foi mais gordo e que aplicou um beijo na face de Laugmann antes de subir os degraus da fama até o almejado Oscar. Trata-se do produtor Harvey Weinstein que, além do feito de conseguir prêmios importantes para um longa mudo e a preto e branco, faturou ainda com a premiação de melhor atriz para Meryl Streep (A Dama de Ferro) e com a escolha de Undeafated como melhor documentário de longa-metragem, premiações surpreendentes, pois outros eram favoritos.

"Harvey foi um dos principais incentivadores do filme, acreditando que poderíamos estar aqui", disse Langmann.

"Mesmo sem nos conhecer, ele foi à França um mês antes do Festival de Cannes, assistiu ao longa, riu muito e resolveu apostar suas fichas."

Weinstein, de fato, é um jogador nato, especialmente quando aposta em filmes com perfil de azarão. No ano passado, ele também saiu vencedor com os prêmios ao seu O Discurso do Rei e, em 2003, foi o principal articulador para que Cidade de Deus – que fora ignorado no ano anterior pela Academia na categoria de filme estrangeiro – desse o primeiro passo para se tornar um sucesso mundial ao ser indicado em quatro categorias para o Oscar, inclusive a de filme.

Harvey e seu irmão Bob precisavam de um grande êxito. Com dívidas crescentes, eles foram obrigados a vender o acervo da companhia de 250 filmes ao Goldman Sachs, um dos maiores bancos de investimento do mundo por US\$ 50 milhões, algo como queimar os móveis para manter o ambiente aquecido. Também receberam um crédito de US\$ 75 milhões de outros investidores, a Ziff Brothers. Na semana passada, os Weinsteins saldaram a dívida ao pagar com um crédito de US\$ 150 milhões, ainda que boatos no mercado sussurrem que eles já fizeram novo empréstimo, agora de US\$ 200 milhões.

O céu também clareou para a equipe de O Artista com a premiação de domingo. O diretor Michel Hazanavicius, por exemplo, anunciou que pretende refilmar The Search, longa dirigido por Fred Zinnemann em 1948 e estrelado por Montgomery Clift. No Brasil, chamou-se Perdidos na Tormenta. "É um melodrama com fundo político, mas acredito que ainda é atual", afirmou.

Já o ator Jean Dujardin parecia ainda estar no ambiente do filme, pois pouco falava e só jogava charme para as

mulheres – na verdade, escondia com largo sorriso a dificuldade de falar Inglês. Ele reconheceu ter dito um palavrão durante o discurso de agradecimento, muito empolgado e não percebeu", justificou ele, confessando ter realizado uma interpretação emotiva e não racional em O Artista. "Assisti a vários filmes, especialmente de Douglas Fairbanks e Gene Kelly como inspiração." Dujardin garantiu ainda que pretende seguir carreira no cinema americano. "Nem que seja em outro filme mudo."

Ubiratan Brasil \* enviado especial a Los Angeles

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_28\_fevereiro-crônica.28\_fev.doc.txt

Escritores pela liberdade

Os tempos mudam, mudam as urgências. Qual abandeira do escritor brasileiro nos tempos atuais, em que os inimigos estão ocultos sob nomenclaturas cheias de vaguidão, como "mercado", "urgências sociais" e outras? Mesmo sem vaca e sem bandeira, ó Neruda, e muitas vezes sem editora, o escritor continua sendo o sustentáculo de qualquer política cultural consistente, em qualquer país. Ele reflete, rememora, inaugura, antecipa, testemunha, sugere, incentiva. E debate. Foi o que fizemos, 600 de nós, durante o Congresso Brasileiro de Escritores de 2011, que foi realizado em Ribeirão Preto.

Debatendo durante quatro dias, nós nos dispusemos a cobrar dos poderes públicos a proteção, a defesa e o apoio à produção literária e a incentivar as famílias a intervirem no processo da formação de leitores. O manifesto que resultou do nosso congresso já foi encaminhado aos ministros Aloizio Mercadante, da Educação, e Ana de Hollanda, da Cultura. E, neste espaço com que o jornal O Estado de S. Paulo nos privilegia, queremos ampliar a divulgação das nossas decisões.

Nós, escritores, protestamos contra modalidades de censura ainda em vigor, como as restrições judiciais que impedem a circulação de biografias e outras pesquisas, a pretexto de defender sucessores ou pesquisados, porque representa evidente cerceamento à liberdade criadora do escritor e também limita o direito dos leitores de conhecerem mais opiniões acerca de determinada figura pública ou de certos acontecimentos.

Restrições dessa natureza resultam em prejuízo para a pluralidade de opiniões e levam à superficialidade do pensamento. Em suma, empobrecem a própria educação. Também por isso, entendemos ser prioridade a defesa intransigente da qualidade da educação no Brasil, esperando do Estado os investimentos necessários à qualificação e ao aprimoramento dos professores e à manutenção de escolas e equipamentos; em especial, que seja resgatado o ensino da literatura nas escolas, com atenção ao conteúdo e ao valor, tanto pedagógico quanto artístico, das obras adotadas para leitura e exame, com ênfase para a produção nacional, com critério, mas sem censura.

Sustentamos, como premissa, que o governo brasileiro implante e defenda política cultural nacional, equilibrada, justa, democrática e aberta, da qual o Estado participe como facilitador, e não como mentor, exigindo a defesa, o incentivo e proteção de toda criação artística, pautada pelo respeito ao direito autoral, à liberdade de expressão, à busca de ampla divulgação e publicidade, em atendimento aos preceitos do desenvolvimento cultural de um país: educação, cidadania, democracia, igualdade, liberdade, diversidade, direitos humanos e preservação do acervo e do patrimônio cultural, estético, artístico e ecológico do País.

Não se chegará a isso sem a imprescindível ampliação dos programas em curso, especialmente de órgãos do Ministério da Cultura, para estimular a leitura e promover a difusão da literatura brasileira, assim enfrentando o dramático descompasso, em nosso país, de índices de leitura de livros e, correlatamente, do alarmante analfabetismo funcional. Requeremos, igualmente, por parte dos órgãos públicos, consistência e regularidade nos programas de difusão da literatura brasileira no exterior, apoiando traduções de obras, mostras e apresentações de autores, a exemplo do que é feito, rotineiramente, pelos governos de outros países.

Esperamos esforços equivalentes das administrações estaduais e municipais, para que desenvolvam políticas culturais em consonância com esse esforço; especialmente, ao manterem e equiparem bibliotecas públicas e programas de promoção da literatura e incentivo à leitura, e pela boa divulgação da produção nacional em seus equipamentos culturais e meios de comunicação.

Repudiamos frontalmente programas de difusão de livros e incentivo à leitura, especialmente na área educacional, que exijam a renúncia a direitos autorais e de edição. Declaramos inadmissível qualquer equiparação da tradução literária ou qualquer escrita criativa à prestação de serviços, obliterando ou suprimindo direitos autorais. Exigimos transparência nas prestações de contas a autores por parte de editores e, por isso, propomos, como tópico da lei de direitos autorais ora em exame, a inserção de informe da tiragem pela gráfica nas edições em maior escala; e, naquelas em impressão digital ou nos livros por encomenda, que por esse meio; e, também, que seja assegurada, nas compras de grandes

quantidades de livros por órgãos públicos, a comprovação pelo editor de que o titular de direitos autorais foi informado da compra.

Lutaremos pelo fim dos privilégios no fomento à produção artística; pela reestruturação do Fundo Nacional de Cultura, de modo que este receba recursos originados do Imposto de Renda devido pelas empresas, a serem destinados a projetos aprovados por um conselho de representantes da sociedade civil que analisarão projetos a serem financiados por leis de incentivos, assim retirando das empresas patrocinadoras o poder decisório sobre a destinação final de tais recursos.

Aproveitamos para confessar as nossas próprias faltas e prometer os nossos melhores esforços para que a literatura brasileira cumpra o seu papel social, que é o de registrar nossa identidade, perscrutar nossa alma, brasileira e universal, e dar voz ao sentimento do mundo. E assim contribuir para a História. Talvez não como queremos, mas como podemos.

Joaquim Maria Botelho

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_31\_janeiro-notícia1.31\_jan.doc.txt

TJ-SP quer cobrar União por processo

Presidente do tribunal, Ivan Sartori diz que comarcas do Estado cuidam de 1,5 milhão de ações que deveriam tramitar na Justiça Federal

O presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo, desembargador Ivan Sartori, disse ontem, em entrevista à rádio Estadão/ESPN, que vai cobrar da União recursos correspondentes a 1,5 milhão de processos de competência da Justiça Federal que são conduzidos pelas comarcas do Estado. "Nada recebemos da União para tocar essas ações."

A iniciativa de Sartori é pioneira e pode se propagar por todo o País porque outros tribunais de Justiça alegam sobrecarga ante a responsabilidade por demandas exclusivas da União.

Ele planeja bater à porta da presidência do Supremo Tribunal Federal para sugerir a inclusão no orçamento da União dos valores relativos às despesas com as ações – e o remanejamento desse dinheiro para os cofres do tribunal que governa. Os processos são relativos a causas previdenciárias, imposto de renda, execução de tributos federais, entre outros. A Justiça Federal preside a todas as ações de interesse da União, mas onde não há vara federal o trabalho é realizado pelas estaduais. "Não é justo que a gente cuide desses processos, precisamos de recursos", protesta Sartori. O TJ paulista atua em 279 Comarcas. Apenas em 31 Comarcas a Federal está presente. Levantamento realizado por ordem de Sartori, 2010 como ano base, revela que cada nova ação da Justiça estadual tem custo de R\$ 965. O cálculo é feito a partir do orçamento da corte dividido pelo número de processos distribuídos.

Na Justiça Federal cada novo processo sai por R\$ 2.070,00 dado é relativo ao âmbito global de atuação do Tribunal Regional Federal da 3.<sup>a</sup> Região, que atende São Paulo e Mato Grosso do Sul – excluído o último, cada ação fica por R\$ 1.987,89.

Gasto. Em 2010 um volume de 1.510.819 processos de competência federal tramitava nas varas estaduais – naquele ano, 160.111 novos processos federais deram entrada na Justiça do Estado. O deslocamento dos autos federais para o Estado chama-se competência delegada, prevista na Constituição e em lei específica. Estima-se que a Justiça Federal teria despesa de R\$ 320,27 milhões se recebesse aquela massa de ações que em 2010 passou para a responsabilidade da Estadual. O gasto orçamentário alcançaria R\$ 3,003 bilhões com a migração de todo acervo (1,51 milhão de processos) tutelado pelas varas do TJ paulista.

A conta não inclui custos com estrutura, construção de novos fóruns federais, contratação de pessoal e de magistrados, logística, informatização.

Sartori destaca que respeita e reconhece a importância da Justiça Federal. Mas avalia que sua corte possui estrutura precária para dar conta, também de demandas que não são de sua alçada. "Não é justo que fiquemos com esses processos, perdemos até a capacidade de trabalho porque temos que dispensar nosso tempo para essas causas", alerta. "Para a União sai de graça por que ela não paga nada", anota. Até podemos fazer (a condução das ações federais), mas precisamos de verbas, estrutura, pessoal. A Justiça estadual, que atua mais perto do cidadão, está relegada a segundo plano."

Sobre os custos dessa que não é sua, ele observa. "A Federal economiza muito na medida em que suas ações vêm para nós. Uma ação para a União custa duas vezes e meia a mais do que um processo no Estado.

Fausto Macedo

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_31\_janeiro-notícia2.31\_jan.doc.txt

Cotado para assumir presidência do Inep enfrenta oposição interna

Luiz Cláudio Costa é alvo de críticas por parte de servidores do órgão, que encaram troca como questão política Cotado para assumir o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), o secretário de educação superior do Ministério da Educação (MEC), Luiz Cláudio Costa, enfrenta resistência no órgão. Ontem, ele se reuniu com a atual presidente, Malvina Tuttman, para discutir a transição, apesar de o MEC não confirmar sua ida para o órgão e dizer que o martelo ainda não foi batido.

Filiado ao PT e homem de confiança do ex-ministro Fernando Haddad, Costa é alvo de críticas por parte de servidores do Inep, que encaram a troca de comando como uma questão política: sai uma educadora de perfil técnico, entra um petista especializado em engenharia agrícola.

O cargo de presidente do Inep é um dos mais vulneráveis de Brasília: esta é a quarta mudança pelo quarto ano consecutivo. Malvina é vista no Inep como uma presidente que lutou a favor do instituto e cobrou o consórcio Cespe/Cesgranrio quanto à aplicação do Enem.

Malvina não presidia o Inep em outubro de 2010, quando questões do pré-teste vazaram de um colégio de Fortaleza. Tem mestrado e doutorado na área de educação, com destaque para as áreas de planejamento e avaliação educacional. Costa, por sua vez, tem graduação em matemática e mestrado em meteorologia agrícola pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), instituição da qual já foi reitor. Também é mestre em meteorologia agrícola pela UFV e possui Ph.D. na mesma área pela Universidade de Reading, na Inglaterra. É professor do Departamento de Engenharia Agrícola da UFV. Entre suas áreas de atuação estão agrometeorologia, engenharia de água e solo e impactos de mudanças climáticas na agricultura.

À frente do Inep, a realidade será outra: deverá tratar do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e outras avaliações, como o Censo Escolar, o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) e o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa).

"Quanto mais se trocam os presidentes, mais o Inep fica distante de retomar a função primordial de produzir dados sobre educação, refletir sobre eles e tomá-los públicos com transparência. O Inep devia ser o Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), da educação e gozar da mesma autonomia, mas está muito distante disso", critica o coordenador-geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Daniel Cara.

Rafael Moraes Moura

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_31\_janeiro-opinião1.31\_jan.doc.txt

Trabalho distante, problemas próximos

A Lei n.º 12.551, aprovada no fim de 2011, pretendeu explicitar que o trabalho realizado a distância, inclusive por meios telemáticos, deve ser remunerado. Nada mais necessário. Afinal, todos os tipos de trabalho precisam ser remunerados. Apesar da sua boa intenção, a nova lei gerou inúmeras discussões.

O trabalho a distância disparou nos últimos 20 anos, com ou sem telemática, e sob formas variadas.

Há os que trabalham como autônomos mediante contratos de prestação de serviços, de modo contínuo ou intermitente. Estão nesse caso os que desenvolvem atividades em casa, no transporte, no hotel – enfim, anywhere. Uns fazem cálculos de estruturas de concreto; outros, criam sistemas de informática. Há os que traduzem textos, costuram roupas, editam vídeos, compõem músicas, montam planos de viagens, enviam e-mails e outros que formam uma gigantesca rede de trabalhadores a distância. Por não terem vínculo empregatício, a Lei n.º 12.551 não os alcança. Eles são remunerados com base em contratos de prestação de serviços que firmam com os seus contratantes. Nesse ponto a lei é clara e se aplica apenas aos que têm vínculo empregatício – quando há subordinação, pessoalidade, onerosidade e habitualidade.

Mas aqui também há variações. São comuns os casos em que a atividade do empregado é realizada sempre em casa ou em plataformas de trabalho, ainda que vez por outra ele compareça na sede do empregador. Para eles, a jornada e a remuneração são definidas nos contratos individuais de trabalho ou em acordos e convenções coletivas.

Os casos mais complexos ocorrem quando o empregado trabalha na empresa e é acionado após a jornada normal por meios diversos, inclusive telemáticos. Alguns são mais claros do que outros. Por exemplo, é evidente que o profissional que fica online com seu chefe durante várias horas e após a jornada normal deve receber pelo que faz. Mas, como a lei não define as regras de anotação de tempo trabalhado, as condições de trabalho ou o valor de remuneração, há muitos casos obscuros.

Será que uma simples pergunta que é respondida com uma frase (por telefone ou e-mail) justifica a cobrança de hora extra? O bom senso diz que não. Todavia, o que dizer se essas perguntinhas forem feitas de hora em hora, nos fins de semana ou durante as férias?

Como tratar o caso do empregado que, após a jornada normal, gasta três horas no computador em casa fazendo um curso para o seu aperfeiçoamento profissional e de utilidade para a empresa? Como o curso interessa às duas partes, não seria lógico ser remunerado pela empresa? Haveria um rateio do tempo?

A lei não detalhou essas regras nem poderia fazê-lo em razão das peculiaridades dos setores de atividade, das profissões, dos cargos, dos horários, etc. O que serve para os profissionais de Tecnologia da Informação não serve para os enfermeiros, para professores, jornalistas ou estivadores, e assim por diante. Nenhuma lei tem condições de abranger todas as formas de trabalho no mundo atual.

Por isso, teria sido muito mais eficaz se o legislador tivesse estabelecido que, "no caso dos empregados, as regras para remunerar o tempo do trabalho exercido a distância, inclusive por meios telemáticos, serão definidas nos contratos individuais, nos acordos e nas convenções coletivas". Na fixação dessas regras as partes teriam liberdade total para usar e abusar dos detalhes. E, no caso de impasses, os magistrados teriam sobre a mesa as regras estabelecidas pelas próprias partes (um excelente guia!) para orientar o seu julgamento.

Mais uma vez os parlamentares usaram de suas atribuições para aumentar a insegurança jurídica, deixando um verdadeiro "abacaxi" para a Justiça do Trabalho. Os magistrados serão desafiados a praticar uma complexa esgrima mental para chegar a um ato jurisprudencial que estabeleça regras homogêneas para situações tão heterogêneas.

José Pastore

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_31\_janeiro-opinião2.31\_jan.doc.txt

Muito chão pela frente

Instituições económicas globais despejaram, neste primeiro mês do ano, avalanches de prognósticos sombrios sobre a economia mundial. Banco Mundial, OCDE, FMI, no que são acompanhados por uma fieira de respeitáveis institutos internacionais, têm sido unânimes em vaticinar um 2012 de turbulências e recessão, com um longo e espinhoso processo até a recuperação. O clima é reforçado pelas agências de ratings que, uma após outra, não se cansam de rebaixar em série as notas de riscos dos países encalacrados, principalmente na zona do euro.

Aqui e ali, porém, surgem indicações de que nem tudo está tão perdido – ou, pelo menos, que é possível enxergar alguma luz no fim do túnel. As recentes ações do Banco Central Europeu, oferecendo suportes mais escancarados a governos e bancos privados, levam alguns a considerar agora como improváveis os antes tidos como quase inevitáveis colapsos de crédito, com suas conhecidas e devastadoras consequências. Nos Estados Unidos, sinais de recuperação se sucedem, com retomada do crescimento e redução da taxa de desemprego, ainda que em níveis modestos.

Tudo misturado e embaralhado, contudo, o que se pode realmente extrair como tendência consistente da massa de dados e análises oferecida ao distinto público? Uma resposta pelo menos mais organizada e atualizada vem de um levantamento do McKinsey Global Institute (MGI), braço de pesquisas da consultoria global de negócios McKinsey, publicado em janeiro, com dados de meados do ano passado. A conclusão é que o processo de desalavancagem caminha, mas em ritmos diferentes, conforme o país, a região e até mesmo o setor económico.

A rearrumação das economias está apenas começando e, em geral, progride a passos lentos. Em meados de 2011, no conjunto das dez economias analisadas (Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, França, Espanha, Itália, Austrália, Canadá, Japão e Coreia do Sul) houve uma pequena queda de 2% na dívida privada e um aumento de 26% na dívida pública, em relação ao ponto máximo registrado em 2008. O resumo da história é que ainda tem muito chão pela frente.

O estudo concentrou foco nas economias dos Estados Unidos, Reino Unido e Espanha, considerando que cada uma representa subgrupos do conjunto. Tomou como ponto de referência a experiência histórica das crises financeiras e as bolhas de crédito ocorridas na Suécia e na Finlândia, na altura da década de 1990. Nesses episódios, a uma primeira fase de redução do endividamento privado, ainda com a economia em retração, seguiu-se outra/mais longa, de ajustes nas dívidas públicas e retomada do crescimento.

Só três das dez economias analisadas – Estados Unidos, Austrália e Coreia do Sul – já registram, três anos depois do pico do endividamento, redução da dívida total em relação ao PIB. Os Estados Unidos são os mais avançados nesse processo. Os débitos do setor financeiro americano recuaram para 40% do PIB, nível vigente em 2000, e, no caso das famílias, a compressão dos débitos, em proporção da renda disponível, foi ainda maior, equivalente a 15 pontos percentuais, em relação à renda disponível. Mas não se deve esquecer que dois terços dessa redução são explicados

simplesmente pelo não pagamento do que era devido.

Seguindo o roteiro histórico das crises financeiras e do estouro de bolhas de crédito, as dívidas totais ainda estão crescendo, em relação a 2008. É o caso tanto do Reino Unido quanto da Espanha. São bem diferentes, no entanto, os perfis e a composição do endividamento em cada caso.

Nos Estados Unidos, a maior parcela deriva do endividamento das famílias, enquanto no Reino Unido são as instituições financeiras que carregam o maior percentual de endividamento em relação ao PIB. Na Espanha e na França, as empresas não financeiras respondem pela fatia mais relevante das respectivas dívidas totais. E no Japão, país que carrega um endividamento equivalente a 512% do seu PIB – o mais elevado entre as economias pesquisadas –, quase metade das dívidas é de responsabilidade do governo.

Curiosidade: a Alemanha, com sua aura de austeridade, carrega uma dívida total equivalente a 278% do PIB, dois terços dela dividida entre bancos e governo. Os alemães, proporcionalmente, estão tão endividados quanto os quebrados gregos.

José Paulo Kupfner

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_31\_janeiro-reportagem.31\_jan.doc.txt

Silêncio e negócios. Presidente desembarcou ontem em Havana levando plano para fazer empréstimo à ilha castrista alcançarem US\$1,37 bilhão; questões políticas espinhosas, como o pedido de ajuda feito por opositores, ficarão de fora da agenda oficial

Longe de dissidentes, Dilma chega a Cuba com linha de crédito milionária

A presidente Dilma Rousseff chegou ontem à noite em Havana para sua primeira visita oficial a Cuba. A julgar pelos sinais enviados por Brasília, o governo cubano tem mais razões para ser otimista do que a dissidência. Dilma leva à ilha mais uma linha de crédito, dessa vez de US\$ 523 milhões. Com isso, o financiamento brasileiro à ilha chega a US\$ 1,37 bilhão.

Já na chegada, Dilma parou para tirar fotos com três jovens que a aguardavam no lobby do Hotel Melia Cohiba, entre elas Irina Nikolova, filha do embaixador da Bulgária em Cuba. "Ela se surpreendeu e me disse que é a segunda búlgara que conheceu hoje", contou Irina, de 27 anos, que viveu no Brasil entre 1993 e 2000, quando seu pai, Tchavdar Nikolov, serviu no País.

Com a visitada presidente brasileira, o regime cubano – que investe em algumas mudanças econômicas para tentar tirar a ilha da inércia financeira – espera do Brasil mais investimentos pesados em obras de infraestrutura. Por seu lado, os dissidentes, apesar de todos os sinais contrários vindos de Brasília, ainda acreditavam ontem que o governo brasileiro não manteria a tradicional indiferença às violações dos direitos humanos no país.

O Itamaraty não esconde que o propósito da visita de Dilma é econômico e comercial. O Ministério das Relações Exteriores tem reiterado que o Brasil não tem intenção de tratar publicamente de temas espinhosos, como a repressão cubana.

A avaliação do Brasil, segundo o chanceler Antonio Patriota, é que "a situação dos direitos humanos em Cuba não é emergência!", Incluir na agenda presidencial encontros com opositores, mesmo que para tratar de direitos humanos – na teoria, um tema caro a Dilma – não cairia bem.

O que interessa ao governo brasileiro é incentivar o regime cubano a seguir adiante com as mudanças econômicas. A avaliação da diplomacia brasileira é a de que ajudar Cuba a avançar economicamente é a melhor colaboração que se pode dar ao país. Por isso, o País vai financiar do término do Porto de Mariel, uma obra de US\$ 683 milhões, até a compra de alimentos e máquinas. O comércio entre os dois países cresceu 31% de 2010 para 2011, chegando a US\$ 642 milhões. Mas essa é quase uma via de mão única: apenas US\$ 92 milhões são de exportações cubanas, especialmente medicamentos.

Há pouco para Cuba vender e muito para comprar. Chegam do Brasil equipamentos agrícolas, sapatos, produtos de beleza, café, em alguns momentos, até açúcar.

Hoje extremamente dependente da Venezuela, que garante praticamente todo o petróleo usado na ilha a preço de custo, os cubanos repetem uma situação que já viveram nos anos 70 e 80 com a União Soviética, antes de Moscou falir e abandonar Cuba à própria sorte. "A Venezuela é nossa nova URSS. O equilíbrio cubano hoje se chama Hugo Chavez", avalia o economista Oscar Espinosa Chepe. "Há muito potencial, especialmente na agricultura, mas é preciso investimento. É preciso buscar investimentos estrangeiros reais, buscar um país mais sério."

Três grupos de dissidentes pediram audiência a Dilma ou a alguém de sua comitiva, mas não receberam resposta. "O que podemos esperar é que a presidente fale das pessoas, do povo cubano. Ela pode falar muito perto de Raul e Fidel

Castro, nós não podemos. Gostaria que essa visita marcasse o antes e o depois", disse a blogueira e colunista do Estado Yoani Sanchez.

Outros têm expectativa mais modesta: imaginam que ao menos a presidente não dará declarações como a do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que comparou o dissidente Orlando Zapata, morto durante sua visita ao país, em 2010, a presos comuns "de São Paulo ou do Rio".

"Sabemos que Dilma não fará o mesmo, mas também não temos esperança de que falará por nós", afirmou José Daniel Ferrer Garcia, da União Patriótica Cubana, grupo ao qual pertencia Wilman Villar Mendoza, que morreu dia 19, após greve de fome de 48 dias numa prisão cubana.

Lisandra Paraguassu \* enviada especial a Havana

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_31\_janeiro-crônica.31\_jan.doc.txt

Os canalhas nos ensinam mais

Nunca vimos uma coisa assim. Ao menos, eu nunca vi. A herança maldita da política de sujas alianças que Lula nos deixou criou uma maré vermelha de horrores. Qualquer gaveta que se abra, qualquer tampa de lata de lixo levantada faz saltar um novo escândalo da pesada. Parece não haver mais inocentes em Brasília e nos currais do País todo. As roubalheiras não são mais segredos de gabinetes ou de cafezinhos. As chantagens são abertas, na cara, na marra, chegando ao insulto machista contra a presidente, desafiada em público. Um diz que é forte como uma pirâmide, outro que só sai a tiro, outro diz que ela não tem coragem de demiti-lo, outro que a ama, outro que a odeia. Canalhas se escandalizam se um técnico for indicado para um cargo técnico. Chego a ver nos corruptos um leve sorriso de prazer, a volúpia do mal assumido, uma ponta de orgulho por seus crimes seculares, como se zelassem por uma tradição brasileira.

Temos a impressão de que está em marcha uma clara "revolução dentro da corrupção", um deslavado processo com o fito explícito de nos acostumar ao horror, como um fato inevitável. Parece que querem nos convencer de que nosso destino histórico é a maçaroca informe de um grande maranhão eterno. A mentira virou verdade? Diante dos vídeos e telefonemas gravados, os acusados batem no peito e berram: "É mentira!" Mas, o que é a mentira? A verdade são os crimes evidentes que a PF e a mídia descobrem ou os desmentidos dos que os cometeram? Não há mais respeito, não digo pela verdade; não há respeito nem mesmo pela mentira.

Mas, pensando bem, pode ser que esta grande onda de assaltos à República seja o primeiro sinal de saúde, pode ser que esta plethora de vícios seja o início de uma maior consciência crítica. E isso é bom. Estamos descobrindo que temos de pensar a partir da insânia brasileira e não de um sonho de razão, de um desejo de harmonia que nunca chega.

Avante, racionalistas em pânico, honestos humilhados, esperançosos ofendidos! Esta depressão pode ser boa para nos despertar da letargia de 400 anos. O que há de bom nesta bosta toda?

Nunca nossos vícios ficaram tão explícitos! Aprendemos a dura verdade neste rio sem foz, onde as fezes se acumulam sem escoamento. Finalmente, nossa crise endêmica está em cima da mesa de dissecação, aberta ao meio como uma galinha. Vemos que o País progride de lado, como um caranguejo mole das praias nordestinas. Meu Deus, que prodigiosa fartura de novidades sórdidas estamos conhecendo, fecundas como um adubo sagrado, tão belas quanto nossas matas, cachoeiras e flores. E um esplendoroso universo de fatos, de gestos, de caras. Como mentem arrogantemente mal! Que ostentações de pureza, candor, para encobrir a impudicícia, o despudor, a mão grande nas cumbucas, os esgotos da alma.

Ai, Jesus, que emocionantes os súbitos aumentos de patrimônio, declarações de renda falsas, carrões, iates, piscinas em forma de vaginas, açougues fantasmas, cheques podres, recibos laranjas de analfabetos desdentados em fazendas imaginárias.

Que delícia, que doutorado sobre nós mesmos!... Assistimos em suspense ao dia a dia dos ladrões na caça. Como é emocionante a vida das quadrilhas políticas, seus altos e baixos – ou o triunfo da grana enfiada nas meias e cuecas ou o medo dos flagrantes que fazem o úsque cair mal no Piantella diante das evidências de crime, o medo que provoca barrigas murmurantes, diarreias secretas, flatulências fétidas no Senado, vômitos nos bigodes, galinhas mortas na encruzilhada, as brochadas em motéis, tudo compondo o panorama das obras públicas: pontes para o nada, viadutos banguelas, estradas leprosas, hospitais cancerosos, orgasmos entre empreiteiras e políticos.

Parece que existem dois Brasis: um Brasil roído por ratos políticos e um outro Brasil povoado de anjos e "puros". E o fascinante é que são os mesmos homens. O povo está diante de um milenar problema fisiológico (ups!) – isto é, filosófico: o que é a verdade?

Se a verdade aparecesse em sua plenitude, nossas instituições cairiam ao chão. Mas, tudo está ficando tão claro, tão

insuportável que temos de correr esse risco, temos de contemplar a mecânica da escrotidão, na esperança de mudar o País.

Já sabemos que a corrupção não é um "desvio" da norma, não é um pecado ou crime – é a norma mesmo, entranhada nos códigos, nas línguas, nas almas. Vivemos nossa diplomação na cultura da sacanagem.

Já sabemos muito, já nos entrou na cabeça que o Estado patrimonialista, inchado, burocrático é que nos devora a vida. Durante quatro séculos, fomos carcomidos por capitânias, labirintos, autarquias. Já sabemos que enquanto não desatracarmos os corpos públicos e privados, que enquanto não acabarem as emendas ao orçamento, as regras eleitorais vigentes, nada vai se resolver. Enquanto houver 25 mil cargos de confiança, haverá canalhas, enquanto houver Estatais com caixa-preta, haverá canalhas, enquanto houver subsídios a fundo perdido, haverá canalhas. Com esse Código Penal, com essa estrutura judiciária, nunca haverá progresso.

Já sabemos que mais de R\$ 5 bilhões por ano são pilhados das escolas, hospitais, estradas. Não adianta punir meia dúzia. A cada punição, outros nascerão mais fortes, como bactérias resistentes a antigas penicilinas. Temos de desinfetar seus ninhos, suas chocadeiras.

Descobrimos que os canalhas são mais didáticos que os honestos. O canalha ensina mais. Os canalhas são a base da nacionalidade! Eles nos ensinam que a esperança tem de ser extirpada como um furúnculo maligno e que, pelo escraço, entenderemos a beleza do que poderíamos ser!

Temos tido uma psicanálise para o povo, um show de verdades pele chorriho de negações, de "nuncas", de "jamais", de cínicos sorrisos e lágrimas de crocodilo. Nunca aprendemos tanto de cabeça para baixo Céus, por isso é que sou otimista! Ânimo, meu povo! O Brasil está evoluindo em marcha à ré!

Arnaldo Jabor

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_31\_janeiro-entrevista.31\_jan.doc.txt

## O FOGUETE DO TEH BLACK KEYS

Em julho, o duo The Black Keys fez uma participação no The Colbert Report, do canal Comedy Central. E o comediante Stephen Colbert mal conseguia se conter. "No ano passado, vocês eram o barbudo (Dan Auerbach, vocalista e guitarrista) e o cara de óculos (o baterista Patrick Carney) que tocam rock'n'roll. Agora vocês são o The Black Keys! Três prêmios Grammy. Tudo o que vocês fazem agora é demais. É como se vocês estivessem numa espaçonave rumo à Lua."

Ainda era exagero. Era preciso o sétimo álbum de Auerbach Carney, El Camino, sucessor do estrondoso Brothers. Veio 6 de dezembro e o disco foi direto para o segundo lugar na Billboard americana. Em duas semanas, 300 mil cópias vendidas.

Depois, no anúncio do line up do Coachella, megafestival realizado na Califórnia, eles figuram lá no alto, como a atração para fechar a primeira noite. Por fim, eles são capa da edição de janeiro da Rolling Stone, como uma "máquina supercarregada de batidas". Para se ter a dimensão do tamanho da banda, hoje, eles escolheram o Arctic Monkeys para os shows de abertura na turnê norte-americana.

El Camino, o nome do disco, representa tudo o que passou o Black Keys, mas veio sem querer. Em entrevista ao Estado, Auerbach contou que o nome foi escolhido a esmo, quando ele e Carney cruzaram com um Chevrolet El Camino pela estrada. "Depois, vimos que tinha algum sentido. Algo que representa a nossa trajetória."

O caminho foi duro e sinuoso, na base de shows e de discos inventivos. Mais um mérito para a dupla, pois por mais que cada álbum traga uma nova sonoridade, uma nova experimentação, a voz de Auerbach, rouca e doce, sua guitarra com riffs de blues em meio a acordes de punk, e as porradas na bateria de Carney estão sempre ali.

O rock'n'roll puro, mas embebido por outras sonoridades que cruzam o caminho da dupla. Auerbach conta que a cada álbum, as músicas vão nascendo de forma espontânea. "Tudo é muito variável, na verdade. Reflete o que estamos comendo, em que carro estamos andando, o que estamos escutando", diz. El Camino foi gravado em 41 dias, mas as estadas no estúdio foram interrompidas pelas turnês. "Ficávamos quatro ou cinco dias gravando, e depois tínhamos que ir fazer show. Foi algo bastante cansativo", lembra o vocalista. Apesar de ser grande apreciador da sonoridade dos vinhos ("por melhor que seja a masterização de um CD, nunca vai soar como um bom vinil, não é?"), Auerbach não dispensa seu iPod durante as viagens: "Então, para El Camino, ouvi muito rock dos anos 60, andei em carro dos anos 80, acho que isso resume bem como estamos tocando agora: é um rock'n'roll clássico, sem viagens psicodélicas ou estranhas. E só guitarra e bateria".

Nem mesmo a produção de Brian "Danger Mouse" Burton, dado a experimentações e bandinhas pop, alterou a pegada roqueira do disco. "As gravações foram demais. Acho que nós três aprendemos muito desde quanto trabalhamos juntos

(no disco 'Attack & Release', de 2008, e no hit premiado 'Tighten Up'). Quando se pensa nele, vem a imagem de um rato de estúdio, cheio de truques. Mas decidimos que não teria nada disso, só iríamos tocar", explica Auerbach. Apesar da euforia com o lançamento de El Camino, a dupla não quis que o álbum ficasse disponível para audição em streaming em outros sites. "Isso é um roubo, sabia? As gravadoras recebem, mas nós, músicos, não", disse, brevemente, antes de atacar o dono do Megaupload, Kim Schmitz, preso semana passada. "Pensa em quantos discos deixaram de ser vendidos por causa dele. Ele ficou rico. É justo?"

Por fim, Auerbach conta que anseia por vir ao Brasil. "Estava tudo acertado para tocarmos no primeiro semestre, mas tivemos problemas de agenda. Mas nos vemos no segundo, sem falta." Enfim, o The Black Keys chegou ao topo do mundo. E Colbert não poderia estar mais certo.

Pedro Antunes

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_3\_janeiro-entrevista.3\_janeiro.doc.txt

ENTREVISTA

Sérgio Cabral, governador do Rio

'Vou colaborar muito na reeleição de Dilma'

O governador Sérgio Cabral assegura que cumprirá o mandato até dezembro de 2014 e nega qualquer atrito com Dilma Rousseff, prometendo trabalhar pela reeleição da presidente.

2011 foi o pior dos seus cinco anos de governo?

Todos os anos ofereceram dificuldades e conquistas. A partir de 2008, o segundo ano do governo, as conquistas se evidenciaram, porque em 2007 nos dedicamos a organizar a casa. Investimos em gestão, serviço público, qualificação das pessoas. Este foi um ano como os demais, com grandes conquistas e grandes desafios. Quem diria que o Rio seria o Estado com a recepção dos maiores investimentos brasileiros e estrangeiros em 2010? Iniciamos o ano com o desafio dos complexos da Penha e do Alemão, terminamos com a pacificação da Rocinha.

Em julho o sr. criou uma comissão de ética do Estado. Ela é para valer? Pode mudar o comportamento do funcionário público?

Ela está sendo montada pela Casa Civil, mas jamais foi apenas uma resposta para qualquer momento da minha vida pública. O nosso governo age com muita firmeza do ponto de vista ético. Demitimos inspetores de renda, funcionários públicos de todas as áreas. Não compactuamos com nenhum tipo de má conduta. A comissão de ética é importante como órgão consultivo.

O sr. se sentiu na obrigação de rever a sua própria conduta em relação a voos em aviões emprestados ou aceitar convites de empresários?

Não fiz nada de ilegal, mas é evidente que reavaliei e por isso estão contidas algumas restrições no procedimento da comissão de ética.

Nas contas do governo, vemos dois recordes. O sr. pagou R\$ 1,6 bi em despesas com obras e R\$ 172,5 milhões com publicidade. Quais as razões desses gastos?

O contrato de publicidade é de R\$ 150 milhões e vai de abril a abril. E menos do que gastam a Bahia, São Paulo, Minas. Eu poderia ser o segundo do ranking porque sou o segundo Estado do Brasil. Mas não sou. Nas obras, ainda teremos mais investimentos em infraestrutura.

Aumentamos em 50% o esgoto tratado no Estado em apenas cinco anos. Vamos recuperar estradas, porque o interior está crescendo muito. O segredo de São Paulo ter crescido muito é o interior pujante. Temos um novo ciclo de investimento em áreas antes abandonadas. É muita obra, muito investimento. E cada vez que a gente vai pacificando as comunidades, é um jogo de ganha-ganha. Temos cinco, dez anos de uma boa perspectiva pela frente.

Qual é o seu plano para depois 2014?

Meu projeto é terminar o mandato no governo, colaborar muito para a reeleição da Dilma (Rousseff) e do Michel (Temer). Acredito muito nesta aliança de centro-esquerda PT-PMDB. Tem feito muito bem ao Brasil. Você veja que o segundo mandato do presidente Lula foi muito melhor que o primeiro porque houve estabilidade para governar. Em 2012, quero colaborar com a reeleição do prefeito Eduardo Paes, sem dúvida o melhor prefeito da história da cidade do Rio. Em 2014 quero eleger Pezão meu sucessor e passar o bastão para ele.

A discussão sobre os royalties do petróleo afastou o sr. da presidente Dilma?

De forma alguma. Temos uma relação muito afetuosa. Ela, recentemente, em um evento em São Paulo, foi muito gentil ao comentar o quanto se sente à vontade em ser parceira do Rio, o quanto ela confia e acredita em nosso trabalho. Temos um grande respeito recíproco, uma grande parceria. Fez um primeiro ano exemplar, impôs seu estilo

sem deixar de valorizar nosso líder maior, que é o presidente Lula. Ela está muito centrada e serena em um momento difícil do mundo, com grande sensibilidade e grande prevenção, com medidas importantes e corajosas.

Luciana Nunes Leal

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_3\_janeiro-notícia1.3\_janeiro.doc.txt

Após ano de crise, Cabral usa UPPs para se recompor

Governador afastou-se da presidente ao criticar a distribuição dos royalties do petróleo e, agora, tenta recuperar seu cacife político

Na noite de reinauguração do Palácio Guanabara, sede do governo restaurada graças a empresas privadas que bancaram as obras de R\$ 19,2 milhões, o governador Sérgio Cabral (PMDB) resumiu a atual gestão, em discurso bem-humorado: "O governador é o Pezão, o primeiro-ministro é o Régis e eu fico ali animando a festa".

Foi esta dupla – Luiz Fernando Pezão, vice-governador e coordenador de infraestrutura, e Régis Fichtner, secretário da Casa Civil – que tocou o dia a dia da administração e esteve ao lado de Cabral nos momentos críticos do ano passado.

Depois de uma sucessão de crises, denúncias, más notícias no plano pessoal e do esfriamento da relação com a presidente Dilma Rousseff, o governador encerrou 2011 tentando capitalizar a bem-sucedida ocupação da Favela da Rocinha pelas forças de pacificação, logo depois da prisão do traficante Antônio Bonfim Lopes, o Nem.

A política de combate ao crime, baseada nas Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), está a cargo do terceiro homem forte do governo, o secretário de Segurança, José Mariano Beltrame.

Pezão fala em "urucubaca" quando comenta sobre 2011. "Todo mês vinha uma pancadaria", lamenta. O vice elege as enchentes na região serrana, em janeiro, que deixaram mais de 900 mortos, o pior pesadelo do ano. "A situação das cidades fugiu do controle", reconhece.

A crise política veio em junho. Depois de um desgastante embate com bombeiros em campanha salarial, em que determinou a prisão dos responsáveis pela invasão do quartel-general da corporação, Cabral viveu um drama pessoal que descambou em uma série de suspeitas de favorecimento, tráfico de influência e falta de decoro.

O acidente de helicóptero que matou sete pessoas no sul da Bahia, entre elas a namorada de um de seus filhos, mostrou a proximidade do governador com o empresário Fernando Cavendish, dono da construtora Delta, que tem contratos milionários com o governo do Estado. Revelou também a ligação estreita de Cabral com um dos homens mais ricos do mundo, Eike Batista, que costumava emprestar seu avião para o governador.

Mais uma vez, Pezão foi o esteio de Cabral. O vice tinha acabado de viajar para alguns dias de férias no sul da Itália.

"Voltei correndo. Fiquei seis horas na cidade", relembra. E sai em defesa do governador. "Como é que não pode ser amigo do empreiteiro? Vai ser só amigo do operário? O Brasil pune muito o sucesso das pessoas", reage Pezão.

Embate com Planalto. A tensão voltou em setembro, quando avançava no Congresso a proposta de distribuição dos royalties do petróleo que tira recursos do Rio. Cabral elevou o tom das críticas aos parlamentares e cobrou "coerência" da aliada Dilma Rousseff e o compromisso de vetar qualquer mudança prejudicial aos Estados produtores.

No Palácio do Planalto, o comportamento do governador foi mal recebido. Um integrante da coordenação política da presidente reclamou que ele foi "tratado como um filho" pelo ex-presidente Lula e que Dilma fez questão de manter a mesma política de atenção às demandas do Estado. Não aceitaria, portanto, ser desafiada e colocada contra a parede.

Dilma teve uma conversa com Cabral e Pezão, no início de outubro, mas a aprovação do projeto no Senado reacendeu o mal-estar. A crise dos royalties arrefeceu com a decisão de empurrar para 2012 a discussão na Câmara. O desfecho deste imbróglio será decisivo para o futuro da relação entre Dilma e Cabral.

Por enquanto, o discurso do governador é de total apoio à reeleição da presidente.

Afilhado. Aos poucos, Cabral começa a tratar da sua sucessão. Neste ponto, estão de volta os dois escudeiros. O governador costura uma ampla aliança para a eleição de Pezão em 2014.

Há três semanas, em jantar com o prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, e parlamentares do recém-criado PSD, que já tem a maior bancada na Assembleia Legislativa fluminense, o governador lembrou a importância de prorrogar a aliança fechada para a reeleição do prefeito Eduardo Paes (PMDB) em 2012. Kassab comprometeu-se com o apoio ao candidato de Cabral.

Um dos cenários da sucessão estadual é a repetição de chapa só de peemedebistas, com Régis Fichtner candidato a de Pezão. Ninguém no governo fluminense fala abertamente de eleição, mas a ideia começa a se espalhar. Fichtner tem tido maior visibilidade no governo com discursos constantes em solenidades. Foi ele quem coordenou as obras do Guanabara e ganhou os elogios na festa de reinauguração. Naquele mesmo dia, 15 de dezembro, comandou o anúncio das mudanças na zona sul para a construção da linha 4 do metrô.

A proposta de chapa puro-sangue se fortalece diante da provável saída do PT da aliança 2014, com a candidatura do senador Lindbergh Farias ao governo. O petista tentou disputar com Cabral em 2010, mas foi convencido por Lula a desistir. Agora, está decidido a lutar para ser candidato. O discurso oficial, no entanto, é conciliador. "Acho possível que surja um candidato unificado de PT e PMDB", diz o senador. "Vamos ver como estarão os pré-candidatos lá na frente."

Luciana Nunes Leal

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_3\_janeiro-notícia2.3\_janeiro.doc.txt

Vendas de automóveis batem recorde em 2011

Apesar do crescimento de 2,9% ante 2010, desempenho do ano ficou abaixo do esperado

A indústria automobilística bateu novo recorde de vendas no mercado brasileiro em 2011. O emplacamento de 9 carros e comerciais leves somou 3,426 milhões de unidades, segundo fontes do setor. O número representa crescimento de 2,9% sobre a marca anterior, registrada em 2010, quando foram vendidos 3,329 milhões de veículos. Foi o quinto recorde consecutivo de vendas registrado pelas montadoras no País.

Ainda assim, o resultado ficou abaixo das estimativas da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), que projetava para as vendas internas do setor como um todo crescimento de 5% no começo de 2011 e revisou sua previsão para 3,3% em novembro último. As projeções iniciais da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores (Fenabrave) para o ano apontavam crescimento de 4,2% nas vendas de automóveis e comerciais leves.

Apostas. As montadoras acreditavam que o pagamento do 13.º salário ajudaria a empurrar as vendas no fim do ano, assim como as medidas do governo que reduziram as exigências para financiamentos de longo prazo impostas em dezembro do ano passado, quando a intenção era frear o consumo.

Além disso, em meados de dezembro, passou a valer a elevação em 30 pontos percentuais da alíquota do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) sobre veículos importados. As vendas de importados vinham apresentando forte crescimento desde o início do ano. O novo valor do imposto tem validade até o fim de 2012.

O desempenho de dezembro ficou 8,8% abaixo do alcançado em igual período de 2010. As vendas de carros e comerciais leves novos somaram 329,2 mil unidades no mês, ante 361,2 mil em dezembro do ano anterior. Já na comparação com novembro de 2010, o resultado foi um crescimento de 7,8%.

Ranking. A italiana Fiat segue na liderança do mercado de automóveis e comerciais leves. A fabricante somou 754.276 unidades vendidas em 2010 (22% de participação). A alemã Volkswagen ficou com a segunda maior fatia do mercado, com 698.404 unidades (20,4%), seguida pela americana General Motors, com 632.259 (18,4%).

A Ford manteve-se no quarto lugar, com 314.016 unidades vendidas (9,2%) e a Renault, em quinto, com 194.294 (5,7%).

Os números oficiais das vendas de automóveis, comerciais leves, caminhões e ônibus, assim como o ranking das montadoras, serão divulgadas amanhã pela Fenabrave.

Marcelo Rehder

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_3\_janeiro-opinião1.3\_jan..doc.txt

País gasta muito com seguro-desemprego

O Brasil é o único país no mundo em que o emprego cresce e as despesas com seguro-desemprego disparam. O paradoxo decorre de instituições de má qualidade no campo do trabalho. Explico-me.

Para fazer jus ao seguro-desemprego, o empregado precisa ter trabalhado pelo menos seis meses com registro em carteira. Para poder sacar os recursos depositados no FGTS, o empregado necessita completar um ano de serviço, desde que dispensado sem justa causa.

Vejamos o que ocorre com um empregado que ganha R\$ 1 mil por mês e que completa um ano na mesma empresa. As estimativas a seguir são feitas com aproximações e sem considerar os descontos de lei.

Se ele for dispensado sem justa causa, terá acumulado R\$ 1.040 na sua conta do FGTS (inclusive a parcela do 13º salário). No caso de ser desligado da empresa sem justa causa, sacará esse montante e receberá R\$ 400 a título de indenização de dispensa, perfazendo R\$ 1.440. Além do salário do mês, como parte das verbas rescisórias, ele terá direito a R\$ 1 mil de 13.º salário e R\$ 1.333 a título de férias e abono, o que no agregado soma R\$ 3.773. Uma vez

despedido, ele receberá quatro parcelas no valor de R\$ 763,29 a título de seguro-desemprego, ou seja, R\$ 3.053,16. Em resumo: para viver nestes quatro meses, o empregado em tela disporá de R\$ 6.826, o que dá uma média mensal de R\$ 1.706, ou seja, 70% a mais do que ganhava quando estava trabalhando.

Até aqui foi tudo legal. Mas, com a atual falta de mão de obra, o referido trabalhador pode se reempregar com facilidade. Para não perder o benefício do seguro-desemprego, muitos procuram um emprego informal. Digamos que o protagonista do exemplo consiga ganhar R\$ 1 mil nessa atividade, ou seja, R\$ 4 mil durante os quatro meses. O ganho total no período subirá para R\$ 10.826, que dá uma média de R\$ 2.706 mensais! Além disso, há o abono salarial. Numa realidade desse tipo, não é à toa que tanta gente utilize esses expedientes. Isso ocorre principalmente entre os empregados de baixa renda. Os dados mostram que, em 2010, 85% dos saques do FGTS foram feitos em contas cujo saldo médio era de apenas R\$ 1 mil (tendo totalizado R\$ 12 bilhões). Para quem ganha R\$ 1 mil por mês, um acréscimo de renda de 170% é de extrema valia.

É assim que se explica por que os pedidos de seguro-desemprego aumentam numa hora em que (ainda) são abundantes as oportunidades de emprego. As despesas explodem. O pagamento do seguro-desemprego e do abono salarial consumiu em 2011 cerca de R\$ 32 bilhões – quase 20% acima do que se gastou em 2010.

Uma parte do estouro das despesas foi devida à elevação do salário mínimo em 2011. E o que ocorrerá em 2012? O salário mínimo será de R\$ 622 mensais – um aumento de 14% em relação a 2010.0 governo que se prepare. As despesas com seguro-desemprego e abono salarial explodirão.

Mas essa é só uma parte da história. A outra, de maior impacto, vem da combinação das estratégias acima descritas e ganha força num mercado de trabalho aquecido. A rotatividade aumenta porque muitos empregados "provocam" sua demissão (sem justa causa) e entram na ciranda das benesses.

Esse é um bom exemplo de como más instituições induzem a perigosas distorções. Está na hora de fazer uma boa revisão das leis que dão suporte a essas manobras. A exigência de aceitar um emprego oferecido pelo Ministério do Trabalho (criada em setembro de 2010) é uma boa medida, mas ainda é tímida. Uma reforma de profundidade exige a combinação do seguro-desemprego e do FGTS com programas de treinamento e com a própria aposentadoria. Mas esse é um assunto complexo que fica para outra oportunidade. Ademais, os recursos do FGTS pertencem aos trabalhadores, que já vêm sendo expropriados por uma taxa de juros ridícula, e a eles cabe a primeira palavra.

José Pastore

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_3\_janeiro-opinião2.3\_jan.doc.txt

A substituição da indústria pelos serviços é ilusória

A crise que atravessa a indústria brasileira é muito séria e quem acredita que o seu fraco desempenho pode ser compensado pela expansão dos serviços precisa levar em conta o que há de ilusório nisso.

Se examinamos a participação da indústria e dos serviços na formação do produto interno bruto (PIB), o que se vê é um forte recuo da primeira. No acumulado do ano e no terceiro trimestre de 2011 a indústria cresceu 2,3% em comparação com o mesmo período de 2010 e os serviços, 3,2%. O quadro é pior quando se olha para as categorias de indústrias: as de eletricidade e fornecimento de água aumentaram 4,1%; a construção civil, 3,8%; a extração mineral, 3,0% – mas a indústria de transformação cresceu apenas 1,2%, ante um crescimento do PIB de 3,2%.

Pensar que os serviços podem substituir a indústria de transformação é uma ilusão. O setor industrial conta com 11,2 milhões de empregados com carteira assinada, isto é, com proteção social, o que não é o caso dos serviços, em que o trabalho esporádico e sem carteira é o mais comum.

O salário médio na indústria de transformação é de R\$ 1.700 por mês, bem maior que nos serviços: R\$ 1.366 na construção civil, R\$ 1.300 no comércio e R\$ 1.446 nos outros serviços. A queda do emprego na indústria terá, pois, repercussão negativa sobre a demanda.

O constante recuo, nos últimos meses, do desempenho da indústria de transformação tem consequências sérias: aumenta a dependência de produtos importados, podendo, a prazo médio, criar um desequilíbrio grave na balança comercial e, em certos casos, uma perigosa dependência em relação a países fornecedores de bens sensíveis de alta tecnologia, cujas vendas podem ser restringidas por razões diversas. Mas o maior inconveniente é que a fraqueza da indústria de transformação não permite desenvolver tecnologias novas, que fazem a força de uma nação.

Houve uma mudança, pouco notada, na distribuição dos investimentos estrangeiros no Brasil: cerca de 43% deles se dirigiram para o setor de serviços, especialmente comércio, e apenas 37,7% para a indústria. Exigem-se 60% de bens produzidos no Brasil nos automóveis, mas se aceitam até 100% de capital estrangeiro no comércio varejista. Não devemos estranhar a alta participação de commodities em nossas exportações, pois o BNDES aumentou, no ano

passado, em 75% os créditos para o setor de serviços, enquanto o Programa Brasil Maior para a indústria sofre grande atraso.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_3\_janeiro-reportagem.3\_jan..doc.txt

Largada. Embora não consiga empolgar as bases do partido, o ex-governador de Massachusetts Mitt Romney tem uma pequena vantagem sobre dois de seus rivais: o libertário Ron Paul e o ex-senador Rick Santorum, que defende uma agenda mais conservador

Corrida republicana à Casa Branca começa hoje em Iowa com 3 favoritos

Com três pré-candidatos empatados na primeira colocação, os republicanos começam a escolher hoje na prévia em Iowa o concorrente de Barack Obama na disputa pela presidência dos EUA em novembro. Divididos, os opositores buscam alguém que ao mesmo tempo defenda os valores conservadores do partido e tenha condições de atrair o voto independente para superar o atual presidente americano.

Mitt Romney, de acordo com a maior parte dos analistas, ainda se destaca como o nome mais forte, apesar de não empolgar a base republicana. Ao longo dos últimos meses, o ex-governador de Massachusetts conseguiu se consolidar entre os primeiros colocados nas pesquisas nacionais, enquanto seus rivais mais conservadores e ligados ao Tea Party alternavam-se na liderança.

Nas últimas duas semanas, dois novos nomes ganharam força em Iowa. Primeiro, o do libertário Ron Paul. Aos 76 anos, o deputado do Texas mantém um forte apoio entre os jovens seguidores de seus ideais de acabar com o Federal Reserve (FED, banco central dos EUA) e de uma política externa isolacionista, removendo as bases militares no exterior e suspendendo a ajuda militar para aliados como Israel.

O outro é o ex-senador Rick Santorum, que viu os seus esforços renderem frutos nas últimas pesquisas no Estado, depois de passar todo o ano passado nas últimas colocações. Fazendo campanha por mais de seis meses em Iowa e defendendo uma agenda conservadora (ontem afirmou que bombardearia o Irã), ele conseguiu empatar tecnicamente com os outros líderes. Segundo levantamento publicado ontem pelo Public Policy Puling, o pré-candidato tem 18% das preferências, contra 19% de Romney e 20% de Paul.

Um bom resultado em Iowa costuma fortalecer uma candidatura para a presidência. Obama venceu no Estado em 2008, impulsionando seu nome frente ao de Hillary Clinton e John Edwards. Por outro lado, Mike Huckabee, que ganhou no caucus republicano, acabou superado no restante das primárias por John McCain (terceiro em Iowa) na disputa republicana de quatro anos atrás.

Ao mesmo tempo, um desempenho fraco em Iowa pode significar o fim do sonho de chegar à Casa Branca. As doações diminuem e os próprios eleitores acabam buscando nomes com mais força.

A conservadora Michele Bachmann, que chegou a liderar as pesquisas em setembro no Estado, viu seus índices de intenção de voto despencarem e hoje está na sexta colocação com apenas 8%. O governador do Texas, Rick Perry, que ao lançar a sua candidatura em setembro também ocupou momentaneamente a liderança, perdeu força depois de fiascos em debates e tem 10%.

Newt Gingrich, que já liderou os republicanos no Congresso nos anos 90 e travou uma guerra aberta contra o então presidente Bill Clinton, do Partido Democrata, chegou a ser visto como favorito em dezembro por publicações como o Wall Street Journal. Mas uma série de propaganda negativa de seus rivais afetou a sua popularidade em Iowa, hoje em 14%. Além disso, sua campanha sofre críticas por ser extremamente desorganizada.

O único candidato que não se importa com o resultado de hoje é Jon Huntsman. O ex-embaixador de Obama na China e considerado o mais moderado republicano na disputa, decidiu concentrar seus esforços em New Hampshire, onde ocorrem primárias na próxima semana.

Este Estado no nordeste americano tem um perfil bem mais liberal do que Iowa e candidatos menos conservadores têm mais chances. Romney, segundo a última pesquisa, está disparado em primeiro, com mais de 40% dos votos – o dobro de Paul e o triplo de Huntsman, em um distante terceiro lugar.

Gustavo Chacra \* correspondente em Nova York

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_3\_janeiro-crônica.3\_jan..doc.txt

Hora de regulamentar o Terceiro Setor

As organizações não governamentais (ONGs) ganharam força, no nosso país, a partir do processo de redemocratização

política que se deu após o período da ditadura militar (1964 a 1985). Mas foi no final dos anos 80 que se intensificou o debate nacional e internacional sobre a incapacidade do Estado de atender às demandas sociais da população e a necessidade de fortalecimento da sociedade civil nesse processo, ampliando a difusão dos conceitos de Terceiro Setor e responsabilidade social corporativa.

Nessa época crescia no Brasil a consciência do empresariado a respeito da necessidade de se promoverem transformações sociais que fossem muito além do assistencialismo e atendessem às reais necessidades da população. E foi assim que, no início da década de 1990, surgiram importantes iniciativas voltadas para os campos da educação, da inclusão digital, do meio ambiente e da sustentabilidade.

Não podemos deixar de mencionar iniciativas importantes, como a Ação da Cidadania, criada em 1993 pelo sociólogo Herbert de Souza, o saudoso Betinho, a partir do movimento pela ética na política; e a Pastoral da Criança, fundada em 1993 pela médica pediatra e sanitarista brasileira Zilda Arns (falecida em 12 de janeiro de 2011 em Porto Príncipe, vítima do terremoto que devastou o Haiti). Em seu trabalho, a doutora Zilda aliou o conhecimento científico à cultura popular, valorizou o papel da mulher pobre na transformação social e mobilizou a sociedade civil e empresários na luta por uma vida digna para todos.

Além disso, organizações globais como a Skoll Foundation, a Schwab Foundation e a Ashoka desenvolvem um amplo trabalho de apoio e incentivo ao empreendedorismo social.

A Ashoka, por exemplo, é pioneira no campo da inovação social e há mais de 30 anos vem indicando e premiando profissionais desse segmento de atuação. Para eles, o Brasil, sem dúvida, pode e deve ser visto como terreno fértil para iniciativas voltadas para essa categoria. Os seus empreendedores sociais fazem parte de uma rede mundial de intercâmbio de informações, de colaboração e de disseminação de projetos. Essa rede é composta por mais de 2.700 empreendedores localizados em 70 países – incluindo o Brasil, com 320 profissionais.

As recentes denúncias que estamparam as páginas dos jornais e revistas brasileiros sobre a participação de organizações não governamentais em esquemas de desvio de verbas públicas não podem ser interpretadas de maneira simplista. Segundo dados da Organização Brasileira de Organizações Não Governamentais (Abong), com base nos números do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existem cerca de 340 mil ONGs no Brasil. E como fundador do Comitê para Democratização da Informática (CDI), ONG que atua há 16 anos na área de inclusão digital, com recursos oriundos do setor privado, posso garantir que a grande maioria dessas instituições sem fins lucrativos atua de forma séria e comprometida.

Essas notícias, que acabaram provocando a queda de três ministros do governo Dilma Rousseff – Carlos Lupi, do Trabalho, Orlando Silva, do Esporte, e Pedro Novais, do Turismo –, levaram a presidente da República a suspender no final de outubro, por 30 dias, todos os repasses de verbas federais para ONGs. O Decreto n.º 7.592, de 28 de outubro de 2011, determinava uma devassa em todos os convênios firmados entre o governo federal e essas organizações até o dia 16 de setembro do ano passado, quando foram estabelecidas regras mais rígidas para contratos dessa natureza. Somente foram preservados do bloqueio contratos ligados a programas de proteção a testemunhas, serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) e convênios com histórico de idoneidade, pelo menos, nos cinco anos anteriores.

Ainda segundo a Abong, as entidades civis sem fins lucrativos protestaram contra os danos morais que o decreto acarretou a milhares de organizações que desenvolvem projetos e ações relevantes para a sociedade. Além disso, a medida desviou o foco do problema para as organizações não governamentais, e não para os políticos que utilizam os seus cargos para efetuar práticas ilícitas.

De acordo com o Portal da Transparência, em 2010, do total de R\$ 232,5 bilhões de transferências voluntárias do governo federal, R\$ 5,4 bilhões destinaram-se a entidades sem fins lucrativos de todos os tipos, incluídos partidos políticos, fundações de universidades, etc. Ao todo, 100 mil entidades foram beneficiadas, 96% delas com transferências de menos de R\$ 100 mil. É fundamental e inadiável aprovar, e urgentemente, um marco regulatório que tangencie a atuação das organizações não governamentais – uma demanda já antiga das instituições que atuam no Terceiro Setor – e contemple o perfeito cumprimento das normas, por meio de auditorias técnicas eficazes e do estabelecimento de indicadores transparentes de qualidade e de fiscalização.

Na verdade, os escândalos que envolvem as organizações não governamentais têm sua origem num grupo de políticos corruptos que abusam de sua autoridade para desviar dinheiro público em benefício próprio. E esse quadro só vai melhorar quando a Lei da Ficha Limpa for devidamente aplicada e o Congresso Nacional acabar de vez com o voto secreto, que exime deputados e senadores de cumprirem suas responsabilidades.

A hora é esta e o Terceiro Setor precisa se unir e mobilizar todos os meios legítimos para defender essa causa. Chegou o momento de o governo federal tomar posição assertivamente e combater a corrupção de forma técnica e transparente.

Rodrigo Baggio

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_7\_fevereiro-entrevista.7\_fev.doc.txt

Luiz Carlos Mendonça de Barros. Ex-ministro e ex-presidente do BNDES no governo FHC

'Privatização está de volta à agenda do país'

Para o ex-ministro das Comunicações do governo Fernando Henrique, leilão de aeroportos representa a retomada de um modelo

Em contraste com o que o PT defendia nos anos 1990, o governo Dilma privatizou ontem três dos mais importantes aeroportos do País. Para o economista Luiz Carlos Mendonça de Barros, o leilão nada mais é do que o retorno das privatizações no País, política que foi alvo de críticas petistas na gestão Fernando Henrique Cardoso nas campanhas presidenciais que se seguiram.

Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e ministro das Comunicações no governo Fernando Henrique, ele critica o modelo adotado agora, em especial a manutenção da Infraero no capital dos aeroportos concedidos.

Em entrevista ao Estado, Mendonça de Barros rebate o argumento do governo de que a presença da estatal tem o objetivo de obter dividendos para investir nos outros aeroportos.

Para ele, esses recursos poderiam vir do valor pago pelas concessionárias ao governo, que seriam maiores se a estatal não permanecesse no negócio.

A seguir, os principais trechos da entrevista.

Como o senhor vê o modelo adotado para a concessão dos aeroportos?

Dada a posição ideológica do PT contra as privatizações, o modelo me parece razoável e eficiente. Não é meu modelo ideal, mas o mais importante desse leilão é que ele marca a volta da privatização como instrumento legítimo e eficiente para aumentar os investimentos na infraestrutura. Depois de mais de oito anos sistematicamente colocado no limbo por questões políticas e ideológicas, a parceria entre governo, via agências reguladoras, e setor privado volta à agenda do País.

No que esse modelo difere daqueles do governo FHC?

A menos da participação da Infraero – uma verdadeira jabuticaba criada pelo PT para tentar diferenciar o modelo de agora dos adotados no período FHC –, a lógica intrínseca dos contratos de concessão é a mesma: um grupo privado, explorando os serviços comercialmente segundo seus objetivos de eficiência e lucratividade, mas balizado por regras estabelecidas pela Anac. Na sua função de agência reguladora é ela que estabelece as regras de defesa do cidadão consumidor e fiscaliza a qualidade e economicidade dos serviços prestados.

O apetite dos investidores está maior agora que naquela época?

Sim, pois o Brasil é hoje uma economia mais estável – inclusive em termos políticos pela nova postura do PT – e com uma economia que encontrou nova dinâmica a partir do surgimento da China como grande potência econômica. Nossas reservas externas são substanciais, o que faz com que nossa moeda seja uma das mais fortes do mundo emergente. Além disso, a crise nos Estados Unidos e na Europa faz dos países como o Brasil um dos poios mais dinâmicos na próxima década.

Na sua avaliação, a Infraero deveria continuar com a fatia de 49% nos aeroportos concedidos?

Não acho esta questão relevante, embora para mim ela não faça sentido, pois é a Anac que tem a responsabilidade de regular e fiscalizar esse setor. O argumento de usar parte dos lucros nos aeroportos privatizados para financiar suas atividades nos aeroportos deficitários não faz sentido, pois estes recursos deveriam vir do pagamento das concessões. É preciso entender que os preços pagos pelo setor privado nos leilões já levam em conta que apenas 51% dos lucros serão apropriados por eles. Se não houvesse essa imposição, os ganhos seriam mais elevados via maior pagamento pelas concessões e mais que compensariam financeiramente a não participação da Infraero.

A vitória dos fundos de pensão dos funcionários de estatais no leilão do Aeroporto de Guarulhos significa que o governo continuará com forte influência sobre a gestão desse aeroporto?

Os fundos de pensão públicos são grandes investidores institucionais no Brasil e, principalmente agora que os juros reais no País estão se reduzindo, têm todo o direito de buscar alternativas de investimento, como a concessão desses aeroportos em regiões de alto tráfego e movimentação.

Glauber Gonçalves

Direitos humanos vira 'arma' em ano eleitoral

Após atacar PSDB por ação no Pinheirinho, PT é criticado por greve na Bahia e reintegrações em estados sob seu governo

A crise na segurança pública da Bahia animou os partidos de oposição e deixou na consciência do Palácio do Planalto a certeza de que a mesma arma usada hoje pelos petistas para atacar os tucanos de São Paulo vai se virar contra o governo e se propagar pelas campanhas municipais neste ano eleitoral. O objetivo dos opositoristas é transformar em vidraça ações de reintegrações de posse comandadas por Estados sob o comando do PT.

A tática de promover uma "guerra dos direitos humanos" entre governo e oposição ficou nítida ontem. O que era para ser uma reunião da Comissão de Direitos Humanos do Senado sobre o funcionamento dos planos de saúde terminou numa intensa disputa de requerimentos de convocação de pessoas que, de uma forma ou de outra, podem ter algo a responder sobre ações violentas.

Para tanto, a oposição ganhou ajuda até de um parlamentar peemedebista. "E o Pinheirinho do Jaques Wagner", afirmou o deputado Lúcio Vieira Lima, presidente do PMDB da Bahia, referindo-se à greve dos policiais militares no Estado. Embora do partido do vice-presidente da República, Vieira Uma é um dos líderes da oposição ao governador petista. O PMDB baiano articula uma chapa para disputar a Prefeitura de Salvador que pode incluir PSDB, DEM e PPS, os três principais partidos de oposição ao governo federal. Wagner apoia a candidatura do deputado petista Nelson Pellegrino.

O presidente nacional do DEM, senador José Agripino Maia (RN), criticou tanto o governo estadual quanto o federal pela crise na segurança da Bahia, afirmando que ambos são como "unha e carne" naquele Estado e foram negligentes no episódio. "O Brasil está perplexo e preocupado com o que ocorre na Bahia, pela incapacidade do governo do PT de, pela via da negociação, evitar uma greve desse porte", disse, em um seminário realizado ontem em São Paulo.

Tribunas. Até agora, o PT vinha tentando encurralar o PSDB por causa da operação policial que cumpriu mandado de reintegração de posse no bairro do Pinheirinho, em São José dos Campos (SP), e desalojou do local 1,6 mil famílias, num total de 6 mil pessoas. O PT tem usado todas as tribunas possíveis – além da Câmara e do Senado, o partido recorre a redes sociais, internet e encontros partidários – para dizer que a operação no Pinheirinho, ordenada pelo governador tucano Geraldo Alckmin, desrespeitou os direitos humanos.

Na sessão de ontem no Senado, a oposição expôs o contra-ataque aos petistas. Dos membros da Comissão de Direitos Humanos, estavam presentes apenas os petistas Paulo Paim, que preside o colegiado, e Wellington Dias (PI). Mas o tucano Aloysio Nunes Ferreira (SP), que não faz parte da comissão, também apareceu na sessão para acompanhar os passos dos senadores governistas.

Os debates sobre planos de saúde ainda estavam sendo realizados quando Dias pediu a palavra. Ele lembrou que havia um pedido do colega Eduardo Suplicy (PT-SP) para apresentar um requerimento destinado a debater a reintegração de posse do Pinheirinho.

O senador do Piauí demonstrou não ter conhecimento pleno sobre o assunto – chamou o Pinheirinho de "Pinheiro". Os nomes dos convidados para o debate seriam definidos posteriormente. Suplicy quer convocar o prefeito de São José dos Campos, o tucano Eduardo Cury.

Revide. Aloysio Nunes deu o troco. Apresentou requerimentos para que seja ouvida a ministra Maria do Rosário (Secretaria de Direitos Humanos), sobre uma desocupação de uma fazenda realizada pelo governo do Distrito Federal, comandada por Agnelo Queiroz (PT). A oposição ao petista afirma que houve violência por parte dos policiais. A pasta de Maria do Rosário disse ter constatado "diversas violações" dos direitos humanos na operação do Pinheirinho, e o PSDB cobra da secretaria diagnóstico semelhante na ação promovida no Distrito Federal.

O outro requerimento convida para audiência pública supostas vítimas da desocupação de uma área invadida em Brasileia, no Acre, governado pelo petista Tião Viana, em 2011. Pelo regimento, Aloysio não poderia apresentar os requerimentos, por não ser membro da comissão. Mas Paulo Paim, em acordo com o tucano, aceitou os pedidos. A exploração da ação policial em São Paulo já fora incorporado ao arsenal retórico do governo. Nem a presidente Dilma Rousseff ficou de fora da articulação governista para culpar os tucanos. No dia 26, durante encontro com líderes do Fórum Social Temático, em Porto Alegre, Dilma disse a eles que considerava "uma barbárie" a ação no Pinheirinho. Mesmo assim, a presidente ouviu protestos organizados pelo PSTU e pelo PSOL contra a desocupação do Pinheirinho por todos os locais por onde passou.

João Domingos

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_7\_fevereiro-notícia2.7\_fev.doc.txt

Receita vai liberar programa para declarar IR mais cedo

Objetivo é evitar congestionamentos no sistema; entrega começa no dia 1º de março

A Receita Federal começa a receber no dia 1.º de março as declarações do Imposto de Renda da Pessoa Física (IRPF) de 2012, ano base 2011. A novidade este ano é que o programa estará disponível para "download" na página do órgão na internet a partir das 18 horas do dia 24 de fevereiro.

A Receita decidiu antecipar para evitar congestionamento no sistema no primeiro dia de entrega do documento, a exemplo do que ocorreu nos últimos anos. "O contribuinte poderá se programar e trabalhar com mais tranquilidade na sua declaração", disse o subsecretário de arrecadação e atendimento da Receita Federal, Carlos Roberto Occaso. A transmissão dos dados para o Fisco, no entanto, só poderá ser feita no primeiro dia de março.

Os valores dos rendimentos isentos da entrega da declaração e dos abatimentos no Imposto de Renda foram reajustados em 4,5% em relação ao ano passado. É obrigatória a entrega do documento pelo contribuinte que recebeu rendimentos tributáveis superiores a R\$ 23.499,15. A dedução no IR por dependente foi fixada em até R\$ 1.889,64 enquanto o limite de abatimento com gastos com educação é de R\$ 2.958,23. A dedução de gastos com empregada doméstica subiu para R\$ 866,60 em 2012. Para os contribuintes que optarem pela declaração de IR simplificada, o desconto é de 20% limitado a R\$ 13.916,36.

A entrega das declarações deve ser feita via internet ou por meio de disquete nas agências do Banco do Brasil ou da Caixa Econômica Federal.

O prazo de entrega termina no dia 30 de abril. Em caso de atraso, o contribuinte terá de pagar multa de 1% ao mês-calendário ou fração de atraso, calculada sobre o total do imposto devido.

Digital. A Receita também estabeleceu que este ano os contribuintes com rendimentos tributáveis acima de R\$ 10 milhões estão obrigados a enviar a declaração apresentando certificado digital. O subsecretário disse que no ano passado 170 contribuintes estavam nessa faixa de renda.

A Receita permitirá ainda que as doações para projetos amparados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) feitas até 30 de abril de 2012 já possam ser abatidas na declaração deste ano. Até 2011, só era permitido abater as doações feitas no ano anterior. Occaso informou que o abatimento está limitado a 3% do imposto devido.

O pagamento do imposto de renda pode ser feito em oito parcelas, com vencimento da primeira cota em 30 de abril. No caso de restituição de IR, a devolução será feita em sete lotes, a partir de junho.

A Receita estima que 25 milhões de contribuintes entregarão a declaração do IRPF em 2012. No ano passado, o número de pessoas que prestou conta ao Fisco somou R\$ 24,37 milhões.

Outra novidade este ano é a criação do portal do Imposto de Renda, que estará funcionando a partir de 1.º de março, pelo qual as pessoas poderão obter informações sobre o preenchimento da declaração.

Renata Veríssimo

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_7\_fevereiro-opinião1.7\_fev.doc.txt

Pequena empresa não elege ninguém

Faz parte das regras de todos os países que praticam formas saudáveis de capitalismo defender suas pequenas empresas. Porque, se isso não for feito, é inevitável que a grande maioria dos setores econômicos acabe sendo dominada pelas grandes empresas. Estas, justamente por causa de seu tamanho, conseguem ter características que lhes conferem vantagens enormes. Nada contra as grandes, só que elas não carecem de proteção especial. As pequenas, sim, necessitam dessa proteção, caso contrário a competição será desigual. Vejam alguns exemplos internacionais. Nos Jogos Olímpicos de Londres, em julho, a maioria das atividades de apoio, bem como os serviços de atendimento ao público, será prestada por pequenas empresas. Aliás, os estádios, as edificações e a maioria das obras que serão sede de eventos também foram construídos ou estão sendo montados por pequenas construtoras. Isso tudo porque em 2008 o governo britânico baixou um decreto – Small Business Act – definindo que era imperativo priorizar a utilização das pequenas empresas como forma de apoiar seu crescimento e diminuir o predomínio das grandes.

Uma das maiores redes mundiais de supermercado é francesa e tem forte atuação no Brasil. Porém, quem já foi a Paris estranhou não ter encontrado nenhuma loja da megarede na cidade. Ocorre que, para não prejudicar o pequeno comércio, o governo francês proíbe a atuação das megaredes nos perímetros urbanos. Elas só podem abrir suas lojas nas estradas e, assim mesmo, bem afastadas das grandes cidades. Por sinal, a maior empresa do mundo é uma rede de supermercados norte-americana: quem já foi a Nova York, Chicago ou qualquer grande cidade dos EUA certamente não viu nenhuma loja dessa megarede. As razões são as mesmas.

Os números do Sebrae dizem que, de cada 100 pequenas empresas que são criadas em nosso país, apenas 24 conseguem completar o 5.º aniversário. Esse número não pode ser maior porque o Brasil não oferece nenhuma proteção às pequenas. Se não existirem medidas de apoio, quem vai dominar os mercados é a grande empresa. E é por isso que na Alemanha e na Itália, por exemplo, a pequena empresa representa mais de 60% de toda a produção econômica, ou seja, do PIB. No Brasil as pequenas não conseguem ter nem 20% do PIB. Apesar de serem 99% do número total de empresas brasileiras. Ou seja, 80% da produção brasileira está com as grandes e médias, que são apenas 1% do total de empresas existentes.

O Brasil é o paraíso da grande empresa. Por quê? Justamente porque faltam políticas públicas de apoio aos pequenos empresários. Por isso não temos estímulos à formação de consórcios, não temos agências desenvolvendo inovação e tecnologias e muito menos políticas de compras governamentais destinadas aos pequenos. A causa está na legislação eleitoral. Graças a ela, nossos governantes e parlamentares são apoiados em suas campanhas eleitorais pela grande empresa, que é quem tem condições de canalizar recursos para elas. O pequeno empresário não tem a mínima possibilidade de apoiar as campanhas eleitorais porque está permanentemente correndo o risco de fechar suas portas. O pequeno empresário brasileiro só consegue pensar na sobrevivência da sua empresa, pois sua família dela depende. Ocorre que, quando eleitos, nossos políticos precisam retribuir a ajuda que tiveram e nisso está a perversidade do modelo atual, pois eles acabam fazendo leis e governando sempre a favor da grande empresa, pois foi esta que apoiou suas campanhas.

A verdadeira democracia é aquela que impede o abuso do poder econômico, como o fazem a Holanda, a Alemanha e a Suécia, onde inclusive as campanhas eleitorais são modestas. Precisamos rever nossa legislação eleitoral nos baseando nos países desenvolvidos que simplesmente proíbem empresas de todo e qualquer tamanho de apoiar campanhas eleitorais. Aí, sim, poderemos dizer que somos uma verdadeira democracia.

Paulo Feldmann

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_7\_fevereiro-opinião2.7\_fev..doc.txt

Saída "made in USA"

Sinais interessantes têm chegado da economia americana. Números da criação líquida de postos de trabalho, nos Estados Unidos, registram taxas positivas, mês após mês, sobretudo desde o último trimestre de 2011, sempre acima das expectativas dos analistas. As estatísticas de janeiro surpreenderam ainda mais.

Depois de revisado, o total líquido vagas abertas evoluiu de 157 mil, em novembro, e 203 mil, em dezembro, para 243 mil, em janeiro de 2012. A criação de novos empregos refletiu na taxa de desemprego. Ela vem caindo também mês a mês. Em janeiro, desceu a 8,3%, o menor índice em três anos.

Há consenso de que o quadro do emprego pinta melhor, mas não se pode tomá-lo sem ressalvas. Primeiro, porque o desalento no mercado de trabalho ainda é elevado – muitos desistiram, pelo menos temporariamente, de procurar emprego – e as taxas de desemprego mais suaves se devem, em boa medida, à redução da população ativa. Depois, porque a recuperação é lenta e está longe de compensar as perdas ocorridas depois da eclosão da crise. No ritmo atual, a reposição dos estimados 10 milhões de vagas perdidas levaria perto de sete anos.

Gatos escaldados com a ameaça não concretizada de retomada em fins de 2010, os analistas estão tendendo a refrear o otimismo diante dos indicadores melhores. Mas o fato é que a atividade econômica, principalmente na indústria e em segmentos dos serviços, como turismo e entretenimento, está revelando vigor antes inexistente. O valor médio das horas trabalhadas na indústria, e em segmentos dos serviços, como turismo e entretenimento, está revelando vigor antes inexistente. O valor médio das horas trabalhadas na indústria, por exemplo, alcançou em janeiro o nível mais alto em seis anos.

São muitos, obviamente, os riscos de que a tendência positiva agora vislumbrada em cores mais nítidas venha a não se confirmar. Um recrudescimento da crise na Europa e estouros descontrolados das bolhas acumuladas na economia chinesa, possibilidades que não podem ser descartadas, com suas previsíveis repercussões negativas nas economias emergentes, tenderiam a quebrar o ritmo da recuperação esboçada nos Estados Unidos.

De todo modo, mesmo com essas sombras no horizonte, pode valer a pena tentar investigar as razões da incipiente, talvez frágil, certamente insuficiente, mas visível retomada econômica americana. A receita da saída "made in USA" da crise é clássica e se apoia em duas pernas. Uma delas é o afrouxamento monetário, usado para sustentar o setor financeiro, mas também para reduzir os custos de produzir e, mais do que tudo, desvalorizar o dólar e, assim, impulsionar exportações. A outra é uma política fiscal se não expansionista, pelo menos não contracionista.

O déficit do governo, no ano fiscal de 2011, que se encerrou em 30 de setembro do ano passado, subiu ligeiramente em

relação a 2010, para US\$ 1,3 trilhão, mantendo-se nas vizinhanças de 9% do PIB. É menos do que o pico de 10% do PIB registrado em 2009 – o mais elevado desde 1945 –, mas ainda assim muitíssimo alto e um verdadeiro Himalaia diante das pretensões das lideranças da zona do euro de limitar os déficits dos Tesouros de seus países a 0,5% do PIB. Cabe, porém, ao esforço exportador a parcela mais expressiva da fórmula americana da retomada. Há exatamente dois anos, no discurso sobre o estado da União, o presidente Barack Obama espantou os analistas com o lançamento do desafio de dobrar o volume das exportações em cinco anos, levando-as, em 2015, a superar US\$ 3 trilhões. A maior surpresa dessa história é que está funcionando. No ano passado, as exportações cresceram 16% e superaram US\$ 2 trilhões. Mantido o ritmo, a meta será atingida com folga.

Ainda que a taxa média de incremento das exportações fique em 8% – metade da verificada em 2011 –, como analistas consideram mais realista, diante da possibilidade de menor crescimento dos emergentes e de contração no mercado internacional, especialmente no segmento das commodities, ocorreria um aumento de 60% no volume exportado pelos Estados Unidos. Isso seria suficiente para suportar mais de 15 milhões de postos de trabalho.

Não é só o dólar desvalorizado que anda operando o "milagre". A taxa de câmbio mais favorável tem sido turbinada por estímulos à produção – que, por sinal, estão promovendo aumentos de produtividade – e, acima de tudo, por ações agressivas de Washington no comércio exterior. De um lado, o governo não alivia as pressões para a valorização da moeda chinesa e, de outro, não descansa na negociação de acordos comerciais com países e blocos.

José Paulo Kupfer

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_7\_fevereiro-reportagem.7\_fev.doc.txt

Fim de conversa. Em nota, Departamento de Estado americano afirma que os 18 funcionários em Damasco, incluindo o embaixador, voltarão para casa e Grã-Bretanha também anuncia saída de seu representante no país árabe; chanceler russo reúne-se hoje com Assad

EUA retiram diplomatas e fecham embaixada na Síria por 'segurança'

Os EUA decidiram ontem fechar sua embaixada em Damasco, preocupados com a segurança de funcionários. Todos os 18 diplomatas, incluindo o embaixador Robert Ford, já deixaram a Síria e estão a caminho de Washington. Também ontem, a Grã-Bretanha retirou seu representante na Síria.

A decisão americana ocorre em meio a discussões de potências ocidentais e países árabes sobre qual deve ser a estratégia para lidar com a crise síria de agora em diante, já que o caminho da ONU parece bloqueado. No fim de semana, Rússia e China vetaram uma resolução do Conselho de Segurança condenando a violência e exortando o ditador Bashar Assad a iniciar uma transição. Em mais um dia de violência, as forças do regime teriam matado ontem 50 civis em Homs e 16 em outras cidades, segundo ativistas. A informação não pôde ser confirmada, pois a Síria restringe o trabalho de jornalistas.

"O recente aumento da violência, incluindo os atentados em Damasco em 23 de dezembro e 6 de janeiro, fez aumentar a preocupação em relação à proteção da nossa embaixada a ataques. Nós, juntamente com outras missões diplomáticas, expressamos esses temores ao governo sírio, mas o regime não respondeu adequadamente", disse a porta-voz do Departamento de Estado, Victoria Nuland, por meio de nota à imprensa.

Os atentados a que ela se referiu são atribuídos pelo governo sírio a "terroristas ligados à oposição". Os opositores dizem que o próprio regime teria organizado os ataques.

Apesar do fechamento da embaixada, Ford "será mantido como embaixador dos EUA para a Síria, trabalhando de Washington". No comunicado, não fica claro se o embaixador sírio nos EUA deverá deixar Washington. Países do Golfo Pérsico já haviam fechado suas missões em Damasco.

Alguns analistas afirmavam que, além das questões de segurança, os EUA buscam com o fechamento da embaixada isolar ainda mais Assad. Em entrevista para a rede de TV NBC antes do Super Bowl no domingo, o presidente Barack Obama disse que continuará exercendo "mais e mais pressão" até que os EUA consigam ver uma transição. Ao mesmo tempo, o líder americano voltou a descartar a possibilidade de uma intervenção militar nos moldes da que ocorreu na Líbia.

A Rússia enviou seu chanceler, Sergei Lavrov, a Damasco, onde ele se reúne hoje com Assad. Especula-se que os russos já trabalham com a possibilidade de saída do líder sírio do poder, mas o Kremlin até agora não deu publicamente nenhum sinal nesse sentido. Moscou quer que o processo não tenha influência do Ocidente e, principalmente, pressiona para que parte do regime continue no poder, mantendo as relações próximas com os russos – que têm um entreposto militar em Tartus.

Na Síria, o regime fazia propaganda do que considera apoio da Rússia, China e também de países latino-americanos

como Venezuela, Nicarágua e Cuba. De acordo com o jornal israelense Haaretz, há oficiais da Guarda Revolucionária do Irã atuando na repressão aos opositores na Síria.

Gustavo Chacra

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Estadão-textos\_7\_fevereiro-crónica.7\_fev.doc.txt

Café especial

Você sabe quanto custa uma saca de café? Provavelmente, não. No mercado atual, que está aquecido, paga-se ao redor de R\$ 500 por uma saca (60 kg) de grãos secos. Mas o café da Fazenda Rainha, vendido no leilão eletrônico da Bolsa de Nova York, valeu R\$ 5.400, dez vezes acima do preço normal. Mágica? Não, qualidade.

Acontece que as 22 sacas oriundas dos cafezais da Fazenda Rainha, situada no município de São Sebastião da Gramma, ali dentro da Mogiana Paulista, venceram o 12.º concurso chamado Cup of Excellence, promovido pela Associação Brasileira de Cafés Especiais. Outros produtores selecionados compuseram 25 lotes de excelente bebida, todos eles arrematados por elevadíssimos preços no mesmo leilão (18/1).

Um consórcio asiático comprou o lote campeão, entre vários estrangeiros que disputaram no tapa a primazia de comercializar um café inesquecível. Reconhecer a qualidade e, melhor ainda, pagar um bom diferencial por ela estimulam os cafeicultores a investir em boas práticas agrícolas. Custa mais, porém vale a pena.

Não existe segredo, mas, sim, trabalho apurado. Um cafezal somente gera produto de qualidade especial se for muito bem cuidado, na adubação das plantas, no controle de pragas e doenças, na colheita do fruto maduro e, por fim, no trato dos grãos durante o processo pós-colheita, seca e beneficiamento. Esse zelo agronômico, porém, ainda será insuficiente se as condições ambientais não forem propícias.

Café, para dar excelente bebida, precisa estar plantado em terrenos com elevada altitude, acima de 800 metros, no mínimo. Nas encostas da Serra da Mantiqueira, por exemplo, seja do lado paulista ou mineiro, os cafezais encontram excelente clima, em que as noites frias são essenciais. Durante a colheita, normalmente entre julho e outubro, o tempo precisa estar seco, sem chuvas. Senão o grão de café pode "arder", perdendo sabor.

Comandada por uma mulher, Ana Cecília, a Fazenda Rainha apresenta 280 hectares de cafezais localizados até a altitude de 1.300 metros. Tem um sistema de gestão ambiental de última linha, controlando minuciosamente cada gleba de produção, anotando tudo – da tecnologia, do trabalho humano ou dos fenômenos naturais – como se fosse um diário feminino. Esmero no campo.

Nessas condições, seu café adquire características que os degustadores classificam como "bebida mole, adocicada, acidez equilibrada, aromas intensos". Parece coisa de enólogo. Origem certificada, nome próprio, assim os produtores e distribuidores começam a customizar o apreciador de café, ganhando clientela sofisticada. Caso do Café Orfeu, controlador da Fazenda Rainha.

O trabalho de marketing baseado na qualidade da bebida começou a mudar o mercado de café no Brasil a partir de 1989. Nessa época, 67% dos brasileiros pesquisados pela Associação Brasileira da Indústria do Café (Abic) acreditavam que café bom era exportado, restando aqui dentro a porcaria. A Abic criou um selo de qualidade e resolveu enfrentar as costumeiras fraudes na composição do café torrado e moído distribuído no País. Havia de tudo: grãos de café estragados, misturados com casca ou, pior, acrescidos de palha de arroz. Até areia colocavam no pó de café para aumentar o peso. Sempre muito adoçada, a bebida tradicional escondia tais mazelas.

O "selo de pureza" da Abic pegou. E os consumidores começaram a ficar mais espertos com a qualidade do café que adquiriam, conferindo no rótulo da embalagem a etiqueta de garantia. Nessa mesma época, as modernas máquinas de café expresso começaram a vencer o velho coador nos botecos da cidade. A disputa do expresso na xícara contra o cafezinho no copo contou com a ajuda da medicina, que progressivamente desmistificava a fama de que beber café fazia mal à saúde, dava gastrite. Ao contrário, pesquisadores médicos passaram a recomendar a bebida no combate ao estresse e até mesmo à depressão humana, graças ao efeito estimulador não apenas da cafeína, mas também dos polifenóis que contém:

O somatório de fatores positivos resultou, globalmente, no estímulo ao consumo de café, cuja qualidade melhorou, e muito. O mercado, demandando mais, puxou os preços, estimulando os produtores rurais com boa remuneração. Criou-se um círculo virtuoso que agrada a todos. Países que nunca participaram do mundo cafeeiro despertaram para a oportunidade surgida. Assim, o longínquo Vietnã tornou-se o segundo maior produtor mundial de café. Quem diria! Robusta é chamada a espécie de café plantada pelos vietnamitas. Poucos sabem, mas existem duas espécies básicas: o *Coffea arábica* e o *Coffea canéfora* – este conhecido como café robusta. A primeira, mais delicada, originou-se na Etiópia; a segunda, mais rústica, surgiu na costa atlântica da África. O arábica sempre predominou, pois sua bebida é

mais expressiva, com paladar marcante. Já o robusta, embora apresente teor mais elevado de cafeína, oferece uma bebida meio sem graça. Figurava na segunda linha da cafeicultura mundial.

Tudo mudou, todavia, com a chegada do café expresso. Sabem por quê? É que aquela espuma da xícara, apreciada pelos consumidores, somente se consegue misturando um pouco do robusta no pó do arábica, técnica que gera o blend característico das marcas de expresso. Foi a sorte dos capixabas. No Espírito Santo, os pesquisadores agrícolas investiram, há anos, na lavoura do café robusta, fazendo-o ganhar produtividade. Dominam hoje esse veio do mercado. Anda animada a cafeicultura nacional. Investe na qualidade, faz bons negócios e dorme alimentando um sonho: ver cada chinês tomando uma xícara de café expresso. Café e agricultores especiais.

Xico Graziano

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_10\_janeiro-entrevista.10\_jan.doc.txt

'Placebo sempre foi casa para outsiders', afirma Brian Molko

Cantor fala sobre DVD 'We Come in Pieces' e da dificuldade de cantar sucessos do grupo

Quem vê Brian Molko, 39, se pavoneando no palco não imagina que, por trás da maquiagem e do visual andrógino, bate um tímido coração.

O vocalista da banda Placebo, que embala corações jovens há 18 anos com canções pesadas e melancólicas, lança o DVD "We Come in Pieces", registro da turnê do disco "Battle for the Sun".

Gravado em 2010, na Brixton Academy, famosa casa de shows de Londres, mostra uma banda entrosada percorrendo sua trajetória no palco.

Em entrevista exclusiva à Folha, Molko admite não ser fácil definir que músicas tocar em shows – muito menos subir ao palco e ser filmado.

"Sou uma pessoa muito tímida, senão não sentiria a compulsão de subir num palco", diz Molko. "Soa como um paradoxo, mas tem tudo a ver com a psicologia dúbia que existe nos músicos."

E continua: "Receber validação e admiração de estranhos é uma forma de superar uma baixa autoestima. É o que nos leva adiante."

O conflito também vem na hora de escolher que canções tocar, já que o músico vive em guerra com a própria obra. Molko diz que, embora os grandes hits da banda o deixem "enjoado" (principalmente "Pure Morning"), não dá para deixar de fora músicas conhecidas do público.

Estão no DVD clássicos da banda como "Nancy Boy", "Meds", "The Bitter End" e "Every You Every Me".

"Tenho uma relação muito disfuncional com a maior parte do meu catálogo antigo", explica. "É a razão para sempre escrever novas músicas. Se eu achasse meu primeiro disco bom, nunca teria escrito o segundo."

O que foi fácil, segundo o cantor, foi a escolha da Brixton Academy, seu "lar espiritual", para encerrar a turnê.

"Quando era muito novo e sonhava em estar em uma banda, tocar na Brixton era o ideal de sucesso para mim", diz. "Ia lá todas as semanas, assistir a bandas como Pavement, Fugazi e Sonic Youth."

#### RAIVA E PRECONCEITO

A versão "deluxe" do DVD vem com um documentário que mostra os bastidores da turnê e o curta-metragem "Trigger Happy Hands".

Molko está muito mais interessado no documentário do que no show ("nem assisti", garante). "Mostra a banda em momentos bem íntimos, e não só o lado glamouroso de ser um rock star."

O curta, que leva o título de um hit da banda, é uma ficção sobre palhaços revoltados. Para Molko, ele aborda um sentimento comum nas canções do Placebo: a raiva.

"Placebo sempre foi uma casa para os 'outsiders'", diz. "A raiva sempre foi uma força positiva para mim, porque consegui trabalhar com ela de um jeito bom, escrevendo músicas. Em vez rejeitar a sociedade, tentamos adaptá-la ao nosso jeito, nos nossos termos", finaliza.

Iuri de Castro Torres

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_10\_janeiro-notícia1.10\_jan..doc.txt

Irmão adiu cobrança de dívida de ministro

Fernando Bezerra (Integração) tem débito sendo analisado por estatal vinculada à sua pasta e presidida pelo parente Dinheiro é de convênio feito por Bezerra quando era prefeito de Petrolina (PE); estatal nega favorecimento

O ministro Fernando Bezerra (Integração Nacional) obteve em dezembro o adiamento da cobrança de uma dívida da Prefeitura de Petrolina com estatal ligada à pasta e presidida por seu irmão Clementino Coelho.

O governo anunciou que Coelho deixará o cargo na Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba).

Quando prefeito de Petrolina (PE), de 2000 a 2006, Bezerra firmou convênio de R\$ 23 milhões com a Codevasf para a construção de estações de tratamento de esgoto.

Na época, Clementino era diretor de Infraestrutura.

Segundo relatório da CGU (Controladoria-Geral da União), a dívida refere-se ao não depósito de contrapartidas obrigatórias de R\$ 921 mil, em valores atuais.

Em 2010, antes de Clementino assumir interinamente a presidência, a estatal abriu procedimento para tentar o ressarcimento de prejuízos.

Bezerra Coelho, como ex-prefeito, responderia por pelo menos um terço da dívida. O restante refere-se ao período em que seu vice passou a comandar a prefeitura.

No mês passado, segundo a própria estatal, o prazo para finalização dos trabalhos foi ampliado por Clementino.

A justificativa foi a "necessidade de realização dos serviços técnicos complementares de perícia de sondagem".

A dívida, no entanto, independe de perícias.

Refere-se, de acordo com a CGU, apenas a contrapartidas não pagas.

O documento baseou ação de improbidade movida pela Procuradoria da República em Petrolina, no último dia 19, contra os irmãos Coelho e outros 14 réus.

Entre as constatações da CGU estão uma suposta licitação irregular para a contratação da empreiteira responsável pela obra.

Além dessa ação, Bezerra foi denunciado em dezembro em outras três ações de improbidade, todas relativas a supostas irregularidades cometidas durante sua gestão como prefeito.

## CONGRESSO

Bezerra deve dar explicações na quinta-feira à comissão representativa do Congresso Nacional. "Conto com o apoio e a confiança de Dilma", afirmou ele em coletiva.

Breno Costa

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_10\_janeiro-notícia2.10\_jan..doc.txt

IPVA com desconto de 3% começa a vencer amanhã em SP

Quem puder deve quitar tributo neste mês, pois o desconto é vantajoso; Dpvat tem o mesmo valor de 2011

Começa a vencer amanhã o prazo para que os donos de veículos usados licenciados no Estado de São Paulo paguem o IPVA (Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores) deste ano.

O vencimento entre amanhã e 24 deste mês vale para o pagamento avista, com desconto de 3% concedido pela Fazenda paulista, e para o pagamento da primeira parcela (ver quadro à direita).

O vencimento toma por base o algarismo final das placas dos veículos. Assim, amanhã vence o prazo para as placas de final 1; na quinta-feira, para as de final 2; e assim sucessivamente.

Quem não pagar até o vencimento terá multa de 0,33% ao dia, limitada a 20%, e juro pela taxa Selic.

Em fevereiro, o imposto poderá ser pago de uma só vez, mas sem o desconto, entre os dias 13 e 29.

Em média, neste ano, os contribuintes pagarão 3,75% menos de IPVA, segundo a Secretaria da Fazenda paulista.

A Fazenda já enviou, em dezembro, o Aviso de Vencimento para os proprietários dos veículos. Para pagar, basta o código do Renavam.

O pagamento pode ser feito nos bancos (nos guichês dos caixas, nos caixas eletrônicos, pela internet, por telefone e por débito agendado), nas lotéricas e nos correspondentes bancários.

## À VISTA É VANTAGEM

Se tiver condições financeiras, o contribuinte deve quitar o imposto neste mês, com o desconto de 3%, em vez de em fevereiro, sem o desconto. É que os 3% equivalem a juros de 3,1% ao mês, taxa que não é obtida em aplicações financeiras.

Além do tributo estadual, é preciso pagar o seguro obrigatório (o Dpvat). O valor é o mesmo de 2011 (para os veículos de passeio, R\$ 101,16).

A taxa de licenciamento anual (R\$ 62,70) não precisa ser paga com o IPVA. Ela poderá ser paga entre abril e dezembro, conforme o calendário anual. Para receber o documento em casa, é preciso pagar R\$ 11 pela postagem.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_10\_janeiro-opinião1.10\_jan.doc.txt

Andar, conviver e dormir

Para chegar ao serviço às 8h, ela sai de casa às 4h – e não estará de volta antes das 20h ou das 21h.

Quando a população torra seis horas por dia se deslocando, fazer obras não basta; é necessário trazer as pessoas para perto do trabalho

Uma população de milhões de pessoas torra seis horas ou( mais por dia em deslocamentos. É quase um dia de trabalho.

Assim, estudar, fazer atividade física, comer com calma, conversar com os filhos, ajudá-los na lição de casa, frequentar equipamentos culturais, criar laços de amizade com a vizinhança e todas as outras recomendações para uma vida saudável e equilibrada caem no ridículo.

Segundo pesquisa do Instituto AGP, dois terços dos paulistanos sequer dormem o mínimo necessário para se recompor de tão dura jornada e ter energia para a próxima. Como esperar deles disposição para a convivência pacífica e solidária? Pense no seu mau humor depois de uma noite mal dormida. Multiplique por "todas".

Idas e vindas são tão penosas por duas razões. Uma é suficientemente amaldiçoada: o congestionamento. A outra ainda não é tão considerada: as imensas distâncias entre as casas e o trabalho, causadas principalmente pelo desequilíbrio na ocupação do espaço urbano.

Onde há muita atividade econômica – ou seja, postos de trabalho na indústria, no comércio e no setor de serviços –, mora pouca gente. Onde a população incha (como na periferia da capital e nos municípios vizinhos), os empregos são escassos. A escandalosa desigualdade na oferta de serviços públicos e de infraestrutura urbana dispensa maiores comentários.

A solução proposta costuma ser tratar o sintoma: mais creches na periferia, por exemplo. Mas jamais teremos estrutura suficiente para crianças de quem a mãe se despede antes das 4h. É esse o mundo que queremos, com crianças sob cuidados profissionais por 13 horas?

Essa multidão que dorme na cidade B e tem de vir todo dia para a cidade A sabe que um sinónimo para insustentável é insuportável.

São Paulo pode ter uma boa nota naqueles testes antigos de QI, mas hoje se admite que não adianta ter bom desempenho intelectual e ser fraco em equilíbrio emocional e em capacidade de manter relacionamentos sãos.

Se até tecidos podem ser "inteligentes", uma cidade tem de ser. Ela deve aproveitar melhor o que já tem, não desperdiçar energia (começando pela das pessoas), dispor da tecnologia para cruzar informações e incentivar a criação de empregos conforme a necessidade, vocação e os recursos de cada lugar.

Tem também de olhar para um imóvel com o discernimento de um empreendedor e o interesse pelo conjunto da sociedade, assegurando o melhor uso possível.

Isso significa erguer um prédio para pessoas de menor poder aquisitivo no lugar de um estacionamento no centro, em vez de fazê-lo na casa do chapéu e deixar a região central só para o mercado de apartamentos de alto padrão.

Com mais gente morando perto do trabalho, há mais tempo para lazer, estudo, esporte, cultura, convivência, repouso.

Com menos deslocamentos, há menos consumo de combustível, barulho e poluição. E mais espaço, mais gente a pé se conhecendo e se encontrando, mais saúde física e mental, maior possibilidade de bem estar.

Porque cidade inteligente é cidade feliz. Se as pessoas estão exaustas e não são felizes, de que adianta o resto?

Soninha Francine

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_10\_janeiro-opinião2.10\_jan..doc.txt

Melhoria nos EUA

Dados mais recentes sobre economia norte-americana são positivos, mas devem ser vistos com cautela, pois problemas graves persistem

O ano se inicia com renovada esperança de uma recuperação mais consistente da economia norte-americana. Com efeito, depois da decepção da primeira metade do ano passado, quando os EUA cresceram menos de 1%, muito abaixo das expectativas, os resultados relativos aos últimos seis meses têm sido vistos como sinal de alento.

O PIB teve alta de 1,8% no terceiro trimestre e espera-se algo próximo a 3,5% nos três meses finais de 2011. A

geração de emprego também ganhou fôlego, atingindo a marca de 200 mil novas vagas em dezembro, o que permitiu uma queda da taxa de desocupação de 9,2%, em junho, para 8,5%.

Mesmo assim, se a estimativa do quarto trimestre se confirmar, os EUA terão crescido apenas 1,7% no ano passado, pouco mais da metade do prognóstico inicial. Espera-se uma taxa de expansão do PIB perto de 2% para este ano, o que não é um desastre, mas está longe de repetir o padrão habitual de recuperação – que apontaria para crescimento pelo menos duas vezes mais elevado que o atual.

A performance fraca de 2011 foi fruto de vários fatores. Com as informações disponíveis hoje, é possível concluir que o crescimento da primeira metade do ano viu-se comprometido por alguns choques em sequência, em especial a alta de 30% dos preços do petróleo, que reduziu a renda disponível dos consumidores, e o terremoto no Japão, que interrompeu os fluxos de produção global em cadeias industriais importantes.

Nos últimos meses, a despeito do agravamento da crise europeia, é possível que esteja em curso uma compensação desses efeitos, que, por sua natureza, são temporários. Convém, portanto, cautela para não tomar os dados recentes como prenúncio de vigor prolongado ou definitivo "descolamento" dos EUA da crise mundial.

Ao menos por ora, o peso das dívidas imobiliárias e a situação desfavorável dos balanços dos bancos e do bolso dos consumidores conspiram para conter uma aceleração mais forte.

Uma boa notícia para 2012 foi a renovação dos estímulos fiscais para a geração de novos postos de trabalho e a extensão do seguro-desemprego, aprovadas no fim do ano passado. O Congresso tem dois meses para confirmar se elas valerão para o restante de 2012. Se isso ocorrer, como parece provável, permitirá ao governo Obama pelo menos evitar um indesejável aumento do aperto fiscal.

Com este pano de fundo, o Federal Reserve (Fed, o banco central americano) tem mantido viva a possibilidade de estímulos adicionais e deverá reforçar perante o mercado sua disposição em manter os juros próximos de zero pelo menos até o fim de 2013.

Politicamente, a recuperação recente pode melhorar as chances de Obama nas eleições presidenciais de novembro. Mesmo com crescimento baixo, é possível que o alívio gradual das condições de emprego faça a diferença em uma eleição que, apesar da aparente inexistência de um oponente republicano de peso, se anuncia tensa e concorrida.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_10\_janeiro-reportagem.10\_jan.doc.txt

Romney ganha força em corrida eleitoral

Em New Hampshire, Estado que realiza suas prévias hoje, ex-governador de Massachusetts tem 38,5% de apoio. Gingrich se mostra como "o verdadeiro conservador" para reaver primeiro lugar perdido nas pesquisas.

Os eleitores do Estado americano onde as placas dos veículos trazem a inscrição "viva livremente ou morra" votam hoje no republicano que julgam mais apto para concorrer à eleição presidencial de novembro deste ano.

A defesa do Estado mínimo que tanto empolga New Hampshire é o tom da campanha de todos os candidatos aqui, mas as pesquisas indicam que o ex-governador de Massachusetts Mitt Romney se consolida como favorito, embora os rivais tenham crescido nos últimos dias.

Romney já ganhou a disputa em Iowa, o primeiro Estado a fazer a prévia, mas teve apenas oito votos de vantagem. Segundo o site independente "Real Clear Politics", que reúne as pesquisas eleitorais mais confiáveis do país, ele tem 38,5% das intenções em New Hampshire, seguido pelo deputado do Texas Ron Paul, considerado libertário, com 19,8% do total.

O ex-embaixador dos EUA na China Jon Huntsman e o ultraconservador Rick Santorum, ex-senador da Pensilvânia, dividem o terceiro lugar, com 11,5% da preferência. Ambos têm crescido nas sondagens.

O analista John Zogby, do instituto de pesquisa Zogby Internacional, destaca que New Hampshire é um passo importante na estratégia dos candidatos.

Os que acumulam resultados negativos nos primeiros Estados a realizar "caucus" (assembleia de eleitores) e primárias têm dificuldade para arrecadar dinheiro e continuar a disputa.

**INCENTIVO**

Resultados positivos impulsionam o círculo virtuoso que os analistas políticos chamam de 3 Ms: "money, media e momentum" (financiamento, atenção da mídia e impulso na campanha).

Nacionalmente, ainda segundo o "Real Clear Politics", o ex-presidente da Câmara Newt Gingrich tem perdido votos. As pesquisas o apontavam como primeiro colocado na preferência nacional até terça da semana passada.

Desde então, Santorum alcançou o segundo lugar e Romney cresceu, o que posicionou Gingrich no terceiro posto. Segundo a última pesquisa CBS, Romney lidera (19%), seguido por Gingrich (15%) e Santorum (14%). Como a

margem de erro é de três pontos percentuais, a pesquisa mostra empate.

À Folha, o diretor local de operações da campanha de Gingrich, Sam Pimm, afirmou que sua estratégia é diferenciar o candidato dos demais, mostrando que ele é o "verdadeiro conservador".

"Gingrich é o que representa o legado do [ex-presidente] Ronald Reagan [1981-1989], com defesa de Estado enxuto, menos impostos, defesa nacional forte e valores tradicionais pró-vida e família", disse.

Verena Fornetti

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_10\_janeiro-crônica.10\_jan.doc.txt

Sentimentos brasileiros

Não sou dado àqueles frêmitos e emoções de civismo duvidoso; a foto me causou vergonha e nojo

ORGULHE-SE.

Mesmo que esteja entre os que confundem a chegada à sexta economia mundial com tomar-se a sexta potência mundial, não importa – orgulhe-se. Há algo tão engrandecedor do Brasil, e verdadeiro, quanto a falsa grandeza criada por seu erro.

Destruição da Amazônia, 30 a 40 milhões de pessoas – crianças entre elas, muitas crianças – na "linha abaixo da pobreza"; centenas de milhares de famílias sem terra, quase 300 casos conhecidos e atuais de trabalho escravo, o horror torturante dos hospitais públicos – apesar de tudo, orgulhe-se.

O frémito que invade o seu corpo e o seu civismo ao ouvir o Hino Nacional, essa música que São Paulo resolveu baratear como abertura de qualquer pelada, não será agora um excesso de sensibilidade. E o umedecer dos olhos diante da bandeira a esvoaçar junto aos símbolos do mundo na ONU, ou em Brasília mesmo, à falta de melhor, estará tão justificado como se tivéssemos uma história de glórias. Orgulhe-se.

Alguns, parece, tiveram o seu choque ou sua mais provável indiferença na internet. Ainda que não tenha sido, digamos que foi, porque hoje em dia tudo tem que partir e chegar via internet, ou não existiu. Mas a minha comprovação de que existiu foi por uma foto pequenina lá na pág. 21 do "Globo".

Um pedaço de caixa de leite, diríamos. No Bahrein. Uma contribuição brasileira aos que lá se enfrentam há tantos meses, com violência fatal, civis contra a ditadura do rei Hamad Al-Kalifa e os fraternos militares e policiais a defender a ditadura. No ano passado, caso talvez único, a Fórmula 1 cancelou o rico GP do Bahrein por não haver segurança capaz de protegê-lo. Nem mesmo com a intervenção militar feita pelas forças da Arábia Saudita, em proteção ao rei-ditador.

O povo bareinita foi dos primeiros a aderir ao que se chama de Primavera Árabe, mas os Estados Unidos têm lá uma grande base naval, sentem-se muito bem com o regime local. E, como Barack Obama é um bom democrata, preferiu sujar as mãos dos sauditas.

Mas aqui o que nos interessa, a nós outros, deste país pacífico, temente a Deus por tantas religiões, hospitaleiro e defensor da paz em toda parte, é o achado.

Na enganosa caixa de leite, um tubo metálico um tanto amarrotado, depara-se com nossa bandeira, impressa, modesta no tamanho, mas iniludível no exotismo. Abaixo dela, extenso e presunçoso, um "made in Brazil" de que ninguém duvide. Imagine, e orgulhe-se.

Acima, como é próprio das caixas de leite, seguem-se as indicações de lote; a data de fabricação, maio/ 2011, e a validade, maio/2013. Tudo em inglês, porque nossa produção é internacional. Mas não sou dado àqueles frêmitos e emoções de civismo duvidoso. A foto me causou um misto de vergonha, de indignação e nojo.

Trata-se de uma cápsula deflagrada de gás lacrimogéneo. Mas não o gás comum: o brasileiro contém ingrediente agravante: sobre os efeitos respiratórios e oculares, provoca uma espuma que se multiplica e se expele pela boca.

Capaz de sufocar, pois. O texto de Rasheed Abou-Alsamh dá notícia da morte de pelo me nos uma criança atribuída à reação causada pelo ingrediente brasileiro do gás. Eis o twitter de uma jovem mãe, opositora, para outras formações: @AngryArabiyah.

A fábrica do artefato, situada município fluminense de Nova Iguaçu, tem o sugestivo nome de Condor – nome também da tropa, aeronáutica e terrestre, que Hitler mandou para testar novas armas na Guerra Civil Espanhola, batizando-a de Legião Condor.

Na Primavera Árabe, o Brasil proporciona armas ao poder criminoso. É parte, portanto, do crime contra a humanidade. Ah, nisso sim, põe-se entre as potências.

Orgulhe-se, quem for capaz.

Janio de Freitas

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_14\_fevereiro-notícia1.14\_fev.doc.txt

Comissão de Ética decide investigar Pimentel

Órgão da Presidência vai apurar consultorias dadas em 2009 e 2010

Atividade privada de ministro levantou suspeita de tráfico de influência; Pimentel nega irregularidade

Em sua primeira reunião do ano, a Comissão de Ética Pública da Presidência da República abriu investigação sobre consultorias realizadas pelo ministro Fernando Pimentel (Desenvolvimento, Indústria e Comércio) entre os anos de 2009 e 2010.

A atividade levantou suspeitas de tráfico de influência, o que o ministro, amigo de longa data da presidente Dilma Rousseff, nega.

A Folha não conseguiu contato com a assessoria de imprensa do ministro na noite de ontem.

Após participar da posse da nova presidente da Petrobras, Graça Foster, Pimentel viajou aos Emirados Árabes em agenda de trabalho.

O caso será relatado na comissão pelo conselheiro Fábio Coutinho. Com base em relatório elaborado por ele, a comissão deverá decidir em sua próxima reunião, em março, se dá continuidade ao processo ou se o arquiva.

A investigação foi motivada por pedido do PSDB.

Em entrevista à Folha em dezembro, Pimentel disse que informou a comissão sobre seus negócios antes de assumir o cargo no governo.

Ele teria se afastado da empresa em 10 de dezembro de 2010, mas disse que não tinha falado sobre seus clientes, contratos e valores recebidos à presidente Dilma antes de tomar posse.

Pelos serviços a empresas privadas, ele afirma ter recebido cerca de R\$ 2 milhões.

CARLOS LUPI

Em novembro do ano passado, a Comissão de Ética Pública recomendou, por unanimidade, a exoneração de Carlos Lupi do cargo de ministro do Trabalho.

Lupi respondia a suspeitas de irregularidades em convênios de sua pasta com entidades ligadas ao seu partido, o PDT.

A decisão foi tomada na última reunião de 2011 da comissão. Dias depois, o ministro entregou seu cargo.

Em nota, ele apontou a "condenação sumária" da Comissão de Ética da Presidência da República e "perseguição política e pessoal" da mídia.

Desde o início da gestão da presidente Dilma, sete ministros deixaram o governo por denúncias de irregularidades. O primeiro a sair foi o então ministro da Casa Civil, Antonio Palocci.

O petista pediu demissão após a Folha revelar que ele multiplicou o patrimônio e faturou em 2010 R\$ 20 milhões com uma empresa de consultoria.

Flávia Foreque

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_14\_fevereiro-notícia2.14\_fev.doc.txt

Índice coloca o Brasil à frente de outros países do grupo Brics

Segundo medição do economista Jim O' Neill, que cunhou a sigla, brasileiros têm melhores condições de crescimento País supera a Rússia, a Índia e a China em itens como estabilidade, mas O'Neill vê problemas no real supervalorizado O Brasil tem as melhores condições para crescimento e as maiores perspectivas de aumento de renda per capita entre todos os Brics. Isso é o que mostra o índice de Condições de Crescimento (tradução livre de Growth Environment Score, ou GES, na sigla em inglês), criado por Jim O'Neill, o economista da Goldman Sachs que cunhou o termo Brics em 2001.

No ranking do índice, o Brasil vem em primeiro lugar, seguido de China, Rússia e Índia. "O Brasil vai se manter na liderança de condições de crescimento e continuará à frente da China", disse O'Neill à Folha. "Acreditamos que a renda per capita do país [atualmente em cerca de US\$ 13 mil] possa dobrar nos próximos 10 a 15 anos, aproximando-se do nível de algumas nações europeias."

Mas o economista, que hoje é presidente do conselho da Goldman Sachs Administração de Ativos, faz uma advertência: o "excesso de popularidade" do Brasil é uma ameaça. "O Brasil é popular demais, especialmente sua moeda", diz.

Para O'Neill, será "inevitável", nos próximos anos, uma reversão da valorização do real. "É muito raro que uma moeda

desafie os fundamentos de longo prazo como o real, que está valorizado demais."

Segundo ele, é importante o governo brasileiro apertar a política fiscal para poder reduzir juros, o que diminuiria a atratividade do real para investidores estrangeiros. Senão, pode haver uma correção caótica da taxa de câmbio.

"Quanto mais perdurar esse real sobrevalorizado, mais fraca ficará a indústria."

A equipe de O'Neill elabora o índice GES desde 2005, acompanhando 180 países em 13 critérios: inflação, déficit público, taxa de investimento, abertura comercial, penetração de celulares, de computadores, média de anos de estudo secundário, expectativa de vida, estabilidade política, cumprimento de leis e corrupção.

O Brasil lidera os Brics porque, em algumas das variáveis mais difíceis – como corrupção, estabilidade política e educação –, o país tem pontuação melhor.

O'Neill admite que a boa colocação do Brasil em corrupção e educação pode causar surpresa. "Uma maneira de interpretar isso é que os outros Brics são muito, muito fracos", afirma ele.

#### POUCA ABERTURA

Em contrapartida, o país vai muito mal em taxa de investimento sobre o PIB (20%, de acordo com o FMI) e abertura ao comércio internacional, com a pior pontuação entre os Brics.

E os outros Brics? A China precisa avançar muito em tecnologia e cumprimento de leis e regras; na Rússia, os pontos fracos são expectativa de vida, cumprimento de leis e corrupção; na Índia, corrupção, estabilidade política, educação e tecnologia precisam de grande melhora.

Patrícia Campos Mello

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_14\_fevereiro-opinião1.14\_fev.doc.txt

#### Farmácias vitaminadas

Onda de fusões e aquisições prossegue no setor, que desde 2009 fica mais concentrado e profissional

O BRASIL cresce, mal ou bem, desde 2005, como não crescia fazia 30 anos. O tamanho das empresas cresce ainda mais rápido. É o que ocorre também com as farmácias, negócio ainda pulverizado em termos nacionais, mas nem tanto nos Estados.

As farmácias passaram a atrair empresas financeiras do porte de BTG e Gávea. Ontem, o braço "farmacêutico" do BTG, a Brazil Pharma, fechou uma proposta para comprar a rede baiana Santana.

Farmácia não é negócio pequeno. Segundo dados da Pesquisa de Orçamentos Familiares (IBGE) mais recente, remédios e produtos de higiene pessoal levam quase 6% das despesas de consumo dos brasileiros (quase o dobro do gasto em educação, mais que o dobro em eletrodomésticos, mais que em vestuário).

Em 2008, a Gávea investira na Droga Raia, desde o ano passado Raia Drogasil. A empresa disputa a liderança nacional (em faturamento) com a DPSP, resultado da fusão, também em 2011, da Drogaria São Paulo com a Pacheco. Desde 2009, sete das 15 maiores empresas do ramo se aglutinaram. Em 2004, as cinco maiores redes tinham 16% das vendas. Em 2010, 23%. No ano passado, talvez 30%."Talvez", pois as estatísticas do setor são um tanto confusas.

Segundo dados do IBGE, o varejo de remédios, perfumaria, produtos médicos e ortopédicos cresce em média 10% ao ano desde 2005. As farmácias crescem mais que isso, segundo associações do setor.

Renda crescente, povo mais idoso, formalização do negócio (com as notas eletrônicas), tudo isso estimulou o interesse pela consolidação.

O mercado começa a ficar concentrado? Não parece, mas a medida é difícil, depende de estudos muito complexos, com lupa em mercados regionais. Mas, para começar, os dados são confusos.

O Conselho Federal de Farmácia diz que existem cerca de 82 mil farmácias. As associações comerciais falam em cerca de 62 mil. Mas há estudos desse setor de varejo que falam em 52 mil pontos de venda.

Segundo a Abrafarma, associação das redes de farmácia, suas associadas, com mais de 3.600 lojas, faturam 41% do setor. A DPSP e a Raia Drogasil teriam, cada uma, cerca de 9% do faturamento do setor estimado pela Abrafarma (R\$ 42 bilhões). Mas cada rede tem em torno de 700 lojas cada uma.

Num mercado ainda amador e pulverizado como o de farmácias, a consolidação tende a ser um progresso. Ganhos de escala e gestão moderna podem tornar o negócio mais eficiente e até melhorar os preços para o consumidor.

Por outro lado, as empresas menores serão devastadas e, provavelmente, expulsas para rincões de baixa renda.

Na média, os preços de produtos farmacêuticos têm subido menos que a inflação geral (IPCA). Em 2011, a inflação dos farmacêuticos foi de 4,4%, ante 6,5% do IPCA. Desde 2005, os farmacêuticos subiram o equivalente a 61% do IPCA.

A média pode distorcer altas feias de preços em remédios importantes (PODE: não quer dizer que distorça). Além do

mais, as farmácias modernizadas deixaram de ser drogarias. Podem vender mais produtos, oferecer mais serviços. Mas o negócio de farmácias ficou vitaminado. Precisa de um "check up" da supervisão da concorrência. Por ora, só um exame de rotina.

Vinicius Torre Freire

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_14\_fevereiro-opinião2.14\_fev.doc.txt

Grécia no limite

Saída da zona do euro não está ainda descartada, apesar do voto favorável a programa de ajuste no Parlamento de um país em convulsão

A aprovação no Parlamento de um draconiano pacote de austeridade não chega a dar um desfecho para o drama da Grécia. Os cortes chegam a €3,3 bilhões (1,5% do PIB). A rodada de arrocho é exigência de outros membros da zona do euro para liberar novos fundos.

Longe de significar uma esperança de cura, a terapia se limita a elevar a dose do remédio que até agora não recuperou o paciente.

O fracasso em cumprir o primeiro acordo, de dois anos atrás, fez ruir a confiança nos gregos. Os líderes europeus agora exigem garantias prévias. Por outro lado, a grave recessão – em 2011, o PIB caiu 6%; espera-se queda de 5% neste ano – indica que o medicamento foi mais tóxico do que se contava.

O novo plano de ajuste é duro com a Grécia. Para reduzir a dívida pública de 160% a 120% do PIB em 2020, recorre a três pilares: corte de gastos, reestruturação da dívida e injeção de novos fundos.

O pesado ajuste prevê economia equivalente a 7,5% do PIB em cinco anos. Inclui várias medidas recessivas, como a redução de 22% no salário mínimo e demissão de 15 mil funcionários públicos em 2012.

A reestruturação da dívida de €350 bilhões precisa sair neste mês, pois há vencimentos de monta em março. Os credores privados – que detêm €150 bilhões – aceitaram redução de até 70% em seus direitos. O Banco Central Europeu contribuiria com cerca de €15 bilhões. Isso traria alívio imediato de 40% a 50% do PIB na dívida.

Por fim, o FMI e o fundo europeu de estabilização fiscal criado em 2011 propiciarão €130 bilhões em financiamento adicional.

Os três elementos se complementam. Sem os cortes, o aumento da dívida não seria contido. Sem a redução na dívida atual, o ajuste seria inútil. E sem os recursos de longo prazo, não haveria tempo para a Grécia ter alguma chance de equilibrar as finanças.

A aprovação no Parlamento abre um caminho, mas não constitui garantia de sucesso. O nível de endividamento ainda será alto, e o torniquete sobre o orçamento pode revelar-se social e politicamente inviável. Exigir mais da Grécia, em lugar de aceitar um desconto maior da dívida, é arriscar ruptura ainda mais grave que a prenunciada nos distúrbios de rua, como sua exclusão da zona do euro.

A experiência internacional dá margem para algum otimismo de que, no médio prazo, o país poderia estar melhor com sua própria moeda. Mas o governo evitará tal aposta enquanto houver perspectiva de sucesso na rota atual.

A disposição dos europeus de exercer mais pressão sobre a Grécia parece indicar que o eventual abandono do euro já não soa tão impensável. A mensagem é clara: se o plano não for cumprido, o país será abandonado à própria sorte.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_14\_fevereiro-reportagem.14\_fev.doc.txt

Atenas amanhece em cinzas depois de dia de violência

Revolta contra novo pacote de austeridade terminou com 50 prédios incendiado no centro da capital grega

Vandalismo atingiu semáforos, pontos de ônibus, metro e bancos; atenienses veem reação legítima, mas excessiva

No fim da tarde de orne, ainda era possível sentir o cheiro de queimado vindo do prédio em que funcionava o cinema Attikon, a poucas quadras da praça Sintagma, onde 80 mil pessoas protestaram no domingo contra as medidas de austeridade exigidas da Grécia.

Os conflitos com a polícia deixaram mais de 170 feridos, entre eles 109 policiais. Uma parcela dos manifestantes começou a depredar a cidade, ateando fogo e atirando pedras por onde passavam. Cerca de 50 prédios foram incendiados no centro de Atenas.

Uma aglomeração parava em frente ao Attikon para tirar fotografias. "É muito triste, me sinto deprimida ao ver o cinema dessa forma, além de toda a situação que já vivemos", disse Angelita Kallimani, 25.

Para Kalhmani, os protestos são uma reação legítima à crise, "mas tudo tem limites". Ela disse que participou do movimento de "indignados" (jovens sem emprego) no ano passado, mas que não compareceu à manifestação de domingo por medo do que poderia acontecer.

O Attikon funcionava em um edifício neoclássico do século 19 e era um marco cultural da cidade. No fim do dia, três caminhões de bombeiros ainda trabalhavam para controlar o incêndio no local.

Pichações estavam por toda a parte no centro. O símbolo do movimento anarquista era uma unanimidade. Cabines telefônicas, pontos de ônibus, estações de metro, galerias comerciais e bancos sofreram com o vandalismo. Partes de pedra das calçadas foram usadas nos ataques.

Com boa parte dos semáforos destruídos, guardas organizavam o trânsito.

Muitas das lojas no entorno da praça Sintagma preferiram não abrir as portas. Contudo, o clima no local e na praça Omônia, pontos de concentração dos protestos no domingo, era tranquilo.

Dmitris Voulgaris, comerciante de roupas na rua Ermou, que começa na praça Sintagma, contou à Folha que a loja da família só não foi incendiada graças ao primo, que ficou na porta até às 3h argumentando que os manifestantes acabariam com seu sustento.

"É um exagero o que fizeram, ainda mais com desemprego crescente no país. Muitas pessoas deixarão de trabalhar nos próximos dias por conta dos reparos necessários, ficando sem o salário."

O tio de Dmitris, Kostas Voulgaris, afirma que, com a crise, os lucros da loja tiveram redução de 30% no ano passado em relação a 2010. "Com o corte no salário mínimo que foi aprovado, terei que reduzir ainda mais os meus preços", lamenta.

Caminhões com placas de vidro, para substituir vitrines quebradas por pedras, também eram parte do cenário no centro da cidade. Funcionários de lojas atingidas preferiam não comentar os acontecimentos, mesmo sem dizer seus nomes, por medo de possíveis represálias.

Chris Panoeoulos, matemático que fotografava o chamuscado prédio do Attikon, se declarou extremamente desconfiado dos atos de vandalismo. "As pessoas em geral estão protestando apenas por conta da crise financeira, o que é legítimo. Mas esse grupo que ateou fogo não tem a ver com isso – estão tirando proveito dessa situação."

O matemático sugere que a culpa pode ser de "embaixadas interessadas em explorar a crise na Grécia". Quando questionado sobre o futuro com a aprovação do pacote, Panoeoulos diz que viverá tempos difíceis, "incompatíveis com o estilo de vida dos últimos anos".

Rodrigo Russo \* enviado especial

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_14\_fevereiro-crónica.14\_fev.doc.txt

A vontade de viver

Quem sou eu para projetar fracasso naquele 'serumano' que, aos meus olhos, só vive deitado em uma cama NO RELATÓRIO médico, não havia vacilo nem piedade: "São 5% as chances de sobrevivência. Funções vitais mantidas por aparelhos".

A jovem vítima tinha um coágulo no cérebro, fraturas na coluna, machucados profundos pelo corpo, o sistema respiratório comprometido.

Por fim, mergulhada em estado de coma. Se existisse algo que pudesse representar o "praticamente morta", seria ela. Quantas vezes já me peguei dizendo ou pensando que seria melhor que aquele cidadão, cheio das dores, das impossibilidades, das dependências e das urgências médicas, pedisse para desistir da brutal batalha por seguir adiante. Não vale a pena tanto sacrifício...

Viver bem tem de implicar valores óbvios que, quando não encontrados na panela, na conta bancária ou no esqueleto, tornam o indivíduo muito vulnerável para seguir adiante na concepção comum.

Acontece que, nas análises da realidade alheia, costuma-se deixar de lado um valor básico: a vontade de continuar, de viver. Quem sou eu para me dar o direito de projetar fracasso e angústia naquele "serumano" que, aos meus olhos, só vive deitado em uma cama?

Juntem-se a isso práticas da medicina tão modernas que são capazes de drenar, devagarinho, o sangue que ameaçava as sinapses, curativos potentes que refazem a pele, aparelhos que estimulam o corpo da tal garota lá do primeiro parágrafo, que, apesar de todos os indicativos de morte, está viva.

A vontade de viver é tão ou mais poderosa do que a obstinação dos que desejam morrer. Mas reconstruir-se demanda, evidentemente, muito mais mão de obra, cimento e rejunte do que botar tudo abaixo.

Talvez por isso haja um certo ceticismo quando se vê o desafio dos que têm "um câncer terrível", a recuperação do

velho que foi internado, a renovação do cotidiano, do agora tetraplégico garotão que mergulhou de cabeça naquele riacho durante o Carnaval (mergulhe sempre, sempre em pé, em lugares que não conheça).

Mas é necessário considerar que a vontade de viver corre risco de sucumbir se for amparada apenas no desejo de si mesma, apenas nas moderníssimas práticas médicas de restabelecimento.

Para elevar os 5% de condições de sobrevivência para um patamar de menos aflição – para a família, para os amigos, para os próximos –, é preciso aceitar a força de elementos nem sempre mensuráveis, como a dose de morfina que irá amenizar a dor.

Então, é fundamental juntar gente em torno da fé no possível (ou das energias, tanto faz). E, atualmente com o mundo conectado em redes, unir as pessoas em torno de um propósito legítimo me parece bem descomplicado. É preciso voluntarismo que ceda disposição para ser um bocadinho daquele que não possa fazer isso ou aquilo.

As fatalidades vão continuar acontecendo – valem os alertas contra a velocidade, a bebedeira e os excessos no feriadão –, as doenças vão seguir acometendo pessoas, as vulnerabilidades em decorrência da idade vão bater à porta. Mas sou do time que aposta que a vontade de viver tem de ser reverenciada e incentivada sob qualquer condição.

Jairo Marques

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_14\_fevereiro-entrevista.14\_fev.doc.txt

Ainouz começa a rodar 'filme de macho'

Após produções com temas femininos, diretor abordará estereótipos masculinos, como a paixão por máquinas. Com locações em Berlim e Fortaleza, 'Praia do Futuro' terá Wagner Moura no elenco; gravações começam no dia 27. Depois de produções com temáticas femininas, como o longa "O Céu de Suely" (2006) e a série de televisão "Alice" (2008), o diretor brasileiro Karim Ainouz começa a filmar no dia 27 "Praia do Futuro", que trata de estereótipos masculinos, como a paixão por máquinas e velocidade.

"Vai ser filme de macho", disse o diretor cearense à Folha, em tom de brincadeira.

A entrevista foi feita em um restaurante no alternativo Kreuzberg, bairro turco de Berlim, primeira locação do filme. Fortaleza, onde Ainouz nasceu, será a outra.

Dez anos depois de lançar o premiado "Madame Satã" (2002), Ainouz dirige pela primeira vez no exterior.

"Eu cheguei a ter alguns convites, mas não achava que estava preparado nem queria fazer por fazer. 'Praia do Futuro' é um filme afetivo, rodado em lugares em que vivi ou vivo, então acho que agora faz sentido", contou.

Ainouz morou em Berlim em 2004 e, desde 2008, ele divide seu tempo entre São Paulo e a capital alemã.

O filme, com roteiro de Felipe Bragança e do próprio Ainouz, se passa em dois momentos. O primeiro se situa em 2004, quando o salva-vidas cearense Donato (Wagner Moura) resgata o turista alemão Konrad (Clemens Schick), na praia do Futuro, em Fortaleza. Em seguida, ambos vão para Berlim.

O outro se passa em 2012, quando o irmão de Donato, Ayrton (Jesuíta Barbosa), um entusiasta das motocicletas, sai em busca do irmão.

BRIC

Diferentemente da situação de "Terra Estrangeira" (1996), longa de Walter Salles e Daniela Thomas, quando imigrantes brasileiros viviam, em geral, como subempregados, "Praia do Futuro" deve refletir o novo momento do país.

"Estamos em 2012, diante da força do Bric [bloco econômico formado por Brasil, Rússia, Índia e China], e o Donato vai ser um brasileiro que fala alemão e tem um bom emprego", explica o diretor.

Os principais personagens do filme são baseados em heróis de quadrinhos e séries de TV. O salva-vidas foi inspirado no Aquaman, e o irmão, no piloto Speed Racer.

"Eu quero fazer um filme de ação e aventura, bagunçar um pouco a ideia de filme de autor [de produções mais intelectualizadas e com autonomia do diretor]. Pode até ser abusado dizer, mas quero algo tipo James Bond."

Orçado em cerca de R\$ 6,3 milhões, "Praia do Futuro" será uma coprodução Brasil-Alemanha com cinco semanas de filmagens em Berlim e outras duas em Fortaleza.

Em seguida, ainda no primeiro semestre, ele organiza o lançamento de "O Abismo Prateado" no Brasil. O filme, que liga o Ceará à Alemanha, deve ser lançado em 2013.

Fabio Cypriano

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_17\_janeiro-crônica.17\_jan..doc.txt

O caso vai avançar

Não se trata de expor nomes de juízes sem prova, mas de não acobertar o que já está constatado

O DANO já causado ao conceito do Poder Judiciário, a meio da revelação de altos movimentos financeiros de magistrados e outros servidores, vai aumentar em futuro próximo com esperadas constatações. Ainda assim, a peculiaridade desse Poder tende a confirmar-se: o Judiciário é o único dos Poderes em que podem ir a fundo as investigações em si mesmo.

A reação de juízes a investigações da corregedoria, na pessoa impetuosa de Eliana Calmon, e do próprio Conselho Nacional de Justiça, proporcionou a extensão, sobre o Judiciário sem distinções, do dano consolidado pela opinião pública. E da perda dos seculares cuidados com que os meios de comunicação poupavam dissabores ao Poder temido acima de tudo.

No setor da comunicação, sempre foram raros os controladores e as empresas isentos do risco de iniciativas ou decisões judiciais devastadoras. Um título de jornal sem direito claro ao uso, propriedade estrangeira, conflitos acionários, e um colar quilométrico nesta linha.

A do Judiciário, em relação ao Executivo e ao Legislativo, provém de três ingredientes. A indignação de juízes, com grande presença das gerações mais recentes, que pressionam contra os desmandos e as improbidades; a Procuradoria-Geral da República, nas fases em que pratica sua independência, e as congêneres estaduais; e a linhagem dos advogados que elevam a OAB, com frequência, à estatura de reserva vital para a preservação das demais instituições. Já no Executivo e no Legislativo, o enfrentamento dos casos comprometedores choca-se com a combinação de duas adversidades: o corporativismo, bem irrigado pelo sentimento do "amanhã posso ser eu ou um dos meus", e o fator predominante que é a política. No choque, tudo acaba em nada.

(Não resisto a registrar o que me ocorre agora, com asco pelo episódio e pela pessoa: o próprio presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti, foi surpreendido extorquindo, mais uma vez, o dono de um restaurante instalado no Congresso mesmo – e em vez de ir para a cadeia, saiu para eleger-se prefeito no interior de Pernambuco.)

A OAB inicia a sua passagem, na polémica sobre o CNJ e sua corregedoria, dos pronunciamentos para as ações, propriamente.

Wadih Damous, presidente da OAB-RJ, tem o primeiro ato, com o requerimento, à presidência do Tribunal Regional do Trabalho-RJ, da identidade do seu integrante que em 2002 movimentou R\$ 2 milhões.

Outras providências se seguem logo, seguem-se novas revelações aos poucos fatos e muito escândalo atuais.

O requerimento de Damo tem pleno sentido. Governador ministros, senadores, deputados, prefeitos não têm o seu nome poupado em casos muito menos aberrantes.

A Constituição, as leis e os regimentos não poupam os nomes de juízes devedores de explicações, inquiridos e processos. Acomodá-los no silêncio é favorecimento incabível. Não se trata de expor sem prova, mas de não acobertar o que está constatado.

O nome e a explicação devidos pelo TRT-RJ são muito propícios para sair-se da polémica e entrar nas providências que reponham o Judiciário no seu lugar.

Janio de Freitas

txt2/textos\_dos\_jornais\_brasileiros-Folha-17\_janeiro-entrevista.17\_jan.doc.txt

MINHA HISTÓRIA RODRIGO CUNHA

13 ANOS DE ESPERA

Filho de deputada morta se prepara para o julgamento do crime. "Foi difícil escutar: 'Porque você não vai lá e resolve isso?'"

Alagoas ainda tem fama de ser terra de pistoleiro, onde a gente tem que revidar. Foi difícil escutar as pessoas dizendo: "Rapaz, por que você não vai lá e resolve isso?"

Em 16 de dezembro de 1998, minha mãe, a deputada Ceci Cunha, foi diplomada para mais um mandato. Era um momento de muita alegria para nós. Na época, eu tinha 17 anos.

No dia do crime, comecei a receber telefonemas de pessoas que não costumam me ligar. Perguntavam se estava tudo bem, eu dizia que sim, desligavam. Tentava falar com meus pais, mas não conseguia. Telefonei para a minha irmã, na época com 19 anos, que disse estar recebendo as mesmas ligações.

Não tivemos dúvida de que alguma coisa tinha acontecido com nossos pais.

Começamos a percorrer os hospitais. Ninguém tinha coragem de nos dizer.

Ao chegar ao terceiro hospital, um taxista falou ter ouvido que tinham matado a deputada e toda a família dela.

Abracei minha irmã e começamos a chorar.

Depois entendemos que as pessoas ligavam para a gente porque pensavam que também tínhamos sido mortos. Foi um crime que marcou nossa vida. Em 2000, Talvane Albuquerque [acusado de ser o mandante do crime] se matriculou na mesma faculdade de direito que eu, em Maceió. Desisti do curso. Não conseguiria conviver com ele. Seis meses depois, fiz vestibular em outra faculdade.

Nossa cultura é resolver as coisas na bala, acredito que pela certeza da impunidade. Mas minha índole e minha educação nunca foram essas.

Meu caminho foi o mais sofrido: ir atrás da Justiça mesmo sabendo que os bandidos que tinham matado meus pais estavam soltos.

Via os acusados indo a restaurantes, à praia, como se não tivessem feito nada. Ficaram presos por pouquíssimo tempo.

## O JULGAMENTO

Nada justifica a demora de 13 anos para o julgamento. O processo está bem instruído, não existem duas versões e há provas robustas. Mas os advogados de defesa sempre conseguiam adiar.

O que mais eu ouvia era: "Não se iluda, não vai dar em nada". Eu respondia: acredito e vou lutar para isso.

Criei um site [www.queremosjustica.com.br], que reúne o conteúdo do processo. Há um vídeo de um dos assassinos confessando.

Muitos acham que eu digo que foi Talvane o mandante porque ele foi o único beneficiado com a morte de minha mãe. Mas tenho certeza pelas provas do processo. Acredito na condenação.

Estou preparado para acompanhar o julgamento. Será Uma carga emocional muito forte, mas é necessário para fechar o ciclo, cicatrizar feridas e virar a página.

Até hoje não vi foto do crime. Acredito que, no julgamento, quando mostrarem as imagens, vou fechar os olhos.

Quero guardar a imagem da minha mãe e do meu pai como pessoas felizes.

Sílvia Freire

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_17\_janeiro-notícia1.17\_jan.doc.txt

Para reduzir pena, presos leem 'O Pequeno Príncipe'

Os presos mais perigosos do país terão à disposição, ainda no primeiro semestre, títulos como "O Pequeno Príncipe", clássico de Saint Exupéry, e "1001 Filmes para Ver Antes de Morrer", de Steven Jay Schneider.

Poderão escolher, ainda, a trilogia "Crepúsculo", de Stephenie Meyer, e "De Malas Prontas", de Danuza Leão.

Programa do Ministério da Justiça vai distribuir 816 livros para as quatro penitenciárias federais do país.

O projeto, orçado em R\$ 34.170, permitirá que detentos como Fernandinho Beira-Mar, condenado a 120 anos, reduzam sua pena. Por enquanto, duas concedem benefícios de redução da pena aos detentos-leitores: Catanduvas (PR) e Campo Grande (MS).

No Paraná, o juiz concede até quatro dias para quem, em até 12 dias, ler um livro e apresentar uma resenha.

Uma comissão avalia a resenha e, se considerá-la de boa qualidade, concede ao detento mais um dia de redução.

Os livros "Crime e Castigo", de Dostoiévski, e "Incidente em Antares", de Erico Veríssimo, foram obras trabalhadas na unidade que tem 60 presos participando do projeto.

Em Campo Grande, são três dias de redução para cada 20 dias que o detento utilize para ler um livro e preparar uma resenha. A avaliação é feita por um juiz federal.

Segundo agentes penitenciários, Beira-Mar, que já passou pelas duas penitenciárias, é um "consumidor voraz" de livros. Já leu "O Caçador de Pipas", de Khaled Housseini, além de "Arte da Guerra", de Sun Tzu, e "Código da Vinci", de Dan Brown.

Quando chegou a Mossoró (RN), logo se inscreveu em um projeto da penitenciária com a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte chamado de "Filosofarte". Diminuiu um dia de sua pena a cada três de leitura. O programa foi suspenso em dezembro, mas poderá ser retomado após convênio com a Justiça federal.

Marco Antônio Martins

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_17\_janeiro-notícia2.17\_jan.doc.txt

Juro pode parar de cair antes do previsto

Taxa deve baixar para 10,5% hoje, mas aumenta incerteza sobre se BC fará mais uma ou duas reduções além dessa

Melhora do cenário económico aqui e lá fora deve diminuir o espaço para novas quedas, estimam economistas. Economistas dão como certa uma nova redução da taxa básica de juros, de 11% para 10,5%, decisão que será anunciada amanhã pelo Copom (Comité de Política Monetária do Banco Central).

Nas últimas semanas, aumentou, no entanto, a incerteza sobre quantas reduções mais serão feitas em 2012.

O boletim Focus (levantamento semanal do BC feito com cerca de cem instituições) divulgado ontem mostra que, por enquanto, a aposta predominante no mercado é que haverá outros dois cortes de meio ponto percentual, levando a taxa básica para 9,5% ao ano em abril.

Mas os sinais de melhora da economia aqui e lá fora, além do tom mais cauteloso do BC no Relatório de Inflação divulgado em dezembro, têm aumentado a expectativa de que o ciclo de queda dos juros será menor.

As cinco instituições do boletim Focus que mais acertam as projeções de juros, grupo chamado Top 5, acreditam que haverá apenas mais um corte, além do de amanhã, com a taxa parando em 10% em março.

O Copom já fez três cortes desde agosto, devido ao agravamento da crise externa e aos sinais de forte desaceleração da economia brasileira, que acabou estagnada no terceiro trimestre de 2011.

Segundo relatório do Bradesco, notícias melhores vindas de fora nas últimas semanas – como a recuperação dos EUA e uma atuação mais firme do Banco Central Europeu para evitar uma piora da crise na região – aumentaram as dúvidas sobre a política monetária no Brasil.

Na avaliação da consultoria LCA, o bom desempenho da economia brasileira em novembro, com destaque para a forte recuperação do varejo, também pode limitar a extensão dos cortes de juros.

Segundo estimativa do BC divulgada ontem, a atividade económica se recuperou em novembro, após vários meses de desempenho fraco.

O IBC-Br, índice do BC que tenta captar o comportamento do PIB (Produto Interno Bruto), subiu 1,15% ante outubro, a maior variação desde abril de 2010. Ainda assim, o indicador aponta que a economia teve contração de 0,3% entre setembro e novembro, em razão do desempenho fraco nos meses anteriores.

O resultado não provocou mudanças nas projeções para o crescimento de 2011. A avaliação é que o país teve desempenho mais modesto em dezembro, fechando o ano com expansão abaixo de 3%.

"Uma retomada mais forte da economia deve limitar a queda dos juros, mas ainda não é possível saber se a recuperação está consolidada", afirma Alessandra Ribeiro, da consultoria Tendências.

Mariana Schreiber

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_17\_janeiro-opinião1.17\_jan.doc.txt

A lotaria Enem

O governo federal acaba de receber cerca de 3,4 milhões de inscrições para as pouco mais de 100 mil vagas no ensino superior pelo Sisu (Sistema de Seleção Unificada). Foram 1,7 milhão de candidatos (os alunos podem se inscrever para mais de um curso). Em média, mais de 30 candidatos disputam cada vaga.

Trata-se do maior vestibular do país, e a sua forma de organização poderia sugerir um grande avanço ao poupar os alunos das gincanas dos múltiplos vestibulares. Mas tal processo seletivo constitui, de fato, um enorme monstro educacional, uma espécie de loteria.

O primeiro sintoma de anomalia é o fato de o Enem ser o instrumento de avaliação utilizado.

Mesmo quando realizado de modo absolutamente consistente, sem os desvios logísticos e conceituais que têm acompanhado o exame nas últimas realizações, o Enem não foi projetado para ser um processo seletivo. Ele não é adequado para classificações finas, como as que ocorrem nos vestibulares. A prova poderia até ser utilizada como um indicador, entre outros instrumentos, mas nunca como o elemento decisivo para a aprovação.

Os maiores desvios decorrem, no entanto, do modo atabalhado como o Enem tem sido realizado.

Problemas logísticos como roubos de provas, quebras de sigilo, inadequações na pré-testagem e nas dimensões dos bancos de itens têm se sucedido, ano a ano, minando a integridade e a credibilidade da prova. Além disso, há questões estruturais referentes às provas.

Com a transformação de uma única prova de 63 questões em quatro provas, uma para cada área em que se organiza o ensino médio, com 45 questões cada uma, o teste ficou excessivamente longo para o conteúdo que examina.

Ocorreu então um desbalanceamento, com uma supervalorização da prova de redação. Tal problema tem sido amplificado pelo fato de as incertezas nos critérios de correção da prova terem sido levadas aos tribunais competentes e estarem, hoje, no centro das discussões.

Há outras questões conceituais que eivam o processo de elaboração do Enem: a premissa de que as questões das

provas devem ser "contextualizadas" é uma delas.

Em muitos dos itens da prova, a palavra "contexto" é tratada como se significasse uma abreviatura de "com muito texto". Os enunciados tomam-se desnecessariamente longos, levando alguns professores a dar um conselho excêntrico: sugerem que os alunos não leiam os enunciados logo de início, indo diretamente à pergunta feita. Eles garantem que, na maioria das vezes, a resposta correta pode ser indicada, sem perda de tempo.

Outro desvio conceitual mais sutil é a interpretação da contextualização como filtro ideológico primário. De modo defensivo, quase cínico, os alunos "aprendem" e divulgam regrinhas do "politicamente correto", referentes, sobretudo, a questões ambientais ou aos direitos humanos, tais como definidos em catecismos partidários.

O mais grave dos desvios, no entanto, é a pretensão de utilização de uma sofisticada Teoria da Resposta ao Item (TRI) na correção das provas. As limitações na qualidade e na quantidade dos itens dos bancos de questões minam qualquer possibilidade de sucesso no recurso a tal parafernália matemática.

Objetivamente, o que se conseguiu foi a transformação da correção da prova em uma verdadeira loteria. Ninguém sabe, ao certo, quantos pontos vai obter. Aos alunos, cabe fazer o exame e torcer ou rezar por uma boa sorte.

O ponto mais notável em todos esses desacertos é a recepção passiva dos resultados do Enem como um tipo legítimo de credenciamento pela maior parte das escolas.

Já passou da hora de as boas escolas privadas manifestarem seu despreço pela grande loteria que a prova se tornou, após serem depositadas tantas e tão justas expectativas sobre ela.

Nílson José Machado

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_17\_janeiro-opinião2.17\_jan.doc.txt

Dilema federal

Barreiras ideológicas e deficiências gerenciais impedem governo Dilma de cumprir meta fiscal sem comprometer investimentos

O ano se inicia com os dilemas de sempre para a gestão do orçamento federal: a necessidade de arrochar investimentos públicos para compensar o crescimento de outras despesas e assegurar o cumprimento das metas fiscais.

Aguarda-se uma repetição do ocorrido no ano passado, quando o governo Dilma Rousseff conseguiu reduzir o crescimento das despesas para 23%, já descontada a inflação, nos 12 meses encerrados em novembro – resultado melhor que a alta de 9,4% do último ano da administração Luiz Inácio Lula da Silva. O objetivo era conter o aquecimento da economia e facilitar a redução da taxa de juros pelo Banco Central, como acabou acontecendo.

Para realizar a tarefa, a administração federal direta precisou contrariar a retórica do desenvolvimentismo e cortar fundo nos investimentos. Um talho de 9%, de R\$ 47 bilhões para R\$ 43 bilhões (dados exatos não foram divulgados). Mesmo assim, só se tornou possível atingir a meta fiscal graças às surpresas positivas da arrecadação, que cresceu 12,1% em termos reais nos mesmos 12 meses encerrados em novembro. Com isso, a receita de tributos alcançou novo recorde (23,5% do PIB) no período.

Em 2012, a meta fiscal para o setor público consolidado (União, Estados, municípios e estatais) é de R\$ 140 bilhões, ou cerca de 3% do PIB de superavit primário. De novo será necessário adiar despesas, incluindo emendas de parlamentares. Estima-se que a redução total necessária fique entre R\$ 50 bilhões e R\$ 70 bilhões.

A composição dos cortes ainda está em debate no Planalto, mas dificilmente os investimentos escaparão. Os gastos já contratados são enormes, começando pelo novo salário mínimo, que tem impacto de R\$ 23 bilhões nas contas.

Além disso, há que enfrentar a perene dificuldade do governo – gerencial e política – de reduzir outros itens do custeio administrativo, neste caso por dois anos seguidos e em período eleitoral. Ressalvadas surpresas na arrecadação, Dilma terá de optar: ou cumpre a meta fiscal com diminuição dos investimentos, ou reduz a meta.

Há, contudo, alternativa melhor. O ideal seria criar condições para que mais investimentos partam da iniciativa privada, por meio da aceleração das concessões de serviços públicos, como no caso dos aeroportos. Apesar do atraso na reforma da defasada infraestrutura nacional, cada passo na direção necessária se transforma num tropeço, por razões ideológicas ou por incapacidade administrativa.

O governo se consome em tentar resolver só os problemas do dia a dia. Em linguagem coloquial, vende o jantar para pagar o almoço. Não consegue encetar um programa estratégico, capaz de dotar o Estado de gestão e planejamento de longo prazo, que vá além da mera resistência à voracidade com que a burocracia e a classe política se lançam sobre os cofres públicos.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_17\_janeiro-reportagem.17\_jan.doc.txt

Com crise econômica na Grécia, famílias pedem socorro a ONGs

Casais e mães solteiras buscam alimento para filhos e ajuda para aluguel

Aos 40 anos, a grega V. tem seis filhos e dois netos. Eles são filhos da sua mãe mais velha, solteira como a mãe.

Sem emprego há dois anos por causa da crise econômica que assola a Grécia há pelo menos o dobro desse tempo, V. procurou uma ONG para conseguir alimentar as oito vidas que dependem dela e com as quais divide um cômodo em Atenas.

Há cerca de 500 casos semelhantes a esse atendidos pela ONG SOS Children's Village na Grécia.

São casais ou mães solteiras – recentemente desempregados – que procuram ajuda para pagar o aluguel e comprar material escolar, comida, roupas e remédios.

"Esse tipo de demanda não existia há dois anos. Antes, só atendíamos crianças retiradas da guarda dos pais por maus-tratos", conta Stergios Sifnios, diretor de trabalho social da SOS.

A crise que assola o país – e que elevou a taxa de desemprego de 8%, em 2007, para cerca de 18% atualmente – afeta mais quem tem menos dinheiro e mais filhos.

Para conter gastos, as empresas cortam os trabalhadores com menos qualificação.

Segundo a SOS, os casos de abandono de crianças pelos pais não aumentaram na crise. "Os pais que não conseguem manter os filhos pedem ajuda", diz Sifnios.

Mas os relatos de maus-tratos têm sido mais frequentes. Esses casos costumam estar associados ao uso de álcool e de drogas – que cresce com o desemprego – e a problemas psiquiátricos dos pais.

"As instituições privadas e públicas que cuidam de crianças violentadas estão lotadas", diz Yannopoulos Costas, fundador e presidente da ONG The Smile of the Child.

Hoje, essa instituição abriga 280 crianças em lares pela Grécia. Nos últimos três anos, teve de recusar mais de mil crianças por falta de condições para abrigá-las.

Enquanto falava pessoalmente com a Folha em um prédio na zona sul de Atenas onde vivem 25 jovens abrigados, Costas recusava, pelo celular, mais uma criança.

Nesse caso, ela foi vítima de abandono. Era uma menina de quatro anos que fora deixada em um hospital no centro de Atenas pelo pai, que é do Sudão e disse que não voltaria para buscá-la.

De acordo com Costas, parte dos abrigos públicos fechou as portas nos últimos dois anos porque o governo está sem dinheiro. Em dezembro, a The Smile of the Child gastou €1,5 milhão para manter as 280 crianças que abriga e as outras 18 mil que recebem apoio da ONG.

"Apesar da crise, ainda recebemos muitas doações. A Grécia está se unindo para ajudar quem precisa", diz Costas.

"Mas nenhum grego acredita na melhora da economia."

Sabine Righetti

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_21\_fevereiro-entrevista.doc.txt

'NÃO SOU O TIPO QUE BEBE CERVEJA'

A cantora e atriz americana Jennifer Lopez, 42, chegou às 22h10 no Camarote Brahma da Sapucaí, anteontem. Ela conversou com alguns jornalistas. A seguir, as perguntas da coluna:

Folha – Você gosta de beber cerveja?

Jennifer Lopez – Não, eu não sou o tipo que bebe cerveja, mas tenho muitos amigos que bebem [risos].

Então por que você aceitou fazer essa campanha [da Brahma]?

Porque era sobre o Brasil, sobre o Carnaval, sobre a celebração da vida. Era mais sobre essas coisas boas do que qualquer outra. E eu nunca tinha estado no Carnaval. Pensei que era uma boa maneira de ter essa experiência.

E você ganhou muito dinheiro com a campanha?

Hã? 'Sorry?' [Desculpe?]. Eu não sei. Eu não penso muito nessas coisas. E acho que falar disso é de mau gosto.

Quais os benefícios de se relacionar com alguém mais novo [seu namorado, Cásper Smart, tem 24 anos]?

Ah! Ra-ra-ra [estica o braço em direção à repórter, fecha a mão em um gesto de acabou].

A assessoria fala: "Obrigada, gente. Acabou!". Um dos dois seguranças que vieram dos EUA com J.Lo grita: "Todo mundo pra fora, agora!".

Pouco antes, Luciana Gimenez, apresentadora da RedeTV!, tinha deixado a salinha onde Jennifer estava irritada.

"Rolou uma confusãozinha lá dentro, estresse, deixa acabar."

A confusão é que J.Lo só falou com a TV Record, porque ela terá um programa de show de talentos dentro de uma atração comandada por Rodrigo Faro.

A cantora e seu entourage de 14 pessoas, entre eles figurinista, cabeleireiro etc, vão para o cercadinho VIP ver as escolas de samba. Rodrigo Faro não desgruda. Faz fotos com o celular, mostra as assistas. O ar condicionado da área VIP parece uma cachoeira e uma faxineira coloca dois baldes no local.

J.Lo arrisca dançar. Come pastéis de carne e batata frita. O fotógrafo da coluna a flagra mordendo o petisco. Ela faz um não com a mão e vira de costas.

A atriz Deborah Secco entra no cercadinho. "Ela me perguntou se eu era atriz, porque viu que sou reconhecida. Eu disse que ela era bonita e ela respondeu: 'Você que é.'"

O ator Marcelo Serrado tira foto com a estrela. "Falei pra ela: 'Enjoy your time here' [aproveite o seu tempo aqui]", diz Serrado. E ela? "Falou: 'Thanks a lot' [Muito obrigada]."

À meia-noite, quando as duas horas de presença na festa combinadas em seu contrato vencem, Jennifer deixa a Sapucaí.

Rodrigo Santoro, que contracenava com a atriz na comédia inédita "O que Esperar Quando Você Está Esperando", não conseguiu vê-la. "Fiquei duas horas no trânsito", diz ele. Perguntado se ela beija bem, responde: "É beijo técnico".

Não Assinada

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_21\_fevereiro-notícia\_1.21\_fev.doc.txt

Partidos aliados a Dilma vão ser adversários nas eleições

Em 25 capitais, tendência é de confronto entre ao menos duas siglas governistas

Assim como em disputas passadas, interesses locais dos candidatos a prefeito falam mais alto do que arranjo nacional

Aliados nacionalmente, os partidos que dão sustentação à presidente Dilma Rousseff devem patrocinar disputas entre si em praticamente todas as capitais nas eleições municipais de outubro.

Levantamento feito pela Folha tendo como base os sete principais partidos da aliança dilmista (PT, PMDB, PDT, PSB, PC do B, PP e PTB) mostra que em 17 capitais o confronto entre mais de três dessas siglas é bem provável.

Apenas no Rio o apoio à reeleição do prefeito Eduardo Paes (PMDB) é esperado.

Mesmo em Belo Horizonte, com um arco de aliança amplo para a reeleição de Márcio Lacerda (PSB), deve haver enfrentamento com o PMDB.

Nas sete demais capitais, há pelo menos dois pré-candidatos da base.

É o que ocorre em Vitória. Lá, a maioria dos governistas está com Iriny Lopes (PT), mas a exceção é o ex-governador Paulo Hartung (PMDB).

A definição oficial das candidaturas será em junho, com as convenções partidárias.

Em capitais como São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife, o número de candidatos é ainda maior.

Na capital paulista, cinco partidos da base têm pré-candidatos: Fernando Haddad (PT), Gabriel Chalita (PMDB), Netinho de Paula (PC do B), Paulo Pereira da Silva (PDT) e Luiz Flávio D'Urso (PTB).

Principal aliado do PT em âmbito nacional, o PMDB deve disputar em 21 capitais. É a legenda com o maior número de pré-candidatos, ficando na frente, inclusive, do PT, que trabalha com a possibilidade de lançar 18 nomes.

## HISTÓRICO

A discrepância entre as disputas para as prefeituras e a aliança partidária que dá sustentação ao governo federal já ocorreu em outras eleições.

Em 2008, por exemplo, PT e PMDB, os dois maiores partidos da coalizão nacional, se enfrentaram em 17 das 26 capitais em jogo.

O professor de Ciência Política da Universidade de Brasília David Fleischer lembra que nas disputas municipais a tendência é que prevaleçam os arranjos paroquiais.

"As questões locais e a sobrevivência dos partidos fazem com que todos queiram disputar. A eleição municipal serve de base para o aumento do número de deputados, senadores e governadores."

Apesar disso, o alto número de postulantes causa preocupação ao Planalto. Na última reunião com os dirigentes dos partidos, Dilma tentou acalmar os ânimos dizendo que nem ela nem o vice Michel Temer (PMDB) iriam se envolver nas campanhas. A orientação é que ministros, o vice e a própria presidente não apoiem um candidato em capitais com conflito na base.

Para o presidente nacional do PT, Rui Falcão, a falta de acordo não é prejudicial.

"É legítimo que na eleição municipal cada partido lance seu candidato, ainda mais em cidades com possibilidade de

segundo turno. Isso em nada afetará a base da presidente Dilma, até porque o PT fará uma campanha sem ataques pessoais", afirmou.

Além de problemas com aliados, o PT enfrenta também conflitos internos.

Em Recife, o prefeito João da Costa seria candidato à reeleição, mas outros três petistas querem a vaga. Em Porto Velho, há prévia marcada para 25 de março.

Maria Clara Cabral \* Simone Iglesias

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_21\_fevereiro-notícia2.21\_fev.doc.txt

Curso superior não tem elevado renda, diz estudo do IBGE

Nos últimos 8 anos, ganho de quem fez faculdade teve 03% de aumento real, contra 30,6% dos com nível fundamental. Número de trabalhadores com diploma universitário cresceu 63%, o que, para economista, contribuiu para a queda na renda.

O diploma de curso superior não tem assegurado, necessariamente, crescimento do poder de compra nos últimos anos, mostra recente estudo feito pelo IBGE.

Na média, a renda dos trabalhadores com diploma universitário ficou praticamente estagnada de 2003 a 2011.

Nesse período, o salário médio desse grupo teve ganho real (acima da inflação) de apenas 0,3%, indo a R\$ 3.850,52.

Na outra ponta, a remuneração média dos trabalhadores que têm até oito anos de escolaridade subiu 30,6% acima da inflação nesses últimos oito anos.

O estudo do IBGE abrange as regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Salvador e Porto Alegre.

Para o economista da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) João Saboia, a estagnação da renda média entre graduados mostra que não há um apagão generalizado de profissionais qualificados.

Segundo o IBGE, o número de trabalhadores com curso superior cresceu 63% nos últimos oito anos.

O economista do Insper (Instituto de Ensino e Pesquisa) Naércio Menezes recorre à lógica da oferta e da demanda para afirmar que o número maior de profissionais com nível superior limitou o ganho de renda nesse grupo.

Mas isso varia de acordo com as áreas de formação, dizem os dois economistas.

Saboia analisou o perfil dos cargos formais gerados para profissionais com ensino superior em 2010 e notou que a carência de mão de obra é mais concentrada em áreas de perfil técnico, como física, química, engenharia, matemática e biotecnologia.

A demanda por esses profissionais vem crescendo com a expansão dos setores de construção civil, infraestrutura e petróleo, explica.

#### HUMANAS X EXATAS

Segundo levantamento feito pela Folha a partir de dados do Ministério da Educação, apenas 13,6% dos alunos que concluíram a universidade entre 2001 e 2010 se graduaram em cursos de exatas como os listados acima.

A grande maioria (67,6%) veio de áreas de humanas, como direito, educação, ciências sociais e artes. Saboia observa que parte desses profissionais não está conseguindo empregos em suas áreas.

Em seu estudo, ele descobriu também que 16% das novas vagas ocupadas em 2010 por pessoas com curso superior eram cargos de assistentes e auxiliares administrativos. Outros 4,7% eram postos técnicos de nível médio na indústria e no comércio.

"Tem muita gente se formando, mas não exatamente no que o mercado está precisando, então essas pessoas não estão sendo valorizadas", afirma Saboia.

Presidente da Asap (consultoria que faz recrutamento de profissionais com salários entre R\$ 6.000 e R\$ 15 mil), Carlos Eduardo Dias afirma haver um apagão de profissionais qualificados em todas as áreas.

Em algumas, segundo ele, não faltam pessoas graduadas, mas faltam profissionais com boa formação.

"O nosso ensino superior ainda não tem a qualidade que deveria ter. Falta qualidade na formação, e sobra vaga no mercado", disse.

Dias reconhece, porém, que o problema é mais grave em áreas técnicas. Segundo ele, os salários oferecidos a engenheiros cresceram entre 30% e 50% acima da inflação nos últimos cinco anos.

Mariana Schreiber

## Manhã de Carnaval

O sonho do Brasil não é só o básico, é o luxo; a base da pirâmide não sonha em ser a base, sonha para cima. E A PALAVRA luxo no Brasil tem carga política compreensível num continente de imensas desigualdades. Mas, se políticos e intelectuais brasileiros querem distância da palavra luxo, sintomaticamente o povo pensa o contrário, como mostra de maneira clara a maior tradução do pensamento popular, o Carnaval.

Durante quatro dias, o povo investe suas economias para brilhar luxuosamente nas escolas de samba. Ele gosta de se vestir de rei, de princesa, de rainha, de conde, tudo com muita lantejoulas, paetês, caudas imensas.

Isso faz do desfile da escola de samba uma disputa de ritmo, criatividade, mas também de quem mais luxuosamente se apresenta. Essa realidade é refletida claramente na frase de nosso maior carnavalesco, o eterno Joãozinho Trinta:

"Quem gosta de miséria é intelectual, o povo gosta de luxo".

A crítica comum ao mercado de luxo é comparar o preço de uma bolsa ao salário mínimo, ao que se compraria em cestas básicas, esquecendo-se muitas vezes de lembrar quantas famílias a produção daquela bolsa emprega, os tributos que gera.

A França, um dos países mais associados ao mercado de luxo, é também dos mais associados aos direitos dos trabalhadores, a valores igualitários.

O luxo atrai milhões de turistas à França, contribui para as exportações, é parte relevante da carga de tributos. As marcas de luxo divulgam a França, assim como o nosso luxuoso Carnaval divulga o Brasil.

O Carnaval foi inventado por europeus, mas explodiu no Brasil. Ele diz muito da brasilidade, de nossa capacidade inventiva, de nossa vocação para a rua, alegre, solar.

Festejamos mesmo quando não tínhamos razão de festejar, quando o luxo era "fake". Mas o luxo evoluiu com o país, a evolução econômica que está levando milhões ao mercado de consumo.

Na cesta básica do brasileiro começaram a aparecer demandas que não são só a cesta básica.

O sonho do Brasil não é só o básico, é o luxo. A base da pirâmide não sonha em ser a base, sonha para cima, o sonho é para cima. É um sonho de luxo e beleza, porque os dois caminham juntos. Pela passarela da moda e pela passarela do samba. Com uma exuberância que é natural no Brasil, nas nossas mulheres, nas formas de nossa natureza.

E o Brasil não será só mercado de consumo de luxo. Temos tudo para nos impor como mercado criador e produtor. O Carnaval mostra essa vocação. Antes, não havia condições econômicas para isso e não aconteceu. Hoje, marcas brasileiras já são presenças nesse universo, como Fasano e Osklen.

Mas o mercado de luxo no Brasil tem três desafios:

- 1) Fugir da visão terceiro-mundista e maniqueísta do luxo que opõe cesta básica a Chanel.
- 2) Construir marcas dentro do imaginário brasileiro celebrando nosso "way of life", o passado brasileiro, a alma, o sonho.

Como Ralph Lauren construiu uma marca americana dentro do imaginário americano, celebrando a realidade americana. É preciso cultivar o modo de ser brasileiro dentro do luxo, trabalhar nossas potentes originalidades.

- 3) Vencer os desafios industriais e tributários para existir como negócio.

O mercado de luxo precisa fugir do maniqueísmo para ser respeitado pelo establishment e tentar condições políticas de competir globalmente. Não pode ser associado à ostentação e ao desperdício, precisa ser respeitado como gerador riqueza e emprego, que fortalece o artesão e a pequena empresa.

A Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016 representam, juntas, a maior oportunidade de exposição global do Brasil, um cenário altamente propício para as marcas brasileiras, para criarmos marcas dentro do nosso imaginário.

Cada vez mais o mundo quer ser brasileiro. Nosso estilo de vida agrada ao mundo. O Brasil não odeia ninguém. O Brasil, tirando o futebol, não quer derrotar ninguém. O Brasil é sorriso, e o mundo quer sorrir.

O Brasil não quer dominar o mundo, o Brasil quer conquistá-lo, seduzi-lo.

Não somos apenas um mercado emergente, somos também um estilo emergente.

Vamos agora transformar essa folia em energia empreendedora.

Nizan Guanaes

## Brasil burocrático

País continua a bater recordes internacionais em matéria de entraves à atividade econômica e de dificuldades para empresas

Não há notícia de quais formalidades, alvarás e autorizações estão previstos para quem queira fundar uma escola de samba, ou simplesmente candidatar-se ao posto de Rei Momo. Mas é provável que essas duas instituições brasileiras, o Carnaval e a burocracia, tenham lá seus pontos de intersecção.

Nem a China milenar dos mandarins, nem a Rússia mal emersa de sete décadas de opressão estatal, nem a Índia, absorva em contemplações e mistérios, impõem mais dificuldades do que o Brasil a quem queira abrir um negócio. Pesquisa do Banco Mundial, aplicada nas principais cidades de 183 países, coloca São Paulo (e, por extensão, o Brasil) no 179º lugar do "ranking" internacional das dificuldades nesse quesito.

São 30 dias na Rússia, 29 na Índia, 38 na China e 119 no Brasil. A ironia é que as coisas melhoraram. Em 2007, era de 152 dias o prazo exigido. Superou-se, assim, o marco da Guiné Equatorial (137 dias) e da Venezuela de Hugo Chavez (141), ambiente inóspito em que parece mais fácil fechar empresas antigas do que abrir uma nova.

Estávamos, de qualquer modo, à frente da República do Congo (160 dias) e também do Suriname, com seus inacreditáveis 694 dias. O governo federal atribui a modesta diminuição do tempo de espera à criação, como não podia deixar de ser, de um novo organismo encarregado do assunto.

Tomando em conta a extensão de seu nome oficial – trata-se da Rede Nacional para a Simplificação do Registro e a Legalização de Empresas e Negócios –, é de perguntar se a mentalidade descomplicadora de fato impregna o modo de atuar das autoridades responsáveis por sua concepção.

"Brasil burocrático", série de reportagens que a Folha vem publicando sobre o assunto, já abordou outras questões além da relativa à abertura de novas empresas.

Exportar algum produto, por exemplo, é aventura que exige a aprovação de até 12 órgãos oficiais. Há mais de cem leis regulamentando a atividade, sobre a qual pesam 130 impostos e tributos. Não que seja fácil a empreitada oposta: o Brasil é um dos países onde mais tarda o desembaraço de produtos importados na aduana.

Maior pesadelo, e ademais inútil, é o do empresário que depende de certidões negativas dos órgãos trabalhistas, tributários e previdenciários do país. Como não se atualizam prontamente os bancos de dados dessas instituições, pendências já quitadas podem aparecer, mesmo depois de emitida uma primeira certidão atestando a confiabilidade de quem a requereu.

Numa espécie de troça exasperante, temos assim a burocracia da burocracia, o carimbo anulando o carimbo, o papel emperrando o papel. Muito confete e serpentina poderiam ser fabricados com tantas guias de diversas cores – se não for muito difícil abrir uma empresa para isso até o próximo Carnaval.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_21\_fevereiro-reportagem.21\_fev.doc.txt

Grande retrospectiva mostra potência cromática de Chagall

Com 150 obras em dois museus de Madri, mostra foca artista que não se enquadrou em nenhuma vanguarda

Judeu russo que se radicou em Paris, Chagall pintou seres fantásticos e teve pleno domínio das cores

Em intervalos curtos de tempo, na virada para a década de 1920, Mare Chagall pintou uma casa cinza e depois uma azul. Três décadas depois, mergulhou o mundo em tons azulados e, mais tarde, em vermelho sanguíneo.

Toda a potência cromática do artista russo, que morreu aos 97 anos em 1985, aparece com força na primeira retrospectiva dedicada a ele na Espanha. A mostra está dividida entre os espaços Thyssen-Bornemisza e a Fundação Cajá Madrid.

Nas 150 obras espalhadas pelos dois museus, fica claro como Chagall arquitetou um universo paralelo em sua trajetória e teve pleno domínio da cor. Sobrevivente das duas grandes guerras do século 20, o judeu russo que se radicou em Paris não se enquadrou em nenhuma vanguarda e expurgou em telas oníricas os horrores do qual foi testemunha.

Já no começo da carreira, anos antes da Revolução Russa – que levou, por tabela, à renovação do pensamento plástico naquele país –, Chagall rompeu com o construtivismo de Kazimir Malevitch (1878-1935) e flertou com proposições impressionistas e expressionistas, distante da tradição judaica que não permitia a figuração.

VACAS E AMANTES

Logo suas vacas e amantes, temas constantes em sua obra, passam a flutuar em planos surreais. Vilas como Vitebsk, onde nasceu, foram reconfiguradas em cores vibrantes, rotas incertas e escala distorcida, como se as dimensões de tudo o que retratava dependessem de uma espécie de hierarquia afetiva.

Desse jeito, uma vaca enorme pode guardar um casal de amantes no flanco; a figura de um anjo, plasmada a partir das telhas vermelhas das casas de uma vila, pode se debruçar sobre uma cidade.

São seres fantásticos que desfilam por alegorias de cor intensa. Azul e vermelho dominam muitas de suas composições. Há o contraste entre o sono profundo de casais apaixonados, que parecem se perder nas nuvens, e

paixões faiscentes em terra, com flores, sol de raios rubros e mulheres que aparecem cavalcando galos gigantescos.

## UNIVERSO PARALELO

Chagall nunca explicou as repetições em seus quadros de galos, peixes, vacas, violinistas, poetas e amantes. Mas suas feras fantásticas habitam sem conflitos esse vasto universo paralelo, livre dos horrores da guerra e mais próximo do sonhos.

Talvez por isso tenha feito tantas composições semelhantes em tons distintos, como se reavaliasse sua visão de mundo de acordo com um filtro cromático do momento. Algo entre a paz e possíveis pesadelos.

Silas Martí

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_21\_fevereiro-crónica.21\_fev.doc.txt

No sofá

O QUE o Carnaval e a F-1 têm em comum na TV? Quando um carro bate, a audiência aumenta. Telespectador sonolento quer peladas e tragédia. Desfile impecável dá sono. Mais ainda na Globo.

Na Band, Adriane Galisteu, de africana albina, erra no decote. Linda, mas sem comissão de frente suficiente para a alegoria.

Por favor, avisem o Luís Roberto, na Globo, que Marisa Monte e Vanessa da Mata são cantoras de MPB, desfilaram na Portela, mas não são a mesma pessoa.

Celso Portioli, no SBT, faz uma revelação bombástica: "Sou chicleteiro, sim!". Não quero pensar nisso.

Mas nada supera os repórteres especiais dos "Bastidores do Carnaval", na Rede TV!. "Vira o rabinho aí, que é o que o brasileiro quer ver", ordenava a transexual Ariadna às folias. Finaaaaa.

Mais feliz que gari sendo filmado na Sapucaí, Dr. Roberto Rey, comentarista da Rede TV!, dançou funk, apalpou a mulherada e fez consultas em rede nacional. "Prótese do bumbum é como ter duas carteiras para sempre no bobo de trás da calça", ilustrava, enquanto desenhava nas nádegas de uma animada cobaia loira candidata à Panicat. Ih, filhinha, veste a calça. O "Pânico" agora está em outro canal.

Keila Jimenez

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_24\_janeiro-notícia1.24\_jan..doc.txt

Dirigente do CNJ divulgou empresa a juízes

Promoção de software da Oracle, feita pelo secretário-geral do conselho, ocorreu um mês antes da empresa vencer licitação

JM diz que concorrente foi favorecida pelo CNJ; Oracle afirma não ter havido irregularidade no processo de licitação  
Vencedor de uma licitação que está sob investigação, um produto da empresa de informática Oracle recebeu divulgação do secretário-geral do CNJ (Conselho Nacional de Justiça), Fernando Florido Marcondes, em encontro dos tribunais do país, antes da conclusão da concorrência.

Trata-se de um software para criar o cadastro nacional unificado de processos judiciais do CNJ.

Durante discurso feito no Encontro Nacional do Judiciário, realizado em Porto Alegre, em novembro, Marcondes disse que o produto da Oracle havia motivado o CNJ criar seu sistema.

Dias depois, em dezembro, foi publicado o edital da licitação para a compra do banco de dados, mas a empresa adversária IBM questionou a concorrência alegando direcionamento à Oracle.

O CNJ não considerou procedente o questionamento, e a empresa NTC, representante da Oracle, venceu a licitação com uma proposta no valor de R\$ 68 milhões.

Durante o evento em que fez a divulgação do produto, Marcondes disse que ele já estava implantado em tribunais superiores e no Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Goiás, Santa Catarina, Pernambuco, Sergipe e Alagoas.

"E esse banco de dados [da Oracle] nos motivou a criar esse "datacenter" [sistema nacional de cadastro de processos], que será um grande desafio para o CNJ", disse.

O encontro na capital gaúcha reuniu representantes de 90 tribunais de todo o país.

## ADESÃO DE TRIBUNAIS

O edital da licitação do CNJ trouxe a previsão de que "todos os tribunais deverão adequar suas soluções, se existirem, ou adquirir infraestrutura" para a criação do banco de dados nacional.

A concorrência foi feita pelo sistema intitulado "Ata de Registro de Preços", que permite a outros órgãos "pegar

carona" nas condições da licitação do CNJ e comprar os produtos nela envolvidos sem a necessidade de novos procedimentos licitatórios.

Segundo o edital do CNJ, a necessidade da criação do sistema unificado é a razão pela qual se optou pela Ata de Registro de Preços, "como forma de facilitar a adesão pelos tribunais."

Após o questionamento da IBM, integrantes do conselho passaram a apurar se houve irregularidade na licitação. Marcondes, que é o homem de confiança do presidente do CNJ e do Supremo Tribunal Federal, Cezar Peluso, é alvo de questionamentos por conselheiros do órgão, principalmente em relação à forma de conduzir licitações.

A atuação de Marcondes levou conselheiros a defender que o cargo de secretário-geral passe a ser escolhido pelo colegiado do órgão, e não pelo seu presidente, como ocorre hoje.

Secretário defende produto da Oracle; empresa nega ter fraudado licitação

O secretário-geral do CNJ (Conselho Nacional de Justiça), Fernando Marcondes, disse que citou o software da empresa Oracle em evento para juízes porque ele é usado por tribunais em "estágio avançado", o que demonstra a "excelência" do produto.

A companhia negou que haja irregularidades na licitação do CNJ para a aquisição de programas do cadastro nacional de processos.

Em nota enviada à Folha, o secretário-geral do CNJ afirmou: "Apenas citei os tribunais que operam com sistemas de bancos de dados em estágio bastante avançado no âmbito do Poder Judiciário e que, por coincidência, se utilizam de uma mesma e determinada tecnologia, no caso a da Oracle".

"Cada um deles, por razões próprias e sem interlocução entre eles, optou pela mesma solução técnica, o que por si só é fator óbvio de reconhecimento da excelência do produto em relação às necessidades específicas da administração do Judiciário", disse.

Também por meio de nota, a Oracle afirmou que "como um parceiro, a NTC participou desta licitação em conformidade com as regras do processo licitatório do CNJ e venceu o negócio".

A companhia ainda declarou que "mantém um alto padrão de ética e transparência e exige que seus parceiros estejam em conformidade com todas as regras e regulamentações aplicáveis".

Flávio Ferreira

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_24\_janeiro-notícia2.24\_jan.doc.txt

Sacolinha estimula reciclagem de orgânico

Ambientalistas apostam em embalagem biodegradável para o desenvolvimento de usinas de compostagem

Menos de 2% do lixo orgânico passa por tratamento que produz húmus e fertilizantes para uso na agricultura

O fim da sacolinha plástica nos supermercados paulistas, que será substituída a partir de amanhã pelas similares biodegradáveis, é uma das maiores apostas dos ambientalistas para tirar do papel a indústria brasileira de compostagem de lixo orgânico, hoje a mais atrasada das cadeias de reciclagem.

A compostagem é o processo industrial de decomposição de material orgânico, como restos de alimentos, feita por micro-organismos e que produz húmus e fertilizantes para a agricultura. A nova sacolinha está preparada para abrigar matéria orgânica e seguir para a compostagem.

Diferentemente das reciclagens de latinhas de alumínio, caco de vidro, papel e plástico, que já existem em diferentes escalas no país, a compostagem mal engatinha.

A estimativa é que funcionem cerca de 300 usinas de compostagem, a maioria ligadas a laboratórios e projetos pilotos de universidades. Segundo o IBGE, menos de 2% do lixo orgânico brasileiro passa por um processo de tratamento de compostagem.

No Brasil, o lixo orgânico representa mais de 50% dos resíduos sólidos residenciais. É ele que representa os maiores riscos para a saúde pública – restos de alimentos entram em decomposição assim que são descartados, atraem insetos e ratos, geram odores desagradáveis, produzem chorume e propicia a proliferação de micro-organismos causadores de doenças.

Reciclar o lixo orgânico é um desafio na maioria dos países do mundo, mesmo onde a coleta seletiva está mais avançada, como na França e no norte da Europa. Nesse países, só agora as metas de redução de gás metano por conta do efeito estufa estimulam a compostagem.

O metano é produzido nos aterros sanitários, técnica de tratamento que o Brasil adota para substituir os lixões.

**NEGÓCIO DE ESCALA**

Segundo André Vilhena, diretor do Cempre (Compromisso Empresarial para a Reciclagem), a compostagem está

atrasada porque depende de escala e da coleta seletiva, que tem previsão de chegar a todas as cidades em 2014. Para Vilhena, à medida que ocorrer a coleta seletiva, o lixo doméstico coletado nas cidades deverá se converter em lixo orgânico, seguindo direto para compostagem.

Quando se retiram os resíduos sólidos recicláveis como vidro, metal, plástico, o que sobra é quase sempre lixo orgânico. O fim da sacolinha plástica trabalha a redução do uso, que tem um ganho ambiental importante."

"Mesmo que a sacolinha biodegradável não vá parar em uma usina de compostagem – provavelmente, ela vai para um aterro ou para um lixão –, o uso dela representa um avanço em relação ao plástico. No aterro, ela vai sofrer um processo de degradação que demora mais tempo do que na compostagem, mas que é muito menor do que o do plástico comum", disse Mônica Abreu Azevedo, pesquisadora do Lesa (Laboratório de Engenharia Sanitária e Ambiental) da Universidade de Viçosa (MG).

O plástico demora cem anos para se degradar.

Toni Sciarretta

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_24\_janeiro-opinião1.24\_jan.doc.txt

O resgate do Brasil Colônia

Pequim é a nova Lisboa; um política focada em exportar produtos primários à China leva à dependência e à corrosão da manufatura brasileira

O Brasil se tornou independente de Portugal há 189 anos. Depois de uma história, como nação soberana, permeada por governos de exceção e regimes voláteis, o país, desde a campanha das "Diretas Já" (1984), parece ter consolidado uma firme democracia, que resiste às mais duras provas.

A liberdade política, contudo, parece não ter afastado de modo definitivo o estigma do colonialismo. Estamos trocando a antiga subserviência econômica ao fraterno povo lusitano por uma nova dependência da China.

A exemplo do que fazíamos há mais de dois séculos, quando éramos meros fornecedores de riquezas naturais e de minerais para Lisboa, recebendo em troca poucos bens de valor agregado, estamos exportando para Pequim produtos essenciais e de alta relevância nesta era da sustentabilidade, como petróleo, ferro e soja. Por outro lado, estamos importando um monte de quinquilharias. E pior: estamos pagando por elas preços de produtos de alto valor agregado. Por conta desse equívoco estratégico em termos de política industrial, a indústria de transformação brasileira fechou 2010 com um déficit superior a US\$ 70 bilhões em sua balança comercial. Existe ainda o risco de que esse valor, fechadas as contas de 2011, ultrapasse US\$ 90 bilhões.

Apenas a indústria têxtil e de confecções terá saldo negativo de US\$ 5 bilhões. Em meio ao potencial de nossa economia em um mundo tomado por graves crises, parece que não estamos percebendo a corrosão de nossa manufatura, com um perigoso avanço da sindependência.

Graças a uma corração de nossa política econômica, temos reservas cambiais superiores a US\$ 350 bilhões e uma situação fiscal equacionada. Portanto, não precisamos, como os EUA, que os chineses comprem títulos de nossa dívida.

Assim, não devemos temer qualquer represália à adoção de medidas mais eficazes de proteção comercial. Estamos sofrendo uma concorrência muito desigual no que se refere à qualidade dos produtos, à manipulação cambial, ao respeito às condições sociais e trabalhistas, aos cuidados com o meio ambiente, à utilização de insumos saudáveis e às práticas civilizadas no tocante às leis de mercado.

O governo brasileiro argumenta que a China é o nosso maior parceiro comercial e o principal comprador dos nossos produtos. Por isso, devemos ter muito cuidado para não ferir as suas suscetibilidades, pois isso poderia reduzir as importações chinesas, afetando a nossa balança comercial.

Ora, tal justificativa não é suficiente para fazer com que o Brasil se resigne à dependência conformado em ser parceiro da África no fornecimento de produtos primários à potência asiática.

O ministro Guido Mantega já afirmou que o Brasil somente seria afetado pela crise se a China reduzisse as suas encomendas, algo que já demonstra a nossa dependência.

A indústria brasileira está fazendo o seu papel investindo pesadamente em inovação, em modernização e na ampliação da sua capacidade. A indústria têxtil sozinha investiu US\$ 2 bilhões em 2010. Temos um parque industrial moderno e pujante, que garante uma pauta diversificada de exportações.

Mesmo que o país se imponha mais no comércio bilateral, os chineses continuarão precisando – e muito – de nossas commodities, dos nossos alimentos e do nosso aço, além de outros produtos.

É necessário, também, aproveitar e valorizar a força do ascendente mercado interno nacional. Há algum sentido

estratégico em aumentar a exportação de fibras de algodão e, ao mesmo tempo, ampliar o volume de roupas importadas? Não temos nenhuma razão para reinstaurar o Brasil Colônia.

Alfredo Bonduki

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_24\_janeiro-opinião2.24\_jan.doc.txt

Sucesso acanhado

Sem medidas de impacto, Dilma Rousseff contorna crises, acena para a oposição, evita contrariar interesses e obtém recorde de avaliação

Era previsível que a presidente Dilma Rousseff chegasse bem avaliada ao fim do primeiro ano de mandato, como revelou pesquisa Datafolha.

Em junho passado, a mandatária já era aprovada por 49% dos brasileiros, em meio a período adverso, marcado pelo desgaste político que levou à demissão do ministro Antonio Palocci e por números preocupantes no terreno da inflação. Mesmo assim, sua popularidade superou os índices obtidos tanto por Fernando Henrique Cardoso quanto por Luiz Inácio Lula da Silva nesse intervalo de mandato.

Dois meses depois, em agosto, quando os problemas ministeriais se ampliavam, repetiu-se o desempenho, com 48% de ótimo e bom. Podia-se argumentar, à época, que a pesquisa não havia detectado ainda o efeito da piora do ambiente econômico, causada pelo agravamento da crise internacional.

Hoje, no entanto, constata-se que nem a desaceleração da economia nem as demissões em série de ministros sob suspeita foram suficientes para causar danos à imagem da presidente. Ao contrário, com fama de "faxineira" da corrupção e gestora exigente, Dilma subiu no conceito da população.

Medidas de estímulo à economia evitaram reflexos mais graves no consumo e na taxa de desemprego. Prevaleceu, ao fim de um ano, a sensação de um país que continua a viver tempos de bonança.

Essa percepção esclarece em parte o salto captado pelo Datafolha: dos 48% de agosto, Dilma chega agora a 59%, resultado melhor que o colhido por todos os presidentes eleitos depois da ditadura militar. Com um ano no poder, Fernando Collor alcançava 23% de ótimo e bom; Itamar Franco, 12%; FHC, 41% (no primeiro mandato) e 16% (no segundo); e Lula, 42% e 50%, respectivamente.

A diferença em relação a Lula, até certo ponto surpreendente, pode ser explicada pelo fato de o antecessor ter sido obrigado, no primeiro ano, a debelar uma perigosa crise de desconfiança com medidas ortodoxas para conter a disparada da inflação.

Dilma, por seu turno, precisou apenas corrigir rumos. Beneficiou-se do crescimento econômico acumulado nos anos anteriores e da ligação estreita com o padrinho eleitoral. Mas também foi aos poucos ganhando luz própria. Recebeu FHC no Palácio da Alvorada e mostrou-se, até aqui, menos agressiva que Lula diante da oposição e do eleitorado não petista.

Há mais, porém. Ou melhor, menos: a presidente não anunciou medidas de impacto, não patrocinou reformas, não apresentou um plano de governo. É provável que parte do êxito derive justamente dessa atitude acomodada, de quem evita contrariar interesses e administra o país só no varejo.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_24\_janeiro-reportagem.24\_jan.doc.txt

CAPITAL DA REVOLUÇÃO

Em Homs, na Síria, é o governo de Assad que se queixa de ser alvo da violência de forças rebeldes

Uma rodovia de duas pistas ladeada por plantações de oliveiras, trigo e cevada é a primeira imagem da entrada de Homs, um dos centros da rebelião na Síria, prestes a completar um ano.

Mas a tranquilidade é apenas aparente. Precários postos de controle militar estão protegidos por pilhas de sacos de areia; outros são feitos com chapas de alumínio.

Em cada um há dois ou três soldados do governo e um civil armado, desempenhando funções de controle.

À esquerda o monte Líbano se eleva, a 20 km de distância, um dos corredores da entrada de armas para os rebeldes, muitas vindas de território libanês.

Em Homs, o regime do ditador Bashar Assad tem tido dificuldade em manter a situação sob controle, mesmo tendo enviado tanques.

Ativistas de oposição apontam a ocorrência de massacres cometidos pelo governo. A imprensa internacional tem

acesso restrito à cidade.

## LIXO NAS RUAS

As ruas conservam seu movimento, mas na Al Ghota – a avenida principal, onde está encravado um bairro misto de cristãos e muçulmanos – todos os estabelecimentos comerciais estão fechados.

Alguns proprietários que vivem do outro lado da cidade têm medo de deslocar-se, em razão dos ataques e dos sequestros.

Outros dizem que aderiram à greve geral na cidade, mas porque foram obrigados por grupos armados.

Em compensação, o mercado ("souk") da cidade vibra ao ritmo de seus comerciantes e dos compradores. Muitas mulheres vestem o "hijab", véu islâmico.

O cenário infunde certa aparência de normalidade à cidade, embora as ruas estejam cheias de sujeira porque os lixeiros têm medo de serem atacados enquanto fazem seu trabalho.

No Hospital Militar de Homs, forças de segurança do regime que dizem ter sido alvos de rebeldes mostram a situação tensa que vive o regime na cidade.

A Folha foi levada até lá pelo governo, interessado em mostrar vítimas entre suas tropas.

Mohammed Fuad, 22, está deitado num leito, com a cabeça ferida e queimaduras graves nas duas mãos.

Um grupo armado não identificado interceptou seu veículo e disparou aberta mente, sem dar tempo aos soldados de se defenderem. Foi uma emboscada, segundo ele, na qual se usaram pistolas e explosivos.

Do outro lado do quarto, Mohammed Alush, 35, distribuidor de verduras, encontra-se em situação delicada.

Seu braço e suas pernas foram destroçados em um tiroteio. Ele foi levado ao hospital porque não há leitos disponíveis nos centros de saúde para civis.

Alush, que estava em sua camioneta entregando batatas, foi interceptado no bairro de Tal Alshar.

Três mascarados cruzaram com o veículo e dois começaram a disparar.

"Não entendemos o que está acontecendo aqui", disse à Folha em voz baixa. "Queremos que a paz e a segurança voltem."

Alush é casado, tem quatro filhos e é alauíta, ramo do islã seguido por Assad.

Quando se pergunta a Alush se o ataque tem algo a ver com sua religião, ele não sabe explicar.

## FERIDOS

"Desde o início dos incidentes, recebemos entre 15 e 20 feridos diariamente, e 785 soldados já saíram mortos daqui", afirmou à Folha o general de brigada e médico Ali Mohammed Assi, diretor do Hospital Militar.

"Cerca de 85% dos pacientes são homens. Num primeiro momento recebíamos feridos a balas, mas nos últimos meses estamos recebendo pessoas com lesões provocadas por estilhaços de explosões de lança-granadas e outros artefatos", diz.

O próprio hospital exibe sinais de disparos em sua fachada.

"O que vem aumentando nos últimos tempos são os disparos na cabeça e na parte superior do corpo. É a especialidade dos franco-atiradores", comenta Assi.

Karen Marón

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_24\_janeiro-crónica.24\_jan.doc.txt

Sinal do recorde

Aprovação de Dilma é a negação do marquetismo como fator básico para o êxito na opinião pública

NA APROVAÇÃO recordista de Dilma Rousseff captada pelo Datafolha, uma indicação subjacente tem mais significados, para a atualidade política e cultural brasileira, do que a inesperada e larga ultrapassagem sobre as aprovações a Lula e a Fernando Henrique, iguais ao fim do seu primeiro ano de governo com 18 e 17 pontos percentuais a menos do que sua sucessora:

– A aprovação de Dilma Rousseff é a negação do marquetismo como fator básico e decisivo para o êxito na opinião pública.

A conduta de Dilma Rousseff ficou aquém, em tudo, do mínimo recomendável pelo marketing político. Nada de artifícios para criar eventos e situações que levem a demoradas e comentadas aparições nos telejornais, com bis nas primeiras páginas do dia seguinte. Solenidades palacianas, sempre as limitadas àquelas que ficariam incompletas sem a presença presidencial.

Nas falas necessárias, os improvisos, apesar de sua insegurança já diminuída, mas ainda traiçoeira, ganham a preferência por se permitirem maior brevidade. Sempre sem as elaborações demagógicas. Substituídas, quando seria

sua vez, por frases objetivas e com sua força produzida pela firmeza da elocução. Se não improvisadas, no papel as falas não saem do mesmo estilo.

Nada de angariar homenagens no exterior, à maneira de Fernando Henrique. E lá fazer programas turístico-culturais com um séquito de repórteres e câmeras previamente coordenados. Nem provocar encontros com ilustres, à maneira de Lula, para a demonstração de seus novos patamares também pelos continentes afora.

Vida em família é em família, descanso é descanso, o instante que daí chega às câmeras não é elaborado nem proibido – é só um trabalho de outros. No gestual, no vestir, nos aparecimentos comuns, não mais do que a elegância discreta, formal, também comum. Nada, nunca, nessa conduta, para ser, mais do que apenas visto, captado como desejo a pretensa criação marqueteira.

Haverá muitas explicações, convergentes ou não, para os 59% de aprovação recebidos por Dilma. Na aprovação vitoriosa que lhe é dada nos segmentos de renda e escolaridade mais altos, é provável, porém, que seja imprudente não considerar a ausência do marquetismo como fator, consciente ou não, da aprovação manifestada.

A par de concordâncias e discordâncias com atos de governante, aglomerou-se um senhor cansaço com o marquetismo que a todos perseguiu por anos. Diário, ininterrupto, repetitivo. Massacrante mesmo, e nisso, não tenhamos esta dúvida, intencional. A ver-nos todos como idiotas manipuláveis.

Graham Greene deu a um livro excelente o título de "O Fator Humano". É isso, e não o seu contrário – o marquetismo da artificialidade. Para não dizer, sem deixar de dizer, falsificação.

Janio de Freitas

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_24\_janeiro-entrevista.24\_jan.doc.txt

Nua há meio século

Há 50 anos, Vera França, 70, tem o mesmo ofício: servir de modelo nu para artistas. Abaixo ela conta sua trajetória e diz por que escolheu essa profissão

Eu gosto de ficar pelada desde pequena, quando ainda morava em Afogados de Ingazeira (PE), onde nasci.

Aprendi a andar a cavalo com meus primos, eu tinha uns 12 anos, e ia nua tomar banho no açude.

Minha professora falava: "Que menina safada, nua em cima de um cavalo!", e contava para o meu pai.

Apanhava, chorava, mas não adiantava: fazia de novo.

Quando fiquei mais mocinha, andava por aí só de saia. Meu pai brigava comigo, falava pra eu ficar dentro de casa, mas não adiantava.

Éramos 13 irmãos – era a mais velha, criei todo mundo. Dava pinga com rapadura para eles dormirem e ia até a janela namorar.

Meu nome não é Vera.

Em casa tinha muita Maria: Maria Josefa, Maria de Lourdes, Maria José.

Não gosto do meu nome de batismo, Maria das Dores. Se fosse Maria Antônia, até acharia bonito.

Um dia, ainda em Pernambuco, decidi comigo mesma: de hoje em diante, me chamo Vera. Não é que pegou? Tem muita gente que não sabe meu nome real.

Meu primeiro convite para posar como modelo nu aconteceu quando trabalhava num parque de diversões em Salvador.

Eu tinha 20 anos e queria ser bailarina de can-can, mas acabei virando Tanagra, a menor mulher do mundo. Um jogo de luz fazia com que as pessoas me vissem dentro de um aquário. Usava um biquini bem pequenininho, da cor da pele.

Um dia, um estudante de engenharia me viu no parque e perguntou se eu queria ser modelo de uma escola de belas artes de Salvador. "É o que eu mais quero, mas só se for uma coisa de respeito."

Na verdade, não sabia direito o que era – não sabia que era pra ficar pelada pros outros me desenharem.

Quando trabalhava em Salvador, conheci uma mulher chamada Maitê, de São Paulo. Ela tinha ido à Bahia de férias e aproveitou para procurar uma modelo. Mais ou menos um mês depois de conhecê-la, cheguei a São Paulo.

SÃO PAULO

Desembarquei do ônibus à meia-noite, era dia 3 de abril de 1966. A Maitê foi quem me apresentou ao Flávio de Carvalho, o primeiro artista para quem posei aqui, logo que cheguei.

Acabei ficando no apartamento dele, na avenida Ipiranga, número 81.

Um tempo depois de eu vir para São Paulo, minha família toda veio de Pernambuco para cá. Eles não implicavam com a minha profissão. Hoje, dos 13 irmãos, só eu e mais uma continuam vivas.

Continuei posando mesmo quando fiquei grávida da minha segunda filha, quando tinha 40 anos.

Quando fiz 50 anos de carreira, no início de 2011, alguns colegas fizeram questão de trazer um bolinho para

comemorar

Divido meu apartamento, no centro, com uma de minhas duas filhas e meus dois netos. Minhas poses continuam sendo importantes para pagar as contas da família.

Alexandre Aragão

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_28\_fevereiro-crónica.28\_fev.doc.txt

Oscar 2012! Engolimos um sapo!

Ah, não, perder pra sapo? Não teve um maluco pra subir no palco e rasgar o envelope?! Rarará!

BUEMBA! BUEMBA! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República!

Oscareta 2012! Perdemos! Prum sapo: "Música de 'Os Muppets' derrota 'Rio', de Brown". Ah, não, perder pra sapo?

Vamos ter que engolir esse sapo! Pior, perdemos mais um mês de Carnaval na Bahia! Por causa de um sapo! O Oscar foi pro pro brejo! Rarará!

Não teve um maluco pra subir no palco e rasgar o envelope?! E eu tava torcendo pro Carlinhos Brown e pra Meryl Streep! E o Brown ganhou um Oscarajé!

E tão dizendo que o Brasil só vai ganhar um Oscar quando o Timão ganhar a Libertadores! Rarará!

E o brega carpet?! A Jennifer Lopez tava um Drahma! E se a Angelina Jolie emagrecer dez gramas ela some no tapete!

Um cara no meu Twitter disse que ela tá a cara da Noiva Cadáver! Não deve comer nada, se vê uma fatia de abacaxi, grita: "OBA!" Rarará!

E as bocas do red carpet? Todas com boca de bico de ténis Conga! E haja silicone! Se em 3032 os arqueólogos forem estudar as ruínas do red carpet só vão encontrar prótese de silicone! Silicone não é biodegradável!

E o Oscar de melhor maquiagem: Rubens Ewald Filho no TNT! Rarará! E pra tirar aquele monte de pancake do tapete vermelho? Só o pancake do Billy Cristal dava pra fazer dois "Avatar"!

E o Ricardo Teixeira devia ser indiciado pro Oscar! Rarará! E eu insisto em Oscar de melhor DVD pirata. Porque contravenção é mais criativa. Por isso mesmo! Numa banca da 25 eu encontrei "Histórias Cuzadas", "Garfeld", "Idalús" e "Temos Shrek Dubrado". O "Shrek Dubrado" não merece um Oscar?

E a fabulosa Meryl Streep em "A Dama de Ferro"? "A Dama de Ferro" enferrujou. E quando eu vi o título deste filme, "A Dama de Ferro", pensei que era a vida da Dilma. Mas a Dilma não é Dama de Ferro, é Mão de Ferro. Rarará!

E uma amiga me dizia que tinha três ícones: Madonna, Evita e Margaret Thatcher. Duas pês e uma filha da pê! Rarará!

E eu sempre digo que a estatueta do Oscar é gay: marombada, dourada e com uma espada na mão! Rarará! E como disse aquele outro: tudo bem a gente perder pros Muppets. Engolir sapo é com brasileiro mesmo. Rarará! Nós sofre, mas nós goza!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

José Simão

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_28\_fevereiro-entrevista.28\_fev.doc.txt

Minha história. Vítor Suarez Cunha, 21

Sou um garoto comum

Chamado de herói por defender mendigo, rapaz espancado diz que queria apenas conversar

Vítor Suarez Cunha, 21, foi chamado de herói na TV e nas redes sociais depois de espancado no dia 2, na Ilha do Governador, no Rio. Teve 15 fraturas no rosto, que lhe valeram 8 placas de titânio, 63 pinos e uma cicatriz no crânio, de orelha a orelha. Ele e testemunhas dizem que os agressores haviam sido reprimidos por terem chutado um mendigo.

Morei quase a vida inteira na Ilha do Governador, que é como uma cidade do interior, todo mundo se conhece. Meus pais se separaram quando eu era pequeno, e moramos um tempo na casa da minha avó.

Dividíamos um quarto eu, meu irmão mais velho, minha mãe e minha tia. Só mais tarde minha mãe comprou um apartamento de sala e quarto.

Estudei até a 8ª série na Lemos Cunha [escola particular] porque minha mãe trabalhava lá e a gente tinha bolsa. Ela é formada em serviço social e conseguiu essa vitória de trabalhar na prefeitura. Trabalha no abrigo Stella Maris, para moradores de rua.

No ensino médio tive uma fase de rebeldia. Morei dois meses com meu pai, mudei várias vezes de colégio. Estudei

eletrônica na Faetec [escola técnica do Estado] e desisti. Fiz supletivo e estou no 6o período de desenho industrial na Gama Filho [universidade privada].

Trabalhei desde cedo de garçom, vendedor. Na faculdade estagiei numa malharia, fazendo o site, e numa editora de marketing médico. Ganhava R\$ 600. Tinha acabado o estágio e estava de férias, ia viajar no Carnaval para Saquarema [litoral fluminense].

Sempre saio na praça em que aconteceu aquilo. É o que tem para fazer na ilha. Um amigo tem um carro com som, a gente compra umas cervejas e fica conversando.

No dia estava com o Kleber [Carlos Silva] e mais dois amigos [um casal], num quiosque. O morador de rua estava deitado, desacordado, e começaram a chutá-lo. O Kleber se levantou. Vi ele argumentando e fui argumentar porque conhecia um dos rapazes, o Tadeu [Assad Ferreira].

Falei: "Cara, para com isso". E ele: "Meu pai vai chegar aqui de manhã para caminhar e vai ver essa sujeira". Daí veio o William [Bonfim Nobre Freitas] e começou a me agredir.

Quiseram que eu brigasse com o Tadeu. Não topei, mas ele veio para cima de mim e me bateu, ia fazer o quê? Daí cinco pessoas me cercaram. Fiquei desmaiado, tomei chute, acordei e ainda estava tomando porrada. Acho que seguraram o Kleber. Só batiam na cabeça. Cheguei a mijar nas calças. Gritei de desespero.

Fui para a casa do Kleber, mas não aguentei, e ele me levou para o hospital.

Não sou super-homem, não fui lá para falar: "Parem, estou mandando". Fui conversar. Foi a educação que tive; todos da minha família não conseguiriam ver essa injustiça.

Acompanho política sim. Todo cidadão tem que entender o que acontece porque pagamos imposto. Gosto de videogames, buraco, de jogar papo fora. Sou um garoto comum.

Claudia Antunes

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_28\_fevereiro-notícia\_1.28\_fev.doc.txt

Aliado a tucanos em SP, PSB apoiará Haddad, diz presidente do partido

Eduardo Campos se encontrou com Dilma e convocou reunião da legenda

Presidente nacional do PSB, o governador de Pernambuco, Eduardo Campos, informou por meio de sua assessoria que o partido deverá apoiar a candidatura do petista Fernando Haddad para a Prefeitura de São Paulo.

Isso apesar de a legenda integrar o governo do tucano Geraldo Alckmin e ser aliada de primeira hora de Gilberto Kassab (PSD), ambos comprometidos com a candidatura de José Serra (PSDB).

Ontem, Campos jantou com a presidente Dilma Rousseff e, antes, telefonou para integrantes do PSB de São Paulo convocando-os para reunião amanhã em que anunciará sua preferência.

O gesto tem apoio dos vereadores do PSB que temem desaparecer numa coligação da magnitude da liderada por Gilberto Kassab.

Ao apoiar Haddad, Campos tenta ganhar pontos contra o PMDB na disputa pelo lugar de parceiro preferencial do PT nas eleições de 2014.

Também faz parte do acerto, conduzido pelo ex-presidente Lula, que o comando nacional do PT sufoque rebelião contra a reeleição do prefeito de Belo Horizonte, Márcio Lacerda, do PSB.

A operação faz parte de uma ofensiva para impedir o isolamento da candidatura de Haddad. Isso inclui pressão sobre Dilma para que ela atenda PR e PDT na Esplanada dos Ministérios.

Pelo acordo em gestação, o Ministério dos Transportes será ocupado por um político indicado pelo PR.

Na semana retrasada, líderes do partido apresentaram suas indicações – lista encabeçada pelo vereador Antônio Carlos Rodrigues e por Cesar Borges – à ministra Ideli Salvara (Relações Institucionais).

O PT também procurou Paulo Pereira da Silva (PDT). Ele resiste ao nome de Vieira da Cunha (RS), favorito de Dilma, para o Ministério do Trabalho. Mas, a pedido do PT, deverá concorrer à prefeitura em vez de apoiar Serra.

Em agenda na zona norte, Haddad se disse "tranquilo".

"Eu não via com conforto a possibilidade de aliança com a atual administração. (...) Vou poder representar melhor as ideias em que acredito."

O presidente do PT, Rui Falcão, também retomou o discurso de oposição. "Não podemos nos esquecer que a cidade está devastada."

Cátia Seabra \* Natuza Nery

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_28\_fevereiro-notícia2.28\_fev.doc.txt

Entulho resultante do incêndio se torna um problema ambiental

A retirada de entulho resultante do incêndio na estação brasileira Comandante Ferraz, na Antártida, sem que haja agressões ao frágil ecossistema local é uma das principais preocupações do governo no momento.

Na madrugada de sábado, o incêndio destruiu as instalações da estação, deixando dois mortos e um ferido.

A limpeza do sítio determinará o prazo de reconstrução, estimado em até três anos por alguns pesquisadores e em nove meses pelo ministro Celso Amorim (Defesa).

A baía do Almirantado, onde Ferraz está situada, é área de proteção especial. É proibido jogar esgoto no mar e todo o lixo produzido precisa ser levado para o Brasil.

A se confirmar o prognóstico de perda total da base, (cujo complexo tem 2.250 m<sup>2</sup>), seus restos se converterão em lixo potencialmente tóxico. Há combustível, esgoto e produtos químicos que podem contaminar solo e água.

"Ainda estamos no período de chuva. Com a água, produtos químicos podem escorrer e pôr em risco a flora e os organismos marinhos", diz Verônica Vallejos, do Instituto Antártico Chileno, vice-presidente do CEP (Comité de Proteção Ambiental) do Tratado da Antártida.

Segundo ela, o tratado, que regula todas as atividades no continente, não estabelece prazos para a retirada dos restos, nem pode impor multas por dano ambiental. O que se espera, porém, é que o país apresente ao CEP um plano de remediação.

A ministra Izabella Teixeira (Meio Ambiente) diz que traçar o plano dependerá de relatório da Marinha sobre a extensão do dano. "A gente não sabe nem o que perdeu."

Vallejos reconhece, porém, que a limpeza de Ferraz vai demorar, porque o inverno antártico começa em um mês. Até outubro, pelo menos, o acesso à região por navio é dificultado pelo gelo.

Segundo um interlocutor da Defesa, é difícil estimar prazo para tirar material tóxico por causa da "complexidade" do ambiente e porque é preciso estabelecer um plano para minimizar os danos.

"Uma obra nova terá de tirar todo o lixo e isso é operação para um verão inteiro", afirma Francisco Aquino, pesquisador da UFRGS.

Cláudio Angelo \* Simone Iglesias

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_28\_fevereiro-opinião1.28\_fev.doc.txt

Oportunidade

Países aproveitaram seus bônus demográficos para enriquecer; para o Brasil, a oportunidade é agora

Até os mais pessimistas concordam que o Brasil vive um dos bons momentos de sua história. Atravessou sem traumas a crise financeira de 2008, provocada pelos Estados Unidos, e parece fazer o mesmo na atual crise da Europa.

Desde o início do século, a economia brasileira foi beneficiada pelo duradouro movimento de alta dos preços das commodities em geral, decorrente, em grande parte, da demanda da China. Por aqui, políticas eficientes de distribuição de renda, durante muitos anos desprezadas pelo poder público, acabaram sendo adotadas e deram importante impulso ao mercado interno.

Essa ampliação do consumo interno não ocorreu devido a nenhuma política genial. Fez-se o óbvio. Aos que sofrem pela miséria ofereceu-se uma renda mínima, por meio dos programas sociais, para que pudessem pelo menos ter acesso a itens essenciais. Aos assalariados de baixíssima renda concedeu-se um salário mínimo mais elevado, com reajustes anuais acima da inflação. Aos demais cidadãos, ampliou-se a capacidade de acesso ao crédito, ainda que as taxas de juros continuem altas demais.

Tudo isso se deu em um ambiente econômico de relativa estabilidade monetária, conseguido desde o lançamento do Plano Real, em 1994.

Não estou aqui para sustentar que o país não tem problemas. Na verdade, tudo o que foi feito é apenas o começo. Falta um eficiente sistema de educação pública, o atendimento no setor da saúde é vergonhoso e a infraestrutura precária exige recursos e agilidade para ser transformada. A própria indústria, setor no qual sempre trabalhei, encontra-se em um momento crucial, sendo assolada pela competição externa e sem condições de reagir, à espera de mudanças no câmbio e nos custos internos.

Mas isso é outra história. O objetivo aqui é lembrar que o Brasil tem, apesar dos problemas, uma oportunidade histórica de enriquecer. Isso é o que pensam as pessoas que observam nosso país lá de fora. Há até um sentimento explícito de inveja nos comentários de quem com para as condições de países europeus com as do Brasil de hoje.

Se prevalecer o bom-senso, vem aí, com toda certeza, um novo ciclo de prosperidade, decorrente dos pesados investimentos que estão sendo feitos no setor de energia, especialmente no de petróleo. A exploração das gigantescas reservas do pré-sal tendem a proporcionar grande afluxo de riqueza para o país.

Não fosse tudo isso, o país vive um período de bônus demográfico, porque a maioria da população está em idade economicamente ativa. Há hoje, no país, mais de 130 milhões de pessoas na faixa de 15 a 64 anos, 67% da população total.

Ter essa parcela da população majoritária em relação à camada de dependentes (velhos e crianças) é uma dádiva que precisa ser aproveitada, porque ela vai durar apenas uns 20 ou 30 anos.

Em 2020, segundo as previsões do IBGE, esse bônus demográfico será ainda maior, quando a população em plena atividade alcançará 71% do total dos brasileiros. A partir de 2025, o número de idosos começará a crescer, o que determinará a diminuição gradual dessa vantagem demográfica.

Entre 1965 e 1990, a Coreia do Sul, por exemplo, passou por um período de bônus demográfico e soube aproveitá-lo – seu PIB aumentou 88 vezes nesse período, de US\$ 3 bilhões para US\$264 bilhões. Os chineses se beneficiam neste momento de sua estrutura etária favorável, decorrência do rigoroso controle de natalidade imposto no país na segunda metade do século passado.

O Brasil precisa aproveitar essa benesse demográfica. Manter crescimento do PIB em pelo menos 5% a 6% ao ano é fundamental. Políticas públicas devem ser capazes de absorver a mão de obra disponível em grande quantidade e dar incentivo à produção e à produtividade internas. Além disso, o momento exige planejamento cuidadoso de políticas para a educação da imensa massa de pessoas em idade produtiva e para cuidar de sua saúde.

EUA, França, Alemanha, Coreia, Japão e outros países aproveitaram seus bônus demográficos para enriquecer com democracia. Para o Brasil, pelo menos neste século, não haverá uma segunda janela demográfica. A oportunidade é agora.

Benjamin Steinbruch

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_28\_fevereiro-opinião2.28\_fev.doc.txt

Impunidade no poder

Lentidão no julgamento de políticos e autoridades não é fruto só do chamado foro privilegiado, mas de toda uma cadeia de ineficiências

Em abril de 1997, o Ministério Público Federal em Cuiabá começou a investigar a existência de fraudes na distribuição de incentivos fiscais por intermédio da antiga Sudam (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia). O órgão era, à época, um feudo político controlado pelo então líder do PMDB no Senado, Jader Barbalho.

Cinco anos depois do início das apurações, em setembro de 2002, teve início a ação penal contra o político paraense e mais 49 pessoas. Eleito deputado naquele ano, Barbalho fez valer a prerrogativa constitucional que lhe garantia julgamento em instância superior. Pediu que o processo fosse encaminhado ao Supremo Tribunal Federal – aonde chegou após dois anos e meio de espera e onde, entre idas e vindas, se arrasta sem solução até os dias de hoje.

O caso ilustra bem o quadro de impunidade que beneficia políticos acusados de praticar crimes.

A situação, exasperante, gerou uma iniciativa popular que culminou na recente aprovação da Lei da Ficha Limpa, que poderá cumprir papel depurador, mas não é a solução para os problemas.

Caderno especial publicado no domingo por esta Folha mostrou que uma cadeia de ineficiências conspira em favor da lentidão em ações contra deputados, senadores e outras autoridades com direito ao chamado foro privilegiado.

Para alguns, esse instituto – que remete para o STF processos contra ocupantes de determinados cargos federais – é o verdadeiro responsável pelo descalabro.

O julgamento em instância superior, contudo, não representa em si uma prerrogativa indevida. Em tese, nesse patamar da Justiça as conclusões poderiam ser mais rás: pidas, além de menos sensíveis a pressões políticas, vez que as opções de recurso se estreitam e os juízes são mais experimentados.

Não é, entretanto, o que se observa. Ministério Público, Polícia Federal e STF não conferem a tais inquiridos a atenção que seria de esperar. Ao contrário, as investigações, na PF, alongam-se além do normal; os processos, na Procuradoria, estacionam numa espécie de hiato jurídico; e ministros do STF declaram-se assoberbados para justificar a vagarosidade.

É difícil crer que o fim do foro privilegiado resolva a questão. É verdade que a proposta do ministro Celso de Mello – interpretar a norma constitucional de forma mais restrita, reservando o julgamento em instância superior aos "delitos cometidos em razão do ofício" – poderia representar um alívio.

As dificuldades, porém, são muito mais amplas e profundas. Elas dizem respeito ao próprio funcionamento das instâncias encarregadas da investigação e do julgamento de crimes no país. Afinal, como sabem todos, não é apenas no caso de políticos que a impunidade prospera e que o aparato policial e judiciário se mostra lento e ineficaz.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_28\_fevereiro-reportagem.28\_fev.doc.txt

Agência classifica dívida grega como 'calote seletivo'

Decisão tem relação com dispositivo que permite a Atenas impor a credores desconto em seus títulos

Notícia vem no mesmo dia em que Parlamento alemão aprova sua participação no pacote de ajuda à Grécia

A agência de classificação de riscos Standard & Poor's rebaixou ontem à noite a nota da Grécia para a categoria de calote seletivo.

A justificativa são os termos que o país oferece para o acordo com os credores do setor privado.

A Grécia implementou a chamada cláusula de ação coletiva, dispositivo que permite ao país – ao obter as respostas de 50% dos credores, com dois terços favoráveis ao perdão voluntário – forçar os demais a também aceitar as perdas.

A própria agência admite, contudo, que elevará a classificação do risco da Grécia para "CCC", nota que ainda demonstra risco de inadimplência, caso esse acordo seja bem-sucedido.

O presidente do conselho de ministros das Finanças da zona euro, Jean Claude Juncker, rapidamente enviou um comunicado à imprensa declarando que esse rebaixamento já estava previsto e foi levado em consideração pelas autoridades na elaboração do plano.

A Grécia tem até o dia 12 de março para concluir a operação com os credores, uma das exigências da "troica" (Banco Central Europeu, Comissão Europeia e Fundo Monetário Internacional) para a liberação de um novo auxílio financeiro.

ALEMANHA

Também ontem, mesmo com a opinião pública reticente, o Parlamento alemão aprovou a participação do país nesse segundo pacote de resgate à Grécia.

Com isso, a Alemanha deve contribuir com €36 bilhões dos €130 bilhões que serão emprestados a Atenas para que o país consiga evitar um calote, ao menos no curto prazo. No dia 20 de março, a Grécia precisa pagar parte da dívida, de €14,5 bilhões.

Há duas condições para que a parte alemã do empréstimo seja efetivada: a Grécia deve implementar as reformas e medidas de austeridade que prometeu e o acordo com os credores privados precisa ser bem-sucedido.

Em seu discurso para defender o empréstimo, a chanceler Angela Merkel declarou que, embora haja riscos e o pacote possa não ser a solução definitiva, é preciso manter a zona do euro intacta.

"A Europa fracassará se o euro fracassar. A Europa vencerá se o euro vencer", afirmou. Sua coalizão, contudo, já tem dúvidas sobre a moeda única continuar na Grécia.

No fim de semana, o ministro do Interior, Hans-Peter Friedrich, declarou à revista "Der Spiegel" que o país mediterrâneo teria mais chances de recuperar sua economia se abandonasse o euro. Pressionado, Friedrich voltou atrás e votou favoravelmente ao empréstimo.

Nesta semana, os líderes europeus se reunirão para discutir aumento do fundo europeu permanente de resgate a países em crise.

Rodrigo Russo

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_31\_janeiro-entrevista.31\_jan.doc.txt

Fidel criou o produto de marketing que se chama Revolução Cubana

Escritora exilada na França, que lança o livro "O todo cotidiano" e estará na Flip, diz que a presidente Dilma deveria conversar com oposição de Cuba

Pouco antes de a escritora Zoé Valdês nascer em Havana, em 1959, Che Guevara (1928-1967) colocou na barriga de sua mãe uma bandeira cubana. A revolução tinha quatro meses.

O líder Camilo Cienfuegos presenciou a cena. Trinta e cinco anos depois, Valdés se exilou em Paris e passou a ser uma feroz dissidente.

Para ela, a Revolução Cubana é um produto de marketing. Defende que a presidente Dilma Rousseff, que visita o país, se reúna com as posicionistas Damas de Branco.

Mesta entrevista, concedida por telefone de Paris, ela diz que não é de extrema direita, mas de centro. Votou em Nicolas Sarkozy nas últimas eleições. Estará no Brasil na próxima Flip, que acontece entre 4 e 8 de julho.

Folha – Como a sra. começou a escrever?

Zoé Valdês – Por volta dos 11 anos, comecei a fazer diários e poemas. Era asmática e vivia num quarto numa espécie de favela. Minha avó era atriz de teatro e trazia livros e peças para ler.

Lia Júlio Verne, [Charles] Baudelaire, "As Flores do Mal". Minha mãe me deu "Dom Quixote" quando fiz 12 anos. Li "Moby Dick", Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Marcel Proust.

Seu livro "O Todo Cotidiano" é autobiográfico?

É bastante autobiográfico, mas é um romance. O personagem de Yocandra, que é uma mistura de Jocasta com Cassandra, tem muito de mim, mas é um personagem mais de romance do que real. A primeira parte do livro, "O Nada Cotidiano", é sobre o que eu vivi em Cuba no período especial, um momento muito precário, de 1993 a 1994. "O Tudo Cotidiano", a segunda parte, é sobre o exílio, que tem o que vivi misturado com a experiência de outras pessoas.

O tom é muito político. Por que a sra. rompeu com o regime cubano?

Rompi com o regime, mas não com Cuba. Foram eles que romperam comigo. Quando se publicou "O Nada Cotidiano" na França, mandaram uma mensagem dizendo que eu não poderia voltar a Cuba, Sou "persona non grata" em meu próprio país. Mas não acho que seja um livro muito político, é um livro de amor.

Como a sra. explica que o regime continue forte depois de tantos anos?

Fidel Castro, que tinha uma admiração enorme por Hitler, soube aperfeiçoar o horror e criar um produto de marketing que se chama Revolução Cubana. Descendemos dos índios tainos, os mais inofensivos.

Os espanhóis os exterminaram, mas a alma dos tainos ficou. Uma mescla nefasta entre essa inocência e a ignorância dos cubanos permitiu que o regime fosse implantado com tal força. Creio que hoje muito poucos cubanos apoiam esse regime, mas têm medo.

Mas não há coisas boas? A desigualdade é pequena e os sistemas de saúde e educação têm bons resultados, não?

São pontos muito comparáveis com o nazismo. Durante o nazismo, a desigualdade era ótima e a educação era muito boa, os hospitais, extraordinários e a economia, magnífica. Hoje os hospitais para os cubanos são péssimos, e as pessoas morrem por falta de medicamento e de atendimento médico correto.

As crianças cubanas nada sabem da história de Cuba, de José Martí. A única coisa que sabem é que há cinco heróis presos nos EUA, que Fidel Castro é bom. Falam como robôs.

Como explica a força da Imagem de Che Guevara?

É uma imagem que surgiu no Maio de 68 aqui da França. É uma foto, mais que um personagem, é um aventureiro, um homem que foi comunista. Apesar dos horrores do comunismo, ser comunista segue sendo positivo para alguns.

O que a sra. pensa da viagem da presidente Dilma a Cuba?

Ela vai por razões econômicas. Tenho grande admiração por Dilma Rousseff. Não tenho nenhuma admiração pelos guerrilheiros nem pelo passado guerrilheiro dessa senhora Mas essa senhora soube evoluir.

Depois do assassinato de Wilman Villar Mendonza [morto no dia 19/1, em greve de fome], tanto Dilma Rousseff quanto o papa deveriam cancelar suas idas a Cuba. Mas creio que não o farão.

Penso que Dilma Rousseff, que teve um gesto muito bom dando o visto a Yoani Sanchez, tem que compreender é que o problema de Cuba não é somente Yoani Sanchez: são 11 milhões de cubanos que vivem como escravos e presos na ilha de Cuba.

Creio que ela [Dilma] deveria se reunir com a oposição, com as Damas de Branco. Deveria ver a viúva de Wilman, que perdeu seu marido numa greve de fome. E falar também de economia. Os interesses econômicos às vezes primam desgraçadamente sobre os interesses dos seres humanos.

Um personagem do livro fala que prefere Batista a Castro. A sra. concorda?

Sempre me disseram que Fulgêncio Batista (1901-1973) [ditador cubano deposto em 1959] era pior do que Fidel. Mas Fidel, por anos-luz, é muito pior do que Batista.

Como a sra. se define politicamente?

Dizem que eu sou uma pessoa de extrema direita. Não sou de extrema direita. Sempre me identifiquei com a esquerda. Quando me exilei, vi como a esquerda se comportou comigo. Eu me situo numa espécie de centro, de independência política.

Na democracia é preciso ouvir o que as pessoas têm a dizer, à direita e à esquerda. Temos que ouvir a todos.

Qual será o seu próximo livro?

Tenho três romances sobre três mulheres. Dois estão escritos. O primeiro, publicado na Espanha, é "Caçadora de Astros", sobre uma pintora. O segundo é sobre três dias na vida de Dora Maar. O terceiro é sobre a antropóloga cubana Lydia Cabrera. São três mulheres relacionadas com o fascismo e com o comunismo por diferentes razões.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_31\_janeiro-notícia1.31\_jan.doc.txt

PDT indica a Dilma dois nomes para substituir Lupi no Trabalho

A presidente Dilma Rousseff recebeu na semana passada indicação de dois nomes do PDT para assumir o Ministério do Trabalho: o deputado Vieira da Cunha (RS) e o secretário-geral do partido, Manoel Dias.

Os nomes foram apresentados pelo presidente nacional do PDT, Carlos Lupi, em reunião no Planalto. Ele deixou o ministério no ano passado envolvido em suspeitas de irregularidades.

"O nome depende mais do perfil que a presidente quer do que da nossa vontade. Mas é pouco provável [que ela escolha um técnico] porque o Ministério do Trabalho é eminentemente político", disse o ex-ministro.

Dilma tem um bom relacionamento com os dois cotados desde a época em que era filiada ao PDT, mas deverá optar por Vieira da Cunha.

O deputado Brizola Neto, que vinha disputando a indicação, perdeu o apoio do partido depois que passou a fazer críticas públicas a Lupi, que voltou ao comando partidário dia 9 de janeiro.

Ontem, Brizola Neto disse que o retorno de Lupi deveria ter passado por análise do diretório porque denúncias não foram esclarecidas.

Um grupo liderado pelo ex-deputado Vivaldo Barbosa apresentou pedido de saída de Lupi da presidência, mas não chegou a ser votado.

O presidente do PDT disse que não deixará o cargo antes de março de 2013, quando se encerra seu mandato.

Simone Iglesias

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_31\_janeiro-notícia2.31\_jan..doc.txt

TJ-SP investiga pagamentos fora do contracheque a juízes

Valores teriam sido depositados na conta de 29 desembargadores de 2006 a 2010

CNJ diz que não há regra específica para registrar remunerações, mas situação dificulta investigação da corte

O Tribunal de Justiça de São Paulo investiga se pagamentos privilegiados para 29 desembargadores entre 2006 e 2010 foram feitos diretamente nas contas correntes dos magistrados, sem registro em contracheques.

"Essas antecipações possivelmente tenham sido pagas dessa maneira. Verificaremos nossas fichas financeiras", diz o recém-empossado presidente do TJ, Ivan Sartori.

Segundo o CNJ (Conselho Nacional de Justiça), órgão responsável pelo controle administrativo dos tribunais, "não há nenhuma disposição específica em lei geral sobre como devem ser preenchidos os documentos comprobatórios de remunerações".

Porém, o presidente do TJ lembrou que pagamentos fora do padrão e sem emissão de contracheques já causaram indignação no tribunal em 2010, na gestão do desembargador Antonio Carlos Viana Santos, morto em janeiro de 2011, e geraram pedidos de regularização pelos juízes.

"Seriam pagamentos irregulares em termos de formalização pelos contracheques. Mas os créditos ocorreram e eram detectáveis em folha de pagamento", disse Sartori.

Magistrados ouvidos pela Folha reclamaram que a não emissão de contracheques muitas vezes impossibilitou a identificação dos depósitos em suas contas correntes.

A falta de transparência na corte é agravada pela dificuldade de obter informação no setor de folha de pagamentos. A recusa em fornecer dados sobre remunerações causou a primeira rusga significativa do tribunal com o CNJ.

Em 2009, após alerta da entidade de servidores Assojuris, o conselho constatou que o TJ fez depósitos fora dos contracheques para juízes.

O então presidente do TJ-SP, Roberto Vallim Bellocchi, negou-se a fornecer ao CNJ comprovantes dos pagamentos daqueles que recebiam o chamado "auxílio-voto", espécie de comissão extraordinária por votos proferidos.

Relator do caso, o então conselheiro Joaquim Falcão constatou que o "auxílio-voto" permitia driblar o teto constitucional dos juízes.

Pretendia-se verificar se pagamentos de remuneração haviam sido contabilizados como indenizações, evitando a incidência de impostos.

A Folha procurou Bellocchi por meio do TJ, da Associação Paulista de Magistrados e de seu ex-escritório, mas o

magistrado aposentado não foi localizado.

Em 2010, a gestão de Santos relatou ao CNJ que as verbas sem contracheques constaram de "folhas complementares" e de "atestados de rendimentos" pagos aos juízes.

Frederico Vasconcelos \* Flávio Ferreira

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_31\_janeiro-opinião1.31\_jan.doc.txt

Caso das embalagens tem 4 partes diretamente afetadas

O acordo que restringe a distribuição gratuita das sacolinhas plásticas no comércio de São Paulo deixa dúvidas sobre quem saiu ganhando. Encontramos quatro partes diretamente afetadas: meio ambiente, comércio, governo e consumidor.

O meio ambiente tem sido um dos grandes motivadores das mudanças de comportamento dos cidadãos e das organizações, que repensaram estilo de vida e processo de produção, dado que a capacidade do planeta está cada vez mais comprometida pelo aumento da população e do consumo. A medida contra a distribuição das sacolinhas busca reduzir a quantidade de lixo plástico.

No entanto, parece-me que o impacto real em todo o ciclo de vida da sacolinha convencional e das alternativas disponíveis não foram devidamente considerados.

Várias pesquisas mostram o quanto a sacolinha convencional polui por ser derivada de um recurso natural não renovável – o petróleo. Outras, no entanto, indicam que, se reutilizada, pode até ser mais sustentável.

Em relação ao consumidor, que em grande parte reutilizava a sacolinha para lixo de banheiro e de cozinha, a medida provocará uma mudança no comportamento e um aumento no orçamento mensal, com a compra de saco de lixo e de sacola biodegradável ou retornável.

O comércio teve de se estruturar para fornecer as novas sacolinhas biodegradáveis, bem como para "treinar" seus funcionários a respeito dos motivos da mudança.

O custo que antes lhes pertencia (alguns bilhões de reais) está sendo repassado aos consumidores, aumentando a margem do setor.

Questiono se o que está sendo "gasto" em campanha promocional e todo o lixo gerado (panfletos, outdoors etc.) têm, na verdade, como motivador a sustentabilidade. Além disso, o slogan "Salve o planeta", no caso das sacolinhas, é apelativo e vazio.

O governo, por sua vez, ao não ter uma estratégia articulada e estruturada em relação ao meio ambiente e à sustentabilidade de forma mais ampla, contenta-se com ações pontuais e fracas.

O que mais incomoda é que, ao analisar os interesses em jogo, parece que os recursos naturais e a sustentabilidade estão sendo um meio, e não um fim.

Tudo isso me lembra de quando morei na Holanda, onde existe um sistema a respeito da separação, do acondicionamento e da destinação final do lixo. Estrutura que o Brasil está longe de ter.

O varejo brasileiro, em parceria com os governos, poderia reverter parte da economia com as sacolinhas para apoiar o desenvolvimento de uma estrutura de gestão de resíduos adequada no país.

Priscila Borin Claro

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_31\_janeiro-opinião2.31\_jan.doc.txt

Armadilha fiscal

Superavit acima do esperado em 2011 não autoriza alívio; gastos federais ainda comprimem espaço para elevar a taxa de investimento

O governo federal poupou cerca de R\$ 10 bilhões além do que previra para 2011 no esforço de gerar superavit em suas contas. A notícia chegou enquanto se travam duras discussões a respeito do Orçamento de 2012, que será decidido por decreto pelo Executivo com base na autorização de despesa aprovada pelo Congresso.

Os adeptos do relaxamento fiscal consideram que o investimento federal no ano passado foi muito baixo, por força do controle de gastos. Padrão idêntico, argumentam, reduziria o crescimento desejado pelo Planalto em 2012.

R\$ 10 bilhões equivalem a cerca de 0,24% do PIB. A poupança de todo o setor público em 2011 pode ter ficado em 3,2% do PIB, desconsideradas as despesas com juros.

Se o investimento produtivo é tão pequeno (o do governo em particular), e se o montante em questão parece ínfimo,

por que não autorizar mais despesas?

Formulada assim, a questão perde de vista o quadro mais geral dos problemas fiscais neste ano. Em primeiro lugar, há o risco de a elevação da receita ser inferior ao do espetacular resultado de 2011.

Além disso, a despesa federal crescerá ao menos em R\$ 23 bilhões, devido ao novo valor do salário mínimo. O governo pode perder outro tanto em receita com as reduções de impostos para empresas decididas em 2011. E despenderá mais com o seguro-desemprego.

O superavit fiscal é composto, vale lembrar, também pelas poupanças de Estados e municípios. Em ano eleitoral, obviamente, suas despesas tendem a aumentar.

É preciso considerar, também, que gastos adicionais do governo estimularão a demanda, no momento em que o país ainda se debate com a inflação alta. Despesas menores tendem a favorecer reduções da taxa de juros pelo Banco Central, pois esta se torna menos crucial para manter as pressões inflacionárias sob controle.

O debate sobre mero 0,24% do PIB indica quão engessada se encontra a despesa pública. O aumento dos gastos obrigatórios restringe as opções para empreender o ajuste fiscal, confinando-as à rubrica vital dos investimentos. Por fim, a despesa do setor público com juros foi de cerca de 5,8% do PIB em 2011. Descontada a poupança primária, os vários níveis de governo têm deficit de 2,6% do PIB.

O setor público apresenta saldo negativo alto mesmo após anos de crescimento do PIB e de excepcional aumento da receita de impostos. Com mais equilíbrio, teria sido possível provocar uma rápida queda da dívida pública e, por conseguinte, da taxa de juros e da despesa financeira que sua alta acarreta – um dos mais ineficientes e injustos componentes do gasto público.

Não parece haver, assim, alternativa de curto prazo à manutenção da disciplina fiscal estrita, ao menos enquanto a dívida permanecer elevada e dispendiosa.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_31\_janeiro-reportagem.31\_jan.doc.txt

Europa aprova multa contra país gastador

Limite do endividamento para membros da União Europeia será de 60% do PIB; deficit não poderá ultrapassar 0,5%. Mudanças precisam ser ratificadas pelos Parlamntos de cada país; Reino Unido não aderiu ao acordo. Reunidos em Bruxelas, os líderes europeus aprovaram ontem uma penalidade para países que descumprirem uma "regra de ouro" fiscal que deverão incluir em suas Constituições.

Por ela, têm de ter dívida pública de até 60% do Produto Interno Bruto e deficit orçamentário de até 0,5%.

Os descumpridores estarão sujeitos a multas de até 0,1% de seu PIB, aplicada pela corte de Justiça europeia.

Hoje, só a Suécia e a Estônia respeitam os limites estabelecidos.

Dos 27 países da União Europeia, apenas o Reino Unido e a República Tcheca optaram por não adotar essas regras.

Mas prometeram não bloquear as mudanças.

A assinatura final do tratado deve acontecer na próxima reunião dos líderes europeus, prevista para o começo de março.

Ontem, em reunião em Bruxelas, foi possível notar uma mudança de discurso: a austeridade fiscal passou a ser considerada um meio para que crescimento econômico e geração de empregos se tornem sustentáveis.

A preocupação principal dos países, imersos em uma crise econômica sem precedentes, é de um ano de forte recessão, alimentado por cores de gastos públicos.

Após cinco horas de reunião, a declaração oficial do Conselho Europeu, que reúne os líderes do continente, reconheceu que os governos precisam fazer mais esforços para sair da crise, apesar da busca por austeridade.

A segunda parte do encontro, mais curta, discutiu os termos dos tratados de disciplina fiscal e do que cria o Mecanismo Europeu de Estabilidade – fundo permanente de resgate a países endividados com recursos de €500 bilhões.

O Mecanismo será formalizado na próxima reunião de ministros de Finanças da zona do euro deve passar a valer já em julho.

GREVE

A reunião quase foi transferida para Luxemburgo por conta de uma greve geral na Bélgica, algo que não acontecia no país desde 1993.

O cenário global também não ajudou a animar o ambiente: a França divulgou ontem uma redução em sua previsão de crescimento para 2012, de 1% para 0,5% do PIB.

Já a Espanha anunciou a queda de 0,3% do PIB no quarto trimestre em relação ao trimestre anterior, a primeira redução dos últimos dois anos.

Os líderes elogiaram o progresso das negociações entre credores privados e o governo da Grécia e pediram que o acordo seja concluído até o fim desta semana.

Com mais de 23 milhões de desempregados, a Europa convive hoje com os riscos de recessão e de rompimento da zona do euro.

Na declaração formal, os líderes pediram mais investimento em emprego, o fortalecimento do mercado único e o foco em pequenas e médias empresas.

De acordo com o documento, cada país apresentará um plano nacional de reformas para estimular a criação de empregos.

As medidas que envolvam instituições da União Europeia devem ser apreciadas apenas em reunião no mês de junho.

Rodrigo Russo \* enviado especial a Bruxelas

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_31\_janeiro-crónica.31\_jan.doc.txt

Brasil, professor de capitalismo?

Governo acredita que possa ajudar Cuba a transitar para uma economia mais aberta

NÃO SE realizará a visita da presidente Dilma Rousseff a Cuba que está na cabeça de todas as entidades de direitos humanos. Gostariam que a presidente justificasse sua afirmação de que os direitos humanos estariam no centro de sua política externa e, portanto, fizesse pelo menos uma menção à situação na ilha caribenha.

Não fará. O chanceler Antonio Patriota, na sua passagem por Davos, na semana passada, afirmou que Dilma não falaria para os ouvidos dos jornalistas, no que é uma insinuação de que falará aos ouvidos dos dirigentes cubanos.

Duvido. Não combina com o estilo Dilma, ainda mais que Cuba faz parte do museu da memória sentimental da esquerda latino-americana, e Dilma cultiva essa memória, mesmo sendo uma democrata.

Até entendo a posição histórica do Itamaraty, neste como em governos anteriores, de respeitar sempre a soberania de cada país. Mas discordo: direitos humanos são (ou deveriam ser) patrimônio da humanidade e, portanto, devem ser defendidos acima de qualquer fronteira.

Passemos à segunda – e real – visita da presidente. Neste ponto, é preciso desbastar a linguagem diplomática do chanceler Patriota, para quem o objetivo prioritário da viagem é conversar "sobre a atualização do modelo económico cubano, em busca de maior eficiência".

Na verdade, o governo brasileiro acredita, desde a administração anterior, que está em condições de ensinar algo de capitalismo a Cuba, privada dele nos últimos 50 e poucos anos. Não é uma vã pretensão. Cuba está dando os primeiros – e tímidos – passos rumo a uma versão caribenha do modelo chinês. Ou seja, economia parcialmente de mercado com ditadura.

Essa transição para o capitalismo, parcial ou não, foi sempre acompanhada de alta da desigualdade, na Rússia pós-soviética, nos países da Europa Oriental e até na China, apesar do formidável crescimento.

O que o chanceler Patriota considera, com grande exagero, "modelo brasileiro" não precisou transitar para o capitalismo, que nunca abandonou, mas conseguiu, com sucesso, sair da ditadura para a democracia, estabilizar a economia e, ao menos, não aumentar a desigualdade, embora não a tenha reduzido (só reduziu a diferença entre salários, mas não entre a renda do capital e a do trabalho, a verdadeira obscenidade).

A mais relevante contribuição brasileira para a transição cubana não será, entretanto, uma eventual aula teórica, mas algo bem mais concreto: o financiamento para a modernização do porto de Mariel a 40 quilômetros de Havana.

Marco Aurélio Garcia, o assessor diplomático tanto de Lula com Dilma, acredita que ampliar Mariel só faz sentido se for para o comércio com os Estados Unidos. Hoje, não existe, pelo embargo imposto pelos norte-americanos à ilha.

Logo, ao financiar o porto, o governo brasileiro acredita estar contribuindo para uma aproximação com os EUA (não, como é óbvio um ano eleitoral como 2012). Essa hipótese só se tornará possível se Cuba abrir sua economia sem grande tumulto. Se o fizer, mas continuar uma ditadura, não é um problema insolúvel para Washington (vide as relações com a China).

Clóvis Rossi

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_3\_janeiro-crónica.3\_jan.doc.txt

Condenado a torear por Obama

A alternativa mais forte, Mitt Romney, tende a ser usina de atritos para a diplomacia brasileira

SE MITT Romney ganhar o "caucus" de Iowa hoje, tende a consolidar-se como o pré-candidato mais sólido para ser o nome da oposição republicana a Barack Obama.

Azar do Itamaraty: Romney será uma verdadeira usina de problemas para a diplomacia brasileira, a julgar por suas posições a respeito de América Latina.

James Bosworth, blogueiro do Latin America Monitor, incrustado no "Christian Science Monitor", levantou alguns dos pontos que Romney já colocou no papel.

Escreveu o blogueiro: "Estrategicamente, Romney vê duas grandes ameaças na região". A primeira: "Venezuela e Cuba estão liderando um movimento 'bolivariano' virulentamente antiamericano na América Latina, que busca minar as instituições de governança democrática e as oportunidades económicas".

Sabendo-se o tratamento que os Estados Unidos, com governos democratas ou republicanos, dão a Cuba, fica fácil imaginar o problemão que será equiparar a Venezuela de Chávez à ilha caribenha. Chávez nem precisa de ações norte-americanas para sentir-se permanentemente ameaçado pelo "imperialismo". Imagine então se houver de fato alguma ação.

Ele fatalmente pedirá solidariedade a seus pares da Unasul e da recém-lançada Celac (Comunidade de Estados Latino-Americanos e do Caribe), ambas concebidas, pelo menos aos olhos de Chávez, como maneira de afastar a ingerência norte-americana em assuntos do subcontinente.

Segunda ameaça: "A região está também testemunhando uma epidemia de gangues criminosas violentas e de cartéis de droga, que espalharam morte e desgraça por México, América Central e Caribe".

A resposta de Romney, se eleito, seria criar uma Força-Tarefa Conjunta para Crime e Terrorismo no hemisfério, que "coordenará o trabalho de inteligência e de aplicação da lei". A força-tarefa seria o instrumento para "cortar todas as conexões financeiras, logísticas e matérias" entre a região e os grupos terroristas externos, como o Hizbollah.

Parece desnecessário lembrar que essa iniciativa é uma revisita ampliada ao plano de usar bases na Colômbia pelos militares norte-americanos, que foi uma fonte de atrito direto com o Brasil. Se aconteceu assim com um projeto menos ambicioso, imagine a confusão que dará a tentativa de colocar todos os países da região em uma ação conjunta, que, fatalmente, teria a liderança dos EUA, dada a formidável disparidade de meios entre Washington e qualquer um dos pais latino-americanos/caribenhos.

Por fim, Romney pretende, nos primeiros cem dias no cargo, lançar uma "Campanha para Oportunidade Econômica na América Latina", destinada a "contrastar os benefícios de democracia, livre-comércio e oportunidades econômicas com os males causados pelo modelo autoritário de Venezuela e Cuba".

Tem todo o jeito de ser uma retomada da Alca (Área de Livre Comércio das Américas), posta em hibernação, aparentemente definitiva, justamente pelos desentendimentos entre Estados Unidos e Brasil.

O potencial de atritos é, portanto, enorme, em forte contraste com a placidez das relações Lula/Bush, Obama/Lula e Dilma/Obama.

Clóvis Rossi

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_3\_janeiro-entrevista.3\_jan.doc.txt

ENTREVISTAS 2011/2012 SÉRGIO HABIB

Setor de autos não cresce em 2012 sem incentivo

**PRESIDENTE DA MONTADORA CHINESA JAC NO BRASIL DEFENDE REDUÇÃO DO IPI PARA VEÍCULOS, "COMO LULA FEZ NO PASSADO"**

Se o governo brasileiro não adotar nenhuma medida específica, o setor automotivo não vai crescer em 2012, ou vai crescer só de 2% a 3%, afirmou à Folha o presidente da montadora chinesa JAC no Brasil, Sérgio Habib.

Ele defende que a presidente Dilma Rousseff adote uma nova redução do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados) para o mercado, assim como fez seu antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva, no último mandato.

Em entrevista à Folha, o executivo fala sobre as perspectivas de retomar a participação de 1% no mercado em 2012, sobre o aumento do IPI para carros importados e sobre a indústria de autopeças.

Dono de 93 concessionárias das marcas JAC, Citroën, Jaguar, Aston Martin e Volkswagen, Habib começou como importador. De 2001 a 2008, presidiu a Citroën no Brasil.

Folha – Qual será o comportamento do setor automotivo brasileiro em 2012?

Sérgio Habib – Se o governo brasileiro não adotar nenhuma medida específica, o setor automotivo não vai crescer em 2012, ou só vai crescer de 2% a 3%. A medida específica é o que o governo Lula fez no passado, que foi a redução de IPI. Se não fizer uma medida específica, o mercado não vai crescer.

Agora, o governo liberar financiamento não adianta nada se o banco não liberar por ficar com medo da inadimplência. Como a inadimplência subiu, os bancos estão restringindo as fichas [financiamento].

A JAC foi responsável pelo aumento do IPI para carros importados?

Falar que a JAC foi responsável pelo aumento do IPI é um pouco pretencioso. O que eu diria é o seguinte: nós incomodamos o mercado.

Agora, o aumento do IPI foi uma medida desnecessária. A importação total dos carros chineses está em US\$ 400 milhões no ano. Já a remessa de lucros [das montadoras nacionais para os países de origem] foi de US\$ 4 bilhões no mesmo período.

Qual é a sua crítica sobre a medida do governo de elevar o IPI para Importados?

Se tem uma coisa muito chata e desagradável empresarialmente nessa medida é que ela mudou as regras do jogo no meio do jogo. Há dez anos o Brasil não mudava as leis de comércio exterior tão profundamente sem aviso prévio.

Você tem centenas de brasileiros que investiram muito dinheiro na rede de concessionárias de carros importados e que foram surpreendidos pelo anúncio.

A economia do Brasil acabou de passar a da Inglaterra. Um país como o nosso, do tamanho que tem hoje, não precisa mudar a regra no meio do jogo.

O que você espera do novo regime automotivo prometido pelo governo?

A gente precisa de um período de transição, para importar veículos com o IPI antigo enquanto a fábrica está em construção. Sem esse prazo, não consigo montar uma rede, que é mais caro do que uma fábrica.

Todas que estão aqui, nos últimos 20 anos, como Honda, Toyota, Peugeot, Nissan, Mitsubishi, começaram importando carro, montaram a rede e depois a fábrica.

Mas vai ter que cumprir a exigência de conteúdo nacional mínimo de 65%.

É impossível lançar um carro com 65% de [conteúdo] nacional. O correto é ter uma fábrica e ir subindo 30%,40%, 50%. Um carro tem dez mil componentes. É impossível acertar 5 mil no Brasil. Agora, o que vai sair eu não sei. Eu nem sei quando.

O aumento do IPI afetou as vendas no primeiro ano da JAC no Brasil?

O que aconteceu com a JAC no Brasil no primeiro ano foi que a nossa estimativa de vendas era 30 mil [veículos].

Vamos fechar mais ou menos com 26 mil canos.

Antes da publicação do IPI, a gente tinha 1% do mercado. Agora temos 0,7%. Isso per turbou um pouco o mercado e acredito que vamos voltar a 1% nos próximos meses.

Qual foi a sua avaliação sobre o primeiro ano?

Em janeiro e fevereiro, quando se falava em JAC para contratar vendedor, para ir na TV Globo, para falar com investidores, rede de concessionárias, ninguém sabia o que era. Nos nossos primeiros oito meses no Brasil, a coisa mais importante é que agora quando se fala de JAC Motors no Brasil, muita gente sabe o que é.

Como foi posicionar a marca para o consumidor brasileiro?

A colocação da marca no Brasil foi excelente nos primeiros oito meses. A contratação do Faustão [Fausto Silva, apresentador de TV] foi determinante no nosso sucesso. Além disso, gastamos neste ano R\$ 120 milhões em marketing, em visibilidade.

Venceslau Borlina Filho

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_3\_janeiro-notícia1.3\_janeiro.doc.txt

Que fim levou?

Nenhum dos 6 ministros demitidos por Dilma após suspeita de irregularidades chegou a ser punido

A perda do cargo foi, até agora, a única punição sofrida pelos ministros demitidos por suspeita de corrupção em 2010. A incômoda marca do primeiro ano do governo Dilma Rousseff é de uma queda na Esplanada dos Ministérios a cada dois meses.

Todos eles voltaram a ter rotina normal enquanto aguardam a conclusão de inquéritos e outras investigações preliminares.

Nenhum dos ministros demitidos chegou a ser processado por corrupção ou improbidade administrativa.

Primeiro da série que ficou conhecida como "faxina", Antonio Palocci (Casa Civil) era o ministro mais poderoso do governo Dilma até junho.

Saiu por conta de negócios mal explicados em sua consultoria, a Projeto, em caso revelado pela Folha. Isso não impediu o petista de, em seguida, reabrir a empresa que o derrubou.

## NO CONGRESSO

Dois dos ministros não ficaram de mãos vazias: deixaram suas respectivas pastas, mas voltaram às suas cadeiras na Câmara dos Deputados e no Senado Federal.

Alfredo Nascimento (PR), ex-ministro dos Transportes, deixou a pasta em julho e ainda levou ao seu gabinete no Senado parte dos assessores que também foram alvo das demissões na pasta.

Pedro Novais (PMDB), que comandou o Ministério do Turismo até setembro, voltou para a Câmara.

Em comum entre Novais e Nascimento está a não apresentação de qualquer projeto de lei ou requerimento no retorno ao Legislativo. O peemedebista nem sequer chegou a discursar.

Dos seis ministros demitidos após suspeitas de envolvimento em irregularidades, só Carlos Lupi (PDT), último a perder o cargo, em dezembro, não é alvo de inquérito.

O caso mais avançado é o de Orlando Silva (PC do B), que deixou o Ministério do Esporte em outubro. O STJ (Superior Tribunal de Justiça) autorizou a quebra do sigilo bancário e fiscal de Orlando e do governador do Distrito Federal, Agnelo Queiroz (PT), que o antecedeu no cargo.

Breno Costa

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_3\_janeiro-notícia2.3\_jan.doc.txt

Arquivo Nacional recebe fotos e cartas de Prestes

Viúva doa acervo que inclui imagens da vida política e familiar do líder comunista

Maria Prestes, viúva do líder comunista Luiz Carlos Prestes (1898-1990), doa hoje ao Arquivo Nacional, no Rio, o acervo pessoal do "Cavaleiro da Esperança".

São dez álbuns de fotos e 27 pastas de documentos, telegramas e cartas trocadas com lideranças comunistas de diversos países e com os filhos. A doação acontece no aniversário de 114 anos de seu nascimento, em Porto Alegre.

"É parte da minha vida. Da nossa vida. Prestes não era só político, era um ser humano", conta Maria, 81, que passou 40 anos ao lado do Velho, como era conhecido no Partido Comunista e na família.

"Imagino que seja importante para as pessoas conhecerem esse outro lado do homem que se questionava por que as pessoas não liam", diz.

Prestes teve oito filhos, sete com Maria e uma, Anita Leocádia, com a dirigente comunista alemã Olga Benário Prestes (1908-1942). Ele também criou dois filhos de um casamento anterior de Maria.

Entre as fotos, há imagens de Luiz Carlos ainda bebê, em 1898, com os pais; do exílio em Moscou, da filiação do pintor Cândido Portinari ao PCB e de uma visita a Cuba, com o ex-presidente Lula.

Há também fotos da vida em família, como a que mostra o líder comunista tomando sol na praia do Futuro, no Ceará, em 1989.

"Ele já estava muito debilitado, íamos para a praia pela manhã. Depois, ele voltava para casa e sempre tinha alguém querendo conversar com o Velho", lembra Maria.

A divulgação da foto desagradou Anita. Em e-mail ao jornal "O Globo", a primogênita de Prestes denunciou o "desrespeito à sua memória e à sua vontade, pois todos que com ele conviveram sabem que Prestes jamais concordaria com tal divulgação".

Maria discorda: "É um prazer dar continuidade à memória dele, que não se limitava à política. Era uma pessoa que sentava para conversar, orientar os filhos à mesa do café".

Depois de catalogado e digitalizado, o acervo ficará disponível para consulta no site do Arquivo Nacional.

Marco Antônio Martins

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_3\_janeiro-opinião1.3\_jan.doc.txt

A roda brasileira da produção

O Brasil parece estar trilhando o caminho certo em direção a uma sociedade mais justa e afluyente.

Segundo estudo divulgado recentemente pela OCDE, a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico, o think tank das nações mais industrializadas do mundo, o quadro da distribuição de renda no Brasil vem apresentando melhoras significativas, ano após ano. E uma tendência dessa envergadura social certamente não poderia estar acontecendo por acaso.

Vivemos hoje, sem dúvida alguma, em um país mais justo, graças às políticas públicas dirigidas à baixa renda, como o

Bolsa Família, mas também pela emergência de um extraordinário mercado interno consumidor brasileiro. É ele o grande motor gerador de nossa riqueza. Já incorporou 32 milhões de consumidores das classes C, D e E nos últimos anos e continua agregando novos contingentes populacionais antes excluídos do mercado.

Apesar dos enormes desafios à nossa frente – não podemos fechar os olhos para as injustiças e para a violência que ainda ameaçam a paz das nossas famílias –, o certo é que vivemos um momento único na história brasileira.

Finalmente, após décadas de maturação política e econômica, com marchas e contramarchas, golpes e contragolpes, desencadeamos o círculo virtuoso do desenvolvimento sustentável: em ação surge uma vibrante classe média, cada vez mais numerosa, girando a roda da produção e dos serviços.

Para atender a essa extraordinária nova demanda de consumo em massa, nosso mercado interno cresce a cada ano e, assim, cria mais trabalho, renda e dignidade para a população. De quebra, também acaba protegendo o país da grave crise que vem paralisando algumas das principais economias globais.

Assim como aconteceu na formação de grandes potências mundiais – e os Estados Unidos são sempre a melhor referência histórica de uma formidável democracia alicerçada sobre uma enorme classe média –, o palco socioeconômico brasileiro cresceu e amadureceu.

O que se vê hoje são os novos rostos brasileiros ocupando papéis de protagonistas na vida do país. São pessoas que passaram a deter capacidade financeira para comprar do carro zero ao computador, da casa nova ao pacote de viagens. Ao mesmo tempo, a emergência dessas novas camadas sociais também passou a mostrar ao país uma necessidade urgente de atender as novas demandas por educação, moradia, saneamento básico, transporte público, cultura e acesso à cidadania plena.

De extrema importância na formação da nova classe média – hoje com o poder de definir do próximo presidente da República às metas futuras de investimentos públicos e privados –, cumpre também valorizar o papel desempenhado pelo varejo popular e a revolução do crédito ao consumidor no Brasil.

Sem precisar entrar na questão do que veio antes, "o ovo ou a galinha", não resta dúvida de que as linhas de crédito oferecidas pelas grandes redes varejistas possibilitaram à massa da população o acesso a bens de consumo antes restritos apenas às elites.

Ao impulsionar esse novo consumo, o comércio popular alavancou a produção industrial e desencadeou esse círculo virtuoso que está gerando uma sociedade mais dinâmica, consciente de seus direitos e deveres e, sobretudo, mais justa.

Michael Klein

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_3\_janeiro-opinião2.3\_jan.doc.txt

O custo dos desvios

Mapeamento de R\$ 3,2 bilhões de verbas desviadas em 2011, segundo dados da PF, mostra que é preciso reforçar combate à corrupção

No ano em que seis ministros se viram obrigados a deixar seus cargos sob suspeita de irregularidades, a Polícia Federal contabilizou em suas operações, de acordo com dados que constam em relatórios internos, desvios de verbas públicas de cerca de R\$ 3,2 bilhões.

A cifra – um recorde – representa mais do que o dobro do valor apurado em 2010. Seria suficiente para construir 30 km de linhas de metro ou liquidar quase metade do valor das obras de transposição das águas do rio São Francisco.

Não é tarefa simples quantificar perdas causadas pela corrupção, mas estudos, mesmo parciais, apontam para valores elevados. De acordo, por exemplo, com estimativas do economista Marcos Fernandes da Silva, da Fundação Getúlio Vargas, as finanças públicas teriam sido subtraídas ilegalmente em R\$ 40 bilhões, no período de 2002 a 2008.

A quantia, equivalente ao PIB da Bolívia, foi levantada com base em informações colhidas de órgãos públicos de controle – e refere-se apenas a dinheiro federal.

Não há, por certo, relação direta entre as demissões em série ocorridas no ministério em 2011 e o aumento do volume de desvios apurado pela PF, mas os dois fatos contribuem para ressaltar o quanto ainda resta a caminhar no aperfeiçoamento do combate à corrupção.

Causa surpresa que apenas no ano passado a PF tenha produzido e enviado às sedes regionais seu primeiro manual de investigação de desvios de verbas. A tardia criação desse instrumento, não obstante, é uma das iniciativas do que pode vir a ser um auspicioso progresso na capacidade da corporação de identificar ilícitos na máquina estatal.

Faz parte desse esforço a formação de equipes especializadas em Estados como São Paulo, Bahia, Ceará, Maranhão e Rio Grande do Sul. Anuncia-se para breve a instalação, em Brasília, de uma unidade específica para combater essa modalidade de crime.

È comum que se associe a incidência da corrupção no Brasil a deformações históricas de uma sociedade marcada pela informalidade e pela excessiva porosidade entre as esferas pública e privada.

Observações dessa ordem podem ter interesse para a compreensão das origens do problema, mas considerações sociológicas ou sermões éticos não são as melhores armas para enfrentá-lo.

A corrupção não é um pecado brasileiro. Verifica-se em países variados e é fruto de situações que o Estado tem o dever de coibir.

Uma polícia preparada e treinada para investigar é um dos requisitos. Outro, indispensável, é a atuação célere e efetiva do Judiciário no julgamento e punição dos culpados – pois a impunidade é a principal aliada dos que se sentem estimulados ao enriquecimento fácil à custa do contribuinte.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_3\_janeiro-reportagem.3\_jan.doc.txt

Bonitos, bacanas, sacanas, modernos

Artistas do Rio defendem uma estética carioca em tempos de arte dominado pelo mercado

Num apartamento no Leme, janelas abertas à brisa do mar da zona sul do Rio, um artista e professor da Escota de Artes Visuais do Parque Lage define o que entende por uma "estética carioca".

"Se existe uma pesquisa de ponta na arte brasileira, ela está no Rio", diz Franz Manata, entre goles de uísque. "Tem essa linhagem clara, de ir para a rua, esse projeto que herdamos do Hélio Oiticica, uma intensidade violenta."

Faz mais de meio século que a rixa entre paulistas e cariocas ganhou nome com o neoconcretismo de Oiticica, Lygia Clark, Lygia Pape e afins contra o concretismo – paulista – dos irmãos Augusto e Haroldo de Campos.

Agora, essa rivalidade sobrevive, opondo uma cena pautada pelo mercado em São Paulo a propostas de arte mais experimentais no Rio.

Enquanto o dinheiro se concentra quase todo de um lado da ponte aérea – Fortes Vilaça, Millan e Luisa Strina, as maiores galerias do país, fazem "business" em SP –, as estrelas brasileiras na cena global hoje trabalham no Rio – Adriana Varejão, Beatriz Milhazes, Ernesto Neto, Vik Muniz e Tunga, entre outros.

Mas, além deles, uma nova cena desponta, de artistas ainda despreocupados com o mercado, engajados em performances que cruzam estética e política e defensores de um hedonismo vistoso, que resiste à ideologia da Operação Choque de Ordem, da atual administração carioca.

Em rodinhas na calçada, entre a "miséria e a burguesia" muito próximas uma da outra no tecido urbano do Rio, artistas e ativistas costumam tramar seus planos, que vão de exposições a manifestações, debates e estratégias para chamar a atenção.

"Somos um sucesso de público e um fracasso de vendas", diz Pedro Victor Brandão, jovem artista que ficou conhecido por criar fotografias que se apagam com o passar do tempo. "Aqui tem uma rede de afetos, um ritmo mais cooperativo do que competitivo, algo que envolve o galerista, o artista e a instituição numa trama mais fértil."

Dessa fertilidade brotou o projeto que ele e os artistas do coletivo Opavivará mostraram na primeira edição da ArtRio no ano passado, uma tenda que servia chás alucinógenos em plena feira. Não ficou vazia nem um minuto, mas tampouco chegou a ser arrematada por algum dos colecionadores mais alegres.

Mesmo assim, o total de vendas da feira bateu recorde no país, com um balanço de R\$ 120 milhões que causou inveja entre paulistas, sinal de que logo as águas calmas do mercado carioca podem engrossar em tormenta.

"Às vezes, a presença forte do mercado dá uma obliterada no que acontece", diz Brandão. "Aqui tem uma experimentação maior e obras são menos formatadas, mas tem o caos das Olimpíadas e da especulação imobiliária", diz o artista Daniel Toledo.

Nessa alta de preços, Toledo teve de trocar um amplo ateliê em Santa Teresa por um "cubículo" no Humaitá.

#### FACTORY CARIOCA

Mais radical, Maíra das Neves, paulistana que adotou o Rio, criou um ateliê minúsculo, de um metro quadrado, numa antiga fabrica de doces e bancou a ocupação do terreno com doações de amigos.

"Quería usar a unidade mínima do mercado imobiliário para fazer o máximo", diz Das Neves, ajustando cadeiras penduradas sobre seu metro quadrado, onde costuma servir cachaça aos amigos. "Encontrei um espaço aqui que não tive em São Paulo, as instituições são mais descontraídas e não tem tanta pressão."

Ela divide com outros 21 artistas o espaço da Bhering, uma antiga fábrica de chocolate na zona portuária convertida em conjunto de ateliês, uma espécie de Factory de Andy Warhol à moda carioca, com direito a churrasco nas festinhas de aniversário.

"Enquanto o mercado sempre foi em São Paulo, aqui você fica meio sem rumo", diz Barrão, do coletivo Chelpe Ferro,

que também trabalha na fábrica. "E isso é bom."

Nessa falta de rumo, artistas ainda sem galeria e sem ateliê conseguem emplacar suas obras em grandes acervos lidando direto com os colecionadores, evitando a mediação – cara – de galerias.

Gilberto Chateaubriand, patrono do Museu de Arte Moderna do Rio, é um desses que compram direto dos artistas, às vezes levando a obra debaixo do braço.

"Nem sei quanto vale meu trabalho, os artistas aqui estão envolvidos com a experiência de sair fazendo", conta Isabela Sá Roriz. "Mesmo com trâmites burocráticos e falta de estrutura, você faz funcionar", diz Felipe Braga.

Silas Martí

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_7\_fevereiro-crónica.7\_fev.doc.txt

Não houve licença para matar

Brasil insiste em que sírios devem dialogar, com ajuda da ONU e da Liga Árabe; crise é 'obra em progresso'

PONTO DA situação síria, segundo virtual consenso entre analistas, resumido assim por Daniel Byman, diretor de pesquisas do Centro Saban da Brookings Institution:

"O ditador sírio não é forte o suficiente para subjugar a oposição, mas esta não é forte o suficiente para colocá-lo para fora".

Corolário extraído pela diplomacia brasileira: "Diante desse equilíbrio de poder, a única saída é as partes conversarem entre si", diz o embaixador Cesário Melantônio, enviado especial para o Oriente Médio.

Proposta sensata, mas que esbarra na resistência de ambos os lados. Na verdade, "não há fórmula mágica", como reconhece o chanceler Antonio Patriota. Mas Patriota se recusa a aceitar que o impasse no Conselho de Segurança, no qual Rússia e China vetaram resolução proposta pela Liga Árabe e apoiada pelos países ocidentais, "seja interpretado como o esgotamento dos esforços diplomáticos, que, ao contrário, são cada vez mais urgentes e necessários".

O chanceler tampouco acha que a paralisia em que caiu o CS possa servir de cobertura para uma escalada de violência, no que não deixa de ser um crítica ao governo Bashar Assad, que ontem lançou novo e mais feroz ataque à cidade de Homs.

Patriota conversou ontem com Nabil El Araby, secretário-geral da Liga Árabe, que evocou o fantasma de uma guerra civil, que, como constata o chanceler, "não se limitaria à Síria, pois teria reflexos regionais". De fato, um conflito na Síria afetaria todo o corredor Irã/Iraque/Líbano, além da própria Síria.

O que fazer, então, para evitar o incêndio, mesmo levando em conta que não há solução mágica? Patriota trabalha com a esperança de que seja recuperada proposta brasileira formulada em outubro, a de envio de uma missão conjunta de observadores da Liga Árabe e das Nações Unidas. Teria a vantagem de somar a legitimidade da Liga Árabe para atilar na região e a experiência da ONU em missões semelhantes (nem sempre bem-sucedidas, é verdade, mas não há substituto legítimo para as Nações Unidas).

Ou, então, a criação da figura de enviado especial do secretário-geral da ONU.

A diplomacia brasileira trabalha em permanente contato com os dois outros países do grupo Ibas (Índia e África do Sul, que continuam sendo membros não-permanentes do Conselho de Segurança). Como ambos votaram a favor da resolução que Rússia e China vetaram, é razoável deduzir que o Brasil, se ainda estivesse no CS, teria desta vez se alinhado com o Ocidente.

Patriota lembra, a propósito, que Brasil sempre votou a favor de resoluções da ONU condenando a Síria por violações aos direitos humanos.

Para reforçar o apoio do Brasil à resolução vetada, o chanceler lembra que ela continha dois elementos que o Itamaraty considera essenciais: primeiro, uma clara rejeição a uma ação militar e, segundo, uma referência a que o processo seja desenvolvido pelos próprios sírios –ou seja, nada de uma solução imposta de fora.

Como diz o embaixador Melantônio, a crise síria é uma "obra em progresso" que, por isso mesmo, exige avaliações e reavaliações a cada 24 horas. É o que o Brasil está fazendo.

Clóvis Rossi

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_7\_fevereiro-entrevista.7\_fev.doc.txt

Grevistas abusam e fazem vandalismo, afirma ministro

O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, afirmou ontem que, se necessário, enviará mais tropas federais à Bahia e

deu um recado ao movimento grevista: reivindicações têm que ser baseadas em argumentos, e não em coação.

Folha – Ministro, o que está acontecendo na Bahia é levante de cunho político ou greve?

José Eduardo Cardozo – Uma coisa é reivindicar e exercer o direito de greve; outra coisa é o abuso, a prática de crimes e atos de vandalismo. Infelizmente, uma minoria de policiais tem agido dessa forma.

Eles praticaram ato de vandalismo?

Policiais confundem direito de reivindicar a ações criminosas. É impensável uma pessoa que tem arma e salário custeados pelo Estado para garantir a ordem voltar essa arma contra o próprio cidadão, a quem ele tem o dever de defender.

O governo federal vê ação orquestrada da PM em vários Estados para pressionar o Executivo a apoiar a PEC 300 no Congresso?

O direito de reivindicar é legítimo, o que se discute aqui é o método.

Se alguém imaginava que usar esse expediente criminoso vai ter sucesso, está enganado. Quem quer convencer autoridade, que use argumentos, não coação.

Mas então há relação com a PEC 300, que define piso salarial para a categoria e que o governo é contra por estourar os cofres públicos?

Estamos investigando os fatos e fazendo as devidas apurações.

O que dizem os boletins mais recentes?

Há ainda pontos que precisam ser resolvidos, mas as tropas restauraram clima de tranquilidade ao cidadão em diversos pontos. Nós cuidamos de fazer policiamento sem terrorismo, pois nosso objetivo é o cidadão baiano.

Mas o senhor partilha da hipótese de motivação política?

Não quero fazer considerações dessa natureza, por ora. Obviamente, estamos investigando e cuidando de restaurar a ordem.

O efetivo enviado para o Estado é suficiente?

Colocamos o maior contingente de tropas federais da história e, se precisar, aumentamos.

O comando está com o general Gonçalves Dias. Aquilo que ele achar que é necessário, nós atenderemos.

Natuza Nery

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_7\_fevereiro-notícia1.7\_fev.doc.txt

Presidente cobra 'atitude republicana' de novo ministro

Aguinaldo Ribeiro assume Cidades no lugar de Mário Negromonte, também do PP, que teve atuação questionada

A presidente Dilma Rousseff cobrou ontem atuação "rigorosamente republicana" do seu novo ministro das Cidades, Aguinaldo Ribeiro.

Após ver ministros deixarem o governo sob acusação de favorecimento a partidos ou redutos eleitorais, a presidente pediu ao deputado tratamento igualitário na distribuição de verbas aos Estados.

"Sem respeitar a Federação, não é possível executar os programas dentro do Ministério das Cidades, porque a atividade exige parceria. E isso impõe ao seu titular capacidade de negociação, bom trânsito político e postura rigorosamente republicana."

Em seu discurso, Ribeiro defendeu mudanças na relação entre gestores e órgãos de fiscalização.

Segundo ele, a Controladoria-Geral da União, o Tribunal de Contas da União e o Ministério Público podem

"desestimular" administradores. "Nós temos uma burocracia. (...) É tudo assim tão complicado que chega em alguns momentos a ser desestimulante para quem é gestor."

"Nós temos uma burocracia. (...) É tudo assim tão complicado que chega em alguns momentos a ser desestimulante para quem é gestor."

Para o ministro, o Congresso precisa rever essa relação a partir da discussão das atuais regras.

"Estamos invertendo, deixando que estruturas que deveriam ser instrumento de transparência, de zelo, passe a ser instrumento de medo para o gestor."

Ribeiro disse, após a fala, que não estava fazendo ataques, mas que era necessário modernizar a legislação e que se colocava como um interlocutor com os órgãos para estabelecer mecanismos de transparência.

Ribeiro fez ainda vários afagos a Dilma. "Não deixa de ser altamente simbólica que uma descendente de primeira geração de um imigrante búlgaro esteja empossando nesta cerimônia o filho da nossa querida Paraíba. Esse é apenas um exemplo da enorme força do país e de sua incrível mobilidade social".

O ex-líder do PP na Câmara dos Deputados classificou de "factoide" a informação de que teria omitido da Justiça

Eleitoral em 2010 ser dono de empresas.

Segundo outra reportagem, também publicada pela Folha, Ribeiro é dono de duas emissoras de rádio no interior da Paraíba, registradas em nome de empregados.

"Não adianta tentar fazer factóide onde não existe. Todas as empresas estão declaradas, (...), isso já foi explicado" disse o ministro, que afirma ter declarado as empresas à Receita Federal. Em um discurso curto de despedida, o antecessor Mário Negromonte, também do PP, negou mais uma vez qualquer tipo de irregularidade em sua gestão à frente do Ministério das Cidades. "Saio como entrei: sem nenhum processo e de cabeça erguida", afirmou.

Ele é de ala partidária contrária a de Aguinaldo.

A situação de Negromonte agravou-se após a Folha revelar a participação dele e do secretário-executivo, Roberto Muniz, em reuniões privadas com um empresário e um lobista interessados num projeto do ministério.

Flávia Foreque \* Márcio Falcão

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_7\_fevereiro-notícia2.7fev.doc.txt

Dilma reúne junta para definir corte no Orçamento

A presidente Dilma reuniu ontem pela primeira vez neste ano a Junta Orçamentária, conselho de ministros encarregado de definir o tamanho do ajuste fiscal de 2012.

O encontro dá a largada oficial nas negociações sobre o volume de cortes nas despesas. Embora o ponto de partida seja um bloqueio de R\$ 60 bilhões, cresce no Executivo a defesa por um corte menor.

Um dos argumentos usados na reunião é o de que não é preciso um contingenciamento dessa magnitude para emitir sinais de austeridade fiscal ao mercado.

Até mesmo no Planalto, há quem considere a soma salgada demais para uma presidente que deseja ver a economia crescer em patamar superior a 4%.

Dilma, inclusive, já disse a ministros que a tônica de 2012 é acelerar o ritmo do investimento público. Também avisou a Guido Mantega (Fazenda) que seu governo perseguirá a meta de superavit primário (3,1% ao ano), mas que não aceita nenhum centavo a mais de corte.

Natuza Nery \* Sheila D'Amorim

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_7\_fevereiro-opinião1.7\_fev.doc.txt

O espantoso leilão dos ares

Lances pelos aeroportos foram altíssimos; governo deveria aproveitar a onda e privatizar mais

DESDE O FIM do espantoso leilão de privatização dos aeroportos até o começo da noite de ontem, analistas financeiros faziam contas para entender como os consórcios vencedores esperam lucrar com seu empreendimento.

Os analistas, independentes das empresas envolvidas, não entendiam nem as contas das empresas nem concordavam com as contas de outros colegas.

Mas a frase de um deles resumia o espírito das conversas de gente do governo e de participantes do leilão, durante o dia de ontem. "Deve estar sobrando dinheiro barato em algum lugar. O governo deveria vender logo os outros aeroportos."

Dados os preços de ontem, na verdade, o governo deveria vender qualquer coisa: aeroporto, estrada, porto, açude, trilha de vaca, cacimba ou até a Esplanada dos Ministérios (cedendo alguns ministros de brinde, de preferência).

Os analistas podem estar errados, prevendo retornos baixos. Erraram, por exemplo, na conta das concessões de usinas hidrelétricas (Jirau e Santo Antônio), erraram em leilões mais recentes de rodovias. De resto, empresas que disputam concessões têm mais conhecimento do negócio que um isolado analista de instituição financeira.

De qualquer modo, a conta dos vencedores é pesada. No caso de Guarulhos, primeiro é preciso pagar a concessão: R\$ 16,213 bilhões, em parcelas distribuídas por 20 anos (tempo da concessão). Há ainda os investimentos (R\$ 4,6 bilhões) mais 10% da receita bruta anual. A receita atual de Guarulhos não dá nem para a saída.

Até 80% do investimento pode ser financiado pelo BNDES. Os vencedores de Guarulhos (fundos de pensão, OAS e a estatal sul-africana de aeroportos, Acsa) podem vender ações. Arruma-se financiamento (barato, no bancão estatal, mas que tem custo) e capital para o investimento (que, por meio de ações, dilui o lucro). Ainda resta a questão do retorno.

Problema das empresas, certo? É, essa é a lógica do leilão. Mas, mesmo com as multas pesadas em caso de descumprimento de contrato, as melhorias podem atrasar ou não ser tão "melhores" assim.

O consórcio vencedor de Guarulhos é 90% dos fundos de pensão Previ (funcionários do Banco do Brasil), da Petros (Petrobras), da Funcef (da Caixa Econômica Federal) e da empreiteira OAS.

Haveria mão do governo aí, nos lances altos (o governo indiretamente nomeia parte do conselho desses fundos, pois as empresas são estatais)? Não parece, pois as propostas derrotadas, se menores, também, eram espantosas. De resto, há uma empresa privada no grupo.

De resto, esses três fundos são os maiores do país, têm 45% do patrimônio dos fundos de pensão brasileiros, foram feitos para isso mesmo, juntar poupança, e, pois, precisam colocar o dinheiro em algum lugar, além de terem metas de rentabilidade para cumprir. Não é tão fácil inventar teorias conspiratórias.

Por fim, além de haver "dinheiro sobrando" para privatizações, é preciso lembrar que aeroportos fazem parte de um sistema nacional: não adianta arrumar três se os demais não funcionam (aviões saem de um lugar, precisam chegar a um outro – bido). Quando serão concedidos os aeroportos do Rio, de Minas, do Rio Grande do Sul?

Vinicius Torres Freire

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_7\_fevereiro-opinião2.7\_fev.doc.txt

Triste Bahia

Movimento de policiais militares baianos persegue reivindicações salariais com métodos violentos, em desafio ao Estado de Direito

Em afronta às normas constitucionais e aos direitos da população da Bahia, uma obscura associação de policiais lidera desde terça-feira movimento grevista da Polícia Militar daquele Estado que ganhou contornos dramáticos.

Se a intenção dos grevistas era aumentar o clima de insegurança e a violência nas ruas, os objetivos foram alcançados. Em menos de uma semana, já se registrou em Salvador quase uma centena de homicídios, contra 172 ao longo do mês de janeiro.

Lideranças acantonaram-se na Assembleia Legislativa, com o evidente intuito de intimidar o governo do Estado. Não se descarta um confronto mais sério com contingentes do Exército, da Polícia Federal e da Força Nacional convocados para restaurar a ordem pública.

Os grevistas reivindicavam aumento salarial de 40%, que levaria os vencimentos dos soldados a R\$ 2.685, acima do que é pago pelo governo de São Paulo (R\$ 2366), mas já aceitam reajuste em torno de 20%. O governador Jaques Wagner (PT) alega que os policiais tiveram reajustes 30% acima da inflação em seu governo e que não dará mais que os 6,5% da inflação de 2011 previstos para todo o funcionalismo baiano.

A peculiar estridência da greve se explica no contexto de uma movimentação mais ampla, pela aprovação da Proposta de Emenda Constitucional nº 300, de 2008, que estabelece um piso nacional.

A ideia era equiparar os salários dos militares estaduais aos valores pagos pelo Distrito Federal (inicial em torno de R\$ 4.000, o mais elevado do país). Se aprovada a PEC 300, o piso será definido por lei federal em até 180 dias.

A proposta é torpedeada por petistas e aliados, pois caberia ao governo federal pagar a diferença entre soldo atual e novo piso, com um fundo de auxílio aos Estados.

A paralisação baiana, que eclodiu depois de movimentos similares no Ceará e no Maranhão, tem sido fomentada por uma articulação interestadual de PMs como trampolim para uma greve nacional.

Não há dúvida de que policiais militares precisam ser valorizados, não só com treinamento e equipamentos adequados, mas também por salários condizentes com o risco e a importância de suas funções.

Não é aceitável, entretanto, que recorram a métodos violentos e ilegais. A Constituição proíbe militares e PMs de fazerem greve.

Em entrevista à Folha, o governador Jaques Wagner tratou os líderes da paralisação como "bandidos". Para um ex-sindicalista, causa perplexidade que se declare surpreendido com a greve e mostre tão escassa disposição para negociar.

Claro está que só deve fazê-lo sob a condição de retomo imediato ao trabalho e à disciplina, mas de sua habilidade como líder político e sindical depende agora a restauração da tranquilidade na Bahia.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Folha-textos\_7\_fevereiro-reportagem.7\_fev.doc.txt

Território rebelde vira símbolo da resistência a repressão síria

A exemplo de Benghazi, na Líbia, Zabadani torna-se um baluarte da insurgência no país

Exército Livre da Síria espera criação de zona de exclusão aérea para haver operações mais efetivas na localidade "Se Deus quiser, vamos libertar mais território. Somos livres, somos Zabadani", diz à Folha um jovem de 22 anos que se define como "combatente pela liberdade", em um frio reduto montanhoso.

A conquista de Zabadani em janeiro pelo ELS (Exército Livre da Síria) e sua conversão em um ponto estratégico, depois de dias vertiginosos de confrontos nos subúrbios da capital, faz com que alguns comandantes rebeldes falem de libertação de território da mesma forma como fizeram os adversários do líbio Muammar Gaddafi.

A pequena cidade, no cimo de uma ladeira rochosa, tornou-se símbolo dos manifestantes opositores do regime do ditador Bashar Assad.

"Temos que criar uma Benghazi", afirma um antigo tenente-coronel do Exército, que desertou, em referência à capital rebelde da Líbia.

"É importante que exista uma zona de exclusão aérea e um território protegido que nos permita operar com maior efetividade", diz.

O Exército retirou seus tanques e blindados de Zabadani – localizada a 30 quilômetros de Damasco – após feroz resistência de soldados desertores, seguida de tregua.

Depois que o cerco foi relaxado, alimentos e provisões voltaram a chegar à cidade.

A presença do governo se limita a alguns postos de controle nos limites de Zabadani. Mas há sinais visíveis de ataques, como edifícios destruídos por disparos de artilharia, caixas de munição espalhadas pelas ruas e marcas das lagartas dos tanques.

Um porta-voz do alto comando do ELS, Ismail al Naima, está ansioso por controlar o entusiasmo quanto à libertação. Ele afirmou que o principal objetivo do ELS, cujo comando fica em território turco, é minorar a capacidade das forças do governo para atacar a população civil.

"Não temos o controle militar da área, mas fomos capazes de repelir as forças do regime", afirma. "Faltam-nos munições. Eles têm tanques, artilharia pesada e aviões."

A presença dos combatentes da resistência pode ser sinal da chegada de uma fase mais violenta no conflito.

Todos estão armados e preparados para a defesa e o ataque. Cada um dos combatentes porta um fuzil Kalashnikov. Eles adquiriram experiência na produção de bombas caseiras capazes, dizem, de destruir tanques e blindados.

"Cedo ou tarde, eles tentarão conquistar a cidade, e precisamos estar preparados", diz Nabil Kassab, 31, desertor das forças do governo.

A cidade mostra sinais de um esforço coordenado de defesa. As ruas estão bloqueadas por barricadas, e homens armados, equipados com rádios portáteis, formam uma milícia organizada.

Ainda que Zabadani não tenha valor tático para os rebeldes, o sucesso em defendê-la pode ter importância real. Se a cidade for mantida por mais tempo, Assad parecerá mais fraco, e a criação de um governo provisório da oposição será mais provável.

Karen Marón \* Tradução de Paulo Migliacci

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-24\_janeiro-entrevista.24\_jan.doc.txt

Aos 27 anos, Qinho avalia os efeitos do tempo em novo CD

Cantor carioca lança novo disco hoje, às 21h, no Oi Futuro Ipanema

É como alguém que sai de casa para descobrir a cidade, depara com a violência e contra-ataca pela crítica direta.

Percebe então o inverso como base da transformação: lança um olhar afetuoso sobre as relações humanas e, passados alguns anos, avalia as mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Após o primeiro CD com sua ex-banda, VulgoQinho&OsCara, e o debut solo, "Canduras", o cantor Qinho, 27 anos, lança hoje, às 21h, em show no Oi Futuro Ipanema, o álbum "O tempo soa". Nele, Qinho é um observador que escuta – mais do que vê – a ação do tempo vibrar e apontar mudanças na cidade que habita e nos sons que traduzem suas impressões.

– Com a banda, o ponto de vista era o de um homem de frente para a cidade; em "Canduras", era eu de frente para o amor; agora, de frente para o tempo – diferencia. – Estou me ocupando de sentir o tempo passar, de notar a sua ação. O tempo revela como a história muda.

Foi o que ele percebeu com o 32 Dia da Rua, realizado em novembro. Idealizado por Qinho e Freddy Ribeiro, o evento, que retorna após o carnaval, espalhou pela orla do Leblon e de Ipanema dez nomes da música carioca – Tono, Letuce, Os Outros, Do Amor, Fino Coletivo e outros. A ideia surgiu em 2008, depois de Qinho e seu ex-grupo decidirem ocupar as esquinas da Zona Sul, num movimento que respondia a três premissas: se aproximar e descobrir

públicos, mostrar que a urbe não era um campo de batalhas, mas um espaço privilegiado para a troca, e, também, denunciar a falta de estrutura para shows na cidade.

– A cidade vivia um clima hostil, de medo e violência. Agora ela está mais tranquila, e as pessoas, abertas ao encontro. O desconhecido já não é tão estranho, e o outro já não é um inimigo. A política que está sendo implementada pode ser questionável em muitos pontos, mas é inquestionável a mudança na atmosfera da cidade.

Produzido por Bernardo Palmeira, "O tempo soa" traz mudanças na sonoridade e na poética de Qinho. Enquanto "Canduras" se opunha à eletricidade funk e rock de sua ex-banda, em arranjos minimalistas onde a voz e o violão estavam à frente, "O tempo soa" é um disco de banda.

Com músicos da Abayomi Afrobeat Orquestra, a delicadeza das melodias e a estrutura aberta e experimental – sem refrão – de algumas canções ganham consistência, enquanto faixas mais radiofônicas e arredondadas pegam força nas participações especiais de Mart'nália ("Segredinho"), Elba Ramalho ("Morena"), Botika ("Coração gigante") e Amora Pêra ("Irmã forte"). O show de hoje une novas e antigas canções, num repertório que cresce a olhos nus.

– Minha música tem beleza, mas também estranheza, desvio do óbvio – diz. – Trago uma brasilidade muito evidente, e agora quis misturá-la ainda mais com o black e com a música negra como um todo.

Luiz Felipe Reis

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-24\_janeiro-notícia1.24\_jan..doc.txt

Desocupação

Confronto continua, e até biblioteca é queimada

Ex-moradores atacam com pedra e fogo, PM usa gás na retirada e situação em Pinheirinho continua tensa

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP). Mais atos de vandalismo e reclamações de ex-moradores marcaram o dia seguinte à desocupação da área conhecida como Pinheirinho, em São José dos Campos, onde, desde 2004, viviam cerca de 6 mil moradores. Uma biblioteca e um caminhão foram incendiados ontem e, na noite de domingo, duas padarias e um carro também foram destruídos pelo fogo.

Em abrigos e áreas onde estão sendo atendidos, ex-moradores diziam não ter onde ficar e não conseguem retirar seus bens de suas antigas residências. Apesar da presença ostensiva da PM, muitos comerciantes da área não abriram as portas de seus estabelecimentos. De manhã ainda houve conflitos entre moradores e a PM, que voltou a usar bombas de efeito moral.

Desde o início da operação de reintegração, às 6h de domingo, até as 17h de ontem, 34 pessoas foram detidas ou presas e quatro menores foram apreendidos nas redondezas do Pinheirinho e em bairros vizinhos, segundo a PM. De acordo com a prefeitura de São José dos Campos, 20 pessoas ficaram feridas desde o início da operação no Pinheirinho.

O presidente da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em São José dos Campos, Aristeu César Pinto Neto, disse que pediu ao Instituto Médico-Legal informações sobre óbitos ocorridos na cidade desde o início da reintegração, para averiguar possíveis mortes em confrontos com agentes de segurança durante a ação. PM e prefeitura negam que tenha havido mortes.

Por volta das 10h de ontem, moradores xingaram e jogaram pedras em policiais, que responderam com bombas de efeito moral e gás lacrimogéneo. Horas depois, a biblioteca Jansen Filho, próxima à área de conflito, foi queimada e, em seguida, um caminhão foi incendiado. Às 19h, os policiais interditaram uma via próxima ao Pinheirinho, dispararam bombas de gás lacrimogéneo e novos tiros de borracha contra manifestantes.

Dois mil pessoas se alojaram numa igreja da região – o grupo reúne pessoas que afirmam não ter recebido oferta de abrigo pela prefeitura de São José dos Campos e gente que conta não se sentir segura dormindo num dos dois abrigos do município, que reuniam ontem 650 pessoas. A prefeitura, por sua vez, informou que ofereceu abrigo a todos, assim como alimentação e colchonetes.

A desempregada Maria dos Santos, o marido, e as duas filhas do casal, de 14 e 15 anos, moraram oito anos em Pinheirinho:

– Dormimos na igreja e não temos pra onde ir. Aqui está mais seguro. Não tem gás de pimenta. Estou apavorada.

Durante todo o dia, ex-moradores tentavam retirar de suas antigas casas e barracos objetos como eletrodomésticos e móveis. De manhã, cerca de 15 caminhões de mudança podiam ser vistos recolhendo os pertences dos ex-ocupantes do Pinheirinho, com a presença de oficiais de Justiça e PMs.

Segundo a PM, a retirada dos bens, realizada com a ajuda de 40 oficiais de Justiça, só foi acelerada durante a tarde, com a simplificação do procedimento e com a chegada de mais pessoas para o trabalho. A retirada deve continuar hoje e não se sabe quando vai acabar.

Líder comunitário, Valdir Martins, filiado ao PSTU, afirmou que os ex-moradores da área podem ocupar outra área:  
– Vamos, nos organizar e fazer novas ocupações.

A Associação Democrática por Moradia e Direitos Sociais, que representa os ex-moradores, entrou no STF com um mandado de segurança com pedido de liminar para tentar reverter a decisão do STJ, que na noite de anteontem afirmou que a competência jurídica sobre a reintegração é da Justiça estadual.

Marcelle Ribeiro

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-24\_janeiro-notícia2.24\_jan.doc.txt

Pagamento do IPVA é prorrogado novamente

Após problemas, Secretaria estadual de Fazenda altera as datas de carros com placas final zero, 1, 2, 3 e 4

Após uma enxurrada de reclamações de motoristas que não conseguiam imprimir corretamente as suas guias do IPVA 2012, a Secretaria estadual de Fazenda decidiu prorrogar o prazo para contribuintes que têm carro com placa final zero, 1, 2,3 e 4. De acordo com a nova tabela, o pagamento da cota única com desconto e da primeira parcela foram alterados, respectivamente, para 12, 14, 15, 19 e 21 de março.

A notícia foi divulgada por volta das 15h40m, para alívio de pelo menos 300 proprietários de veículos com placas de final zero e dois, que ontem chegaram a aguardar até quatro horas para serem atendidos na sede secretaria, no Centro do Rio. O prazo para estes dois finais, que terminaria ontem, já tinha sido prorrogado uma vez. Segundo os motoristas, muitos problemas foram detectados no Renavam de veículos emplacados em 2011 ou que tiveram a documentação alterada em dezembro passado.

Secretaria alega que há "inconsistências de dados"

Em nota, a secretaria de Fazenda informou que a prorrogação era necessária, pois "foram identificadas inconsistências de dados". Com a mudança, a segunda e a terceira parcela destas mesmas placas também tiveram suas datas modificadas. Os vencimentos das demais placas estão mantidos.

– Estou há dias tentando resolver meu problema pelo telefone, mas só dá ocupado. Botei kit-gás em novembro passado e não me deram o desconto no IPVA – disse a produtora de TV Roberta Rocha, que ontem foi à secretaria, no Centro do Rio.

Até mesmo quem conseguiu ser atendido continuou confuso com a situação. O empresário Ari Luiz Piovezan, que chegou ao órgão ao meio-dia, foi atendido às 16h. Ele precisava tirar certidões do veículo, mas saiu de lá com os documentos em nome de Paulo Teixeira:

– Inacreditável a bagunça. Não faço ideia de quem é este tal de Paulo. Não vou encarar outra fila de quatro horas para resolver meu problema – disse Piovezan.

Motoristas pararam o trânsito para protestar

Cansados de esperar por uma resposta para seus problemas, dezenas de motoristas fecharam uma das faixas de rolamento da Rua Visconde de Rio Branco, em frente à secretaria, por aproximadamente uma hora. O protesto, que começou por volta das 10h, foi acompanhado por policiais militares e guardas municipais, que conseguiram liberar o trânsito.

– Fui imprimir a guia de pagamento do IPVA e simplesmente meu Renavam não existe – reclamou o economista Riley Rodrigues, que ontem ainda buscava solução para o seu problema.

Isabel de Araujo \* Ana Paula Viana

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-24\_janeiro-opinião1.24\_jan.doc.txt

As lições de Churchill

Winston Churchill faleceu no dia 24 de janeiro de 1965. Este artigo é uma homenagem a este que foi a figura política de maior destaque no século 20. Liderança inquestionável nos turbulentos anos 40, Churchill foi o maior responsável individual pela derrota nacional-socialista na Segunda Guerra Mundial. Não é pouca coisa.

De sua longa vida, podem-se tirar diversas lições importantes. Superação é uma das primeiras palavras que vêm à mente. A quantidade de adversidades e obstáculos que surgiram em seu caminho apenas fortalece o mérito de suas conquistas. Churchill não era de desistir, e usava cada tropeço para se reerguer com mais determinação ainda. Para ele, sucesso era a habilidade de sair de um fracasso para outro sem a perda do entusiasmo.

Como todo ser humano, Churchill tinha suas falhas e contradições. Nem sempre foi correto, e errou em suas previsões

em importantes situações. Mas todos estes defeitos servem para torná-lo mais humano, e não eclipsam de forma alguma seus tantos acertos, fundamentais para preservar a liberdade naqueles ameaçadores anos.

Uma de suas maiores qualidades como estadista era seu realismo. Enquanto muitos preferiam o falso consolo de esperanças ingênuas, Churchill analisava os fatos com maior frieza. Como escreve Paul Johnson em sua biografia, "Churchill era realista o bastante para perceber que as guerras aconteceriam e, por mais terríveis que fossem, ele preferia vencê-las a perdê-las". Ele sabia ser pragmático quando necessário, mas sua essência era basicamente a de um liberal, defensor da democracia e também do livre mercado.

Sobre a democracia, aliás, Churchill tornou famosa a ideia de que se trata do pior modelo político, exceto todos os outros. Ele era realista o suficiente para não esperar escolhas democráticas fantásticas, e costumava dizer que o melhor argumento contra a democracia era uma conversa de cinco minutos com um eleitor médio. Esta postura cética é importante para limitar os estragos que podem ocorrer com o abuso de poder do governo, mesmo sob regimes democráticos.

Nas grandes batalhas do século 20, tanto ideológicas quanto físicas, Churchill esteve do lado certo. Ele abominava os monstros aparentados: o comunismo, o nazismo e o fascismo. Considerava a tirania bolchevique a pior de todas. Chegou a afirmar que "o vício intrínseco do capitalismo é a partilha desigual do sucesso", enquanto "o vício intrínseco do socialismo é a partilha equitativa do fracasso".

Ainda assim, soube fazer concessões práticas quando a própria sobrevivência dos valores ocidentais estava em jogo. Até mesmo com Stalin ele costurou um pacto para derrotar Hitler, após este trair o ditador soviético. Para Churchill, se Hitler invadisse o inferno até o diabo mereceria ao menos uma palavra favorável.

Churchill havia lido "Mein Kampf" e, ao contrário de tantos que consideravam Hitler apenas um aventureiro iludido, ele acreditou em suas promessas. O "pacifismo" era o credo da moda, mas Churchill soube enxergar melhor a realidade. Isso fez com que a Inglaterra estivesse preparada quando o inevitável ataque nazista ocorreu. O papel de liderança exercido por Churchill neste momento de vida ou morte foi crucial para a vitória inglesa. "Nós nunca nos renderemos", enfatizou em seu famoso discurso.

Ele era a "personificação do entusiasmo", como explica Johnson. Sua retórica não era, entretanto, vazia, e suas ações incansáveis colocavam em prática sua mensagem. Sua coragem na liderança da máquina de guerra inglesa comprovava sua fala. Sua confiança era contagiante, e sua determinação, inspiradora. Segundo o historiador Paul Johnson, seria legítimo dizer que Churchill realmente salvou a Inglaterra (e, portanto, o Ocidente).

Além das medalhas militares, Churchill publicou quase 10 milhões de palavras em discursos e livros, pintou mais de 500 telas, construiu pessoalmente boa parte de sua propriedade particular, foi membro da Royal Society, foi agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura, foi exímio caçador e jogador de pólo, criou cavalos vencedores e consumiu espantosa quantidade de champanhe, em companhia de seus charutos. Era muito espirituoso, com incríveis tiradas dignas de uma mente rápida e sagaz.

Para Paul Johnson, a vida de Churchill passa ao menos cinco lições importantes: pense sempre grande; nada substitui o trabalho árduo; nunca deixe que erros e desastres o abatam; não desperdice energia com coisas pequenas e mesquinhas; e, por fim, não deixe que o ódio o domine, anulando o espaço para a alegria na vida. Belas lições!

Rodrigo Constantino

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-24\_janeiro-opinião2.24\_jan.doc.txt

O doleiro do TRT

Sempre que há risco de se provocar susto ou indignação no respeitável público, o pessoal lá de cima capricha no vocabulário. No mais recente escândalo, que tem como palco o Poder Judiciário, a malandragem ganhou nas altas esferas o apelido pernóstico de "operações financeiras atípicas". Quem sabe, devem ter pensado os cidadãos diretamente interessados, assim o pessoal lá fora vai ficar mais tranquilo.

Esperemos que não. Afinal de contas, o leitor de jornal, o ouvinte de rádio e o espectador de TV já sabem traduzir a linguagem peculiar que predomina na chamada vida pública nacional. O escândalo envolveu o comércio de dólares nos cartórios e tribunais. As vendas foram consideradas "atípicas" principalmente na última década, quando envolveram um total de quase R\$ 320 milhões. Um doleiro não identificado foi o atípico campeão, responsável por operações financeiras num total de mais de R\$ 280 milhões, quase tudo dinheiro de prósperos membros ou funcionários do Tribunal Regional do Trabalho da 1 – Região, sediada no Rio.

Comprar dólares ainda não é crime ou pecado. Basta que a próspera turma da 1 – Região possa explicar como enricou. Em outros cinco estados, investigações recentes do CNJ descobriram irregularidades sérias em pagamentos de auxílio-

moradia, diárias para viagens de juizes, jetons e adicionais por tempo de serviço. E vêm mais revelações por aí: o CNJ está passando um pente-fino nos tribunais do país inteiro.

Até agora, conhecem-se os crimes, mas não os criminosos. O bom trabalho de limpeza que vem fazendo o CNJ não está sendo acompanhado pela identificação dos ilustres senhores que andaram sujando a barra de suas togas. Se forem punidos, não haverá dúvidas sobre seus pecados – e, obviamente, merecerão ser publicamente identificados, como acontece com quaisquer outros cidadãos que metem a mão no dinheiro da gente.

É bom não esquecer que o doleiro que prestava seus serviços ao pessoal do TRT do Rio era funcionário do tribunal. Alguém imagina que ele fazia qualquer coisa por lá, além de vender dólares? Essa é uma pergunta óbvia, mas absolutamente necessária. Para que não se corra o risco de que a demissão do doleiro seja considerada solução e fim desse triste episódio.

Luiz Garcia

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-24\_janeiro-reportagem.24\_jan.doc.txt

Choque de realidade

Após feriadão, cariocas enfrentam sufoco em carros e ônibus, no metrô e nos trens

Depois de três dias de feriadão, a segunda-feira foi um triste choque de realidade para o carioca, que enfrentou o caos na chegada ao trabalho. A interdição pela prefeitura de parte da Rua Primeiro de Março, para as obras do Porto Maravilha, deu um nó no trânsito, com reflexos no Aterro do Flamengo, na Ponte Rio-Niterói e no Elevado da Perimetral. Com a pista do viaduto (sentido Zona Sul) praticamente parada durante toda a manhã, a impaciência tomou conta de passageiros de Ônibus, que abandonaram os coletivos e seguiram a pé sob sol forte. Ruas da Lapa e arredores ficaram lotadas de carros, e motoristas tentaram fugir dos congestionamentos por Santa Teresa. Como se não bastasse, quem tentou chegar ao Centro de metrô ou de trem enfrentou interrupções e panes nesses serviços.

O prefeito Eduardo Paes fez uma avaliação negativa do primeiro dia útil da interdição na Primeiro de Março – que começou no sábado – e prometeu reforço no esquema especial para orientar motoristas. Segundo ele, a prefeitura esperava transtornos, mas não com essa magnitude.

– Essa interdição não era mais complicada do que as outras que já fizemos. Nesse caso não se aplica a história de quebrar os ovos para fazer um omelete. O problema foi de operação mesmo – disse Paes.

Operação começará de madrugada

Para tentar amenizar os congestionamentos, a CET-Rio aumentou, ainda, na tarde de ontem, de 30 para 40 o número de operadores de trânsito no local da interdição. Além disso, agentes farão plantão, a partir da madrugada de hoje, para evitar que carros e caminhões estacionem em áreas proibidas. Ontem, segundo a presidente da CET-Rio, Claudia Secin, uma carreta e duas caçambas deixadas na rua atrapalharam a fluidez do tráfego. Ela atribuiu o caos ainda à falta de informação dos motoristas e à volta do feriadão:

– Muita gente voltou do feriado hoje e vimos motoristas confusos, parando para pedir informações. Isso ajudou a formar uma onda de choque que, ao chegar ao Trevo dos Estudantes (na Avenida Beira-Mar), travou o trânsito de quem vinha da Perimetral para o Centro e a Zona Sul. Acreditamos que, com os ajustes na operação e os motoristas se habituando às mudanças, a situação vá melhorar ao longo da semana.

Por volta das 9h, o engarrafamento na Ponte (sentido Rio) começava antes da grande curva e prosseguia pelos elevados do Gasómetro e da Perimetral e pela rampa de descida para a Zona Portuária. Os engarrafamentos mobilizaram internautas nas redes sociais, e a Palmeiral acabou figurando em quarto lugar entre os dez assuntos mais citados no Twitter no Rio. Na Perimetral, passageiros desceram do elevado pelo acesso próximo à Candelária, numa romaria sob sol escaldante.

O vendedor Celso Freitas suava a camisa para chegar ao trabalho, na Avenida Rio Branco. Morador de São Gonçalo, de onde saiu às 8h30m, ele lamentou não ter usado as barcas para chegar ao Rio, apesar dos recorrentes problemas no sistema aquaviário. Às 11h, ele ainda estava na Perimetral.

– Essas obras estão dando um nó na cidade. E ainda vou chegar suado ao trabalho – disse o vendedor, na Candelária, depois de meia hora de caminhada.

Até quem estava na contramão do rush matinal, precisando sair do Centro em direção à Zona Norte ou a Niterói precisou ter paciência. Como 27 linhas de ônibus municipais e intermunicipais tiveram sua rota modificada pelas interdições, e os ônibus ficaram presos no engarrafamento, a viagem se tomou mais longa. Muitos motoristas reclamaram ainda terem sido surpreendidos.

– O trânsito está todo parado desde o Aterro. Eu tinha que passar pela Rua Dom Gerardo. Mas o caminho foi fechado.

Vou ter que perguntar o que fazer a algum guarda – comentou a motorista Carla Dondeo.

Os transtornos foram sentidos também no Aeroporto Santos Dumont, onde passageiros enfrentaram uma longa fila para pegar táxis. Com os veículos presos nos engarrafamentos, a oferta era escassa.

A interdição na Primeiro de Março é a terceira grande modificação no trânsito do Centro e da Zona Portuária desde outubro. Ela chegou a ser anunciada para novembro pela prefeitura, mas foi adiada para janeiro para coincidir com as férias escolares. O fechamento de parte da rua visa a permitir a perfuração de um túnel sob o Morro de São Bento, que fará parte da Avenida Binário. Quando for reaberta em dezembro, a Primeiro de Março passará a funcionar como rampa de acesso ao novo túnel e à nova avenida.

No metrô, passageiros também enfrentaram transtornos ontem de manhã, devido a duas panes no sistema. As estações General Osório, Cantagalo, Siqueira Campos e Cardeal Arcoverde ficaram fechadas por mela hora. Segundo a concessionária Metrô Rio, a paralisação foi necessária por questões de segurança, após uma falha na sinalização automática. A interrupção causou reflexos nos demais trechos, e os trens ficaram parados na linha por 20 minutos. Mais cedo, por volta de 8h40m, os usuários já tinham enfrentado problemas no metrô. Uma falha no fechamento de uma das portas de uma composição que ia para a Pavuna fez com que passageiros tivessem que desembarcar na estação Glória.

O advogado Luís Pacheco, que trabalha na Cinelândia, chegou mais de trinta minutos atrasado ao escritório. O trem ficou parado cerca de trinta minutos entre as estações Carioca e Uruguaiana, no Centro.

– A única coisa que informaram aos passageiros foi que o metrô estava parado, aguardando liberação – contou Pacheco.

No metrô, suplício até Cinelândia

Já o analista de sistemas Daniel Serrano pegou o metro às 8h na Pavuna, e só conseguiu chegar à Cinelândia às 11h30, ou seja, três horas e meia depois. Segundo ele, a viagem, em condições normais, levaria cerca de 40 minutos. Serrano conta que o metrô parou várias vezes no trajeto, sem que os passageiros soubessem o que estava ocorrendo.

– Peguei um metrô sem ar-condicionado e tive que descer duas vezes, no Maracanã e em Del Castilho, para tomar ar e, assim, tentar continuar a viagem – disse o analista.

A concessionária Metro Rio disse que às 11h50m todos os problemas tinham sido resolvidos e os intervalos, normalizados. A Agência Reguladora de Transportes (Agetransp), que fiscaliza o metro, informou que instaurou processos e enviou fiscais para apurar os motivos dos incidentes.

Na SuperVia, a manhã também foi marcada por transtornos. Durante uma vistoria numa composição do ramal de Santa Cruz, os passageiros tiveram que trocar de trem por duas vezes. Segundo a concessionária, a fiscalização é rotineira, para que sejam feitos ajustes técnicos e mecânicos. A empresa informou ainda que o trem não precisou ser retirado de circulação e logo voltou a operar.

Ainda de acordo com a concessionária, os passageiros foram retirados para que não ficassem esperando o fim da manutenção. A SuperVia informou também que os usuários, quando são obrigados a trocar de trem, aguardam na mesma plataforma a composição substituta. A vistoria não teria provocado atrasos significativos no ramal.

Isabela Bastos \* Ludmilla de Lima \* Rafaela Santos

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-24\_janeiro-crônica.24\_jan.doc.txt

No front

As notícias sobre o confronto começaram a chegar cedo à Redação do GLOBO no Rio, primeiro pelas redes sociais. De plantão, a editora assistente de O País Maia Menezes acionou a sucursal de São Paulo e pediu que mandasse imediatamente uma equipe para o local. Ao chegar lá, a repórter Marcelle Ribeiro e o repórter-fotográfico Marcos Alves encontraram moradores revoltados, clima de guerra nos bairros próximos à área conhecida como Pinheirinho, na Zona Sul da cidade paulista de São José dos Campos, confrontos com bombas de gás e tiros de borracha usados pela PM. Carros tinham sido incendiados pelos invasores. Havia dois mil PMs na área.

No terreno, que pertence à massa falida da empresa Selecta, do investidor Naji Nahas, viviam cerca de 1.600 famílias (5.500 pessoas), segundo a prefeitura. No domingo, os barulhos de bomba eram ouvidos a todo instante, e restos de carros incendiados estavam espalhados pelas ruas. Ontem, os barulhos de bombas eram menos frequentes, mas o vandalismo continuava: uma biblioteca e um caminhão foram incendiados em plena luz do dia. Numa igreja, centenas de ex-moradores do local. No complexo esportivo onde passavam por uma triagem, os moradores estavam desesperados para conseguir retirar seus móveis de suas casas, antes da demolição.

– Quando me viam, vários ex-moradores me perguntavam se eu era assistente social da prefeitura, porque queriam

reclamar – conta Marcelle.

Em meio à confusão de bombas e gás, o fotógrafo Marcos Alves teve que se refugiar na casa de um morador de uma rua próxima ao Pinheirinho, que estava bastante revoltado com a ação da polícia. Ele disse ter uma filha deficiente e afirmou que passou o domingo inteiro atordoado com as bombas de efeito moral. O morador chegou a montar uma parede de ventiladores para eliminar a fumaça que invadia a sua casa.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_10\_janeiro-notícia1.10\_jan.doc.txt

Com verba extra, cobiça pela Ciência e Tecnologia

Na dança das cadeiras no governo Dilma, crescimento de 140% dos recursos da pasta atrai PT e PSB Brasília. A explosão do seu orçamento ao longo dos últimos oito anos fez com que a Ciência e Tecnologia perdesse o rótulo de renegada para se tornar uma das pastas mais cobiçadas na dança de cadeiras que a presidente Dilma Rousseff deve promover nas próximas semanas. Além do incremento de 140% na execução financeira, entre 2004 e 2011, alcançando despesas de R\$ 6 bilhões no ano passado, o setor caiu nas graças da presidente, que elegeu a inovação tecnológica com um dos pilares de sua política industrial.

Com o orçamento turbinado, o PT luta para se manter na pasta que só conquistou no governo Dilma, enquanto o PSB trabalha nos bastidores para retomar o posto que perdeu com o fim do governo Lula – desde que o partido não perca a Integração Nacional, que responde pelas obras contra secas e enchentes.

O ministro de Ciência e Tecnologia, o petista paulista Aloizio Mercadante, deve ser remanejado para o Ministério da Educação no lugar de Fernando Haddad, que sairá para disputar a prefeitura de São Paulo.

A interlocutores, Dilma já avisou que o eventual substituto de Mercadante será um nome de sua confiança, e que manterá na pasta a estrutura montada no primeiro ano de governo. Entre os petistas desponta o deputado Newton Lima (PT-SP). O secretário-executivo do MCT, Luiz Elias, é o preferido de Mercadante para assumir a função, mas ele está com dificuldades de emplacar sua indicação.

Setores do PSB defendem o nome do ex-ministro Ciro Gomes, mas sua indicação não é aceita pelo grupo do governador Eduardo Campos (PE).

Segundo dados do Portal da Transparência, em 2004 os gastos diretos no MCT eram de R\$ 2,6 bilhões e saltaram para cerca de R\$ 6 bilhões no final de 2011 – Lei Orçamentária do ano passado autorizou uma verba de R\$ 7,4 bilhões para o ministério, dos quais R\$ 4,6 bilhões haviam sido gastos até 31 de dezembro, segundo a Comissão Mista de Orçamento. Além de mais R\$ 1,4 bilhão dos chamados "restos a pagar" (pagamentos que são adiados de um ano para o outro), totalizando gastos de R\$ 6 bilhões no ano.

Para 2012, o Congresso elevou para cerca de R\$ 8,5 bilhões a verba da pasta. Mas o Orçamento ainda não foi sancionado pela presidente Dilma. Em 2011, como todas as áreas, a Ciência e Tecnologia também sofreu com o corte geral de R\$ 50,6 bilhões, feito no início do ano.

No Ministério, os fundos são o destaque. Só o Fundo Nacional para o Desenvolvimento de Ciência e Tecnologia concentra quase R\$ 3 bilhões. Ex-secretário executivo do MCT, Luis Fernandes aponta como prioritária a aposta em inovação voltada ao desenvolvimento empresarial.

– Na sociedade do conhecimento, qualquer projeto político precisa incorporar a pesquisa científica. Assim foi feito por parceiros do Brasil, como Índia e Coreia do Sul. O Estado precisa compartilhar os riscos da ciência com a iniciativa privada – afirmou Fernandes.

O PT indicou Newton Lima, ex-reitor da Universidade Federal de São Carlos (SP), e usa como moeda a possibilidade de a nomeação do deputado abrir uma vaga na Câmara para o ex-deputado José Genoíno, hoje ocupando cargo de assessor especial no Ministério da Defesa.

Sem entrar nas especulações o vice-líder do governo no Congresso, deputado Gilmar Mú do (PT-MG), lembrou que o Ministério de Ciência e Tecnologia cresce em importância devido aos fundos, cujos recursos podem ser contingenciados pela equipe econômica.

O orçamento da pasta autorizado pelo Congresso inflou 125%, pulando de R\$ 3,77 bilhões, em 2003, para R\$ 8,5 bilhões neste ano. No bolo maior fatia é destinada à Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social, única área para a qual podem ser destinadas verbas através de emendas parlamentares. Em 2011, as emendas apresentadas pelo Congresso somaram R\$ 373,3 milhões.

Roberto Maltchik \* Cristiane Jungblut

## ÁGUAS DE JANEIRO

### Projetos de R\$ 850 milhões contra enchentes

Entre as obras previstas está a construção de barragem e de canais para evitar que cheias de rios inundem cidades. O governo do estado detalhou ontem três projetos, no total de R\$ 850 milhões, que poderão reduzir os danos causados pelas enchentes em cidades das regiões Norte e Noroeste, além do município de São Gonçalo. Entre as obras, está prevista a construção de extravasadores (canais para desviar o excesso da água das chuvas) no Rio Muriaé e de uma barragem em Cardoso Moreira. As propostas, segundo o secretário estadual do Ambiente, Carlos Minc, já foram aprovadas pelo ministro da Integração Nacional, Fernando Bezerra, e pelo governador Sérgio Cabral, em reunião na semana passada.

O primeiro extravasador, com cerca de cinco quilômetros de extensão e 40 metros de largura, será construído na cidade de Laje do Muriaé, onde moradores sofrem com as cheias do Rio Muriaé. Outros dois extravasadores, com dimensões semelhantes, serão construídos em Itaperuna e Italva. Nos três casos, os canais vão captar o excesso de água das chuvas antes de o rio passar pelas cidades e despejá-lo após o perímetro urbano. Os extravasadores custarão, cada um, entre R\$ 40 milhões e R\$ 45 milhões. Já a barragem em Cardoso Moreira está orçada em R\$ 200 milhões.

### Secretário quer construção de barragem em Minas

Em Campos, a Secretaria do Ambiente quer recuperar mais de 200 canais e diques construídos há mais de 20 anos pelo governo federal. Segundo o órgão, esses canais, que deveriam auxiliar a agricultura, estão abandonados, ajudando a piorar a situação das cidades quando o nível do Rio Paraíba do Sul sobe.

Minc negou que as propostas tenham sido apresentadas somente agora por causa dos danos causados pelas chuvas. O secretário explicou que há quase três anos foram elaborados os projetos para a recuperação dos canais de Campos, mas apenas parte foi aprovada. Minc citou ainda as obras que deverão começar em breve no Rio Imbuiaçu, em São Gonçalo:

– Esses projetos não foram apresentados só agora. Eles foram apresentados ao longo do tempo. Por exemplo, o projeto de São Gonçalo. Nós apresentamos dois. Um já tinha sido aprovado e vai para a licitação e o outro foi aprovado agora. No caso de Laje do Muriaé, esse projeto foi apresentado no ano passado. Com relação à Bacia de Campos, nós apresentamos o projeto completo há três anos, mas só foi aprovada a recuperação dos canais de São Bento.

Minc acrescentou que solicitou ao governo federal que seja feita uma barragem em Minas Gerais para impedir que o excesso de água do Rio Muriaé inunde as cidades do Rio. Ele disse que o estado tem outros projetos de prazo mais curto para reduzir ou impedir os danos causados pelas chuvas.

– Essas obras (apresentadas ontem) são estruturantes, levam tempo e demandam anos para se fazer. No curto prazo, nós temos o Limpa Rio. Só na Região Serrana, tiramos 630 mil metros cúbicos (de sedimentos) de rios e canais. Temos ainda o sistema de alerta de cheias, que passou de 12 para 62 estações e salvou vidas em Friburgo e Muriaé.

### Planos incluem dragagem de rios em São Gonçalo

Para São Gonçalo, o governo apresentou ao Ministério da Integração uma proposta de dragagem do Rio Alcântara e recuperação de suas margens. Serão recuperados cerca de oito quilômetros do rio, com a remoção de até mil famílias ribeirinhas. Em fevereiro, o Inea lançará o edital para dragar o Rio Imbuiaçu (também em São Gonçalo) e recuperar suas margens.

Fábio Vasconcellos

## AL sem Brasil

Apesar de ter uma viagem marcada para o Brasil durante a campanha presidencial, quem tiver curiosidade de saber a opinião de Mitt Romney sobre o país não terá nenhuma pista no principal documento divulgado até agora sobre a estratégia de política externa do mais provável candidato republicano à presidência dos Estados Unidos.

Intitulado "Um Século americano – Uma estratégia para garantir os interesses e ideais permanentes americanos", quando aborda a América Latina, não tem uma referência sequer ao Brasil. Mas tem muitos pontos que certamente entrarão em choque com a posição do governo brasileiro.

O documento anuncia que o governo de Mitt Romney terá "um papel ativo na América Latina, apoiando aliados democráticos e relacionamentos baseados em economia de mercado, contendo forças internas desestabilizadoras como gangues criminais e terroristas, e se opondo a influências externas desestabilizadoras como o Irã".

O ponto mais importante do documento é o anúncio de que nos primeiros cem dias o novo governo republicano lançará "uma vigorosa promoção pública de diplomacia e comércio", denominada Campanha para Oportunidade Económica na América Latina, Ceola em inglês, sigla que aparentemente pretende substituir a Alca.

O propósito seria ressaltar "as virtudes da democracia e do livre comércio", seguindo a linha dos acordos em vigor ou prestes a serem aprovados pelo Congresso com países da região como Panamá, Colômbia, Chile, México, Peru, e os membros do acordo de livre comércio da América Central.

O eventual governo Romney tentará usar o programa para contrastar os benefícios da livre iniciativa e o modelo de autoritarismo socialista oferecido por Cuba e Venezuela, que são, na verdade, as grandes preocupações na região. Na visão de Romney, "décadas de notável progresso na América Latina baseado na segurança, democracia e crescente laços económicos com a América estão atualmente sob ameaça".

Venezuela e Cuba estariam liderando "uma virulenta campanha antiamericana" num movimento "bolivariano" por meio da América Latina com a intenção de sabotar instituições de governança democrática e oportunidades económicas.

Esse "movimento bolivariano", segundo o documento, ameaça aliados dos Estados Unidos como a Colômbia, interfere na cooperação regional para o combate às drogas e em ações de contraterrorismo, tem fornecido proteção para traficantes de drogas e encorajado organizações terroristas regionais, além de ter convidado o Irã e organizações terroristas estrangeiras como o Hezbollah.

O documento destaca também o que chama de "epidemia de violência de gangues criminais e cartéis da droga" que leva a morte ao México e diversos países da América Central e Caribe.

A proposta de Mitt Romney é juntar as iniciativas de combate às drogas e ao terrorismo para criar a Força Tarefa Hemisférica para Crime e Terrorismo, com o objetivo de coordenar as ações de inteligência e repressão entre os aliados regionais.

No plano mais geral, o documento adverte que quem assumir a presidência em 2013 terá pela frente uma série de "ameaças e oportunidades".

O papel de "países poderosos" como China e Rússia pode levar à valorização do sucesso económico, reforçando a importância de um sistema construído à base da liberdade económica e política.

Mas pode também, adverte o documento de Romney, ameaçar tal sistema pelo autoritarismo característico desses países, que já estaria colocando em perigo a segurança internacional.

O documento chama a atenção para o surgimento de atores relativamente novos na cena global, como os grupos terroristas transnacionais.

Os grupos islâmicos radicais são apontados pelo documento como "um perigo onipresente" para os Estados Unidos, apesar das vitórias obtidas nos últimos anos no combate ao terrorismo.

Mitt Romney utiliza-se do documento das "armas de destruição em massa" para chamar a atenção para os perigos de elas caírem "em mãos erradas".

A região que vai do Paquistão à Líbia, envolta em "profunda turbulência", tem uma importância geoestratégica que não pode ser menosprezada: "É o primeiro ponto para a proliferação nuclear", ressalta o documento, um constante risco de uma "guerra catastrófica" que poderia colocar a economia mundial no caos.

A política externa de Mitt Romney se preocupa com "países fracos demais para se defender sozinhos" e também com "países falidos ou em falência", como Somália, Yemen, Afeganistão e Paquistão, "e num grau alarmante, nosso vizinho México".

Esses são países com "governança fraca, tomados pela pobreza, doenças, refugiados, drogas e crime organizado", que são ou podem vir a ser lugares seguros para terroristas, piratas e outros tipos de redes criminosas.

Romney retoma também a expressão "Estados bandidos" muito utilizada no governo de George W. Bush, para definir Irã, Coreia do Norte, Venezuela e Cuba, que têm "interesses e valores diametralmente opostos aos nossos" e colocam a segurança internacional em perigo, especialmente nos casos da Coreia do Norte e do Irã, que buscam obter armas nucleares.

O professor de estudos estratégicos da Universidade Johns Hopkins Eliot Cohen, conselheiro especial do governador Romney, descreve no prefácio do livro quais são os objetivos que movem a sua candidatura: a tese do mundo multipolar, onde o poder de influência dos Estados Unidos seria decrescente, seria "falaciosa e perigosa".

"Os Estados Unidos não podem retirar-se dos problemas mundiais sem provocar perigo para si mesmo e para os outros. (...) Queiramos ou não, nossos valores, nossas políticas e nosso exemplo importam a todos os que valorizam a liberdade".

Merval Pereira

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_10\_janeiro-opinião2.10\_jan.doc.txt

PM na UFF

Dentro de quatro anos, o Rio ganhará profissionais com formação universitária em segurança pública. Parece boa ideia, pelo menos porque toda novidade positiva nessa área é bem-vinda em princípio.

Numa guerra que a sociedade não está ganhando – na melhor das hipóteses, defendida por otimistas obstinados, estamos segurando nos dentes um frágil empate – novas ideias merecem, pelo menos, uma expectativa forrada de esperança.

A iniciativa é da Universidade Federal Fluminense, que oferece 60 vagas a novos universitários. O dono da ideia, professor Roberto Kant de Lima, diz que a formação de profissionais que existe hoje "nas academias de polícias e faculdades de Direito" não tem o que ele chama de "perspectiva da sociedade": está amarrada à "visão do aparelho de repressão do Estado".

Traduzindo: a ideia é treinar profissionais que pensem prioritariamente nos interesses dos cidadãos – que não seriam exatamente idênticos aos das autoridades que cuidam da segurança pública – e isso não é exatamente uma novidade. Os inéditos bacharéis em segurança estarão distantes do que o professor chama de "lógica da repressão": vão estudar matérias como administração de conflitos, sociologia e antropologia.

O projeto não é novo: há quatro anos, foi rejeitado pela UFF. E, de 2000 a 2006, ele existiu sob a forma de um curso de especialização obrigatório para a promoção de policiais do Estado do Rio. Não deu certo, segundo Kant de Lima, porque os policiais-alunos "vinham com suas culturas profissionais muito enraizadas". Na nova versão, não há esse problema: os candidatos não terão experiência alguma. O que os defensores da ideia consideram uma virtude, com a mesma certeza que os adversários a condenam.

Vale a pena registrar que a novidade é elogiada por um coronel da PM, Robson Rodrigues, que tem, pode-se dizer, experiência nos dois times: é mestre em antropologia e foi comandante das UPPs – possivelmente a melhor iniciativa da Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro nas últimas décadas.

Ele lembra que levar a segurança pública para o meio universitário é uma iniciativa democrática. Tem razão, com certeza: é uma forma de aproximar os agentes do Estado dos cidadãos.

Luiz Garcia

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_10\_janeiro-reportagem.10\_jan..doc.txt

Romney busca vitória inédita

Ex-governador precisa de ampla vantagem em New Hampshire para consolidar liderança republicana

No último dia de campanha antes da primária de New Hampshire, o ex-governador Mitt Romney expressou em forma de piada sua preocupação com a queda de sua vantagem nas pesquisas. Romney, que ganhou por apenas oito votos em Iowa., precisa de uma goleada aqui hoje, onde joga em casa (foi governador da vizinha Massachusetts e tem uma casa de campo no Ligo Winnepesaukee, em New Hampshire).

– Espero ganhar por pelo menos 16 votos aqui, gente! – apelou o favorito republicano, no encerramento de reunião com eleitores na pequena metalúrgica Gilchrist, em Hudson, a cerca de uma hora da capital do estado.

Romney está numa situação Inusitada: se vencer hoje, será o primeiro republicano a ganhar tanto o caucus de Iowa quanto a primária de New Hampshire sem estar no cargo de presidente. Seria um feito, mas com margens despencando nos últimos dias – de 43% para 33% em menos de uma semana– surgem novas dúvidas sobre sua capacidade de convencer o eleitorado e atrair simpatizantes das outras cinco candidaturas do GOP (Grand Old Party, como o Partido Republicano é conhecido), além dos Independentes. Segundo pesquisa da Universidade Suffolk e do canal 7 News divulgada ontem, Ron Paul tem 20% das intenções de voto; John Huntsman, 13%; Newt Gingrich, 11% e Santorum, 10%.

Erika Babine, ex-empresária e hoje estudante, é um exemplo de como o coração dos eleitores ainda balança. Como milhares de outros independentes, ela se registrou para votar na primária republicana. Mas, a poucas horas da votação, continuava em dúvida entre Romney e a nova estreia conservadora, Rick Santorum, ex-senador pela Pensilvânia.

– Minha prioridade é votar em quem tiver mais chance de derrotar Obama. Acho que é Romney, porque Santorum ainda é pouco conhecido. Mas gosto dele também – avaliou Erika, uma ex-eleitora do democrata Bill Clinton que não gosta de Obama porque "ele não entende nada de economia nem do mundo dos negócios".

Neste ano, as primárias são diferentes: os candidatos conquistam delegados proporcionalmente aos votos, e não na

regra "o vencedor leva tudo", que só passa a valer a partir de 1º de abril. Em Iowa, por exemplo, Romney levou 13 delegados, e Santorum, 12. Analistas acreditam que a nova regra pode estender a disputa para além da Super Terça (6 de março) – quando normalmente o quadro já está decidido, com primárias simultâneas em 12 dos 50 estados. Nos contatos com eleitores, Romney bate na tecla de que é o mais preparado para impulsionar a retomada do crescimento económico e a criação de empregos, devido a sua experiência no mundo da economia real – questionada pelos rivais republicanos. Ontem, o ex-presidente da Câmara Newt Gingrich voltou a cobrar de Romney explicações sobre as atividades da Bain Capital, especializada em reestruturações de outras empresas, afirmando, que ela "saqueava essas companhias, deixava as pessoas desempregadas e saía com milhões de dólares".

Antes da eleição, Obama muda chefe de gabinete

Outro adversário, John Huntsman, aproveitou uma frase de Mitt Romney, que mais cedo dissera gostar de "demitir pessoas", para atacá-lo.

– Parece que Romney bota a política em primeiro lugar. Ele gosta de demitir pessoas, eu gosto de criar empregos – disparou Huntsman.

O contexto da frase de Romney era outro; ele se referia a "demitir" as empresas de seguro-saúde que não ofereçam serviços satisfatórios. No evento na metalúrgica Gilchrist, Romney repetiu a proposta de que as pessoas passem a contratar – ou descontratar – pessoalmente seu seguro-saúde, em vez de ter acesso a ele por um plano coletivo da empresa na qual trabalham.

O ex-governador disse acreditar que, com a livre concorrência, os preços dos prémios cairiam. Foi uma resposta a um eleitor que se queixou do preço estratosféricos dos prémios de seguro saúde, especialmente para os mais velhos.

Enquanto os republicanos trocam acusações, o presidente Barack Obama anunciou a renúncia de William Daley ao cargo de chefe de gabinete e a sua substituição por Jacob Lew, democrata de perfil marcadamente econômico.

Com 1,3 milhão de habitantes, New Hampshire tem apenas quatro votos no Colégio Eleitoral que escolhe o presidente, mas vira uma frente de batalha por ser um dos swing states, estados que oscilam entre republicanos e democratas no pleito presidencial. Em 2000, seus votos foram fundamentais para eleger George W. Bush.

Mas, o estado, cujo lema é "liberdade ou morte", é um dos principais redutos de Ron Paul, o porta-voz da corrente libertária do partido, que atrai legiões de jovens, até de estados vizinhos.

– Queria muito conhecê-lo de perto. Espero que meu primeiro voto para presidente seja de Ron Paul – afirmou o estudante Ryan Casey, de 18 anos, que veio de Massachusetts para um café da manhã com Paul em Manchester.

Pré-sal e caças da Embraer viram alvo de ataque de pré-candidato

Gingrich critica Obama por intenções anunciadas ao Brasil de comprar petróleo e aviões

DERRY. New Hampshire. Aos pares ou em grupos maiores, as pessoas vão chegando à entrada do ginásio onde, na noite fria de domingo, o pré-candidato republicano Newt Gingrich é esperado para um town hall meeting, a mais antiga Instituição democrática da Nova Inglaterra, berço da colonização e da Independência dos Estados Unidos.

Derry é uma cidade de cerca de 30 mil habitantes, que encaram uma temperatura de 2 graus negativos com galhardia e casacos leves: um Inverno sem neve balança até a convicção do mais empedernido dos republicanos sobre a "fraude" do aquecimento global.

No espaçoso ginásio com teto de madeira, cerca de 350 pessoas se juntam para ouvir Gingrich e desfrutar da oportunidade que a campanha em New Hampshire oferece: encontrar-se cara a cara com os candidatos. Gingrich, que aos 68 anos é um dos políticos mais conhecidos do país, entra acompanhado da terceira mulher, Callista, de 45 anos, uma loura platinada.

Rapidamente o alvo dos ataques vira o presidente Barack Obama. Coadjuvante, o Brasil. Gingrich mostra irritação com o fato de Obama ter afirmado à presidente Dilma Rousseff em visita ao Brasil em março do ano passado, que os EUA tinham interesse em garantir a compra de US\$ 2 bilhões das reservas de petróleo do pré-sal (por meio de acordo para financiamento da exploração das reservas).

– Queremos que o presidente dos Estados Unidos viaje o mundo para vender produtos e serviços americanos, não para comprar. Pegar dinheiro emprestado dos chineses para pagar aos brasileiros é um modelo que não funciona.

E o Brasil continua na berlinda, com mais uma reclamação: o político republicano tampouco aprova a compra, por US\$ 355 milhões, de 20 aviões A-29 Super Tucano, caças da Embraer, em detrimento da concorrente americana, Hawker Beechcraft.

– Por que não uma empresa americana?

Durante 45 minutos de discurso, ele descreve Obama como um presidente fraco e despreparado, insistindo nas comparações com Jimmy Carter (1977-1981).

– Uma coisa é a Casa Branca não saber jogar xadrez. Agora, não saber jogar damas... – cutuca, provocando risos e aplausos.

As piadas cedem lugar a um discurso apocalíptico, no qual as eleições do dia 6 de novembro são as mais importantes dos nossos tempos, e a última chance para salvar o país do declínio.

Terminado o discurso, o candidato abre a guarda para as perguntas dos eleitores, numa variação dos debates no modelo town hall que já foram considerados a versão do Novo Mundo para a democracia direta de Atenas.

– Esse tipo de evento é uma parte muito importante da tradição política da New Hampshire. É a chance de se julgar o caráter, a personalidade da pessoa, algo que não se consegue ver na TV – diz Linda Dupere, moradora de Derry e veterana voluntária de campanhas republicanas.

Fernando Godoy \* enviado especial

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_10\_janeiro-crónica.10\_jan..doc.txt

Sob instabilidade

O novo ano nasce sob a marca da instabilidade política, no cenário internacional, e da volatilidade e da incerteza, na área económica. A democracia e o mercado estarão em xeque em 2012.

O mundo vive em sobressalto diante da crise económica e financeira que se abate sobre os EUA e a União Europeia. Não bastasse isso, são igualmente inquietantes alguns sinais que, isolados, podem não parecer preocupantes, mas que, quando vistos em conjunto, adquirem um caráter de uma possível grave crise nos próximos meses.

O quadro mais complexo está no Oriente Médio. Permanece a possibilidade de um ataque, aberto ou por meio de ações clandestinas, às instalações nucleares no Irã. Notícias de que o Reino Unido e Israel preparam-se militarmente para atacar o Irã diminuíram, mas não desapareceram, como evidenciado pela questão da passagem do petróleo pelo Estreito de Ormuz. A concentração de tropas norte-americanas no Kuwait e o lançamento bem-sucedido de mísseis de longo alcance israelense e iraniano indicam que os preparativos de lado a lado se intensificam. Isso não quer dizer que o ataque seja iminente, nem que será levado a efeito, mas esses fatos ajudam a aumentar a tensão na área, agravada pelos ataques recíprocos Israel-Hamas, apesar da retomada das conversações. O estado de guerra civil na Síria contra o governo de Bashar Assad pode propiciar a repetição da fórmula utilizada pela Otan na Líbia. Para complicar ainda mais a situação, depois da queda dos regimes autoritários na Tunísia, no Egito, na Líbia, no Norte da África, a Primavera Árabe começa a se defrontar com as inevitáveis rivalidades internas. Questões tribais e religiosas afloram e ameaçam a transição para a democracia, podendo reacender focos de guerra civil. A retirada do Afeganistão e do Iraque das forças militares dos EUA não contribuirá para reduzir as tensões e vai concentrar atenção nas ações do Irã nesses dois países. O Paquistão nuclear continuará a preocupar pela instabilidade política interna.

As Nações Unidas, locus para a discussão de questões de paz e de segurança, saíram desgastadas depois dos episódios na Líbia. O pedido da Autoridade Palestina de ingresso como membro permanente da ONU, feito ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, foi esquecido. Os EUA e Israel retaliaram, com corte de dotações orçamentárias, a decisão de entrada da Palestina na Unesco.

A crise europeia continuará a manter alta a temperatura política no continente pela negociação de um novo tratado de responsabilidade fiscal e pela possibilidade concreta que outros países tenham de ser socorridos a fim de evitar a ameaça de rompimento do sistema monetário ou mesmo da união política do continente.

A produção de petróleo não está aumentando, o que manterá os preços altos por muito tempo, acrescentando mais um elemento de pressão contra a volta do crescimento.

Os países emergentes, China à frente, continuarão a liderar o crescimento da economia global e deverão superar em 2012, em termos de PIB, os países desenvolvidos. O Brasil deverá ter seu crescimento reduzido pela crise. O comércio internacional deverá estagnar ou registrar uma expansão menor, em função da desaceleração económica nos EUA e na União Europeia e da restrição dos financiamentos à exportação.

Eleições em 24 países, inclusive EUA, França, China e Rússia, definirão os novos líderes que terão de enfrentar os desafios impostos pelas incertezas e instabilidades.

Os EUA, no meio de uma continuada crise de confiança, de baixo crescimento e de aumento do desemprego, começam a se preparar para as eleições presidenciais. A campanha para as prévias do lado republicano mostra como o sistema político naquele país está disfuncional, com efeito negativo direto sobre o funcionamento do governo. O fator preocupante é que os neoconservadores estão de volta com toda a força, e a reeleição de Obama – que até aqui parece a melhor perspectiva – não está assegurada. A vitória de um candidato republicano certamente teria um impacto expressivo sobre o cenário político e económico global.

Rubens Barbosa

## PELO MUNDO

### 'Berlin calling'

Uma cantora brasileira nascida em São Paulo e criada em Colônia está conquistando os corações dos alemães. Dominique Dillon de Byington, de 23 anos, conhecida apenas por Dillon, é uma menina de sorte e sobretudo talentosa. Autodidata, nunca estudou música ou aprendeu a tocar instrumentos. Aos 18 anos, "para fugir da solidão", como ela mesma declarou, começou a tocar piano, e compôs as suas primeiras canções. Foi nessa época também que Dillon começou a fazer seus próprios vídeos e a publicá-los no YouTube. Com os milhares de cliques e elogios, não demorou a gravar o primeiro single pelo selo Kitty-Yo. Em seguida, saíram dois outros singles: "Aiming for destruction" e "Ludwig". Em 2010 veio o convite para sair em turnê pela Alemanha, abrindo o show "Schall und wahn" da banda Tocotronic, de Hamburgo. Com o vento soprando a seu favor, Dillon decide então se mudar para Berlim, cidade pela qual se apaixonou ao visitar pela primeira vez em companhia da mãe aos 11 anos...

Dillon chegou a Berlim em 2007. Quatro anos mais tarde, após muitos shows e publicações virtuais, a gravadora BPitch Contrai lançou em novembro do ano passado o seu álbum de estreia, "The silence kills", um disco pop com batidas eletrônicas.

As letras de Dillon falam de temas abstratos e de experiências pessoais: são escovas de dente deixadas para trás, robôs que procuram cristais roubados por piratas, pernas que viram espaguete e histórias de amor. Na faixa "You are my winter", ela faz uma colagem de detalhes da arquitetura da cidade: varandas, coberturas, apartamentos, parques, estações de trem, cabines automáticas de fotografias...

"A criação de uma música quase nunca leva mais do que 20 minutos", comenta Dillon. Todas as 12 faixas de "The silence kills" são escritas e interpretadas em inglês. "É música para meditar e contemplar. Sua voz fala com a alma. Tem momentos no disco que fazem a sua garganta fechar", elogia Mike Diver, da BBC. A menina dos olhos de kajaal, sempre pintados de preto e vestida de preto, como aparece na capa do disco, lançado em CD e vinil, vai mesmo dar o que falar. Ou melhor, já caiu nas graças do público e da mídia.

Ela está em evidência em revistas, jornais, blogs, na Alemanha e na Europa. "Nada mudou fora de proporção na minha vida", disse Dillon em entrevista ao blog Les Berlinettes no camarim do clube About-Blank, em Berlim, onde fez dois shows em dezembro. "As pessoas vêm aos concertos curiosas e interessadas em ouvir o que estamos fazendo", conta a cantora, que está em turnê até fim de março promovendo o novo disco na Europa.

Devido ao sucesso dos shows em Berlim, ela volta a se apresentar na capital em fevereiro, no teatro HAU 1. Mesmo tendo pouco contato com a terra natal, e declarando sentir uma certa confusão de identidade, Dillon disse em entrevista ao portal UOL Brasil que gosta de Caetano Veloso e de Elis Regina, e também que tem vontade de tocar no Brasil. Aliás, há diversos vídeos no YouTube registrando a sua passagem por um estúdio em São Paulo, o Studio 8.

"The silence kills" foi lançado por uma gravadora focada em tecno e eletrônica, porém pelo menos três lançamentos recentes do selo, os discos de Dillon, We Love e Aérea Negrot, não são exatamente música para as pistas de dança.

Criado em 1999, o BPitch Contrai da DJ e produtora Eilen Allien tem um catálogo de respeito na cena eletrônica.

Nomes como Modeselektor, Sascha Funke e Paul Kalkbrenner compõem a constelação das estrelas da casa.

Kalkbrenner está ligado a BPitch desde o início, é uma celebridade no país e atrai multidões em suas turnês. Em 2008, estrelou "Berlin calling", de Hannes Stöhr, um filme de ficção baseado em sua biografia, no qual Eilen Allien também inspira uma personagem. A trilha do filme saiu pelo selo BPitch Contrai.

Conhecida como a primeira-dama do tecno alemão, Eilen Fraatz surgiu na cena berlinense no início dos anos 1990 após retornar de uma temporada em Londres.

Ao voltar, começou a tocar nos principais clubes da cidade e logo se tornou DJ residente dos legendários Bunker, E-Werk e Tresor, clubes que surgiram com a queda do muro, em bairros da antiga Berlim Oriental. Eilen Allien não tem dificuldade em acumular funções. Ela cuida da gravadora e viaja pelo mundo fazendo música. Em breve, estará se apresentando no Brasil, em Florianópolis, dia 21 de janeiro, no Festival Creamfields, ao lado de Fatboy Slim, Paul Van Dyk, Tiefschwarz, Reboot, Layo & Bushwacka, Nervo e Jamie Jones. Selos independentes e gravadoras cult vêm influenciando a história da música ao longo de muitas décadas. É o caso das legendárias grifes sonoras Deutsche Grammophone, Verve, Impulse, Blue Note, CTI, MPS, Island, Atlantic, Virgin... essas e muitas outras são responsáveis por lançamentos clássicos, de discos e de artistas que se tornam referência mundial. Das independentes, as alemãs ECM e Bear Family (esta especializada em relançamentos de catálogos antigos) e a brasileira Dubas se destacam com lançamentos que trazem o selo de controle de alta qualidade e sofisticação. O CD "Rio", de Keith Jarrett, homenageando a Cidade Maravilhosa (ECM), e "Liebe paradiso", de Ronaldo Bastos e Celso Fonseca (Dubas),

homenageando Berlim, onde boa parte do conceito do disco foi elaborado, são bons exemplos de projetos lançados em 2011, que entrarão para a história dos discos clássicos, atemporais e sofisticados. Viva a boa música, produtores e executivos de gravadoras – pequenas ou grandes – que ainda apostam na qualidade.

Cristina Ruiz-Kellersmann \* de Berlim

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_14\_fevereiro-entrevista.14\_fev.doc.txt

'Há o mesmo mecanismo de exclusão do Brasil'

Relatora brasileira da ONU para o direito à moradia desafia críticas a Israel e Autoridade Palestina

A Raquel Rolnik

TEL AVIV. Em sua oitava missão desde que assumiu o posto de Relatora Especial da ONU para o direito à moradia adequada, em 2008, a brasileira Raquel Rolnik passou as últimas duas semanas verificando in loco em que condições de habitação estão vivendo israelenses e palestinos. Pela primeira vez na região, a arquiteta e urbanista paulista não se intimidou com a complexidade dos problemas, que misturam questões socioeconômicas, étnicas e religiosas.

O relatório preliminar que divulgou no último domingo não poupa ninguém. Raquel acusa o governo da Autoridade Nacional Palestina (ANP) de não ter controle sobre projetos de construção nas áreas que controla, na Cisjordânia. E de priorizar a construção de moradias para a classe média – como o projeto da moderna cidade de Rawabi, perto de Ramallah – em vez de investir na construção de casas populares.

Mas é Israel o alvo das críticas mais ferozes da relatora. Ela censura o governo do país pela violação dos direitos dos palestinos na Cisjordânia e por ajudar a piorar as más condições de habitação na Faixa de Gaza com o bloqueio econômico à região. Isso sem contar a discriminação sistemática da minoria árabe através de um planejamento habitacional que limita ou ignora populações inteiras, como vilarejos beduínos no Deserto do Negev, no Sul do país. Israel também estaria tentando "judaizar" Jerusalém Oriental com uma política de demolições de casas de palestinos da cidade e de proibição de novas construções.

Em entrevista ao GLOBO após a divulgação do relatório – cujo texto final será discutido no Conselho de Direitos Humanos da ONU em março de 2013 – Rolnik conta como a experiência no Brasil a preparou para lidar com regiões tão distintas e encontrar, apesar de tudo, tantos pontos em comum.

Como o olhar brasileiro ajuda a entender a situação no Oriente Médio?

RAQUEL ROLNIK: A experiência do Brasil me trouxe o conhecimento de como você pode ter um sistema de planejamento que exclui uma parte da população do acesso à terra e como uma população pode se instalar informalmente e se tornar ilegal. Essa população sem acesso a possibilidades formais de expansão de suas casas e de seus bairros acaba construindo por si só, e o sistema de planejamento não reconhece sua existência. E ao não reconhecer, transforma o que eles produzem em algo ilegal, o que leva a remoções, às vezes violentas, reassentamentos forçados de comunidades que estão naqueles lugares há muitos anos. É como o que estamos assistindo no Brasil hoje, na preparação de algumas cidades para as Olimpíadas e para a Copa do Mundo.

Que paralelo a senhora faria com o conflito entre israelenses e palestinos?

ROLNIK: Reconheço aqui esse mesmo mecanismo, que constrói uma ordem que exclui as minorias para depois incluí-las só quando se quer. Israel tem um planejamento muito mais rígido que o brasileiro, muito mais estruturado. Mas é um planejamento que ignora a existência de algumas comunidades árabes dentro de Israel. Ao chegar nessas comunidades "invisíveis", as autoridades imediatamente declaram que há casas ilegais, que têm que ser destruídas ou removidas. A minha visão brasileira é essencial para poder declarar que é possível aceitar a diferença e fazer as coisas de maneira mais democrática.

Criado para abrigar uma minoria, o Estado de Israel não consegue lidar com suas próprias minorias?

ROLNIK: O problema é que além da questão nacional, há dimensões étnicas e religiosas. Antes da criação de Israel, já havia outro povo vivendo aqui. Algumas dessas pessoas tiveram que sair e são refugiadas até hoje, sonhando em voltar um dia. Tudo isso torna toda a questão aqui muito mais complexa. E esse é o ponto fundamental: os dois povos têm que ter acesso à terra e o direito a uma nação livre, autônoma e independente. Mas o que acontece, na prática, é a contínua ocupação das terras e a instalação de colônias. E muito chocante ver que há na Cisjordânia uma situação criada pelos Acordos de Oslo (1994) que deveria ser temporária, mas que se mantém. Pelos acordos, Israel iria se retirar do controle da área C (60% da Cisjordânia), que iria sendo passada progressivamente para a Autoridade Palestina. Mas, na verdade, o que está acontecendo na área C é puramente ocupação da terra, é a expansão das fronteiras israelenses, é a instalação de colônias. O chamado muro da Cisjordânia é mais uma violação inaceitável. E a alegação de que Israel se mantém na Cisjordânia por motivos de segurança? Não tem fundamento?

ROLNIK: A segurança é parte de toda essa máquina. O medo funciona como uma justificativa para a expansão e a apropriação. Ao mesmo tempo, percebo é que essa estratégia de expandir e controlar provoca mais ódio ainda, não está contribuindo para a paz. Essa justificativa pela guerra, pelo terrorismo, transforma todo e qualquer palestino em terrorista, o que não é verdade, assim como não é verdade que todo israelense seja um autoritário ou um colono ocupante.

A senhora também não poupa a Autoridade Nacional Palestina no relatório. Por quê?

ROLNIK: Não parti de um pressuposto definido, de que há bandidos e mocinhos. Por isso é que também levantei a questão de algo que está acontecendo dentro da área controlada pela ANP, que está estrangulada, com capacidade de agir limitadíssima. Justamente por isso, levar adiante a construção de Rawabi, uma cidade com 5 mil casas para classe média alta, não é uma prioridade quando há tanta gente carente de serviços básicos como água e esgoto.

Daniela Kresch

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_14\_fevereiro-notícia1.14\_fev.doc.txt

Governo cobra apoio da base para votar fundo

Líder do governo encaminha carta a deputados e pede presença esta semana no congresso para iniciar discussão BRASÍLIA. Para evitar as divergências da semana passada, quando a sessão da Câmara dos Deputados foi abruptamente interrompida, o Palácio do Planalto e os líderes aliados tentaram fechar ontem uma estratégia para votar o projeto que cria o Regime de Previdência Complementar do Servidor Público da União (Funpresp). A intenção dos líderes aliados é votar após o carnaval. Ontem à noite, ainda estavam fechando o calendário de votação, em encontro com a ministra de Relações Institucionais, Ideli Salvatti.

A ideia do líder do governo na Câmara, deputado Cândido Vaccarezza (PT-SP), é votar hoje medidas provisórias e a chamada PEC da Invalidez. Conforme o quorum, poderá ser iniciada a discussão do Funpresp. Para tentar garantir presença dos deputados nesta semana que antecede o carnaval, Vaccarezza enviou mensagens aos deputados, cobrando o comparecimento.

Planalto quer base aliada a favor do Funpresp

Para aparar as arestas, o presidente da Câmara, Marco Maia (PT-RS), e Vaccarezza conversaram ontem durante a posse da nova presidente da Petrobras, Maria das Graças Foster, no Rio. A presidente Dilma Rousseff participou da posse e ficou ao lado de Maia, que, na semana passada, contrariado com o Planalto, adiou a votação do Funpresp.

A intenção dos líderes é fazer um acordo para que o Funpresp seja votado num clima menos tenso, com adesão de toda a base aliada. Semana passada, PR e PDT ameaçavam votar contra, insatisfeitos com perdas de cargos no governo.

O Planalto quer a votação do projeto o mais rapidamente possível. Isso deverá ser reforçado hoje pela própria Dilma, na reunião do Conselho Político.

– Vamos votar o Funpresp no dia 28. Amanhã (hoje), quero votar duas medidas provisórias, que estão (trancando) na pauta, e a PEC da Invalidez – disse Vaccarezza.

Para o líder do PMDB na Câmara, Henrique Eduardo Alves (RN), a votação do Funpresp será depois do carnaval. O líder do PR, Lincoln Portela (MG), já anunciou que mudou de posição e não vai mais pedir o adiamento.

Portela apresentará emenda ao texto prevendo que o Ministério Público da União faça parte do Fundo de Previdência Complementar do Poder Judiciário, e não do Fundo do Poder Executivo, como determinaria a regra. Segundo o líder do PR, essa é a principal reivindicação do Ministério Público da União.

O Fundo do Poder Judiciário está sendo cobiçado por várias carreiras que deveriam estar no Fundo do Poder Executivo. Há um movimento para que todas as "carreiras jurídicas" fiquem no Fundo do Judiciário, incluindo a Defensoria Pública e a Advocacia Geral da União. Um dos relatores do projeto, Ricardo Berzoini (PT-SP), foi procurado por todas essas categorias para tratar do assunto.

O projeto prevê a criação de até três fundos, um para cada poder: Executivo, Judiciário, e Legislativo. Mas os servidores do Legislativo não querem ficar sozinhos, porque o volume de recursos seria pequeno.

PR vai formalizar retorno à bancada de apoio

Os dirigentes do PR não vão participar hoje da reunião do Conselho Político com Dilma, mesmo convidados. Serão recebidos mais tarde no Palácio do Planalto, quando querem formalizar a volta do partido à base do governo no Congresso. Quando o senador Alfredo Nascimento (PR-AM) foi demitido do Ministério dos Transportes, o PR saiu da base e assumiu a postura de independente. Agora, quer voltar à Esplanada e à base governista.

Hoje de manhã, integrantes da da Executiva do PR se reunirão para fechar uma posição a ser levada ao Planalto. Nos bastidores, o PR reivindica a volta ao comando de um ministério, pois não considera que o ministro Paulo Sérgio

Passos (Transportes) seja da cota do partido – embora filiado à legenda, é um nome da Dilma.  
Cristiane Jungblut

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_14\_fevereiro-notícia2.14\_fev.doc.txt

Aids: gays são substituídos em vídeo

Ministério da Saúde altera propaganda

BRASÍLIA. O Ministério da Saúde apresentou ontem o novo vídeo dirigido ao público jovem gay e que substituirá o filme vetado na semana passada, que tinha cenas de dois rapazes numa boate. O novo filme, mais burocrático e cheio de números do Boletim Epidemiológico da Aids, traz dois locutores (um homem e uma mulher) apresentando dados sobre a infecção entre jovens homossexuais.

O ministério determinou ao Programa de Aids que retirasse do ar, semana passada, o vídeo com as cenas da relação homossexual. O material de divulgação do programa chegou a anunciar que o filme que gerou a polêmica seria veiculado também na TV aberta e na internet. O ministério determinou o veto e informou que o vídeo não deveria ter sido divulgado na internet e que será exibido só em espaços fechados frequentados por homossexuais. O vídeo, com logotipo do ministério, foi distribuído nas redes sociais.

No novo vídeo, os locutores apresentam dados sobre a infecção em jovens gays e afirmam que, nos últimos 12 anos, aumentou 10% a infecção entre jovens de 15 e 24 anos. Dizem que, entre jovens de 13 a 19 anos, a relação é de dez mulheres infectadas para cada oito homens.

O vídeo será veiculado em TV aberta a partir de hoje. Semana passada, o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, negou que houve censura ao vídeo dos gays. Mas, para o presidente do Grupo Pela Vidda, de São Paulo, Mário Scheffer, a nova campanha é um improviso e comprova que houve censura à campanha original.

Evandro Éboli

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_14\_fevereiro-opinião1.14\_fev.doc.txt

É poder de competição, estúpido!

Apesar dos níveis recordes em 2011, a preocupação sobre a evolução do comércio exterior é grande. A concentração das exportações em poucos produtos e a perda de mercados dos manufaturados aumentaram a vulnerabilidade do setor externo e mostraram os problemas do setor produtivo industrial.

O sucesso da política econômica e do comércio exterior, que quadruplicou em 10 anos, esconde os verdadeiros problemas da economia em geral e do setor externo em particular. A desindustrialização é um triste fato. A indústria, que já representou 25% do PIB, hoje está reduzida a menos de 15%. O consumo doméstico é atendido cada vez mais por importações (22,3%), fazendo desaparecer fornecedores nacionais e empregos. O déficit na balança comercial industrial subiu a mais de US\$ 90 bilhões. As exportações se reprimarizam (produtos primários representam 70% das exportações e 4 produtos, quase 50%).

"Os números de janeiro da balança comercial comprovam o descaso do governo brasileiro com o setor produtivo do país. Estamos diante de uma situação muito grave, que pode comprometer nossa capacidade de gerar riquezas e empregos. O governo não pode ficar parado e se limitar apenas ao discurso. Há meses estamos alertando para o problema da avalanche de importados, que afetará severamente a nossa indústria. O Brasil não pode mais esperar, é preciso que as autoridades adotem imediatamente medidas eficazes que garantam a igualdade de condições para a produção nacional", afirmou dura, mas corretamente Paulo Skaf, presidente da Fiesp.

Na área da negociação externa, nos últimos dez anos, o aumento das exportações pouco teve a ver com a abertura de mercados por meio de acordos comerciais, pois somente acordos com Israel, Egito e agora com a Autoridade Palestina foram assinados, no âmbito do Mercosul. Uma nova estratégia de negociação de acordos de livre comércio é necessária.

Enquanto essa é a situação no Brasil, o presidente Obama, na mensagem anual ao Congresso ("State of the Union"), ofereceu um bom exemplo de como defender de forma vigorosa a indústria manufatureira com visão de futuro. Procurando trazer de volta empregos para a economia, anunciou um ambicioso programa de apoio à indústria doméstica. O conjunto de medidas incluiu a aprovação de ampla reforma tributária, novos impostos para as multinacionais que se instalam no exterior e exportam empregos, e redução de tributos para as empresas de transformação e de alta tecnologia, além de programas de treinamento profissional especializado. Na área de comércio

exterior, Obama reiterou a meta de dobrar as exportações em cinco anos, o avanço nas negociações de novos acordos de livre comércio e o reforço da promoção das exportações e da defesa comercial com a criação de uma unidade de acompanhamento da aplicação das regras comerciais, responsável pela investigação de práticas desleais de comércio em países como a China.

Por aqui, nos últimos dez anos, as medidas de apoio à indústria ignoraram a principal causa da rápida perda da competitividade da economia nacional. O custo Brasil está tendo um efeito devastador na economia. De imediato, com a perda de mercado no setor exportador e a crescente saída de empresas brasileiras, e, a médio e longo prazos, com o aumento do desemprego e com a redução de investimentos.

A exemplo dos EUA, a desoneração tributária deveria encabeçar a agenda do governo para enfrentar a competição externa. Defesa comercial apenas não melhora a competitividade. O custo da energia, a alta taxa de juros, a apreciação cambial que anula a proteção tarifária, as ineficiências burocráticas, a guerra de incentivos nos portos e seus altos custos operacionais, o descalabro da infraestrutura, o peso dos gastos com a corrupção e com a aplicação da legislação trabalhista poderiam, se atenuados, representar significativa redução dos mais de 35% no custo final dos produtos. Em resumo, é a competitividade, estúpido. O setor privado já fez a sua parte com o aumento da produtividade das empresas. Se o governo não atacar de frente o custo Brasil, a reindustrialização brasileira ficará seriamente ameaçada. Rubens Barbosa

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_14\_fevereiro-opinião2.14\_fev..doc.txt

Angústias de um 'colarinho branco'

A corrupção nacional – prazer e tradição

'Doutora, eu procurei a psicanálise porque ando com um estranho sintoma: estou com o que vocês chamam de 'sentimento de culpa...' Tive essa ideia quando vi aquele seriado na TV, 'A família Soprano', com o chefão da máfia de Nova Jersey chorando para uma psicanalista de lindas pernas. Como a senhora...

"Tenho tido pesadelos: sonho que morri assassinado por mim mesmo, que estou preso com traficantes estupradores. Não mereço isso, eu, que sempre assumi minha condição de corrupto ativo e passivo (sem veedagem, claro).

"Não sou um ladrão de galinhas, mas já roubei galinhas do vizinho e até hoje sinto o cheiro das penas que eu agarrava. Hahaha... Mas hoje em dia, doutora, não roubo mais por necessidade; é prazer mesmo. Estou muito bem de vida, tenho sete fazendas reais e sete imaginárias, mando em cidades do Nordeste, tenho tudo, mas confesso que sou viciado na adrenalina que me arde no sangue na hora em que a mala preta voa em minha direção, cheia de dólares, vibro quando vejo os olhos covardes do empresário me pagando a propina, suas mãos trêmulas me passando o tutu, delicio-me quando o juiz me dá ganho de causa, ostentando honestidade, e finge não perceber minha piscadela marota na hora da liminar comprada (está entre US\$ 30 e US\$ 50 mil hoje), babo ao ver juízes sabujos diante de meu poder de parlamentar e fazendeiro rico.

"Como, doutora? Se me sinto superior assim? Bem, é verdade... Adoro a sensação de me sentir acima dos otários que me "compram", eles se humilhando em vez de mim.

"Roubar me liberta. Eu explico: roubar me tira do mundo dos 'obedientes' e me provoca quase um orgasmo quando embolso uma bolada. Desculpe... A senhora é mulher fina, coisa e tal, mas adoro sentir o espanto de uma prostituta quando eu lhe arrojoo US\$ 1 mil sobre o corpo e vejo sua gratidão acesa, fazendo-a caprichar em carícias mais perversas.

"É uma delícia, doutora, rolar, nu, em cima de notas de cem dólares na cama, de madrugada, sozinho, comendo chocalatinhos do frigobar de um hotel vagabundo, em uma cidade onde descolei a propina de um canal de esgoto superfaturado. Gosto da doce volúpia de ostentar seriedade em salões de caretas que te xingam pelas costas, mas que te invejam pela liberdade cínica que te habita. Suas mulheres me olham excitadas, pensando nos brilhantes que poderiam ganhar de mim, viril e sorridente – todo bom ladrão é simpático. A senhora não tem ideia, aí, sentada nessa poltrona do Freud, do orgulho que sinto, até quando roubo verbas de remédios para crianças, ao conseguir dominar a vergonha e transformá-la na bela frieza que constrói o grande homem. E, agora, este sentimentozinho de 'culpa' tão chato...

"Sei muito bem os gestos rituais da malandragem brasileira: sei fazer imposturas, perfídias, tretas, sei usar falsas virtudes, ostentar dignidade em CPIs, dou beijos de Judas, levo desaforo para casa, sim, sei dar abraços de ta tamanduá e chorar lágrimas de crocodilo... Sou ótimo ator e especialista em amnésias políticas. Eu já declarei de testa alta na Câmara: 'Não sei nem imagino como esses milhões de dólares apareceram em minha conta na Suíça, apesar desses extratos todos, pois não tenho nem nunca tive conta no exterior!' Esse grau de mentira é tão íntegro que deixa de ser

mentira e vira uma arte.

"Doutora, no Brasil há dois tipos de ladrões de colarinho branco: Há o ladrão 'extensivo' e o 'intensivo'.

"Não tolero os ladrões intensivos, os intempestivos sem classe... Falta-lhes elegância e finesse. Roubam por rancor, roubam o que lhes aparece na frente, se acham no direito de se vingar de passadas humilhações, dores de corno, porradas na cara não revidadas, suspiros de mãe lavadeira.

"Eu, não. Eu sou cordial, um cavalheiro; tenho paciência e sabedoria, comecei pouco a pouco, como as galinhas que roubei na infância, que grão em grão enchiam o papo... Eu sou aquele que vai roubando ao longo da vida política e, ao fim de décadas, já tem Renoirs na parede, iates, helicópteros, esposas infelizes (não sei por que, se dou tudo a elas), filhos estroinas e malucos... (mandei estudar na Suíça e não adiantou).

"Eu adquiri uma respeitabilidade altaneira que confunde meus inimigos, que ficam na dúvida se me detestam ou admiram. No fundo, me acho mesmo especial; não sou comum.

"Perto de mim, homens como PC foram meros cleptomaniacos... Sou profissional e didático... Considero-me um Gilberto Freyre da corrupção nacional...

"Olhe para mim, doutora. Eu estou no lugar da verdade. Este país foi feito assim, na vala entre o público e o privado. Há uma grandeza insuspeitada na apropriação indébita, florescem ricos cogumelos na lama das maracutaias. A bosta não produz flores magníficas? O que vocês chamam de 'roubalheira' eu chamo de 'progresso'. Não o frio progresso anglo-saxônico, mas o doce e lento progresso português que formou nossa tolerância, nossa ambivalência entre o público e o privado.

"Eu sempre fui muito feliz... Sempre adorei os jantares nordestinos, cheios de moquecas e sarapatéis, sempre amei as cotoveladas cúmplices quando se liberam verbas, os cálidos abraços de famílias de máfias rurais... A senhora me pergunta por que eu lhe procurei?

"Tudo bem; vou contar.

"Outro dia, fui assistir a uma execução. Mataram um neguinho no terreno baldio. Ele implorava quando lhe passaram o fio de nylon no pescoço e apertaram até ele cair, bem embaixo de uma placa de financiamento público. Na hora, até me excitei; mas quando cheguei em casa, com meus filhos vendo 'High School Musical' na TV, fui tomado por este mal-estar que vocês chamam de 'sentimento de culpa'...

"Por isso, doutora, preciso que a senhora me cure logo... Tem muita verba pública aí, muita emenda no orçamento, empreiteiros me ligando sem parar... Tenho de continuar minha missão, doutora."

Arnaldo Jabor

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_14\_fevereiro-reportagem.14\_fev.doc.txt

Batucada de obras incessante na Sapucaí

No dia seguinte a reinauguração, Sambódromo ontem ainda não estava totalmente pronto para os desfiles

No dia seguinte à festa de reinauguração do Sambódromo, o som que se ouvia ontem na Sapucaí ainda era o do bater de martelos e estacas: as estruturas que vão suportar as frisas começaram a ser instaladas e, em alguns trechos, a cobertura especial, de easy floor (revestimento encaixável de material emborrachado) já estava sendo colocada durante a manhã. Na parte da frente do sambódromo, o trabalho era de acabamento e retoques: muitos operários pintavam os camarotes e serravam os pedaços de madeira que vão compor os cenários dos espaços. Já nos bastidores, na parte de trás das novas arquibancadas, operários de capacetes ainda aplicavam cimento em trechos da construção e ainda havia movimentação de tratores na manha de ontem. De acordo com a prefeitura, apesar da corrida contra o tempo, os preparativos seguem no prazo previsto.

Intervenções na avenida custaram R\$ 30 milhões

Dentro da Marquês de Sapucaí e no seu entorno, ontem era grande a movimentação de caminhões descarregando cadeiras, pedaços de madeira, estruturas tubulares e até aparelhos de ar condicionado e bebidas, que vão servir para refrescar e abastecer as geladeiras e os camarotes. Por volta das 10h, boa parte das cadeiras de plástico que vão acomodar os foliões durante os desfiles ainda estava sendo descarregada.

Anteontem, a prefeitura entregou oficialmente a obra aos cariocas e turistas, numa cerimônia que contou com a presença do arquiteto Oscar Niemeyer, que projetou o Sambódromo. Depois de nove meses de intervenções, que custaram R\$ 30 milhões, a remodelagem do Sambódromo aumentou a capacidade da Marquês de Sapucaí e modernizou o sistema de sonorização do local. São 12.500 novos lugares, que poderão receber até 72.500 pessoas. O número de frisas passou de 1.094 para 1.823 (729 frisas a mais). Já o número de camarotes diminuiu e passou de 425 para 356.

Nestes dias que antecedem o carnaval, nos camarotes o ritmo dos operários também é frenético. Muitos deles do lado ímpar da Sapucaí já estão prontos, como o do Rio, Samba e Carnaval, com 1 mil metros quadrados no setor 5, que este ano terá decoração inspirada nos trópicos, assinada pelo carnavalesco Alex de Souza, da União da Ilha.

No lado par, os prazos tiveram que ser mais apertados por causa das obras do Sambódromo. Ontem, muitos camarotes ainda estavam sendo pintados, recebendo parapeitos de madeira e aparelhos de ar condicionado. No tradicional camarote da Brahma, que este ano terá três mil metros quadrados e vai se estender pela área das frisas no setor 2, a hora é de cuidar dos detalhes. Segundo os organizadores da festa da cervejaria, a estrutura física – como divisórias e paredes – já foi concluída, também ontem, os operários passaram cuidar das instalações elétricas e, a partir de hoje, será iniciada a montagem da decoração, que homenageia a Marquês de Sapucaí. A previsão é que tudo fique pronto depois de amanhã.

A quinta-feira também é a data prevista para a conclusão do camarote Candybox, o primeiro voltado para o público LGBT, no setor 8. Segundo o publicitário Guilherme Barros, um dos organizadores do espaço, os trabalhos correram como o esperado, dentro do prazo, e agora a equipe está cuidando apenas da decoração. Hoje chegam os móveis e na quinta-feira, diz Guilherme, o decorador dará os últimos retoques. O Candybox terá um espaço vip de 150 DJs da cena LGBT.

Simone Candida e Maria Elisa Alves

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_14\_fevereiro-crônica.14\_fev.doc.txt

As escolhas de cada dia

Na semana passada, o link para o vídeo de um rapaz que teve a mandíbula arrebatada por tiro ou explosão em Homs, na Síria, circulou pelo Twitter. É uma imagem dura de ver, violência do tipo que o cinema não é capaz de fazer sentir ou que adjetivos são inúteis para expressar. É um nível de violência que nós, jornalistas, temos por hábito não apresentar aos leitores. Mídias sociais romperam este filtro. E isso levanta, na imprensa, um debate difícil e profundo. A Síria está fechada. Isolado até pelas ditaduras suas vizinhas, o regime de Bashar al-Assad está combatendo de forma brutal o levante surgido no país por conta da Primavera Árabe. A imprensa internacional tem pouco acesso. Equipes entram e saem da Síria, pois há risco. Mais do que em qualquer outro cenário da Primavera, é via e-mail, Twitter e Facebook que detalhes do que ocorre chega a todos nós.

O programa de rádio On The Media, da Rádio Pública Nacional dos EUA (NPR, na sigla em inglês), dedicou parte de seu programa de sexta-feira a um debate entre dois jornalistas tarimbados tanto na cobertura de política internacional quanto na de mídias sociais. São Andy Carvin, da própria NPR, e Neal Mann, da britânica SkyNews. O primeiro distribuiu para seus leitores o vídeo; o segundo preferiu não fazê-lo.

Cobrir as revoltas populares árabes pelas mídias sociais parece simples. Não é. Carvin e Mann, ao longo do último ano, vêm cultivando fontes. Descobrem usuários no Twitter com informações que parecem interessantes, fuçam para descobrir quem são, conversam com eles por Skype ou telefone quando possível, põem em quarentena. Só quando em um caso após o outro veem as informações se confirmar é que classificam a fonte como sendo confiável. O mesmo vale para usuários do YouTube que publicam vídeos. Ambos têm redes sofisticadas de contratos nos países de norte da África e Oriente Médio, todas criadas via internet.

Para ambos, o rapaz com a boca estourada foi um dos piores vídeos que já viram. Mann decidiu que sofrimento, num nível assim tão cru e intenso, não trazia informação nova que justificasse a publicação. Não deu retweet, muito menos sugeriu que o filme fosse exibido em um dos noticiários de seu canal. Porque, às vezes, violência pura é só isso: violência pura, nada mais. Guerras são intensas, cruéis, brutais. A situação nas ruas sírias não fica mais clara para leitor algum da internet só porque uma imagem chocante foi assistida.

Carvin enviou para seus seguidores no Twitter o link para o vídeo. Deixou claro que ela não era apenas "gráfica". Que era o vídeo de "um rapaz teve a boca explodida", que era "uma abominação". Quem escolheu clicar sabia o que iria encontrar. O jornalista tomou a decisão de divulgar por algumas razões. A primeira é que já estava circulando amplamente, às vezes sem o alerta para a forte natureza da imagem. Segundo porque guerras são brutais mas, muitas vezes, escolhemos não pensar em que o "brutal" realmente quer dizer. E havia um motivo ainda mais forte. Carvin é tão bem informado que tem leitores atentos em toda a região. Horas após divulgar o filme, já havia equipes de resgate a postos nas fronteiras com a Turquia e com o Líbano, incluía-se aí cirurgiões especializados em reconstrução de face. Porque a notícia veio do jornalista, porque Carvin conseguiu detalhes sobre o rapaz com sua rede, uma mobilização que poderia tê-lo salvo ocorreu.

Não deu tempo. O rapaz não sobreviveu às horas seguintes e não houve resgate.

O jornalismo profissional não é mais a única fonte de informação sobre grandes crises. Sem edição ou filtro, uma nova qualidade de notícia chega ao público. Tanto Mann quanto Carvin estão certos em suas decisões. Brutalidade não traz necessariamente informação nova ou clareza sobre uma crise. E informação para as pessoas certas pode contribuir para salvar vidas.

Não é só no modelo de negócios que a internet provoca uma reflexão sobre mudanças dentro das redações. O mundo está mais próximo de todos nós e isso faz com que as decisões se tornem, às vezes, ainda mais difíceis.

Pedro Doria

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_17\_janeiro-notícia1.\_17\_janeiro.doc.txt

Daniel, modelo, é afastado do 'BBB 12' após suspeita de abuso sexual

Monique, apontada como vítima, deve prestar depoimento hoje

O modelo paulista Daniel Echaniz, 31 anos, participante do "BBB 12", foi afastado ontem à noite do programa da TV Globo, após a polêmica em que se envolveu ao ser acusado de ter abusado sexualmente da estudante de Administração Monique Amin, na madrugada do último domingo. A decisão tomada pela direção foi antecipada pelo blog da colunista Patrícia Kogut. Na tarde de ontem, policiais da 32ª DP (Taquara) estiveram no Projac, onde se passa o reality show, e hoje devem retornar ao local para tomar o depoimento da jovem de 23 anos.

Segundo a assessoria da Polícia Civil "a necessidade do exame de corpo de delito será avaliada de acordo com o depoimento. Caso os agentes vejam que não houve crime, não se faz necessário". Em nota, a TV Globo informou que "Daniel foi eliminado do 'BBB 12' no início da noite, devido a um grave com portamento inadequado". Ainda de acordo com o comunicado, "após rigorosa avaliação, iniciada no domingo de manhã, a notícia (de seu afastamento) foi comunicada ao ex-brother".

Na edição de ontem, o apresentador Pedro Bial justificou a ausência de Daniel: "O Big Brother avaliou o comportamento do participante. Sem precipitação, com o máximo de cuidado, analisamos as imagens que evidenciariam uma infração ao regulamento do programa. Depois de criteriosa avaliação, a direção do programa entendeu que, sim, o comportamento de Daniel na noite da festa foi motivo de eliminação. Daniel está eliminado do Big Brother Brasil 12".

As cenas dos dois participantes na cama—com Monique supostamente desacordada devido à ingestão de álcool — movimentaram as redes sociais. A tralha #TchauDaniel ficou entre os trending topics do Twitter.

Florencia Mazza e Roberta Freire

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_17\_janeiro-notícia2.17\_janeiro.doc.txt

OGX faz descoberta na Bacia de Santos

Confirmação faz ação da empresa de Eike registrar maior alta da Bovespa

A OGX, empresa de petróleo do grupo EBX, do empresário Eike Batista, comunicou ontem, em íato relevante à Comissão de Valores Mobiliários (CVM), ter feito uma importante descoberta de petróleo e gás natural no bloco BM-S-57, no pós-sal na Bacia de Santos.

A descoberta ocorreu durante perfuração de poço situado a 102 quilômetros da costa do Rio de Janeiro e na divisa entre o estado — perto de Paraty — e São Paulo, em águas rasas, com 155 metros de distância do nível do mar ao solo marinho. Essa é a primeira descoberta comercial no bloco, onde já tinha sido perfurado um outro poço não comercial. A descoberta levou as ações da empresa a registrarem a maior alta na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) e a maior contribuição para a elevação de 1,37% no Ibovespa, índice de referência da Bolsa. As ações ordinárias da OGX subiram 5,79%, a R\$ 14,98, após a empresa anunciar a descoberta de petróleo e gás natural, como antecipou ontem Ancelmo Gois em sua coluna.

Segundo o colunista de O GLOBO, as estimativas de reservas no campo seriam de três bilhões de barris de petróleo leve. Ainda segundo a coluna de ontem, Eike já teria comunicado a descoberta à presidente Dilma Rousseff e ao ministro de Minas e Energia, Edison Lobão.

A OGX, no entanto, não confirmou esse volume de reservas, explicando que o poço ainda está sendo perfurado e que, sem a realização dos testes, não é possível fazer estimativas.

Em nota, a companhia destacou que essa é uma importante descoberta devido à grande coluna — de mil metros — com hidrocarbonetos (petróleo e gás). A forte presença de gás natural gerou um "kick" (um evento que ocorre quando a

pressão, seja do óleo ou do gás, é maior do que o peso da lama injetada durante a perfuração do poço), o que, segundo a empresa, está sendo controlado. A OGX esclareceu que o poço já está sendo preparado para reinício da perfuração.

Vazamento da Chevron começou por causa de 'kick'

O vazamento da Chevron, no início de novembro, durante perfuração de um poço no Campo de Frade, na Bacia de Campos, teve início exatamente por causa de um "kick" – o peso da lama não foi suficiente para conter a forte pressão do petróleo e do gás no reservatório, que acabou vazando para as rochas, provocando grandes fissuras no solo marinho por onde vazaram cerca de 2,4 mil barris de petróleo.

A OGX está se preparando para iniciar a produção de petróleo no próximo dia 28 em outro campos da empresa na Bacia de Campos.

Ramona Ordonez

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_17\_janeiro-opinião1.17\_jan..doc.txt

Conciliação (ainda)

O debate sobre o alcance da Lei da Anistia, e o papel que a Comissão da Verdade pode ter no esclarecimento de fatos históricos, têm rendido diversas manifestações de leitores e merecem ser retomados com novas informações. O ex-prefeito do Rio Cesar Maia me enviou um e-mail lembrando um depoimento do polêmico juiz espanhol Baltazar Garzon ao escritor Manuel Rivas, em recente documentário selecionado para o Festival de Berlim de 2011.

Ele ficou famoso por atuar contra grandes nomes da política internacional, como os generais Pinochet, Galtieri e até Berlusconi, de quem pediu anulação da imunidade parlamentar.

Baltazar Garzon está hoje imobilizado com três ações por abuso de autoridade. Num dos trechos mais polêmicos do documentário, trata da prescrição ou anistia em fatos ou delitos políticos (mortes, torturas ou desaparecimentos). Diz Garzon: "A prescrição (ou anistia) não se aplica sobre os fatos, mas beneficia o autor dos fatos.

"Não são os fatos que estão prescritos (ou anistiados), mas os autores dos fatos. Sendo assim, há que investigar quem foram os autores e, uma vez identificados, aí então se aplica sobre esses autores identificados a prescrição (ou anistia)".

O ex-deputado Marcelo Cerqueira, advogado de presos políticos à época da ditadura, tem opinião semelhante. Ele ressalta uma curiosidade histórica: tecnicamente, pelo texto apresentado pelo Ministério da Justiça, os torturadores não estavam anistiados. E recorda que, saindo de audiência com o ministro da Justiça Petrônio Portella, depois de receberem o texto que o governo enviaria ao Congresso, disse a Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, que temia pelo acordo, pois a "tigrada" (referência aos militares envolvidos na repressão política) iria ver que não estava anistiada.

Depois de ouvir explicações técnicas de Direito Penal sobre crimes conexos, Ulysses limitou-se a dizer: "Deixa pra lá".

O Supremo Tribunal Federal entendeu que a lei estaria coberta pelo propósito de anistiar os dois lados, o que historicamente se deu, sem enfrentar a matéria penal e pronto, diz Cerqueira: "A lei já produziu seus efeitos. Não proíbe os parentes da vítima de irem a juízo postular o que entenderem. É apurar a verdade, agora".

Recebi também de Terezinha Zerbini, a pioneira no movimento pela anistia com o Movimento Feminino pela Anistia (MF-PA), depoimento que merece registro, pela sensatez:

"Mais de 30 anos passaram desde a Lei 6.683 de 1979, assinada pelo então presidente João Figueiredo, em seu programa de conduzir o Brasil rumo a uma abertura lenta, gradual e segura. Tão lenta e gradual que se temeu por retrocessos, até 1985, ano da posse de seu sucessor na Presidência, José Sarney, na qualidade de vice de Tancredo Neves.

"Portanto, a anistia de 1979 foi obtida dentro de uma conjuntura específica, fruto de intensa luta para redemocratização do país. Minha experiência hoje, uma mulher de 84 anos ensinou-me que, quando não se pode fazer o que se deve, deve fazer-se o que se pode.

"E a sabedoria prega que não apenas em nível pessoal, mas também no histórico, é difícil digerir o passado como uma totalidade.

"A insistência em se fixar em atos passados, distantes há mais de três décadas, poderia equivaler ao imobilismo, comparando essa mirada àquele olhar bíblico para trás, na fuga dos pecados de Sodoma e Gomorra e na transformação de seres vivos em estátuas de sal.

"As energias disponíveis precisam estar todas voltadas ao futuro e à solução dos impasses da realidade brasileira".

O sociólogo Luiz Werneck Vianna, cuja posição contrária à revisão da Lei da Anistia me parece bastante sensata, e

gerou todo esse debate aqui na coluna, envia-me um comentário sobre o contraponto do deputado do PSOL do Rio Chico Alencar, que publiquei na certeza de que o debate democrático é o melhor caminho para o entendimento. Aí vai o depoimento de Werneck Vianna:

"Sem querer, entrei na berlinda. Faz parte. Poucas e ligeiras observações: depois de responder a muitos IPMs nos anos que se sucederam ao golpe militar de 1964, fui preso em 1971 e levado para o Cisa, nas dependências do Galeão, onde, poucos dias antes, foi morto sob tortura Stuart Angel, e, com isso, digo tudo.

"Lá, passei 15 dias sob interrogatório, e basta-me declarar que saí dele com a consciência limpa. Mais tarde, libertado, já morando em São Paulo e de volta à militância política no PCB, escapei, em 1975, por muito pouco, da Oban – estava dando aulas na Unicamp e eles me procuraram na minha residência paulista.

"Vivi cerca de um ano e meio na clandestinidade, homiziado na casa do dramaturgo Paulo Pontes, até que, com a vigorosa reação, liderada pelo Cardeal Arns, à morte sob tortura, nos cárceres da ditadura, de Vladimir Herzog, aos poucos retornei à 'legalidade', como então se dizia.

"Sempre pertenci, com muita honra, à tribo dos que preconizavam que só o 'povo organizado derruba a ditadura', contraposição aos que, desde 1968, sustentavam a tese oposta da luta militar.

"Mas isso são favas passadas. Ao assunto que interessa: sem querer discutir os méritos de historiador do deputado Chico Alencar nem suas qualidades de político, nossa transição, que o parlamentar desqualifica como negociada e 'pelo alto', não teve como motor, como ele enuncia, a luta armada – extinta, no fundamental, nos idos de 1972 –, mas a luta de massas, exemplar no movimento multitudinário das Diretas Já, nas lutas operárias do ABC e no processo eleitoral, que, a partir da eleição de Quércia para o Senado, em 1974, tornou-se determinante para o futuro rumo dos acontecimentos em 1982, com as eleições de Brizola, Tancredo Neves, Franco Montoro e Pedro Simon para governadores em seus estados.

"O resultado dessas lutas está aí com a Carta de 1988, a mais avançada e democrática da nossa História, inclusive porque propiciaram a conquista da Presidência da República por parte de uma ex-liderança do movimento sindical e de um partido com extração na esquerda.

"Houve, e segue tendo seu curso no país, uma revolução democrática progressiva, que nos cabe aprofundar, decerto em meio ao contraditório.

"Contudo, não seremos capazes dessa tarefa permanente se não soubermos valorizar o que nos trouxe até aqui, mistificando o nosso passado recente".

Merval Pereira

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_17\_janeiro-opinião2.17\_jan.doc.txt

Terreno instável

Os dias difíceis da Europa vão continuar pelos próximos meses. A solução não está na linha do horizonte. O calendário está marcado com várias datas em vermelho em todo este primeiro semestre. Ontem, começaram os tremores secundários da redução da nota anunciada na sexta-feira: foi rebaixado o mecanismo criado para salvar a Europa. O Fundo Europeu de Estabilidade Financeira (Feef) foi concebido como um instrumento para financiar os países em dificuldade. Como ele depende de aval dos maiores países da Europa, ficou obviamente mais fraco depois do rebaixamento da França e da Itália. Normalmente, depois de revisões de ratings, os bancos, as empresas e unidades administrativas dos países atingidos também são rebaixados.

Ontem foi um dia relativamente calmo, em parte porque já era esperada a redução da nota da França, e em parte porque foi feriado nos Estados Unidos. Menos mal que o governo francês conseguiu vender papéis a juros até menores, mas os efeitos não se esgotam no primeiro dia, nem esse era o único evento que se espera para este começo de ano na Europa.

Como nos terremotos, em que não há um tremor só, a Europa continuará com terreno instável. A França desceu apenas um degrau de uma enorme escada em que estava no topo e continua muito bem posicionada. O problema é que a partir de agora as soluções encaminhadas pelos dois maiores países, França e Alemanha, ficam mais fracas. A decisão de rebaixar a nota de crédito do Fundo Europeu de Estabilidade Financeira é uma demonstração disso, porque o mecanismo foi pensado exatamente para resgatar países endividados. Ter a nota máxima é o pressuposto básico do instrumento.

A ideia de que os tremores afetam só os países que têm a mesma moeda é equivocada. Os círculos que se espalham a partir de um abalo na Zona da Euro acabam atingindo a economia do mundo todo, a começar pela Inglaterra, que pensa ter se protegido. Ela tem a vantagem de ter sua própria libra. Mas cerca de 45% das exportações inglesas são

para a Zona do Euro. Além disso, os bancos ingleses têm alta exposição a dívidas dos governos europeus. Qualquer problema maior afeta a economia britânica, que vai encolher 0,5% este ano e tem previsão de alta modesta de 0,5% no ano que vem.

Depois desta onda de rebaixamento, já esperada, outros eventos estão marcados no calendário. A eleição presidencial e o rebaixamento da França reduzem a capacidade de influência do país na solução dos problemas do euro. A Itália está totalmente neutralizada do papel que exerceu até meados do ano passado, de um dos líderes do bloco. Agora, o país é o maior problema. O governo italiano tem €130 bilhões para girar até março, mais de €400 bilhões até o fim do ano, e agora desceu dois degraus na escala da S&P.

Haverá em um dado momento um novo estresse bancário na Zona do Euro. Há novas exigências de capital que terão que ser cumpridas pelos bancos. Isso mostrará a dificuldade de cada um deles. As instituições terão que ir ao mercado se capitalizar ao mesmo tempo em que há maiores temores entre os bancos.

A Grécia terá que encontrar seu caminho. A consultoria inglesa Capital Economics disse, em relatório recente, que em seu cenário de referência a Grécia deixará a união monetária este ano. O país, até março, terá que fechar acordo com os credores. Desde o impasse da sexta-feira há muita apreensão sobre como serão retomadas as negociações entre os gregos e os bancos, sobre o tamanho das perdas que eles terão que aceitar. O melhor cenário é um calote negociado; o pior é um calote desordenado. Se sair do euro será, sem dúvida alguma, desordenado. E vários bancos de outros países da região são credores da Grécia e sofrerão com o baque. Como os próprios bancos já enfrentam suas dificuldades e seus governos não conseguem mais capitalizá-los, a moratória, ainda que muito esperada, pode produzir novos tremores. Atualmente, os maiores credores da Grécia são a França, que emprestou ao país US\$ 55,7 bilhões; a Alemanha, com US\$ 21,4 bilhões em créditos concedidos; A Inglaterra, com US\$ 12,6 bilhões; e Portugal, US\$ 10 bilhões.

Tudo é mais difícil administrar num ambiente de encolhimento econômico, e a região pode viver este ano o segundo mergulho. O primeiro foi quando estourou a crise em 2008. Veja no gráfico. Até a Alemanha, que teve um bom desempenho no ano passado, foi engasgando e está entrando em 2012 em compasso de espera. As previsões são de crescimento zero no começo do ano.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_17\_janeiro-reportagem.17\_jan.doc.txt

Argentina investiga prática de cartel por Petrobras e outras petrolíferas

Empresas são acusadas de faturar US\$ 780 milhões por ano com sobrepreço

BUENOS AIRES. O ministro do Planejamento argentino, Julio De Vido, e o vice-presidente e presidente interino do país, Amado Boudou, denunciaram ontem uma suposta manobra de "cartelização" de preços nas vendas no atacado de diesel, envolvendo as companhias petrolíferas Petrobras, Repsol YPF, Shell, Esso e Oil. Segundo dois dos homens mais importantes do governo da presidente Cristina Kirchner, as cinco empresas "abusam de sua posição dominante" cobrando "sobrepreços" que, em média, superam em 8,4% os valores cobrados no mercado de varejo.

Com esta suposta operação irregular, as companhias, que serão investigadas pela Comissão Nacional de Defesa da Concorrência, obtêm, de acordo com a Casa Rosada, um lucro anual de US\$ 780 milhões.

Procurado pelo GLOBO, o escritório da Petrobras em Buenos Aires não quis comentar as declarações de De Vido e Boudou, à frente do Executivo argentino desde que a presidente iniciou sua licença médica, na primeira semana de janeiro. A denúncia caiu como um balde de água fria entre representantes da estatal brasileira, que passaram a tarde discutindo o assunto na sede da Petrobras, localizada no centro da capital argentina.

– Queremos que a Comissão Nacional de Defesa da Concorrência investigue, em profundidade, as diferenças de preços no mercado de diesel – declarou De Vido.

Governo mantém guerra particular contra a Shell

O mercado que será alvo desta investigação é amplamente dominado pela Repsol-YPF, que controla cerca de 65% das vendas. Outros 20% estão em mãos da Shell, que há vários anos mantém desavenças públicas com o governo Kirchner. Os restantes 15% se dividem entre a Petrobras (6%), Esso e Oil. Na entrevista realizada ontem no Ministério da Economia, o ministro do Planejamento fez questão de reiterar que, para a Casa Rosada, a Shell é uma empresa inimiga do governo.

– No caso da Shell, apelamos para as autoridades regionais e mundiais, porque (Juan José) Aranguren (presidente da Shell na Argentina) foi um sistemático opositor de todas as políticas deste governo – afirmou ontem o ministro argentino.

A disputa entre o Executivo argentino e a Shell já chegou aos tribunais portenhos. Em fevereiro de 2011, por exemplo,

a empresa recorreu à Justiça após a divulgação de uma resolução da Secretaria de Comércio Interior que exigia a anulação de um reajuste entre 2% e 3,6% no preço da gasolina e do diesel. Os problemas começaram em 2005, ano em que o ex-presidente Nestor Kirchner (2003-2007) convocou um boicote nacional contra a Shell em repúdio ao aumento do preço de vários produtos.

A Petrobras, por sua vez, mantém uma boa relação com o governo Kirchner e evita discutir, publicamente, medidas adotadas pelo governo.

– Detectamos diferenças de até 30% entre os preços de atacado e varejo, o que gera uma situação de desigualdade – disse De Vido.

Segundo o ministro argentino, "esta diferença provoca uma grave distorção que afeta o transporte de cargas e passageiros". O governo, assegurou De Vido, "quer comprovar se houve abuso de posição dominante, cartelização ou qualquer outro comportamento irregular. Saber quem são os responsáveis e aplicar as sanções correspondentes". O ministro informou ainda que a denúncia do governo se baseia em informações apresentadas por oito federações do setor de transportes.

Brasil solicitou reunião bilateral, diz imprensa local

A secretaria que fará a investigação é comandada pelo Secretário de Comércio Interior, Guillermo Moreno, o mesmo que está à frente da intervenção do Indec (o IBGE argentino) e que, semana passada, decidiu reforçar o controle às importações, prejudicando, entre outros sócios comerciais, o Brasil. Segundo informações publicadas pela imprensa local, o governo brasileiro solicitou uma reunião de emergência com autoridades argentinas, para discutir a nova ofensiva de Moreno.

Janaína Figueiredo

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_17\_janeiro-crônica.17\_jan..doc.txt

Maratona no Pantanal

Foram seis horas de voo em avião comercial (com quatro conexões) até chegar a Corumbá, em Mato Grosso. De lá, mais 50 minutos em um Cessna monomotor sobrevoando o Pantanal Mato-Grossense. No dia seguinte, passamos horas numa voadeira, pequeno barquinho que, como o próprio nome diz, voa pelas águas do Rio Paraguai. O objetivo foi fazer uma reportagem discutindo os motivos que levam as empresas a criarem as RPPNs (Reserva Particular de Patrimônio Natural), hoje já uma tendência nacional: no Brasil existem 1.066. A matéria está na capa do caderno Razão Social que está circulando hoje junto com esta edição.

A editora Amélia Gonzalez e o repórter-fotográfico Marcelo Piu enfrentaram a maratona durante dois dias, a convite do Grupo EBX, uma das empresas que têm uma unidade de conservação no Pantanal, e aproveitaram para conversar com as pessoas que moram num dos locais mais bonitos e inóspitos do país. A experiência foi marcante:

– A natureza é extasiante, de um colorido como eu nunca vi. E expulsa o homem. É impossível ficar ao ar livre, mesmo que seja apenas para apreciar bichos e plantas, sem ter um repelente contra os insetos, um bloqueador solar contra o sol quentíssimo e até um lenço úmido, porque tem sempre mato queimando, quer seja por combustão espontânea, quer seja pela ação do homem. Mesmo assim, ali moram pessoas que convivem com toda essa aspereza e de lá não querem sair – disse Amélia Gonzalez.

Um dos momentos mais emocionantes foi quando Marcelo Piu conseguiu flagrar o revoar de gaivotas num dos bancos de areia que se formam nesta época de seca. O movimento é nítido: os machos voam para tentar assustar quem chega perto, enquanto as fêmeas ficam protegendo os ninhos e seus filhotes:

– Nunca tinha visto uma cena tão bonita. Fiquei fascinado, usei vários equipamentos. Eu me senti numa espécie de Parque dos Dinossauros – disse Piu.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_17\_janeiro-entrevista.17\_jan..doc.txt

Bartolomeu Campos de Queirós, escritor

Premiado no Brasil e no exterior por sua obra infanto-juvenil, autor mineiro trabalhou pela difusão da leitura Consagrado internacionalmente como autor de livros infantojuvenis, o mineiro Bartolomeu Campos de Queirós teve o mesmo sucesso quando publicou seu primeiro romance, "Vermelho amargo" (Cosac Naify), no ano passado. Com uma prosa lírica e melancólica, o livro é narrado por um homem que revisita lembranças dolorosas da infância, quando ele e os irmãos procuravam lidar com a ausência da mãe, q alcoolismo do pai e os abusos da madrasta.

Em entrevista ao GLOBO na época do lançamento do livro, em maio, Queirós contou que, embora seja em parte autobiográfico, o romance usa a ficção para explorar a maneira como todos nós lidamos com o passado: "A memória é sempre um lugar onde o vivido e o sonhado conversam", disse.

Autor deixa um livro inédito

Mesmo antes de "Vermelho amargo", Queirós já tinha amplo reconhecimento, tanto no Brasil como no exterior. Publicou mais de 40 livros, entre eles "O peixe e o pássaro" (1974) e "Raul" (1978), e recebeu os mais importantes prêmios literários do país, como o Jabuti, o da Academia Brasileira de Letras, o da Fundação Nacional do Livro para Crianças e Jovens (FNLIJ), o Prêmio Ibero-americano SM de Literatura Infantil e Juvenil e o Grande Prêmio da Crítica em Literatura Infantil/Juvenil da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Foi condecorado como Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres, na França, e recebeu a Medalha Rosa Branca, concedida pelo governo de Cuba.

Queirós foi também educador e teve atuação destacada na promoção da leitura entre os jovens no país. Foi um dos idealizadores do Movimento Por Um Brasil Literário, lançado em 2009 durante a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). O manifesto de criação do projeto, assinado por ele, declarava o desejo de fazer do Brasil "uma sociedade leitora", através da promoção de "atividades mobilizadoras que promovam o exercício da leitura literária". Colaborou também com o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (Proler), criado em 1992 e vinculado à Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Foi ainda presidente da Fundação Clóvis Salgado/Palácio das Artes e membro do Conselho Estadual de Cultura, em Minas Gerais.

Nascido em 1944 na cidade de Papagaio, interior de Minas Gerais, Queirós morreu na madrugada de domingo para segunda-feira, aos 67 anos, em Belo Horizonte, em decorrência de um problema nos rins. Era solteiro e não tinha filhos. A Cosac Naify anunciou que o autor deixou um livro inédito, uma narrativa breve e onírica intitulada "Elefante", sem data de publicação definida.

Guilherme Freitas

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_21\_fevereiro-entrevista.21\_fev.doc.txt

Entrevista

Era dezembro de 2011 quando Michel Melamed aterrissou no Rio, após uma bem-sucedida temporada de seis meses em Nova York – sua performance de rua "SeeWatchLook" chegou à capa do "The New York Times" –, e foi surpreendido pela notícia: "Brasil ultrapassa o Reino Unido e se torna a sexta economia do mundo". O poeta, ator e artista multimídia olhou em volta, procurou no espaço público algo que espelhasse algum desenvolvimento, mas nada encontrou. Ou melhor, encontrou: a realidade era a mesma de quando havia partido, mas algo estava diferente. Era a distância que o fazia enxergar de outro modo a mesma coisa, um olhar renovado que o deixou "perplexo com a realidade brasileira".

– As pessoas diziam: "Isso é normal, daqui a pouco você acostuma". Mas eu me comprometi: "Não vou me acostumar". Vou segurar a lente desses óculos e esse olhar, porque é isso que eu quero contar. Então eu estou aqui para dizer: "Não, não está tudo legal". O nível de truculência e brutalidade generalizada nesse país não é normal. Em resposta ao que viu, Melamed criou o espetáculo quase mudo "Adeus à carne", que estreia nesta sexta-feira no Teatro Sesc Ginástico. O título é uma tradução do termo em latim "carne vale", e a montagem é estruturada a partir dos quesitos que norteiam os desfiles das escolas de samba. No carnaval metafórico de Melamed, as alegorias são compostas para desmascarar um enredo, a seu ver, falacioso que desfila livremente por todas as passarelas do país. – Você pega qualquer veículo de comunicação e a gente vê que a sociedade brasileira é comprometida em todos os segmentos. Cadê essa sexta economia do mundo? Que enredo é esse?

O carnaval, portanto, é apenas o ponto de partida para a construção de algo que o poeta, como bom inventor de palavras, tem chamado de sambicídio.

– Essa peça é um sambicídio. Eu estou triste com o país e me pergunto: "Quem é que tá pagando esse discurso oficial de que há um carnaval no país?". É ótimo ter Olimpíadas, Copa do Mundo, mas isso não pode mascarar a nossa capacidade de ficar perplexo diante da brutalidade do cotidiano – diz Melamed. – Eu me deparei com essa agência britânica classificando o Brasil como a sexta economia do mundo. Mas não é visível que esse país é a sexta potência. Esse crescimento não se reverte em qualidade de vida, em índice de desenvolvimento humano.

Violência (narcotráfico, milícia, assassinato, estupro), política (corrupção e farsa na atuação dos governantes), educação e cultura (precariedade do ensino e ausência de políticas públicas efetivas) são as placas que se atritam e emergem do palavrório inconformado do diretor. Já em cena, o discurso é poético e imagético, transformando a

inquietação numa experiência estética composta por cenas minuciosamente coreografadas, em que angústia e catarse se alternam para denunciar e expurgar o incômodo do autor com o individualismo, a exclusão, a desigualdade, a exploração e o subdesenvolvimento do país.

– Somos subdesenvolvidos e atrasados, sim. Aqui se mata um juiz! Onde já se viu isso, cara, tá louco? Nego mata a torto e a direito o tempo todo. Vem a milícia, o cara te dá um tiro e de repente acabou! A questão é complexa, mas o primeiro ponto que eu coloco é: o Brasil é o lugar da truculência. O país é brutal com as pessoas. Há uma dívida social muito grande. Uma metade desse país deve muito a outra. É inaceitável. O país está mais rico, mas não se vê. Então nesse momento o que eu tenho a dizer é com imagens, porque já não me restam palavras. Eu já usei as palavras.

Um trabalho de direção de atores

Melamed está no camarim após um ensaio, oito dias antes da estreia. As palavras soam como um desafogo de tudo que ele não diz, mas tenta – e consegue – fazer visível em cena. À sua frente, numa bancada, um laptop guarda uma série de textos dos quais ele, nos últimos dias, decidiu abdicar.

– É claro que tenho um texto para a peça, mas decidi não usá-lo. Estou há dias em trabalho de parto para chegar aqui e dizer que não terá palavras – conta. – Escrevi muito, sou um cara da palavra, mas nesse espetáculo não consegui usá-las, apesar de as imagens partirem delas. Não aguento mais falar, mas ainda quero me expressar, então talvez tenha sobrado o corpo, a força física, o espasmo que surge quando você não tem mais o que dizer.

O poeta, que iniciou a carreira declamando poesia no projeto CEP 20.000 e se tornou conhecido pela verborrágica "Tetralogia brasileira" – "Regurgitofagia" (2004), "Dinheiro grátis" (2006), "Homemúsica" (2007) e "Antidinheiro grátis" (2010) –, agora transmuta a enxurrada de palavras numa partitura densa e silenciosa, coreografada pelo próprio.

– Não sei se fiz coreografia ou um balé, sei que fiz um trabalho de direção de atores.

Acostumado a atuar sozinho, agora Melamed contracena com mais cinco atores – Bruna Linzmeyer, Pedro Monteiro, Rodolfo Vaz, Thalma de Freitas e Thiare Maya. "Adeus à carne" é, portanto, uma verdadeira troca de pele, uma reinvenção, um espetáculo diferente de tudo o que ele já fez.

Mas tem um ponto em comum com os anteriores: a dificuldade de ser descrito em palavras. Para tentar compreender o que se verá em cena, vale registrar algumas imagens: um samba-enredo versa monotemático sobre a tristeza; uma comissão de frente evolui numa descrografia espasmódica; um abre-alas que traz corno efeito uma cascata de lágrimas; uma passista ultrapassa o limite do corpo vibrando ao ponto de dilacerar em contrações musculares desconexas; componentes de alas evoluem envergados e amarrados num pau-de-arara. Assim, na passarela de Melamed, a alegria é quase inconfessável, e o amor é quase inalcançável; o samba perde o vigor do compasso e vaga numa elegia fúnebre que, ao fim do desfile, revela um carnavalesco extenuado, mas também realizado por extrair do lodo mais um belo e indefinível espetáculo.

– Até agora eu não sei do que falo. Esse espetáculo é sem sentido como o país que ele quer retratar. Hoje o Brasil é um país sem sentido – diz. – As pessoas têm uma ideia maniqueísta de que se você não o elogia e o defende você é antibrasileiro. Não tem nada disso. Eu tenho um completo compromisso com o país, uma obsessão pelo Brasil. Sempre tive e até por isso me sinto à vontade para dizer tudo isso e me perguntar: que espetáculo é esse? É um desfile ou uma manifestação? Esse país quer mais desfiles ou ele quer manifestações? Ele precisa de manifestações.

Luiz Felipe Reis

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_21\_fevereiro-notícia2.21\_fev.doc.txt

Em 3 dias, 122 mortes nas estradas federais

Segundo a polícia, foram registrados 1.984 acidentes, 27,4% a menos do que em 2011; número de vítimas fatais caiu BRASÍLIA. Balanço parcial da Polícia Rodoviária Federal revela que houve redução no número de acidentes e de vítimas fatais nos três primeiros dias do carnaval, em comparação com o mesmo período no ano passado. De sexta-feira a domingo, foram contabilizados 1.984 acidentes, com 1.148 feridos e 122 mortes. Em 2011, no mesmo período, houve 2.732 acidentes, com 1.625 feridos e 135 mortes. A redução é de 27,4% no número de acidentes, 29,4% nos feridos e 9,6% nas mortes. Os dados foram divulgados ontem e referem-se apenas a acidentes em estradas federais. Segundo a Polícia Rodoviária Federal, um quinto das mortes ocorreram em apenas dois acidentes. No sábado, dois ônibus de turismo se chocaram na BR-153, próximo ao município de Estrela do Norte, em Goiás. Morreram 14 passageiros no local e dezenas ficaram feridos. Também houve a colisão frontal de um automóvel com um ônibus, na BR-349, no município de São Félix, na Bahia. Oito dos nove passageiros do carro morreram no local. O acidente aconteceu na sexta-feira pela manhã. Há indícios de que o motorista dormiu ao volante.

Em três dias, mais de 31 mil multas foram aplicadas

Ontem pela manhã, um micro-ônibus da Viação Única com 16 passageiros caiu de uma ribanceira de aproximadamente 60 metros de altura na BR-040, em Petrópolis, na Região Serrana do Rio. Equipes do Corpo de Bombeiros fizeram o resgate, que foi considerado de alto risco. Uma mulher morreu no local e os outros passageiros foram levados ao hospital. Até ontem à tarde, outro passageiro tinha morrido no hospital. Por conta do acidente, o tráfego fluía apenas em meia pista.

De sexta-feira a domingo, policiais rodoviários federais fiscalizaram mais de 80 mil veículos e emitiram mais de 31 mil multas. Dos cerca de 15 mil motoristas que assopraram o bafômetro, 701 foram reprovados e impedidos de seguir viagem dirigindo. Desses, 276 foram presos por crime de trânsito no momento da fiscalização. No mesmo período, a polícia conseguiu apreender 700 quilos de cocaína, 328 quilos de maconha e crack suficiente para fazer mais de três mil pedras.

Na volta para casa, para dar mais fluidez ao trânsito nas rodovias de pista simples, o tráfego de caminhões bitrem, caminhões-cegonha e veículos com dimensões excedentes foi restringido. Esses veículos não poderão circular nas vias hoje das 16h à meia-noite, e amanhã, das 6h ao meio-dia. Quem descumprir a determinação estará sujeito a pagar multa de R\$ 85,13. O condutor desses veículos será obrigado a permanecer com o veículo estacionado até o final do horário de restrição.

PRF recomenda cautela nas ultrapassagens

Em sua página na internet, a Polícia Rodoviária Federal faz recomendações a motoristas que seguirão viagem no feriado de carnaval. Uma delas é manter uma distância segura do carro à frente. Segundo o órgão, no carnaval passado foram registrados 1.346 acidentes do tipo colisão traseira, correspondentes a 31% do total.

Outra recomendação é cautela em ultrapassagens. Segundo a polícia, 40% das mortes em estradas federais ocorridas no carnaval passado foram ocasionadas por colisões frontais causadas, por ultrapassagens proibidas. A polícia também lembrou que, no carnaval do ano passado, 15% das mortes nas estradas foram por atropelamento. Outra dica é evitar dirigir à noite – no feriado de 2011, 40% das mortes nas estradas ocorreram nesse período. O balanço completo dos acidentes será divulgado nesta quinta-feira.

Carolina Brígido

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_21\_fevereiro-noticial.21\_fev.doc.txt

União repassará obras dos Jogos de 2016

A pedido da presidente Dilma Rousseff, estado e município assumirão projetos olímpicos

O carnaval é 2012, mas na primeira noite na Marquês de Sapucaí políticos e autoridades do município e do governo estadual estavam de olho nas Olimpíadas de 2016. O vice-governador, Luiz Fernando Pezão, aproveitou a folia para anunciar que as obras de responsabilidade do governo federal nos Jogos deverão ser transferidas para o estado e a prefeitura.

Pezão afirmou que a transferência será feita a pedido da presidente Dilma Rousseff. Com isso, as obras do Parque de Deodoro passarão para o estado e do Parque Olímpico, em Jacarepaguá, para a prefeitura. O vice-governador não explicou qual teria sido o motivo da mudança solicitada pela presidência. No início de março, representantes do governo do Rio deverão se reunir com as ministras da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, e do Planejamento, Mirian Belchior, para acertar os detalhes.

– A presidente Dilma pediu que as ministras conversassem com a gente para que o estado e a prefeitura toquem as obras. Imagina se vamos negar um pedido da presidente. A gente tem uma tradição de entregar (obras); ela confia – afirmou Pezão, ao chegar à Sapucaí.

Mais tarde, o governador Sérgio Cabral disse que o estado vai realizar primeiro o projeto executivo para detalhar os custos da obra de Deodoro. Os recursos serão do governo federal:

– O que vamos fazer é, primeiro, licitar o projeto executivo. Normalmente, no Brasil, se licita com o projeto básico. Depois que validarmos os valores com o projeto executivo, o dinheiro será repassado. Faremos a obra com enorme prazer.

A possibilidade de a prefeitura assumir as obras dos Jogos Olímpicos, sob a responsabilidade do Ministério do Esporte no complexo esportivo da Barra da Tijuca, já havia sido cogitada em dezembro pelo ministro do Esporte, Aldo Rebelo, no evento "Rio cidade sede", organizado pelo GLOBO e pelo "Extra".

Fábio Vasconcellos

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_21\_fevereiro-opinião1.21\_fev.doc.txt

Aposta certa

Dados recentes divulgados pelo IBGE revelam que é cada vez maior a importância do setor de serviços para a economia brasileira. E a expectativa é que a fatia correspondente a este setor cresça cada vez mais.

Mas o cenário poderia ser ainda mais promissor se houvesse vontade política do governo para incentivar inúmeras atividades econômicas que continuam sendo injustamente castigadas pelo descaso do Poder Público. Seja na imposição de uma pesada e cruel carga tributária, seja na adoção de políticas precárias, desconectadas com as reais necessidades do mercado e dos consumidores e insuficientes para permitir voos mais altos desses segmentos.

Posso citar o exemplo deste mercado de seguros, que conheço muito bem. Nos últimos anos, exerci a presidência de instituições tais como a Escola Nacional de Seguros e a Fenacor, além de ter ocupado o posto de superintendente da Susep. Pude ver, dos dois lados do "balcão", o quanto esse setor é discriminado pelas autoridades governamentais e está abandonado à própria sorte.

Essa postura do governo é inexplicável diante do potencial que este mercado oferece como investidor institucional, gerando recursos que podem ser usados em grandes projetos de interesse público. Esse mercado também devolve elevados valores para a sociedade, assegurando a manutenção do patrimônio das famílias e das empresas, a continuidade dos negócios, a saúde e a vida do cidadão.

Uma rápida análise dos dados do mercado de seguros, previdência aberta, capitalização e resseguro permite ver o quanto é grandiosa essa contribuição para o bem-estar social. Segundo a Susep, em 2010 este mercado devolveu para a sociedade, na forma de indenizações, benefícios e resgates, mais de R\$ 85 milhões por dia útil – ou R\$ 2,7 milhões a cada hora. No total, foram R\$ 22,6 bilhões reinjetados na economia de janeiro a dezembro do ano passado. Mesmo assim, o seguro é esquecido ou visto com desdém pelo Executivo.

Vimos, há muito tempo, advertindo as autoridades a respeito das possíveis consequências, para toda a sociedade, desse descaso. No entanto, o alerta ainda não foi ouvido. Não há, de nossa parte, qualquer pretensão de defendermos privilégios. Clamamos, sim, por justiça. O mercado de seguros tem muito a oferecer em contrapartida.

Pouco se tem feito no Brasil visando a oferecer a este mercado as condições adequadas para que ele possa cumprir o seu papel de investidor institucional, a exemplo do que ocorre em outros países, proporcionando os recursos necessários para os projetos que servirão de base para o desejado crescimento sustentado da economia brasileira. Diante da precariedade gritante na infraestrutura e na logística, o Brasil não pode abrir mão desse tipo de investimento. É hora de dar um basta nessa situação. Não há tempo a perder. Vivemos uma situação limite, que põe em risco o tecido social. Não há por que sobrepujar demandas justas, que têm origem em setores produtivos da sociedade, em prol daquelas certezas que só existem nas mentes de burocratas insensíveis.

O mercado de seguros tem um enorme potencial para crescer e alcançar, no Brasil, o mesmo patamar registrado em quase todos os demais países. Mas, é preciso remover o mais rapidamente possível as amarras que impedem o setor de alçar voo.

É preciso rever a absurda carga tributária que sangra o faturamento das empresas, impedindo novos investimentos na geração de empregos, na capacitação profissional e na adoção de tecnologias mais avançadas.

Nesse contexto, o corretor de seguros, particularmente, é um dos mais afetados pela descabida e insaciável política tributária que vem sendo posta em prática no Brasil. Proporcionalmente, a categoria paga de impostos quase tanto quanto as grandes instituições financeiras, embora muitas empresas corretoras de seguros sejam de pequeno porte, heroicamente mantidas pelos seus sócios.

É preciso inverter a lógica, e apostar na força e pujança do setor produtivo brasileiro.

Armando Vergílio

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_21\_fevereiro-opinião2.21\_fev.doc.txt

O carnaval é um comício dançante

Já escrevi sobre o carnaval muitas vezes, me repetindo todo ano, porque minha coluna sai nas terças-feiras gordas.

Vou escrever sobre o quê? Sobre a corrupção que invade o Brasil todo com seus blocos de sujos? Não dá.

Sempre que penso no carnaval me lembro dos dias da minha infância. O carnaval chegava aos poucos e não era essa explosão de felicidade maníaca que vemos hoje em dia.

Já se ouviam os primeiros clarins do carnaval na chegada do verão, com as marchinhas tocando no rádio fazendo dueto com as cigarras que cantavam entre as flores vermelhas do flamboyant de minha casa (para onde foram as cigarras

pós-modernas?).

– Minha primeira lembrança do carnaval era o cheiro do lança-perfume. Até hoje me irrita pensar que baniram esta linda arma da alegria. O lança-perfume era tudo. Havia umas garrafinhas de vidro, frágeis como ampolas, mas o belo símbolo do carnaval era o "rodouro metálico". Era um tubo dourado, grosso, que ejetava um fino jato de éter, gelando as costas nuas das adolescentes que se torciam em risos sensuais. O perfume flutuava pelas avenidas como uma nuvem de euforia salpicada de confetes coloridos e rasgada por serpentinhas.

O carnaval de hoje parece uma calamidade pública, disputada pelo narcisismo oportunista de burgueses se despindo para aparecer na TV. O carnaval foi deixando de ser dos "foliões" para ser um espetáculo para os outros; o carnaval deixou de ser vivido para ser olhado. Não há mais músicas de carnaval – notaram? Temos de recorrer às marchinhas e sambas do passado. Mas, quase não precisamos das canções, nessa época convulsa. Só há os corpos, as multidões enlouquecidas. Quando passam as baterias das escolas, quando uns garotos sambam no pé, ainda vislumbramos os traços de uma beleza antiga. Hoje há os corpos malhados, excessivamente nus, montanhas de bundas se exibindo em uma metáfora de liberdade, pois ninguém tem tanto tesão assim, ninguém é tão livre assim.

Carnaval sempre foi sexo – tudo bem – mas, antes, havia uma doce inibição no ar, havia a suave carece, uma moralidade mínima, havia clima de amor romântico nos bailes. Dirão que sou um nostálgico "estraga-prazeres", mas tenho a sensação de que há uma drástica mudança de rumos nesse progresso vertiginoso que nos assola.

Nosso passado era feito de toscos sambinhas, de permanências coloniais; mas, mesmo de equívocos do nosso atraso, havia alguma coisa original e frágil que a massificação enterrou.

Ainda bem que nos últimos anos voltaram os grandes blocos do asfalto, depois de um período em que só havia as escolas de samba e um grande vazio na cidade. Creio mesmo que essa volta aos blocos de rua tem a ver com a nova conexão entre as pessoas, numa espécie de rede social invisível nos céus do país.

O novo carnaval de rua tem algo de ocupação das cidades, de uma fome de democracia muito diferente dos tempos em que as primeiras-damas da ditadura davam uns passinhos de samba nos camarotes da Sapucaí. Nos foliões das ruas, há quase um desejo cie morrer esmagados, num fervente formigueiro onde todos se sentem um grande "um".

Há uma espécie de comício dançante que nos purga das dores do ano. Mas, para descobrir um carnaval ainda mais puro, temos de ir aos detritos que sobram dos anos 40 e 50, assim como olhamos velhas fachadas entre prédios modernos. Os blocos de "sujos", esses sim, com uma alegria selvagem e sem frescuras, inconscientemente velam pelos carnavais do passado, por uma inocência perdida.

Podemos ver nas ruas a preciosa origem do carnaval profundo. Lá, estão os desesperados, os famintos de amor, os malucos, os excluídos da festa oficial.

A explicação antropológica de "pobres querendo ser reis" por três dias, de que há um exorcismo alegre da luta de classes, não esgota o assunto. Nos blocos dos anjos de cara suja, dos travestis escrotos, dos vagabundos, há uma autocaricatura que denuncia a "mixaria" da vida que vivem; é o carnaval dos miseráveis, a dança do escracho na melhor tradição da arte grotesca, desacralizando as obrigações da virtude e da obediência.

Em nosso carnaval há uma animalidade pulsante querendo uma "civilização" sem mal-estar, questionando o pensamento único do bom senso anglo-saxônico. Brasileiro pode não ter espírito público, consciência social; mas, certamente, tem um inconsciente à flor da pele, ao contrário dos países que pagam um alto preço pela Razão triste, por uma felicidade comedida.

Somos primitivos no melhor sentido da palavra. A sacanagem das matas profundas é diferente das surubas calvinistas de Nova York, que inventaram o sexo torturado nas boates doentias e acabaram na Aids.

Nós só pensamos em ficar nus, como se quiséssemos voltar para trás, para uma grande tribo vermelha ou mulata. Há uma "pureza" nessa explosão de carne que não se explica, há um desejo de "indianização", há o desejo de fundar outro país, avesso a autoritarismos, avesso à tragédia da pobreza. Queremos uma sociedade organizada, mas feminina; justa, mas alegre. Onde existem essas montanhas de carne, de corpos se jogando uns contra outros, onde podemos ver essa busca louca por um orgasmo utópico, essa fome de amar? No carnaval, os homens querem virar mulheres. Todos querem ser tudo: os homens querem ter seios e fecundidade e as mulheres querem ser ágeis e sedutoras, máquinas de excitar pênis dançantes. O mundo macho tem muito a aprender com as mulheres no carnaval, as filhas das mucamas, das escravas lindas.

Todas as metáforas do carnaval são ligadas à ideia de abundância, de fecundidade, tudo lembra um grande prazer quer nos salvará um dia, contra um futuro de racionalidade e paranóia. O carnaval brasileiro tem a utopia de transformar a cultura em natureza. Nosso "fim da História" seria uma grande bacanal delirante entre nossas três raças entrelaçadas em um casamento grupai doido: negros, brancos e índios dando à luz um grande bebê mestiço e gargalhante, que ensine que a vida é arte e a lógica careta é a morte.

Arnaldo Jabor

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_21\_fevereiro-reportagem.21\_fev.doc.txt

Cabo Frio sai na frente

Na Região dos Lagos, no Rio, primeiro aeroporto privado lucra com carga e turismo

Os grupos que ganharam as concessões dos aeroportos de Guarulhos, Viracopos e Brasília não serão os primeiros a operar terminais internacionais privados do Brasil. Uma experiência na Região dos Lagos mostra que é possível um aeroporto ser funcional, lucrativo, com baixos custos e... privado. É claro que os desafios da Costa do Sol, que administra o aeroporto de Cabo Frio são diferentes dos recém-privatizados, que passam às mãos dos novos donos em maio. Em Cabo Frio, os investidores já planejam o crescimento do negócio, com olhos em pré-sal, Copa, Olimpíadas e no potencial turístico de Búzios e região.

No ano passado, o aeroporto de Cabo Frio transportou 140 mil passageiros, obteve uma receita de R\$ 45 milhões, recebeu os maiores aviões cargueiros do mundo e ganhou novos voos regulares. Com isso, a empresa, que já investiu R\$ 35 milhões no projeto, além dos R\$ 50 milhões de investimentos públicos, tornou-se a maior geradora de ICMS na cidade (graças ao aeroporto foram recolhidos R\$ 80 milhões no ano passado) e a empresa chegou, pela primeira vez, no topo do ranking de maior contribuinte de ISS do município.

Aeroporto já é lucrativo

Com três frentes de atuação – cargas, passageiros e apoio offshore para o petróleo, com o embarque diário de quase 500 pessoas em helicópteros – a empresa é, há quatro anos, lucrativa e enxerga um bom potencial para os próximos anos. Mas nem sempre foi assim.

Privatizado pela prefeitura de Cabo Frio em 2001, o aeroporto ara focado em turistas Mas a crise argentina – que tirou turistas internacionais das praias da Região dos Lagos os atentados do 11 de Setembro e problemas com o tamanho da pista tornaram o aeroporto um "mico", gerando prejuízos mensais, por muitos anos. Diversos sócios saíram do consórcio que administrava o terminal. Mas a Inauguração de uma nova pista e o foco em cargueiros fez o aeroporto crescer.

Além de contar com um voo regular de carga semanal de Miami da ABSA – empresa da LAN, agora soda da TAM – a empresa, que conta com cerca de 500 funcionários, incluindo terceirizados, recebe cerca de 10 voos semanais com cargas, em frete. Trip e Azul voam regularmente para lá – esta última, a princípio, apenas na alta temporada – mas muitos voos charters de Argentina, Uruguai e Chile aterrissam lá no verão, chegando a três pousos internacionais por sábado.

Sucesso vem do transporte de carga

Carga é a grande chave do sucesso do aeroporto. Graças à atuação mais ágil dos órgãos federais – Polícia Federal (PT) e Receita Federal – na região, Cabo Frio foi sido escolhido por diversas empresas como porta de entrada de mercadorias no país, tirando espaço do Galeão.

– Muitos clientes preferem aqui, porque uma mercadoria pode demorar dez dias para ser liberada no Galeão ou no Porto do Rio. Já tive um cliente que precisava levar umas peças para Angra dos Reis, mas preferiu que a carga viesse para cá em vez de descer no Rio – afirmou o contador Felipe Miranda, que representa seis empresas de petróleo na região.

O aeroporto de Cabo Frio também tem sido usado para alfândega de produtos que chegam pelo Porto do Rio ou pelo Galeão, já que as empresas podem escolher onde querem fazer a aduana. Como o terminal recebe mais material ligado à indústria de petróleo, os procedimentos são acelerados, pois a carga específica não tem que disputar espaço com cargas em geral do Galeão ou dos outros portos do estado.

– Fico feliz com este crescimento da carga. A cidade de Cabo Frio tem o direito de pleitear o posto de hub (centro de distribuição) de cargas no Estado do Rio – disse Francisco Pinto, um dos sócios da Costa do Sul, ao ser questionado se pretende transformar o aeroporto em uma espécie de "Viracopos fluminense" (o Aeroporto da Campinas é o principal ponto para aviões cargueiros em São Paulo). – Não faz sentido empresas do Rio utilizarem aeroportos paulistas para cargas – completa.

A atividade de offshore também está em franca expansão. A atual capacidade de dez helicópteros será triplicada até julho e a Petrobras terá um novo terminal no local. O total de pessoas transportadas passará de 500 para 1200 por dia. A proximidade com os campos do pré-sal devem fazer a cidade crescer e, com ela, o aeroporto. Para isso, ainda este ano deve sair o projeto da criação de um Condomínio Logístico e Industrial na cidade:

– O governo do estado, como a Codin (Companhia de Desenvolvimento Industrial do Rio), está finalizando o acerto da área junto ao aeroporto para este condomínio de empresas. Acredito que ainda neste ano isso será realidade – conta

Ricardo Valentim de Azevedo, secretário de Indústria, Comércio, Trabalho e Pesca de Cabo Frio.

Mas como é a experiência privada para os passageiros? Cátia Silva, moradora de Cabo Frio, gosta da funcionalidade do local:

– As malas chegam logo e o embarque não tem muita complexidade.

A ex-pecuarista Mônica Neiva, moradora de São Paulo, sempre utiliza o aeroporto para chegar mais rápido à sua casa em Búzios. Embora goste do aeroporto, sente alguns problemas:

– Tudo funciona bem, mas faltam alguns itens, como escada rolante ou elevador para o segundo andar, onde está a lanchonete.

Mas isso pode mudar em breve se um novo projeto da Costa do Sol sair: transformar Cabo Frio em um portal de aviação executiva, com foco na Copa e nas Olimpíadas. A ideia é dividir com o Galeão o recebimento de voos internacionais, sejam fretados ou executivos. Após todo desembarço ao local, os aviões poderiam pousar diretamente no Santos Dumont, que não é um terminal internacional.

– Em todas as Copas e Olimpíadas, sempre houve problemas com estes voos. Nossa ideia é resolver isso, criando um pátio para até 300 aviões, que ficariam estacionados aqui durante o evento, além de permitir o recebimento de voos e passageiros. Para isso, criaríamos um novo terminal de passageiros mais amplo e confortável – afirma Francisco Pinto, da empresa que administra o aeroporto.

Assim, Cabo Frio ganharia uma nova estrutura para avançar no recebimento de passageiros – que deve ser impulsionado com a criação do Club Med na região, o que pode atrair outros quatro grandes hotéis para a localidade – e o terminal funcionaria como uma nova forma de entrada do país para voos fretados e executivos, que poderia até mesmo desafogar Guarulhos em dias de pico em São Paulo, como em dias de Fórmula 1.

– Este projeto está pronto, estamos conversando com o governador e com a CBF. Acredito que tem tudo para sair, será bom para o país e vai dar um salto na qualidade do estado e da cidade – afirmou Azevedo, da prefeitura local.

Para Pinto, da Costa do Sol, o aeroporto de Cabo Frio é um exemplo de como a iniciativa privada consegue dar respostas rápidas e eficientes nos terminais aéreos. Ele afirma que a estrutura do local é, hoje, melhor que a do Aeroporto de Vitória, no Espírito Santo, que não chega a ser muito maior que o de Cabo Frio e que já recebeu centenas de milhões em investimentos. Ele lembra que as obras privadas costumam ser mais baratas que as públicas e que empresas privadas são mais hábeis para criar fontes alternativas de renda. Enfim, justamente os argumentos dos grupos que pagaram ágio de mais de 600% nos Aeroportos privatizados no começo de fevereiro.

Pinto acredita que a concessão dos aeroportos será um sucesso e que a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) será fundamental neste processo, criando um ambiente de negócio e de operações que permitirá um novo salto de qualidade na aviação civil brasileira. Entusiasta das privatizações, Pinto acredita que aeroportos pequenos podem estar no radar da companhia, que, recentemente, recebeu a entrada do Grupo Libra, dono de um terminal portuário no Rio de Janeiro, que agora detém 60% da Costa do Sol.

– Há vários aeroportos pequenos no país que hoje são considerados inviáveis e que podem ser mais lucrativos – resume o executivo.

Henrique Gomes Batista

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_21\_fevereiro-crônica.21\_fev.doc.txt

Privacidade para quê?

Nas últimas semanas, uma série de notícias que tratam de privacidade na internet encheu as páginas de jornais. Duas se destacam. Uma é a de que o Google puxaria informação não autorizada de quem usa o browser Safari, comum em computadores Macintosh, iPhones e iPads. A outra é de que vários apps de iPhone, incluindo Foursquare, Facebook e Twitter, carregam para seus servidores dados da agenda telefônica de seus usuários. As notícias estavam aqui no GLOBO, no argentino "Clarín", no "New York Times", no "Guardian" londrino. É tema recorrente, dá sempre uma boa manchete. Mas, quando as notícias sobre quebra de privacidade na internet começam a se proliferar, a pergunta se torna obrigatória: não será muito barulho por nada?

No caso do Google, a história foi publicada em primeira mão pelo diário americano "Wall Street Journal". O Safari permite a seus usuários que estabeleçam certos níveis de privacidade como, por exemplo, bloquear que sites rastreiem por onde o leitor navega na rede. Com a intenção de tornar a rede social Google+ mais útil, a trupe de engenheiros achou por bem ignorar o desejo do usuário. O Google alega que quem se inscreveu em sua rede social quer poder dizer que curtiu um determinado artigo ou foto nalgum canto da internet. Dizem, também, que rastrear a navegação é uma definição complicada. O Google não estaria armazenando cada detalhe. Apenas estaria constantemente lembrando que

aquele sujeito que lê aquele artigo naquele momento é o mesmo que responde por um cadastro específico no Google+. Não é um anônimo.

O caso dos apps que puxam o caderno de endereços de seus usuários é semelhante. Foi o site The Next Web que descobriu esta. Sem avisar qualquer um, estes aplicativos copiam sua lista de contatos, telefones, endereços e e-mails. Armazenam tudo, em alguns casos sem encriptação, nos seus servidores. Esta informação, em apps de mídias sociais, é útil. É a partir desta lista de contatos que uma rede pode informar quando um conhecido se logou pela primeira vez e que está à disposição para uma amizade virtual.

O microescândalo forçou a Apple a mudar sua política de privacidade. Dois deputados americanos também convocaram executivos da empresa a prestar explicações. Na ponta do Google, o sistema de buscas está em meio a uma complexa mudança de sua própria política. Impossível entrar em qualquer um de seus serviços – a própria busca, Gmail, YouTube etc – sem que uma mensagem não salte aos olhos: estamos mudando nossa política de privacidade, quer ler sobre ela? O desejo da empresa é, por um lado, simplificar e, por outro, unificar. Chega de cada site de sua constelação ter um jeito próprio de lidar com a questão.

A internet botou a questão da privacidade na mesa e, ao menos de alguns setores, a pressão para evitar violações está forte. Só que redes sociais são úteis justamente porque há muita informação nossa lá. Somos ingênuos. Não percebemos o quanto estamos compartilhando sobre nós mesmos nestes serviços. Porém, achamos estes serviços úteis. E a verdade é que, entre o anúncio e a indignação, não houve qualquer movimento de boicote a Google, Safari, iPhone ou Facebook. Ninguém quer abrir mão destas ferramentas.

Estamos vivendo uma nova fase da história da internet. É agora que os novos limites entre o público e o privado serão estabelecidos. E somos nós, coletivamente, que ditaremos as normas futuras. Aquilo que realmente causar indignação será cancelado. Estas empresas todas, porém, continuarão a forçar a barra. Em alguns casos, isso é bom. Quanto mais estivermos presentes, de peito aberto, na rede, melhor seu potencial de aproximar pessoas e resolver problemas. Noutros casos, a exposição terá consequências nocivas.

Não é grave que decidamos abrir mão de alguns pontos de privacidade. De repente, é útil que alguns aplicativos conheçam nossa lista de contatos. É responsabilidade destas empresas zelar pela proteção destes dados, mas, fora isso, nos prestam bons serviços se tiverem tudo isso em mãos. O grave é que, constantemente, estamos tomando estas decisões de abrir mão de limites ignorando que uma decisão foi tomada.

E, aparentemente, é assim que continuará sendo nos longos anos por vir.

Pedro Doria

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_28\_fevereiro-notícia1.28\_fev.doc.txt

PT e PSD serão aliados em outros municípios

Rui Falcão diz que existe garantia de apoio em sete cidades, apesar de parceria em SP ser com tucanos  
SÃO PAULO. O presidente nacional do PT, Rui Falcão, disse ontem que a aliança do PSD do prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab, com o ex-prefeito José Serra (PSDB) na capital paulista não deve afetar as conversas do partido de Kassab com petistas de outras cidades e estados. Segundo Falcão, o PT conta com o apoio do PSD em sete municípios, e a aliança pode acontecer também em outros sete – ele não citou o nome das cidades.

– O PSD já vem dialogando conosco em vários estados, independentemente da capital paulista. Tem (conversas) no ABC, em Osasco e em outros estados. O PSD está se estruturando e se definindo, e isso não significa que não possa aumentar (o número de alianças).

Rui Falcão afirmou que não se surpreendeu com o anúncio do tucano José Serra de se candidatar à prefeitura de São Paulo, pois "já parecia que ele seria candidato", e afirmou que o PT está em contato com partidos da base para ampliar as alianças.

– O PT continuará a fazer o que vinha fazendo. Estamos compondo um esboço de programa de governo e nosso candidato já está indo visitar os bairros. Já estávamos contatando partidos da base aliada, e esses contatos prosseguem, principalmente com PSB e PRB. Mas também vamos dialogar com PCdoB e PMDB, que têm candidatos.

Perguntado se a entrada de Serra vai tornar a disputa mais difícil, ele disse que não sabe avaliar, mas citou um ponto fraco do adversário:

– Temos que ver como ficará a campanha, e o nível de rejeição – afirmou Rui Falcão, referindo-se ao fato de Serra apresentar o maior índice de desaprovação na corrida pela prefeitura.

Questionado se, com o apoio de Kassab a Serra, o PT intensificará as críticas à atual administração, ele afirmou que o partido já vinha apontando problemas da cidade. E disse que as eleições na capital paulista sempre têm um viés

nacional.

Rui Falcão deu as declarações após um encontro com a Comissão Eleitoral do partido, que, segundo ele, já tem candidato próprio definido em 68 das cidades com mais de 150 mil eleitores, e apoiará aliados em outras dez. Em outros 18 grandes municípios, o PT terá candidato à prefeitura, mas ainda não sabe quem será. E em 22 cidades, a legenda discute se fará alianças ou se terá candidato próprio. PCdoB, PSB e PDT são os partidos que mais fecharam acordos para apoiar o PT nestas eleições.

Assim como Rui Falcão, o pré-candidato do PT à prefeitura de São Paulo, Fernando Haddad, também afirmou ontem que "já esperava" pelo anúncio da pré-candidatura de José Serra:

– Sempre achamos que a maior possibilidade era dele entrar na disputa. Neste século, é a quinta eleição que ele disputa.

Haddad falou ainda sobre Kassab, que flertou com o PT, mas voltou atrás após o anúncio de Serra. Segundo ele, a mudança o deixou mais "tranquilo".

– Não via com conforto uma aliança com a atual administração – afirmou ele, após visita ao terminal de Nova Cachoeira, na Zona Norte de São Paulo.

Marcelle Ribeiro e Guilherme Voitch

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_28\_fevereiro-notícia\_2.28\_fev.doc.txt

Mais uma vítima reconhece acusado de estupro

Jovem foi assaltada em São Conrado. TJ suspende liberdade condicional do suspeito

Mais uma vítima de Paulo Roberto da Silva Dias, acusado de estuprar uma menina de 12 anos num ônibus, procurou a 15ª DP (Gávea), ontem, e o apontou como autor de um assalto que ocorreu em São Conrado, no último dia 19. A jovem de 20 anos o reconheceu ao assistir a uma reportagem sobre a prisão do suspeito. Na delegacia, a vítima contou que foi abordada pelo bandido num ponto de ônibus. Ele teria dito estar com uma arma e, após roubar R\$ 80 dela, teria fugido num coletivo.

Segundo o delegado da 15ª DP, Fabio Oliveira Barucke, esta foi a sexta vítima que procurou a delegacia e reconheceu Paulo Roberto, além de ser o quarto roubo notificado. Barucke disse ainda que o motorista e o cobrador que conseguiram imobilizar Paulo Roberto não precisaram prestar depoimento na 15ª DP, porque as vítimas reconheceram o bandido, que foi levado para Polinter e depois para o Presídio Ary Franco.

– Ele (o bandido) vai responder pelo estupro a vulnerável (porque a vítima é menor de idade) com pena de 15 anos e roubo pelos crimes que cometeu. Cada pena por roubo equivale a dez anos de detenção – explicou o delegado.

Para Barucke, a ação do motorista foi perigosa. Ele diz que não é aconselhável outras pessoas fazerem o mesmo porque o ladrão pode estar armado.

O presidente do Tribunal de Justiça do Rio (TJ-RJ), desembargador Manoel Alberto Rebelo dos Santos, adiantou ontem que será pedida a transferência de Paulo Roberto para um presídio federal fora do Rio. Rebelo explicou que Paulo Roberto estava solto porque havia preenchido todos os requisitos necessários à liberdade condicional. O criminoso acumula uma pena de mais de 25 anos de prisão em três condenações – uma por roubo e duas por tentativa de roubo, todos os casos sem uso de arma, e nenhuma condenação por homicídio ou delito sexual.

Ontem, a liberdade condicional foi suspensa pela juíza Juliana Benevides, da Vara de Execuções Penais do TJ. A magistrada disse que havia concedido o benefício a Paulo Roberto no último dia 9, durante o mutirão carcerário do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Segundo a juíza, o detento já tinha ultrapassado em mais de dois anos o tempo necessário à liberdade condicional.

Seis dias após a sua decisão, no entanto, houve o caso em que Paulo Roberto foi acusado do estupro dentro do ônibus da linha 540 (Largo do Machado-Leblon). No último sábado, ele voltou a ser preso.

– Ele estava preso no sistema desde 15 de abril de 1994. Pela Lei de Execuções Penais, há quase três anos (desde julho de 2009) ele fazia jus à liberdade condicional – afirma a juíza. – Estava tentando segurar, mas chegou um momento em que não havia mais empecilho algum. Também havia parecer favorável do Ministério Público.

Renata Leite e Ludmilla Lima

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_28\_fevereiro-opinião1.28\_fev.doc.txt

A Bienal sob risco

A Fundação Bienal de São Paulo deve comemorar, em 2012, a realização de sua 30ª. exposição internacional. Como amplamente noticiado, em fins de 2011, o Ministério da Cultura (Mine) questionou a Fundação no tocante às prestações de contas de treze convênios assinados no período 1999-2007. Apesar dos esclarecimentos, o MinC novamente incluiu a instituição no seu cadastro de inadimplentes no início de janeiro e bloqueou os recursos destinados à 30ª Bienal. A Fundação entrou imediatamente com ação judicial, com pedido de desbloqueio dos patrocínios captados via lei Rouanet em 2010 e 2011. A liminar solicitada foi negada e a apelação até hoje não foi julgada.

O bloqueio das contas pegou de surpresa a atual diretoria, comandada com competência por Heitor Martins, que tem procurado – com sucesso – resolver as pendências anteriores a sua gestão, devolvendo à Bienal a seus bons tempos. A decisão do MinC de bloquear os bens da Fundação está repercutindo fortemente no meio artístico: curadores, galeristas e gestores culturais no Brasil e no exterior. Nossa Bienal, do porte da Bienal de Veneza e da Documenta de Kassel, desde sua fundação passou a fazer parte do calendário das artes Internacionais, Exposições paralelas organizadas por galeristas brasileiros e museus, realizadas simultaneamente com a mostra internacional, poderão ser canceladas. Se o Impasse persistir, a própria existência da Fundação está ameaçada, num momento, justamente, de maior projeção Internacional do Brasil, o que poderá afetar nossa credibilidade e imagem no exterior.

O que acontece com a Bienal é mais um exemplo da falta de sensibilidade para com o interesse público e para com o real prejuízo que a suspensão ou o desaparecimento da Bienal representaria para o Brasil.

A divulgação da arte brasileira, cada vez mais conhecida e reconhecida internacionalmente, é, em grande parte, resultado de um trabalho eficiente dos agentes culturais e galeristas brasileiros, que vão sentir na pele as consequências de um eventual cancelamento da Bienal. Por outro lado, deveria ser de nosso interesse que a arte contemporânea se torne mais acessível ao grande público do país.

Como corretamente parece reconhecer o Mine, há interesse em que a Bienal de São Paulo seja realizada dentro do calendário previsto. Apesar dos entraves burocráticos, o Mine tem consciência de que sua realização é importante para o desenvolvimento e projeção do Brasil lá fora, e que ela pode servir para ampliar as perspectivas de intercâmbio cultural com o exterior. Sabe também que a mostra tem o papel de proporcionar ao público brasileiro a possibilidade de conhecer diretamente o que de melhor está sendo produzido na arte contemporânea brasileira e internacional.

Com a realização no Brasil de eventos internacionais importantes, como a reunião Rio+20, pouco antes da Bienal, da Copa do Mundo e das Olimpíadas, o cancelamento da mostra prejudicaria a percepção externa quanto a nossa capacidade de organizar eventos de grande porte. A repercussão no exterior de um eventual cancelamento da mostra será maior ainda pela visibilidade que o Brasil hoje desfruta.

Enquanto se busca uma solução definitiva para as questões financeiras pendentes, a Bienal, por meio de sua diretoria e membros de seu conselho, apresentou uma fórmula para, de imediato, solucionar o problema. Os projetos amparados pela lei Rouanet seriam transferidos para um novo proponente, ou seja, uma nova instituição que passaria a ser responsável pela realização do evento como uma forma possível de viabilizar a mostra. A Pinacoteca, por exemplo, poderia gerenciar a execução da Bienal mediante um termo de ajustamento de conduta.

O mundo artístico e a sociedade em geral, esperam que todos os interessados, Bienal, MinC, Controladoria Geral da União, Tribunal de Contas da União, ministérios públicos federal e estadual, empenhem-se para chegar a um acordo. A Bienal tem de ser vista sob uma dimensão mais ampla e não como questão isolada. Sua suspensão, em decorrência da falta de sensibilidade oficial, seria uma perda irreparável para São Paulo e para o Brasil.

Rubens Barbosa

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_28\_fevereiro-opinião2.28\_fev.doc.txt

Meninos, eu vi...

Acabou o carnaval e tenho de recomeçar a pensar sobre o país. Dizer o quê? O Brasil está difícil de entender nesta mistura de atraso e modernização que o mundo demanda. Nada do que já vi se compara à indefinição angustiante de hoje. Nossas crises eram mais nítidas e nos chocavam pela obviedade. Já vi tantas mudanças políticas...

Eu vi as empregadas gritando, a cozinheira chorando, o rádio dando a notícia: "Getúlio deu um tiro no peito!" Anos depois, ouvi, no estribo de um bonde: "O Jânio renunciou!" Como? Tomou um porre e foi embora depois de proibir o biquini e as brigas de galo. Ali no bonde, entendi que os "bons tempos" da utopia de JK tinham acabado, que alguma coisa suja estava a caminho. Depois, meninos, eu vi o fogo queimar a UNE, aonde chegaria o sonhado "socialismo tropical", em abril de 1964, quando fugi pela janela dos fundos, enquanto o general Mourão Filho tomava a cidade, dizendo: "Não sei nada. Sou apenas uma vaca fardada!" Eu vi, como num pesadelo, a população festejando a vitória da

ditadura, com velas na janela e rosários na mão; vi a capa de "O Cruzeiro" com o Castelo Branco, o novo presidente da República de boné verde, feio como um ET.

Senti que surgia um outro Brasil desconhecido e parecia que estava vendo pela primeira vez as pedras da rua, os anúncios, os ônibus, os pneus dos carros, como um trem fantasma andando pra trás. Eu, que só vivera até então de palavras utópicas, era humilhado pela invasão do mundo real. Depois, vi a tristeza dos dias militares, Brasil ame-o ou deixe-o, a Transamazônica arrombando a floresta, vi o rosto embotado de Costa e Silva, a gargalhada da primeira-perua Yolanda, mandando o marido fechar o Congresso, vi na TV, numa noite imunda e ventosa de dezembro, o decreto do AI-5, o fim de todas as liberdades, a gente enlouquecendo e fugindo pela rua em câmera lenta, criminosos na própria terra; depois, vi a cara do Medici, frio como um vampiro, com sua mulher do lado, magra, infeliz, torcendo pela Copa do Mundo de 70, Pele, Tostão, Rivelino e porrada, tortura, sangue dos amigos guerrilheiros heróicos e loucos, sentindo por eles respeito e desprezo, pela coragem e pela burrice de querer vencer o Exército com estilingues; não vi, mas muitos viram, meu amigo Stuart Angel morrendo com a boca no cano de descarga de um jipe, dentro de um quartel, enquanto, em São Paulo, Herzog era pendurado numa corda e os publicitários enchiam o rabo de dinheiro com as migalhas do "milagre" brasileiro, enquanto as cachoeiras de Sete Quedas desapareciam de repente. Depois, eu vi os órgãos genitais do general Figueiredo, sobressaindo de sua sunguinha preta, ele fazendo ginástica, seminu para a nação contemplar; era nauseante ver o presidente pulando a cavalo, truculento, devolvendo o país falido aos paisanos, para nós pagarmos a conta da dívida externa; vi as grandes marchas pelas Diretas que não rolaram e, estarecido, vi um micróbio chegando para mudar nossa história, um micróbio, vírus, sei lá, andando pela rua, de galochas e chapéu, entrando na barriga do Tancredo Neves na hora da posse e matando o homem diante de nosso desespero, e vi então a democracia restaurada pelo bigodão do Sarney, o homem da ditadura, de jaquetão, posando de oligarca esclarecido; vi o fracasso do Plano Cruzado, depois eu vi a volta de todos os vícios nacionais, o clientelismo, a corrupção, o país ingovernável, a inflação chegando a 80% ao mês, com as maquininhas do supermercado fazendo tlec-tlec-tlec como matracas fúnebres de nossa tragédia, eu vi tanta coisa...

Vi o massacre de miseráveis pela fome, ou melhor, eu não vi os milhões de mortos pela correção monetária – não vi porque eles morriam silenciosamente, longe da burguesia e da mídia, mas vi os bancos ganhando bilhões no over e no spread, vi os dólares no colchão, a sensação de perda diária de valor da vida, vi a decepção com a democracia, pois tudo tinha piorado. Vi de repente o Collor vindo de longe, fazendo um cooper em direção a nosso destino, bonito, jovem, fascinando os otários da nação, que entraram numa onda política de veados esperançosos: "Ele é macho, bonito e vai nos salvar!", e vi logo depois o Collor confiscar a grana do país todo, vi a sinistra careca de PC juntando o bilhão do butim, vi Zélia dançando o bolero "Besame mucho" com Bernardo Cabral na cara do país quebrado, vi depois a guerra dos irmãos Collor, Fernando contra Pedro, culminando com a campanha pelo impeachment, vi tanta coisa, meninos, e depois eu vi, por mero acaso, por uma súbita cisma de Itamar Franco, o FHC chegar ao poder, com a única tentativa de racionalidade política de nossa História nesse antro de fisiológicos e ignorantes, e vi a maior campanha de oposição de nossa época, implacável, sabotadora, movida pela inveja repulsiva da Academia contra ele, e vi a traição de seus aliados, unidos contra as reformas, agarrados na corrupção ou na doença infantil de suas ideologias mortas; depois, eu vi a tomada do poder pelo PT e tive a esperança de que haveria uma continuação das portas abertas pelo Plano Real e pelas medidas modernizantes do governo de FHC, e tive a maior decepção de minha vida, ao ver que jogaram o país numa rota regressista, criando um novo patrimonialismo de Estado: a aliança entre velha esquerda e velha direita, senhores feudais e pelegos, vi depois o governo se transformar num showmício permanente para o bem do Lula, na obsessão de desqualificar os avanços do mundo moderno.

Depois, recentemente, vejo a sucessora Dilma tentando governar, mais lúcida e mais honesta que seus aliados, ocupada o tempo todo em desfazer as armadilhas que seu chefe deixou. Os tempos anteriores eram mais nítidos até em sua sordidez. É difícil analisar nosso momento. É duro para um comentarista político. A economia vai bem, por sorte apenas. Dilma é legal, séria. Mas é muito grande a ambivalência entre Estado e sociedade, entre pelegos e democratas, entre boas intenções e dependência de alianças sujas. E vejo que não sei o que vejo.

Arnaldo Jabor

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_28\_fevereiro-reportagem.28\_fev.doc.txt

Xerife linha-dura é estrela no Arizona

Reeleição de Joe Arpaio mobiliza partido mais do que primária; oposição o acusa de racismo contra imigrantes

PHOENIX, Arizona. O Arizona realiza hoje uma das mais aguardadas primárias para a escolha do republicano que

disputará a presidência dos Estados Unidos contra o democrata Barack Obama. Mas o ex-governador Mitt Romney e o

ex-senador Rick Santorum nem de longe são os candidatos do partido que mais despertam reações apaixonadas neste conservador estado do Oeste americano. Na região metropolitana de Phoenix, todos os holofotes estão apontados para xerife Joe Arpaio. Com US\$ 6 milhões em doações – quase três vezes o que Santorum arrecadou – e uma bagagem de polêmicas e graves acusações de racismo e violação dos direitos humanos no combate à imigração ilegal, ele busca o sexto mandato como autoridade policial máxima do condado de Maricopa, o mais importante do estado, em eleições em novembro.

Aos 79 anos, Arpaio é um dos mais influentes republicanos do Arizona e a figura mais detestada entre democratas, organizações de defesa dos direitos humanos e a comunidade latina. Ele enfrentará nas urnas o policial aposentado democrata Paul Penzone o ex-policial independente Mike Shauffer.

No cargo desde 1993, Arpaio se notabilizou como linha-dura com os prisioneiros – cortando privilégios e refeições e forçando-os a humilhações como o uso de cuecas rosas – pelas prisões em massa que resultaram na criação da "cidade das tendas" (celas improvisadas do lado de fora da maior cadeia local) e pela defesa intransigente de que a imigração ilegal é um crime que impõe alto custo à sociedade.

Sua guerra contra os imigrantes foi ajudada por um convênio do governo federal com o estado, firmado em 2007, pelo qual a polícia foi autorizada a atuar como agente de imigração. O mandato, pensado para combater traficantes, foi usado por Arpaio de forma ampla, e ele passou a conduzir arrastões para checar documentos de imigrantes.

Legislação de 2010 permite blitz contra imigrantes

Batizada pelos oponentes como "política da exploração do medo", a ação de Arpaio tornou-se altamente popular e foi endossada pelo governo estadual com a aprovação em 2010 da lei 1.070, mais duro conjunto de regras anti-imigração dos EUA.

A legislação permite abordar e interrogar pessoas sobre seu status migratório e detê-las para averiguação. Amparado por ela, Arpaio protagonizou cenas como a entrada numa cidade majoritariamente latina, Guadalupe, em um tanque.

– Imigrantes vêm em hordas para o Arizona e tiram nossos empregos, aumentam a violência e custam para os nossos bolsos. Arpaio impõe a lei e impede o caos no estado – diz o taxista Doug Wunderwood, de 38 anos.

Para ONGs locais, porém, Arpaio utilizou o amparo legal para fazer uma cruzada racista e midiática contra imigrantes, abusando de sua autoridade.

– Os governos criaram um monstro – diz Alessandra Meetze, da seção local da União Americana pelas Liberdades Civis – A maioria absoluta dos mais de dois milhões de hispânicos que vivem no Arizona é legal, então não é correto que sejam parados na rua "sob suspeita" por causa da cor de sua pele.

O Departamento de Justiça dos EUA divulgou relatório em dezembro afirmando que Arpaio dirige um departamento de polícia com ações nada transparentes, que se apoia na raça como critério para investigações e conduz batidas e prisões arbitrárias, contra a lei e a Constituição.

A campanha de Arpaio tem uma resposta padrão para a alegação: nega o uso da raça como critério e afirma que o relatório é "um ataque com motivações políticas do governo Obama".

A corrida pela reeleição de Arpaio reforça o discurso conservador republicano e não à toa ele tem sido cortejado pelos candidatos à nomeação presidencial do partido. Chegou a ser gerente de campanha de Rick Perry, que deixou a disputa, e até agora não endossou nenhum outro nome. No último debate, Romney e Santorum defenderam o endurecimento da legislação e até mesmo a construção de cercas ao longo da fronteira com o México.

Mas existe um efeito colateral do fenômeno Arpaio que favorece os democratas: a crescente mobilização da comunidade hispânica contra o xerife. Entidades como Cidadãos por um Arizona Melhor campanha de registro em massa de eleitores latinos, que formam um terço da população do estado, de olho tanto na disputa para o departamento de polícia quanto nas eleições presidenciais.

O primeiro resultado já apareceu: o senador estadual republicano Russell Pierce, autor da lei 1.070, não foi reeleito em 2011. Randy Parraz, presidente da entidade, admite que derrotar Arpaio é mais difícil, até porque ele tem dinheiro. Já gastou US\$ 2,5 milhões desde 2009 e tem hoje US\$ 3,4 milhões na caixa de campanha. É mais de dez vezes o arrecadado por Penzone.

A entidade pagou por anúncio no qual acusa Arpaio de indisciplina fiscal e de leniência na investigação de crimes sexuais, além de, em nome da perseguição a imigrantes, ter abandonado o combate ao crime.

– Os fatos não se sustentam. Não passa de cortina de fumaça para a agenda radical de fronteira aberta – rebate Chad Willems, gerente da campanha de Arpaio.

Pesquisas indicam vitória de Romney no estado

Mesmo sem o apoio do xerife, Romney, que enfrenta sério risco de perder a primária de hoje em Michigan – seu estado natal – encontra um cenário mais tranquilo no Arizona. Favorecido por uma campanha estruturada, apoiada por republicanos de peso, como o senador e ex-candidato a Presidência John McCain e a governadora Jan Brewer, e pela

forte presença de praticantes da sua religião—o ex-governador é mórmon – Romney lidera com folga a maioria das pesquisas de intenção de voto.

Flávia Barbosa

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_28\_fevereiro-crónica.28\_fev.doc.txt

A crise da CBF

A crise gerada pelas especulações acerca da renúncia de Ricardo Teixeira à presidência da CBF é uma grande oportunidade para repensar o futebol brasileiro e expõe a falta de organização e representatividade dos clubes, que, na 1ª divisão, votam nas eleições presidenciais da entidade, mas não podem habilitar candidatos e nem sequer participam das assembleias ordinárias.

As Federações Estaduais discutem sozinhas a sucessão na CBF, e os clubes simplesmente assistem passivos e calados ao episódio que define os destinos do futebol brasileiro. O absurdo é tão grande que das 27 Federações, 21 não representam nenhum clube na 1ª divisão.

Em 1987, a CBF não tinha dinheiro em caixa e simplesmente anunciou que não organizaria o Campeonato Brasileiro, deixando órfãos os clubes que dela esperavam a realização da competição, que é fundamental para sua sobrevivência económica e desportiva.

Afinal de contas: time que não entra em campo não tem torcida.

Àquela época, os clubes se uniram e salvaram o futebol nacional, criando o Clube dos 13, realizando a Copa União com enorme sucesso de público e arrecadação.

Hoje, a situação é bem diferente: os clubes em graves dificuldades, e a CBF com as finanças equilibradas, arrecadando mais de R\$ 200 milhões por ano.

Apesar de todas as críticas, Ricardo Teixeira consolidou a liderança do futebol brasileiro no mundo, ganhando o maior número de títulos da história da seleção e articulando a candidatura única do Brasil para sediar a Copa de 2014, fato inédito na história das Copas desde que o evento se transformou na maior plataforma global de comunicação em massa.

O atual mandato da diretoria da CBF foi ampliado para que se pudesse garantir estabilidade política e administrativa neste período de preparação da Copa do Mundo, aproveitando seus efeitos como catalisadores de transformações estruturais importantes para melhorar a governança do futebol no Brasil.

Ao invés de renunciar, Ricardo Teixeira tem a missão de liderar o processo de transformação que o futebol brasileiro precisa para ter sustentabilidade económica no século XXI.

Enquanto a grande maioria das Federações Estaduais depende exclusivamente do subsídio financeiro da CBF, uma pesquisa recente da FGV demonstra que os clubes concentram 70% de todo valor da produção do futebol nacional, gerando cerca de R\$ 2,2 bilhões de reais por ano.

Assim como em 87, e hoje sem o Clube dos 13, os clubes estão novamente órfãos, e só CBF reúne as condições para liderá-los na criação da Liga de Futebol Profissional, que, a exemplo do que ocorreu na Europa, é instrumento fundamental para concentrar as discussões relevantes para o futebol brasileiro nos fóruns adequados e aumentar seus potenciais económicos e esportivos.

Márcio Braga

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_28\_fevereiro-entrevista.28\_fev.doc.txt

'O Super-Homem é que é um herói'

Motorista que reconheceu e imobilizou bandido do ônibus conta que agiu por impulso

Foi pelo retrovisor que o motorista do ônibus onde foi preso Paulo Roberto da Silva Dias – acusado de estuprar uma menina de 12 anos dentro de outro coletivo que passava pelo Jardim Botânico este mês – viu o bandido apontando um dos dedos para uma vítima que acabara de assaltar. Sem conseguir localizar carros da polícia, o motorista conta que agiu no impulso ao pular a roleta e imobilizar o ladrão. Mesmo ameaçados de morte, ele e o trocador não pensaram duas vezes.

– Não sou herói. O Super-Homem é que é um herói. Tomei a atitude de ir para cima dele no impulso. Acho injusto uma pessoa ser roubada. Eu já tinha marcado o rosto do bandido quando ele entrou porque tinha roubado uma moça dias antes no ônibus que eu dirigia – frisou o motorista, lembrando que ele e o trocador só desconfiaram que o ladrão

podia ser Paulo Roberto Dias depois de ele já estar imobilizado: – Naquela hora, lembrei do cartaz com o rosto dele, colado na minha empresa.

O motorista, de 46 anos, que pediu para não ter o nome revelado, não se intimidou em reagir.

– Tentei encontrar os carros da PM que ficam perto do Jockey, mas não estavam lá. Então pensei: "vai ter que ser comigo mesmo". Pulei a roleta e fui para cima dele. Puxei pela camisa que rasgou, e ele tentou dar um mergulho pulando a roleta, mas o trocador o segurou pela calça. Colocamos o bandido no banco e preni as pernas dele com as minhas. Ele dizia que ia matar a gente. Tivemos que bater nele.

Depois de segurar o bandido no ônibus, que tinha cerca de 15 passageiros, o motorista gritou para que pedestres chamassem a polícia.

Em seguida, um policial apareceu, algemou o bandido e o levou para 15.ª DP (Gávea).

Motorista há sete anos, o homem que prendeu Paulo Roberto Dias já havia reagido a outros dois assaltos. Num deles, na década de 80, quando era trocador, tomou a arma do bandido que tentava roubar seu caixa. O caso mais recente foi há três anos. Na ocasião, ele percebeu um homem roubando carteiras. Parou o ônibus próximo de PMs e o bandido foi preso.

– Fiz um curso de vigilante noturno. Trabalhei quase três anos nessa área e aprendi, por exemplo, como tomar a arma de uma pessoa.

Casado há 23 anos, natural de Recife, e morador de Duque de Caxias, o motorista é pai de dois filhos, de 10 e 22 anos. Ao saber do estupro da menina de 12 anos, ele se revoltou:

– Se eu tivesse uma filha e acontecesse isso com ela, iria correr dia e noite atrás desse bandido. Ia querer colocar a mão nele. No dia em que ele foi preso, deitei com a cabeça no travesseiro e dormi aliviado.

Tímido e com a fala mansa, o motorista se considera uma pessoa calma, mas conta que também fica nervoso. Nestes momentos, faz um exercício que aprendeu na empresa onde trabalha, a Viação São Silvestre:

– Respiro fundo, esvazio o cérebro e solto o ar. Adoro dirigir, esse sempre foi meu sonho desde criança.

Antes de conseguir o emprego como motorista, ele passou 12 anos desempregado. Neste período, para sustentar a família, fez de tudo: foi pedreiro, eletricista, vigia e balconista. Sem dinheiro, precisou vender seu Opala por R\$ 200 para um ferro-velho.

A proeza do motorista que prendeu o estuprador deixou orgulhosos os seus colegas de trabalho. Ontem, muitos deles davam os parabéns e o chamavam de herói. Ele, porém, apenas sorria.

– Ele foi um cara valente. Faria o mesmo se fosse comigo. É gente boa, mas tem o defeito de ser pão duro – brincou o motorista Luiz Henrique Rocha, de 43.

Com a rotina de trabalho puxada, o motorista que prefere não ser chamado de herói sai de casa às 3h45m e volta às 21h. Nos momentos de lazer, gosta de ir à praia e de ver novela. Ao contrário da maioria dos homens, não torce para nenhum time de futebol: "Sou daquele que ganha".

Waleska Borges

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_31\_janeiro-notícia1.31\_jan.doc.txt

Catástrofe na Cinelândia

O triste recomeço visto pelas janelas do medo

Vizinhos de prédios que desabaram tentam retomar rotina, mas admitem tristeza e temor de nova tragédia

Com os joelhos ainda machucados, a advogada da área cível Marivalda Marques Soares, de 8 anos, voltou ontem ao escritório onde trabalha no edifício 7 da Avenida Treze de Maio. O assistente dela, que a acompanhava no dia do desabamento, não retornou. Segundo Marivalva, ele está em pânico, disse que não voltará ao trabalho e sequer vai passar a pé nas ruas próximas ao local. Mesmo abalada, Marivalda, assim como dezenas e trabalhadores e moradores das redondezas, fez da segunda-feira um dia de recomeço.

– Caminhávamos para o metrô quando pedaços de reboco aparelhos de ar-condicionado despencaram, segundos antes e os prédios desmoronarem, tentamos fugir, mas eu caí no chão, no meio da nuvem de poeira. Fiquei me perguntando e estava viva e pedi a Deus que perdoasse meus pecados – diz ela, acrescentando que, ao chegar em casa, parentes a fotografaram cheia de poeira.

A tragédia assustou também a radialista aposentada Julieta Duarte Loureiro, de 69 anos, que está improvisando, no corredor do apartamento, um fogareiro com uma panela e álcool em gel, onde cozinha macarrão, já que está sem fornecimento de gás desde a tragédia. Da janela, acompanha a remoção dos escombros. Ela estava na porta do prédio onde mora, conversando com amigos, quando os edifícios ruíram. Julieta correu para rua porque a sua portaria estava

fechada. Naquele dia, não dormiu. Nas manhãs e tardes seguintes, quando os bombeiros procuravam pelos corpos, ela assistiu a tudo da sua janela. Do mesmo local, lembra a aposentada, viu outras tragédias, como o incêndio no prédio da Caixa Econômica e da Vale:

– Vi os bombeiros pegando partes de corpos e colocando em plásticos pretos. Isso tudo é muito triste, mas não vou me mudar. Moro aqui há 39 anos.

Hoje, o vazio onde havia os prédios provoca tristes lembranças ao advogado Serafim Gomes, de 66 anos. Na infância, vivida numa casa em Santa Teresa, ele via da janela do seu quarto um terreno vazio onde antes havia um imóvel que foi atingido pela queda de uma encosta. Passados 61 anos, a vista de uma nova janela – desta vez, do seu escritório no 16º andar do Edifício M.L. Renha II, no número 41 da Avenida Treze de Maio – volta a assombrar seus pensamentos:

– Abri a porta do escritório e me deparei com um pouco de poeira nas janelas. Limpei o vidro e tomei um baque: os prédios que estava acostumado a ver pela janela há cinco anos foram reduzidos a pó.

A visão dos escombros entristece o cabeleireiro André Luiz de Oliveira, que trabalha num salão de beleza na Avenida Treze de Maio 33B. O profissional estava acostumado a ver a movimentação no Edifício Liberdade. Um andar acima do salão trabalha a manicure Aline de Souza, funcionária de um outro salão de beleza. Ela se proibiu de olhar pela janela. Aline estava trabalhando no momento do desabamento e tem tido pesadelos desde então.

– Ouvi um estrondo e corri para a janela. Em questão de segundos, o chão começou a tremer e uma nuvem de fumaça tomou a rua. Achei que ia morrer. Parecia que estávamos no meio de um terremoto. Não consigo nem olhar para os destroços. Quero esquecer o desmoronamento, mas janela não me deixa.

Funcionários se dedicam à limpeza das lojas

Com as lojas ainda fechadas ao público, no início da manhã funcionários retiravam a lama e a terra acumuladas.

Muitos trabalhadores diziam que estavam com medo. Comerciantes reclamavam ainda do prejuízo por terem passado tanto tempo com as lojas fechadas.

– O prejuízo maior é o emocional. Muitas das vítimas eram nossos clientes – disse o gerente de um restaurante na Treze de Maio, Sílvio Santos Fausto, de 33 anos.

Sílvio estava na porta do estabelecimento – de frente para o local onde ficavam os prédios que desabaram – quando viu um pedaço de reboco e um aparelho de ar-condicionado caindo. Em seguida, viu os edifícios desmoronarem.

Com máscaras ou pano tapando o nariz, cerca 50 funcionários da lanchonete tiravam ontem a sujeira deixada pela tragédia.

Proprietário de uma loja de roupas masculinas na esquina da Avenida Treze de Maio com a Travessa do Poeta de Calçadas, Rafael Balasseano, de 55 anos, disse que vai fazer uma liquidação:

– Tenho que pagar o aluguel, os funcionários, e ficamos vários dias fechados.

Gerente de uma loja de roupas femininas na Avenida Almirante Barroso esquina com a Treze de Maio, Roberta Batista, de 28 anos, disse que as 13 vendedoras do estabelecimento estão apavoradas. No momento dos desabamentos seis funcionários estavam dentro da loja.

Isabel de Araujo \* Waleska Borges

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_31\_janeiro-notícia2.31\_jan.doc.txt

Eike Batista agora quer ser um produtor de café

EBX está em busca de negócios

O empresário Eike Batista, que no último fim de semana se tornou o primeiro produtor privado nacional de petróleo no mar, agora está voltando seus olhos para os campos em terra. Só que desta vez o objetivo de Eike não é explorar petróleo em terra, mas se tornar um cafeicultor. O grupo EBX confirmou ontem que estuda oportunidades de negócios para entrar no setor de café, sem dar maiores detalhes.

No fim de semana a OGX iniciou os Testes de Longa Duração (TLD) no campo de Waimea, na Bacia de Campos. O início efetivo da produção deve começar nas próximas horas, o que representará um marco para a empresa de Eike Batista. A previsão é que o poço atinja uma produção média entre 15 mil e 20 mil barris diários de petróleo, chegando a 50 mil barris no fim do ano.

Ramona Ordonez

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_31\_janeiro-opinião1.31\_jan.doc.txt

O choque cultural de ser uma doméstica na Arábia

A notícia recente de que empregadas domésticas da Indonésia tinham escapado da pena de morte na Arábia Saudita, depois de ter matado filhos de seus patrões ou por praticar magia negra, me deixou curioso para saber por que havia esse movimento agora.

Os países árabes, especialmente os do Golfo Pérsico, têm sido grandes importadores de empregadas domésticas vindas de Filipinas, Indonésia, Índia e Sri Lanka, desde os anos 80. Elas enfrentam um grande choque cultural, especialmente na Arábia Saudita, longe das famílias delas em um país ultraconservador, com uma língua difícil, e com quase nenhum contato com suas compatriotas.

Elas não são cobertas por leis trabalhistas, pelo fato de trabalhar em casa; trabalham por muitas horas por dia; geralmente não têm um dia de folga; e muitas vezes são vítimas de maus-tratos e agressões físicas. Além disso, muitas vezes recebem os salários com atraso. Tudo isso é uma receita para depressão, doenças mentais e mágoas que, às vezes, são descontadas nas patroas e nas crianças delas.

Infelizmente, a Arábia Saudita parece ser a campeã em problemas com empregadas domésticas, já que ela abriga o maior número de trabalhadores estrangeiros no Golfo. É estimado que seis milhões de estrangeiros moram no reino, com um milhão de indonésios, 1,3 milhão de filipinos, um milhão de egípcios e um milhão de paquistaneses, entre outros. A maioria dos indonésios trabalha como empregados domésticos e motoristas particulares, e 200 mil filipinos trabalham como domésticas. A imprensa saudita tem documentado o abuso de domésticas no país, especialmente os jornais publicados em inglês voltados para os estrangeiros morando no país. Mas, apesar dessas campanhas de conscientização, a realidade de que domésticas estrangeiras são quase escravas dos seus patrões ainda prevalece entre certas pessoas no país. Oficiais raramente tomam o lado das domésticas em disputas com seus patrões.

Vale lembrar que o mau tratamento de empregadas domésticas não é uma exclusividade de árabes, tendo em vista os vários casos de maus-tratos de filipinos e indonésios trabalhando em Hong Kong e Cingapura.

Nos vinte anos em que atuei como jornalista na Arábia Saudita, o caso mais fantástico de abuso que encontrei foi de uma mulher das Filipinas, Leonora Somera, que foi contratada em 1987 para trabalhar como doméstica na casa de uma família saudita na capital, Riad. Logo depois, em 1988, ela foi levada para tomar conta das cabras que a família tinha numa pequena fazenda nas montanhas no Sul do país. Largada lá sozinha, Leonora enfrentou frio e solidão por 18 anos, sem ser paga regularmente e detida várias vezes pela polícia. O consulado das Filipinas em Jeddah finalmente a resgatou de sua penúria, em 2007, e a ajudou a voltar para casa. O seu empregador devia a ela o equivalente a quase R\$ 30 mil em salários não pagos.

A ONG Human Rights Watch tem documentado maus-tratos de domésticas no mundo árabe, e tem feito campanhas para melhorar as condições de trabalho delas. Nisha Varia, uma pesquisadora sênior da HRW na área de direitos de mulheres, me disse que o governo da Indonésia foi forçado a fazer apelos fortes junto ao rei Abdullah, da Arábia Saudita, para salvar a vida de domésticas da Indonésia condenadas à morte por matarem ou praticarem magia negra. "Houve uma campanha orquestrada por grupos de migrantes da Indonésia para aumentar a conscientização sobre a situação dos indonésios na Arábia Saudita. Essas campanhas ganharam força após a execução de Ruyati Binti Sabupi, uma trabalhadora doméstica de 54 anos, em junho de 2011", disse Varia.

Mais cedo, em 2010, uma doméstica indonésia foi brutalmente espancada e torturada pela sua patroa saudita. Sumiati Binti Salan Mustapa, de 23 anos, chegou ao hospital em Madina com queimaduras pelo corpo e ossos quebrados. A polícia indiciou a patroa e o caso foi a julgamento. Em uma decisão histórica, um juiz condenou a patroa a três anos de prisão. Infelizmente, depois de alguns meses, um outro juiz derrubou a decisão, alegando falta de provas, e a patroa foi libertada.

Países como a Indonésia e as Filipinas já tentaram parar de enviar domésticas para a Arábia Saudita por causa desses maus-tratos. As Filipinas até tentaram exigir um salário de US\$ 400 por mês para as suas empregadas (isso num país onde não existe um salário mínimo), que empregadores sauditas deem celulares a suas empregadas e forneçam mapas de suas residências, mas tudo em vão.

A realidade é que as economias desses dois países dependem excessivamente das remessas dos seus trabalhadores no estrangeiro. Filipinos trabalhando no estrangeiro mandaram um recorde de US\$ 18,3 bilhões para as Filipinas em 2011, com US\$ 1,7 bilhão enviado somente da Arábia Saudita. Indonésios no reino mandaram US\$ 759 milhões para casa em 2010, ou 44% de todas as remessas dos indonésios no mundo.

Apesar dos muitos problemas que enfrentam no reino, indonésios e filipinos vão continuar a procurar emprego lá como empregados domésticos. O que nos resta fazer é que sejam incluídos nas leis trabalhistas e que os abusos das famílias árabes sejam punidos de verdade pelos tribunais do país.

Rasheed abou-Alsamh

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_31\_janeiro-opinião2.31\_jan.doc.txt

## Contágio português

Agora é Portugal que está no olho do furacão. O país foi contaminado pela longa agonia grega. Os credores, que não conseguem chegar a um acordo com Atenas, olharam para o segundo da fila. Ontem, os juros cobrados de Portugal foram os mais altos desde que o país entrou no euro. Fracassa a tentativa da Zona do Euro de permitir o calote grego, desde que fosse um caso único.

Portugal tem uma dívida de 93% do PIB e o déficit público oscila entre 10% e 9%. Em 2012, tem que rolar €25 bilhões. Enquanto a cúpula da Europa discutia parâmetros fiscais, a Grécia continuava sem ter um acordo com os bancos credores sobre o tamanho do calote, e Portugal começava a sangrar.

A Zona do Euro pediu à Grécia o impensável. Que aceite a nomeação de um comissário para controlar as finanças do país. Ao contrário do que se pensa, não é o mesmo que o FMI pede a endividados. É muito pior. Quem diz é a economista Mónica de Bolle, que trabalhou no FMI:

– O Fundo nunca pediu para aprovar orçamento de algum governo. Estabelece uma lista de obrigações. Nem a Lei de Responsabilidade Fiscal dá o direito à União de aprovar ou reprovar orçamentos estaduais. Apenas define metas.

O impasse grego está dificultando a vida de Portugal. A pergunta dos investidores é: se a Grécia vai dar o calote, ainda que organizado, o que impedirá os portugueses de seguirem o mesmo caminho?

Os juros pagos pelo governo português dispararam, e o temido contágio está acontecendo. Para títulos com vencimento de três anos, os juros chegaram a 23%, enquanto os com vencimento de dez anos pagaram 16,8%. Os investidores estão cobrando mais caro pela dívida de curto prazo porque consideram que a probabilidade de calote é maior. O seguro contra o risco de calote (Credit Default Swap) do governo português subiu muito desde o início do ano (vejam no gráfico).

A dívida portuguesa já é classificada como junk (lixo) pelas três agências de classificação de risco, Standard & Poor's, Fitch e Moody's. O economista Eduardo Oliveira, da equipe de cenários da Um Investimentos, disse que tanto a Grécia quanto Portugal são duas economias pequenas, com baixa capacidade de competição, estão muito endividadas e ligadas.

– A forma como será definido o calote da Grécia será crucial para Portugal. Se a perda para o mercado for muito grande, os juros de Portugal vão subir ainda mais. Mas se as condições forem boas para o mercado, então os títulos portugueses podem cair – diz.

O economista Antenor Gomes Fernandes, sócio-fundador da gestora STK Capital, registra que os juros portugueses estão subindo, mesmo com toda a liquidez que está sendo promovida pelo Banco Central Europeu (BCE). Desde a entrada de Mário Draghi, o BCE passou a financiar os bancos, para eles comprarem títulos dos países com problemas. Isso não está ajudando Portugal.

– O mercado se antecipa e já olha para o próximo problema. O CDS do governo grego está em 1400 pontos, subiu muito nas últimas semanas. Isso já é preço de calote. É receio do famoso "também quero". Se os gregos vão ter perdão da dívida, por que os portugueses não vão querer também? – questiona.

Os líderes europeus continuaram reunidos ontem à noite tentando acertar esse acordo que dê uma ordem fiscal para todo o bloco, nove fora o Reino Unido e dois outros países que o seguiram. A Grécia continuava com as negociações com a Troica (FMI, BCE e Comissão Europeia) e os bancos. Enquanto isso, os credores passaram a rodar o torniquete sobre Portugal.

Para a consultoria inglesa Capital Economics existe o cenário de que Portugal dê um calote e até o cenário extremo de que o país saia do bloco. Os jornais portugueses refletiam esse agravamento da crise. O pacote que tinha sido dado ao país foi arquitetado para refinanciá-lo até o fim do ano, mas, como os juros cobrados do país subiram, Portugal pode precisar de mais ajuda. A alta dos juros cobrados de Portugal reflete, segundo a consultoria inglesa, "o aumento do ceticismo de que a participação do setor privado na reestruturação das dívidas da Zona do Euro ficará restrita à Grécia". Ou seja, os credores sabem que vão perder também em Portugal.

Miriam Leitão

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_31\_janeiro-reportagem.31\_jan.doc.txt

## As mazelas que Dilma não verá

Chegada da presidente a Cuba acirra disputas em país que vive espécie de apartheid social

As mudanças anunciadas pelo governo de Raul Castro como forma de mostrar ao mundo que o país passaria a dar melhores condições de vida à população ainda não conseguiram livrar os cubanos de um apartheid social. Enquanto milhares de turistas desfrutam do bom e do melhor é chegam a acreditar que o comunismo imposto tem 14 suas vantagens, os cubanos não têm permissão para usufruir das belezas de cartão-postal, como a praia de Varadero, os hotéis de luxo ou mesmo uma Coca-Cola. A presidente Dilma Rousseff, que desembarcou ontem em Havana, provavelmente não verá de perto as condições – contradições – impostas aos cubanos No aeroporto, ela recebeu flores do chanceler Bruno Rodriguez e não fez comentários.

Embora o governo diga de boca cheia que em Cuba todos têm acesso à educação e à saúde e que o nível de desnutrição infantil é o menor em toda a América, o dia a dia da população ainda é marcado pelas cadernetas onde são anotados os suplementos dados aos habitantes: um pãozinho por dia, oito ovos a cada três meses, meio litro de óleo por mês... Apesar do socialismo da pobreza, poucos cubanos pedem esmolas aos turistas. A tática para obter algum trocado é diferente. Perguntam togo a nacionalidade e procuram na memória algo de positivo sobre o país do estrangeiro. E, então, começara a contar sua história, sempre de dificuldades. Se o turista não se compadece a ponto de oferecer algum CUC – sigla para pesos conversíveis, a moeda utilizada pelos estrangeiros e que equivale mais ou menos a US\$ 1 – o interlocutor oferece uma caixa de charutos por um preço que é a metade daquela nos postos autorizados.

Há alguns que mostram com orgulho uma cédula de identidade onde está escrito que têm autorização para trabalhar por conta própria. Mas, como contou o chaveiro Javier, o ganho mal dá para sobreviver porque, apesar de trabalhar muito, tem de pagar várias taxas ao governo.

– Está vendo esta cerveja? – diz oferecendo um gole.– Só posso tornar uma lata, aos domingos. É o máximo que me permito. Não há dinheiro.

Dilma não deverá discutir abertamente questões internas de Cuba e nem mesmo problemas de direitos humanos, apesar da torcida dos dissidentes. O clima está mais nebuloso depois da morte do preso Wilman Villar Mendoza, há duas semanas, após uma greve de fome de cerca de 50 dias. A morte dele, aliás, virou uma disputa de marketing entre o governo e os opositores. Enquanto os comunistas tentam fazer de Villar um preso comum, com antecedentes de violência doméstica, os contrários ao governo se esforçam para demonstrar que ele era um opositor ativo, preocupado com a família. Mesmo involuntariamente, a visita de Dilma contribuiu para o acirramento da briga ideológica. Ontem, membros da União Patriótica Cubana (UPC), que faz oposição ao governo, convocaram uma entrevista coletiva com a viúva de Villar, Maritza Pelegrino. Moradora de Santiago de Cuba, a 800 km da capital, Maritza chegou a Havana no domingo. A viagem foi custeada pela UPC e pela Comissão de Direitos Humanos e Conciliação. A ideia era ela falar sobre as qualidades do marido para a imprensa estrangeira. Mas, num país onde o governo sabe tudo o que se passa, a imprensa oficial também compareceu. E o que era para ser uma entrevista, acabou se transformando quase em uma inquisição.

Maritza recordou que no dia em que o marido foi preso os dois estavam discutindo às 3h. A mãe dela, preocupada, foi aos vizinhos, que chamaram a polícia. Villar, esclareceu, resistiu à prisão e acabou espancado e detido. Depois da morte, o governo se apressou em difundir que ele estava batendo na mulher, o que ela negou ontem.

Bom humor no desembarque

José Daniel Ferrer Garcia, coordenador da UPC, divulgou uma nota em que atesta que Villar "estreitou os vínculos com o grupo" em agosto passado. E é nesse ponto que o governo se apega para dizer que ele passou a frequentar um grupo de oposição somente após ser preso por violência doméstica, para acobertar "crimes comuns".

As perguntas feitas pelos repórteres da imprensa estatal pareciam as de um delegado de polícia:

– Por que vamos acreditar na sua versão, se o governo diz o contrário? – questionou uma repórter. – Sua mãe disse que ele batia na senhora. A senhora confirma?

José Daniel Ferrer Garcia diz que o governo quer mudar o enfoque:

– Não se pode esquecer que Villar estava sob custódia do Estado e morreu nas mãos dele.

Embora sem muita esperança de que os direitos humanos estejam na pauta da reunião com Raul, Garcia pensa que, pelo menos, Dilma poderia falar com o ditador em particular.

Dilma chegou a Havana por volta das 16h45m (19h45m em Brasília). Na comitiva estão os ministros Antonio Patriota (MRE), Alexandre Padilha (Saúde) e Fernando Pimentel (Desenvolvimento, Industria e Comércio), além do governador Jaques Wagner, da Bahia.

Ela não deu entrevistas, mas perguntada se iria sair para passear, brincou com os jornalistas:

– E vocês acham que vou contar?

A agenda da presidente prevê a assinatura de memorandos de entendimentos nas áreas de agricultura e saúde. Há a possibilidade de estabelecer voos regulares entre os dois países. Dilma também visitará as obras de ampliação do Porto

de Mariel, tocadas pela construtora Odebrechet, com Financiamento do BNDS, e que devem ser concluída em 2013. Na semana passada, a Câmara de Comércio Exterior (Camex) liberou mais US\$ 230 milhões para a obra. Para o Itamaraty, a visita tem como objetivo contribuir para que o país caribenho avance no desenvolvimento econômico e social. A linha de crédito aprovada pela Camex para Cuba totaliza US\$ 523 milhões e eleva a US\$ 1,37 bilhão os financiamentos. O comércio bilateral tem oscilado, mas com forte ganho para o Brasil. No ano passado, o intercâmbio foi de US\$ 642 – o Brasil exportou US\$ 550 milhões, e importou apenas US\$ 92 milhões. Chico de Gois, enviado especial a Havana

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_31\_janeiro-crónica.31\_jan.doc.txt

Mais perto da notícia

Assim como o assinante do GLOBO abre diariamente a porta de sua casa para a chegada do jornal, O GLOBO agora também está abrindo suas portas para o assinante. É assim que a gerente de Marketing de Assinaturas, Gláucia Neves, explica o novo projeto "O Globo bem de perto". Ontem, foi realizada a primeira de uma série mensal de visitas de assinantes à Redação, no Centro, e ao parque gráfico, em Duque de Caxias. Além de conhecer o espaço físico do jornal, o grupo foi recebido com café da manhã e assistiu a uma palestra.

– É um encontro muito interessante, pois há uma troca. Eles nos questionam, fazem sugestões de melhorias, são muito participativos. Na palestra, falamos do funcionamento do jornal, da produção da notícia e do nosso portfólio de produtos – conta Gláucia.

Ano passado, durante a comemoração dos 86 anos do GLOBO, as instalações do jornal foram abertas aos assinantes pela primeira vez. Devido ao interesse, o projeto foi ampliado. Todos os meses, haverá uma seleção de 20 assinantes com acompanhante que irão conhecer a empresa em uma visita guiada.

– Minha mãe, que já faleceu, assinava O GLOBO há mais de 20 anos. Sempre li o jornal. Cheguei a entrar na Redação há muitos anos, mas não era tão moderna – contou Júlio Marinho.

Editor adjunto da editoria Rio, Jorge Antônio Barros deu detalhes sobre a cobertura do assunto mais importante do dia: o desabamento de prédios na Cinelândia. Entusiasmada, Luciane dos Santos elogiou a visita:

– É melhor do que esperava. Esta visita é um incentivo a mais à leitura de jornais, principalmente para o meu filho, Edian, que está doido para mostrar as fotos aos colegas.

Para participar da visita em fevereiro, os assinantes terão de se inscrever no site [oglobobemdeperto.com.br](http://oglobobemdeperto.com.br) e responder à pergunta "Por que você quer conhecer O GLOBO bem de perto". Os autores das 20 respostas mais criativas serão selecionados. As inscrições serão abertas mensalmente.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_31\_janeiro-entrevista.31\_jan.doc.txt

Do balcão de um café ao topo do mundo

Biografia revela os caminhos que transformaram Adele no maior nome do pop

Entre os 16 e 18 anos, Adele Laurie Blue Adkins ganhava uns trocados como atendente de um café em Londres. O salário era péssimo, o trabalho era muito, só que o domingo trazia um alento: ouvir a parada de sucessos no rádio.

– Eu trabalhava demais, mas foi a época mais divertida da minha vida – diz Adele, num trecho extraído da biografia "Adele" (Leya).

O livro, do jornalista inglês Chas Newkey-Burden, que se especializou em biografar celebridades (também escreveu sobre Amy Winehouse e Justin Bieber), chegou ao Brasil neste mês. E foi lançado na Inglaterra em outubro de 2011, um mês antes, portanto, da cirurgia a que a cantora se submeteu, nas cordas vocais.

15 milhões de CDs

Em pouco mais de 200 páginas, Newkey-Burden foca nos caminhos que, em cinco anos, levaram Adele do anonimato do balcão ao topo da música pop. Seu segundo álbum, "21", foi líder de vendas em todo o mundo, com mais de 15 milhões de cópias. E, no próximo dia 12, ela disputa as seis principais categorias do Grammy.

A ascensão da cantora ofuscou a parafernália – marketing, publicidade, escândalo, moda e música – do fenômeno Lady Gaga que, a bordo de seu terceiro disco, "Born this way" (2011), atingiu apenas um terço das vendas de Adele. Para Newkey-Burden, o sucesso da nova musa britânica se deve à mistura do soul de Amy Winehouse com a pegada pop de Gaga, mas numa linguagem própria.

– Com certeza, Adele traz elementos de Amy – diz o autor do livro. – Elas frequentaram a mesma escola, e a

sonoridade é próxima, mas a diferença é que enquanto Amy viveu mais do que toda a tragédia que suas letras mostram, Adele deixa a tristeza nas canções e, no minuto seguinte já está se acabando de rir. Também há similaridades entre Adele e Lady Gaga, mas Gaga faria tudo para ser tão talentosa e não ter de inventar tantos truques para permanecer nas paradas.

Para o autor, a ausência de artifícios na carreira de Adele serviu para minar a típica fórmula das divas pop: corpos esculturais e insinuações sexuais misturadas a música.

– A indústria quer impor o quanto elas devem pesar, como devem se vestir. Adele sofreu muita pressão para emagrecer e mudar a aparência, mas seguiu do jeito que é.

Nascida e criada entre Tottenham – bairro com a maior diversidade étnica de Londres – e o centro da capital inglesa, Adele estudou com garotos de todas as raças, credos e classes. Vestia-se como roqueira ao mesmo tempo em que sonhava com Lauryn Hill e em ser tão pop como as Spice Girls. Isso até começar a apreciar bandas indie como The Cure e ícones do jazz e do soul, como Etta James e Aretha Franklin, referências centrais de seu canto. Boa parte de suas músicas reflete experiências vividas entre a infância e o fim da adolescência. Para o autor, os relacionamentos frustrados que servem de inspiração aos seus hits estão ligados à ausente figura do pai, Mark Evans, que se separou da mãe de Adele quando ela tinha 4 anos.

– A separação e a falta do pai, quando ele saiu de casa, estabeleceram cedo uma conexão com o sofrimento que os homens podem causar na vida das mulheres, um dos temas centrais da música dela.

Ao contrário de "19", em que muitos casos amorosos lhe serviram de inspiração, em "21" um único rompimento foi o suficiente para moldar boa parte das canções. Newkey-Burden descreve o trabalho como uma etapa de amadurecimento, resultado de um relacionamento que Adele teve com um homem mais velho e bem-sucedido (o autor não revela quem é), que a fez crescer intelectualmente e prestar atenção em assuntos que, antes, pouco lhe interessavam, como política e história, literatura e cinema, culinária e viagens. "Além de outras coisas para as quais eu nunca dei bola. Eu só pensava em sair e encher a cara", diz a cantora, num dos raros trechos em que a biografia revela uma face menos cor-de-rosa de sua vida.

Luiz Felipe Reis

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_3\_janeiro-entrevista.3\_jan..doc.txt

Roteirista por acaso, entre o cinema e a TV

Patrícia Andrade completa dez anos de carreira como uma das mais requisitadas contadoras de histórias do país. Tinha tudo para dar errado. Um diretor iniciante, uma equipe de estreantes e um roteiro escrito por uma jornalista sem nenhum envolvimento com cinema nem com o mundo sertanejo. No entanto, "2 filhos de Francisco" (2005), de Breno Silveira, teve 5,3 milhões de espectadores e transformou Patrícia Andrade numa das mais disputadas roteiristas do cinema nacional. Fez mais: ela, que escrevia sobre TV, passou a escrever para a TV. Patrícia entrou na profissão por acaso. Em 2002, era diretora de conteúdo da Conspira.com – cuidava dos sites da produtora Conspiração – quando o produtor Leonardo Monteiro de Barros mandou-a a São Paulo para entrevistar Zezé Di Camargo. O músico havia dito a um executivo da Sony Music que sua vida daria um filme. O empresário comentou o assunto com Rodrigo Saturnino Braga, diretor-geral da Sony Pictures no Brasil, que procurou a Conspiração.

– Fui sem expectativa. Mas Zezé Di Camargo começou a contar sua vida, com riqueza de imagens, sem ser piegas. Saí de lá pensando: "Essa história é linda, superbrasileira."

Um silêncio constrangedor

Pena que ninguém parecia se interessar. Após escrever 17 páginas de perfil, pedia que dessem uma olhada, sem sucesso. Até que encontrou Breno Silveira no corredor e contou ali mesmo, em pé, do que se tratava. Ele se mostrou surpreso com a história e disse:

– Acho que eu quero fazer esse filme. Acho que conheço as músicas deles.

E cantou uma música de Leandro e Leonardo. A confusão não impediu que seguisse adiante.

– Quando dizíamos (ela e Carolina Kotscho, coautora do roteiro) o que estávamos fazendo, vinha aquele silêncio constrangedor. Ou então ouvíamos: "Vocês são loucos" – lembra ela.

Contrariando a crença geral, o filme foi um sucesso. Em seguida, retomou a parceria breno – que elogia a sensibilidade de Patrícia – em uma vez".

– Mas eu ainda estava muito crua – admite ela.

A experiência teórica veio graças ao trabalho que passou a fazer na Conspiração.

– Eu coordenava os projetos e tinha que ler todos os roteiros que chegavam. Dizia: "Esse é legal, esse não" – diz ela,

que em seguida fez "Salve Geral", de Sérgio Rezende, e "Besouro", de Daniel Tikhomiroff.

Agora, em 2012, quando completa dez anos de carreira, desdobra-se pelos mais variados trabalhos. A começar pela TV. Ela é redatora final, ao lado de Paula Miller, de "Esquenta!", programa apresentado por Regina Casé; fez para a Globo o roteiro, com George Moura, da minissérie "O Canto da Sereia", baseada no livro de Nelson Motta; escreveu com Estevão Ciavatta e William Voheers o seriado "Preamar", para a HBO; e está elaborando, também com Estevão, um seriado para a Globo, um desenvolvimento do filme "Saara", que ele dirige e ela roteiriza. No cinema, recém-terminou ou está escrevendo os roteiros dos filmes inéditos "À beira do caminho" e "Gonzaga, de pai para filho", os dois de Breno; "Nise da Silveira – senhora das imagens", de Roberto Berliner; "Uma fada veio me visitar", baseado no livro de Thalita Rebouças; "Saara"; "Júlio sumiu", adaptação do livro de Beto Silva; e "Língua Seca", de Homero Olivetto.

– Ela tem formação de jornalista, o que a aproxima muito da vida real. Faz com que crie histórias que têm interesse. Em "Preamar", muitos personagens têm base na realidade, e fizemos uma criação ficcional a partir daí – elogia Ciavatta.

Patrícia, que fazia críticas de TV, diz que passou "de estilingue a vidraça". Ela se lembra do que falou ao ser chamada para "Esquenta!":

– Eu disse: "Vocês estão loucos!". Nunca tinha feito programa de auditório. Fiquei superinsegura, mas estou adorando. Só agora, aos 45 anos, a partir de "À beira do caminho", é que ela se considera uma roteirista de fato.

– É um filme muito íntimo, para dentro.

O filme, rodado em 2009, está sendo finalizado para estrear no primeiro semestre. "Gonzaga, de pai para filho" começou a ser feito antes, mas só deve estrear no segundo semestre deste ano.

– O primeiro tratamento do roteiro é de 2006, mas não tinha conflito na história. Demorou para achar um caminho. Até que surgiram fitas em que Gonzaguinha fala da relação conflituosa com o pai. A galeria de personagens de Patrícia se completa com a Doutora Nise da Silveira, psiquiatra que revolucionou com a arte o tratamento dos doentes mentais.

– Vários roteiristas passaram pelo projeto, até que Berliner me chamou para dar unidade ao texto. Terminei de ler e fiquei chorando por 15 minutos. A história dela é muito importante nessa época de excessos, de antidepressivos em que vivemos. Mas era uma confusão de cenas.

Ela refez o roteiro e o filme começa a ser rodado dia 9 de janeiro. Pode parecer que Patrícia só escreve sobre figuras públicas, mas nos próximos dias ela prepara o terceiro e último tratamento de "Uma fada veio me visitar", que tem como protagonista uma menina de "13-quase-14 anos". Foi convidada por José Henrique Fonseca, produtor do filme que marca a estreia como diretora de sua mulher, a atriz Claudia Abreu.

– Fiz pensando nas minhas filhas, Luiza, de 14, e Bel, que vai fazer 13. Tive um laboratório em casa – conta Patrícia. Ela também adapta, com o Casseta Beto Silva, o livro "Júlio sumiu", comédia de erros passada em Ipanema, onde um rapaz, morador de um prédio ao lado do Morro do Cantagalo, desaparece, em tempos pré-upp.

A geografia literária de Patrícia vai da cidade para o campo, do litoral para o interior. "Língua Seca", estreia de Homero, filho de Washington Olivetto, na direção, fala de uma paulista que sofre um acidente no sertão baiano e é resgatada por um bando de motoqueiros. O filme será rodado no segundo semestre.

Patrícia fala das diferenças entre escrever para cinema e TV:

– Na tv, você tem que estar sempre prendendo a atenção do espectador. Não pode ficar muito tempo só com uma imagem. Tem que trabalhar bem o diálogo. O cinema é mais reflexivo – diz Patrícia, que trabalhou por dez anos como jornalista do GLOBO antes de se tornar roteirista.

ela vê um paralelo entre as duas profissões.

– A gente sabe contar história.

Mauro Ventura

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_3\_janeiro-notícia1.3\_jan..doc.txt

Acre no limite

Estado não tem como lidar com haitianos que não param de chegar e pede socorro à União

SÃO PAULO. O Acre gastou R\$ 1,042 milhão de janeiro a 20 de dezembro de 2011 para sustentar os haitianos que entram ilegalmente no Brasil pela fronteira com Peru e Bolívia. O valor representa 65% de todo o orçamento anual da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do estado, sem contar os gastos com saúde e os recursos aplicados pelas prefeituras dos dois municípios mais atingidos pela onda de imigração, Brasileia e Epitaciolândia. Anteontem, mais

um grupo de 47 haitianos chegou a Brasileia, onde fica o posto da Polícia Federal mais próximo da fronteira. – O caos está instalado em Brasileia. São 15 mil habitantes na área urbana do município, e os haitianos representam 10% deste total. A cidade não tem condições de absorver essa gente e não temos capacitação suficiente para atendimento. Chegamos ao limite, o estado está exaurido e precisa de ajuda do governo federal – diz o secretário Nilson Mourão.

Segundo Mourão, a onda migratória de haitianos para o Brasil, iniciada em dezembro de 2010, transformou-se numa rota organizada, e as pessoas são trazidas por agenciadores que atuam no Haiti. Por isso, acrescenta, cabe ao governo federal – que tem dado visto humanitário de permanência no Brasil por dois anos, com direito a trabalho com carteira assinada – ajudar a resolver a situação.

Mourão afirma que a única ajuda do governo federal até agora foi doar 14 toneladas de alimentos, que o governo do Acre tem de ir buscar em Rondônia, onde fica o posto da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

– Precisamos de recursos e da presença do governo federal no estado – afirma o secretário.

Apenas nos três últimos dias de 2011, 550 haitianos chegaram à cidade. Diariamente, a Polícia Federal concede vistos humanitários e os haitianos seguem para São Paulo, Porto Velho e Manaus. De acordo com Nilson Mourão, o destino dos haitianos é decidido ainda no Haiti. Inicialmente, chegavam apenas homens. Agora, passaram a chegar famílias inteiras. Pelo menos 30 crianças estão em Brasileia. Centenas de haitianos que chegaram desde a última sexta-feira estão dormindo no coreto da praça da cidade.

– A Defesa Civil do Acre tem outros problemas para cuidar. Já começou o período de cheia do Rio Juruá e estamos começando a registrar enchentes. Não temos pessoas capacitadas em número suficiente para atender os imigrantes – afirma Mourão.

Ainda de acordo com o secretário, imigrantes de outras nacionalidades não preocupam o Acre e não configuram uma onda migratória organizada, como os haitianos. Segundo ele, não passaram de 50 os imigrantes que entraram pela fronteira do Acre originários de países como Paquistão, Nigéria, Libéria, África do Sul, Tanzânia e Zimbabué, que chegam sozinhos ou em grupos pequenos, de cinco a seis pessoas.

O Brasil lidera a Força de Paz da Organização das Nações Unidas (ONU) no Haiti e, de acordo com Mourão, o governo federal poderia fechar um acordo de cooperação para treinamento de haitianos para reconstrução de seu próprio país.

– O governo federal, por meio do Ministério das Relações Exteriores, tem de buscar soluções para esta onda de imigração. O Acre é uma das rotas. A outra é Tabatinga, no Amazonas. Temos notícias de mil haitianos em Tabatinga e dois mil que já estão trabalhando em Manaus – diz Mourão.

Pelo Acre, já entraram 2.500 haitianos desde janeiro de 2011. Nesta terça-feira, Brasileia contabilizava 1.250 deles, à espera de vistos humanitários. Quando conseguem o visto e tiram CPF e carteira de trabalho, eles seguem para outros estados.

– Somos uma parada provisória. Eles não ficam aqui no Acre – afirma o secretário.

De acordo com Damião de Melo, funcionário da secretaria que cuida dos haitianos, 38 haitianos foram recrutados para trabalhar numa fábrica de piscinas em Chapecó, Santa Catarina, e muitos parentes estão sendo trazidos. Uma construtora do Mato Grosso também deverá mandar representante ao Acre para contratar haitianos para trabalhar na construção civil.

Em Brasileia, os haitianos recebem três refeições por dia – café da manhã, almoço e jantar. Ontem, foi servido feijão, arroz e frango frito.

– Nunca vi gostar tanto de frango – diz Melo.

Os haitianos rejeitam verduras e carne de porco.

– Hoje servimos beterraba, cenoura e tomate, mas eles jogam fora. Tenho tentado convencê-los a comer algum legume ou verdura, mas eles tiram do marmiteix.

Segundo Melo, cerca de 350 haitianos se juntaram e alugaram casas na região, para permanecerem até a obtenção do visto, que pode levar 40 dias. Faltam funcionários no posto da Polícia Federal para analisar tantos pedidos.

Cleide Carvalho

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_3\_janeiro-notícia2.3\_jan.doc.txt

Prémio esquecido pode ir para Saúde

Projetos no Congresso mudam destino de dinheiro não retirado nas loterias federais

O destino do dinheiro que os sortudos ganham nas loterias federais – mas se esquecem de buscar – pode mudar. Dois

projetos de lei em tramitação no Congresso determinam que os prêmios esquecidos passem a ser destinados ao Fundo Nacional de Saúde (Funasa).

Um é do deputado federal Onofre Santo Agostini (DEM-SC), já sob análise da Câmara. O outro é do senador Paulo Davim (PV-RN). Davim tenta, desde junho do ano passado, aprovar o projeto que originalmente previa que os recursos tivessem como destino único o Programa Saúde da Família; em dezembro, a Comissão de Assuntos Sociais do Senado alterou o texto, ampliando os beneficiados.

Davim cita que em 2010 a Caixa Econômica arrecadou R\$ 8,8 bilhões com as apostas e que o montante de prêmios não retirados chegou a R\$ 169 milhões, boa parte de premiação secundária. Hoje, os prêmios não reclamados são uma das fontes do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies).

O sorteio da Mega da Virada premiou cinco apostas: em Belém (PA), Brasília (DF), Carmo do Cajuru (MG), Mauá (SP) e Russas (CE). Enquanto os outros quatro ainda não retiraram os R\$ 35,5 milhões a que cada um tem direito, o ganhador da aposta feita na Rodoviária Interestadual de Brasília foi retirar sua parte ontem mesmo. Ele disse que escolheu os números aleatoriamente e que o bilhete premiado custou apenas R\$ 2, valor da aposta simples.

Marcio Allemand

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_3\_janeiro-opinião1.3\_janeiro.doc.txt

Além dos números

Mais importante que definir que ter o sexto Produto Interno Bruto (PIB) do mundo não significa ter um país melhor – estamos em 842 lugar no índice de Desenvolvimento Humano (ODH); em 885 no índice de Desenvolvimento Educacional; ainda somos um dos mais desiguais na distribuição de renda do mundo, apesar dos avanços recentes – é entender que, para deixarmos de ser o 732 país no ranking de renda per capita, temos que encarar as reformas estruturais de que o país necessita para crescer sustentavelmente, principalmente na educação.

Mesmo porque a previsão de que passamos o Reino Unido se baseia em expectativas de crescimento e câmbio que estão sujeitas a alterações que podem mudar novamente o ranking, embora a crise financeira internacional torne quase inexorável a ascensão dos países emergentes.

A Goldman Sachs, que "inventou" o acrônimo Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) para tornar palpável o crescimento dos emergentes, considera que é possível que dentro de 18 anos a economia da China venha a ser tão grande quanto a dos Estados Unidos.

Desde o início da crise financeira internacional, em 2007, os Brics respondem por cerca de 45% do crescimento global. A soma do PIB dos Brics pode alcançar a dos países que compõem hoje o G-7 por volta de 2032, sete anos antes do previsto inicialmente.

Com relação ao Brasil, um estudo do empresário Paulo Cunha mostra que, se a renda per capita brasileira tivesse crescido até hoje à mesma taxa do período de 1900 a 1980, estaríamos com 35% da renda dos americanos – próximos do Chile e melhores que o México.

E se tivéssemos crescido mais aceleradamente, ao ritmo registrado entre 1950 e 1980, quando crescemos a uma média anual de 7%, (nosso PIB registrou médias asiáticas: 7,15% de 1950 a 1959; 6,12% de 1960 a 1969; e 8,78% de 1970 a 1979), estaríamos hoje com 48% da renda americana, semelhante à de Portugal.

Ao contrário, se de 1900 a 2004 a renda per capita tivesse crescido no ritmo dos últimos 25 anos, nossa renda seria equivalente a 18% da renda atual, o que corresponderia as rendas do Quênia e da Nigéria – estaríamos entre os 15 países mais pobres do mundo.

O PIB per capita do Brasil em 1980 equivalia a 30,5% do dos Estados Unidos; em 2009, essa relação caiu para 22,7%. Ao contrário, no mesmo período, o PIB per capita da Coreia do Sul em Paridade de Poder de Compra (PPC) equivalia a 18,8% do norte-americano, quase a nossa situação hoje, e era 60% menor do que o PIB per capita brasileiro naquela ocasião.

Mas nesses 30 anos a Coreia do Sul conseguiu aumentar o percentual em relação aos Estados Unidos para 60,3%. Esse avanço tem a ver principalmente com o salto de qualidade no ensino que o país deu nos últimos anos.

Até 1980, o Brasil cresceu mais que a média mundial: de 1900 a 1980, a renda per capita brasileira cresceu em média 3,04%, enquanto a renda mundial cresceu 1,92%.

O período de maior crescimento foi o de 1950 a 1980, que alguns classificam como os "anos dourados", quando o país cresceu em média 4,39% sua renda per capita, para um crescimento médio mundial de 2,83%. Nesse período, o Brasil figurou entre os dez países mais dinâmicos do mundo.

A partir daí, assistimos a uma redução de 90% do ritmo de crescimento per capita – de 4,39% para 0,43% de 1980 a

2004.

No trabalho "Redução da desigualdade da renda no governo Lula – Análise comparativa", o professor Reinaldo Gonçalves, do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mostra que no período de 2001-10 o Brasil teve uma taxa média anual de crescimento do PIB real per capita de 2,2%, inferior à média de um painel composto por 12 países da América Latina: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Honduras, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

O crescimento médio anual do país no período de 1995 a 2009 foi de 2,9%, fazendo com que a elevação da renda tenha sido de apenas 22%, contra 100% na Índia e 226% na China no mesmo período.

Mesmo crescendo a apenas 3% ao ano (previsão que já está sendo reduzida pelos especialistas), o PIB brasileiro aumentará mais que o dos países europeus e o dos Estados Unidos nos próximos anos, o que coloca o país no G-6 da economia mundial.

Mas crescerá menos que emergentes como China e Índia. Devido ao baixo índice educacional e à falta de infraestrutura, Brasil e Índia crescerão em velocidade menor que Rússia e China nos próximos 20 anos, segundo estudo da Goldman Sachs, criadora dos Brics.

Mas, mesmo a lista das dez maiores economias do mundo devendo ser bastante diferente da de hoje nos próximos anos, há um detalhe fundamental: as maiores economias, medidas pelo Produto Interno Bruto (PIB), provavelmente continuarão não sendo as mais ricas em termos de renda per capita.

Pelas projeções, os cidadãos dos Brics continuarão sendo mais pobres na média que os cidadãos dos países do G-6 de hoje, com exceção talvez da Rússia.

O Brasil, se conseguir manter uma média de crescimento do PIB de 3,5% ao ano, chegará a 2050 com uma renda per capita de US\$ 26.500, próximo à de Portugal hoje, muito longe do que já têm hoje França e Alemanha (cerca de US\$ 44 mil), menos do que o Japão (cerca de US\$ 45 mil) e os Estados Unidos hoje (cerca de US\$ 48 mil).

Para piorar a perspectiva, mesmo com a crise financeira internacional, o PIB per capita dos maiores países continuou crescendo, mesmo o do Japão, que está em recessão há quase 20 anos.

Portanto, mesmo que chegue a ser a 5 – economia de um mundo conturbado –, o país continuará tendo desvantagens competitivas sérias.

Os países que fazem parte da OCDE, os mais avançados do mundo, aplicam cerca de 7% do PIB em pesquisa e desenvolvimento. O Brasil não passa de 1%, sendo suplantado largamente por Coreia do Sul e China, países que estavam atrás de nós nesse setor nos anos 1980.

A participação brasileira na produção mundial caiu de 3,1%, em 1995, para 2,9%, em 2009, o que denota falta de competitividade. No mesmo período, a China saltou de 5,7% para 12,5%, e a Índia foi de 3,2% para 5,1%.

Em 1960, a Coreia já tinha escolaridade média superior à do Brasil em 1,4 ano de estudo, e essa diferença só fez aumentar de lá para cá, estando atualmente em mais de seis anos.

Merval Pereira

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_3\_janeiro-opinião2.3\_janeiro.doc.txt

Veniais e mortais

Existe em alguns países a tradição das resoluções ou promessas de Ano Novo. Pode ser hábito encantador no caso de promessas de crianças e costume com graus variados de cinismo, quando elas partem de homens públicos.

É fácil entender o motivo da diferença. Os compromissos infantis são sinceros e, pelo menos, animadores para pais e avôs. Já políticos – e outros senhores que tomam conta do país em nome dos cidadãos – frequentemente esquecem promessas e projetos por volta do Dia de Reis. No Brasil, esses compromissos de fim de ano não são comuns. Melhor, talvez, para nós todos: escapamos de frágeis esperanças.

Mesmo assim – ou por isso mesmo, não sei bem – sempre podemos fazer uma brincadeira sem nenhuma malícia e quase amistosa com a turma que toma conta do país para a gente. Consistiria em produzirmos um rol de promessas de Ano Novo para serem assumidas pelos nossos políticos e administradores.

Por exemplo, estas três:

No exercício de qualquer função pública escolherei auxiliares experientes e capacitados para desempenhá-la. Não será critério para nomeação grau de parentesco, principalmente no caso de familiares de minha digna esposa. Explica-se esse ponto pelo fato notório de que é sempre muito mais difícil demitir o irresponsável sobrinho de madame do que o inútil parente de meu próprio sangue.

Jamais transformarei em amigos íntimos e, principalmente, generosos quaisquer cidadãos que tenham interesses,

mesmo que válidos, relacionados com minha função pública.

Apresentarei relação de bens pessoais de toda e qualquer natureza tanto ao ser nomeado como no momento em que deixar o cargo.

É possível que muitos – muitíssimos, talvez – dos senhores e senhoras a quem fossem exigidos esses compromissos reagissem com solene indignação, argumentando, por exemplo, que eles significariam, digamos assim, uma premissa de mau comportamento.

Não é nada disso: seria, simplesmente, uma manifestação, tão necessária quanto espontânea, das boas intenções esperadas de qualquer ocupante de função pública.

Alguns poderiam alegar que são cidadãos de ficha limpa: seu retrospecto na vida pública já seria aval suficiente. A resposta a esse argumento seriam exemplos recentes de estripulias de alguns ocupantes de altos cargos em Brasília. A propósito, é preciso também lembrar que nenhuma administração – tanto nos governos militares como no regime democrático – foi, até hoje, imune a desvios de conduta.

Incluindo pecados veniais e mortais.

Luiz Garcia

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_3\_janeiro-reportagem.3\_jan..doc.txt

## ÁGUAS DE JANEIRO

### Chuva e pavor voltam a atormentar Friburgo

Cidade serrana tem novos deslizamentos, sirenes soam e moradores de 15 bairros abandonam suas casas

"Quando chove, ninguém dorme". A frase da costureira Maria da Penha de Souza, moradora do bairro Córrego Dantas, em Nova Friburgo, resume o sentimento de quem vive na Região Serrana, diante da possibilidade de uma nova tragédia. Passado praticamente um ano desde a devastação provocada pela enxurrada de 12 de janeiro do ano passado, que deixou mais de 900 mortos, o cenário de Friburgo quase não mudou.

Na avaliação do prefeito em exercício, Sérgio Xavier, apenas 40% das obras necessárias para recuperar a cidade foram feitas pelo antecessor. Demerval Barbosa Neto, chefe do Executivo à época do temporal passado, foi afastado por decisão da Justiça, em novembro, sob acusação de sonegar informações ao Ministério Público estadual (MP) no inquérito que investiga suspeita de desvio de verbas.

– Precisamos de R\$ 700 milhões para recuperar a cidade. A verba já foi liberada, mas dependemos ainda de uma série de burocracias para iniciar as obras – queixou-se Sérgio.

Secretário de Defesa Civil admite estar enxugando gelo

A cidade voltou a sofrer com a chuva contínua que começou há uma semana. Ontem de madrugada, moradores de 15 bairros foram acordados ao som dos alarmes que avisam a população sobre riscos de enchentes. Em estado de alerta – que chegou a ser elevado a máximo –, o município registrou, em 24 horas, 100 mm de chuva, considerado o limite da segurança. Apesar das obras de contenção de encostas feitas no Morro do Teleférico após o temporal do ano passado, houve deslizamentos que atingiram até a Praça do Suspiro, na região central da cidade. Desta vez, a terra não a invadir a Igreja de Santo Antônio, soterrada no ano passado e que ainda está sendo recuperada.

Também ocorreram pequenos deslizamentos no Campo do Coelho e nas Braunes, perto do prédio da Uerj. O Rio Bengalas, que corta a cidade, transbordou em Córrego Dantas – uma das regiões mais afetadas em janeiro passado. A água também demorou a escoar de várias ruas do Centro. Conforme admitiu o secretário municipal de Obras, Clauber Domingues, a rede pluvial é antiga, não tem capacidade para tanto volume de água e ainda está parcialmente obstruída pela lama de um ano atrás. Vários pontos da cidade já enfrentam falta de água.

– Temos uma série de obras de ampliação de galerias para começar, com recursos públicos e privados. Fizemos uma limpeza superficial das galerias de águas pluviais, que são muito estreitas. Muito detrito acumulado da época continua lá – reconheceu o secretário.

Secretário de Defesa Civil de Friburgo, João Paulo Mori resumiu a situação ao afirmar que toda a sua equipe está "enxugando gelo":

– Há dois meses, dragamos o Rio Bengalas, na altura de Córrego Dantas. Há 15 dias, a cidade foi atingida por uma forte chuva, e todo o material foi carregado novamente para dentro do rio, inclusive máquinas que estavam nas margens. Nossa previsão para o verão é a seguinte: dragamos o rio, mas, se chover, o material torna a ser depositado no fundo, porque a maioria das encostas precisa de obras de contenção.

Nas áreas rurais, moradores tiveram dificuldade para sair de casa. A chuva agravou o problema de acesso aos bairros. No início de dezembro, pontes reconstruídas após a tragédia do ano passado caíram durante outro temporal.

Apesar da sensação de pavor que tomava conta da cidade, o prefeito em exercício pede tranquilidade aos moradores. – Não registramos vítimas. A cidade está normal. Agimos de forma preventiva, ativando as sirenes – minimizou Xavier.

De manhã, a Defesa Civil registrou a passagem de 300 pessoas pelos pontos de apoio. À tarde, apenas 87 permaneciam nesses locais. O secretário estadual de Defesa Civil, Sérgio Simões, participou de vistorias.

Em Córrego Dantas, uma ponte improvisada sobre o Rio Bengalas, que substitui a estrutura levada pelo temporal de dezembro, quase foi arrastada:

– Não temos mais condições de aguardar uma ponte de concreto para a travessia dos moradores – reclamou o vice-presidente da associação de moradores do bairro, Édmo Silvestre.

No bairro Rui Sanglard, 30 pessoas decidiram passar mais uma noite nos abrigos. O grupo se queixa de não ter sido avisado pelo sinal de alerta, mas, sim por vizinhos.

– Algumas pessoas ouviram os sinais de comunidades vizinhas e correram. Na mesma hora, peguei meus filhos e vim para cá – conta a faxineira Mirian Correia, em um dos pontos apoio da prefeitura.

No mesmo bairro, duas famílias ainda buscavam refúgio e queriam passar mais uma noite no ponto de apoio.

– Voltaremos para casa só quando a chuva cessar – disse Alexandra Pinheiro.

Mirian passou a noite em claro, sentada num banco acompanhada pelo marido e dois casais. Não havia colchonete para todos.

– Deixei os colchões para meus pais e meus filhos dormirem. Só quando amanheceu a prefeitura mandou outros colchões – explicou a faxineira que chegou 1h no centro de apoio.

Isabel Araujo \* Luiz Ernesto Magalhães

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_3\_janeiro-crônica.3\_jan..doc.txt

O risco de ficar refém

Depois da fusão Tam e Lan, é a Gol que recebe volumoso aporte de capital de empresa estrangeira.

Contrariando os preceitos de Maquiavel, a empresa mineira acaba de filiar-se à megatransportadora americana Delta. Maquiavel recomendou ao príncipe que não fizesse parcerias com entidades mais fortes que ele, porque, logo, ficaria seu refém. Certamente, é o que acontecerá à Gol.

No bojo das negociações, ficaram estabelecidos procedimentos operacionais que não chegam ao conhecimento do grande público. Com participação expressiva no capital da Gol, a empresa americana conquista exclusividade na reserva de rotas não operadas pela Gol e nas conexões domésticas nos Estados Unidos, mesmo que estas não sejam as mais adequadas para os passageiros da Gol. Isto é o mínimo que pode acontecer. O mais dramático é a dependência econômica que se estabelece em razão da crescente necessidade da empresa brasileira de capitalizar-se para fazer face aos altos custos de sua operação. É bem verdade que a Constituição estabelece limitação de participação estrangeira nas aéreas brasileiras, mas temos visto que esse dispositivo legal tem sido contornado mediante filigranas jurídicas, aprovadas pela autoridade concedente.

Falta, às nossas autoridades e políticos, reconhecer que a aviação comercial brasileira necessita receber tratamento fiscal diferenciado. De capital intensivo, elevado número de empregados e grande importadora de implementos para sua operação, desde a aeronave até o mais singelo dos parafusos, a aérea nacional não tem condições de competitividade com as estrangeiras, protegidas pelos governos e geradoras de receita em moeda forte.

A história da aviação comercial brasileira está repleta de casos de insucesso. As empresas que se dispuseram a realizar escalada internacional capitularam fragorosamente depois de investir elevada soma de recursos em frota e infraestrutura sem, contudo, obter resultados positivos. Assim, também, caminham Tam e Gol, se não for estabelecida nova política para o transporte aéreo comercial no Brasil.

Percy Rodrigues

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_7\_fevereiro-entrevista.7\_fev.doc.txt

Insegurança

'Governo não vai tolerar atos de vandalismo e crimes'

Ministro da Justiça afirma que 'esse tipo de postura, que configura prática criminosa', é inaceitável e será combatido  
BRASÍLIA. O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, disse ontem que o governo não vai tolerar ações de

vandalismo e crimes que estariam sendo cometidos por ordem dos chefes da greve da PM em Salvador. Ele afirmou que não pode prever se o movimento se estenderá a outros estados. Mas o serviço de inteligência federal já detectou que o movimento na Bahia obedece a uma estratégia de paralisação Iemâmbito nacional.

O GLOBO. Como está a situação em Salvador?

JOSÉ EDUARDO CARDOZO: Há uma situação em Salvador que precisa ser (vista de forma) diferenciada. Uma coisa é a reivindicação. Isso é absolutamente normal numa democracia. Agora, coisa bastante diferente é a prática de atos de vandalismo, atos criminosos, a disseminação de ações que, obviamente, são orquestradas no sentido de gerar insegurança nos cidadãos. Esse tipo de postura, que configura prática criminosa, não pode ser tolerada.

É verdade que grevistas mataram moradores de rua em Salvador?

CARDOZO: Nós não podemos fazer uma afirmação sem a efetiva prova. Então acho que cabe, neste momento, investigar com rigor suspeitas que possam existir de envolvimento de algumas pessoas nesses atos hediondos. Cabe à polícia investigar, elucidar e propor a punição ao Poder Judiciário.

É verdade que grevistas apontaram armas para as pessoas e usaram ônibus como barreiras nas ruas?

CARDOZO: Alguns desses relatos nos foram passados. Isso é inaceitável. Greve é um direito legítimo, independentemente do mérito do que se reivindica. Não nos cabe julgar o mérito. O que não se aceita é se utilizar arma, comprada com dinheiro público, para atemorizar a população que paga por essas armas. O que não se aceita, não se admite, é que pessoas que devem garantir a ordem pública sejam as primeiras a buscar a sua desestruturação.

A Polícia Federal vai prender os líderes grevistas acusados de cometer crimes?

CARDOZO: Por solicitação do governador Jaques Wagner, a presidente determinou medida de garantia de lei e ordem, que está prevista em nossa legislação e admite a utilização das Forças Armadas. As ações de apoio na Bahia são comandadas pelo Ministério da Defesa. O general Gonçalves Dias coordena as ações. As forças do Ministério da Justiça (Polícia Federal e Força Nacional) se somam a isso. Nossa linha é cumprir os mandados de prisão em conjunto com a Secretaria de Segurança da Bahia.

Mas já há os mandados?

CARDOZO: Os mandados já existem. E a PF, por si só ou em conjunto com as forças de segurança da Bahia, irá cumprir esses mandados (contra o comando do movimento grevista).

O senhor acha que há risco de esse movimento se espalhar por outros estados?

CARDOZO: Nós temos situações bastante diferenciadas nos estados. É impossível prever o que possa acontecer em cada estado. É muito importante que exista diálogo entre os governadores e as polícias. Agora, o que não se admite é o desrespeito à lei. E, nesse ponto, sempre que necessário, o governo federal estará preparado para agir.

Essas greves das polícias militares estão se tornando cíclicas e cada vez mais violentas? O governo tem alguma proposta de reforma estrutural das polícias?

CARDOZO: Nossa política de segurança pública parte do pressuposto de garantir aos estados autonomia com a disciplina do seu quadro de pessoal. Buscamos incentivar a integração das forças estaduais com as federais. Inclusive desenvolvemos ações para que possamos estruturar melhor as atuação das polícias nos estados.

O governo da Bahia vai negociar, vai reajustar os salários como querem os grevistas?

CARDOZO: Não posso entrar no mérito de algo que não compete ao governo federal. O que eu posso afirmar é que parece correta a postura do governo do estado de não negociar anistia para crimes que tenham sido cometidos por agentes policiais.

Jailton de Carvalho

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_7\_fevereiro-notícia1.7\_fev.doc.txt

Insegurança

EUA sugerem que americanos evitem Bahia

Embaixada no Brasil orienta que evolução da greve da PM seja monitorada; Chile também desaconselha visitas BRASÍLIA. A Embaixada dos Estados Unidos alertou ontem, em nota de emergência, os cidadãos americanos para que adiem visitas não essenciais à Bahia, em razão da crise de segurança provocada pela greve da Polícia Militar, que completa hoje uma semana. Segundo o comunicado, os cidadãos devem continuar monitorando os desdobramentos da paralisação, por meio da imprensa brasileira, tanto em Salvador quanto em outras localidades do estado. Desde sexta-feira, os americanos passaram a desaconselhar as viagens à Bahia até que "as condições de segurança tenham se estabilizado".

A recomendação foi mantida, apesar da chegada das forças federais de segurança. O motivo foi o aumento

significativo do número de homicídios ao longo da última semana. Também pesaram os registros de saques e roubos de carros. O cerco à Assembleia Legislativa também "cria risco de violência", destaca a mensagem. A embaixada faz recomendação expressa para que os americanos em Salvador se afastem do prédio do Legislativo, localizado entre o aeroporto e o centro da cidade.

De acordo com a agência portuguesa Ansa, o cônsul do Chile no Rio de Janeiro, Samuel Ossa, também recomendou que os chilenos não viajem à Bahia. "Apesar de as Forças Armadas estarem controlando os setores turísticos, eu não recomendaria a ninguém viajar, porque não se sabe o que vai acontecer. Pelo menos não até que termine esta situação", disse o diplomata ao site do jornal chileno "El Mercurio".

Ele destacou que "os locais turísticos estão mais controlados", mas que isso não garante que "de repente" as forças do Exército "entrem na Assembleia (Legislativa) e cheguem atirando e que sobre para algum turista".

França e Inglaterra são mais cautelosas

Diferentemente de americanos e chilenos, franceses e britânicos foram mais cautelosos e pediram aos compatriotas que se limitem a ficar atentos ao noticiário para evitar locais com maior risco. Ao GLOBO, o cônsul da França em Salvador, Pierre Sabate, afirmou que a segurança nos principais pontos turísticos já está reforçada com a presença das Forças Armadas.

– Não podemos entrar nessa paranoia. Sabemos que os principais alvos são locais de disputas entre grupos rivais. Para quem pede auxílio, informo que é importante observar o noticiário, na TV. Espero que o desfecho seja o melhor possível – afirmou Sabate, que calcula em cerca de 40 mil o número de franceses que visitam anualmente a Bahia, sendo que um grupo expressivo vai ao estado no carnaval.

Na embaixada do Reino Unido, em Brasília, a informação é semelhante: cautela e acompanhamento diário do noticiário para evitar locais com risco elevado. Não há recomendação, por enquanto, para que viagens sejam adiadas. Procurados, o Itamaraty e o Ministério da Justiça não se pronunciaram sobre as manifestações dos consulados.

Roberto Maltchik

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_7\_fevereiro-notícia2.7\_fev.doc.txt

Petrobras faz licitação bilionária de plataformas do pré-sal

Estatal recebe hoje propostas para construção dos módulos que irão para campos em desenvolvimento na Bacia de Santos

Hoje é um dia importante para os fabricantes de equipamentos e materiais para a indústria petrolífera no Brasil. A Petrobras vai receber hoje as propostas das empresas que estão participando de uma megalicitação para construção, montagem e integração dos módulos que serão instalados nas oito primeiras plataformas de produção de petróleo que irão para os campos de pré-sal já em desenvolvimento na Bacia de Santos. O valor da encomenda é uma incógnita, mas alguns técnicos do mercado estimam que essa licitação poderá representar investimentos entre US\$ 3,7 bilhões a US\$ 4 bilhões. A expectativa é de um índice de nacionalização elevado, acima de 60%. Os módulos são todas as instalações e equipamentos de produção (como a unidade de processo) que ficam em cima da plataforma.

Cascos das plataformas estão em construção

Neste caso, as bases das plataformas são cascos de navios. Os oito cascos para essas plataformas já estão em construção em Rio Grande, no dique seco da Ecovix, braço da Engevix Engenharia para construção naval, no Rio Grande do sul.

Essas primeiras oito plataformas serão instaladas nos campos de Lula, Cernambi, Guará e Carioca, entre outros, todos localizados nos blocos no pré-sal BM-S-9 e BM-S-11, na Bacia de Santos. Nesses dois blocos a Petrobras é operadora e tem como sócios nos dois consórcios a BG Group, a espanhola Repsol, os chineses da Sinopec e Galp de Portugal. A entrega das propostas técnicas e comerciais será em reuniões individuais por empresas, em horários pré-estabelecidos com cada participante. A companhia informou que espera assinar os contratos de encomendas dos módulos dessas primeiras plataformas ainda no primeiro semestre deste ano.

Cada plataforma terá capacidade para produzir 150 mil barris de petróleo e 6 milhões de metros cúbicos de gás por dia. Quando estiverem em plena operação em meados desta década essas plataformas deverão estar produzindo cerca de 900 mil barris por dia de petróleo no pré-sal em Santos.

Esses campos foram os primeiros a serem descobertos na área do pré-sal na região. Os campos ficam a cerca de 300 quilômetros da costa e a mais de dois mil metros de distância do nível do mar ao solo.

Ramona Ordonez

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_7\_fevereiro-opinião1.7\_fev.doc.txt

Ninguém sabe quanto custará a Copa

A Torre de Babel, segundo a Bíblia, foi construída na Mesopotâmia, pelos descendentes de Noé. A decisão era fazê-la tão alta que alcançasse o céu. Esta soberba provocou a ira de Deus que, para castigá-los, confundiu-lhes as línguas e os espalhou por toda a Terra.

O mito vem à tona no acompanhamento dos gastos da Copa 2014. Para começar, existem pelo menos 5 portais na internet com dados globais sobre o evento, criados pela Controladoria Geral da União (CGU), Senado Federal, Tribunal de Contas da União (TCU), Ministério do Esporte e Instituto Ethos. Apesar da louvável intenção de dar transparência ao megaevento, faz-se necessário o trânsito permanente de informações entre governos municipais, estaduais e federal para que os sites estejam sempre atualizados, o que infelizmente não está acontecendo. Assim, ganha um doce quem conseguir dizer quanto custará a Copa do Mundo 2014.

A Controladoria Geral da União ([www.portaldatransparência.gov.br](http://www.portaldatransparência.gov.br)), por exemplo, informa que os investimentos em aeroportos, portos, estádios, mobilidade urbana e os financiamentos para os novos hotéis custarão R\$ 27 bilhões. Aliás, faltando 28 meses para o início do mundial, o próprio site do governo federal evidencia o atraso da programação, ao mostrar que somente R\$ 9,9 bilhões (37%) foram contratados e apenas R\$ 1,4 bilhão (5,2%) foi pago.

Lentidão à parte, convém ressaltar que os R\$ 27 bilhões correspondem somente ao chamado Primeiro Ciclo, não incluindo itens como segurança, telecomunicações, infraestruturas energética e turística, saúde e qualificação profissional.

Mesmo o valor previsto para a etapa inicial (R\$ 27 bilhões) está longe da realidade. Os financiamentos públicos para hotelaria, por exemplo, deverão ser muito maiores do que os que estão lançados no portal. Os R\$ 350,1 milhões contratados até agora destinam-se à implantação de dois novos empreendimentos, em Botafogo e Copacabana, à revitalização do Glória e à instalação de hotel em Aparecida do Norte (SP). Muito provavelmente, outros hotéis serão construídos. O valor total disponibilizado pelas linhas de financiamento do BNDES e dos Fundos Constitucionais (Norte, Nordeste e Centro-Oeste) para essa finalidade é de R\$ 1,9 bilhão, podendo ser ampliado conforme a demanda. Outro exemplo de discrepância gritante entre o valor orçado e o real é o Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha. O custo frequentemente divulgado é de R\$ 688,3 milhões. Nesse montante, porém, não está incluída a cobertura da arena que acaba de ser licitada, elevando o dispêndio para cerca de R\$ 850 milhões. Também não constavam da previsão original das despesas com o gramado, a iluminação, as cadeiras, os elevadores, dentre outros "detalhes". Ou seja, a estimativa do Governo do Distrito Federal refere-se, basicamente, à estrutura de concreto. Algo como se fosse possível calcular o custo de uma casa sem telhado, piso, luz etc...

De fato, encontrar o custo real do elefante branco em construção na Capital não é tarefa fácil. O valor de R\$ 688,3 milhões (sem cobertura, gramado etc.) ainda é informado nos sites da CGU e do Ministério do Esporte ([www.copa2014.gov.br](http://www.copa2014.gov.br)). No site do Instituto Ethos ([www.jogoslimpos.com.br](http://www.jogoslimpos.com.br)) encontra-se R\$ 745,3 milhões. No site do Senado ([www.copatransparente.gov.br](http://www.copatransparente.gov.br)) consta R\$ 671,1 milhões. Até mesmo a foto do estádio que ilustra os portais do Tribunal de Contas da União e do Ethos é a da versão inicial do projeto, já completamente alterada. Quanto à execução financeira, embora estejamos em fevereiro de 2012, os dados mais recentes computados no portal do Senado (30/6/2011) mostram que foram pagos R\$ 223,8 milhões dos R\$ 671,1 previstos (33%). No site da CGU os valores executados até 9 de novembro de 2011 somam R\$ 73,99 milhões dos R\$ 688,3 milhões previstos (11%). Para o governador Agnelo Queiroz, as obras já estão na metade.

Assim como ocorre com o estádio em Brasília, os portais divulgam informações desatualizadas, incompletas e até contraditórias sobre outros empreendimentos, nas diversas cidades-sede. A promessa de que qualquer cidadão poderia acompanhar os custos da Copa ainda não foi cumprida. É urgente, portanto, que seja criada uma sistemática regular de alimentação e atualização desses portais, para que atendam à finalidade para a qual foram criados.

Até porque – ao contrário do que foi dito inicialmente – os recursos públicos é que irão custear a festa. Assim, é natural que os brasileiros queiram saber o total dessa conta. Com a verdadeira "babel" de informações, não se chegará ao céu. Na prática, até agora, ninguém sabe quanto custará a Copa, nem mesmo a Dilma que chegou do Haiti.

Gil Castello Branco

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_7\_fevereiro-opinião2.7\_fev.doc.txt

Nas asas estatais

A privatização dos aeroportos foi um sucesso de ágio, houve disputa, mas, como a privatização dos tucanos, foi estatizada demais. O defeito é o mesmo. Fundos de pensão de estatais garantem as empresas privadas, o BNDES financiará 80% dos investimentos, e a Infraero vai pagar parte da conta. Os maiores operadores mundiais perderam o leilão nos três aeroportos.

O consórcio Invepar, que comprou Guarulhos, em São Paulo, é 80% formado por Previ, Petros e Funcef, ou seja, os mesmos fundos de pensão estatais que sustentaram as privatizações do governo Fernando Henrique. A diferença é que naquela época era mais difícil conseguir financiamento para o Brasil. Tem como sócio o operador de vários aeroportos da África do Sul.

Além disso, a estatal que vendeu o ativo, a Infraero, permanece com 49% e, portanto, pagará metade da conta de R\$ 16,2 bilhões. Fica na estranha situação de pagar por ter vendido. Há ainda o compromisso de em Guarulhos investir R\$ 4,5 bilhões em 15 anos, sendo R\$ 1,4 bilhão até a Copa. O BNDES vai emprestar 80% dos recursos.

– O que achei estranho é que os grandes operadores – aeroportos como os de Cingapura, Zurique e Houston – perderam. Também ficaram de fora as empreiteiras mais sólidas, como Odebrecht e CCR. O ágio foi alto, mas se fosse com os grandes operadores, tudo bem, porque eles estão acostumados a tirar leite de pedra, mas os pequenos, talvez não – avalia o especialista em aviação Respício do Espírito Santo.

O mesmo ceticismo é compartilhado por outro analista: o professor Hugo Ferreira Braga Tadeu, da Fundação Dom Cabral e autor do livro "Logística Aeroportuária."

– Lá fora, os projetos são pensados como cidades-aeroportos, com o entorno, acessos, hotéis, shopping centers. Isso tudo permite que a rentabilidade das empresas fique muito maior, com mais espaço para investimentos. A taxa de retorno é de 20%; aqui, é de 6%. No Brasil se pensa em aeroportos como terminal e pista, apenas – afirmou.

O grupo que ganhou a disputa pelo Aeroporto Juscelino Kubitschek, de Brasília, é o mesmo que ganhou o de São Gonçalo do Amarante e ainda não conseguiu terminar o project finance, e por isso está tendo dificuldade de se financiar. A Engevix, que esteve envolvida em alguns casos controversos, está associada a um grupo argentino no aeroporto. Foi quem deu o maior ágio: de 679%.

O grupo que ganhou o aeroporto de Viracopos, em Campinas, é o mesmo que venceu um leilão do governo de São Paulo para administrar a Rodovia dos Trabalhadores. O problema é que ele não conseguiu apresentar as garantias e foi desclassificado em favor da Eco Rodovias, que estava em segundo lugar.

O que ganhou Guarulhos, a Invepar, é operador do Metro do Rio, da Linha Amarela e da Rodovia Rio-Teresópolis. A ACSA, da África do Sul, administra aeroportos pelos quais passam 30 milhões de passageiros por ano. Seu maior trunfo, no entanto, é que 80% do consórcio são os três maiores fundos de pensão de estatais.

O modelo do leilão privilegiou o tamanho do ágio. Venceu quem deu o maior lance. O mesmo modelo dos tucanos que foi muito criticado principalmente pela presidente Dilma Rousseff quando era ministra. Ela, naquele tempo, preferia o que chamava de "modicidade tarifária". Ou seja, quem cobrasse menos do consumidor. Nos aeroportos, voltou a ser o maior ágio.

Os grupos terão que pagar grandes ágios, fazer investimentos e ainda entregar parte da receita para um fundo que vai investir em aeroportos menos rentáveis. O especialista em logística Paulo Fleury, do instituto Ilios, acha que esse é um ponto a favor do modelo:

– Desta forma, vai se investir em aeroportos que não são rentáveis agora, mas são importantes na logística do país. Sobre a excessiva participação estatal nos consórcios, através de fundos de pensão, investimentos financiados pelo BNDES e a sociedade da Infraero, Paulo Fleury explica:

– Isso é um defeito da nossa economia, os grupos privados são excessivamente dependentes do Estado, O investimento em infraestrutura não pode ser feito com financiamento privado porque é caro demais.

Seja como for, há o fato de que a Infraero terá metade do custo do ágio de lances dos quais não participou; terá metade do custo, mas não terá qualquer influência na gestão, que será toda das empresas provadas.

Não há dúvida de que o passo da privatização dos aeroportos precisava ser dado, e não pela Copa ou Olimpíadas, que são eventos que terão um tempo específico. A demanda brasileira é que está aumentando em um ritmo muito rápido.

O professor Braga Tadeu disse que um estudo da Boeing mostra que o transporte aéreo de passageiros tem crescido 10% ao ano no Brasil e assim deve continuar pelos próximos 10 anos.

– Isso significa dobrar o setor em uma década. Em 2011, tivemos 130 milhões de passageiros, e em 2014 teremos 160 milhões. Não é preciso Copa do Mundo e Olimpíadas para que o setor fique estrangulado, ele já está – afirmou.

Resta torcer para que novos gestores e o compromisso de investimento aumentem a eficiência dos aeroportos. E que a modelagem da segunda rodada – que deve incluir os aeroportos do Galeão, de Confins e Recife – tenha aperfeiçoamentos que permitam a entrada de grandes operadores do mundo com experiência e conhecimento. Desta vez, os mais experientes não quiseram pagar tão alto quanto os menos experientes se dispuseram a pagar.

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_7\_fevereiro-reportagem.7\_fev.doc.txt

## Jubileu de diamante para Elizabeth II

Popular, trabalhadora, avó zelosa e de personalidade complexa, rainha comemora 60 anos à frente do trono britânico LONDRES. Todo dia ela faz tudo sempre igual. Há quase 60 anos, o chá, as torradas, a manteiga, a geleia e o cereal no tupperware são servidos pontualmente às 8h. Então ela abre os jornais, enquanto ouve sua rádio favorita, a BBC 4, e depois dá uma olhada na correspondência. Um ordinário café da manhã para uma mortal fora do comum: Elizabeth II, 85 anos, a segunda monarca depois da rainha Vitória a ocupar o trono do Reino Unido por seis décadas. O desjejum real de ontem teve um sabor especial: o dia marcou o aniversário de morte de seu pai, George VI, data em que Elizabeth Alexandra Mary, há 60 anos, assumiu o trono do Reino Unido. As principais celebrações do jubileu acontecerão entre os dias 2 e 5 de junho – Elizabeth foi empossada em seis de fevereiro de 1952 e coroada no dia 2 de junho do ano seguinte. Mas o alvoroço em torno da festa já começou. Em geral, a rainha passa reclusa o Dia de Adesão, como a data é conhecida, mas ontem foi diferente. Uma saudação de 41 tiros no Hyde Park seguida por uma salva de 62 armas na Torre de Londres agitou a manhã londrina. Logo cedo, a rainha visitou uma escola em Norfolk, leste da Inglaterra, reafirmou sua dedicação ao serviço e se disse profundamente comovida com o apoio da população ao jubileu de diamantes. Apoio esse que foi sacudido por uma notícia publicada há pouco mais de 20 dias pelo "Guardian": uma carta do ministro da Educação, Michael Grove, sugeria que, para marcar com grandiosidade o jubileu de diamante, os súditos da rainha a presentassem com um luxuoso iate, no valor de 60 milhões de libras (R\$ 163 milhões). A ideia do ministro levou o debate dos gastos com as celebrações para um terreno perigoso. A rainha, que gosta das fofocas de Westminster, não deve ter apreciado o burburinho. A resposta do governo foi imediata e afundou a ideia do financiamento do iate com dinheiro público.

O iate substituiria o Britannia, embarcação real que serviu à rainha por 44 anos. Em 1994, durante o governo do trabalhista Tony Blair, o Britannia deixou de servir à família real, e há 13 anos está em Edimburgo, na Escócia, funcionando como uma atração turística. No dia 11 de dezembro de 1997, a família real se despediu em cerimônia oficial do iate. Bastou uma lágrima para fazer história.

– Foi a única vez em que vi a rainha chorar – lembra o inglês Thomas Lowry, aposentado do mercado financeiro e fervoroso defensor da monarquia. – Foi incrível e inesperado, porque ela é sempre muito discreta.

Afinal, monarcas não choram em público. Meses antes, no dia 31 de agosto de 1997, a rainha havia economizado qualquer demonstração de emoção na morte da princesa Diana. Apenas cinco dias depois, numa resposta às críticas da opinião pública, Elizabeth fez um discurso lamentando a morte.

Mas a figura pública de uma rainha durona é diferente sob a ótica de seus oito netos. O príncipe William gosta de dizer que a avó é uma fonte de inspiração para ele e para o irmão, Harry, e que foi ela quem esteve com eles dando apoio após a perda da mãe.

Elizabeth Alexandra Mary não nasceu destinada a ser rainha. Ela era apenas a terceira na linha de sucessão do trono. Mas quis o destino que seu tio, o duque de Windsor, se apaixonasse por uma americana divorciada, abdicando do trono em 1936. Daí para a frente, a jovem Lizbeth, de apenas 10 anos, teve de reescrever a sua história. A começar pela nova casa para onde ela, a irmã caçula, princesa Margareth, o novo rei George VI e sua mulher, a rainha mudaram no ano seguinte: o Palácio de Buckingham. Quando criança, Lizbeth não frequentou escolas, aprendeu com tutores. Era uma menina calma, reservada e apaixonada por bichos, principalmente cavalos – paixão que cultivava até os dias de hoje. Ela ainda monta, e com estilo. Como mostrou aos seus súditos no segundo dia de janeiro, numa de suas propriedades, no condado de Sandringham, no noroeste da Inglaterra: de capa azul, botas e batom vermelho e, como de hábito, no lugar do capacete de proteção, um lenço.

– Uma ideia da qual é difícil convencê-la – disse a filha Anne, sobre a teimosia da rainha em não se proteger, como registrado no livro do jornalista Andrew Marr, "The Diamond Queen", uma das biografias lançadas este ano.

Afora o fato de ser uma octogenária amazona, Elizabeth II tem uma agenda oficial tão intensa – de visitas a hospitais até encontros com chefes de Estado – que políticos bem mais jovens teriam dificuldade para acompanhar. Em 60 anos, a rainha já fez mais de 300 viagens ao exterior. No Reino Unido, visitou 25 mil lugares. Os anos de reinado acumularam mais de 3,5 milhões de cartas endereçadas à rainha.

Classificá-la é tarefa complexa, mesmo para estudiosos da realeza. Ela conviveu com 12 primeiros-ministros – de Winston Churchill a David Cameron – viu guerras e períodos de crise, como agora. Esteve à frente de seu tempo e abriu as portas da realeza para o povo: a primeira transmissão de TV do palácio real, feita pela BBC, foi justamente a

cerimônia de sua coroação. Não teve medo de ousar: desde as cores alegres ao se vestir até a forma de lidar com divórcios (e infidelidades) de seus filhos e noras. Viu também o herdeiro do trono, William, se casar com a plebeia Kate Middleton. Lida constantemente com as gafes do marido de longa data, o príncipe Phillip. Aos 85 anos, Elizabeth se mantém uma mulher moderna.

Simone Ribeiro Barreto

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Globo-textos\_7\_fevereiro-crônica.7\_fev.doc.txt

No iPod, música sem qualidade

A notícia estava cá no site do GLOBO e em tudo quanto é canto da internet: em casa, Steve Jobs ouvia LPs. Vinil, mesmo. A informação foi passada por Neil Young, um dos grandes músicos da história do rock. A turma do Twitter, claro, adorou: LPs, segundo Jobs teria dito a Young, têm mais qualidade do que a música num iPod. Trending topics mundial. E, em meio à curiosidade geral, a sofisticada análise de Young a respeito do estado da música se perdeu. A música num LP é infinitamente superior àquela ouvida nos iPods. Não há nada de polêmico na afirmação. É matemática. Também não vai, aí, qualquer julgamento a respeito da discussão entre reprodução digital ou analógica de música. A música num CD também é infinitamente superior àquela ouvida nos iPods. Novamente: é matemática. Uma música de 3 minutos em CD tem algo entre 30 e 40 Mb. A mesma música convertida para os formatos MP3 ou AAC, padrões mais populares em iPods, tem menos de 3 Mb. Isso mesmo: o disco baixado da loja iTunes, da Apple, tem muito menos qualidade do que o CD comprado na esquina. Para comprimir, muita informação foi jogada fora. O som é formado por ondas que fazem o tímpano vibrar e são traduzidas pelo cérebro naquilo que ouvimos. O desenho destas ondas é reproduzido nos sulcos do vinil. Um bom vinil carrega a representação perfeita do que foi gravado. É por isso que muita gente defende o analógico. Quem tem memória daqueles tempos ainda nos anos 80, porém, sabe que nada é tão simples. Para que o som seja perfeito, o disco não pode estar empenado, não pode haver grão de poeira, a agulha tem que ser de diamante novo. É para quem pode, não para quem quer. Dá trabalho e custa caro. E o disco perde qualidade com o tempo.

Som digital é diferente. O equipamento faz um retrato daquela onda sinuosa de tempos em tempos e o registra em número. Se fosse um desenho, ao invés de uma linha contínua da curva veríamos inúmeros pontinhos, um seguido do outro, na forma da mesma curva. Quanto menor os intervalos entre cada registro, mais parecido o resultado final. A olho nu, nem se percebe a diferença. Ou a ouvido nu.

O ouvido humano mais afiado não ouve nada abaixo de 20Hz (é um baixo bem surdo) ou acima de 20.000 Hz (e põe agudo nisso). Para segurar o tamanho da música, o padrão de CD corta todos os sons abaixo e acima desta faixa. A turma purista sugere que, embora não ouçamos estas faixas, nosso cérebro as percebe de outra forma. A perda desta informação afetaria os mais sensíveis. Além disso, CDs também economizam na informação dos extremos. Quanto mais próximo de 20Hz ou de 20.000Hz o som, menos dele é registrado. I porque, como ouvimos pior nessas frequências, menos delas seriam necessárias para causar o efeito.

Música digital no computador, MP3 e similares joga fora 90% da informação no CD. Para enganai nossos ouvidos é necessário um sistema bem complexo. Ele quebra cada trecho de áudio e descobre como economizar. Corta ainda mais nas faixas que ouvimos menos, se há um agudo numa frequência seguido de outro agudo numa frequência bem parecida, junta os dois, e segue neste processo fazendo economias e cortes e junções. O resultado é um iPod com 10.000 músicas e ninguém percebe a diferença em música bate estaca. Mas, aí, o trompete de Dizzy Gillespie tem um quê menos de brilho e o ouvido do maestro mal reconhece Mozart. Quanto mais complexa a música, maior a perda. É evidente que o leitor precisaria ter um ouvido um tanto melhor do que o meu para perceber tudo isso. Mas a matemática não mente: a informação foi embora.

O som do LP nas condições ideais não precisa ser melhor do que o digital. Num disco Blu-ray cabe uma quantidade infinitamente maior de informação do que num CD. Nada precisaria ser jogado fora e o equipamento para reproduzir música já co meça a entrar na casa das famílias de classe média.

E aí está a proposta de Neil Young. O MP3 pirata, ele sugere, é o novo rádio. A música não tem a mesma qualidade daquela que o ouvinte compra na loja, mas serve para divulgar, para que as pessoas conheçam o que há de novo. O que falta é existir, nas lojas, uma opção muito superior. Algo para além do CD, com qualidade total de música.

Se existisse, bastaria ao ouvinte sentar-se no sofá, imerso nas 5.1 caixas do home theater, e se perder. Dizzy merece.

Pedro Doria

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_10\_janeiro-crónica.10\_jan.doc.txt

A síndrome do time reserva está de volta

Fluminense e Vasco anunciam times mistos ou reservas para o Estadual. E o Flamengo também acena com tal possibilidade, caso consiga de fato disputar a Libertadores. Sem querer ser pessimista, ou profeta, não seria um exagero afirmar que se os três insistirem com essa bobagem vão dançar na competição sul-americana, e mais, provavelmente também no campeonato local.

Sim, pois existem pelo menos cinco razões para não fazê-lo. A primeira: não há nenhuma necessidade de poupar ninguém – com raríssimas exceções – em início de temporada. Muito pelo contrário. O que há, sobretudo, é a necessidade de se entrar definitivamente em atividade.

A segunda: jogador de futebol é ser humano. E de folga prolongada engorda e perde o foco nas competições. A terceira: time nenhum ganha entrosamento com uma formação diferente a cada partida. A quarta: torcedor não se interessa por reservas, e assim, é claro, deixa de comparecer aos estádios, tirando a motivação de quem está em campo e gerando prejuízos para os clubes. A quinta: a eterna possibilidade de passar vexame diante dos pequenos.

É possível desfilar muitos exemplos de como essa prática de escalar mistões ajudou a perder títulos. Mas a derrota do Fluminense na Libertadores de 2008 parece ser a mais significativa. O clube chegou a lançar equipes quase que inteiramente formadas por juniores em pleno Brasileiro. No entanto, na hora da prorrogação, diante da LDU, no Maracanã, os jogadores que estavam teoricamente "descansados", acabaram ficando sem pernas. Nos pênaltis então nem se fala, apesar das trapalhadas do argentino Hector Baldassi.

Os grandes esquadrões da história jogavam às vezes quatro partidas em uma semana. Muitos dirão que o futebol, naquela época, era mais cadenciado. É provável. Mas a qualidade dos adversários também era melhor do que a de hoje. Logo, também havia necessidade de muito esforço. Escalem reservas e entrarão todos pelo cano.

Roberto Assaf

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_10\_janeiro-entrevista.10\_jan..doc.txt

Bate-Bola

A Rodrigo Caetano

Por que o acerto com o Fluminense demorou tanto a sair?

Nós tivemos diversas reuniões e conversas justamente para que tudo fosse definido nos mínimos detalhes para estabelecermos um planejamento. O objetivo era traçar algo que não tivesse um prazo para terminar. Demoramos por causa disso. Não foi algo pré-determinado por causa do Vasco.

Sabe como ajudar o Fluminense a conquistar a Libertadores?

Eu já disse que o que faz um clube conseguir um título de uma competição é a sua participação constante nela. O Fluminense tem sido frequentador assíduo da Libertadores e isso aumenta as chances de uma vitória. São caminhos tortuosos, difíceis, já fui vice-campeão da Libertadores pelo Grêmio, sei como é complicado. Mas vejo o Fluminense com chances reais de conquista.

O que acha de chegar ao clube com o elenco já montado?

É uma situação nova para mim. Tanto no Vasco quanto no Grêmio, tive um papel de construção de um grupo de trabalho. Mas é uma melhor situação, é mais fácil chegar onde há uma estrutura já definida.

O que espera deste início?

Terei o trabalho facilitado neste momento. Mas o importante é saber que não existe apenas uma filosofia de trabalho, uma maneira de trabalhar. Por isso que neste começo o que mais farei será ouvir. Ainda estou numa fase de diagnóstico.

Rodrigo Lois

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_10\_janeiro-notícia1.10\_jan.doc.txt

Criador e criatura

NFL Sensação, Tim Tebow vai reencontrar técnico que lhe abriu as portas

Sensação da primeira rodada dos playoffs da NFL ao dar passe decisivo na vitória do Denver Broncos sobre o Pittsburgh Steelers, por 29 a 23, na prorrogação, o quarterback Tim Tebow terá um encontro especial no sábado,

quando enfrentará o New England Patriots.

O jovem de 24 anos vai rever seu ex-treinador Josh McDaniels, anunciado no domingo como assistente técnico do Patriots para a pós-temporada.

McDaniels teve participação fundamental no ingresso de Tebow na NFL, na temporada de 2010. Então comandante do Broncos, pediu à direção que recrutasse o quarterback no draft.

Para que isso fosse possível, o time de Denver cedeu ao Baltimore Ravens três escolhas posteriores para ter o direito à 25ª seleção na primeira rodada.

– Queremos jogadores inteligentes, que tenham um grande caráter e amem o futebol. Acredito que Tebow encaixe-se perfeitamente neste perfil – disse McDaniels à época do draft.

– Meu maior desafio em Denver será retribuir a confiança depositada pelo técnico McDaniels – disse o quarterback, logo após ter o seu nome anunciado.

Na única temporada em que esteve sob o comando de McDaniels, Tebow entrou em nove jogos, mas começou apenas três como titular. Na maior parte do tempo foi reserva de Kyle Orton. Uma estratégia adotada para dar experiência ao prodígio.

Antes do fim do campeonato de 2010, McDaniels acabou demitido, após vencer apenas três em doze partidas disputadas.

Para esta temporada, John Fox assumiu o cargo e, a partir da sexta semana, Tebow foi promovido a titular. Venceu seis dos sete primeiros jogos que fez e levou o time aos playoffs.

Agora, vai rever seu criador.

Fábio Aleixo

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_10\_janeiro-notícia2.10\_jan..doc.txt

Embalou da capitã

DUELO Com Walewska readaptada, Vôlei Futuro tenta bater invicto Minas

O Vôlei Futuro entra em quadra hoje, às 20h, para defender a liderança da Superliga, contra o Usiminas/Minas, também invicto na competição, contando com uma bela atuação da experiente central Walewska, sua capitã.

Após passar sete anos fora do país, a campeã olímpica demorou até se readaptar ao vôlei brasileiro. Sua última equipe no vôlei nacional havia sido o Açúcar União/São Caetano E.C, entre 2003 e 2004.

– Já estou há seis meses aqui (Brasil). Agora já estou adaptada, mas no início foi bem difícil. Quando eu estava fora, a Superliga deu uma caída. Mas, agora, voltou a ser competitiva. As jogadoras de Seleção estão todas aqui – disse.

Pouco tempo após a volta, Walewska conquistou o Campeonato Paulista e, agora, já pensa na possibilidade de ser campeã nacional.

– Nossa primeira meta foi alcançar o (título) Paulista. Agora queremos nos classificar bem para ter o mando de campo nos playoffs – revelou a capitã do Vôlei Futuro.

Para o confronto de hoje contra o Usiminas/Minas, o Vôlei Futuro teve uma semana intensa de treinos. Segundo Walewska, a maior preocupação da equipe paulista é com o ataque rival, que conta com as cubanas Herrera e Daymi, maiores pontuadoras da competição até agora.

– Prestamos atenção nelas. Estamos com uma marcação preparada.

O Vôlei Futuro lidera o torneio com cinco vitórias em cinco jogos e possui 15 pontos. Já o Minas tem 13 e ocupa o terceiro lugar. Assim como o rival, as mineiras estão invictas.

Rafael Carvalho

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_10\_janeiro-opinião1.10\_jan..doc.txt

A IMPORTÂNCIA DAS ARENAS

Estádio 'Shopping Center'

Em 1989 apresentei uma monografia sobre marketing esportivo na Universidade de São Paulo, defendendo temas como profissionalização da gestão do futebol, construção de arenas multiuso, tratamento do torcedor como consumidor e outras mudanças estruturais na administração do esporte no Brasil.

Com o passar do tempo fui reavaliando minhas ideias e se fosse escrever meu trabalho agora ele seria bem diferente do que fiz no final dos anos 80, o que é natural. Hoje tenho muito mais dúvidas que certezas. Certa talvez só a da

morte, embora até dela duvide de vez em quando.

Em troca de e-mails com internautas que seguem meu blog no LANCENET!, entrei em contato com Felipe Tavares Paes Lopes, doutorando em Psicologia Social pela USP e que estuda a violência envolvendo torcedores de futebol. Ele tem artigos e trabalhos interessantíssimos sobre o esporte. Um dos temas que aborda é a questão dos estádios, assunto de que venho tratando desde os anos 90, quando tive a oportunidade de observar várias arenas na Europa.

Arenas, porque até a denominação mudou. Não falamos mais exatamente de estádios e sim de arenas, com seus "naming rights", nomes vendidos a multinacionais. Que nada mais são do que o "estádio shopping center", termo usado por Felipe Lopes, onde o torcedor, ou consumidor, teria tudo à disposição. Serviço de camarotes, restaurantes, lojas, manobristas, monitores para entreter as crianças, cinema... Uma realidade que, com passos tímidos, começa a alcançar o Brasil, copiando modelo norte-americano de anos atrás.

Mudar é necessário, mas desde que não se perca a essência. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra, pois quando "saem de cena as gerais e entram os camarotes executivos, com poltronas confortáveis, televisores de última geração e petiscos finos", como coloca Lopes, o que temos é o isolamento da massa. Ou como eu mesmo já dizia no final dos anos 90, início da década passada, o processo de elitização do futebol, que passava a ser um esporte de ricos. Não deixa de ser uma volta às origens, pois o futebol começou a ser praticado no final do século retrasado primeiro pela elite europeia e depois pela brasileira e só mais tarde ganhou a atenção do povão.

Mas por que teríamos que voltar às origens? Não é nada interessante a exclusão de boa parte da sociedade dos campos de futebol, embora, com o poder do dinheiro, o esporte tenha virado um produto de TV. E da TV paga também. Com tantos serviços e preços abusivos, cidadão com pouca grana fica excluído dos estádios, e os geraldinos que fizeram história no Maracanã, fora de moda. Como a era dos radinhos de pilha passou, os mais endinheirados vão ao estádios com i-pods, i-phones e muitas vezes não acompanham o jogo nem a festa dos torcedores na geral, que começam a sumir. Passam a partida conectados, mandando e-mails, falando por celular com amigos e, quando avisados, dando um tchauzinho para a TV e assim ganhando seus 15 segundos (não são mais 15 minutos, não) de fama.

João Carlos Assumpção

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_10\_janeiro-opinião2.10\_jan..doc.txt

Dizem que falta algo a Messi...

Há pelo menos três anos, quando Lionel Messi abocanhou pela primeira vez o título de melhor jogador do mundo, a pergunta volta à tona logo após aparecer a imagem do franzino argentino com o troféu cedido pela Fifa: afinal, ele é tudo isso mesmo?

Argumentos não faltam, desde os embaçados até os mais esdrúxulos (como achar que "é fácil" jogar neste time fantástico do Barcelona, carimbando a tese com a lapidar frase: "Até minha avó faz gol lá"). A tecla mais batida, e que sempre gera discussão, é a de que Messi brilha em clube, mas se esconde pela seleção argentina. "Nunca venceu uma Copa", costumam dizer alguns para justificar o raciocínio, que levou seus adeptos ao apogeu com o fiasco dos hermanos no Mundial da África do Sul, em 2010.

Obviamente conduzir seu país ao patamar máximo do futebol transforma a vida de qualquer jogador, e com Messi não seria diferente. Mas transformar um título em Copa do Mundo em condição essencial para elevá-lo entre os mitos e colocá-lo no Conselho Jedi da bola é exagerado e uma forma tacanha de minimizar o talento do jogador. Messi tem 1,69m de altura e protege a bola como poucos. Leva dezenas de trancos e dificilmente cai, ao contrário dos pseudocraques do futebol brasileiro, que despencam no gramado a cada triscada. Usa sua habilidade incomum para ser objetivo, rumo ao gol, por isso seus dribles não são vistos como firulas. São apenas a cereja do bolo. Se "é fácil" fazer tudo isso pelo Barcelona, mérito dos catalães, que armaram um sistema capaz de extrair o melhor de cada um de seus craques (pois lá tem outros). O azar é da Argentina, que ainda não aprendeu a explorar todo o potencial de Messi – e se quiser ser campeã do mundo novamente, terá de montar um sistema para ele brilhar.

Com ou sem Copa na carreira, Messi já é um ícone. E ele ainda tem 24 anos, vislumbra-se que sua soberania esteja apenas começando. Ele trilha um caminho que, queiram ou não, o colocará ao mesmo nível de Pele, Maradona, Romário, Ronaldo e outros que são o que são, simplesmente, porque são craques.

Thiago Rocha

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_10\_janeiro-reportagem.10\_jan..doc.txt

São os novos tempos

**OTIMISMO** Rodrigo Caetano chega e fala em crescimento sustentável do Tricolor, que vive momento de atuação mais explícita de Celso Barros nos rumos do futebol

O Fluminense apresentou ontem o diretor executivo Rodrigo Caetano como o novo homem forte do futebol. A contratação do gestor, algo tentado desde o começo do ano passado, marca, à primeira vista, o início de uma nova fase na administração do clube. A chegada do dirigente também sinaliza a participação mais explícita de Celso Barros, presidente da Unimed, nas decisões do Tricolor.

Ao lado do novo executivo, estavam o presidente Peter Siemsen, de um lado, e Celso e Sandro Lima, vice de futebol, do outro. O desafio do dirigente é novo. Enquanto em Grêmio e Vasco ele foi o responsável por processos de reestruturação, nas Laranjeiras ele terá de gerar resultados ainda melhores em um clube que já vem em ascensão em campo nos últimos cinco anos.

– A meta é manter esse crescimento sustentável do Fluminense, que o vem caracterizando recentemente. O time tem se mantido sempre no topo, chegando com força em todas as competições e brigando por títulos – disse Caetano.

Peter Siemsen aproveitou a apresentação e fez questão de agradecer ao patrocinador pela contratação. Especula-se que o gestor chega com um salário de cerca de R\$ 350 mil mensais, todo ele arcado pela Unimed. A pessoas próximas, Celso Barros já afirmou que o valor gira em torno de R\$ 160 mil.

Certo mesmo é que Rodrigo Caetano desembarcou em Mangaratiba no carro de Celso direto do Rio. Já o presidente estava em Búzios (RJ), onde descansa com a família. Na hora de explicarem como ficaria a hierarquia do futebol tricolor, que já contava com Sandro Lima como vice de futebol e Marcelo Teixeira como gerente de futebol, foi Celso Barros quem pediu a voz e deu a melhor resposta:

– Quem está acima é o presidente Peter Siemsen, depois vem o Sandrão (vice de futebol) e após está o Caetano. Não tem mistério.

Rodrigo Lois \* enviado especial

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_14\_fevereiro-crônica.14\_fev.doc.txt

Os estaduais estão se autodestruindo

O futebol brasileiro nasceu e ficou forte com base nos campeonatos estaduais. Logo, a extinção deles, como defendem alguns, seria a quebra de uma longa tradição e o esfriamento das rivalidades regionais, fundamentais para que o interesse do torcedor permaneça aceso. Mas não dúvida que tais competições precisam de reformulação. Precisam, acima de tudo, tornarem-se mais racionais, sobretudo enxutos, principalmente para os maiores investidores, que são os clubes grandes.

Houve uma época – e queiram os mais jovens acreditar – que os estaduais tinham mais importância que os campeonatos nacionais e até internacionais. E para que se tenha uma ideia da falência do modelo atual, com times e jogos demais, e de como a audiência diminuiu, vai aqui uma comparação entre tempos distintos.

Os 20 jogos dos quatro grandes no Carioca de 2012, incluindo os dois clássicos, tiveram um público pagante total de 83.440 pessoas, com média de 4.172 por partida. Não houve nenhuma com mais de nove mil pagantes! Pois só na primeira rodada da edição de 1982, ou seja, em uma época em que a competição durava seis meses e era o verdadeiro xodó do torcedor, Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, jogando contra pequenos, reuniram 53.509 pagantes, média de 13.377 torcedores que pagaram ingresso.

E quando se fala em enxuto, vale lembrar que em 1982 o Campeonato Carioca tinha apenas 12 clubes, e que América e Bangu disputavam efetivamente o título com os quatro grandes – o que também não acontece mais – tanto que o time de Campos Sales jogou o triangular decisivo.

O que se pergunta então é: como seria a tal reformulação? Passa por caminhos distintos. Mas isso já assunto para uma próxima coluna.

Roberto Assaf

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_14\_fevereiro-entrevista.14\_fev.doc.txt

Bate-Bola

Assis, IRMÃO E EMPRESÁRIO DE RONALDINHO, EM ENTREVISTA AO LANCE!

O que implicará a mudança no contrato de imagem assinado com o Flamengo a curto prazo?

O Flamengo conseguirá mais rapidamente lançar os produtos no mercado. Por causa da pendência que existia, inúmeras possibilidades que foram conversadas não avançaram. Depois que houve esse entendimento contratual, tem tudo para que a nova parceria funcione muito bem.

No ano passado, chegaram ao mercado quatro licenciados. Existe a previsão de lançar algum produto nos próximos meses?

Ainda não há previsão. Estamos em um processo de análise de algumas possibilidades.

E para Ronaldinho? O que mudou no novo acordo?

O formato é bem parecido com o outro contrato, mas não há aquele impeditivo mais. Ronaldo está no mercado e se existir uma agência interessada e o Flamengo aprovar podemos conversar. A nova parceria dá uma Uberdade maior para que isso aconteça.

Eduardo Mendes

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_14\_fevereiro-notícia1.14\_fv.doc.txt

Vai ficar mais fácil

Flexibilidade Novo contrato de imagem firmado entre Ronaldinho e Flamengo semana passada prevê terceira parte na intermediação de questões comerciais

As bases do contrato de imagem assinado entre Flamengo e Ronaldinho, na semana passada, conservaram algumas diretrizes do acordo que o jogador tinha com a Traffic e foi rompido. Uma cláusula, porém, garante mais flexibilidade comercial às partes.

O novo vínculo permite ao clube e ao jogador negociar cotas de patrocínio ou produtos por meio de uma terceira agência, desde que haja consentimento de ambos.

No antigo contrato de Ronaldinho com a Traffic, apenas a empresa poderia fechar com interessados em investir no projeto.

Ficou determinada também uma nova divisão dos royalties relativos à venda dos produtos licenciados do atacante. A fatia que caberá a cada parte, porém, é mantida sob confidencialidade.

Ronaldinho ainda terá participação no valor que for arrecadado por meio do patrocínio master.

Assim como na ideia do projeto com a Traffic, Flamengo e o atacante estabeleceram um teto de R\$ 30 milhões para a cota do espaço principal da camisa rubro-negra.

Caso a meta seja ultrapassada, o que for arrecadado acima desse piso será dividido igualmente entre o camisa 10 e o clube.

O novo contrato de imagem firmado entre Ronaldinho e Flamengo garante ao clube o uso da imagem institucional e individual do jogador até o fim de 2014, data em que se encerra também o contrato trabalhista do jogador com o Fia.

**PATROCÍNIO**

O Flamengo segue negociações para fechar o mais rapidamente possível o patrocínio master para esta temporada.

Apesar de ter estipulado um teto de R\$ 30 milhões, o clube tem encontrado dificuldades para conseguir o valor pedido.

Houve uma conversa com a Amil, mas a empresa não chegou a R\$ 20 milhões, valor distante dos R\$ 25 milhões propostos pelo Flamengo para início das negociações.

O Banco Santander, que assumiu a folha de pagamento rubro-negra, manifestou interesse em patrocinar o clube e negocia.

Eduardo Mendes

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_14\_fevereiro-notícia2.14\_fev.doc.txt

Nos pés deles

Boa fase em dose dupla. Alecgol deixa críticas por trás e já tem média de um gol por jogo. Fagner é garçom da Colina. A boa fase no elenco vascaíno tem vindo em dose dupla. Com números expressivos neste início de temporada, Fagner e Aleksandro são os destaques do Gigante da Colina. O lateral-direito já soma quatro assistências em cinco jogos. O atacante acumula média de um gol por jogo e, com os seis até agora, já chega praticamente na metade do que fez no ano passado (marcou 13 gols no total).

– Ano passado eu não tinha feito a pré-temporada com o Vasco. Não comecei o Carioca com a equipe e agora estou

tendo um bom começo de ano. No Internacional e no Cruzeiro, tive bom desempenho também. Sempre quando se faz uma boa pré-temporada, como foi este ano em Atibaia (SP), o alicerce fica maior – afirmou Alecsandro.

Na visão de Fagner, o que vem lhe facilitando é a atenção que os adversários têm dado aos astros do elenco, principalmente os meias Juninho Pernambucano e Felipe.

–Temos uma equipe muito madura, que sabe criar alternativas. Quando não dá pelos lados, vamos pelo meio. Isso tem feito a diferença. A questão é que os adversários vêm fechando o meio por causa do Felipe e do Juninho. Isso nos facilita pelas pontas – disse o camisa 23, citando também Thiago Feltri.

Na vitória sobre o Fluminense, Alecsandro virou "cliente" do garçom Fagner pela segunda vez em 2012.0 lateral revelou que os êxitos não surgiram por acaso.

– Sempre falo para ele buscar o primeiro pau ou ficar entre os zagueiros. Estou sempre buscando ele ou o Diego Souza, que são jogadores altos – afirmou.

Alexandre Araújo \* Bruno Braz

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_14\_fevereiro-opinião1.14\_fev.doc.txt

Exemplo e alerta que vêm da África

A histórica vitória de Zâmbia na Copa Africana de Nações serve de exemplo aos pequenos e alerta aos grandes. Resende, Boavista, Volta Redonda e Friburguense querem repetir o feito e acabar com o estigma de que a zebra sempre perde na final e conquistar a Taça GB.

No Grupo A, Botafogo e Flamengo se recuperaram. O alvinegro vem de duas goleadas, mostrando um futebol com maior toque de bola, importante para o esquema de Oswaldo de Oliveira.

A recuperação do Flamengo veio em vitórias magras, futebol sonolento e estreia esforçada de Vagner Love, que ainda teve o lampejo de participar do primeiro gol da equipe contra o Nova Iguaçu, na vitória por 2 a 0.

No Grupo B, o clássico de ontem teve em Alecsandro, que marcou os dois gois da virada vascaína, o destaque. Thiago Neves marcou seu primeiro gol no retorno ao Flu e Diego Cavalieri fez defesas milagrosas para impedir uma derrota maior. Mas quem ficou com os holofotes foi o árbitro Antônio Schneider, que não deu dois pênaltis para o Tricolor.

Não havia forma melhor de ser o centro das atenções?

Na classificação, Boavista, Volta Redonda e Friburguense disputam a segunda vaga do grupo junto com o Flu. As três equipes também têm Somália, Jhonnattann e Rômulo, respectivamente, na disputa da artilharia. Será que algum pequeno repetirá o feito de Zâmbia?

Bruno Saldanha

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_14\_fevereiro-opinião2.14\_fev.doc.txt

DÚVIDAS DO 4-2-3-1

E Kaká, melhor jogador do mundo em 2007, demorou certo tempo a se adaptar ao esquema com apenas um atacante à frente dele. "Quando levantava a cabeça para fazer a jogada e a tabela, só tinha uma opção no ataque. No início, era difícil. Acabei me acostumando. Mas sempre prefiro ter mais um jogador no ataque como opção para jogar".

Kaká não reclamava por ser o único armador do Milan. Mas da falta de mais gente com quem trabalhar à frente.

Valdivia, no Palmeiras, observa outro aspecto interessante da ausência de opções no ataque, no 4-2-3-1 tão caro aos nossos treinadores. "Com apenas um armador por dentro, toda a marcação fica sobre esse jogador" – ele mesmo. Para o rival fica menos complicado cercar o pé que pensa e que passa no time.

É algo que alguns treinadores têm tentado resolver na articulação do 4-2-3-1 que virou prancheta da lei em campos brasileiros. Uma saída é usar mais armadores de estirpe na linha de articulação. Algo que o Fluminense de Abelão tem sobrando com Thiago Neves, Deco e, se quiser, Wagner, e também Lanzini. Algo que Tite poderá adotar, se quiser, no Corinthians de Danilo, Douglas e Alex.

Outra solução é que o fez o próprio Fluminense campeão brasileiro de 2010, e, também, o Corinthians vencedor em 2011. Não por acaso com o mesmo Emerson Sheik na função. Um atacante recuado que entra em diagonal, em facão, para dar mais opções aos armadores. E evitar muitas vezes o isolamento do solitário atacante. Algo que Emerson tenta repetir em 2012. Solução que Rafael Sobis parece apto para dar a Abelão nas Laranjeiras. Esquema que também pode funcionar no Internacional com Dagoberto, com D'Alessandro e Oscar articulando no time de Dorival Júnior. Outro que teve a felicidade, em 2010, de ter Neymar e Robinho pelos lados armando o 4-2-3-1 com Ganso por dentro, e

André no comando de ataque.

Os nomes, como sempre, ditam os esquemas e sistemas mais que os números. Mas as duas soluções parecem interessantes nas equipes cada vez mais marcadas (logo, manjadas) por adversários atentos.

Mauro Betting

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_14\_fevereiro-reportagem.14\_fev.doc.txt

O príncipe de NY

Sensação Filho de imigrantes de Taiwan, Jeremy Lin surge em momento delicado do Knicks na temporada e conduz equipe a cinco vitórias em série

De desprezado pela NBA há dois anos à maior sensação da liga no passado recente. Eis a situação de Jeremy Lin, armador do New York Knicks que estampou as manchetes dos principais veículos esportivos americanos nos últimos dias. Ontem, ele e Russell Westbrook (Oklahoma) foram eleitos os melhores da NBA na semana.

Sem Carmelo Anthony, machucado, e sem Amar'e Stoudemire, com problemas familiares, os nova-iorquinos caminhavam para outro fracasso neste ano, com uma campanha que contava com oito vitórias e 15 derrotas.

A luz no fim do túnel veio do lugar mais improvável possível. Quarto armador do elenco do Knicks, Lin saiu do banco na vitória contra o New Jersey Nets, em que foi peça fundamental: contribuiu com 25 pontos, sete assistências e cinco rebotes.

Dali em diante, tudo mudou para o Knicks. O bom desempenho fez com que o técnico Mike D'Antoni apostasse em Lin como armador titular da equipe.

A confiança do comandante foi justificada. Desde o primeiro dia em que ele integrou a escalação inicial do Knicks, foram quatro vitórias em quatro partidas.

Outra estatística dá dimensão ainda maior à influência de Lin no momento do Knicks. Nos quatro jogos em que foi titular, Lin anotou 109 pontos (média de 27,5). Nenhum jogador na história da NBA obteve algo parecido.

Formado em Economia pela Universidade de Harvard – instituição conhecida muito mais por sua vocação acadêmica do que esportiva – Jeremy Lin deixou a cidade de Nova York em êxtase.

Em sua melhor atuação até aqui, contra o Los Angeles Lakers (em que anotou 38 pontos), era possível ver no Madison Square Garden (casa do Knicks) diversas máscaras com o rosto de Lin, além de cartazes em alusão ao descendente de asiáticos.

Antes de chegar ao Knicks, Lin já havia tido passagens ruins pelo Houston Rockets e pelo Golden State Warriors. As duas equipes o recrutaram via Liga de Desenvolvimento (D-League).

Ivo Filipe

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_17\_janeiro-crônica.17\_jan.doc.txt

Sonho e pesadelo nos jogos da CBF

O calendário da Seleção Brasileira para os primeiros seis meses de 2012, confirmado quinta-feira passada pela CBF, deixa evidente que há uma convivência dos dirigentes dos principais clubes do país com a entidade. Francamente, não é possível que eles possam aceitar de forma pacífica essa agressividade, sem qualquer reação.

O clube faz um esforço extraordinário para manter uma infraestrutura profissional, investir em reforços de alto nível e resistir ao assédio estrangeiro sobre os craques. E os entrega de mão beijada à CBF para amistosos de pouca importância, sofrendo prejuízos significativos, dentro e fora do campo, permitindo que o Brasileirão seja diretamente afetado, como andou ocorrendo em algumas rodadas de 2011.

A não ser, é claro, que a entidade tome a providência sensata de convocar apenas jogadores que atuam no exterior, como também aconteceu no fim do ano, até muito mais pelas críticas excessivas da mídia do que por protestos dos clubes.

Outro detalhe: vale ressaltar, ainda, o comentário de André Kfourri, na edição de sexta-feira do LANCE!: "a CBF está jogando a Seleção contra quem gosta de futebol, prejudicando os dois lados." Pois é. Além dos amistosos que atrapalham o Brasileiro, a entidade continua afastando a equipe do torcedor, realizando todas as partidas no exterior, com apenas uma mudança: sai a Inglaterra e entram os EUA. Enquanto a CBF promove o sonho americano, o povão daqui vive o pesadelo de tentar acompanhá-la com frieza e sem muito interesse. Como disse o André.

CARAVANA

Quem pretende acompanhar o Flamengo em Potosí procure o Moraes no site [historiadetorcedor.com.br](http://historiadetorcedor.com.br) ou pelo telefone 2245-5516. Última chamada.

Roberto Assaf

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_17\_janeiro-entrevista.17\_jan.doc.txt

Bate-Bola

A Edinho

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA AO LANCE!, EM MANGARATIBA

Você se considera parecido com o Abel Braga?

Fico feliz demais com essa comparação, de ser parecido com ele. O Abel sempre confiou em mim.

Ele era zagueiro e você é volante. Quais as maiores diferenças?

Minha posição exige muito que eu treine forte sempre. E com um time tão qualificado como esse do Fluminense, tenho de estar sempre focado na marcação.

Como você descreveria o seu treinador, rapidamente?

Com ele não tem essa de olhar. O Abel fala mesmo na cara, é um sujeito que cobra mesmo. Ele gosta das coisas bem simples...

Alguma característica do estilo dele que seja mais marcante?

O torcedor às vezes não gosta muito, mas ele pede para que joguemos feio mesmo pelo resultado. É bonito o trabalho de cada um, fazer o gol, dar um passe para gol, mas ele sabe muito bem o trabalho de cada jogador.

E como foi trabalhar junto com ele lá no Internacional?

Apreendi muita coisa lá no Sul. Foi um momento legal na minha vida, conquistei muitos títulos.

Bruno Marinho

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_17\_janeiro-notícia1.17\_jan.doc.txt

A crise voa!

REVOLTA R10 viaja, mas no domingo se recusou a entrar em campo e só foi convencido por irmão. Prazo vence amanhã

A impaciência de Ronaldinho com a interminável novela entre Flamengo e Traffic quase colocou sua presença em xeque no jogo diante do Corinthians, no domingo. Minutos antes de começar a partida, o craque se recusava a entrar em campo. Ele só aceitou jogar depois de receber um telefonema do irmão Assis mediante ao pedido do Fia em aguardar até amanhã para resolução do imbróglio com a Traffic. Ele lhe passou tranquilidade e convenceu RIO de que seria melhor participar do confronto. Diante disso, o craque viajou para a Bolívia.

O técnico Vanderlei Luxemburgo não gostou nem um pouco da atitude do jogador. Ao fim da partida, ele chegou a declarar que alguns atletas não estão se empenhando como deveria e afirmou que o momento não permite certas atitudes, embora não tenha revelado abertamente a rebeldia do capitão. Os dois já vêm entrando em rota de colisão desde a reta final do Brasileiro, mas a situação ficou mais complicada neste ano.

Na tentativa de resolver a pendência em torno da permanência do craque, a presidente Patricia Amorim diz que o Fla tem até amanhã para fechar com a Traffic e pagar os R\$ 3,75 milhões em atraso.

– Quarta será o dia da definição. Caso não haja acordo, tentaremos uma negociação direta com o jogador – disse em entrevista coletiva.

O empresário e irmão de Gaúcho, Assis, confirmou que espera uma resposta até amanhã.

– Na hora que tiver de tomar uma decisão final, eu vou tomar. Conversamos no fim de semana e estamos cumprindo o que foi combinado. Eles (Fia e Traffic) estão se reunindo. Até quarta (amanhã) espero uma posição – disse ao L!

Claudio Portella \* Roberto Murad

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_17\_janeiro-notícia2.17\_jan.doc.txt

Sotaque cubano embala o Minas

DESTAQUES Após 'fuga' do país, Herrera e Ramirez brilham no Brasil

As cubanas Daymi Ramirez e Yusleyni Herrera, do Usiminas/Minas, passaram por muitas dificuldades antes de virarem destaques na Superliga. Às 20h de hoje, pela oitava rodada da competição, as duas terão como rival a Unilever. No Maracanãzinho, elas querem dar outro passo rumo à afirmação no vôlei brasileiro.

Maiores pontuadoras do torneio até o momento – Herrera com 125 pontos e Ramirez, com 110 – as cubanas vieram para o Brasil em busca de melhores condições de trabalho. Inclusive disseram ao L! o quanto eram exigidas quando viviam em Cuba. Segundo Herrera, o termo correto é "sacrificadas". As jogadoras contam que a remuneração era muito baixa para os treinos que faziam, sempre pesados.

– Falta profissionalismo. Por isso, deixei a seleção – disse Herrera.

Daymi passou por uma situação desagradável. E, que segundo ela, não foi a primeira e nem vai ser a última vez que ocorrerá a um cubano. Durante suas férias, a oposita foi visitar a família na ilha. Na volta para o Brasil, foi impedida de viajar e se reapresentou com atraso ao Usiminas/Minas (leia mais abaixo).

Agora já adaptadas ao Brasil e a Minas Gerais, Herrera e Ramirez dizem ter esquecido os problemas pelos quais passaram. Apesar da possibilidade de se tornarem as "artilheiras" da Superliga Feminina, as duas miram a conquista do título.

– Não ligo muito para isso (ser a maior pontuadora). Trabalho e treino para o meu time ganhar os jogos. Se estou bem nas estatísticas, é graças ao coletivo. Quero ajudar o time a ser campeão – contou Ramirez.

O Usiminas/Minas, que venceu o Solllys/Nestlé na última rodada, tem o quarto posto na classificação, com 16 pontos. Até agora, foram seis vitórias e um revés. A equipe está dois pontos atrás da vice-líder Unilever, atual campeã do torneio nacional, que venceu os últimos seis jogos.

Rafael Carvalho

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_17\_janeiro-opinião1.17\_jan.doc.txt

## MARADONA DISPARA

Os ataques a Leonardo

Diego Armando Maradona não tem poupado críticas a Leonardo, ex-São Paulo, Mengo, Milan e Seleção Brasileira, cartola, depois técnico, agora novamente cartola. Vê o brasileiro como bajulador cercado de poderosos e diz ser difícil entender o que faz no Paris Saint-Germain, onde é diretor esportivo desde que um xeque do Qatar comprou 70% das ações do clube francês.

Desconheço as motivações de Maradona, mas as críticas a Leonardo não são exclusividade do argentino. Torcida e boa parte da cúpula do Milan, time em que iniciou a carreira como dirigente, trata-o por traidor desde que resolveu tentar carreira de técnico na rival Inter de Milão, um direito do ex-jogador.

Apesar da fama de bom moço não é de hoje que Leonardo se mete em polêmicas. Em 1994 deu uma cotovelada em Tab Ramos, deixando o Brasil com dez ainda no primeiro tempo das oitavas-de-final contra os Estados Unidos, e acabou suspenso da Copa do Mundo. Cinco anos depois, convocado por Vanderlei Luxemburgo para defender a Seleção na Copa América, perdeu a braçadeira de capitão e anunciou que sua trajetória na equipe estava encerrada. Leonardo, como todo ser humano pensante, tem dúvidas e está cheio de contradições. Erra, depois acerta, em seguida erra novamente para tentar acertar outra vez... A mim assustam mais aqueles que vivem bradando suas convicções, donos da verdade, presos a seus dogmas e ai dos que não estiverem de acordo com eles.

Até acho que muitas vezes Leonardo cai num lugar comum, típico de muitos políticos e dirigentes, adotando um discurso e agindo de outra forma. Foi o que aconteceu quando o técnico Antoine Kombouaré foi demitido pelo cartola por não ter glamour e fama suficientes para comandar o PSG. Apesar de tê-lo garantido no cargo e desmentido rumores de que havia contatado outros profissionais, como Carlo Ancelotti, Leonardo acatou a decisão dos novos donos do clube e por fim sacou Kombouaré.

Conheci Leonardo no Mundial de 1994 e sentia que ele se aproveitava do fato de dominar idiomas para se aproximar da imprensa internacional e vender seu peixe. Mas estaria errado? De jeito nenhum. Quando a mídia quer sugar alguém, ela suga, então por que o então jogador não poderia usá-la em benefício próprio para ganhar espaço nos mercados europeu e asiático?

Como dirigente Leonardo tem que lidar com um mundo complexo, repleto de interesses, vaidade, ego, concorrência, pressão... Já trabalhou para Silvio Berlusconi e agora trabalha para os xeques do Qatar. Quem somos nós para julgar? Cada um sabe de si, conhece seus limites e objetivos na vida. E eles mudam com o tempo.

Leonardo foi jogador, atuou como comentarista, virou dirigente, resolveu trabalhar pelo "social", como costumam dizer por aí, fundando a Gol de Letra com seu amigo Raí, tentou a carreira de técnico, agora voltou a ser cartola... Se

amanhã quiser seguir outros rumos é um direito que cabe a ele, não a Maradona, decidir. Porque o próprio argentino é cheio de contradições e poderia respeitar as dos outros.

João Carlos Assumpção

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_17\_janeiro-opinião2.17\_jan.doc.txt

A preguiça de pensar dos boleiros

No Brasil, são poucos os atletas que conseguem virar bons comentaristas esportivos – atenção, eu disse bons! – depois que encerram a carreira. E esse assunto me chamou a atenção enquanto eu assistia aos playoffs da NFL, as finais do futebol americano. Por lá, a grande maioria que trabalha nas transmissões são ex-jogadores, muito bem preparados para atuar na mídia.

A discussão é muito mais profunda do que a qualidade das transmissões no Brasil, está relacionada a uma diferença gritante em relação aos EUA no sistema de ensino. Por lá, os atletas recebem incentivos de grandes universidades para praticarem esporte em um nível profissional. Em troca da bolsa de estudos e de toda a estrutura para treinar, eles defendem o time universitário, trazendo retorno à instituição em marketing e nas rentáveis competições que disputam. Quando o atleta se forma no curso superior tem a opção de ser recrutado por uma equipe profissional. Muitos ficam pelo caminho, mas com um diploma que dificilmente teriam condições de pagar. Se aplicarem a cultura que aprenderam com os conceitos básicos do esporte – trabalhar em grupo, responsabilidade, pontualidade, superação, etc. – se tornarão bons profissionais em qualquer outra área.

Já os que se tornam estrelas do esporte e depois se aposentam têm estudos e qualidade para continuarem falando de esporte nas mídias.

Infelizmente em terras brasileiras, onde o jovem é geralmente da periferia e tem menos informação do que qualquer um norte-americano, os poucos que se tornam atletas profissionais dispensam o conhecimento. Grande parte dos jogadores de futebol, que faturam salários exorbitantes, ganham a vida com os pés e não fazem o mínimo esforço para desenvolverem a cabeça. Preferem ficar no Twitter postando que estão na "resenha com os parcas" do que se dedicarem a algo de conteúdo. Não é apenas para virar um comentarista de TV no futuro, mas já poderiam tornar as entrevistas muito mais interessantes e, como consequência, faturar ainda mais.

Alessandro Abate

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_17\_janeiro-reportagem.17\_jan.doc.txt

Espelho, espelho meu

CUMPLICIDADE Abel diz que Edinho é o jogador do Fluminense mais parecido com ele nos tempos de zagueiro e volante e revela detalhes de parceria que mudou sua carreira

Jogador determinado, que demorou a deslanchar na carreira e sempre teve de se dedicar mais do que os outros para conquistar o espaço no futebol. A descrição poderia ser tanto do zagueiro Abel quanto do volante Edinho. Talvez por isso exista uma sintonia tão grande entre o hoje técnico e o camisa 5 do Fluminense. Abel Braga tem no jogador o seu espelho dentro do elenco. Entre outros nomes, é quem considera o mais parecido com aquele defensor que surgiu nas Laranjeiras e brilhou no Vasco nos anos 70. Principalmente pela força de vontade mostrada tanto em campo quanto fora dele:

– Não me incomoda quando dizem que não era um craque. Eu não era mesmo! Mas, veja, fiz história na Seleção, joguei no Fluminense, no Vasco... Eu tinha muita determinação. Um jogador que eu vejo assim, até por tudo que passou, é o Edinho.

O volante não carrega com ele a mesma fama de pouco técnico que acompanhava o zagueiro Abel. Mas, ao falarem de si mesmos, parece que os dois combinaram o discurso.

– Na minha carreira, tudo sempre foi mais difícil. Parecia que as coisas só aconteciam com os outros, nunca comigo. Eu tive de me adaptar ao Sul, sempre tive de estar mais treinado do que todos – explicou Edinho.

A dupla se conheceu no Beira-Rio e o técnico chegou ao Internacional em período complicado do volante. Em 2006, Edinho iniciou o ano perseguido pela torcida. Foi afastado do time, mas depois chamado por Abelão para entrar num jogo no Beira-Rio.

– Quando os torcedores me viram, começaram a vaiar. O Abel me perguntou se eu queria entrar mesmo assim. Eu disse que sim. Ele então falou: "Vamos mudar a opinião da torcida a partir deste jogo".

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_21fevereiro-crônica.21\_fev.doc.txt

Os Estaduais vão se autodestruir (II)

Voltamos hoje a falar da falência dos estaduais. E do que fazer para salvá-los a partir de 2013. A princípio, parece que seria necessária uma grande discussão, da qual deveriam participar os maiores interessados na questão -dirigentes, treinadores e demais integrantes de comissões técnicas, jogadores, jornalistas esportivos, representantes de torcidas e até políticos, pois cada um desses segmentos tem um pouquinho de culpa nessa decadência.

Vejam um exemplo de equívoco: praticamente um terço do público que acompanha por exemplo o campeonato do Rio é de gente que entra nos estádios sem pagar – idosos, portadores de necessidades especiais, menores, proprietários de camarotes e de cadeiras cativas, tribuna de honra, tribuna desportiva e principalmente cortesias de entidades e dos clubes – em função da lei da gratuidade, criada pelos políticos, que também precisa ser revista.

Para que vocês tenham uma ideia, aí vão os números dos clássicos realizados até agora. Flamengo e Botafogo jogaram para 8.863 pagantes e 3.576 gratuidades. Vasco e Fluminense para 7.622 e 2.794.

Logo, parece que os Estaduais precisam antes de tudo da valorização dos próprios cartolas, que vivem esvaziando os estádios, pregando que os campeonatos "não valem nada", escalando equipes reservas e juniores para várias partidas, e pior, desvalorizando os clássicos.

Amanhã e quinta, também no Rio, mais um erro: as semifinais da Taça Guanabara na semana pós-Carnaval, muitos ainda com a cabeça no samba, outros chegando de viagem, tremendo fim de mês, quase todos sem dinheiro. Assim, vale mais uma vez o aviso: se não ocorrer uma reformulação, os estaduais se autodestruirão.

Roberto Assaf

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_21\_fevereiro-entrevista.21\_fev.doc.txt

A Luiz Fernando Pezão, vice-governador do Rio

Como foi o início das negociações com o governo federal para a transferência das obras?

A presidente pediu as ministras Gleise (Hoffmann, Casa Civil) e Miriam (Belchior, Planejamento) para falar com a gente.

E como foi o encontro?

Eu e o Eduardo (Paes, prefeito do Rio) fomos a Brasília e iniciamos as conversas. Temos outra reunião agendada para março.

O novo autódromo em Deodoro será erguido pelo estado?

Sim. Tudo a ser construído em Deodoro ficará com o estado.

Não Assinada

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_21\_fevereiro-notícia\_2.21\_fev.doc.txt

REBELDES EM AÇÃO

CBF: votação sob ameaça

As federações rebeldes poderão dificultar as mudanças estatutárias que seja propostas pelo presidente da CBF, Ricardo Teixeira, na Assembleia Geral Extraordinária da entidade marcada para o dia 29, no Rio de Janeiro.

Os rebeldes tentaram marcar o encontro por iniciativa própria, na mesma data. A intenção era debater o futuro da CBF caso Teixeira se afastasse de seu cargo.

O dirigente, no entanto, abafou a reunião ao convocar assembleia com uma pauta própria, o que irritou os rebeldes, liderados pelas federações de Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Um dos pontos que serão debatidos pelas federações é a reforma parcial do estatuto da CBF. As entidades ainda não sabem quais modificações serão propostas. Porém, comenta-se nos bastidores que as alterações devem estar ligadas à sucessão de Teixeira.

– Pode não haver nenhuma proposta de mudança quanto a poderes, como também pode ter. Temos de sentar à mesa e ouvir a proposta – disse o mandatário da Federação Goiana de Futebol (FGF), André Pitta, fiel a Teixeira.

Os rebeldes ameaçam barrar a votação. Oficialmente, afirmam que a proposta de mudança deveria ser entregue antecipadamente para poder ser votada já na reunião do dia 29. Segundo apurou a reportagem, as federações tomarão conhecimento das alterações apenas dois ou três dias antes do encontro.

– Se for debater qualquer proposta estatutária, não vai ser nessa reunião. Se tiver, vai ser numa outra, especificamente para isso, dizendo o que vai ser reformado. Não pode ser assim, tem de dizer primeiro o que vai ser reformado – contestou o presidente da Federação Baiana de Futebol (FBF), Edinaldo Rodrigues.

Barrar a votação também seria uma reação à convocação da assembleia. Porém, os rebeldes precisarão buscar novos aliados para atrapalhar os planos de Teixeira.

Segundo o estatuto da CBF, a aprovação das mudanças depende do voto favorável de dois terços dos presentes. Hoje, são sete as federações rebeldes: Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia, Minas Gerais, Santa Catarina e Pará. Faltaria, então, o apoio de três outras para barrar as alterações.

Na visão de rebeldes, há alguma manobra por trás da mudança estatutária. Porém, não sabem ainda ao certo a intenção de Teixeira.

Daniel Leal e Marcelo Damato

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_21\_fevereiro-notícia1.21\_fev.doc.txt

Desculpas

Exclusivo Cristovão revela conversa com Bernardo, que não falou em sair do clube.

Afastado dos treinamentos até o fim da ação judicial que move contra o Vasco, Bernardo tem buscado não se afastar do grupo nos últimos dias. Além de contatos quase que diários com alguns companheiros de time, um telefonema para o técnico Cristóvão Borges serviu como uma espécie de pedido de desculpas, com a garantia de que não pretende deixar o clube.

O próprio Cristóvão revelou como foi o bate-papo com Bernardo. O comandante, que sempre procurou aconselhar o jogador, garantiu que, assim que a questão for resolvida, vai reintegrá-lo ao grupo.

– O Bernardo me ligou e disse que quer ficar no Vasco. Talvez não tenha sido bem orientado no momento em que tomou essa atitude. Mas, assim que tudo for resolvido, ele será reintegrado e voltará a treinar – disse o treinador ao L!, durante o primeiro dia de desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro, ontem, na Sapucaí.

Em algumas entrevistas, mesmo muito antes da polêmica, Cristóvão Borges já havia destacado a importância de Bernardo saber canalizar seu jeito explosivo para o campo. Além disso, durante um treino, no ano passado, o meia chegou chorando, por conta de problemas pessoais, e o treinador foi o primeiro a consolá-lo, com uma longa conversa no gramado.

Nos últimos dias, como mostrado pelo LANCE! na edição de ontem, Bernardo tem sido sondado por outros clubes brasileiros, que acompanham de perto o desfecho da situação com o Cruz-Maltino, pois, caso consigo a rescisão, poderia se transferir sem custos. A diretoria do Vasco está otimista e crê na permanência.

Bruno Marinho e Rodrigo Ciantar

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_21\_fevereiro-opinião1.21\_fev.doc.txt

Ataque fora dos gramados

A dupla Bebeto e Romário

Não é que Bebeto e Romário, que tantas alegrias nos deram como dupla de ataque em 1994, estão em lados opostos para 2014? Romário continua no ataque brigando, pelos motivos que for, por uma outra forma de condução do Mundial no Brasil e por mudanças no Comitê Organizador Local. Já Bebeto, que gosta de fazer o papel de "bom moço" resolveu jogar na defesa. Defesa de Ricardo Teixeira, que o colocou no COL para "trabalhar" ao lado de Ronaldo. Trabalhar entre aspas porque Bebeto parece não saber o que está fazendo lá.

Sua primeira entrevista sobre de assuntos de Copa foi constrangedora, com o ex-jogador e atual deputado estadual no Rio limitando-se a repetir que Teixeira estava feliz da vida, sorridente e animado, ao contrário do que vinha sendo publicado pela imprensa. E que os estádios para 2014 ficarão prontos a tempo e serão todos maravilhosos.

Segundo a própria Fifa, porém, o maior problema para o Mundial no Brasil não é estádio. O setor aeroportuário e a mobilidade urbana são os que mais inquietam a entidade, pois quase nada foi feito para melhorá-los a pouco mais de dois anos do início da Copa. Em seguida vem a questão hoteleira, cuja rede é considerada insuficiente em todas as 12

sedes. Faltam principalmente opções de acomodação para o torcedor que virá ao Brasil disposto a não gastar muito com hospedagem.

A Fifa segue inquieta com a demora do governo brasileiro em votar a Lei Geral da Copa, que opôs a entidade à administração Dilma Rousseff. E também com a falta de interlocutores não só em Brasília, mas também no COL, que não disse até agora a que veio.

Em sua última visita ao Brasil, Jérôme Valcke, secretário-geral da Fifa, ficou impressionado com o discurso vazio de Aldo Rebelo e o despreparo de Ronaldo, que não conseguia responder as perguntas sobre a preparação do Brasil para a Copa.

É sempre bom lembrar que devido a denúncias de corrupção que derrubaram Orlando Silva do Esporte, Rebelo, o "especialista" em Código Florestal, ganhou a pasta de presente. Assim como Ronaldo e agora Bebeto foram jogados no COL simplesmente para dar a cara a bater no lugar da de Teixeira.

Sem planejamento para a Copa de 2014, mesmo tendo sido escolhido como sede do evento há mais de quatro anos, até hoje ninguém no COL ou no governo sabe ao certo quanto o país gastará para abrigá-lo. Muito menos qual o legado será deixado ao povo brasileiro. Sem mexer na mobilidade urbana a solução encontrada é paliativa. Antecipação de férias escolares e decretação de feriados em dias de jogos. Perdemos uma bela oportunidade de discutir nossas metrópoles e o conceito de urbanismo, para ficar em um exemplo só. Como no Pan de 2007, que começou com orçamento de 400 e tantos milhões de reais e fechou as contas em mais de 3,7 bilhões de reais, deixando legado mínimo ao Rio, a história se repete. E assim a nave vai. À deriva.

João Carlos Assumpção

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_21\_fevereiro-opinião2.21\_fev.doc.txt

Pesaram as camisas dos grandes

Para quem olhava a classificação antes da última rodada, era claro que haveria alguma surpresa nas semifinais da Taça Guanabara, fosse ela o Resende, no Grupo A, ou o Boavista, no Grupo B. Nenhum dos dois vingou e os quatro grandes conseguiram classificação com autoridade. Porém, o único deles que mostrou um futebol consistente deste o início foi o Vasco, único 100% até agora.

Botafogo, Fia e Flu precisaram ficar em situação perigosa para começarem a jogar algo próximo digno de suas tradições.

Dos três, o que menos convenceu foi o Flamengo. Levou um susto e precisou virar a partida diante do Resende, que precisava somente do empate para chegar à semifinal da Taça Guanabara.

Botafogo e Fluminense fizeram jogos corretos, mas sem muito brilho, apesar do 3 a 0.

E o Vasco? Jogou o suficiente para vencer o Boavista pelo placar mínimo de 1 a 0, em golaço de Kim. E já tem vascaíno dando um parceiro ao "Dedéckenbauer". No ataque, o time agora tem "Kimbrahimovic". Haja astro!

Amanhã, teremos a rivalidade entre Flamengo e Vasco posta à prova mais uma vez. Que seja medida apenas com gois e bom futebol. Sem violência e hostilidade.

Da mesma forma que, na quinta-feira, se espera de Botafogo e Fluminense um Clássico Vovô enxuto, e não gagá.

E que ambos os jogos tenham a cara do Rio, com charme e festa.

Bruno Saldanha

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_21\_fevereiro-reportagem.21\_fev.doc.txt

Allin Star Game

Jogo das estrelas Jeremy Lin pode ser chamado às pressas, e tem números para concorrer ao MViNP!

A NBA reúne suas estrelas no próximo fim de semana em Orlando, mas nenhuma está mais brilhante do que a do "Michael Jordan" do Oriente.

Jeremy Lin surgiu como um cometa reluzente em um punhado de jogos pelo New York Knicks, tornando-se um astro tão iluminado que já é capaz de ofuscar as maiores estrelas da liga.

Linsanity, como é chamado entre dezenas de trocadilhos, já é comparado a LeBron James e Kobe Bryant, dois dos principais concorrentes ao prêmio de MVP (melhor jogador) da temporada. E não fica muito atrás, como mostram os números comparativos nesta página.

Mas, por ter aparecido nos céus da NBA apenas nas últimas partidas, ele nem teve tempo de ser escolhido para o All-

Star Game que acontece neste domingo, em Orlando, na Florida.

Ao menos, a liga teve a sensibilidade de incluí-lo de última hora no jogo dos calouros, que será na sexta-feira e deverá ter a participação do brasileiro Tiago Splitter – que se lesionou no sábado, e não tem retorno definido.

Há ainda uma chance de Lin ganhar um convite para o jogo principal do All-Star, já que o titular do time do Leste, Derrick Rose, está machucado e ficou de fora das últimas partidas do Chicago Bulls.

Pelo que mostrou nos últimos jogos pelo Knicks, Lin não pode ficar fora do All-Star. Afinal, um fenômeno raro como esse, de um jogador que saltou da mediocridade para o estrelato, não pode ver a festa maior da NBA pela televisão.

Fernando Santos \* enviado especial aos EUA

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_24\_janeiro-crónica.24\_jan.doc.txt

Um candidato ao 'febeapá' de 2012

A primeira rodada do Estadual do Rio não trouxe qualquer novidade. Bota-fogo, Flamengo, Fluminense e Vasco, por ordem alfabética, não só ganharam com alguma facilidade como destruíram o mito alimentado quando o campeonato começa, o de que os pequenos vêm mais bem preparados no aspecto físico, porque já estão treinando desde o ano anterior. O que valeu de fato nesse início foi a distância técnica dos quatro para os seus adversários.

O quadro dos confrontos é sempre o mesmo: ataque contra retranca. E o encanto só permanece enquanto os grandes não abrem o placar. Daí em diante, os jogos se transformam em tédio, restando saber apenas de quanto será a vitória dos grandes.

Alguém dirá que o Resende vendeu caro a sua derrota, dado que o Botafogo só liquidou a fatura aos 67 minutos, quando fez 3 a 1. Nem tanto. O gol do time do interior foi um acaso. O de General Severiano já poderia ter disparado uma goleada no primeiro tempo. Até pênalti perdeu.

Pelo que se viu, teremos dois campeonatos óbvios: os grandes brigando pelo título – se levarem o campeonato a sério – e os outros 12 times para escaparem da Série B. Tudo isso leva a uma reflexão lógica: a necessidade de reformular o Estadual para 2013, quando o calendário será reduzido, por causa da Copa das Confederações, para torná-lo de fato racional e rentável, principalmente diminuindo o número de clubes e valorizando os clássicos.

Pois caso não ocorra algo de imponderável que só o futebol é capaz de produzir, o campeonato do Rio em 2012 entrará para a lista do festival de besteiras que assola o país (febeapá), ao lado do BBB, do "ai se eu te pego" e do "menos Luiza, que está no Canadá".

Roberto Assaf

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_24\_janeiro-entrevista.24\_jan.doc.txt

Bate-Bola

**EM ENTREVISTA EXCLUSIVA AO LANCE!, ONTEM, APÓS O TREINAMENTO**

Dá para ser campeão?

Vai ser um jogo muito bom. Dá, sim. Temos de fazer aquilo que a gente já vem fazendo, jogar do mesmo jeito, ir para cima. Aí, teremos chance de ser campeões.

Quais as suas características e em quem você se espelha?

Meu ponto forte é o desarme e de vez em quando chego à frente, mas tenho de aperfeiçoar a saída. E gosto do jeito que o Ralf joga, é em quem me espelho na posição.

Acha que se tiver chance no profissional irá evoluir mais?

Seria muito bom. Acho que eu iria aprender muito também treinando com eles no dia a dia.

a torcida pode ajudar o time na final? Faça a sua convocação...

Contamos com a presença de todos, pois será muito importante para nós. Faremos de tudo dentro de campo para sermos campeões.

Marcelo Braga

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_24\_janeiro-notícia1.24\_jan.doc.txt

A luta continua!

Otimismo Após reunião, Fla vê chance de ter Love mais próxima e marca novo encontro

O Flamengo deu um passo importante na contratação do atacante Vagner Love. Pela primeira vez um dirigente rubro-negro conseguiu conversar diretamente com o presidente do CSKA, Yevgeny Giner, para tratar da negociação do Artilheiro do Amor. O vice de finanças, Michel Levy, se encontrou com o mandatário russo na tarde de ontem, em Moscou, e garantiu que o Flamengo continua firme na briga.

– Por enquanto não dá para dizer muita coisa, mas estamos brigando. Foi apenas o primeiro round – comentou Levy. O dirigente terá uma nova reunião com o presidente do CSKA nos próximos dias. O fato de a negociação estar evoluindo deixou os rubro-negros otimistas, já que as conversas com os dirigentes russos são muito complicadas. Um fator relevante foi a presença de Vagner Love na reunião. Ele é muito querido por Yevgeny Giner e já recebeu a garantia de que vai ser liberado para sair do CSKA após sete anos no futebol russo diante de uma proposta de dez milhões de euros (R\$ 22,8 milhões), mas o Rubro-Negro só está disposto a pagar oito milhões de euros (R\$ 18,2 milhões).

O maior empecilho é a forma de pagamento. O Rubro-Negro quer parcelar em três vezes, sendo que a primeira delas seria no valor de R\$ 6,7 milhões. As outras duas teriam de ser pagas ao longo do ano. Os russos não costumam negociar seus jogadores de forma parcelada.

Também presente na reunião, o advogado de Love, Diogo Souza, foi mais cauteloso ainda do que o vice de finanças Michel Levy e preferiu não entrar em detalhes sobre a reunião com o presidente do CSKA.

– Só posso falar que estamos negociando – afirmou Diogo.

Bruno Braga e Roberto Murad

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_24\_janeiro-notícia2.24\_jan.doc.txt

Libertadores 2012!

Fim do mundo!

De acordo com a profecia ligada aos maias, a Copa deste ano será a última dos tempos

O futebol está diante do que pode ser a última Copa Libertadores. Quem então levantará o troféu antes do Apocalipse previsto para o fim deste ano, segundo interpretações de ruínas maias?

Mas estarão alguns dos hieróglifos da antiga civilização, localizados em Tabasco, no México, realmente marcando não só o término do ciclo de 5.125 anos do Calendário de Contagem Longa, como da vida na Terra como conhecemos?

Será o mundo afetado por inúmeras catástrofes naturais, entre terremotos, enchentes, furacões, quando chegar o derradeiro 21 de dezembro de 2012? Como lidaremos com isso?

Pensando assim, já que será a última Libertadores, veremos um time brasileiro no pódio, para aliviar?

O Flamengo sobreviverá a altura de Potosí e se acertará? O reforçado Vasco brigará pelo título? O Fluminense mostrará na prática o favoritismo que adquiriu na teoria? Melhor: será que presenciaremos um mata-mata carioca apocalíptico?

O Corinthians conseguirá enfim conquistar a Libertadores, nem que seja a última delas? E o Santos, seguirá como rei no topo da pirâmide. Mas e o Internacional, não pintará o continente novamente de vermelho? O Boca não voltará com força total? A Universidad do Chile será todo esse Barcelona das Américas? Mas será essa lenda dos maias mito ou verdade? Perguntas, são muitas. A única certeza que temos é que a Libertadores de 2012 será emocionante do início ao fim. Seja ele qual for.

Rodrigo Lois

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_24\_janeiro-opinião1.24\_jan.doc.txt

Fé com porradas

Cristo no octógono

Durante a Copa de 2010 viajei a Israel com três amigos, que também foram aos territórios palestinos, a fim de fazer um documentário para discutir os problemas na região tendo o futebol e o Mundial como pano de fundo.

Na ocasião cheguei a acompanhar do Oriente Médio uma polémica entre Juca Kfoury, jornalista que admiro muito, e Kaká, uma das esperanças do Brasil na Copa passada. Divergiam sobre o marketing religioso que tanto Kaká como outros jogadores da Seleção costumam fazer, provocando até reação da Fifa por conta dos excessos na comemoração da Copa das Confederações que os brasileiros venceram em 2009, derrotando os Estados Unidos na final.

Kaká fazia proselitismo de uma igreja a qual, pelo que me consta, acabou abandonando depois, o que não quer dizer que tenha deixado de ter fé em Cristo. Somos um país laico e a crença religiosa é um direito de todo cidadão que deve ser respeitada, como Juca sempre respeitou. E respeito também. Mas há algumas coisas que não entendo. Toco no assunto porque não é só no futebol que os atletas, principalmente os brasileiros, reverenciam Cristo ao anotar um gol. Direito legítimo, mas que levanta algumas questões. Eu, que sou cheio de dúvidas e tenho poucas certezas na vida, fico indagando aos meus botões se Jesus estaria tão preocupado assim com um jogo de futebol. Com um gol. Com um título. Ou se não teria preocupações maiores, como as enchentes na região serrana do Rio, a fome na África, as guerras, catástrofes e desastres pelo mundo que nem precisamos enumerar. Agora, além dos campos de futebol, virou moda também no octógono os brasileiros festejarem suas vitórias louvando Cristo e atribuindo a ele os murros, cotoveladas, pancadas na cabeça e todo o sangue que tiram de seus adversários. O sujeito quebra o maxilar do rival, arrasa seu rosto, abre a testa, tira sangue da orelha, faz o adversário dormir e sai comemorando e agradecendo Jesus, dizendo que o mérito foi dele. Por ter apagado o outro? Teve o dedo de Cristo aí? Ganha quem treina melhor, aprimora a força física e mental, está num dia mais propício quando sobe ao octógono para lutar, desenvolve técnicas de nocaute e finalização, não quem reza mais. Ou quem Cristo escolheu. As religiões são usadas para tudo. Para justificar guerras (e isso não é de hoje), preconceitos e discriminações, "explicar" as injustiças e desgraças da vida, mas agora, além de jogar bola, parece que Jesus entrou no octógono e partiu para a pancadaria. Colocaram Cristo neste papel. Acho curioso e tento entender o fenômeno. Como tento entender como é que deixaram abrir um templo perto do Aeroporto de Guarulhos, o principal do país, prejudicando centenas e centenas de pessoas no primeiro dia do ano e ainda prometendo mais confusão ao já caótico trânsito paulistano. Ônibus estacionados no meio da Dutra impedindo a circulação, uma situação lamentável e boa parte dos fiéis, em vez de se comportar como cidadãos, mais preocupada em orar.

João Carlos Assumpção

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_24\_janeiro-opinião2.24\_jan.doc.txt

Tudo igual. Oba!

Nunca antes na história deste país as grandes equipes brasileiras mantiveram seus elencos de dezembro a janeiro como foram mantidos os grupos para o início de 2012. É a melhor notícia para o torcedor, para os times, para a bola, para os olhos. Quanto maior o entrosamento, melhor a qualidade do jogo. Isso não se pode discutir.

Ainda que alguns elencos não sejam aqueles de encher os olhos (além da paciência) para serem mantidos como uma boa nova, até os mais limitados conseguem se superar com a repetição de treinamento, filosofia, mecânica. E para equipes de bom nível como Santos, Corinthians, Vasco, Fluminense, Flamengo e Internacional, e outras que vão crescer como o reforçado São Paulo, a tendência é que o desempenho e os resultados sejam melhores.

Se frustra a falta de novos e grandes nomes chegando, se não é bom para o negócio um mercado murcho e sem novos atrativos (o que até acaba mudando a grade de transmissão de televisão aberta...), vai acabar sendo melhor para a bola ser melhor tratada por quem se conhece melhor.

(Sim. Escrevi três vezes a palavra "melhor" na frase anterior para tentar pensar positivo. Para ser mais feliz que o futebol muitas vezes infeliz dos últimos tempos. É um esforço de boa vontade por um ano melhor).

Até os times com elencos mais modestos podem dar mais bola. O Atlético Mineiro – que passou os últimos meses contratando jogadores como se a direção do clube estivesse brincando de Fantasy – pode ter um ano menos conturbado com uma equipe que se conheça e se reconheça há mais tempo (ainda que necessariamente não saiba o suficiente para honrar a camisa que veste). O Palmeiras é outro que deve ter um ano melhor (ou menos pior que 2011) com a receita de baixa caloria – sem camarão. O Botafogo foi melhor que eles no Brasileirão, e teve queda abrupta quando se esperava muito mais. Deve manter o bom nível em 2012. Ainda que o termo "bom nível" seja discutível no futebol brasileiro de hoje.

Mauro Betting

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_24\_janeiro-reportagem.24\_jan.doc.txt

Planejamento é comemorado e grupo promete empenho por vaga na Libertadores

O Flamengo completa hoje uma semana de treinos na Bolívia e comemora os resultados do planejamento traçado ainda no fim do ano passado. Se o clube projetou dez dias para se adaptar à altitude de Potosí antes de estreiar na primeira

fase da Libertadores, os jogadores já se consideram, antes mesmo do prazo estipulado, ambientados ao ar rarefeito das cidades bolivianas.

– Nos sentimos bem melhor. Tirando quem chegou hoje (ontem), todos estão bem. Em Potosí só é mais frio, mas isso não mata ninguém – disse o volante Willians.

A logística traçada pela comissão técnica e pela diretoria rubro-negra foi elaborada por meio de uma empresa contratada pelo Fia que também presta serviços para outros clubes brasileiros.

O Rubro-Negro, porém, é o primeiro cliente que optou por fazer uma pré-temporada no local.

Em anos anteriores, Palmeiras e Cruzeiro também fizeram a escolha por esse grupo, mas chegaram a Sucre apenas alguns dias antes da partida contra o Real Potosí.

Outro diferencial do Flamengo foi o treino realizado no Estádio Victor Agustin Ugarte, no domingo. Depois de cinco dias trabalhando a uma altitude de 2.700 metros, os rubro-negros estiveram pela primeira vez nos 4 mil metros de Potosí.

Além das atividades planejadas dentro de campo, fora das quatro linhas o clube também se organizou. O hotel no qual os jogadores estão concentrados em Sucre foi fechado exclusivamente para o Fia.

Mais do que garantir privacidade aos jogadores, o clube conseguiu estabelecer, por meio do restaurante do local, um cardápio exclusivo que respeita a dieta elaborada pelo nutricionista rubro-negra.

O Flamengo ainda monitorou o seu adversário. Na quarta-feira passada, o clube enviou um fotógrafo e um cinegrafista para registrar o amistoso do Real Potosí com um time local no Agustin Ugarte.

Resta saber, agora, como esse planejamento irá influenciar em campo no duelo de amanhã.

Eduardo Mendes \* enviado especial

txt2/textos\_dos\_jornais\_brasileiros-Lance-28\_fevereiro-crônica.28\_fev.doc.txt

Na hora certa, Fluzão virou Máquina

Duras críticas e descrédito da torcida. Assim foi o início de ano do Fluminense, campeão da Taça Guanabara.

Por sorte, no time havia jogadores que tinham consciência do trabalho que vinha sendo feito. Sabiam que, cedo ou tarde, o entrosamento viria e, com ele, as boas atuações. Na semifinal, o primeiro sinal de que o Fluminense estava se acertando. O Tricolor das Laranjeiras jogou melhor do que o Botafogo e só não venceu porque o Alvinegro achou um gol. A justiça foi feita pelas mãos de Diego Cavalieri, que defendeu a cobrança final de Loco Abreu. E o uruguaio não quis saber de pedir desculpas, afinal, ele "não roubou nem comeu mulher de amigo". A tal personalidade do camisa 13 está virando arrogância.

Mesmo com a boa atuação diante do rival alvinegro, o Fluminense entrou como coadjuvante do Vasco, time que vinha 100% e que acabara de eliminar o maior rival, Flamengo, na semifinal. Aliás, Deivid também contribuiu para a eliminação do Rubro-Negro após perder o gol mais feito da história do futebol carioca. O.K., deixemos o camisa 9 em paz.

Então o Vasco era o favorito? Não foi isso que vimos na final. Massacre da Máquina Tricolor, que venceu por 3 a 1. Só não foi mais por sorte vascaína.

Como dizia o tricolor Nelson Rodrigues, "se para os fatos o Fluminense não é o melhor, pior para os fatos". Mas, nesse caso, acho que os fatos não têm muito a dizer.

Bruno Saldanha

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_28\_fevereiro-entrevista.28\_fev.doc.txt

Wellington Nem

EM ENTREVISTA COLETIVA NO CRISTO REDENTOR, AO LADO DA FAMÍLIA

Imaginava este assédio todo ao subir o Cristo pela primeira vez?

Há dois meses poderia subir aqui e ninguém estaria falando comigo. Isso cresceu muito, estou estranhando um pouco, mas estou gostando. Este ano está sendo de descobertas para mim. É bom demais ser campeão pelo Fluminense, time pelo qual torço. Estou muito feliz com tudo que aconteceu.

Já pode dizer que hoje você é titular do time do Fluminense?

Ainda não me sinto titular, preciso trabalhar muito ainda para conseguir meu espaço no Fluminense.

Como foi ter que enfrentar a marcação do Dedé no clássico?

Ele é meu amigo, jogamos juntos na base do Fluminense e é um grande jogador. Acho que aquele primeiro drible que dei nele, no início da partida, foi o começo de tudo.

O que sonha para a Olimpíada? Imagina jogar ao lado do Neymar e de outros craques?

Seria um prazer voltar a jogar com o Neymar, que já joguei na base, pela Seleção. Joguei com ele e com o Phillippe Coutinho. Será muito bom para mim ter essa chance de disputar a Olimpíada. É o sonho de qualquer jovem jogador e vou tentar alcançar esse objetivo.

Não Assinada

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_28\_fevereiro-notícia1.28\_fev.doc.txt

Promessa do Mito

ACREDITEM Antes de viajar, Dedé mandou um recado aos vascaínos. Ele promete uma temporada promissora Poucas horas após ter perdido a final da Taça Guanabara, Dedé já estava de banho tomado e malas prontas para se juntar à Seleção Brasileira. Mas, ciente do clima de desânimo que acabou tomando conta da torcida, fez questão de deixar um recado. Ou melhor, uma promessa, pouco antes de embarcar:

– Coisas boas ainda virão neste ano. Podem confiar.

O zagueiro cruz-maltino conversou por alguns minutos com a equipe de reportagem do L!, no Aeroporto Tom Jobim, e, apesar do incômodo com a derrota para o Fluminense, fez questão de mostrar otimismo, talvez como uma forma de transmitir confiança aos vascaínos, ou para manter a postura de ídolo, de Mito, que conquistou junto à torcida há algum tempo.

– Nos empenhamos muito até aqui. Nosso grupo é muito forte, unido. Não abaixamos a guarda. Sabemos que a torcida está triste com a gente, mas vamos com tudo para esse retorno. Podemos ganhar a Taça Rio e ainda sermos campeões cariocas. Não vou desistir – disse ele.

Enquanto caminhava pelo aeroporto, Dedé ouviu algumas gracinhas de torcedores rivais, ainda pelo clima da decisão da Taça Guanabara. Um deles gritou "vice", ao avistar o defensor.

– Tem problema não... – disse Dedé, na maior tranquilidade.

Pouco tempo depois, dois vascaínos passaram pelo zagueiro e, sem pestanejar, o parabenizaram pela luta, num gesto de apoio.

– Temos que mostrar que também confiamos neles – disse Alberto Ramos, torcedor do Vasco.

Por conta do amistoso da Seleção Brasileira contra a Bósnia, hoje, Dedé não enfrenta o Bonsucesso, amanhã. Mas volta para a rodada seguinte, contra o Olaria.

Rodrigo Cantar

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_28\_fevereiro-notícia\_2.28\_fev.doc.txt

'Só sai se quiser'

Com moral Bom início de ano faz diretoria do Flamengo se mexer para tratar da renovação de contrato de Léo Moura, ausência no jogo contra o Boavista amanhã

Leo Moura classificou a relação de sete anos com o Flamengo como um casamento, no sábado passado. E pelo visto, o divórcio está fora de cogitação. Embora tenha iniciado o ano sob desconfiança, o lateral conseguiu se recuperar e, com atuações decisivas, tem sido essencial para o time em 2012. A boa fase já faz a diretoria se mexer para segurá-lo por mais tempo.

Como o vínculo do jogador se encerra no fim deste ano, a cúpula de futebol planeja iniciar as conversas com Léo Moura para discutir a renovação de contrato em maio. Recentemente, o lateral chegou a dizer que tinha o sonho de encerrar a carreira no clube e descartou vestir outra camisa no Brasil. Se depender da diretoria, o projeto do camisa 2 pode virar realidade. O vice de futebol Paulo César Coutinho garante que o jogador ficará quanto tempo quiser no Fla.

– Enquanto ele quiser jogar, vai ficar no Flamengo. Se for de sua vontade, ficará até encerrar a carreira. Pretendemos chamá-lo para conversar em maio ou até antes. Não vamos deixar para tratar da renovação dele em cima, porque é uma peça importantíssima – garantiu Paulo César Coutinho, ao LANCE!

A possível renovação do vínculo poderá ajudar Léo Moura a entrar na galeria dos dez jogadores que mais vestiram a camisa do Flamengo. Já são 378 partidas, 88 a menos do que Zinho, com 466. Desde 2005 na Gávea, ele é um dos principais jogadores da posição na História do clube.

– É até difícil falar sobre mim. As pessoas me elogiam e chegam a comentar isso comigo nas ruas. O Leandro e o Jorginho também se destacaram pelo Flamengo – ressaltou Léo Moura, que marcou dois gols em 2012, os dois em jogos da Libertadores, seu principal objetivo.

Bruno Braga

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_28\_fevereiro-opinião1.28\_fev.doc.txt

## COMO O FUTEBOL EXPLICA

A sobrevivência dos cartolas

Em 2004 o norte-americano Franklin Foer, editor da revista "New Republic", lançava nos Estados Unidos "Como o Futebol Explica o Mundo: Um Olhar Inesperado sobre a Globalização", traduzido no ano seguinte para o português. Para escrevê-lo, Franklin viajou por vários países, entre eles o Brasil, e pôde constatar "que, em vez de destruir as culturas locais, como preconizava a esquerda, a globalização deu nova vida ao tribalismo e que, longe de promover o triunfo do capitalismo apregoado pela direita, fortaleceu a corrupção".

Conheci o jornalista em sua passagem por São Paulo e ajudei-o na marcação de entrevistas no Rio. Almoçamos com seu primo brasileiro Marcelo Waimberg, que foi quem me procurou, e conversamos um bocado sobre a situação do futebol brasileiro. Franklin debruçou-se sobre os bastidores do esporte nacional, foi ao Rio atrás de Eurico Miranda e histórias do Flamengo, da Seleção, da CBF, de Pele e de Teixeira. Quando recebi o livro notei que o capítulo sobre o Brasil, embora tenha sido um dos que menos gostei, recebera o título de "Como o Futebol Explica a Sobrevivência dos Cartolas".

O título, pelo menos, é sugestivo. Porque passa ano, entra ano e eles continuam aí, atolados por denúncias de corrupção e interligados, impedindo que nomes fora do meio possam ganhar força no esporte, perpetuando-se no topo, preparando terreno para entregar o clube, federação ou confederação a seus pares quando de sua saída, manipulando estatutos para favorecê-los, impedindo a rotatividade no poder.

Se a mentalidade dos cartolas continua a mesma, o futebol e a obra de Franklin Foer pelo menos me proporcionaram a oportunidade de conhecer muitos lugares e muita gente interessante. Dentro e fora do Brasil.

Lembrei do livro de Franklin não por acaso, mas por conta da situação da CBF e de Ricardo Teixeira e também por causa do cinema e do Oscar. Pois estreou na sexta-feira o filme "Tão Forte e Tão Perto", do diretor inglês Stephen Daldry, o mesmo de "Billy Elliot". "Tão Forte e Tão Perto", indicado ao Oscar de melhor filme, é baseado na obra de Jonathan Safran Foer, irmão de Franklin, cujo título é "Extremamente Alto, Incrivelmente Perto". O livro é muito melhor do que o filme, incomparavelmente melhor, embora o segundo valha ser visto pelas atuações do garoto Thomas Horn, no papel de Oskar Schell, um menino que perde o pai no 11 de Setembro, e do veterano ator sueco Max von Sydow, sem falar nas lindas imagens de Manhattan e do Central Park.

Conheci Jonathan, que já havia escrito "Tudo está Iluminado" e preparava o lançamento de "Extremamente Alto, Incrivelmente Perto", por intermédio de seu irmão Franklin. Almoçamos em Nova York e conversamos sobre cinema, literatura e viagens, assuntos que me fascinam. Não falamos de futebol, muito menos de cartolas. Na vida as pausas são fundamentais e o silêncio, tão bem representado pelo trabalho de Von Sydow e especialmente por "O Artista", que conta a história de um astro de cinema mudo na Hollywood de 1927, também.

João Carlos Assumpção

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_28\_fevereiro-opinião2.28\_fev.doc.txt

## RESPOSTAS E RESPONSABILIDADES

Ronaldinho Gaúcho não teria perdido o gol que não se perde em clássico, ainda mais com um atacante de qualidade como Deivid. Também não teria perdido o gol feito quem foi o maior jogador do mundo em 2004 e 2005 – e não mais por ele se perder em campo e fora dele desde quando resolveu se esconder a partir da Copa de 2006. Também por Ronaldinho não ter comparecido à grande área vascaína na semifinal da Taça-GB. Também pelo camisa 10 do Flamengo não ter sido visto armando, pensando, criando, assumindo, finalizando. Também por Ronaldinho ser há muito tempo muito pouco do tanto que já foi.

Do tanto que o admiro há 15 anos, quando, comentando na TV o Sul-Americano Sub-17, me encantei com o Ronaldo camisa 10 do Brasil. Quando, naqueles arroubos próprios do Jornalismo imediatista, disse, em fevereiro de 1997, que, na Copa de 2002, em vez da dupla Romário-Ronaldo que encantava o Brasil em 1997, teríamos uma outra dupla Ro-

Ro. Ronaldo e Ronaldo. O que viria a ser chamado de Fenómeno meses depois. O que viria a ser diminuído para Ronaldinho. Gaúcho.

O dentuço gente boa que, dois anos depois, no Sul-Americano Sub-20, em Tandil, na Argentina, saindo de um treino, ouviu de mim que não demoraria a ser o maior jogador do mundo. Que não teria erro. Era questão de tempo. O mesmo que ele tem perdido desde a Copa da Alemanha. Tempo e futebol que ainda venero e me encanto. Hoje, porém, apenas num canto da memória.

Aquele Ronaldinho que se vê em brilharecos esparsos. Em espasmos de craque. Uma ou outra bola invertida com precisão. Uma ou outra falta bem batida. Um e não outro drible.

Um e quase nada para tanto e ainda tão jovem talento.

Sorte nossa que tem uma mistura de Gaúcho com Fenómeno chamada Neymar para nos encantar. Azar nosso que ainda poderiam fazer uma dupla muito melhor se Ronaldinho quisesse tudo que Neymar deseja. Como treina e joga e assume a bronca Neymar. Um que até poderia errar o gol que não se erra de Deivid. Neymar estaria na área. Não em algum lugar perdido como Ronaldinho.

Vamos lá, Gaúcho. Eu, a torcida do Flamengo e do Brasil queremos resposta.

Mauro Betting

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_28\_fevereiro-reportagem.28\_fev.doc.txt

Legado já começou!

**TRANSFORMAÇÃO** A 150 dias da Olimpíada, Londres já usufrui das mudanças na cidade com a revitalização de Stratford, em East London, no epicentro dos jogos

A chegada em Stratford já sugere um bairro em radical transformação. O vagão do trem ou do metro serve de mirante para o Parque Olímpico, perímetro que concentra as principais instalações dos Jogos de Londres, com início daqui a exatos 150 dias. Na saída da estação, pomposa e cheirando a nova, um intenso canteiro de obras bloqueia a visão para o novo terminal de ônibus. Ao lado, uma escadaria dá acesso ao Westfield Stratford City, um shopping center nababesco (leia mais abaixo). Nada mau para uma região até pouco tempo conhecida como Outcast London – Londres rejeitada, em português.

Stratford é um dos distritos de East London, a área escolhida para simbolizar o legado que a Olimpíada deixará na cidade inglesa. A revitalização segue em ritmo acelerado para que as favelas, os galpões abandonados, os leitos de rio poluídos e o desemprego sejam parte do passado de um bairro com 8 mil habitantes, e com estimativa para abrigar 20 mil nos anos seguintes aos Jogos.

O LANCE! esteve em Stratford no último dia 10, quando participou de um tour com quase 40 jornalistas do mundo todo para ver as obras, em fase de conclusão no Parque Olímpico, a grande vedete do legado. O local se transformará num dos maiores parques públicos da Europa – passará a se chamar Parque Olímpico Rainha Elizabeth, em homenagem aos 60 anos de reinado de Elizabeth II.

Por mais de duas horas, a reportagem percorreu ruas (e foi difícil achar quarteirão que não tivesse tapumes ou operários em ação) e conversou com moradores e comerciantes. Em geral, o otimismo prevalece.

– Agora posso fazer compras no meu lugar preferido – comemorou David Smith, de 43 anos, que circulava com sacolas de compras da Waitrose, sofisticada rede de supermercados da Inglaterra, que abriu uma loja no novo shopping center.

As obras são para modernizar, mas preservam características da "velha" Stratford. Na Broadway, uma das principais avenidas, o comércio local segue inalterado, e ainda ganhou como acesso um viaduto para quem vem de outros distritos.

Antes ignorado por turistas, East London vem mostrando vocação para a vida noturna. Pubs e restaurantes das mais diversas especialidades fincaram bandeira por lá. Passou a ser também área cultural alternativa de Londres, com muitos artistas plásticos e músicos. Nesses quesitos destaca-se Brick Lane, reduto de indianos e bengalis, de Bangladesh.

Esse novo panorama corrobora com o discurso de David Cameron, primeiro-ministro britânico, apesar do futuro indefinido de algumas instalações após os Jogos (leia ao lado).

– As sedes não apenas já estão de pé e funcionando, como já têm um futuro. E podemos ter muito orgulho disso – disse, ao jornal britânico "The Independent", em janeiro.

Definitivamente, a Olimpíada já começou em Londres.

Thiago Rocha \* enviado especial a Londres

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_31\_janeiro-crónica.31\_jan.doc.txt

O velho dilema do anúncio de biscoito

Lembram do anúncio? O biscoito está sempre fresquinho porque vende muito? Ou vende muito porque está sempre fresquinho? Voltamos ao dilema, após a segunda rodada do Estadual do Rio. Como? Bom, na semana passada, dissemos aqui que a diferença de qualidade entre grandes e pequenos é flagrante. Pois Botafogo e Flamengo ficaram no 0 a 0 com seus adversários. E Fluminense e Vasco encontraram alguma dificuldade para vencer.

Daí, levando-se em consideração tais resultados, vêm as perguntas que imitam a do comercial do biscoito. Os pequenos não são assim tão ruins como afirmamos? Ou os grandes é que não têm a tal qualidade apregoada? Ora, Botafogo e Flamengo criaram apenas duas chances efetivas de gol em pouco mais de 90 minutos. E Fluminense e Vasco só resolveram seus jogos após uma hora de jogo. Mérito dos pequenos? Nem tanto. Pois esses, francamente, não mostraram força ofensiva alguma. E só resistiram porque se aos tricolores e cruz-maltinos faltou maior ousadia para liquidar seus compromissos com maior facilidade, a capacidade de alvinegros e rubro-negros para superar as retrancas foi absolutamente zero.

Mas a crítica maior vai para o Flamengo, que optou pelo ridículo de poupar seus principais jogadores em um jogo oficial porque teria outro em três dias, dentro do Rio de Janeiro, contra uma equipe de segundo escalão da Bolívia.

RELÍQUIA

Você tem interesse em adquirir uma camisa original da Seleção Brasileira usada e autografada por Pele em 1966? Pois procure o professor José Lins no telefone (21) 9476-6760 e poderá ter o seu desejo realizado.

Roberto Assaf

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_31\_janeiro-entrevista.31\_jan.doc.txt

Deivid

ATACANTE DO FLAMENGO, EM ENTREVISTA COLETIVA NO NINHO OU URUBU

Você acha que a chegada de Vagner Love pode ser um problema para sua continuidade na equipe titular do Flamengo?

Problema não, ele vai trazer é solução. Um jogador assim só tem a acrescentar no nosso elenco. Ele encaixa bem no estilo de jogo do time do Flamengo, além de ser muito inteligente. Tem características importantes, sabe fazer tabelas, tem muita velocidade e finaliza muito bem. Tenho certeza que terá mais uma boa passagem aqui.

Você jogou na Europa muito tempo, pelo Fenerbahçe (TUR) e o Vagner Love pelo CSKA (RUS). Chegaram a se enfrentar por alguma competição internacional?

Sim. Houve uma partida entre a equipe dele e a minha. Sempre tivemos um bom relacionamento e agora será melhor ainda.

Roberto Murad

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_31\_janeiro-notícia1.31\_jan.doc.txt

O Love está no ar!

DISPOSIÇÃO Love chega até antes da hora e esbanja vontade

O primeiro dia de treino de Vagner Love foi animador. Ele chegou antes de todos os outros jogadores no Ninho do Urubu, com trinta minutos de antecedência, e demonstrou a disposição que encantou a presidente Patrícia Amorim em sua primeira passagem pelo Flamengo. Se depender da vontade do atacante, ele fará a estreia no dia 12, contra o Nova Iguaçu, pelo Carioca. Apesar da animação, a comissão técnica ainda não tem uma data definida para o primeiro jogo do Artilheiro do Amor.

Love ficou cerca de 45 minutos na academia fazendo musculação, sob a supervisão de um preparador físico. Enquanto os demais jogadores faziam um treino técnico no primeiro campo do centro de treinamento, o atacante passou a dar voltas ao redor do campo com um largo sorriso.

Assim que terminou a atividade, alguns atletas fizeram questão de cumprimentar Love. Deivid e Léo Moura bateram um papo rapidamente com ele e lhe deram as boas-vindas. O esperado encontro com Ronaldinho não aconteceu, já que

o camisa 10 deixou o campo antes de a atividade terminar.

Ao fim do treino, Vagner Love foi para o vestiário e encarou as brincadeiras dos novos companheiros. Lá ele reencontrou as instalações ainda provisórias, com algumas melhorias.

O ar-condicionado que ele e Adriano Imperador compraram no primeiro semestre de 2010 ainda se encontra lá. Love já pode se considerar em casa novamente.

Roberto Murad

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_31\_janeiro-notícia2.31\_jan.doc.txt

É bom aproveitar...

Pênalti é com ele Com lesão de Prass, Alessandro, enfim, fará a sua estreia. Na base, ganhou fama de pegador de pênaltis

No Vasco desde 2010, o goleiro Alessandro, enfim, terá a sua chance após a lesão de Fernando Prass. Sem ter atuado um jogo oficial sequer pelo Gigante da Colina, ele poderá se apresentar ao torcedor. E dentre suas principais características, chama a atenção a de pegador de pênaltis, conquistada ainda nas divisões de base.

A fama surgiu, principalmente, nos tempos do Fluminense. O arqueiro defendeu os juniores do Tricolor das Laranjeiras entre 2006 e 2007 e lá, por muitas vezes, salvou a equipe nas penalidades máximas.

No torneio Otávio Pinto Guimarães de 2006, por exemplo, conseguiu duas façanhas. Nas quartas de final, decidiu a favor do Flu ao pegar dois. Na semifinal, repetiu a dose defendendo mais dois.

– Ele teve destaque, tanto na Copa São Paulo de Futebol Júnior quanto no OPG, por ser um baita pegador de pênaltis. Todas as disputas que tivemos com ele, vencemos – ressaltou Anthoni Santoro, treinador do goleiro na época de Fluminense.

Animado com a chance, apesar de admitir o natural frio na barriga, Alessandro tem planos ambiciosos em São Januário:

– Com certeza é a grande oportunidade. Estava esperando faz tempo, treinando fortemente. Ter ficado ano passado no banco dá mais motivação. Espero fazer minha carreira no Vasco, conquistando muitos títulos, mas com um passo após o outro.

Em seu período de Flu, ele teve como companheiro o Mito Dedé. Em 2008, foi transferido para o Grêmio, no qual ficou por um ano, até que Rodrigo Caetano o trouxe para o Vasco, a princípio para ser o terceiro goleiro. Com a saída de Tiago, assumiu o posto de reserva imediato de Prass.

Bruno Braz \* Luiz Guilherme Freitas

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_31\_janeiro-opinião1.31\_jan.doc.txt

Tropeços nos campos e nos pequenos

Nesta segunda rodada, dois times grandes não conseguiram vencer – Flamengo e Botafogo. Sendo que o Vasco chegou a sofrer o empate do Duque de Caxias e o Fluminense demorou a abrir placar contra o Voltaço. Sem dúvida, os gramados atrapalharam, mas não há desculpa que justifique o futebol apresentado por alguns times.

O Botafogo, por exemplo, não conseguiu criar jogadas mesmo com três meias de ligação, e as mexidas de Oswaldo de Oliveira pareceram não ajudar a isolamento do ataque.

E o Flamengo? Jogou com time reserva, tudo bem, mas levou sufoco do Macaé. Por pouco o time alvianil não saiu com a vitória. O Rubro-Negro deve o ponto do frustrante 0 a 0 ao goleiro Paulo Victor, que teve grande atuação.

O Fluminense, apesar do elástico 3 a 0 sobre o Volta Redonda, no sábado, só foi conseguir fazer o primeiro gol aos 26 do segundo tempo. Depois, deslanchou.

O Vasco teve de "trocar" de esporte. Com a forte chuva que caiu em Macaé no domingo, o campo do Moacyrzão ficou alagado e o futebol se transformou em polo aquático. O time fez o trivial e venceu por 3 a 1.

Destacaram-se ainda o Bonsucesso, que venceu o Madureira, de virada; o Resende, que não fosse um cochilada no fim, quando permitiu dois gols de Allan para o Olaria, teria vencido sem sustos; e o Friburguense de Rômulo, que fez os gols da vitória sobre o Bangu.

Bruno Saldanha

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_31\_janeiro-opinião2.31\_jan.doc.txt

## GENTE QUE PENSA E PASSA

Poucos driblam hoje. Falta qualidade técnica, ousadia e um monte de coisa aos nossos criadores de lances. Até por isso deveria ser regra do jogo escalar mais gente que pensa e que passa no meio-campo em vez de brucutus botinudos. Se não são tantos os técnicos e/ou hábeis jogadores a serem marcados, se de um modo geral basta cercar e ocupar espaços na defesa para impedir ações adversárias, melhor seria privilegiar gente que sabe jogar na intermediária no lugar dos que apenas sabem não deixar o rival jogar.

Até para iniciar o jogo a partir da defesa. Um cabeça-de-área que sabe armar é essencial para qualificar o passe e aumentar a criatividade da equipe. Algo que se fazia antigamente com camisas 5 que mais pareciam 10. Diferente de muitos números 10 de hoje que mais parecem camisa 5 pelo que jogam. Ou são mais camisas 5-A, 5-B, 5-C que um 10 de categoria e de nota...

Na Europa, nos grandes times, tem gente que sabe fazer essa função essencial. O Milan campeão mundial em 2007 (e a Squadra Azzurra vencedora da Copa da Alemanha em 2006) tinham em Pirlo, na cabeça da área, um regista arretrato, um deeplying playmaker.

Em bom futebolês, um armador mais recuado, um criador desde atrás. Algo que, em parte, o volante Busquets muito bem fez no Barcelona. Mas quem mais?

Poucos, lá e cá. Porém, nas últimas rodadas, guardando oceânicas dimensões, Santos e Portuguesa arriscaram algo do tipo. No empate contra o bom Paulista, em Jundiaí, no domingo, Muricy escalou Anderson Carvalho na cabeça da área. No empate contra o Palmeiras, no Pacaembu, Jorginho mandou a campo outro armador (Boquita) como primeiro volante, na cabeça-de-área. Se não houve tanto ganho em qualidade, e é cedo demais para qualquer análise, ao menos a ideia de Muricy e Jorginho é válida. Pesou, também, a falta de melhores opções, inclusive para a posição mais defensiva. Mas só de pensar em usar gente mais qualificada e criativa é um inegável avanço. Se não em resultado, ao menos em desempenho e qualidade.

Mauro Betting

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_31\_janeiro-reportagem.31\_jan.doc.txt

## Discórdia olímpica

Doping Britânicos 'brigam' com Agência Mundial Antidoping para barrar em Londres-2012 atletas que se doparam deliberadamente e caso vai parar na CAS

Em pleno ano olímpico, o país-sede dos Jogos de Londres se vê envolvido em um conflito de grandes proporções nos bastidores do esporte. O tema da discórdia é se atletas britânicos que se doparam de propósito no passado podem ou não competir na Olimpíada que começará em 27 de julho.

De um lado, a Associação Olímpica Britânica (BOA, em inglês) possui uma regra interna que proíbe a convocação para os Jogos Olímpicos de competidores que usaram substâncias proibidas deliberadamente. Esta determinação foi criada em 1992 pela BOA, e elimina tais atletas mesmo que estes alcancem índices para competir.

Por outro lado, a Agência Mundial Antidoping (Wada) não concorda com este regulamento dos britânicos. Mesmo com esta lei em vigor há 20 anos na Grã-Bretanha, somente agora a entidade máxima mundial de controle de dopagem está questionando tal regra.

A discussão começou após a Corte Arbitral do Esporte (CAS) derrubar em outubro a lei 45 do Comitê Olímpico Internacional (COI), que instituía que atletas suspensos por doping por mais de seis meses seriam excluídos da Olimpíada seguinte. Com isso, a regra britânica também foi colocada em xeque.

Após cartas trocadas entre Wada e BOA, a divergência ganhou as páginas da internet após as entidades divulgarem notas oficiais trocando farpas. Enquanto a BOA alega que a Wada deveria ser mais rígida no controle antidoping, a agência argumentou que os britânicos devem aceitar as regras de dopagem.

Para solucionar o caso, a Corte Arbitral do Esporte (CAS) julgará o conflito, a pedido da BOA. A decisão é esperada para abril.

Dois atletas britânicos estão diretamente interessados neste julgamento: o velocista Dwain Chambers e o ciclista David Millar.

O primeiro foi suspenso por dois anos e banido dos Jogos Olímpicos por ter se envolvido no escândalo Balco – nome do laboratório americano que aplicou substância proibidas em diversos atletas.

Millar, por sua vez, também ficou proibido de competir por 24 meses na década passada e confessou ter se dopado

deliberadamente.

Procuradas pela reportagem, tanto a BOA quanto a Wada não quiseram se pronunciar, e apenas repassaram as notas oficiais que publicaram sobre o conflito.

Rafael Valesi

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_3\_janeiro-crônica.3\_jan.doc.txt

Que tal, como Raul, dar pipoca aos macacos?

O Blackburn fez 3 a 2 no Manchester United, incrível, vencia por 2 a 0, sofreu o empate e acabou ganhando, graças ao goleiro horroroso que Mr. Ferguson cisma em escalar.

O Manchester City tomou de 1 a 0 do Sunderland, com um gol oriental. E o Chelsea apanhou de 3 a 1 do Aston Villa, que foi o melhor da virada de ano.

O Old Trafford recebeu 75 mil pessoas. Havia a expectativa de uma goleada formidável, dado que os Devils enfiaram cinco a zero nos dois jogos anteriores.

E ainda festejava o 70º aniversário de Sir Alex – o grande freguês dos dentistas, tal a quantidade de chiclete que consome.

Mas o time da "dama de ferro" ganhou, mostrando porque o futebol, não importa o lugar, leva 75 mil a um estádio em pleno 31 de dezembro. Ok. Na Inglaterra, quem esteve por lá sabe, isso é comum, são mais de 100 anos com tal prática.

Mas isso só se suporta porque o Blackburn, o Sunderland e o Aston Villa são capazes de provocar uma zebra tripla numa única rodada.

Se o United, o City e os "Blues" tivessem saído vencedores, o interesse pelo esporte mais popular do planeta diminuiria, até acabar.

Deve ser horrível não gostar de futebol. Ou talvez, quem sabe, seja ótimo. O sujeito passa as quartas-feiras e os fins de semana tranquilos, cinema, teatro, museu, almoço com a família, ou, como dizia Raulzinho Santos Seixas, dando pipoca aos macacos, enfim...

Amanhã tem mais Manchester United. Contra o Newcastle. Lá.

Cá entre nós, é muito mais emocionante que visitar o Jardim Zoológico. Mas a zebra – que não tem asas – está no ar.

Por isso você vai ligar a TV. Para torcer a favor dos Devils – como eu - ou contra – como os Shitizens.

E viva o futebol. E o De Gea, hein? O que é aquilo?

Roberto Assaf

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_3\_janeiro-entrevista.3\_jan.doc.txt

Bate-Bola

Rafael Hetttsheimeir

EM ENTREVISTA EXCLUSIVA AO LANCE!, POR TELEFONE

'Gostaria muito de jogar na NBA um dia. É um sonho'

Desde que você virou capitão do time e passou a ter mais minutos em quadra, como ficou a relação com a torcida?

Você é muito assediado?

Nossa torcida é fanática. Em um ginásio para 12 mil pessoas, sempre há umas 10 mil. Os torcedores gostam bastante de mim, sempre me param na rua para conversar e apoiar. Mas eu sou tímido, então às vezes fica um pouco complicado. Como sou capitão, algumas vezes tenho de falar no microfone e isso me dá bastante vergonha.

Durante o Pré-Olímpico, você ganhou o apelido de Shaqmeieir (em referência a Shaquille O'Neal) por gostar de enterradas. Este apelido realmente pegou por aí?

A torcida não sabe. Mas meus companheiros sempre brincam com isso cada vez que dou uma enterrada nos treinamentos.

Com este desempenho que está tendo, chegou a receber propostas de outros times. Pensa em um dia tentar a sorte na NBA?

Até agora não teve nada, mesmo porque meu contrato com o Zaragoza vai até o meio do ano e estou muito feliz aqui. Quanto à NBA, é um sonho que tenho. Gostaria muito de jogar lá um dia.

Com as suas atuações, acredita que é possível brigar pelo prêmio de jogador Mais Valioso (MVP)?

Nada é impossível. Eu estou em um bom caminho. Espero jogar ainda melhor até o fim do ano.  
Fábio Aleixo

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_3\_janeiro-notícia1.3\_jan.doc.txt

## DE CASA NOVA

Falcão assina com o Orlândia

FECHADO Craque rejeita equipes de camisa como Fla e Inter e opta, segundo ele, pela segurança de um clube-empresa

Decepcionado com o fim do futsal do Santos após um ano de projeto, o ala Falcão preferiu descartar as chamadas equipes de camisa – Flamengo e Internacional-RS tinham interesse no craque. Ontem, anunciou o acerto para a temporada-2012 com a Intelli/Orlândia, atual campeã paulista. A festa para a recepção do jogador será realizada entre os dias 15 e 17.

– Pesou a minha experiência com clubes-empresa. Joguei na Malwee por oito anos e morei em Jaraguá do Sul (SC), cidade que respira futsal, algo que também acontece em Orlândia. Foi muito bom jogar no Santos, um time de camisa, mas durou só um ano. Quero tranquilidade e segurança para poder viver – afirmou Falcão.

Indústria de terminais elétricos, a Intelli criou em 1977 a Associação Desportiva Classista Intelli (ADC) a fim de incentivar os funcionários a praticarem esportes. E o futsal foi um das modalidades escolhidas. Presidente de honra da ADC, Vincenzo Spedicato foi o responsável por negociar a contratação do jogador.

– Encontrei Vincenzo logo depois que voltei do Japão, onde acompanhei o Santos no Mundial. Tivemos uma primeira conversa, cada um colocou suas necessidades e, uma semana depois, assinamos contrato. Nesses clubes-empresa o contato direto com o presidente facilita.

Desde o dia 29 de dezembro, quando Falcão anunciou oficialmente sua saída do Santos, seu destino era incerto. Flamengo e Inter mostraram interesse. O Corinthians foi especulado. Do exterior, houve proposta milionária do Tóquio Futsal.

O elenco da Intelli se reapresentará no dia 17. A principal competição no ano será a Liga Futsal. Na última edição, o time caiu nas quartas de final, diante do Carlos Barbosa.

Felipe Mendes

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_3\_janeiro-notícia2.3\_jan..doc.txt

## JOGOS OLÍMPICOS E PARALÍMPICOS RIO-2016

APO ganha site e transparência

FISCALIZAÇÃO Órgão responsável por assegurar a execução de obras de infraestrutura dos Jogos pode ser monitorado online

Já está no ar na internet o site da Autoridade Pública Olímpica (APO), consórcio público criado para assegurar que todas as obras de infraestrutura para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio-2016 sejam finalizadas. Pelo endereço virtual [www.apo.gov.br](http://www.apo.gov.br), qualquer cidadão pode acompanhar todos os passos do consórcio público, que reúne os governos federal, estadual e municipal.

Pelo site, que ainda está em construção, já é possível a qualquer um ter acesso ao estatuto da APO. E verificar, por exemplo, que de acordo com o parágrafo primeiro, do art. 39, o consórcio público poderá assumir o planejamento e a execução de obras ou de serviços caso um de seus consorciados não cumpra as obrigações previstas e coloque em risco a realização das obrigações assumidas perante o Comitê Olímpico Internacional (COI) para os Jogos Rio-2016. Vale lembrar que o COI, pelo não cumprimento de uma obrigação assumida, pode não só multar como exigir um indenização do Rio.

Na página virtual da APO, ainda é possível ter acesso às atas das reuniões realizadas pelo Conselho Público Olímpico (CPO), que é presidido por Henrique Meirelles (representante da presidente Dilma Rousseff) e formado ainda pelo governador do Rio, Sérgio Cabral Filho, e pelo prefeito carioca, Eduardo Paes. Na última, realizada em 27 de dezembro, foram aprovados o estatuto e o orçamento de 2011.

Quanto às cifras utilizadas no ano passado, não houve novidade e os valores foram mantidos: R\$ 21 milhões. Destes, R\$ 20,8 milhões foram bancados pelo governo federal, R\$ 100 mil pelo governo estadual e os outros R\$ 100 mil, pelo município. A previsão para 2012 é a de que sejam utilizados cerca de R\$ 80 milhões.

A APO será administrada por um conselho de governança (veja mais abaixo), subordinado ao CPO. Ainda no organograma foram inseridas quatro diretorias executivas com o objetivo de agilizar o andamento do acompanhamento dos projetos e obras em execução.

São elas: Diretoria de Infraestrutura Esportiva e Meio Ambiente; Diretoria de Infraestrutura de Mobilidade, Trânsito e Tráfego; Diretoria de Infraestrutura e Serviços de Segurança e Prevenção; e a Diretoria de Operações e Serviços.  
Michel Castellar

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_3\_janeiro-opinião1.3\_jan.doc.txt

## DISCUSSÃO DE BAIXO NÍVEL

A estupidez humana

O futebol e a Copa de 2014 são dois tópicos importantíssimos que servem como pano de fundo para discutirmos uma série de questões, como a de políticas públicas.

Antes de o Brasil ter sido oficializado como sede do Mundial, Ricardo Teixeira, o mandachuva do futebol brasileiro, dizia que não haveria um centavo de dinheiro público em arenas privadas. Como se viu, balela.

Para erguer sua arena em Itaquera, o Corinthians recebe benefícios públicos das três instâncias de governo: municipal, estadual e federal. O Maracanã, por sua vez, consome quase R\$ 1 bilhão dos cofres do Rio, sendo que, com o Pan de 2007, a promessa é que estaria adequado aos padrões exigidos pela Fifa para uma Copa do Mundo. Outra balela.

Como aconteceu com o Engenhão, que parou nas mãos do Botafogo, o estádio deve ter sua administração terceirizada seja por Flamengo/Fluminense, por Eike Batista, outro empresário ou multinacional. Em outras palavras, gastos públicos, lucros privados, afinal os investimentos para construção ou reforma das arenas ficam por conta do Estado e os bônus, com a iniciativa privada.

Casos como os do Corinthians e do Maracanã, que receberão a abertura e a decisão da Copa respectivamente, deveriam ser usados para debatermos pontos como privatização, papel do Estado, função da iniciativa privada, legado das obras para o país e outros mais.

Mas não. A discussão cai para um nível baixíssimo, que reflete a falta de educação e preparo de boa parte dos cidadãos de um país que pouco investe em escolas públicas e se esquece também da saúde.

Cada um parece mais preocupado com seu clube de coração do que com a sociedade como um todo. Há são-paulinos que defendem ajuda ao Morumbi com o argumento de que os corintianos ganharam Itaquera de presente, esquecendo-se de que um erro não justifica o outro. Há rubro-negros e tricolores que querem o Maraca, patrimônio histórico e cultural do Brasil, argumentando que o Botafogo ganhou de presente o Engenhão. Há corintianos que dizem que não há um centavo de dinheiro público para a construção do Fielzão e que perdem a cabeça quando alguém afirma o contrário.

As paixões clubísticas cegam torcedores e ajudam a piorar o nível da discussão. Muitos partem para a ignorância e não aceitam críticas a seus clubes e dirigentes. Eles podem defenestrá-los, mas um adversário não. Defendem os cartolas quando seus times se saem bem em campo, pressionando-os à conquista de mais e mais títulos, e com isso quase que os obrigam a fazer loucuras, gastando o que não têm e endividando o clube. Como se a vitória justificasse tudo e enquanto ela acontecer os reais problemas do futebol e da política brasileira pudessem seguir de lado.

É assim que se forma uma massa de manobra, que se contenta com a política do pão e circo. E é por essas e outras que dirigentes como Ricardo Teixeira se perpetuam no poder. Porque a estupidez humana não tem limites. E não tem mesmo.

João Carlos Assumpção

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_3\_janeiro-opinião2.3\_jan.doc.txt

## POR QUE A CBF IGNORA A COPINHA?

"Os funcionários da CBF estão em férias coletivas dos dias 13 de dezembro de 2011 a 11 de janeiro de 2012. Neste período, não haverá expediente, e a entidade estará fechada, sem condições de receber, portanto, qualquer tipo de correspondência ou prestar atendimento pessoal".

O comunicado está no site da Confederação Brasileira de Futebol. Enquanto tiram férias, ocorre a mais importante, e cada vez mais inútil, competição de base do futebol brasileiro. Algo está errado?

Pode alegar a CBF que a Federação Paulista é responsável pela Copa São Paulo. Argumento fácil de se rebater. Em

2012, 19 dos 20 clubes que disputaram a Série A do Brasileirão no ano passado estarão no torneio. E há outras dezenas de razões para que a entidade diminuísse um pouco suas fartas férias.

É preciso buscar lá no fundo da memória o último craque revelado na Copinha. Aos 18 anos, idade limite da competição, os grandes jogadores estão no time profissional, na Europa ou alvos de brigas judiciais entre clubes e empresários.

Neymar é fruto de bênçãos, de dom, de DNA... Não foi fabricado num campeonato de 96 clubes, estádios e gramados bizarros, jogos acumulados e agentes a rodo. Não se pode esperar um Neymar por ano, talvez nem por década. Então, é preciso formar os "apenas" bons jogadores para que a Seleção Brasileira pare de acumular vexames como o da última Copa América, em que não conseguiu vencer a Venezuela e, em dois jogos, não bateu o Paraguai.

Também é na Copinha que os empresários se proliferam na arquibancada e nos vestiários. Não há barreira alguma para a presença de gente interessada em enriquecer às custas do talento alheio. E nesse jogo de interesses, perdem os clubes, de quem a CBF não cuida, e perde a Seleção.

Por isso, que me desculpe o discurso politicamente correto, mas para mim a Copa São Paulo é um desastre que poderia nem acontecer.

Ou melhor, poderia acontecer, bem organizada, com prioridade ao que interessa, a formação de jogadores, e a atenção de quem deveria zelar pelo futebol brasileiro: a CBF.

Alexandre Lozetti

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_3\_janeiro-reportagem.3\_jan.doc.txt

Vem? Enfim, Flamengo envia oferta por Vagner Love e aguarda

Enfim, o Flamengo enviou a proposta de 6 milhões de euros (R\$ 14,5 milhões) aos russos do CSKA para ter Vagner Love. O pagamento seria feito de forma parcelada, conforme o LANCE! apurou.

Inicialmente, a diretoria havia programado fazer a oferta na primeira semana de janeiro. Contudo, perto do fim de 2011, a cúpula rubro-negra conseguiu fechar o planejamento em torno da aquisição do atacante e oficializou aos russos a proposta na sexta-feira, penúltimo dia do ano.

– Estamos muito otimistas com o desfecho desta negociação. O Vagner sempre esteve no nosso planejamento.

Buscamos fazer o menor possível para tê-lo conosco. Tivemos reuniões importantes e em cima do laço conseguimos enviar a proposta ao CSKA. Estamos esperando a resposta e confiantes em um acerto – disse o vice de finanças rubro-negro, Michel Levy.

Com isso, a transação envolvendo Love torna-se prioridade para este início de 2012.

A diretoria, agora, espera a resposta do CSKA (RUS). O jogador permanece em férias no Rio de Janeiro. Os russos já tinham ciência do interesse do Rubro-Negro, mas aguardavam um contato oficial para abrir a negociação.

**VONTADE DE LOVE É TRUNFO**

Recentemente, em várias peladas de fim de ano, Vagner Love declarou a sua vontade de voltar a atuar em um clube do Brasil. Por isso e pela boa relação que tem com o Flamengo, um eventual acerto salarial e tempo de contrato não será problema.

Um dos maiores trunfos da diretoria rubro-negra em ter o atacante é exatamente a vontade do jogador. Ele já conversou com o presidente do CSKA, Yevgeny Giner, solicitando ao mandatário uma maior facilidade para sua saída, deixando claro o seu desejo de voltar a atuar no futebol brasileiro.

Claudio Portella \* Eduardo Mendes \* Pedro Henrique Torre

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_7\_fevereiro-crônica.7\_fev.doc.txt

Luxemburgo deu um tiro no próprio pé

Vanderlei Luxemburgo disse U que foi fritado. Engano. O próprio técnico é que iniciou esse processo, ainda no Estadual de 2011, quando passou a pôr em prática um futebol pragmático, ou "com inteligência" – como ele mesmo definia –, de rara obsessão ofensiva, contrariando a tradição do Flamengo, visando apenas os resultados. Que foram alcançados no campeonato do Rio, dada a fragilidade dos adversários, mas que começou a desaparecer ainda no primeiro turno do Brasileiro.

Com isso, Vanderlei admitiu publicamente, diante dos rubro-negros que enxergam efetivamente futebol, que o material que tinha às mãos não era de qualidade suficiente para buscar o título. Pior ainda: que assim sendo estava

conformado com empates caseiros, derrotas estratégicas – como se isso fosse perfeitamente aceitável – e posições secundárias da tabela, que praticamente impediram o time de brigar pelos títulos.

Só os que não conhecem com um pouco mais de intimidade a história do Flamengo é que engoliram passivamente as eliminações passivas na Copa do Brasil e na Sul-Americana. E que comemoraram – alguns nas ruas! – o quarto lugar no Brasileiro.

Vanderlei deu um tiro no próprio pé quando tentou manobrar a vida inteligente da torcida no estilo defensivo – pôr a vantagem mínima e recuar – que destruiu várias vitórias. E mais, quando quis convencer esse mesmo pessoal que a tal da quarta colocação era ótima. Essa vida inteligente é mais influente sobre técnicos e cartolas.

Essa pressão e as barbeiragens da diretoria do Flamengo nesse início de 2012 completaram o quadro de fritura e demissão. "Projeto" em qualquer time grande é ser campeão. De outra forma, como agora, o técnico acaba cavando a sua própria cova.

Roberto Assaf

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_7\_fevereiro-entrevista.7\_fev.doc.txt

Entrevista a Deco

Você considera o Flu favorito ao título da Libertadores?

Não chegamos como únicos favoritos. Somos um dos times bons que tem no torneio ao lado de praticamente todos os times brasileiros e argentinos. A Universidad do Chile também é forte. Não chegamos como azarões, mas também não somos superfavoritos.

Você não teve muitas oportunidades no torneio em 2011...

Tive um problema físico pouco antes da Libertadores. Perdi alguns jogos e voltei contra o América. Joguei bem, entrei e depois tivemos problemas internos.

Esses problemas afetaram a campanha tricolor?

Quando as coisas estão erradas é difícil que no campo aconteça. Tinha muita coisa errada dentro do clube – não dentro da diretoria – então era difícil. Foi isso que aconteceu ano passado.

Está preparado para jogar na Bombonera, contra o Boca?

Voltei ao Brasil para viver experiências novas. Libertadores é isso, jogar em lugares onde nunca atuei. Você pode ir e conhecer a qualquer hora. Mas jogar e sentir essa sensação é muito legal.

Já projetou uma final do Mundial entre Flu e Barcelona?

Se chegarmos lá já vai ser fantástico. Até porque não sabemos se o Barcelona vai ganhar a Liga.

Não Assinada

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_7\_fevereiro-notícia1.7\_fev.doc.txt

O cenário ideal

Showtime!

Fred tem agora as condições ideais para fazer de 2012 o grande ano

O palco está armado. Falta agora só o ator principal da peça brilhar. Fred está diante do melhor cenário para seu futebol em toda a carreira, cercado de coadjuvantes de peso, com um roteiro emocionante pela frente e sem risco de novos acidentes.

– Sem dúvida. Estou muito motivado e acho que tenho grandes chances de ter um grande ano – comentou o atacante ao LANCE!.

Fred está inteiro para 2012. Ao contrário dos últimos anos, ele inicia a temporada sem problemas físicos – a última lesão foi em setembro do ano passado, que o tirou do Superclássico das Américas.

Não só ele está 100%, como Rafael Sobis e Deco, o que é ótimo. Afinal, com os dois escudeiros em campo no segundo turno do Brasileirão de 2011, Fred marcou 18 gols em 13 jogos (média de 1,38). Nas outras 12 partidas que fez sem eles em toda a competição nacional, ele só balançou as redes quatro vezes.

Ao trio se juntou agora Wagner, garçom de Fred nos tempos de América-MG e Cruzeiro. Auxiliado pela canhota do amigo, o centroavante voou e foi o artilheiro da Copa do Brasil de 2005, com 15 gols. Até o esquema tático do Fluminense versão-2012, no 4-2-3-1, ajudará Fred a repetir o sucesso da primeira temporada no Lyon, da França.

LATERAIS EM CENA

Além de Rafael Sobis, Deco e Wagner, Fred acredita que Bruno e Carlinhos serão essenciais para que ele tenha de fato seu melhor ano e mate logo a fome de gois.

– Estou doido para fazer gois em 2012. Seria maravilhoso que fosse logo amanhã. Temos dois laterais que sobem muito. O que sempre falo para eles é que quero que eles me tenham como referência – disse.

Protagonista do Flu em 2011, Fred tem este ano o melhor cenário possível. Que comece o show!

Bruno Marinho e Guilherme Martins

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_7\_fevereiro-notícia2.7\_fev.doc.txt

O reduto de Patricia

Gávea em paz. Eleita por ex-atletas e sócios que frequentam o clube, presidente Patricia Amorim investe em melhorias na sede rubro-negra e nos esportes olímpicos

Se no futebol, a gestão de Patrícia Amorim vai de uma crise a outra, na área social e nos esportes olímpicos, a evolução é reconhecida pela oposição. Em termos. Ambos drenam recursos do futebol. De quanto são esses recursos, o clube não informa.

O principal avanço está nas obras. Em dois anos, grande parte da Gávea passou por reformas. Banheiros, vestiários, bares, restaurantes, praças, quadras, ginásios...

– Este ginásio está no padrão NBA – disse o vice-presidente de patrimônio e social, Luiz Cláudio "Cacau" Cotta, em relação ao local onde o clube manda seus jogos de basquete. O exagero é evidente. Embora os pisos e as tabelas tenham padrão internacional e alguns painéis da decoração causem impacto, o ginásio continua acanhado. E nem poderia ser diferente, já que a estrutura não foi mexida. Além dos equipamentos novos, pagos pela SKY e pelo BMG, levou pintura nova e reforma dos vestiários.

Essa obra é um bom exemplo de como o Flamengo tem investido: pouco dinheiro, parcerias com empresas e o uso de funcionários do clube. Se o resultado não é brilhante, é evidente a mudança em relação a 2009. Naquela época, gatos, ratos e até gambás circulavam pelo clube. Em alguns lugares o mato era alto.

E o problema não foi só da última gestão. Sucessivas diretorias não se mexeram para atender aos sócios.

A areia das piscinas, uma das áreas mais populares, não era trocada havia dez anos. Por causa disso, os filtros não funcionavam mais. Sem dinheiro, optou-se por reformá-los, ao custo de R\$ 160 mil.

O pior mesmo era uma quadra de futsal (veja quadro acima).

O sucesso de sua gestão tornou Cotta uma estrela ascendente.

– Não tivemos alguém como ele na nossa gestão –, afirma José Carlos Dias, vice de Finanças em boa parte da gestão de Mareio Braga (2004-09).

– Até agora, fizemos tudo quase sem recursos. Neste ano, o Flamengo começa a receber dinheiro novo. Agora poderemos mexer nas partes mais caras – diz Cotta.

Entre as reformas previstas para este ano, está a piscina olímpica. A situação é lamentável. A piscina vaza, obriga o clube a manter a torneira aberta o tempo todo. Mas o pior, e o que consumirá mais recursos, é que a piscina é rasa demais nas pontas. Vai ter que ser reconstruída.

Além das reformas na Gávea, outra área que cresceu na gestão de Patrícia Amorim são os esportes olímpicos. Em basquete, natação e ginástica olímpica, o clube está no topo do país. Na natação, por exemplo, o clube voltou a ser o terceiro do país, depois de ter caído para 179 num Troféu Maria Lenk. O time de basquete é o terceiro na NBB.

O problema é que o gasto cresceu muito. Em dois anos passou de R\$ 5 milhões/ano, com parte em patrocínio, para 13 milhões/ano, metade saindo do caixa do clube. Quem comanda o projeto é a ex-nadadora Cristina Callou, contemporânea de Amorim nas piscinas e mulher do ex-diretor de Futebol, Luis Augusto Veloso. Vice de Esportes Olímpicos, fez o clube investir em sete esportes (fora o remo, que tem gestão separada). Para reduzir a dependência do caixa do clube, foi buscar recursos na Lei de Incentivo. Como o Flamengo não tem CND, Amorim criou um artifício. Quem pede o dinheiro é o Instituto Atleta Rubro-Negro, criado por ela própria. Com um projeto, captou R\$ 3 milhões, o que fará o clube economizar.

– Sei que sou criticada por usar dinheiro do clube. Por isso, minha pega é tornar os esportes olímpicos auto-sustentáveis – diz Callou.

Marcello Damato

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_7\_fevereiro-opinião1.7\_fev.doc.txt

O retorno da Laranja Mecânica

Você não precisa ter nascido na década de 70 para se lembrar do Carrossel Holandês de Johan Cruyff & Cia., tampouco do filme Laranja Mecânica, de Stanley Kubrick. Basta gostar de futebol ou cinema. Falemos então do primeiro caso.

A Laranja Mecânica, hoje, é o Nova Iguaçu. A equipe da Baixada Fluminense lidera, invicta, o Grupo Ada Taça Guanabara. Detalhe: esta chave conta com a presença de Flamengo e Botafogo. Sim! Os dois com apenas uma vitória em quatro jogos e que, aliás, fizeram o clássico da rodada – empataram em 0 a 0. Na partida, o Alvinegro foi melhor, mas não conseguiu bater o rival mesmo tendo um homem a mais por 15 minutos.

Mas não é só o Nova Iguaçu que tem se destacado entre os pequenos. O Resende é vice-líder do mesmo Grupo A. O único grande que conseguiu acumular a gordurinha antes da Libertadores foi o Vasco, que venceu as quatro partidas que disputou, de maneira convincente. E o Fluminense? Venceu duas partidas contra times fracos, perdeu de virada para o Boavista e ainda deixou o Duque de Caxias empatar. Thiago Neves estreou neste último jogo, mas com uma atuação bem abaixo do esperado. Porém, como era seu primeiro jogo, ainda pode ser perdoado.

Para fechar, Pedrinho desencantou ao marcar, de falta, o primeiro gol da vitória do Olaria sobre o Madureira. Até aqui, o campeonato está surpreendente.

Bruno Saldanha

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_7\_fevereiro-opinião2.7\_fev.doc.txt

Nossos pés esquerdos

Gerson, Tostão e Rivellino brilharam no 4-2-3-1 de Zagallo na conquista do tri mundial, em 1970. O melhor Brasil, para não dizer o melhor campeão do mundo de todos os tempos e campos, tinha três craques canhotos. Craques sem contestação de um time idem. E ainda tinha um ambidestro de outro planeta – Pelé.

Só para escrever que não existe problema ter tanto canhoto em uma equipe. Aliás, na média, eles que não chegam a 10% da população, costumam ser mais criativos, inventivos, geniais e geniosos. No futebol, se pudesse, preferia 11 que batem com a canhota que 11 destros. Mas, sabe-se lá o porquê, criou-se a mania de dizer que fica difícil encaixar tantos canhotos num time. Que eles entortam o time. Que não sei mais quê. E é melhor não saber mesmo.

Um time que pode escalar três canhotos de estirpe é o campeão brasileiro de 2011.0 recém retornado Douglas e os já ambientados Alex e Danilo podem formar uma linha de três armadores de qualidade no Parque São Jorge. Sem problema algum. Danilo se esforça para jogar pelos lados ou por dentro (onde prefere) no 4-2-3-1 de Tite. Alex se sai melhor por dentro ou à esquerda. Mas também pode brilhar pela direita, chegando mais à área. Douglas prefere e se dá melhor por dentro, ou um tanto mais à direita, até como vinha atuando, por vezes, no Grêmio. Com papo, dá para Tite ajustar o trio. E o treinador do Corinthians é ótimo na condução de elencos de estrelas. Ou de pretensos astros galácticos.

A questão é que, além dos três, o ótimo elenco alvinegro ainda tem o mais eficiente dos atacantes que pode vir de trás, pelos lados – Emerson.

Tem Willian, que foi muito bem pela direita vindo da intermediária. Dois homens de frente que se juntam ao artilheiro Liedson, ainda absoluto. Seja 4-2-3-1. Ou eventualmente o retorno do 4-2-2-2, com Douglas e Alex, Liedson e possivelmente Emerson fazendo o vaivém, recuando e também atacando.

Seja qual for a opção de Tite, poucos times no continente têm tanta gente boa para escalar. E para estreiar na Libertadores de pé esquerdo. Sem problema.

Mauro Betting

txt2/textos\_jornais\_brasileiros-Lance-textos\_7\_fevereiro-reportagem.7\_fev.doc.txt

Melhores do ano

Laureus pode vir para o Brasil

Oscar do esporte. Edwin Moses, presidente da entidade, trabalha com a chance de realizar evento no Rio de Janeiro Considerado o Oscar do esporte, por premiar os melhores atletas da temporada, a Laureus Awards pode desembarcar no Rio de Janeiro nos próximos anos. Quem garante é o americano Edwin Moses, presidente da entidade e ex-atleta olímpico.

O contato entre as partes ocorre desde junho de 2011. Márcia Lins, secretária de Esportes e Lazer do estado do Rio, está em Londres (ING), que sediou ontem a Laureus deste ano, e no último domingo reuniu-se com Guy Sanan, executivo da Laureus, e fez um convite a ele e a Moses visitarem o Brasil em abril.

Moses esteve ontem pela manhã em um projeto social que a Laureus colabora em conjunto com o Milwall, clube da Segunda Divisão do futebol inglês. Em rápida conversa com a reportagem do LANCE!, confirmou a intenção de a premiação ir à América do Sul pela primeira vez.

– É uma possibilidade. Há umas conversas, trabalho com essa possibilidade. Eu não decido isso, não é minha área na organização, mas pensamos nisso. Provavelmente teremos mais algumas conversas com o pessoal do Rio. Mas, sim, é uma possibilidade – revelou o americano, campeão olímpico dos 400m com barreiras nos Jogos de Montreal – 1976 e Los Angeles – 1984.

Londres recebeu o evento pela primeira vez, justamente no ano em que abrigará os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. A ideia é fazer o mesmo com o Rio de Janeiro para promover a edição de 2016. A escolha da sede é feita em reunião anual entre os executivos e embaixadores da Laureus – veja todos os premiados deste ano no LANCENET!.

Thiago Rocha \* em Londres